

2021

**Universidade Federal Fluminense  
Faculdade de Educação**

**Revista Querubim**

*Lembranças de uma geração de Itacajá*

**Vanderlei Mendes de Oliveira  
Silvano da Conceição Barros  
Gercione Soares**

**Aroldo Magno de Oliveira  
(Org./ Ed.)**

Universidade Federal Fluminense  
Niterói – RJ  
Novembro/2021



# Lembranças de uma geração de Itacajá



Revista Querubim 2021 – Ano 17 – Livro – 281p. (novembro – 2021)  
Rio de Janeiro: Querubim, 2021 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos. I - Título: Revista Querubim Digital

**Referência Bibliográfica**

OLIVEIRA, V. M. de; BARROS, S. da C.; SOARES, G. Lembranças de uma geração de Itacajá. Niterói: Revista Querubim-UFF, 2021, 281 páginas.

**Comissão Editorial**

Alice Akemi Yamasáki – Universidade Federal Fluminense  
Aroldo Magno de Oliveira – Universidade Federal Fluminense  
Cleides Antônio Amorim – Universidade Federal do Tocantins  
Helen Lopes de Sousa – Universidade Federal do Tocantins  
Regina Célia Padovan – Universidade Federal do Tocantins  
Vanderlei Mendes de Oliveira – Universidade Federal do Tocantins

**Universidade Federal do Tocantins**  
**Campus Universitário de Tocantinópolis**  
**Cedoc-Timbira - Centro de Documentação e Memória Timbira**  
**Coordenação do Projeto:** Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Vanderlei Mendes de Oliveira

**Realização**

Prefeitura Municipal de Itacajá

**Prefeito**

Manoel de Souza Pinheiro

**Vice-Prefeito**

Raimundo Soares Sobrinho

**Vereadores**

Arnaldo Tavares Pinheiro  
Cleoman Correia Costa  
Herlandson Alves de Assis  
Ivaneide Cirqueira de Souza  
Jasson Quirino da Silva  
José Luiz Paiva do Nascimento  
Luiz Lopes dos Santos  
Osório Pinheiro Filho  
Rinaldo Soares de Castro

**Secretários:**

Sec. de Administração - Levi Macedo dos Reis  
Sec. de Assistência Social - Cléa Cunha Porto Pinheiro  
Sec. de Educação - Silvana Martins de Souza Coelho  
Sec. de Esporte e Lazer - Luiz Carlos de Oliveira Porto  
Sec. de Finanças - Edvan Pereira Maciel  
Sec. de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - Marly Pereira da Silva  
Sec. de Obras - Carloman Coelho Costa  
Sec. de Saúde - Luciléia Cunha Porto Pinheiro

**Agradecimentos**

Fundação Universidade Federal do Tocantins  
Fundação Nacional do Índio – Funai  
Fundação Cultural do Tocantins  
Kapey- União das Aldeias Krahô  
Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira  
Moradores de Itacajá  
Narradores das histórias de Itacajá  
Povo Krahô

## SUMÁRIO

<b>Prefácio</b>	06
<b>Introdução</b>	09
01 <b>MÁRIA DAS DORES ROCHA DA SILVA</b>	16
02 <b>TIMÓTEO SOARES GIL</b>	26
03 <b>LINDAURA SOUSA DOS SANTOS</b>	30
04 <b>JOAQUIM MONTEIRO</b>	36
05 <b>CLETO ALVES DA COSTA</b>	38
06 <b>ANTÔNIO ROCHA DA SILVA</b>	41
07 <b>JOEL ALVES CAMPOS</b>	45
08 <b>MANOEL BELEZA DE SOUZA</b>	49
09 <b>FERNANDO TUGRÉ</b>	61
10 <b>MANOEL PEREIRA DOS SANTOS</b>	65
11 <b>ANA LOLETO DE SOUSA</b>	76
12 <b>DEJARD DE SALLES QUEIROZ</b>	85
13 <b>MESSIAS ARAÚJO DE SOUSA</b>	95
14 <b>ANAÍZA SOARES COELHO</b>	109
15 <b>LUIZ ALVES DE CASTRO</b>	114
16 <b>JOÃO DE SOUZA PINHEIRO</b>	125
17 <b>LUIZ RODRIGUES DA SILVA</b>	129
18 <b>RAIMUNDO RIBEIRO DA SILVA</b>	139
19 <b>IZAURA DE OLIVEIRA REIZ</b>	145
20 <b>JOSEFA MIRANDA</b>	178
21 <b>SEBASTIÃO FARIA DE AZEVEDO</b>	190
22 <b>RAIMUNDO GONZAGA DA SILVA</b>	195
23 <b>CORACI CUNHA PORTO</b>	203
24 <b>RAIMUNDO COUTINHO DE ARRUDA</b>	209
25 <b>JORGE ALVES CASEMIRO</b>	215
26 <b>BENUCA FÉLIX SOARES</b>	223
27 <b>RAIMUNDO BARROSO DE MOURA</b>	228
28 <b>JOÃO ALVES FEITOSA</b>	231
29 <b>OLERIANO ALVES LIMA</b>	235
30 <b>NASTÁCIO MATOS DE ARAÚJO</b>	242
31 <b>GETÚLIO ORLANDO KRAHÓ</b>	250
32 <b>DODANIM GONÇALVES PEREIRA</b>	260
33 <b>MASOLENE ROCHA</b>	267
34 <b>ZORILDA QUADROS MAIA</b>	274
35 <b>TÁCITO PACHECO MAIA</b>	276
36 <b>JAMIM PEIXOTO DE MACÊDO</b>	279

## Prefácio

Memórias e lembranças de Itacajá – Tocantins – não são simples depoimentos de moradores mais antigos, nem narrativas aleatórias que supostamente configuram ou caracterizam a cidade de Itacajá. Tão pouco podemos dizer que é um trabalho acadêmico caracterizado por uma frieza e rigor próprios da academia que, em certa medida mantém distanciados o(s) pesquisador(es) do(s) objeto(s) investigado(s). Pode-se ainda dizer que também não se caracteriza por um emprego metodológico submetido a um rigor convencional constituído ao longo da história da academia brasileira com sua referência no modelo europeu. Nem mesmo é possível dizer que essas memórias/lembranças de Itacajá é o resultado parcial de uma investigação científica que possui um objetivo pautado no instituído modelo de pesquisa dos grandes Centros e Conselhos de Pesquisa. Entretanto, todos esses aspectos podem estar presentes neste trabalho tão amplo e tão singular que ultrapassam todos os limites que por acaso possam se delimitar.

O professor **Vanderlei Mendes de Oliveira** e os seus companheiros **Silvano Conceição Barros** e **Gercione Soares** lançaram-se na tarefa de sentir os saberes de moradores mais antigos da cidade de Itacajá. Sentir os saberes não significa a idealização de moradores, nem atribuição de um caráter religioso e romântico ao processo de investigação. Sentir aqui significa colocar-se como interlocutor real de um depoente real, os quais interagem no sentido de caracterizar de forma objetiva e concreta uma dada realidade vivida e experienciada em sua dimensão humana.

Em todos os depoimentos não se verifica as perguntas do “pesquisador”, pois o que se realiza é um diálogo real, uma boa conversa, uma boa prosa onde se destaca a narrativa do depoente, do fazedor real da história de Itacajá. Em todos os narradores observa-se o prazer e o interesse em contar a sua história e participação na vida da cidade, sem deixar de lado as suas origens, as lembranças da cidade natal.

Os depoentes são sujeitos fazedores da história de nosso povo, e isso é radicalmente dimensionado em todos os depoimentos tal como os autores encaminharam e transcreveram. Cada depoente se identifica não só com sua própria história, mas também com a história dos membros de sua família e da sua comunidade. Cada depoimento é a apresentação e a caracterização de uma história real com a transparente interpretação que caracteriza as narrativas.

## História dos invisíveis

Lima Barreto em seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* apresenta um conjunto de personagens que, a despeito da política, possuem um saber que de fato é o fator determinante no fazer e no desenvolvimento da sociedade brasileira. São personagens que representam o nosso povo e o seu saber, resultado de uma experiência concreta de vida, e que o (o saber) encaminha para a qualificação da vida da coletividade.

Esse mesmo romance ainda contribui para a compreensão da necessidade de uma compreensão da política como um aspecto fundamental para o desenvolvimento do país, pois parece não bastar o saber ou saberes do povo sobre as reais necessidades de um determinado fazer para a qualificação da vida. Esses personagens do referido romance são os invisíveis, os que de fato fazem a história.

Memórias e lembranças de Itacajá é um registro de um fazer histórico de quem de fato faz a história: os invisíveis. É a história do povo pobre de nosso país, o povo que produz não só os recursos materiais necessários à vida de todos, mas também a própria história e a cultura. Os invisíveis são aqueles não sustentam um poder político baseado na dominação e na forjada estrutura de poder no qual se constitui o Estado e o grupo social que detém o poder político. Grupo este que conta a história de nosso país invisibilizando quem de fato faz a história, uma vez que todo o aparato necessário de comunicação está de posse desse grupo social detentor do poder político de Estado.

### **Vida e obra dos invisíveis**

Memórias e lembranças de Itacajá é um registro da vida e da obra de um grupo de cidadãos fazedores da história de nosso país. Neste registro, os invisíveis de olhos e mãos vêem e constroem uma cidade do interior do Brasil. Seus trajetos e trajetórias nas migrações de outras regiões e localidades mostram uma característica marcante da história do Brasil: as constantes migrações dos invisíveis não só para conseguir uma vida melhor, mas para ampliar o trabalho de ocupação dos territórios de uma terra de grande extensão que é o Brasil.

Os depoentes de todos os matizes de uma vida pobre narram com módicas restrições as suas “aventuras” em busca de um local pra viver e compartilhar. Durante o processo de ocupação a visibilidade de todos é mais que patente na instância local, pois o cotidiano os incorpora em um fazer constante na construção da cidade de Itacajá. Tal visibilidade só se esvai ao longo de uma história apropriada por quem não a construiu e por quem não fez parte dela como fazedor. A obra foi realizada, mas seus protagonistas reais se diluem no processo histórico.

Memórias e lembranças de Itacajá é o trabalho desafiador que põe em questão todo o processo de protagonização na construção do nosso país. Neste trabalho os invisíveis estão nominados como personagens históricos reais na constituição da obra, na construção da cidade, na construção do país. A obra aqui dá nome aos seus autores.

### **As histórias**

Cada entrevistado ou depoente faz um trajeto entre o seu local de origem até a chegada em Itacajá. Daí apresenta as suas vidas antes e depois da chegada em Itacajá. É a construção de sua identidade como cidadão Itacajaense, o processo de adaptação e as atividades laborais para o desenvolvimento da cidade. Aqui as histórias de vida de cada um representam a história de vida de nosso povo. A perspectiva da história oral dimensiona a importância de um registro que, se antes a transmissão era de geração para geração por via exclusiva da oralidade, em nossa fase grafocêntrica já é possível registrar por escrito as narrativas.

A história oral amplia a dimensão da compreensão dos fatos históricos contados por quem viveu e participou diretamente desses fatos. Entretanto, não se pode dizer que os historiadores contemporâneos não possibilitam uma significativa compreensão dos fatos. O que há de se chamar a atenção é o que apresentamos anteriormente sobre os protagonistas da história, sobretudo aqueles que não são encontrados nos trabalhos dos historiadores: o povo pobre.

Se as histórias dos depoentes aqui não são levadas em conta para a compreensão da história da constituição da cidade de Itacajá, o que pode ser contado nos livros se apoiaria em abstrações e interpretações pautadas no histórico das administrações do município, e não na dinâmica social, na vida dos habitantes da cidade.

Há de se entender que a questão política e ideológica que responde a determinados interesses de classe são condicionantes em todo o processo. Entretanto, já há um conjunto de questionamentos dentro e fora da academia, sobre o conhecimento e o fazer histórico. Hoje já sabemos, por exemplo, que a abolição da escravidão no Brasil foi o resultado de grandes mobilizações dos negros escravos e não da vontade do grupo social a que pertencia a Princesa Isabel. A pesquisa da história evoluiu reconfigurando as suas fontes de informação.

Nesse sentido, o registro de memórias de Itacajá aqui apresentado torna-se uma fonte de fundamental importância para conhecer de forma ampla e integral a história da cidade em questão, e de todas as cidades brasileiras, sobretudo porque revela os verdadeiros construtores dessas cidades.

A obra **“Lembranças de uma geração de Itacajá”** soma-se às várias iniciativas que se espalham pelo nosso país que desenvolvem um trabalho de apresentar aos brasileiros a nossa história por quem de fato a faz e constrói os elementos fundamentais para constituir e consolidar nossa cultura. A obra revela ainda que todo o processo de construção das cidades responde à necessidade vital de sobrevivência e de fixação do conjunto de valores culturais que unificam a comunidade: o trabalho, a educação, o cuidado, o lazer, a produção artística etc

Sem deixar de lado a importância dos Krahô – etnia indígena que vive na localidade desde muito antes da fundação da cidade de Itacajá – a obra enfatiza a necessidade de uma articulação entre os grupos sociais distintos para ser possível compreender a história e a constituição da cultura da cidade de Itacajá.

De fato, chama-nos a atenção que a presença dos Krahô, seus costumes e cultura são fatores condicionantes na constituição histórica e fundação da cidade de Itacajá, uma vez que as interações entre o grupo social já fixado (Krahô) e o grupo de migrantes (sertanejos) eram inevitáveis. Tais interações resultaram na necessidade de reconfiguração dos fazeres tanto em ambos os grupos. E um dos aspectos fundamentais da obra é a incorporação da etnia Krahô (seus costumes e cultura) na caracterização histórica da cidade de Itacajá.

Enfim, a obra **“Memórias de uma geração de Itacajá”** é uma das contribuições mais importantes e fundamentais para a compreensão da constituição do processo histórico, da cultura e da ocupação do território brasileiro, sobretudo porque realizado pelos seus autênticos/invisíveis protagonistas.

Aroldo Magno de Oliveira  
UFF – RJ



## Introdução

### Projeto “Memória e Oralidade de Itacajá”

O projeto “Memória e Oralidade de Itacajá” consiste na coleta de memórias de anônimos da cidade de Itacajá com intenção de reunir diferentes falas de histórias próximas e distantes, convergindo sentimentos de um passado e confrontando narrativas próprias do sertão, das lembranças de uma trilha do nordeste brasileiro para a região norte do Brasil. Os primeiros moradores, por exemplo, saíram do sul dos estados do Maranhão e Piauí nos anos de 1930, em busca de novas terras e água, do jeito nordestino foram ocupando terras comuns do Povoado Porto do Vau, nordeste do estado de Goiás, atual nordeste do estado do Tocantins.

A Igreja Batista faz-se presente desde o começo com a chegada de Francisco Colares em 1938, construindo a primeira “casa envolvimento” no povoado Porto do Vau com a missão de evangelizar os índios Krahô. O Lar Batista, já contava com muitos trabalhadores do campo, agricultores e vaqueiros, onde os sertanejos foram acolhidos. Crianças moravam e estudavam no Lar Batista.

A moeda tem que ser dada a quem merece: a ausência de Estado-Nação fez deflagrar narrativas que rememoram doações de uma vida inteira em torno de uma missão de organizar o lugar nos sentidos religioso, educacional, cultural, econômico e político. A organização do lugar apresentou dois trajetos: o primeiro decorrente da auto-organização dos missionários, o segundo proveniente da organização de agenda de trabalho ligada à Igreja Batista para atender as carências locais da educação e da saúde.

Missionários e vaqueiros chegaram até Porto do Vau com roteiros de viagens de origens diferentes: Os primeiros missionários oriundos do estado do Rio de Janeiro, e em segundo os vaqueiros expulsos do sul dos estados do Maranhão e Piauí fizeram uma andada de mais de 30 dias acompanhados de jumentos, burros e cavalos trazendo o que podiam: panelas, potes, malas de madeira, roupas, sabão, pratos, ovelhas, e acima de tudo coragem de enfrentar um novo lugar para organizar a produção da agricultura de subsistência.

Cada ator social como morador do lugar tem o seu movimento próprio. A narrativa se apresenta de forma individual, mas a memória é contínua, uma vez que há uma mistura de narrativas, atribuindo-se uma maneira de voltar ao passado, uma espécie de passado infinito com registros particulares, levantando cenas de um cotidiano vivenciado, escutado, silenciado e falado.

O Cedoc-Timbira da UFT<sup>1</sup> anda no caminho de uma metodologia a fim de coletar as narrativas dos povos indígenas, moradores dos povoados e pequenos núcleos urbanos. A equipe do Cedoc-Timbira seguiu a arrumação de possibilidades para conseguir dialogar com os primeiros moradores registrando diferentes falas com gravação, passagem para o papel e manufatura das entrevistas com narrativas dos autores anônimos. Para o presente trabalho sobre Itacajá o feito dependeu de recursos financeiros do município e de um intenso diálogo com a prefeitura a respeito da constituição da memória histórica da cidade, além da arrumação necessária de alguns registros celebrados pelos moradores, Krahô e visitantes de Itacajá.

---

<sup>1</sup> CEDOC-Timbira: Centro de Documentação e Memória Timbira, sede no Campus Universitário de Tocantinópolis, criado e implantado no ano de 2001 com o objetivo reunir materiais de registros dos povoados, pequenos e médios núcleos urbanos localizados nas proximidades das populações indígenas Timbira representadas pelas Etnias Apinajé e Krahô no estado do Tocantins, Gavião do sul dos estados do Maranhão e Pará, Canela Apaniekra, Canela Ramkokamekra e Krikati no sul do estado do Maranhão.

A cidade de Itacajá é marcada pela histórica presença do povo Krahô. Na cidade de Itacajá têm os moradores envolvidos com os Krahô e aqueles que ficam mais distanciados dos Krahô. Os Krahô têm uma narrativa particular para tratar do assunto das memórias de Itacajá, uma vez que chegaram antes da existência do Porto do Vau, por volta de 1850 e 1860<sup>2</sup>. A expansão das fazendas de criação de gado e das fronteiras entre os estados do Maranhão e Goiás no fortalecimento das oligarquias locais desencadeou os deslocamentos das populações indígenas. Vieram andando de Pastos Bons, no Maranhão seguindo as pisadas missionárias traçadas nas pisadas do padre Frei de Taggia até Pedro Afonso e permaneceram nas imediações. Observou-se que cada autor anônimo mostrou o desenho de suas palavras laçando o espaço e o tempo no tamanho da vivência pessoal.

O contato com os moradores resultou na construção de trinta e seis entrevistas, o critério da seleção dos entrevistados seguiu a indicação dos primeiros entrevistados, os próprios moradores foram indicando os entrevistados, de modo que a maioria dos idosos contribuiu com a construção de uma nova narrativa para a história de Itacajá. Foram realizadas 36 entrevistas com os velhos moradores, sendo 32 entrevistas com moradores, 03 entrevistas com ex-moradores e 01 entrevista com um indígena.

O roteiro de entrevista elaborado seguiu o propósito da pesquisa de coletar narrativas sobre a história de vida, lembranças e memórias das viagens realizadas dos lugares de origem até Itacajá, motivos da saída de seus lugares de origem, escolha de Itacajá, meios de transportes usados na viagem, objetos do uso do dia-a-dia trazidos na mudança, quantidade de dias gastos na viagem, alimentação durante a viagem, chegada em Itacajá, por último, a vivência num lugar de fronteira cultural.

Após as entrevistas, o trabalho de elaboração das narrativas contou com o cumprimento das etapas de transcrição, transcrição, textualização e a produção dos registros escritos, em forma de documentos e fontes orais, conforme BOM MEIHY. A história da cidade foi contada por diferentes narradores e narradoras. Para o leitor que conhece a história oficial de Itacajá, pode verificar a síntese histórica de cada município em pequeno texto da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE ou mesmo em sítios da internet. Este também é o caso do histórico de Itacajá que está disponível no endereço eletrônico da referida cidade.

A Fundação de Itacajá deveu-se aos esforços do missionário Pr. Francisco Colares que ali se radicou em 1938 para evangelizar os índios Krahô. Tendo, porém, em vista das necessidades dos sertanejos fundou uma escola e um orfanato. A cidade começou com um orfanato fundado pelo Pr. Francisco Colares e sua mulher Beatriz, em 10 de abril de 1942. (O jornal Batista de 10/10/1989) Inicialmente era conhecido como Porto do Vau, devido ao fato de no verão ocorreu o “vau” – o rio ficar raso e ser possível atravessá-lo andando – onde hoje está construída a ponte e porto porque logo acima era o porto. Criada pela lei estadual de número 891 de 12/11/1953 Itacajá foi fundada tornando-se um grande município. Situado entre as coordenadas 8°19' de latitude Sul e 47°45' de longitude Oeste, Itacajá possui clima tropical, com temperatura média entre 30° e 35° graus. Sua principal fonte de renda é a pecuária. Mas em regime de “plantation” são cultivadas as diversas variedades de milho, arroz, feijão, mandioca etc. Além do comércio varejista, a cidade dispõe de serrarias, olarias, usina para beneficiamento de arroz etc.

---

<sup>2</sup> “Os Krahô estão localizados num território de 3.200 quilômetros quadrados, entre os rios Manoel Alves Pequeno e o Vermelho (afluente do Manoel Alves Grande), da bacia do Tocantins, situado nos municípios de Goiatins (Piacá) e de Itacajá, ao norte do Estado de Goiás. Foi o Governo deste Estado que, pelo Decreto-lei nº 102, de 5 de agosto de 1944, concedeu aos indígenas o uso e gozo das terras do referido território.” (MELATTI, 1970, p. 03). Com a criação do Estado do Tocantins, a partir da Constituição de 1988, o território foi mantido, agora localizado no Estado do Tocantins.

Por força dos seus recursos naturais e do modo cativante dos seus habitantes, além de aprazível a cidade é aconchegante. Não raro, tem-se ouvido elogiosos comentários a seu respeito. Alguém que, por certo, não se demorou muito ali, afirmou: “Itacajá é um paraíso, um santuário de paz e de tranquilidade.” ([www.itacaja.com.br](http://www.itacaja.com.br), acessado em 05/05/2012)

Versão da história que circula pela internet traduz um pouco da história do lugar, embora tenha outra versão na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros publicada em 1958, no volume XXXVI, dedicado ao estado de Goiás.

“O primeiro nome de Itacajá foi Pôrto do Vau. Esta denominação deve-se à existência de uma passagem no rio Manoel Alves Pequeno, que dá vau durante os meses de verão. A fundação propriamente dita da cidade foi obra do missionário batista, Francisco Colares, que aqui se radicou antes do ano de 1938, a fim de catequizar os índios kraôs, que constituíam a maioria dos habitantes da região. Esta região era, antes de 1938, a sede do 4º distrito fiscal de Pedro Afonso, mas o local onde funcionava o Posto Fiscal era logo após a margem direita do rio Manoel Alves Pequeno (cerca de 20 quilômetros abaixo) não sendo, por conseguinte, no local onde hoje se encontra a sede do município.

A vinda do Pastor Francisco Colares para a região atraiu logo um pequeno número de pessoas residentes na circunvizinhança, que formou a vila de Itacajá. De 20 a 30 de outubro de 1938, com a interferência do seu fundador, foi instalado o distrito, sendo nomeado para exercer o cargo de subprefeito o Sr. Francisco Colares. Pela Lei estadual nº 891, de 12 de novembro de 1953, foi criado o município de Itacajá e instalado no dia 1º de janeiro de 1954. O primeiro prefeito municipal da cidade foi o Sr. João Borges de Almeida, que recebeu nomeação interina do Govêrno do Estado. A 3 de outubro de 1954 houve eleições para Prefeitura Municipal e Câmara de vereadores, tendo sido eleito o Sr. João Nolêto Rodrigues, que ainda continua em seu cargo. A sede municipal acha-se localizada dentro das seguintes coordenadas geográficas: 8º 19' de latitude sul e 47º 45' de longitude W. Gr., aproximadamente.” (FIBGE, 1958, p.231)

De acordo com os textos, as histórias de Itacajá pautaram-se em informações de caráter oficial, no cumprimento das pesquisas e dados objetivos. Embora, constituam registros importantes para compreender o que foi registrado sobre o seu passado. Todavia, o registro das lembranças e das memórias dos narradores e narradoras da cidade contribuiu de forma diferenciada à construção de outras histórias e memórias de Itacajá.

A cidade é de origem recente sendo elevada a categoria de município no ano de 1953, marcada principalmente com a migração de maranhenses e piauienses, entre outros. Origina-se como uma cidade próxima do território indígena Krahô, semelhante à história de muitas outras fundadas nas imediações dos territórios indígenas como desdobramento dos aldeamentos e das povoações constituídas em torno do poder político municipal. Em Itacajá o resultado dessa aproximação contribuiu para a formação de um intenso jogo cultural, composto pela diversidade cultural da cidade. As particularidades de Itacajá podem ser vistas através dos Krahô, dos imigrantes camponeses, como das diferenciações entre os povoados e pequenos núcleos urbanos, no processo das mobilidades e fronteiras que marcam o movimento do espaço-lugar da cidade e seu entorno. Os moradores de Itacajá aprenderam a compartilhar de um espaço que é marcado por mobilidades e fronteiras.

Moradores da cidade prestam serviços de comércio, hotéis, restaurantes, padaria, saúde, educação, segurança, transporte, perpassando pela amizade formal e informal. Como sujeitos do lugar os moradores aprenderam a ocupar um espaço comum com os Krahô, como estratégia de sobrevivência dos dois lados. Outra interpretação que o cenário de Itacajá deixa escapar é que a cidade foi moldada para acolher os moradores, os Krahô e os visitantes.

Além da dinâmica social e da circulação entre os grupos e espaços da cidade acontece o Rally das Águas no Rio Manoel Alves Pequeno, em épocas de férias nos meses de julho e agosto. O curso de água desse rio diminui e os atores sociais do lugar representados pelos moradores, Krahô e visitantes descem o rio abaixo em botes, canoas, câmaras de ar de automóveis; outros em forma de nados. Todos participam da interação com o rio, recuperando as energias gastas do final do semestre letivo e arrumando energias novas para enfrentar o cotidiano estressante das cidades.

As comunidades das aldeias mais próximas chegam com mais facilidade à cidade e voltam com a mesma toada de sempre para as suas aldeias. Olhada por outro lado pode dizer que Itacajá mostra o lugar do ponto de encontro entre moradores da cidade, Krahô e visitantes. Outra característica reside no desenvolvimento do comércio local, que atende as necessidades dos moradores, sejam eles permanentes ou temporários. Aos Krahô reservam-se as atividades de vendas caracterizadas por diversos produtos, como artesanato, mel, batata-doce, fava, mandioca, farinha de puba, etc. Arrumam dinheiro com a venda de seus produtos e compram o que precisam para a alimentação, vestimenta, enfeites. Circulam pela cidade de Itacajá enfeitados, paramentados, pintados, e contribuem do jeito que podem com a construção de cenas culturais urbanas.

Itacajá conseguiu guardar arranjos urbanos de uma pequena cidade localizada próxima a maior área de cerrado contínua do Brasil ocupada pelos Krahô. Nem todos os visitantes que chegam à cidade vão até as aldeias Krahô, muitas vezes chegam em Itacajá com outros objetivos, como visitas familiares, vendedores que suprem comércios. Outros chegam para um envolvimento de gestão de territórios indígenas com os Krahô, todos eles vivenciam espaço e tempo de fronteiras culturais.

Fundação Nacional do Índio, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária em Área de Cerrados/Agricultura Tradicional, Universidade Federal do Tocantins, Fundação Cultural do Estado do Tocantins, Secretaria Estadual de Educação do Tocantins, Ministério da Educação, Ministério da Saúde, Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério do Meio Ambiente, Ministério da Cultura, Ministério do Turismo, Secretaria Estadual de Indústria, Comércio e Turismo do Tocantins, Petrobrás, Fundação Cultural do Banco do Brasil, muitos órgãos oficiais do governo. Entre o macro e micro espaço do lugar da cidade os órgãos do governo, Prefeitura de Itacajá, Indigenistas, pesquisadores vão preenchendo lacunas, outras lacunas vão surgindo e os Krahô seguem com as suas negociações para conseguir colocar em dia a celebração dos rituais.

Aqueles que, por acaso, se encontrar na cidade de Itacajá de uma forma discreta fica sabendo e chega até as aldeias, nos rituais apresentados nas feiras Krahô de sementes tradicionais os visitantes aumentam em número, mais não passam daqueles que estão envolvidos com os Krahô, outros novos pesquisadores e indigenistas que estreitam amizades e prolongam trabalhos de campo para uma agenda de trabalho de uma vida inteira.

A experiência do Grupo de Estudo Cedoc-Timbira/UFT nos estudos locais e regionais envolveu como equipe professores, alunos, professores convidados, povos indígenas, moradores dos povoados e dos pequenos núcleos urbanos. Reunindo nos últimos anos leituras, explicações e comentários de obras que pudessem mostrar alternativas para valorizar os territórios e as memórias de atores sociais anônimos. A experiência de cada um vai se concretizar no relato entre sua história de vida e da cidade. Os narradores testemunhos de Itacajá marcarão um tempo próprio. Como narradores testemunhos de Itacajá fizeram a sua parte, concedendo narrativas gravadas, relatando vivências de andanças e de permanências em Itacajá, Outros roteiros de viagens que os narradores possuem outras arrumações de trilhas: visitam parentes e recebem visitas deles, viagem para cumprir as atividades da Igreja, viagem de família. O fluxo de viagens para dentro e para fora de Itacajá segue o caminho das negociações e das relações deparentescos.

O roteiro turístico alternativo proposto pode ser melhorado pelo leitor, apenas estou erguendo uma lacuna de uma vitrine turística que está em funcionamento no estado do Tocantins. Território Krahô, Itacajá, Pedro Afonso, Rio Sono, Novo Acordo, Santa Teresa do Tocantins, Lagoa do Tocantins, Mateiros, São Félix do Jalapão, andanças à vontade, acampamentos, pousadas, hotéis, atividades turísticas, arrumações alternativas de contato interétnico com os moradores locais do sertão do estado do Tocantins que se estende para o semi-árido nordestino, margeando com os estados do Maranhão, Piauí e Bahia. Este roteiro de turismo está sendo pensado para o visitante conhecer as verdadeiras narrativas locais, contadas pelos guardadores dos segredos dos ofícios e a paisagem guarda os registros naturais de um sertão de imigrantes, oriundos de diversos lugares do nordeste e do Brasil.

Guias turísticos prontos para mostrar os cerrados por dentro das matas nos topos das chapadas, chapadas do meio e chapadas emborcadas das matas ciliares. As aldeias ficam dispostas nas matas galerias, alguns 100, 300 e 500 metros dos cursos de águas, as chapadas do meio e topo acolhem os Krahô em suas caçadas e coletas. As roças ficam preparadas perto dos cursos de água, solos hidromórficos, agüentam na seca e melhoram com as chuvas. Entre uma aldeia e outras existem embaraços de estradas ligando aldeias.

As trilhas que ligam uma aldeia nas outras marcam outros cenários, as roças acompanham as trilhas das aldeias. Os Krahô têm até 03 roças, uma de 03 anos, outra de 02 anos e uma terceira que está sendo preparada com o apoio das duas primeiras. Nessa toada não faltam alimentos tirados da roça. Outra rotina dos Krahô são os deslocamentos de suas casas na comunidade da aldeia até a casa da roça, chegam, coletam e preparam o alimento do dia. Às vezes permanecem mais de um dia, depois voltam para as aldeias, chegando no cair da tarde, com alimentoscoletados para o uso de alguns dias, semana ou semanas. Assim Itacajá foi criada e implantada, segue o caminho das modernizações e atendem os moradores, Krahô e os visitantes. Festa na aldeia Krahô em noite de lua cheia fortalece o celebrar dos ritos, aproxima os Krahô de sua comunidade e de comunidades de outras aldeias. Um Krahô olha, conversa, silencia, canta, dança, toca maracá, florescendo redução do *stress*, de alcoolismo e de conflitos.

De alguma forma, os Krahô negociam, o Feliciano Tep Hot tem canoa, desce da aldeia da Barra até o Riozinho e depois entra no rio Manoel Alves Pequeno canoando até Itacajá faz as compras e volta canoando rio acima até chegar de volta em sua aldeia. O acesso as aldeias Krahô para algumas delas pode ser feito por transporte fluvial numa canoa voadeira cortando as águas encantadas no meio das matas ciliares. Vale a pena ver de perto, formando expedições em apoio ao turismo na cidade de Itacajá e território Krahô.

Itacajá guarda em sua história as pisadas de moradores, de visitantes e dos Krahô. Os mais velhos de chegada rememoram velho Porto do Vau, lembranças das viagens a pé, em tropas de burros, em barcos, avião teço-teco, misturados à triste partida de suas cidades de origens nos estados do nordeste brasileiro até a velha Itacajá.

Contadores e contadoras de histórias lembraram-se de capturas de instantâneos distantes e próximos, criando personagens específicos e atribuindo narrativas para cada um deles. Histórias fluíram com a arte e a magia das esperanças do sertão, todavia, expressando a alma de Itacajá.

Por fim, os registros de lembranças e de memórias de um lugar contribuem com a valorização cultural, organização do turismo e a sustentabilidade. O aumento do número de turistas cria novos empregos e eleva a geração de renda para as famílias que moram no espaço urbano, moradores do campo e para os indígenas em suas comunidades de aldeias. *Boa leitura das narrativas dos verdadeiros narradores das histórias da cidade de Itacajá.*

Vanderlei Mendes de Oliveira  
UFT – TO

### **Narradores e narradoras de Itacajá**

- 01 Maria das Dores Rocha da Silva
- 02 Timóteo Soares Gil
- 03 Lindaura Sousa dos Santos
- 04 Joaquim Monteiro
- 05 Cleto Alves da Costa
- 06 Antônio Rocha da Silva
- 07 Joel Alves Campos
- 08 Manoel Beleza de Souza
- 09 Fernando Tugré
- 10 Manoel Pereira dos Santos
- 11 Ana Loleto de Sousa
- 12 Dejard de Salles Queiroz
- 13 Messias Araújo de Sousa
- 14 Anaíza Soares Coelho
- 15 Luis Alves de Castro
- 16 João de Souza Pinheiro
- 17 Luiz Rodrigues da Silva
- 18 Raimundo Ribeiro da Silva
- 19 Izaura de Oliveira Reiz
- 20 Josefa Miranda
- 21 Sebastião Faria de Azevedo
- 22 Raimundo Gonzaga da Silva
- 23 Coraci Cunha Porto
- 24 Raimundo Coutinho de Arruda
- 25 Jorge Alves Casemiro
- 26 Benuca Félix Soares
- 27 Raimundo Barroso de Moura
- 28 João Alves Feitosa
- 29 Oleriano Alves Lima
- 30 Nastácio Matos de Araújo
- 31 Getúlio Orlando Krahô
- 32 Dodanin Gonçalves Pereira
- 33 Masolene Rocha
- 34 Zorilda Quadros Maia
- 35 Tácito Pacheco Maia
- 36 Jamim Peixoto de Macêdo

### MARIA DAS DORES ROCHA DA SILVA

Entrevista em 19/ 01/ 2011

Dona Maria das Dores Rocha da Silva, uma senhora que contribuiu muito com a pequena e pacata Porto do Vau, atual Itacajá, com seus serviços de parteira e tecedeira. Contribuiu, com o seu jeito de ser, com o cuidar cuidando da saúde dos moradores locais.



“Nós sofremos muito, mas era bom. A gente quase não dava nem fé do sofrimento”.

Eu nasci em São Raimundo da Mangabeira, no município Buriti de Dentro. Era pertinho da cidade, mas não era na cidade não, era pertinho. Eh, Buriti, no Maranhão. Meu pai nasceu lá também. Minha mãe não, minha mãe era do Piauí. Deixa-me ver. Meu pai não veio, meu pai morreu. Minha mãe é quem veio. Deixa ver. Ela, eu não estou nem lembrada. Minha menina, a Deusina é de 60, foi bem em 1963 que ela veio, foi em 63 que eu vim e ela ficou. Uma menininha que eu trouxe de lá de 1958 veio completar ano em outubro aqui. E aí eu ganhei outra aqui em 1960. Aqui em Itacajá, bem ali no Marajá, em 60, dia 20 de agosto, e daí nós mudamos pra cá, com essas duas meninas, a outra estava dentro de sete anos e eu tinha que botar na escola porque lá não tinha escola e aqui tinha. Não. Aqui se chamava Porto do Vau. Eu nem sei por que a cidade tem esse nome, não sei se foi por causa desse negócio dos índios, eu não sei. Sei que ficou Itacajá.

Nós mudamos pra cá porque... Foi assim, meu sogro era irmão de minha mãe. Nós tínhamos uma fazendinha lá e trabalhávamos com roça, tinha um engenho, moía, fazia rapadura, destilava pra fazer pinga porque ficava muita cana azeda que não dava pra fazer rapadura. Comprava de outros canaviais pra fazer a cachaça. Aí ele disse: “não, aqui está muito ruim”. Era ruim de chuva demais. “Eu vou caçar um lugar pra nós irmos.” Aí falavam muito aqui em Itapiratins, que antes se chamava Panela de Ferro. Aí ele veio para Itapiratins e ficou por ali. E aí já tinha um homem de Itacajá, Pedro Paulo. Ele agora mora em São Paulo, acho que ele já morreu. Morava lá pra São Paulo. Aí nós viemos. Aí ele chegou lá e disse que vinha para Itacajá. Vendeu tudo lá, quando chegou, comprou um sítio ali no Marajá, aí nós ficamos tudo ali no sítio. E hoje está assim: querendo ser um povoado, mas não é. Aí nós ficamos lá.



De lá, nós viemos pra cá e daqui ele foi para Rosalândia, foi ser vaqueiro pra lá. E pra lá mesmo foram enterrar a mulher do patrão dele e mandou um genro dele tirar o leite. Ele era vaqueiro, nós ficamos aqui. Quando chegaram lá, ia esse rapaz que era sobrinho do homem e um sobrinho dele estava meio chapado no cemitério. O outro topou no outro e tinha outro que estava lá cavando a sepultura. E aí topou no outro que caiu lá. Isso era um agreste pra chegar lá no cemitério, era um “uruvai” de manhã. E aí o outro chegou: “o que é que tu tens fulano? Está assim despeitado, assim chorando no meio de tanta”. Não, é porque o Renato me derrubou ali no agreste. Eu não tinha feito nada, tinha só topado com ele”. Aí meu padrinho chegou, tinha terra pra cá e ele vinha mais o Antônio do Brejo, um sobrinho dele. Aí botou em cima da terra, ele estava dentro, acabando de cavar, e aí ele saiu de dentro e pegou a arma, o revólver que estava no braço da cruz assim.

Quando o rapaz foi chegando, ele atirou no rapaz. O rapaz estava na frente de meu padrinho, eles se abaixaram e ele disse: “seu Manoel, vamos nos abaixar aqui que a coisa esta é feia”. Aí eles se abaixaram ali debaixo do caixão, mas ele se abaixou porque o tiro já tinha pegado nele. Ele deu outro tiro. Ele chamou: “seu Manoel, vamos embora que a coisa aqui está apertada”. E nisso os outros já tinham corrido. Que ele olhou, já o sangue estava descendo. Ele estava só. O tiro pegou assim em cima da sobrancelha, bem em cima da sobrancelha, caiu assim. Morreu na hora, levaram pra casa do Adão que era casado com essa mulher.

Se não fosse a seca nós não tínhamos mudado pra cá não, mas a terra lá estava muito fraca porque tinha a seca. Chovia, mas não era muito, lá era mais difícil do que aqui. Agora lá está bom. Lá chovia, só tinha que não era muito igual aqui. Mas, até uma chuva boa que dava lá, aguentava, sustentava. Dava de criar toda coisa, não sabe? O legume segurava. Quando nós chegamos aqui, nós nos adaptamos rápido porque a gente já trazia as coisas, já tínhamos comprado local e tinha comprado com tudo: muito porco, aí facilitou. Tinha muita banana no local, aí foi bom. E ficamos. Outro dia eu fui lá, tem uma irmã minha que mora lá, esse dito lugar que era nosso, eles compraram.

Eh, essa viagem foi um sofrimento. Vindo com tropa, uns vinham montados, outros não. A gente sempre descansava, era caçando coisa pela chapada. A gente achava muita coisa e vinha. Aí lá um sobrinho do Antônio Rocha atirou noutro na estrada matando Jaó. O tiro pegou assim: não sei se foi na perna ou se foi no braço, num deu pra nada. Não foi de raspão, não. Pegou de um lado e saiu do outro, mas assim só na carne. Aí viemos embora. Nós parávamos na estrada pra enxugar roupa, levava chuva, descansar os animais e pra lavar roupa. Vinha “torrando” de lá pra cá. A viagem foi boa. Nem todos vieram montados. Muitos vieram a pé. Tinha um bocado montado, outros a pé. Tinha muito animal de cria. Outros cansavam, montavam mesmo era no pelo dos animais, sem nada. Mas o povo queria vir mais era a pé por causa da “furupa”. Brincando na estrada. Era demais, era muita gente. Eram todos da família.

A viagem do Maranhão pra cá, durou quase um mês de viagem. Parando na estrada para descansar naquelas rancharias, em beira de estrada. Em Rio Sereno, antes de chegar a Piaca, nós passamos uns três dias na beira do rio. Em Piaca nós demoramos também. Foram quatorze dias de viagem. A alimentação na viagem era boa. Aonde a gente chegava fazia arroz, carne trazíamos de tudo. A gente sempre dormia em alguma casa, no mato era difícil por causa dos meninos pequenos, dormia dentro de casa. Agora os outros dormiam fora porque era muita gente. Quem tinha menino dormia dentro da casa. Encontrávamos casas na estrada de lá pra cá. No Riachão nós passamos três dias, cidadezinha.

Assim que nós atravessamos o Rio Balsas, tinha um lugar que chamava Lágia, nós demoramos. Chegamos lá, foi água. Foi água. Assim que saímos do Balsas, aí nós fomos enxugar trem. E aí tinha um tio do Antônio Rocha (marido), irmão da mãe dele, que tinha comprado muita pólvora, não sei quantos quilos de pólvora, essa pólvora tinha molhado. Ele tinha tirado à enxuta, olha o que ele fez: Pegou, botou num prato de esmalte, puxou umas brasas, botou o prato. Moço, esse homem queimou a cara todinha. Ele sofreu de lá pra cá, aí nós demoramos lá. Eu tinha comprado uma “sombrinha” e dei pra ele vir de lá pra cá. Estava com a “sombrinha” por causa do sol, se não, não aguentava. Borbulhou, eu disse: “nunca vi botar pólvora no fogo”. Moço foi uma tentação. Quando os meninos falaram, menino, menino não, velho. Escutou foi pelo estouro. Ele já era um homem de idade, ele era parente dele, irmão da mãe dele, do meu marido.

Quando nós parávamos, fazíamos carne. A maior parte era carne. Arroz mesmo só quando chegava em alguma casa. Passava muitos dias, cozinhava feijão. Tudo nós trazíamos, tudo nós trazíamos. Quando chegávamos, cozinhávamos carne. Os meninos compravam. Quando a carne estava acabando, os meninos diziam: “essa carne não vai aguentar”. Comprava porco, matava, comprava bode, batata. As outras coisas nós já trazíamos de lá. Trazia lata cheia de carne frita, ovelha, bode, porco, toda coisa. Galinha, tudo nós trazíamos. Só fazia arroz quando chegava. Agora, quando a gente demorava, aí cozinhava feijão, fava, toda coisapragente comer. Fora o alimento que nós trazíamos, nós só não trouxemos cadeira, mesa, mas o resto veio tudo. Trouxemos tudo nas costas dos animais. Tinha muito animal. Só animal de cria que não vinha com carga, era quarenta, a tropa era grande. A gente não dava nem fé da estrada, eu dizia: “já estava para acostumar”. E a gente topava com gente que vinha vindo carregando tudo na cabeça, cada balaio, balaio mesmo de trem na cabeça. Aqueles que não tinham animal traziam era na cabeça. Nós passávamos por muita gente na estrada, às vezes tinha deles que vinha andando com todo trem na cabeça. Tinha menino pequeno, no meio das cargas dos animais que não traziam nada, porque não podia trazer de garupa, aí eles vinham no meio da carga, forrava e trazia. Eh!, tinha muito menino.

Essas histórias nós contamos demais pra eles. Quando nós chegamos aqui em Itacajá, que antes era Porto do Vau, aqui era ruim. Isso aqui era mata. Era quinta (pasto). Isso aqui tudo era quinta. Fazia essas roças pra cá, lá embaixo aonde é do Bebê, parece que era do prefeito daqui, o Miguel Maia, Maia não, era o Antônio. Oh, meu Deus. Minha cabeça está tão ruim. Deixa-me ver. Não, eu esqueci, ele era quem era o prefeito. Tinha a casa dele lá, tinha desse povo dos Costas por ali, tinha do Paulo Teixeira, tinha do Cariolano, que ainda hoje é no mesmo lugar ali, de junto da praça. Tinha do seu João Pinheiro. Não, João Pinheiro morava no pé da serra, depois que eles compraram ali foi que mudaram pra fazenda, dali eles mudaram pra cá, que é o pai do prefeito, beirando o pé da serra. A fazenda deles era pra lá, vieram e compraram essa fazenda aí e veio mudando. A casa da Maria do Joaquinção ali. Tinha o finado Né, que era de lá do Maranhão, ele morava na fazenda, tinha uma loja muito grande na fazenda. Fazendinha. A gente ia à Mangabeira, quem quisesse ir lá, quem não quisesse comprava do biscate (vendedor de porta em porta) vendia toda coisa. E ele morava aí também, já morreu. Estão só os filhos dele aqui. E aí não tinha até que ficou que pegaram a comprar uns carrinhos. João Pinheiro comprou, viajava daqui pra fazenda. Mudou pra fazenda que eram ricos esses eram os ricos daqui: João Paulo Teixeira tinha o Dedé Teixeira, tudo aí. E aí o Masolene, tinha o velho pai dele o finado Zé Rocha. Morreu, ficou o Masolene. Masolene mais os filhos.

Depois o Masolene foi prefeito, João Pinheiro foi prefeito. João Pinheiro parece que foi prefeito três vezes, três ou quatro. Uma vez ele foi prefeito único, não teve concorrente com ele. Masolene foi duas vezes e aí nunca mais foi. Mas quem começou a trabalhar foi o Masolene. Ele começou a fazer umas coisinhas e foi melhorando Itacajá. Depois foi o Antão, aí acabou com Itacajá, ficou uns oitos anos, aí acabou, não foi? Aí sempre o Manoel Pinheiro deu um basta, arrumou Itacajá. Itacajá está parecendo com cidade. Ficou bom. Ficou limpa. Acabou até a muriçoca, ficou tudo limpo. Quando vê que o povo está com esse negócio de mosquito da dengue, eles fazem arrastão de gente, eles fazem arrastão em toda grota aqui perto de Itacajá, todo lugar que entra no rio eles entram tudo. Catando tudo de beira de rio, beco, tudo até lá embaixo. E as canoas carregando e botando no lugar aonde os carros carregam, limpam tudo, a água é boa.

A saúde aqui não tinha, Ah. Era duro, quando eu cheguei aqui não tinha, sofria demais. Tinha o Lar Batista ali que fazia Internato de menino. Orfanato. Lá a gente consultava todo mês. Vinha um médico de fora dando remédio pra verme, pra toda coisa e vinha remédio para o Lar Batista. Aí o Pastor Benjamim ficava ali consultando gente todo dia, ou que soubesse ou não soubesse. Ele fazia parto assim, porque não tinha quem fizesse aí eles faziam, ele e a Dona Isaura. As mulheres iam todas pra lá porque não tinham pra onde ir não, ficavam aí. Aí teve um Posto. Fizeram um Posto de Saúde aí no tempo do Masolene. Passou para o Masolene ser prefeito acho que já tinha já estava começando a fazer, aí fizeram esse Posto. Aí veio os médicos de fora, veio para arrumar, pra botar umas pessoas pra fazer curso, pra fazer parto e aí foram umas três ou quatro mulheres. Lá a gente recebia o material, a roupa, tudo de material: a tesoura, bolsa, tudo, cordão para amarrar o umbigo tudo esterilizadinho. A gente pegava toda sexta-feira. Eram as parteiras. Eram fichadas. Qualquer problema que tivesse que pegasse ponto, qualquer uma coisa falava, o médico ia arrumava tudo. Eu fiz muito parto aqui. Acho que esse povo aqui de arredor fui eu quem pegoutudo.

Tem um velho, no pé da serra pra cá, tinha vez que tinha três mulheres aqui em casa, também não tinha pra onde ir. Chegava pedindo, aí eu ficava com elas aqui. Tinha noite que eu fazia sete partos, era só saindo de um e passando para outro, saindo de um passava pra outro, do Alto Lindo pra cá fazia tudo. E aí levava o material todinho pra esterilizar, já deixava aqueles lá e já pegavam outros assim. Os meus, minhas tesouras, minhas coisas, eu trazia tudo. Só pegava os curativos que já tinham acabado. As gazes esterilizadas pegavam aqueles pacotes. Agora depois que surgiu aquele hospital lá em riba, aí acabou, porque já tem médico, não é? Pra cidade. Aí vão para o Posto lá, mas ainda tinha gente que ainda vinha aqui primeiro, para daqui, ir para o médico. Não queriam. “Gente, vocês têm que ir para o médico, vocês não podem mais complicar a gente”. Porque o doutor Luiz ali, que era médico aqui da cidade, era particular.

Melhorou muito. Ele era muito bom, mas tinha jeito de quem bebia, era danado mesmo, mas era gente boa. Tinha vez que ele saía e ficavam sete mulheres. Eu fazia o parto e ele ganhava o dinheiro. Ele me pagava do precinho que eu recebia dos outros. Mas, ele já tinha recebido do prefeito, mas me pagava. Eles pagavam pra ele e ele me pagava tudo. Mas ele era bom comigo, demais. Podia levar lá qualquer hora. Um dia, mais o Luiz, eu levei uma mulher pra lá do Alto Lindo, vieram me buscar aqui. Chegou lá. Essa mulher não vai ganhar aqui, ela tem que ser Cesariana, ela tinha botado a via do cordão da criança: “menino atravessado não nasce”. Levamos, ele tinha chegado de Palmas, a mulher dele tava danada porque ele estava bebendo. Mandou botar a mulher pra dentro, ficou jogando baralho bem na porta do hospital. Aí disse que era pra levar lá pra dentro. Levou ela pra lá. Ficaram com ela pra lá.

Tinha uma sobrinha minha que estava lá no hospital. Disse que essa mulher me chamava à noite todinha: “me leva para a Das Dores que eu vou morrer”. Se ela tivesse mais ela, ela não ia morrer. Antes de o dia amanhecer a mulher morreu e ele não fez o parto. Prejudicou demais. Até foi embora daqui, coitado. Tá no hospital lá. Ele ficou aí um monte de tempo, mas a justiça em cima dele. Ele disse que ainda vinha me buscar, mas eu, eu sei que eu levei e entreguei. Na mesma hora eu encontrei com o outro que vinha atrás. Nesse dia eu fiz três partos.

Quando já iam me buscar na estrada, junto com a ambulância que o homem tinha ido buscar. Um carro pra ir buscar a mulher lá no Alto Lindo, já encontrou com esse outro que ia me buscar. Ele trouxe a mulher, chegando bem de junto, bem na hora que ia chegando, deu um tiro que eu: “meu Deus, o que é isso?” “O pneu do carro que pipocou”. A moça já tinha chegado. O homem foi de manhã pegar o carro, chegou aqui cedinho, eu estava varrendo aqui fora: “dona Das Dores, a mulher que nós deixamos lá, está morta”. “A moça já estava parida? Que conversa é essa menino? E já operou? E depois de operada morrer desse jeito”. “Não, está com a barrigona do mesmo jeito”. Eh, foi bafafá. O menino também morreu. Ela mesma pegou. Ela era do pé da serra como eu.

Eu fiz parto até no chão. Uma mulher queria que eu fizesse um parto em cima de uma mesa, eu disse: Faça bem aqui no chão. Eu enfrentei dureza, não sabe? Eu enfrentei dureza. Hoje, um povo que está todo aí bom, desses cearenses. Tem um bem ali perto do posto, que tem uma oficina, é irmão dessa mulher, dessa dita mulher. Não tem um negócio que vende comida bem ali de junto do hospital? Do pé de manga? Pois a mulher que eu fiz o parto é aquela dita e a menina é bonita. Eles tinham vindo do Ceará, tinha chegado há pouco tempo. Eles moravam bem ali em São Miguel. Quando chego lá, nem uma cama: “Não, aqui no chão. Em cima de uma mesa”. Porque a mãe dela, a velha Chica, mora lá na beira do Ita, lá perto do Ita velho. “É aqui na mesa”? “vamos pôr no chão. Ela não vai ter esse menino dentro de uma rede, nem em cima da mesa. Coloca aqui fora, aqui o chão ela tem, aí depois vocês pegam e bota ela pra lá”. Não tinham nada, porque eles tinham chegado há pouco tempo. Ainda não tinha comprado cama.

Eh, essa Itacajá era dureza. Mas está bom. Pra levar para outro hospital tinha uma ambulância. Eu levava para Pedro Afonso, levava para Colinas, levava mais para Colinas. Mas levei muito pra Pedro Afonso, eu mesmo acompanhava até lá. Teve mulher que ganhou na estrada porque não tinha como operar no Posto. De barco, pelo rio, nunca levamos não. Era longe demais pra sair de barco, aí não dava de chegar. Porque para Carolina não ia. Pra gente chegar à Carolina, na Barra do Ouro, não tinha cidade, tinha que descer porque a gente passava na Barra do Ouro de passagem para Carolina. Era brabo. Tinha muito era índio e ainda hoje tem. Índio tinha liberdade de caçar em todo lugar, não era só nas terras deles. Saíam para todo canto que a gente até se espantava.

Quando eu cheguei aqui já encontrei os índios. Eles eram meio brabos, mas andavam, andavam muito. Quando eles andavam assim era caçando, passavam lá pelo Marajá. Um dia eu dei uns torresmos de um porco pra eles comerem, comeram. Achei foi bom quando eles apareceram lá em casa, dei farinha e eles acharam bom. Eles matavam os quatis e acendiam fogo na mata e espetavam num pau e sapecava. Enfiava em um pau, um adiante e outro atrás com couro e tudo, só queimava o cabelo. Chegava aí na beira do rio, botavam massa de mandioca e faziam no chão o “paparuto”: botavam fogo lá na pedra, forravam de pedra, enrolava de palha e cobriam com pedra e tacavam fogo. Escaldavam tudo e comiam tudo. Sal, não comiam, não tinha sal. Agora estão civilizados, fazendo compra, comem todo mundo com sal, andam todo mundo vestido. Eles não vestiam, eram só assim umas tirinhas de embira em cima. Amarravam na cintura do lado da frente e pronto.

A convivência sempre foi boa. Quando a gente não mexia por lá, eles sempre apareciam lá por casa. Depois fui eu quem mexi pela aldeia. Até parto de índio eu fiz demais. Eram sempre umas índias bonitas. As índias são bonitas. Fiz parto de índio. Outro dia eu topei um que quando eu fui para o Maranhão, ele mora em Carolina, ele é doidinho pra eu ir pra casa dele, eles moraram bem ali pertinho de nós. Fiz parto das irmãs dele. Conheci-os demais, estudaram bem aí, aqui na rua, ficaram aqui na casa de minha irmã ali, o Raposinho, doidinho. “Não, Raposinho, já estou com passagem tirada, não vai dar pra eu passar por aqui não, só quando eu voltar”. Quando eu voltei, eu passei lá. De vez em quando ele aparece aqui. Mas está bom. Também nunca morei nas terras dos índios. Quando viemos do Maranhão, ficamos bem ali no Marajá. Eu já passei pra cá, a menina que eu trouxe que não tinha ano, quando ela fez sete anos foi que eu mudei para cá, para botar ela na escola, com sete anos. Aí eu já tinha outro.

Nós viemos pra cá porque meu sogro veio caçar morada. Ele estava querendo em Itapiratins, aí mudou. Mudou do Itapiratins, Itacajá aqui antes era Porto do Vau. Meu sogro veio primeiro. Veio caçar morada. Quando ele chegou, ele disse: “achei, nós vamos. Nós não vamos para Itapiratins, não gostei de lá. Nós vamos para Porto do Vau”. Que hoje é Itacajá. Quando ele veio pra cá caçar morada, ele não demorou muito não. Além do meu marido, ele tinha mais filhos lá, tinha casado: era eu, que era casada com o filho dele. Tinha a Otacília, filha dele e tinha o Zé Rocha sem casar. Tinha o Pedro, o Raimundo, tinha a Sebastiana e tinha a Maria. Eram seis filhos. Ele trouxe todos. Viemos todos. E veio o Félix Marreca que era cunhado dele. Meu sogro era casado com a irmã do Félix Marreca. Era a Conceição. Era o Félix, o Nercino, o Pedro, era um bocado. Não sei se o João já foi daqui, sei que tinha bem uns quinze. E vinha a Antônia Marreca, que era cunhada do meu sogro também, ela tinha duas, minha sogra tinha uma menina dela e criava outra.

O nome do prefeito daqui era Antônio Pimentel, esse era o prefeito, quando nós chegamos aqui. O primeiro foi o marido da Ana Ilsa, como era o nome? Foi o pai do Adevaudo que também foi prefeito aqui. Foram muitos. Mas melhorar mesmo, pra dizer que as coisas entraram nos eixos, foi do Masolene pra cá. E aí os outros, o Masolene saiu, o Antão tomou de conta, não deu nada. Aí, ainda foi feito aquele hospitalzinho ali. Já estavam fazendo e aí não fizeram o hospital grande, ficou só a planta lá. Aí tinha aquelas casinhas de cá. Estavam fazendo aquelas casinhas que ficou como o hospital, aí já cresceu. A outra casa ficou abandonada também, acabada lá. Que era pra ser o Regional, isso foi no tempo do Siqueira Campos, que foi feita essa planta aí. Agora pode sair porque ele ganhou de novo.

Quando eu cheguei aqui, que antes era Porto do Vau, existia poucos moradores, mas tinha. Não era muito assim. Eram só esses que eu falei que vendiam coisas aqui. Aqui era tão antigo que não tinha usina, eles vendiam arroz assim, mais que vinha de fora, que comprava das pessoas. Gente pilava arroz lá fora e trazia aqui pra vender, pra comprar açúcar, café, comida pra menino, essa coisa assim, sabe? E eles compravam pra ficar vendendo aqui para o povo que não tinha. A moradia aqui eram umas casinhas de tijolos, adobo, de palha. Essa casa aqui mesmo, foi feita muita parede de adobo. Mudou muito, e agora está bom. Aqui está bom. Itacajá está boa, está limpa. Uma muriçoca. Agora se tivessem me perguntado, se os agentes tivessem andado aqui: “é lá onde ele mata porco, Antônio”. Pra não pagar a sangria lá. Vai lá no Zé da Graça vê se ele mata porco lá? Ele paga tudo. Ele quer ganhar e não quer gastar. Vê se tem condição. Quem paga o pato é o povo que mora lá perto dele, que não “deda” (denuncia) dele, não é? Como é que vai ser? No quintal não se pode botar um porco dentro, não pode criar, por quê? Encosta aqui no meu quintal pra você vê como é ele. Mas na minha casa não tem muriçoca não. Oh, todo dia eu mexo no meu quintal. Ele não limpa. Olha o meu quintal, eu o varro todo santo dia. Do jeitinho que varro minha casa, eu varro meu quintal.

Eles encostam aí, esse poço bem aí está usando, ele está tampado por causa do mosquito. Eu vou querer mal pros meus filhos, para minha saúde? Eles vieram. Tem esse beco bem aí, meu mais da comadre Luzenir. Esse menino dela, o rapazinho joga muito trem aí nesse beco, eu saio catando. O homem andava jogando, cedo, eu disse: “joga remédio aí dentro” Aqui não tem muriçoca não. Eu digo: “não, na minha casa não carece do prefeito”. Faz mutirão aí, todos os meses ele faz, todo mundo cantando lata, lixo, toda coisa. O carro pegando e os agentes atrás, catando nos quintais e jogando na rua. Na minha casa não é preciso fazer isso não. Ele faz isso pro bem da cidade, não é? E a pessoa vai fazer um monte desses no quintal. Não pode. Mas moço, hoje a saúde está muito melhor. Aqui só não está bom, como se diz, bom, porque o prefeito não tinha governo. Ele sofreu demais aqui nas unhas desse povo aqui. Quando ele chegava com um projeto aqui, eles já tinham derrubado, mas caíram do cavalo. Mas ele foi bom. Limpou, zelou, calçou todinho, não tem um lugar por onde ele andou, tem um setor aqui que não está calçado, bem ali no Pedro Maciel, foi o Antônio quem fez esses etor.

Era uma quinta daquele Baiano bem aí. E aí fizeram esse setor lá. Uma casinha lá, mas não legalizaram nada não. Aí ele disse: “não vem, pra eu legalizar isso aí, vai custar muito caro”. Eu estou legalizando os meus, que eu fiz: ele deu o lote, mas estão ali, as casinhas tudo feita. O IPTU pago, tudo, tudo legalizado. Que você pode ir lá, aí leva a lista lá, eles liberam pra fazer o asfalto, liberam pra fazer tudo. Lá não está na lista porque não tem nada feito. Só fizeram lá e deixaram. Se o menino quiser ficar com todas as casas lá, ele fica. Porque a quinta é dele e não tem onde o povo viver, não é? Aí pronto.

Meu sogro escolheu Itacajá pra morar porque disse que aqui era bom. A terra era boa. A terra era boa mesmo pra plantar roça, era boa. Isso aqui dava legume, dava milho, hoje em dia acabou tudo com quinta (pastagem), mas era bom mesmo para plantar, “nego” plantava e pegava arroz mesmo. Arroz mesmo. Nós morávamos no Marajá, quando íamos colher a roça mudávamos lá pra dentro da roça. Fazia um ranhão muito grande e mudava pra lá porque se não dava conta de colher não. Taboca mesmo de pé firme que dava trabalho pra “nego” roçar, pra fazer o broque. Mas também o arroz era bruto. Dava tudo, tudo, tudo. Aqui, quase todas as primeiras roças que a gente plantou, plantamos muito algodão porque a gente pensava que era como no Maranhão. Eh, foi um desperdício doido, algodão bruto. Aí, a gente saía pegando tudo com “tiracó” colhendo o de fiar, aquele inteiro, algodãozinho bom. Eh, mas eu fiz demais esse serviço.

Eu sei fiar. Sei fiar sem roda. Sei tecer coberta, rede, eu tenho uma rede aí guardada que eu fiz ainda. Eu fiei e fiz. Estão guardadinhas bem aí dentro as outras, tem duas que o cupim comeu, mas essa é novinha, está bonita aí dentro. Eu mesmo que teci, se você vê. Hoje em dia fico com esse pau na mão aqui, mas moço. Tem hora que me dá uma raiva, desse jeito. Eu aprendi no Maranhão. Todo mundo fiava no Maranhão, todo mundo fiava. Nós trabalhávamos na roça. Nosso pai morreu muito cedo. Nós empreitávamos tarefa de mato alheio pra limpar, pra ganhar dinheiro, para comprar roupa, sandália, pra ir pra festa e era bom. Era difícil. Nós sofremos muito, mas era bom. A gente quase não dava nem fé do sofrimento, para ir pra festa dia de ano. Nós empreitávamos tarefa de mato alheio. Pegávamos arroz por carga. Tinha um homem lá, eu andei lá lembrando ele, tem uma sobrinha minha casada com filho dele. Um neto dele, desse homem, era o Benedito Cana Brava. A fazenda dele era ligada na nossa e chamava Cana Brava.

Nós morávamos lá perto do pai do Antônio Rocha, irmão da minha mãe. A gente passava de manhã pra meio dia para pegar um jacá, uma carga de arroz. Ele esfregava tanto que quando ele despejava lá estava debulhadinho no lugar. Essas meninas riam. Algodão não tinha quem desse uma arroba, não dava nunca por arroba. Jacá de milho, carga. Pegando porque não dava pra ganhar, porque disse que queria era pra vender. Aí ele pagava barato. Morreu numa situação triste: cego, diabético, sem nada. O Benedito Cana Brava. Só quem viu. O Manoel Chacheira durão, aquilo tudo, mas era muito melhor do que o Benedito.

Quando meu sogro pensou em mudar ele veio logo pra cá mesmo. Moraram muitos anos aqui, depois esse sobrinho dele viajava, andava muito, disse que tinha achado uma vaqueirice muito boa pra ele lá e ele ia. Aí ele chegou, foi lá olhar e se agradou. Lá era muito bom. Depois que ele estava lá, nós fomos. Ficaram lá. Nós viemos embora porque ele estudava. Quando ele morreu lá, vieram todo mundo embora pra cá, pra Itacajá e outros no Marajá. Depois, quando essa menina, que o homem a levou pra ganhar menino, que ela apresentou buchuda, que ele levou para Colinas e aí a filha dela foi e a mãe Dô que estava junto, pra lá ela morreu, lá em Colinas. E o povo não quieta mais. Quando nós chegamos aqui continuamos a trabalhar de roça. O meio que a gente tinha de ganhar dinheiro era aquela máquina ali, que eu costurava dia e noite. Fazia tudo. Fazia roupa de mulher, de homem, fazia tudo. Toda coisa. Lavava roupa para os outros.

Quando eu mudei aqui pra rua eu costurava dia e noite. Agora é difícil eu costurar. Mas só assim pra casa, algumas vezes pra fora, mas é porque eu não quero mesmo. Fiz muito. O marido trabalhava só na roça. Está com dois ou três anos que ele não trabalha mais com roça porque, ficou gente sem terra, porque venderam o Marajá. O pai dele vendeu que morava era lá junto e aí ficou sem terra. E já ficou velho e aqui por perto já ficaram longe, as roças que dava pra plantar. Ainda vieram oferecer pra ele, mas era longe, precisava ir pra dormir: “Não, você já aposentou, tem teu dinheiro, não precisa ir dormir em roça, largado pra lá. Não, o dinheiro desse carro, nós compra é de.”. Sozinho não dá pra ficar na roça. Aí está com uns dois, três anos que ele não mexe mais com roça. Eu costuro pouquinho também, só para família, para minhas netas, meus netos, pra casa, para os vizinhos enfim: eu costuro para os outros, mas é difícil, mas é porque não vou costurar mais. Ave Maria. Chega uma época que a gente cansa. Depois que viemos pra cá, eu já voltei lá no Maranhão. Voltei lá o mês passado (referência ao mês de dezembro de 2010). Eu estava lá. Eu fui lá muitas vezes.

Tem uma irmã minha que mora lá. Ela adoeceu essa dita que comprou essa fazenda nossa. Ela é minha irmã mais velha, de quarenta. Eu achei muito diferente. Eh, lá tá diferente. Lá a terra é tão segura que aqueles caminhos estão rasinhos do mesmo jeito. Aqui a gente tira uma estrada, um desvio na mesma hora está atolando, tá um buracão bem assim na cintura. E lá os caminhos estão do mesmo jeito, não tem diferença. Andei lá por onde era o engenho, está lá a casinha do engenho, o engenho. O menino disse que estragou uns dentes porque ficou muito tempo sem utilizar. Ficava difícil de moer, aí eles fizeram outro, que está lá novinho. Bonzinho lá. E aí estão transformando em pasto. Fizeram um açude grande. Lá no engenho dava muita água salobra, era o salobro. E fizeram um poço antes de chegar à casa do engenho, mas salobra que não tem quem aguente bebê a água que dava lá. Pra rodar aquele engenho era a troco de boi. De boi. Eram necessários dois bois pra rodar o engenho.

Todo dia de madrugada nego levava garapa na titela. Está do mesmo jeitinho aquele lugar, meu Deus. Andei tudo. A diferença que eu achei foi na Mangabeira. No tempo que eu fui lá estava acabado. Velha, suja. Cheia de buracos. Não Valia nada. Quando eu fui lá agora, a Mangabeira estava uma coisa mais linda do mundo: bom, bonita, arrumada. Bom, toda calçada. Está bom. E grande. Mangabeira está grande. Meus filhos têm vontade de conhecer onde eu nasci. Eu ainda levei parece que só a Graça lá, a Deusina parece que não foi lá não, só a Graça que foi pra lá. Ela disse que ia lá, mas agora ela vai esse mês que entra (referente ao mês de fevereiro) pra Goiânia porque ela está fazendo tratamento pra lá. Os outros também têm vontade de ir lá. Logo um bocado deles mudaram pra Goiânia; ainda tem dois lá em Goiânia, três com uma neta minha que eu criei. E os filhos da minha irmã estão lá também, trabalhando todos juntos. Eles são todos doidos pra ir pra lá, não sabe? Pro Maranhão.

E dizendo os meninos que em julho (ref. a 2011) vinham pra cá, e daqui iriam pra lá. Vinham pra cá pra beira do rio, pro Rally, que ficou bom naquela beira de rio está bom. “Você já andou lá, naquela beira de rio? Não está limpinha? Não está bom? Ficou bom.”. Essas histórias da minha vida, da mudança, da viagem do Maranhão pra cá, eu já contei tudo para os meus filhos, para os meus netos e bisnetos. Aí as meninas: “Não isso era diferente demais”. Eu digo: “êh, minha filha vocês estão numa boa, porque tudo vocês pegam bem aqui, não era como eu que eu morava bem aqui e ia pegar água lá no rio”. Quando eram cinco horas da manhã, quando o dia acabava de clarear eu já tinha dado três, quatro caminhos de água pra passar o dia.

Quando ia banhar de tardinha já trazia água pra encher as vasilhas, encher os potes para amanhecer a água fria para bebê o dia todinho, porque não tinha geladeira, não tinha energia. Depois arrumaram um motorzinho ali que ficava ligado até dez horas por causa do colégio ali, e aí quando davam dez horas acabava. E aí ficava era assim mesmo sofrendo. Meus filhos escutam, outros ficam rindo dizendo que era uma dificuldade, que não queriam morar num lugar desses. Ah. Agora lá era difícil pra gente lavar roupa por causa da água no verão. Nós lavávamos roupa com uma distância de duas léguas, no Faca, era longe. Botava a roupa no animal, na carga, outras botavam na cabeça e só vinha quando enxugava porque era longe. Cinco horas “nego” estava no pé e só chegava cinco de novo. Já levava a comida pronta. Lá comia. Era desse jeito, era brabo. Eram só as mulheres que iam nessa jornada. Só as mulheres mesmo. Os maridos ficavam cuidando da roça.

No Maranhão era difícil. O povo vivia do coco, trabalhava no cocal quebrando coco. Eu vi muito coco nesse lugar, tanto coco perdido porque entrou fogo nos cocais. Estavam os cachões de coco. Cocalção de lá do Morro do Chupe até sair na Mangabeira. Eh, quebrei muito coco naquele lugar. Quebrava coco para vender, pra tirar azeite, tirava era de lata de azeite, pisando no pilão. Nego sofria. Por isso que nego quando ia pra festa ia alegre. Meu sogro vendia para o Loreto. A gente quebrava e vendia. Ele ia para o Loreto e vendia. Levava carga de coco e vinha. Comprava e vendia, ele ia pra lá e vendia. Tira o leite também. Aqui, quando nós chegamos aqui, era a coisa mais difícil do mundo. Toda coisa só comia com gordura. Aqui não tem coco. Quem era que comia feijão, fava com leite de coco. Galinha? Eu tenho sinusite, a hora que entope o nariz ela vaza pra dentro, não sai pra fora porque os canais estão entupidos. Ah, menino, não tenho sossego. Nem dormir, não durmo (motivo da tosse). Aí nesse momento foi difícil para nós. Hoje em dia já acostumei, quando quero comer com leite de coco, a gente compra aquele leite de coco que vende ali (leite de coco industrializado).



Se fosse pra eu voltar a fazer tudo de novo, eu voltava. Parece que não dava conta. Do jeito que eu era não faço não. Ah, se eu fosse fazer tudo, por onde eu já pisei, já andei nesse mundo, eu vou te falar, menino. Eu aqui mesmo eu lavava roupa, eu pegava menino, mas todo dia eu pescava. Ainda hoje, posso é não pegar, mas eu vou. É difícil passar um dia. Hoje veio uma mulher pra nós irmos pescar: “não, chovendo eu não vou não”. Ontem estava ruim, eu não peguei nadinha. Hoje, eu não vou não.

### **TIMÓTEO SOARES GIL**

Entrevista em 19/ 01/ 2011

“Seu” Timóteo Soares Gil com seu jeito fechado, todavia um homem que outrora foi muito importante para Itacajá, visto que foi comerciante e vereador nos anos 80 - 90, hoje um simples cidadão de Itacajá.



“Ele queria desfavorecer os comerciantes e ficar bem com a sociedade, ele pensou foi isso”.

Eu nasci no interior do município de Pedro Afonso e meus pais também nasceram nessa mesma fazenda que eu nasci em Pedro Afonso. Não, eu morei com meus pais até com a idade de 23 anos, com 23 anos eu me casei e deixei meus pais. Meus pais ficaram em Pedro Afonso com meus irmãos mais novos, e eu vim aqui pra fazenda do Siminara Correia trabalhar de vaqueiro, trabalhei cinco anos. De lá nós viemos pra cá e meus pais ficaram em Pedro Afonso. Nós morávamos numa Fazenda chamada Alegria. Meu pai era Maranhense. Ele nasceu na Serra da Cangaia, ele veio pra cá menino e se criou nessa fazenda chamada Alegria. Nessa fazenda ele casou, e criou os filhos lá dentro dessa fazenda. Minha mãe nasceu em outra fazenda lá perto, na fazenda chamada Pau D'arco. Eu fui vereador aqui no mandato de 1990, de 88, de 89 a 93 então eu fiquei sabendo que esse nome foi por causa duma índia, que tinha uma índia chamada Ita e tinha um porto (referente a uma cachoeira) aqui por trás dessa rua aí que chamava Itacajá, aí aproveitou esse nome. Botaram Ita por causa da Índia e Cajá por causa do pé de cajá que tinha no porto. Mas quando cheguei aqui esse nome já existia, já era velha a cidade, ela se emancipou em 53.

Mudei pra cá porque já tinha os meninos com seis anos tudo grande querendo estudar, aí foi obrigado mudarmos pra cá pra cidade porque a fazenda ficava distante e não tinha como meus filhos vir pra cidade pra estudar, então tivemos que mudar por causa dos filhos, por causa da educação dos filhos.

Nós nos adaptamos fácil. Quando eu cheguei pra cá em 1980 no dia 15 de abril e no ano seguinte eu registrei uma firma, comecei a mexer com comércio que durou um período de uns 12 anos, até 1993. Aí entrou o negócio do plano do Sarney, plano esse que não sei o que era, aí eu saí do comércio, acabou tudo. Larguei porque não tinha estabilidade. Logo faltou mercadoria no mercado, então a gente foi obrigado a vender tudo barato porque não tinha aonde comprar, aí fui obrigado a sair do comércio e perdi o estoque. O governo nos obrigou a vender as coisas mais barato. Eles fizeram as tabelas aí botou nas mãos de todo mundo aí na rua, aí o pessoal vinha comprar as coisas nas lojas com as tabelas na mão. E ele anunciava em Rádio, anunciava em todo lugar aquelas tabelas, aí foi obrigado todo comerciante vender e quando terminou o estoque aí num tinha aonde comprar. O Governo criou essa tabela sem que nós comerciantes soubéssemos. Anunciaram em rádio, em todo lugar era o que se escutava. A Rede Globo quando toma conta de uma coisa ela acaba mesmo, foi terrível esse negócio. Acabou com tudo quanto foi comerciante. Na época a mídia teve um papel fundamental para que isso acontecesse rapidamente. O governo querendo criar nome, então todo comerciante foi obrigado vender barato e todo mundo vendia no preço da tabela porque ninguém não comprava se não estivesse no preço da tabela, se não vendéssemos, eles nos ameaçavam e iam pra justiça, aí éramos obrigados a entregar a mercadoria. Ele queria desfavorecer o comerciante e ficar bem com a sociedade, ele pensou foi isso. E acabou com o comércio.

Quando mudamos pra cá foi só um dia de viagem, é pertinho. Vim em um caminhão, eu tinha comprado um lote. No derradeiro ano que eu passei na fazenda, que eu trabalhei um ano na Davilândia, eu peguei um ano de parição que tinha, peguei e vendi e comprei um lote bem aí nesse lugar onde eu moro bem ai. Aí meu sogro tinha uma terra aqui pertinho e eu fui trabalhar na olaria, ganhei o material e fizemos a casinha e mudamos pra dentro dela no dia 15 de Abril de 80. Foi um ano de serviço. Eu passei cinco anos lá no interior, no derradeiro ano de trabalho eu dei nesse lote, derradeiro ano. Deu pra comprar umas coisinhas, tinha comprado uma chácara nesse tempo, fiquei com a chácara, um pouquinho de gado também. Aí eu mexi no comércio, o comércio foi muito bom pra mim. Se num fosse esse contratempo, eu tinha arrumado as coisas com o comércio, mas com esse negócio acabou a vontade de trabalhar no comércio. Desmotivou tudo. Não fui só eu não, foi todo mundo aqui. Tinha umas firmas grandes que vendia pra nós aí, por fim não venderam mais, não forneceram mais nada pra ninguém. Depois que secou tudo com um bom tempo ele apresentou mercadoria de novo no mercado, mas aí já tinha acabado esse plano. Foi o Sarney, parece que foi o Sarney que fez esse plano.

Quando mudamos pra cá foi de carro, mas, no entanto, quando foi pra sairmos da fazenda não tinha estrada, então tive que fazer uma estrada lá de machado com os companheiros lá, pra fazer a mudança. Tivemos que roçar, derrubar pau. Era pertinho, não era longe não, eram só uns 4 km da estrada. Antes de viajarmos nós nos alimentávamos. Na mudança trouxemos arroz, a mobília decasa, as coisinhas que nós tínhamos lá e os três filhos porque o último já nasceu aqui. Teve uma coisa que eu fiz lá que eu não pude trazer foi um pilão. Eu trabalhava com madeira fazendo essas coisas, lá a gente tinha que fazer tudo. Se o cara tivesse coragem pra trabalhar aprendia fazer muita coisa, “só depende da gente mesmo”, porque tudo é fácil na fazenda, né? Trabalhava com roça, tinha arroz, tinha feijão, tinha farinha, galinha, nós tínhamos muita fartura lá, a criação era boa.

Quando nós chegamos aqui em Itacajá, Itacajá era uma cidade que não tinha água encanada, não tinha energia e não tinha telefone também, faltavam muitas coisas, não tinha esse movimento que tem hoje, não tinha televisão não tinha quase nada mesmo. Mas já era cidade, isso aqui foi emancipado há muito anos atrás, em 1953.

Na época que cheguei já tinha muita casa construída, só que essa rua que nós moramos aqui era pouca casa não era muita não, e as casas era tudo pequenas. Quando mudamos, viemos direto pra cá, não convivi com os índios não, nunca tive convivência com eles, só quando eu tinha o comércio que aí eles compravam na minha mão, sempre compravam. Tinha uns que eram fregueses mesmo: Xanro, índio Xanro, tinha outra a Laurinda, que eram fregueses que compravam fiado, mas pagavam direitinho. Eles eram os índios mais velhos.

A decisão de vir pra cá foi nossa mesmo, não foi por indicação de ninguém não. Eu casei e fui pra essa fazenda porque não tinha pra onde ir, mas depois que arrumei as coisinhas num quis mais morar no sertão não. A vida no sertão é muito difícil e ainda tinha os meninos pra estudar, né? Foi isso que me fez mudar pra cá, foi isso. Era muito bom. Mas tinha essa desvantagem. O patrão mesmo não queria que eu sáisse de jeito nenhum da fazenda, fomos obrigados a sair alegando esse motivo, se não fosse por isso talvez tivéssemos ficado por lá mais tempo. Existiam muitos moradores aqui na cidade, eu não sei o quanto, mas no município eram 14 mil habitantes quando nós chegamos aqui, hoje não tem mais essa quantidade não, só tem sete mil e pouco porque foi dividido em outros municípios, né? Aí tiraram o Centenário, tiraram Recursolândia e Itapiratins, tudo povoado grande. Agora também já são tudo cidades. Aumentaram três municípios, cada um deles tem quase a mesma quantidade de gente que tem aqui, isso foi no ano de 1992/93 mais ou menos que criou esses municípios aí. Quando nós chegamos aqui era Estado de Goiás, aí criou o Estado do Tocantins em 1988, parece que foi. Aí nomei o do ano teve uma eleição com um mandato de dois anos, parece que foi. Nesse mandato eu fui candidato a vereador, me elegi aí de 1989 a 93. Quando eu fui eleito ainda trabalhava com o comércio, fui comerciante da década de 1980 até 1992 mais ou menos. Quando começou a campanha eu era comerciante ainda. A gente já tinha casa aqui, uma casinha nesse lugar bem aí (onde hoje é o hotel).

Essa casa eu ajudei fazer, quer dizer eu era servente e eu paguei um pedreiro e fizemos a casa aí. A casa num tinha nem banheiro quando nós mudamos pra dentro dela. Eu continuei trabalhando com roça, nós tínhamos uma chácara perto, né? Eu mexia com roça e passamos um ano vendendo leite também. Depois que fixamos moradia aqui em Itacajá, além de trabalhar com roça, o primeiro passo pra conseguir ganhar mais algum dinheiro foi com o comércio de onde eu complementava o sustento da família. Na época eu tinha três filhos que a gente trouxe quando mudamos pra cá, mas a mulher veio gestante e com uns três dias a mulher ganhou nenê e aí já foi no hospital do doutor Luiz.

A saúde aqui ainda era precária. Tinha um médico aí, esse que eu estou falando, esse doutor Luiz. Ainda hoje tem esse hospital aí, mas não tinha estrutura nenhuma não. O médico era só formado, mas num tinha muito equipamento não, trabalhava só com a coragem, não tinha nada. Era só com a cara e coragem. Matava gente aí, não fazia exame nem nada, chegava um, chegava outro, ele metia a “faca” e operava, tinha deles que ficava bons outros morriam, mas de qualquer maneira servia muito. Apesar de não ter muito recurso, ele foi fundamental na época, serviu pra muita gente, até porque as pessoas no início do município não tinham muito recurso pra sair pra fora. Não tinha ambulância, não tinha coisa nenhuma, naquela época era difícil. Os moradores daqui também não tinham condições pra ir procurar outro meio de saúde fora.

Aqui só tinha Hospital em Pedro Afonso, Colinas e Araguaína e ainda hoje é assim, essas cidades mais perto não têm Hospital bom não. Depois que vim pra cá, eu voltei onde eu nasci só a passeio, pra morar não. A fazenda lá aonde eu nasci não é mais nossa, foi vendida. Passo lá hora por outra, mas não tenho mais vontade de morar lá não, pouca gente que eu conhecia lá. Da família mesmo lá não tem mais ninguém, meus irmãos foram pra Pedro Afonso estudar e pra lá se espalharam tudo, meu pai morreu lá em Pedro Afonso no ano 2000 e minha mãe morreu, mas nós estávamos lá na fazenda ainda. Quando vou pra Pedro Afonso passo lá, mas a passeio, mas não tenho mais nadalão. Acho que meus filhos não têm vontade de conhecer onde eu nasci não porque eles nem falam. Tem o cemitério que minha mãe é sepultada, nós sempre vamos lá dia de finado botar vela lá. Lá tem minha mãe, meu avô, meu avô materno, têm dois irmãos meus enterrados, meu pai é sepultado em Pedro Afonso.

E quando eu mudei de Pedro Afonso pra cá nós viemos de animal, de animal. Passamos dois dias pra chegar porque tinha uma meninazinha que vinha devagar, carga no animal e no inverno parava um pouco pra descansar pra comer e viajava de novo. Mais era frito “fritada”, comida frita que nós trazíamos na viagem. Às vezes descansava, passava meio dia nas casas das pessoas, e elas nos ofertavam algumas coisas, né? E nós seguíamos. Tinha pessoas conhecidas que moravam ao longo da estrada que nos davam algo. A água na viagem não foi o problema porque era inverno, então água não faltava porque tinha em todo lugar.

Sobre essas histórias da viagem de onde a gente nasceu, a gente conversa com eles, eles sabem de tudo como que foi a viagem. Esse pessoal novo não tem a “cabeça” pra essas coisas não, não se interessam em saber não, mas eles sabem, os mais velhos se lembram da fazenda onde nós moremos, eles sabem. No entanto, se interessam quando a gente fala que morou naquelas fazendas, eles acham bom. Gostam da conversa. A origem assim, né? Essa mulher bem aí foi a mulher com quem eu casei lá e até hoje nós moramos juntos. Hoje eu não tenho mais coragem pra sair pra lugar nenhum pelo motivo que eu já tenho problema de saúde e eu não penso em mudar mais pra lugar nenhum não, vou ficar por aqui mesmo. Se tivesse com a saúde boa eu ainda estava morando na fazenda porque hoje está mais fácil, tem energia, tem fazenda com energia, pega televisão, água encanada pra casa, tem toda facilidade, essas coisas que tem aqui quase tudo tem lá, até telefone, se eu fosse novo e tivesse com saúde eu morava lá, temos a casa lá na fazenda que é a casa que o vaqueiro mora, tem outra casa que fizemos pra descansar lá, têm o trocaleiro que olha as galinhas, que olha as coisinhas nossas lá.

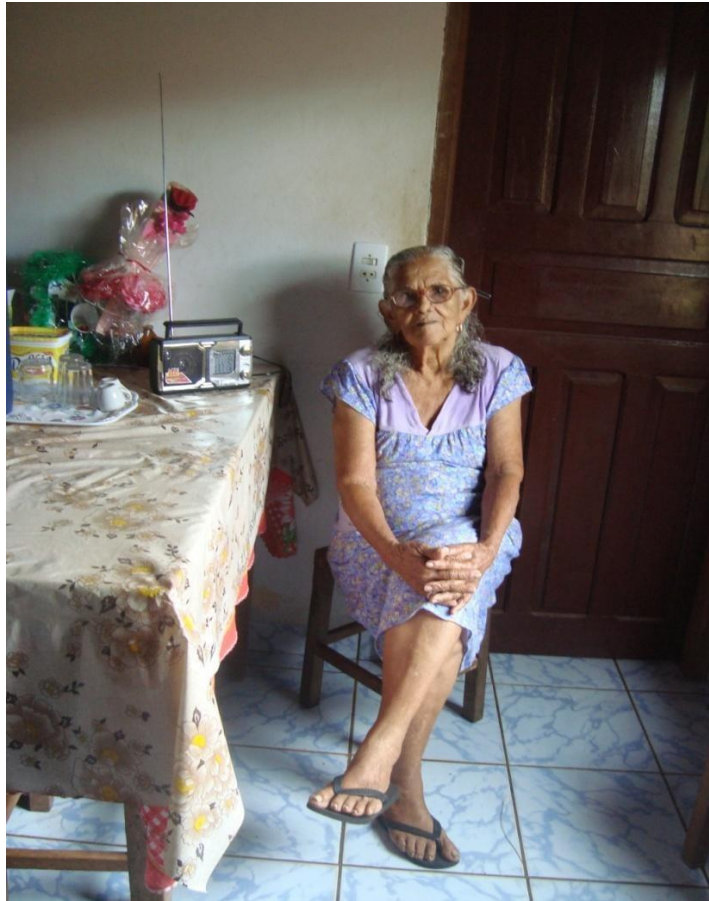
Hoje mesmo eu saí de lá agora de tarde. Fui meio dia pra lá e voltei agora de tarde. Eu não sei não, acho que não faria essa viagem mais não, não queria ir para aquele lugar mais não. Lá onde nós nascemos e nos criamos era um lugar ruim, lugar difícil, as coisa lá. Não tinha transporte, não tinha nada, era muito mais difícil do que hoje, hoje é muito mais fácil. A gente tinha as coisas pra vender, tinha arroz, tinha farinha e não achava quem comprasse, dinheiro era muito mais difícil do que hoje, hoje está fácil demais.

Está todo mundo pegando em dinheiro aí. Lá continua quase a mesma coisa. Tem uns fazendeiros lá que evoluiu pouca coisa que eu reparei, uns aumentou o rebanho de gado, têm outros que fez foi acabar. A única facilidade que teve lá é porque passou, fizeram uma estrada, o asfalto que passa bem dentro da fazenda que antes não tinha. Lá nós morávamos numa casa de palha feita de madeira branca, parede de barro, o ambiente lá era desse jeito. Quando nós saímos de lá ficou uma irmã nossa lá casada que morava lá encostada, mas casa ficou só, casa grande lá, casa boa. Tinha porta toda arrumadinha, aí meu pai vendeu a casa, vendeu a propriedade lá porque uma filha dele adoeceu e ele ficou gastando, gastando até quando foi preciso vender a terra porque era brigado transferir ela e ela acabou morrendo. Meu pai andou em Goiânia muitas vezes com ela, mas não teve jeito.

### LINDAURA SOUSA DOS SANTOS

Entrevista em 20/01/2011

Dona Lindaura, uma senhora que soube com clareza contar toda sua história com alegria e em certos momentos com um ar de tristeza por relembrar de passagens que foram muito doloridas na sua vida.



“Eu achava tão bom quando eu vinha aqui, que comprava o comer que ia comer lá, mas eu achava bom, lhe digo como era tudo tão gostoso, pois é”.

Eu nasci na Sacada, três léguas do Tocantins, entre o Manoel Alves e o Tocantins, mais perto do Tocantins do que do Manoel Alves. Minha mãe nasceu aqui na ponta do Tocantins adiante, pra cá de Pedro Afonso, entre Pedro Afonso e Sacada e o pai nasceu na Sacada mesmo. Nasceu, se criou, casou e morreu na Sacada que é município de Itacajá. Lá nesse lugar só tinha dois moradores que era meu pai e meus avós que moravam pertinho, meu avô chamava Antônio Corrêa e minha avó Carlota, pois é. Que eram os pais de meu pai. Tinha outros vizinhos, mas ficava distante, não era pertinho não. Era perto da mata só que a mata ficava assim para um lado e nós para o outro lado. Aqui chamava Porto do Vau, pois é. Que chamava primeiro aqui, aí que depois mudou pra esse nome Itacajá. Eu não sei não, não vou mentir, num é? Até já tenho uns poucos de janeiro, mas é assim: não era nada, uma que eu casei e era danada pra trabalhar de roça e aí tive muitos filhos, num é? Eram seis homens e seis mulheres, pois é, que eu tive. E criei uma neta porque minha filha

adoeceu, aí foi se tratar e então eu fiquei com a menina, quando a mãe ficou boa ela não quis mais ir pra onde a mãe, ficou comigo até o dia que saiu pra ir pra São Félix do Xingu pra casa duma tia pra estudar pra lá porque tinha ficado reprovada, aí disse que não ia mais estudar aqui, aí essa tia que morava lá, e eu disse: Zelí a Elza que ir mais tu. Disse que quer ir estudar lá. “Tu a queres”? Ela disse: “quero, só num responso os feito dela”. Ela que me disse. Aí ela foi quando estava com um mês que ela estava lá ela fugiu com um empregado lá da companhia, pois é. Aí minha Zelí falou pro marido dela pra ir conversar com o homem pra ver como era que ia ficar esse negócio porque ela não era “defunta” sem choro. Aí ele disse que não, se ela quisesse fosse porque a sobrinha era dela, pois é. Aí ela foi, aí conversa lá com o homem, se entenderam bem, passou um contrato civil. Então ela passou ainda dois anos mais eles, aí eles foram um passeio lá, meu filho daí da Sacada foi um passeio lá, aí quando chegou lá foi para um banho, moço eu não gosto de falar em banho de jeito nenhum. Você crê isso? Gosto não. Banho só de casa mesmo, não é? Ou de uma grota que você nasceu e se criou vendo ela, num é? Mas pra ir banhar em rio não. Aí quando o Milton que é meu filho mais velho disse: “está bom de nós irmos atravessando esse povo antes de escurecer”. Aí disse que esse homem chamava Vaudivino, o que casou com essa neta. Esse homem quando viu os meninos não largou mais de jeito nenhum, aí disse: olha Vaudivino eu vou mesmo. Aí ele estava com a chave e jogou nas pernas da Doraci que é uma sobrinha minha, aí ela guardou a chave. Quando estava querendo escurecer tinha uns meninos se afogando e ele tirou os meninos pra fora, botou dentro do barco e aí na mesma hora sumiu, aí pronto passaram a noite todinha, vieram achar no outro dia nove horas, morto. Aí essa minha neta que tinha tido criança estava com dois meses, não conheceu pai.

Resolvemos mudar pra cá porque o velho adoeceu e nós morávamos na fazenda de junto do Zé Rocha, nosso lugar lá chamava Mancinha, pois é. Nós morávamos na Sacada e tínhamos um gado, então fomos ser vaqueiro e deixamos nosso genro de vaqueiro. Quando ia lá ao lugar que nasci e me criei, vendo vaca no curral que não acabava, pois é. Aí danou a morrer, aí só sendo “erva”, só sendo. Ficaram cinco bezerros enjeitados. O Aldemir ficou lá mais o Antônio que era meu genro, aí o Aldemir vinha onde nós estávamos -, pai se nós não tiramos o gado de lá vamos ficar sem gado, aí meu velho andador achou essa fazenda Mancinha aí compramos e mudamos o gado de lá da Sacada pra cá município de Itacajá, é três léguas daqui lá, pois é. Aí ficamos e fomos ser vaqueiro do Clovis Noleta no município de Pedro Afonso cinco anos, o lugar chamava Vitória. Passamos esses cinco anos, então Idaleto Corrêa que morava aqui em Itacajá mandou chamar o José porque queria falar com ele, que era pra ele ir ser vaqueiro na Serra, daqui lá dá duas léguas, aí o José veio conversou com ele, aí de lá nós mudamos pra lá pra esse lugar nosso pra plantar roça e na Serra desse Idaleto ficamos outros cinco anos. Aí ele adoeceu em novembro aí foi preciso sair no fim de novembro e iam completar cinco anos só em dezembro. Foi pra Goiânia, aí melhorou. Foi derrame que deu nele, passou vinte anos bem, ainda andava montado, dançava porque ele gostava de festa de um tanto só se visse, anda no campo, tudo. Ficou bem. Mas com vinte e um anos ele tornou adoecer, aí foi de mal a pior, foi quase um ano, oito meses, a gente nem morava aqui, nem em Colinas era só de lá pra cá até o dia que Deus tirou, pois é. Essa vida da gente só aquele pai sabe, num é? Mas a gente não sabe. Eu digo assim: só se Deus quiser. Porque nós éramos sete irmãos dessa irmandade, meu pai casou-se duas vezes e morreu com a idade de 65 anos, casou duas vezes. Aí dessa derradeira família, ele teve só cinco filhos, morreu dois e ficou três que ainda estão vivos, mas dessa irmandade minha aqui que éramos sete só tem eu que é da primeira mulher, pois éramos duas mulheres e cinco homens.

Foi muito difícil pra eu me acostumar aqui na cidade, mas como meu velho vivia doente então os meninos acharam melhor vir embora pra Itacajá porque na hora que meu velho melhorava ele queria trabalhar. Vamos uma casa na cidade, então eu disse que só se fosse uma chácara perto da cidade pra eu ficar, que eu pudesse ir à cidade compra as minhas coisa e ir comer lá no mato porque na cidade eu não queria ficar. O Aldemir pediu para um cara que chamava Eliseu que era muito amigo dele lá no engenho a preferência caso ele fosse vender a localidade ele era o preferente, aí ele lá por desconto do pecado ele deu vontade de vender e ofereceu a ele, aí vendemos um gado e vendemos essa terra lá na Mancinha e compramos, fez o meu gosto. E eu achava bom demais rapaz, mas lá. No dia que dormia aqui na cidade pra mim eu não dormia, era uma muriçoca que num tinha quem desse no fim. Mas foi indo a gente, com muito remédio num é? Essa praga de muriçoca foi acabando porque tamparam aqueles canos que saíam das fosses, num é? Tampando as boca lá, diminuíram as muriçocas, aqui em casa não empata a gente dormir não, pois é.

A viagem que fiz da Mancinha pra cá foi de carro, mas da Sacada pra Mancinha foi de tropa, era dez léguas, pois é. Vinha com a família toda. A gente trazia tudo, era uns vinte e poucos animais e vínhamos todos montados, pois é. Era uma carga danada, quem é rico não têm bagulho, mas pobre têm. Não é? Pois é, a gente parava, dormia. Quando nós mudamos a primeira mudança foi da Sacada foi de tropa, nessa viagem o alimento já trazia preparado, o frito feito, sacão aí no meio da carga, pois é. Cozinhar mesmo só quando chegou. Trazíamos carne cozinhada frita e fazia só o café, pra tomar comendo aquele frito ou banana que a gente encontrasse, comprava pra comer com o frito. A caminhada de lá pra cá a gente encontrava moradores, mas ninguém conhecido, pois é. E aí comia mesmo do da gente, num é? E nunca Passamos fome, graças a Deus. Gastamos poucos dias rapaz, foram dois dias de viagem da Sacada na Vitória, não foi nem dois dias completo não, chegamos de tarde ainda com hora de agasalhar a dormida, num é? Ah, agora pra chegar aqui na cidade foi de carro, quando nós mudamos pro Engenho foi carregando como touro carrega mandioca até quando carregoutudo, que era lá e cá, era partido os trens, era lá e cá antes do José morrer nós vendemos e mudamos de vez pra cá.

Rapaz, aqui eram só quatro casas quando eu conheci Itacajá que na época era Porto do Vau que chamava, aí depois o Vau mudou o nome pra Itacajá. Rapaz eu era lembrada de um tanto que o pessoal ficava admirado, eu digo: é Deus que é comigo toda vida. Era conhecida, essa casa era do filho do seu Coriolano, essa aqui, aquela ali da Maria Félix. Esse Timóteo veio de lá, ele era vaqueiro e comprou essa casa bem aí nesse lugar. Foram essas quatro casas aqui. Era assim uma vage, umedecia pra todo canto, era assim um vagão de piar animal, mas era bonita não era a vista o que a gente tinha costume de vê, num é? Pois é. Era tranquilo e hoje rapaz. Esse movimento todo já está demais. Você crê que eu custei acostumar. Meu marido ainda morou aqui, quando os meninos compraram essa casa ele estava vivo, ainda passou cinco anos a mais aqui, mas naquele tempo não tinha esse movimento não, num tinha esse hotel (Hotel São Luis) aí e aquele de lá (Hotel Brasil) e nem essa venda bem aí, era mais tranquilo, mas aí você sabe tem quem goste.

Não, nunca morei nas terras dos índios, eu tenho até medo de índio. A primeira vez que eu vi índio eu estava de resguardo quase até quebro o resguardo, porque é um bicho que está falando da gente e a gente não sabe o que estão falando da gente, num é? Ave Maria. Uma tia minha estava comigo e os outros estavam pra roça plantando arroz, aí essa tia minha foi lá na casa dela que ficava perto e num instante ela foi lá e voltou logo, quando ela chegou eu estava pra morrer de medo, aí ela disse assim: não vão embora porque minha sobrinha está pra morrer de medo de vocês. Aí tinha um irmão meu que morava assim mais distante e eles foram pra lá, ele estava pra roça também, pra lá ascenderam fogo, tinha só a mulher em casa, aí ficaram pra lá, mas ainda tinha ficado uns que aí foi



no tempo da morte do finado Mundico Soares que tinha se estranhado com os índios porque eles estavam roubando dele e aí quando o compadre Doca que era meu irmão chegou com o rife nas costas, aí eles ajeitou o Mundico Soares e aí correram e foram ficar lá com os outros e de lá mesmo foram embora no outro dia, ave Maria eu não gosto nem de mim lembra. Não gosto de índio não. Nunca me fizeram mal, mas também eu tenho medo porque não tenho convivência nenhuma com eles, num é? Quando vim pra cá eles já andavam por aqui, mais eles não ficavam aqui não, eles vinha e voltavam e agora tem casa aqui dentro da cidade, casa boa. Casa que era da Senhora Maria Sônia, casa boa faz até pena índio morar. É lá perto daquele meu filho que andou aqui, a casa é topada assim, só tem divisa à parede.

No entanto, não demorou muito tempo não pra cidade crescer, foi chegando de pouco a pouco quando dei fé olha aí Itacajá grande, num é? Foi ligeiro, aumentou. Ainda tem algumas pessoas vivas que eu conheci quando cheguei, tem a Alvina do finado Cariolano, a mãe do Ira, Luíza da Marta que está viva ainda, está caduca, caduca, caduca. Por isso eu digo pra meus filhos, eu quero viver até o dia que Deus botar a mão em cima de mim pra dizer agora é a sua hora porque eu não quero caducar não, é coisa triste. A gente viver é bom demais, mas pra perder a mente e conversa miolo de pote, pro pessoal ficar rindo. Olha, duas coisas meus filhos têm que fazer comigo, no dia em que eu morrer, se eu morrer de manhã pra meio dia de tarde mesmo tenho que ser enterrada. Isso aí eu peço todo dia pra Luzenir e pro Vaucir que é os que têm aqui mais comigo, não é? Porque de primeiro morria uma pessoa aquilo era um sentimento, era coisa do outro mundo, não era? Se eu nasci e me criei vendo meu pai, quando morria um amigo da família ou que não fosse, fosse só porque gostasse aquilo era um sentimento, durante um mês ninguém falava em festa, você crê isso? Pois é. E hoje está morto aí, e a festa está bem aqui, não quero ficar assim não, não é? Não tem mais ninguém que tenha amizade, respeito pela pessoa, não é? Não. Pra mim está tudo diferente. A saúde aqui em Itacajá quando eu cheguei era até bom rapaz, não era ruim não, não via falar que morria ninguém e agora está um morredor de gente aqui. O cemitério aí é grande, mas está ficando pequeno, estão pra ínterar um em cima do outro, meu lugar já está lá de junto do meu velho. Aí, um dia eu me zanguei e disse assim: “vou embora pra São Félix, eu tenho duas filha que moram lá”. Aí disseram: “e seu lugar”? Aí eu disse assim pra ele: “não, pode dá a outro porque não estou me importando não, pra cá eu não venho mais não”. Deixa que vem outro e fica aí, onde eu morrer quero ser enterrada, não quero andar aí pra cima e pra baixo não, num é? Era bom se não morresse e não tem essa e não quero virar bicho. Nasceu tem que morrer, num é?

Quando alguém adoecia aqui, tinha que ir pra Carolina-MA ou pra Pedro Afonso e o transporte era motor, lancha, eram essas coisas. Era carregado na rede até a beira do rio e lá pegava o motor. Quando mulher ia ganhar menino, aquela que tinha um parto bom, tudo bem, mais aquelas que tinham parto complicado, que não dava pra ter o bebê, morria de parto. Minha filha morreu de parto, a segunda mais velha, a mais velha era de 1942 e a outra de 1944, essa morreu de parto do primeiro filho, aí ficou o menino, eu pelejando com ele e quando estava com um mês que a mãe tinha morrido ele morreu. Era tão bonito, porque não era pra se criar. Ele é filho daquele Zé Costa crente que tem aí, a mulher dele chama até Maria das Graças. É minha sobrinha. Na época quem fazia os partos eram as parteiras, eu tive doze filhos e todos os doze foram as parteiras que pegaram, não sabia o que era médico não, pois é. Meu médico era aquele (Deus), num é? Só Deus, e foi até o fim. A fé era tão grande, num é? Criei todos, todos os doze, aí depois de muito tempo morreu as duas mais velhas que era a Alderina e Joana.

Não, eu não escolhi morar aqui não, foram meus filhos quem quiseram, eu mesma não queria sair da roça, a não ser pra chácara assim como tinha o engenho que foi minha preferência. Eu achava tão bom quando eu vinha aqui que comprava o comer que ia comer lá, mas eu achava bom, lhe digo como era tudo tão gostoso, pois é. Trabalhávamos de roça quando estávamos na fazenda, quando saímos que viemos aí para a chácara lá tinha uma baixada então à gente capinava pra plantar feijão, mas aqui nós não trabalhamos de roça não, aí então vendia um gado pra conseguir algum dinheiro pra compra o alimento, não é? Pois é, depois que mudei pra cá eu voltei lá onde eu nasci, tenho uma filha que mora lá, lá perto de onde eu nasci e me criei. O marido dela morreu e ela tem casa em Tupiratins, duas casas, mais o filho dela não quer sair de lá não, ele é assim meio surdo e aí não quer de jeito nenhum morar na cidade, quer ficar na fazenda mesmo, então ela não quer contrariar ele, o menino. Lá mudou, mudou tudo porque vai ficando, vai chegando outras pessoas novas e aí já é outro sistema, num é? Ah, eu preferia está morando lá no engenho, só deixei os meninos venderem porque eu não ia ficar que nem gato em tapera, sozinha porque esse pessoal novo não quer saber de chácara não, não é?

Meus filhos todos conhecem o lugar onde eu nasci porque todos nasceram lá, quando eu mudei pra cá, não tive mais filhos. Deixa-me ver se eu lembro, 1965 ou foi em 1966 que nós mudamos da Sacada pra Vitória, em 1966 que nós mudamos da Sacada pra Vitoria, pois é. Meus filhos já tinham tudo nascido, o mais novo é de 1965. Eu já contei essas histórias pra eles, tanto para meus filhos como para os netos, cansei de contar. Eles reclamando bem aí das coisas, então eu falava “você não sabem o que é sofrimento não”. Sofrimento eu sei contar. E como lá diz, meu pai tinha recurso, meu avô tinha recurso, então eu não fui criada com a mão de “capoeira” não. Gente hoje em dia só vive porque Deus concede, é um pessoal que tem preguiça, porque é que tem essa necessidade hoje em dia? Você sabe por que é? É só por causa da preguiça. Com esse negócio desse estudo o pai não bota o filho pra trabalhar, aí deles que tem boa mente não dá pra roubar e outros dão, não é não? Não é por conta disso? Porque quem não trabalha e não tem o que vender tem que roubar, num é? Mas a força de Deus é grande, quem se apega com Deus, com Deus é valido, num é? Porque nada que é dos outros satisfaz a gente, o que serve pra gente é o da gente porque você suou, mas esse negócio de não suar e querer se apossar do que é alheio Deus não se serve disse não.

Antigamente não tinha tanta violência assim não, o pessoal eram outros, mas agora com essa civilidade aí é que apresentou mais. Eu sou velha e sou besta, mas sei por que eu não via isso. Cada qual com o que é seu. “Feliz cada qual com o que é seu e o diabo não têm o que fazer”, num é? Pois é, porque a gente com o suor dos outros a gente não vai pra frente não, vai morrer porque ele não suou, num é? Pois é, se fosse pra eu fazer eu faria porque eu gostava de andar montada, andar a cavalo é bom, eu tirava que nem via. Eu nunca me arrependi não porque é vivendo e aprendendo, num é? Se não tivesse mudado não sabia o que era dificuldade, não é? Porque se ficar só em lugar toda vida não vê nada. Eu nunca fiquei sem andar como eu estou agora, só vejo quem vem aqui ou quando eu estou ali na casa da minha filha no pé da mesa que ela me chama porque eu como lá mais ela, aí eu estou vendo aquele pessoal almoçar, mas eu me soco aqui dentro de casa, mas eu acho tão bom em minha casa. Eu acho bom na minha casa, fico sossegada, tranqüila, num é? De sofrimento mais do que eu já sofri só Deus sabe. Tive muitos filhos e pouco recurso, trabalhando que só uma louca de roça, capinava. Olha isso aqui não foi o “diabo” não foi o machado, (refere-se à cicatriz na perna) esse corte aqui foi cortando lenha, aí o doutor Luiz que era o médico daqui só deu três pontos que sabia que eu ia morrer, mas ele não era Deus. Não era meu dia e aí não morri.

Tinha uma roça de arroz pra pegar e não achava quem pegasse então eu “enlinhavava” essa perna, “enlinhavava”, “enlinhavava” e ia pegar o arroz quando chegava destampava porque se não até apodrecia o couro, pois é. Eu estou firme até o dia que Deus quiser, num é? No dia que ele não quiser. Ele é quem sabe do dia, num é? Eu só tenho medo, eu não tenho medo de morrer, só tenho medo é de dar trabalho porque tenho visto tanta gente desamorosa com a família. Pega o velho bota no asilo, não é? Esses pra mim não é filho de Deus não. Porque eu labutei com minha avó, minha tia que era filha da minha avó Carlota. Até mudei da Sacada pra cá, fui pra Vitória, da Vitória vim pra Serra e na Serra ela morreu essa tia que pelejei até na última hora, então eu digo que é tudo isso que está me segurando, as caridades que eu fiz, eu só besta, mas eu sei. Só com a gente está vivendo e não sofrer não sabe o que é, num é? As coisas boas que a gente faz só servem pra gente mesmo, eu digo que de lá onde eles estão eles estão me segurando porque eu estou viva ainda por conta das caridades que fiz cuidando dos meus avôs, meu avô, minha avó, tia, do meu pai, pois é. Mãe eu não sei por que eu não conheci minha mãe, minha mãe morreu de parto do senhor Nercino que era o derradeiro filho que saiu assim atordoado, mas viveu até vinte e oito anos, com vinte e oito anos ele morreu, este foi até a avó Carlota quem criou, mas ela não deixava assentar uma mosca, ele passou cinco anos sem caminhar, aí ela tinha recurso então vivia no remédio, no remédio até quando ele caminhou, caminhou, mas tinha hora que ele desaprumado demais, outra hora estava direitinho. Pois é, chamava Nercino. Aí meu pai casou-se com outra mulher, mas a madrasta era boa, porque “madrasta só o nome abasta e o diabo arrasta”, mas essa minha era boa. Porque é difícil, é difícil, mas na falta da mãe como essa não tem, não tem. O sujeito que perde a mãe ele perde tudo de bom que ele tinha na vida, como diz o ditado “o bezerro não berra pelo garrote só pela vaca”, num é? Pois é. Porque o pai é pai bem verdade, mas não são todos que tem coração, num é? Têm tantos que a gente fica pensando como é que tem coragem de fazer o que alguns pais fazem. Acho que tudo isso me ajuda, porque eu não nasci sem coração, meu coração é bom e hoje em dia é de ser o que Deus quiser, num é? Não é mais e nem menos, pois é. Eu fico imaginando, eu criei meus filhos e todos são trabalhadores porque naquele tempo se ensinava, botava professor dentro de casa e ensinava, tirava e botava pra trabalhar no comércio, pra Itacajá, tirava pra Tupiratins, Colinas, eu tinha filha que botei em Colinas, essa Zeli, essa que mora em São Félix é alfaiata, pois é. Minha sorte é esses filhos que eu tenho porque se eu não tivesse nem sei o que seria de mim e assim mesmo muitos diz que não querem ter filhos, diabo tu vai morrer onde não sabe como e os outros não estão obrigados cuidar, diz logo que não é nada dele, que diabos ele quer com isso, não é não?

## JOAQUIM MONTEIRO

Entrevista em 20/01/2011

Joaquim Monteiro com seus 90 anos ainda caminha com seus passos macios por Itacajá, e com toda a sua boa vontade relatou tudo que ainda conseguiu resgatar da sua memória com muita satisfação para colaborar com a valorização da memória de Itacajá. .



“Itacajá a vista do que era melhorou muito, esse movimento todo é bom não me perturba não”

Eu nasci no Maranhão, no Topo Aparecida, minha mãe também e meu pai no Piauí. Quando eu vim pra cá meus pais já tinham morrido, então eu vim pra cá com minha mulher e meus filhos. Lá onde nós morávamos chamava Lajinha era sertão e o local era nosso mesmo, era uma fazenda no município de Mangabeira, São Raimundo da Mangabeira que foi herança da minha mulher da (a)finada Maria. Quando vim pra cá, o nome Itacajá já existia. A gente veio pra cá porque lá onde nós morávamos era muito seco e a água era longe, então nós mudamos pra cá porque a água é mais perto, lá no verão era muito seco e no inverno era muita água e no período da seca nós íamos buscar água com uma distância de uma légua no riacho de carga pra cozinhar, pra fazer tudo. Então eu me acostumei rápido aqui porque a dificuldade que a gente tinha lá, aqui a gente não tinha, aqui tinha escola onde meus filhos foram estudar e lá a escola era distante e pobre não podia sair pra estudar, mas aqui já tinha o Colégio Estadual. Porém quando cheguei aqui isso tudo era mata e tinha muita piaçaba, tinha casa da li do lado de baixo até na beira do rio e só eram duas ruas e a gente botava roça aqui mesmo nessa parte que era mato. Nós viemos pra cá no lombo de jumento, cavalo, burro que foi o nosso transporte do Maranhão aqui, um bocado dos animais traziam a mudança e bocado das pessoas vinha montadas e outras vinham a pé, nós gastamos vinte dias pra chegar aqui porque nós arranchávamos e às vezes no lugar que arranchávamos a gente dormia, era muita gente um bocado já morreu, o povo mais velho. Eram todos da família.

Nessa viagem a nossa alimentação era carne, arroz, matamos uma vaca e trazíamos, trazia feijão, saco de arroz matamos um porco pra tirarmos o toucinho pra temperar e a carne nós trazíamos frita e cozida. Agora pra beber água nós arranchávamos na beira do ribeirão e quando saía colocava nas cabaças que era o que a gente usava de primeiro. Na mudança nós trazíamos tanta coisa rapaz, roupa, rede, prato, colher, panela, eram essas coisas.

Quando nós chegamos aqui tinha poucos moradores e eu não conhecia, nenhum, mas com a convivência no dia a dia não demorou muito pra nós pegarmos amizade, aí foi aumento, foi chegando, foi chegando e hoje está uma cidade. Na época saúde aqui não tinha, quando adoecia alguém tinha quer ir pra outro lugar, ou ia pra Pedro Afonso ou pra Goiânia e era de animal porque estrada não tinha, depois com muito tempo foi que fizeram a Belém-Brasília que viajava carro, aqui num tinha nem gente que tinha carro, só tinha a Prefeitura que tinha um caminhão, mas tudo era na tropa. Tinha o motor que vinha de Carolina, atravessava de canoa ali. Não tinha a ponte ainda só depois mandaram fazer uma de madeira e alguns anos depois foi que fizeram essa ponte de cimento. Também quando saímos de lá viemos direto pra cá, nunca morei nas terras dos índios e nunca mais saí daqui pra lugar nenhum, os índios já moravam pra lá nas terras deles, mas é ai perto. A convivência aqui éboa.

Todavia, quando o povo da mulher vendeu a fazenda lá veio uma pra cá pra caçar terra pra morar e arrumaram umas terras nessa região aqui e com um ano foi que a gente veio pra cá, mas por indicação dessa pessoa. Na época que chegamos aqui tinham demarcado aqui umas terras pro Estado, pra cidade aí eu fui trabalhar nessas terras botando roça e além da roça eu trabalhava de servente pra ganhar mais algum dinheiro pra colocar o pão dentro de casa. Depois que me instalei aqui nunca mais eu voltei onde eu nasci e também não tenho mais vontade não, logo já se acabou o povo meu de lá, alguns mudaram e outros já morreram. Eu nunca contei essas histórias para meus filhos não, eles também não perguntam sobre isso, também nunca manifestaram interesse em conhecer onde eu nasci, mas eu acho que eles já vieram nascidos de lá, mas vieram pequenos. Agora tem uns morando em Goiânia, outros no Pará, outros em Araguaína estão espalhados por aí. Itacajá a vista do que era melhorou muito, esse movimento todo é bom não me perturba não. Hoje eu não faria a viagem que outrora eu já fiz, eu não dava conta não. Eu nunca me arrependi, logo lá era muito difícil.

### **CLETO ALVES DA COSTA**

Entrevista em 20/01/2011

Cleto Alves da Costa um comerciante de aparência tímida, vendo toda família mudar para o Goiás resolve migrar também, pois não queria ficar sozinho lá. Sofreu um golpe da vida que prejudicou sua memória, porém, isso não o impediu de relatar e lembrar com serenidade a sua história como parte da memória de Itacajá.



“A viagem foi boa demais, era muita gente, era animado”.

Eu nasci em São Raimundo da Mangabeira, Maranhão, meu pai era de Pastos Bons e minha mãe também, todos do Maranhão. Meus pais não chegaram a vir pra cá porque eles morreram lá no Maranhão, mas eu cheguei aqui em cinquenta e três. Eu não lembro como que era lá não logo eu estou muito esquecido e também vim de lá em 1953, então eu tinha 23 anos porque eu sou de 1930, mas Mangabeira era cidade, agora eu morava no município em um lugar por nome Melância, mas era bom. Dava muita fruta também, mas o nome não era por causa disso não, lá em Melância era grande e São Raimundo da Mangabeira era uma cidade grande.

Quando eu cheguei aqui nessa cidade, esse nome Itacajá já existia e esse nome é por causa de uma mulher que tinha aí que chamava Ita, então juntou com o Cajá, mas eu não sei explicar direito não. Sei que botaram o nome Itacajá, também não sei se foi porque aqui tinha muito cajá, mas agora não tem muita mais não. Eu acho que essa Ita era índia, mas não digo com muita certeza não, mas acho que era. Esse é o significado do nome Itacajá, mas por aí deve ter algumas pessoas que devem lembrar, eu é porque estou esquecido por conta de um problema que tive. Um cara me deu um boa-noite Cinderela em Goiânia então isso me prejudicou muito e por isso fiquei esquecido demais, mais por aí deve ter algumas pessoa que sabem contar essa história de Itacajá. Resolvi vim pra cá porque minha família mudou, já morava um bocado aqui, depois mudaram os outros e eu mudei também porque não quis ficar lá sozinho, então viemos todos juntos, era muita gente, uma tripulação grande, viemos de animal, né? Tripulação muito grande. Não lembro quantos dias nós passamos de lá pra cá, mas foram muitos dias. Viemos nas costa de animal.

Na época que cheguei aqui eu me acostumei rápido, só que eu não vim pra dentro da cidade não, eu fui pra um povoado aqui distante três quilômetros e lá eu fiz uma casa, me casei, morei lá sete anos aí minha filha mais velha ficou já estava com idade de ir para a escola, aí eu vim pra cá pra botar ela na escola. Eu tenho três filhos, duas mulheres e um homem, as duas mais velhas são mulheres, uma mora em Goiânia e a outra mora em Porto Nacional, o homem mora aqui mesmo na cidade. Ah, a viagem foi boa demais, era muita gente, era animado. Todo mundo a cavalo, uma hora viajava montado, outra hora viajava mesmo era a pé, foi uma viagem muito animada quando eu vim da Mangabeira pra cá. Eu lembro porque essas coisas velhas eu lembro mais do que essa d'agora, né? Eu lembro direitinho quando a gente vinha de lá pra cá, a gente comia fritos durante a viagem que já trazia pronto. Às vezes quando a gente demorava e arranchava assim num lugar que ia passar de um dia pro outro a gente fazia comida, arroz com caldo, mais era frito, carne frita. Tinha muita criança também porque o povo não podia deixar os filhos, então tinha que vim também, né? Eu mesmo era solteiro quando eu vim, mas o povo que tinha família trazia tudo. Pra bebermos eu não lembro bem, mas eu acho que a gente trazia vasilha pra encher de água até chegar a outro córrego, tinha muito córrego de lá pra cá, de modo que não faltava água, viajavamos pouco e encontrávamos um córrego.

No entanto, a gente só arranchava perto de um córrego, naquela época os moradores fazia morada sempre perto dos córregos, aí não tinha dificuldade com relação à água não. Encontramos muitas moradas na estrada de lá pra cá, quer dizer que naquela época era só aquela trilha mesmo por dentro do mato, roça de uma morada pra outra, só que esses moradores que a gente encontrava na estrada parecem que eles tinham era medo da gente, ficavam assim cismados, mas davam rancho e a gente ficava lá. Eu lembro porque eu tenho um irmão mais novo e chegamos pedindo arrancho e o cara mandou nós arranchar assim num canto, o cara criava muito bode e tinha um chiqueiro de bode assim, então ele mandou nós irmos arranchar lá no rumo do chiqueiro dos bodes, aí meu irmão era meio anarquista meu irmão mais novo e ele saiu chamando chiqueiro bode. Chiqueiro bode. Nós fomos pra lá fazer a comida lá no rumo do chiqueiro dos bodes. Foi muito animada a viagem de lá pra cá, vinha muita gente. Nós não trazíamos muitas coisas não porque era de animal, só mesmo o essencial, roupa e o alimento e as outras coisas ficou tudo lá, o pior era que ninguém vendia nada, ficava tudo lá largado, deixava pra quem quisesse. Nós criávamos muito bode, animal de carga tinha também, animal parideira tinha um pouco também e trabalhávamos de roça também lá em São Raimundo da Mangabeira plantando arroz, mandioca, feijão, milho e fava, só isso mesmo.

Itacajá, quando eu aqui cheguei, era um lugar pequeno, tinha pouca gente era só um povoado mesmo, não era nem cidade não, mas eu nem sei contar a história dela direito não. Mais era mata ainda, tinha os moradores velhos e tinha aquelas casas de palhas, não tinha casa de telha, ninguém ouvia nem falar em telha aqui, as casas eram cobertas de palha de piaçava e bacaba, mas mais era palha de piaçava mesmo. Aquela ponte ali na época que eu cheguei aqui não tinha, passei muito foi por dentro d'água mesmo porque ali era raso, né? Água por aqui assim (mais ou menos um metro), atravessei muito lá pra ir lá pro outro lado. Tinha canoa, eu acho que tinha canoa, as canoas estavam lá trancadas, atravessava de canoa também, chamava até Porto do Vau aqui porque a gente passava de vau também, quando era no inverno que tinha muita água que estava cheio tinha as canoas pra passar e no verão a gente passava mesmo era por dentro d'água. Porto do Vau que hoje é cidade de Itacajá o nome era Porto do Vau porque a gente passava de vau no rio, num é? Então chamava Porto do Vau. Por onde a gente passava caminhando ou nadando é que chamava vau e quem sabia nadar, nadava. Eu nunca aprendi a nadar então eu passava caminhando por dentro d'água, mas quando estava cheio eu num passava não, só se tivesse uma canoa. Mas sempre tinha canoa no porto pra gente passar.

Não, eu não cheguei a morar nas terras dos índios, porém quando eu cheguei pra cá em 1953 os índios já moravam aqui nessa região, eles já estava aí. Eram quase tudo brabo, não conversava com a gente não, parece que não gostava da gente de jeito nenhum. Depois foi que foram ficando civilizados aí começaram a conversar com a gente. Conflito aqui entre os não índios com os índios que me lembre não teve não. Sempre ficaram separados porque ficam do outro lado do rio e nós pra cá, mas depois eles vinham caçar pra cá, tinha muita caça aqui e eles vinham caçar, daqui eles subiam lá pra cima, atravessavam ali e ia pro outro lado e lá ficava comendo as caças que eles tinham matado. Eu nunca caçei. Não gostava.

Os moradores aqui não eram muitos não, mas tinha um bocado de gente. Tinha seu Manoel Rodrigues, tinha o Paulo Teixeira, Ribamar Teixeira irmão dele também, tinha seu Pimentel, os homens que era mais rico, os comerciantes Pimentel, Ribamar Teixeira, Paulo Teixeira, Manoel Rodrigues e depois começou entrar mais gente, mais comerciantes, mas quando eu cheguei era só esses aí. Daí pra cá tinha os fazendeiros, pra cá tinha muita fazenda, gente rico, fazenda grande, acabou quase todas as fazendas. Ainda tem fazenda aí, mas não é como era antes não. Mastem muita fazenda, muito gado. Esse pessoal mais velho que eu falei não tem mais nenhum vivo não, tem só a família Costa, o Zequinha, o Zé Costa, me parece que só eles dois mesmo que eram comerciantes. Resolvi vim morar pra cá por causa da seca no Maranhão e já tinha vindo uma parte da minha família pra cá, já estava morando aqui, então eu vim também, já saí do Maranhão direto pra cá, não tinha nenhum outro lugar em mente, aí chegamos aqui fomos morar na casa da família, dos parentes que já estavam aqui e fui trabalhar de roça. Eu trabalhei sete anos numa chácara aqui distante seis quilômetros, aí a minha primeira filha já estava com idade de ir para a Escola aí eu mudei pra cá pra botar ela pra estudar. Aí fiquei com a chácara lá, aí foi indo, foi indo até que foi vendida. Eu não tinha outro meio de ganhar dinheiro além da roça.

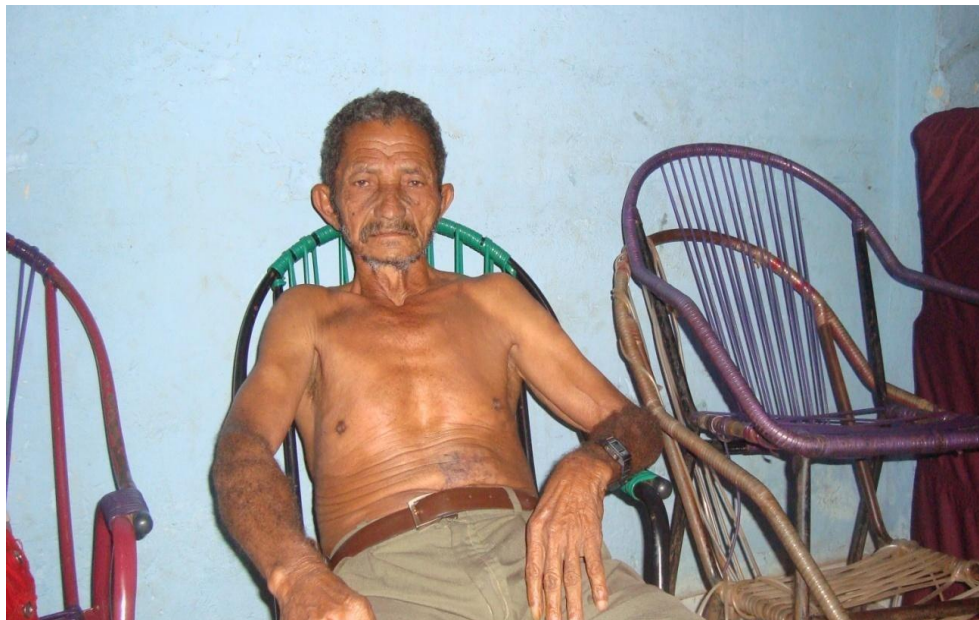
Contudo, depois que fixei moradia, os filhos criados eu nunca mais voltei onde eu nasci nem pra passear, lá ficou uma irmã da minha mãe, mas o Sambaíba ficava mais lá em baixo, só o parente que ficou lá foi o filho dele, os outros vieram tudo embora pra cá pro Goiás. Essa história da viagem, da mudança do Maranhão pra cá eu nunca contei para meus filhos e ele também nunca perguntaram, mas eu tenho uma filha que eu acho que contei pra ela porque ela gostava de saber das coisas, né? Para as duas filhas eu tenho certeza que eu contei, mas o homem não pergunta essas coisas não, mas para as mulheres eu acredito que eu contei. Pra elas era uma história bonita demais. Eu nunca me arrependi de ter vindo pra cá não, se fosse possível eu fazia tudo de novo, foi muito bom. Aquele momento foi muito bom, não teve momento ruim não. Gostei muito. Sempre fui bem sucedido.



## ANTÔNIO ROCHA DA SILVA

Entrevista em 20/01/2011

Antônio Rocha da Silva, um senhor muito prestativo, contou sua história e, antes mesmo de ser feito o convite, começou a narrar a sua bela história, e com uma expressão de orgulho e sofrimento no contar de suas andanças.



“Ficou só aquela “aguinha chorada”.

Eu nasci no Maranhão, em São Raimundo da Mangabeira e minha mãe também, já o meu pai nasceu no Piauí. Chegamos à Itacajá em 1959 no dia 15 de outubro nós viemos todos, inclusive meu pai e minha mãe. Já faz muito tempo que a gente veio de lá, quase não tenho mais lembranças, mas as dificuldades lá eram grandes demais, pra começar estudar não podia porque não tinha colégio e era muito seco, pra beber água tinha que sair cedinho ou de noite pra pegar água com uma distância de seis quilômetros, e tinha que esperar aumentar a água pra pegar, era na fila. A dona da terra achava que ela era dona da água e brigava, então a água começou a faltar, ficou só aquela “aguinha chorada”. Depois que a velha morreu a água voltou a correr como antes. Mato pra se trabalhar também não tinha, os fazendeiros era quem tinha terra, e pra se plantar roça você tinha que arrendar. E daí nós plantamos uma roça e essa roça perdeu por via de chuva e o fazendeiro mesmo assim quis a renda, e com isso nós resolvemos vim aqui pro Goiás que nesse tempo era Goiás, resolvemos vim pra cá, sempre aqui graça a Deus a chuva tem sido controlado, tinha terra ali que era do Estado. A Lindalva veio pra cá porque tinha os meninos pra estudar e não tinha colégio no Marajá. Lá em Mangabeira nós morávamos era no sertão, distante quatro léguas, o local era nosso só que o mato de roça era pouco.

O nome Itacajá já existia quando nós chegamos aqui, agora o porquê que colocaram esse nome eu não sei. Quando eu resolvi mudar pra cá, meus pais não vieram porque meu pai já tinha morrido e minha mãe ficou morando ali no Marajá, de lá ela foi pra Colinas, e lá ela faleceu. Objetivo da minha mudança do Marajá pra cá foi só pra botar meus filhos na escola, mas caso contrário não tinha mudado não, é bem provável que eu ainda vá morar lá, porque lá às vezes pra quem quer

trabalhar é melhor do que aqui. No início foi muito difícil pra me adaptar aqui quando vim do Maranhão, pelo seguinte, aqui o terreno é muito diferente do de lá, aqui a terra é muito acidentada, eu achei muito ruim e sempre falava para meu pai que só ia plantar aquela roça e no outro ano eu ia embora, mas quando começou o ano eu me conformei e achei que aqui fosse melhor do que lá, aí eu voltei lá a passeio e não tenho mais vontade de morar lá mais não. E dentro de um ano eu já tava acostumado, a rocinha deu certo, deu muito legumes, todo ano nós tínhamos muitos legumes aqui, toda fartura nós tínhamos, a gente quase não comprava nada, só mesmo roupa, nem óleo quase a gente não comprava porque lá no Marajá a gente comia com óleo de coco, quando eu morava lá, pra mim foi mais fácil do que aqui.

Não, a viagem foi boa. Éramos três famílias, era a minha, a do meu pai e a família de um tio meu e uma tia, era muita gente, aquela tropa de animal. Aí nós saímos de manhã, meio dia nós arranchávamos na beira de um córrego e fazia a comida, de tarde nós viajavamos de noite nós sempre procurava uma casa pra dormir porque já era outubro, foi bom demais.

O transporte era pé, naquele tempo não tinha transporte de carro não, nós viajemos de Mangabeira aqui e vimos um carro na estrada, esse mesmo ainda pelejei pra ele me trazer até Carolina pra mim vim de motor pra cá e ele não quis me trazer não, não tivemos transporte não, era difícil. Viemos a pé tocando a carga porque o animal era só pra trazer às coisas, a comida, a roupa, rede, o animal era só pra isso. Nós gastamos quinze dias pra chegarmos aqui, nós só parávamos de noite pra dormir e de manhã tornava seguir viagem, não tinha negócio de demorar pra descansar não. Tinha uma filha minha recém nascida, essa vinha no colo, um pegava uma horinha outro pegava outra horinha e seguimos viagem. O tempo da parada era só pra nos alimentarmos meio dia e de noite pra dormir, não demoramos na estrada não. Descansava melhor só à noite. Durante a viagem era difícil encontrarmos moradores, mas às vezes a gente encontrava acho que por falta de transporte quase ninguém viajava, era longe de uma casa pra outra, então não encontrava quase ninguém. Para a nossa alimentação nós trazíamos tudo, trazíamos arroz, farinha, carne, gordura. Já saímos de lá prevenidos para essa viagem porque na estrada não encontrava. O arroz nós trazíamos dentro das cargas, farinha, tudo vinha nas cargas, a carne não era frita e enlatada não, secava a carne e colocava dentro do saco e meio dia frita um pedacinho, outra hora a gente fazia um mariazabel, comia e tornava caminhar.

A água a gente já sabia que a água era longe de uma pra outra porque meu pai já tinha vindo aqui e tinha voltado então ele já sabia as distâncias, aí cada qual tinha uma cabacinha, tinha muita cabacinha, todos tinham uma cabacinha de colo pra beber na estrada, era desse jeito. Na hora de que era pra almoçar a gente sempre parava na beira do ribeirão e a noite a gente tinha que caminhar pra encontrar casa pra dormir porque era inverno, então esses moradores davam arrancho pra gente, naquele tempo o pessoal era diferente dos de hoje, às vezes quando chegava alguém na casa eles faziam questão de que a pessoa de lhe ofertar algo e até mesmo de pernoitar, hoje as coisas é diferente às vezes a gente até se escusa de procurar uma casa porque não se sabe o nome do elemento, aí você já se escusa, naquele tempo era diferente.

Quando mudamos a gente trouxemos tudo, vinha algumas cargas só com a mobília e a outra com os cereais de comer, eram assim. Eram umas duas ou quatro cargas porque era muita gente, a nossa vinha separada dos outros, tanto de comer quanto os trens era separado e cada animal trazia uma coisa. Quando saímos de lá já tínhamos vendido o local onde a gente morava. Só trouxemos mesmo os animais de cargas e o restante foi tudo vendido lá mesmo pros fazendeiros, inclusive quem comprou a terra ainda comprou um bocado dos trens, ele era meio preguiçoso e aí queria arrumar as coisas e ele tinha um dinheirinho então ele comprou e lá mesmo compraram cereais que nós tínhamos. Eles compraram.

Ah, quando nós chegamos aqui, a história é cumprida, quando nós chegamos aqui as casinhas eram dali do correio lá pro rio, não chegava nem lá no rio não, era poucas casas que tinha ali, na beira do rio era só mato e do correio pra cá era só uma melada, tinha um casinha bem aqui que é aqui onde é do Elle, tinha uma ali que é do Joaquinzão e tinha uma casa bem ali que era do Cearense que chamava até “Pequi”, a outra aqui era só uma melada, eu vim ficar bem aqui porque não tinha condição de fazer uma casa bem ali. Tirei a madeira lá mesmo, tirei a palha e fiz esse barraco bem aqui fora do povo porque não queria ficar lá junto com eles, era pequenininha, mas com tudo que eu fiz a casinha aqui, aí começou a chegar gente e foi logo cresceu, não demorou não. Nessa rua aqui (principal) e aquela outra ali (atrás da principal), mas continuo, cresceu logo, não demorou muito não.

Naquele tempo não tinha médico, tinha o pastor ali, a senhora Isaura que era mulher dele. Eles eram quem sempre resolvia quando alguém precisava e tinha a velha Nalha que indicava muitos remédios, mas remédio aqui era difícil. Era o pastor Benjamim que era esposo da Isaura, eles eram quem indicavam os remédios, mas pra se (ter) esses remédios eram difíceis porque não tinha farmácia não tinha nada, muita gente fazia remédio do mato de pau, eu acho que era até melhor do que hoje. Hoje você toma remédio, são quatro, cinco remédios e quase não serve, você só gasta dinheiro. Muitas vezes você toma remédio do mato e serve mais do que o remédio da “botica”. Aqui já tinha uma ponte de madeira muito ruim, mas tinha. Não atravessava carro, uma que não tinha mesmo, era só tropa que atravessava aquela ponte, tinha motor, mas pra atravessar não. Motor que tinha aqui era só pra ir pra Carolina que era o que trazia o alimento pra cá, tanto nós comprávamos os alimentos que vinha de Carolina como nós vendíamos os nossos cereais pra eles também, não saía daqui pra Palmas não.

Quando mudei pra cá pra essa região, já tinha essa área dos índios aí, mas eu nunca cheguei a morar nas terras dos índios não, inclusive eu quase nem conheço a área dos índios, uma que fica bem aqui pertinho na beira do rio, mas não frequento a área dos índios. Eles sempre andaram por aqui, eles frequentam tudo aqui e compram aqui também seus mantimentos, visto que não tinha e não tem outro lugar. A convivência sempre foi pacífica aqui dentro da cidade, não teve nada de briga, nada de conflito. O povo tem uma cisma com índio, mas o índio não é agressivo não, é igual ao cristão, quando ele toma umas (cachaça) ele fica agressivo, quando ele não está bebendo ele não é agressivo não, é a coisa melhor que tem pra se trabalhar.

Quando cheguei aqui no final da década 50 no mês de Outubro e fixei moradia, a família já estava toda estruturada. Eu voltei na minha terra natal, parece que em Outubro do ano seguinte pra receber o dinheiro dos trens que nós tínhamos vendido, e depois voltei outra vez quando fui buscar minha sogra. Ficou dinheiro pra trás porque lá nós comprávamos fiados também pra pagar com prazo de um ano e vendemos as nossas coisas com o prazo de um ano, era um acordo. Logo o rapaz que comprou era parente, era meu primo então ficou tudo entre família. Quando retornei em Outubro de 60 só não gastei o mesmo tempo porque só íamos dois que era eu e um irmão meu, aí a viagem foi mais rápida, né? Porque não tinha tropa, não tinha nada, fomos e viemos a pé. Nunca mais voltei lá e nem sinto saudades de lá mais não, eu nem penso assim de voltar lá não, pra começar aquele pessoal velho que a gente conhecia já não existe mais lá, só tem outros novos, às vezes da mesma família, mas só o pessoal novo agente quase não conhece, aí não sinto saudades não. Meus filhos nem falam em conhecer o lugar onde eu nasci eles nem ligam pra isso. Mas eu conto pra eles, eles sabem dessas histórias. Eles quase nem param pra escutar, eles já dizem oh. “História do Maranhão daquele tempo”, eles nem ligam, com eles ouvirem dizer das dificuldades, eles nem ligam

pra isso. Pra eles hoje tudo é mais fácil, hoje pra você ir lá você sai de manhã vai dormir lá, né? Nós passamos quinze dias viajando e hoje com dia você vai, mas nem com essa facilidade eles não falam de ir lá não. Pra começar só tem uma que nasceu lá e os outros tudo nasceram aqui. Lá ainda tem uma cunhada minha que é mãe de família, tenho primos e primas tudo lá.

Já aqui quando chegamos ao final da década de 50 tinha bem pouca gente, já tinha uns que eram conhecidos e tinha uns que eram da mesma região lá do Maranhão só que de lugares diferentes, depois foi chegando mais gente de lá do Maranhão que nós conhecíamos, aí ficou bom. A maioria do pessoal que morava aqui era Maranhense e Goiano tinha bem pouco, mas o motivo da vinda deles pra cá eu não sei se foi o mesmo meu ou se foi outro.

Rapaz, eu escolhi morar aqui em Itacajá porque quando eu vim fui ali pro Marajá e aí vim morar aqui, eu achei que aqui fosse melhor porque ainda tinha muita terra pra se trabalhar sem ser desses fazendeiros, e aí afora pra gente trabalhar as terras quase tudo era de fazendeiro, e não compensa a gente trabalhar porque você só planta o arroz e o milho, outro legume você não planta, e lá você no Marajá plantava toda coisa que quisesse ninguém não pagava, eu resolvi ficar por aqui, meu povo, irmão, minha sogra mesmo, irmã foram pra Colinas pelearam pra eu ir pra lá, não vou não, vou ficar aqui mesmo, aqui está bom. Nós mudamos do Maranhão direto pra cá pra essa região e ficamos ali no Marajá, como meu pai já tinha vindo aqui pra compra um lugar e depois foi nos buscar, nós viemos através de meu pai. Viemos, mas não tinha casa, nem roça, mas ele tinha comprado uma roça já derrubada e depois que chegamos foi que ele comprou uma terrinha lá no Marajá aí fizemos a casa, era só eu o casado, os outros eram solteiros, depois foi que mudaram pra Colinas, meus pais foram pra Cristalândia lá em Faustino, minha mãe voltou, fui buscar ela lá pra Colinas e lá ela faleceu. A gente só trabalhava de roça, não tinha outro meio de ganhar dinheiro a não ser vender o legume e se servir com aquilo. Depois que mudei pra cá pra Itacajá é que fui trabalhar de diárianasfazendas, roçando. Mas só ia trabalhar de diária quando eu fazia meus serviços na roça enquanto isso eu não trabalhava pra ninguém não, fazia o meu pra depois ir fazer os dos outros porque aí era um complemento no meu e pra não ficar parado ia ganhar o dinheiro fora.

Pra época que eu cheguei aqui e vendo ela agora, melhorou cem por cento porque naquele transporte, os prefeitos quase não faziam nada e hoje evoluiu tudo isso. Tanto os médicos como os prefeitos evoluíram. Hoje está bom, está melhor cem por cento. Hoje tem de tudo. Se você tiver o dinheiro, qualquer coisa você pode sair nos comércios aí que você acha pra comprar, mas naquele tempo se precisasse de alguma coisa tinha que encomendar pra vim de Colinas e hoje nós temos aqui. Qualquer coisa que você quiser você só vai comprar. Hoje tem tudo. Evoluiu demais. Essa evolução foi positiva. Hoje eu não trabalho de roça já deixei faz uns três anos. Pra começar a idade já não permite, as fazendas são longe e eu não vou sair daqui pra ir dormir num barraco lá dentro de uma roça sozinho porque os novos não querem ir pra dormir e pra ficar nesse vai e vem não dou conta mais disso então parei. Não, não me arrependi de ter feito essa viagem, só que hoje eu não faria mais não, não dou conta mais de fazer, só se fosse obrigado, mas do contrario, não. Hoje as coisas estão mais fáceis em “tudo portudo”.

## JOEL ALVES CAMPOS

Entrevista em 21/01/2011

Joel Alves Campos nasceu dentro da reserva indígena, não constituiu família, possui posses, foi um homem muito trabalhador, hoje com a idade avançada já não tem o mesmo vigor que tinha outrora.



“Eu nunca gostei de trabalhar pros outros não.”

Eu nasci nessa área dos índios que era município daqui de primeiro, aí vim pra cá em arredor, vim nos braços. Meu pai era do Piauí, minha mãe do Maranhão, meu pai de Alto Parnaíba e minha mãe eu não lembro qual o lugar no Maranhão que ela nasceu, mas são falecidos. Não sei quando meus pais vieram pra cá, mas eu creio que vieram novos ainda, mas a data eu não lembro. Meus pais faleceram já faz tempo, meu pai parece que foi em 1951 ou foi em 1952 e minha mãe em 1957 ou 58. Hoje eu estou com 74 anos, entrando nos 75, porque é agora em Julho que eu completo. Às vezes eu saio pra viajar, mas eu volto pra cá. Meus pais não me contaram nada de onde eles vieram, eu só sei por que os parentes me disseram que o pai de meu pai morava no Alto Parnaíba e minha

mãe era do Maranhão, mas o motivo deles terem vindo pra cá também não sei, mas naquele tempo o povo mudava a procura de melhora. Sei que eles eram uns velhos muito trabalhadores. Eu creio que o transporte era animal porque naquela época não tinha carro então, ou era no lombo do jumento, ou do cavalo e burro, ou era a pé, e o máximo que se podia caminhar era cinco, dez léguas por dia.

Aqui era conhecido como Porto do Vau. Aí eu fui crescendo, foi mudando o nome e tinha pouca casinha aqui, assim mesmo eu gostava e ainda gosto muito daqui da cidade. Moro há muito tempo aqui, mas não gosto de morar dentro da rua não, moro fora, no sitio. A terra é minha, eu lutei muito pra comprar essa terra porque aqui a gente nunca podia ter as coisas assim pra comer, uma mandioca, um feijão, uma fava, os donos queria botar gado dentro. Era muito difícil achar uma terra pra plantar, mas achava. Agora eu tenho uma terra pra trabalhar, mas já estou quase sem poder trabalhar por causa da idade e aqui é no machado e na enxada, é desse jeito, mas a roça desse ano já está plantada. De doze anos pra cá, acho que passei quatro anos sem roças, de resto toda vida mexendo com roça, é um serviço pesado. Eu não tenho filhos, tenho uma irmã, sobrinhos têm muitos, uma hora por outra eu conto essas histórias pra eles, as minhas histórias de como eram as coisas de primeiro, eles perguntam muito, nós somos unidos então eles sabem.

A coisa mais difícil era eu adoecer, mas uma vez eu quebrei o pé dentro da roça e passei três anos pra equilibrar-me, aí fiz amizade com um médico em Araguaína então ele me dava remédio do hospital dele mesmo, me operou, foi muitobom, muito bom. Eu tomava muito remédio do mato também. Eu nunca gostei de trabalhar pros outros não, eu trabalhava era pra mim mesmo, eu pegava uma capoeira limpava pra plantar arroz, feijão era assim, mas de diária eu nunca gostei de trabalhar não. Às vezes eu vendia, mas pouco. Teve ano que eu perdi a roça todinha porque quando o arroz saiu o cacho, não choveu, então os grãos não encheram, aí não podia vender, mas tem anos que a gente colhe bem e dá pra vender mais também, e a vida toda foi assim. Quando eu levei essa furada no pé pra eu ir pra Araguaína no carro da prefeitura, eu tive que pagar porque era o jeito, eu tinha que ir, e pra ir mudando de carro não podia, mas estou aqui pisando e conformado.

As casas aqui eram poucas, eram contadas as casas que tinha aqui, quase todas eram cobertas de palhas, telha era difícil. Hoje é que não tem casa de palha aqui, mas antes era assim mesmo. A cidade hoje está bonita, mas ela começou a ficar boa depois que esse prefeito – Manoel Pinheiro - entrou porque os outros não cuidavam das ruas, até de bicicleta pra gente andar era ruim, tinha que de vez em quando andar com ela nas mãos pra passar nos buracos. Ainda fui ao colégio, mas meu pai morreu nessa época eu era pequeno, tinha muitos irmãos, mas aí eles saíram pra fora e morriam também e tinham mais seis e eu cuidei deles toda vida. Depois tornei tentar, mas não deu mais não, o que aprendi eu já esqueci. Mas negócio de vez em quando a gente faz, eu era bom de matemática, na época eu estudei foi no Orfanato que era no Lar Batista, mas não morei lá não, eu ficava aqui na rua. Os professores eram bons. E essa foi a primeira escola daqui, esse Lar ajudou muita gente e agora acabou. Conheci o Francisco Colares, mas quem fez o Lar Batista aí foi o pastor Dodanin e ele sabe até a língua dos Krahô. Eu também morei quase junto com eles, meu pai gostava muito dos índios, o nome do meu pai era Alto Vila Nova e os índios também gostavam muito dele. Quando meu pai botava roça sempre tirava um pedaço de mandioca pros índios, mas ele recomendava e os índios faziam direito. Passava o verão com eles lá, o velho era trabalhador demais. Agora os filhos é que não puxaram pro velho. Os netos têm deles que não sabem nem o que é roça. O Joaquim mesmo tem filhos que não sabem. Eu não tive filhos não, e agora digo como o índio: “nunca aprendi a fazer”. Quando a noite estava bonita como o dia, nós íamos cortar de

machado, eu estou com os dois pés cortado de machado. Nós saímos das terras dos índios quando aconteceu a demarcação, aí o povo botou, colocou todo mundo pra fora das terras, foi muita gente que saiu, tinha muito Cupen (não índios) aí dentro. Alguns foram embora aí pra outras cidades e outros ficaram por aqui mesmo, ninguém recebeu indenização, nada, nada, ficou tudo perdido. Foi o SPI que tirou o povo das terras dos índios.

Aqui em Itacajá tinha um engenho, onde fazia rapadura, cachaça essas coisas, eu mesmo trazia cana pra moer e fazer rapadura. Esse era do Bebê, mas funcionava a energia, tinha os de madeira também que eram puxados a boi, os cochos eram de madeira, esse era do finado Beleza, fazia açúcar também, hoje tem em Pedro Afonso, mas é tudo elétrico. Eu já andei muito no lombo de burro, uma vez saí daqui uma légua, outra vez saí daqui pra Goiânia no lombo do burro, acho que foram seis ou sete viagens, nessa época em 1952 lá em Goiânia chegava à rodoviária pra sair era de charrete para as fazendas, porque não tinha carro. Eu sei que tinha um ônibus que fazia linha até Porongatu, o resto pra cá era nas costas de burro. Naquele tempo não chamava ônibus, chamava jardineira. Em Goiânia também não tinha carro, era só charrete na década de 50. As viagens eram feitas tudo no lombo do cavalo, do burro. Ia para aquelas fazendas comprar gado e depois iam bater no Mearim lá no Maranhão, mas aqui eu ficava. Passava quase seis meses mesmo na ilha do bananal entre o Javaé e o Araguaia, quando chovia a gente saía, tirava o gado de dentro.

Tinha muito mascate que saía com as cargas nos animais cheias de coisas pra vender, pois é. Naquela época tinha poucos comércios aqui. Depois a cidade cresceu, então aqueles mascates que saíam vendendo as coisas nas cargas acabou, agora tudo é no comércio. Por aqui era local de passagens de tropas, mas tinha criação de gado também, só que era pouco. Aqui peão não tinha outro serviço não, acho que era só mexer com roça mesmo, isso aqui era muito atrasado naquela época e tem mais, quem tinha cinquenta cabeças de gados não queria mexer com roça não. Tinha muita tecedeira por aqui, fazia rede e coberta de algodão tinha muito, mas hoje ninguém vê mais. O algodão era da roça mesmo, plantava aqui mesmo e fazia calças de algodão, aí foi acabando, foi acabando até o ponto de ninguém ver mais mulher tecer. Eu conheci muita mulher que tecia. Minha mãe mesmo era uma que tecia coberta e rede, dava um trabalho porque tinha que colher o algodão passar no descaroçador que era de pau, fazia aquelas almofadas grande e ia bater ele com pau que aí ele estirava, tinha que desfiar e era umas no fuso e outras na roda. O povo foi ficando mais preguiçoso, mas antigamente quando era madrugada aquelas mulheres que acordava não dormiam mais porque tinham algumas batendo algodão, muitas têm a roda guardada, só não tem o fuso. Acho que só uma filha aprendeu a tecer, mas os outros não. Hoje em dia vem muita gente de fora vender rede aqui, de todo lugar e vende tudo, toda coisa, rede, coberta. Eu me admiro porque eles não saem daqui, aquilo é uma coisa que demora acabar, rede. Se você compra duas redes você tem pra deitar muito tempo, como é que aguenta? Mas aqui é cheio desse povo vendendo e é barato. De primeiro era diferente, era só por encomenda. E outra, aqui pra comer com sal tinha que ir comprar no Grajaú-MA, Balsa-MA, ia pegar de tropa, mas só os senhores eram quem traziam seis cargas, às vezes oito, mas o pobre ia só com uma carga no animal, quase não comia sal e comprava com prazo de ano também, era longe. Era de pedra o sal de primeiro, hoje é que vem moído e ninguém busca mais de tropa, hoje o carro está entregando nas portas. E pra ir buscar essas mercadorias já tinha os animais reservados para aquele serviço.

Esses comerciantes que têm aqui hoje aqui são outras pessoas. Os velhos comerciantes daqui já morreram quase tudo, esses que faziam essas viagens, esses que estão aí não fazem isso mais não, logo não precisa porque os carros vêm deixar as mercadorias na porta e esses que estão aí não são filhos dos primeiros comerciantes que tinham aqui não, são outras pessoas. Aqui em Itacajá tinha

muitas festas tradicionais, quando não era aqui dentro era fora, festas de Santos, a festa de Santos Reis ainda hoje tem aí por fora, ainda se canta muito. Eu só não participava porque eu era pequeno, tinha festa que eram três dias, dois dias eram assim, mas hoje é só uma noite. Tinha muitas festas nas roças, no sertão e era tocada na sanfona, mas eu mesmo não sei tocar não e nem cantar, eu só escuto. Eu era menino e fui mais um irmão meu aqui na área dos índios na casa de um parente buscar umas coisas que eu num sei mais o que era, e lá nós fomos pra uma festa, era uma mulher que estava tocando rebeca, ainda hoje me lembro da música dessa mulher, festa grande, rapaz, mas eu só ficava olhando porque era pequeno, agora esse irmão meu era de dentro da festa. Ela cantava e era uma mulher fogosa:

“Arrastei o pau na titela da galinha

Que os pintos piaram dentro, Agora mesmo você tem que Voltar-me dezessete e setecentos”.

Eh, mais o povo gostava, rapaz. E ainda era dentro da área dos índios isso. E os índios também eram tudo forrozeiros, têm deles que não perde uma parte.

Na cidade tem um velho, mas talvez ele não tenha mais condições de conversar, porque já está muito velho que é o Detim, se não ele poderia contar muita coisa. Eu me lembro do Porto do Vau que atravessava de canoa e mais embaixo atravessava por dentro d'água, ele era nessa rua mesmo lá embaixo. Meu pai é do Piauí e minha mãe do Maranhão, agora os filhos deles são todos daqui mesmo do Goiás. Os primeiros moradores desta cidade era o pai do Masolene, Zé Rocha, às vezes eu esqueço até do meu nome e fico indagando: meu Deus, se o povo perguntar como é meu nome como é que vou falar? Eram os pais do Dedé, que também morreram, e assim era muito, o povo do Flaviano que nem sei se já morreram e o Soares Correia, é. Esses eram os mais velhos e tinha os chegantes como o Detim que morava aqui perto, que chegou à mesma época que começou esse povo todo e os irmãos dele também, o Ananias Costa. O Dodanin é do Rio de Janeiro, é um homem muito estudado, ele mais o Dr. Pedro Correia eram muito amigos.



### **MANOEL BELEZA DE SOUZA**

Entrevista em 21/ 01/ 2011

Descendente de maranhenses, Manoel Beleza conta a dura vida pela qual passaram os primeiros moradores de Itacajá, inclusive sua vida de trabalho puxado como vaqueiro e transportador de mercadorias chegadas de outras cidades através do Rio Tocantins, para suprir de mercadorias os moradores da cidade.



“Naquela época, eram dois preços pra trazer uma carga de lá.”

Eu nasci onde hoje é município de Itacajá, com a divisão de Itapiratins, a fazenda onde eu nasci ficou pertencendo a Itapiratins. Aqui na beira do Tocantins. Meu pai e minha mãe nasceram no Maranhão. Naquela região de Pastos Bons no Maranhão. Nasceram por lá, se criaram, depois vieram aqui para o Goiás, em 1925. Vieram pra essa fazenda onde eu nasci. Vieram quatro filhos de lá. Quatro filhos. E lá nessa fazenda que nós morávamos e que eu nasci, nasceram mais. Márcio foi o primeiro que nasceu em 1927. Aí nasceu em 1929, outra irmã que mora em Miracema. Em 1931 eu nasci. Em 1932 nasceu outra irmã que mora em Miracema. Em 1934 nasceu essa irmã que mora bem aqui nessa casa. Em 1936 nasceu outro, mas faleceu com nove anos de idade. Em 1937 nasceu o João, que chamam João Biongo. Em 1940 nasceu outra irmã. Em 1942 nasceu um que mora no Guaraí, o João Batista. Eram catorze filhos. Meus pais chegaram pra cá em 1925, pra essa fazenda.

Aí eles vieram pra Itacajá. O dono de lá era o Cosmo Fonseca. Nós chegamos em 1925 e ficamos mais ou menos dez anos nessa fazenda, trabalhando na fazenda. Depois meu pai deixou a fazenda e comprou um terreno e nós mudamos pra lá, mas vizinho assim. Não chegava a dar dois quilômetros. Aí em 1938 nós saímos de lá. Deixamos um moradorzinho lá olhando as pouquinhas coisas que nós tínhamos ganhado na outra fazenda e fomos vaqueirar noutra fazenda, lá em Itapiratins, na parte de Itapiratins ali perto da beira do rio. Ficamos lá seis anos. Até que meus pais devem ter conversado sobre o lugar onde eles moravam, mas a gente não lembra mais assim dessas coisas. O importante, eu acho que é muito importante, desse negócio que você quer da história de Itacajá, não precisa nem a gente contar tudo.

Mas quando nós éramos vaqueiros, lá mesmo em Formosa, nessa fazenda que nós ficamos um período, aqui já tinha uns moradorzinho, dez, doze moradores talvez, eu não sei. Eu andei várias vezes, eu e meu irmão. Aí de lá é que nós mudamos pra cá. Já tinham uns comerciantes aqui, uns três comerciantes. Inclusive essa casa aqui, papai comprou de um comerciante. Ele veio de Carolina, botou um comércio aqui. A população era muito pequena. Até na zona rural também o povo era pouco. Eram três comerciantes que tinham aqui. Ele resolveu fechar o comércio e o papai comprou essa casa. Isso...Foi...Parece que foi embora pra Carolina, porque ele era de Carolina. Então é assim, quando nós morávamos na beira do rio e até depois mesmo que nós chegamos pra cá, essas mercadorias que vinham pra cá, eram todas transportadas nas costas dos burros. Papai tinha uma tropa de animal e tal, burro, cavalo. Um vizinho nosso lá também tinha e eles iam e pegava essas mercadorias. Vinha de burro de Carolina, de Miracema às vezes. E lá a gente pegava e jogava nas costas dos burros. Sofremos muito. Enfrentando e carregando. Naquela época, eram dois preços pra trazer uma carga de lá. A carga de oitenta quilos pra baixo eram doze Mirréis. Naquele tempo eram Mirréis, doze Mirréis. E de oitenta quilos pra cima eram cento e vinte Mirréis. Nesse tempo tinha carga de cento e vinte quilos, era tão pesada para um animal que o animal deitava com a carga, porque vinha cansado demais. E aí pra botar em cima era difícil. Aquilo pegava uma caixa pra botar. Às vezes vinha eu e outro irmão, nós nos arranchávamos nas casas. Eram dois dias batidos: “Pronto, agora chegou”.

Era de Carolina pra cá, eram dois dias. Saía de lá meio dia ou à tarde e só no outro dia que chegávamos aqui. A gente sofria demais. Dava cada puxão na camisa, naquele desespero de se pegar e levar, grosando assim. Se o primeiro encostava, você pegava os dois e botava. Não adiantava ficar segurando aqui porque o animal não aguentava. E o outro pegava do outro lado da carga e botava em cima sozinho. E isso foram anos e anos, era difícil. Porque aqui o primeiro caminhão que chegou aqui nessa rua, o primeiro carro que andou por aqui foi em 1954 pra você vê. Estava com dez anos que eu morava aqui e nós já transportávamos mercadorias pra cá: eu e meus irmãos.

Não, não. O motor não era nosso não. O motor era de gente de Carolina. Outra coisa importante, é que todo esse tempo que meu pai foi vaqueiro aqui, pra comer o sal e pra dar para o gado, ele tinha que ir buscar em Balsas, nas costas do burro. Nas costas do burro. Todos os anos ele tinha que fazer essa viagem. Eu só fiz uma viagem dessas, porque eu era um dos filhos mais novos. Eu já morava aqui, quando fiz essa viagem. Esse sal era de pedra. De pedra. Todo de pedra, lá de Balsas. Aconteceu uma vez que meus irmãos foram e quando chegaram a Balsas, não tinha sal. Eles tiveram que ir buscar em Barra do Corda, em Barra do Corda. Mais longe. Mais longe. Talvez dê uns setecentos quilômetros.

Pra essas viagens, às vezes faziam bolo que dava pra comer uns três, quatro dias e depois arranchávamos só naquelas casas. Pedia uma panela e fazia ali, ou se era uma pessoa que a gente já tinha costume pedia pra fazer uma janta pra gente lá. Sempre era de duas pessoas, três. Foi bastante tempo que nós fizemos essa viagem. Aí nós chegamos aqui e ficamos sempre trabalhando nisso. Em 1954 foi emancipado isso aqui, Itacajá. O primeiro prefeito eleito foi em 1954. Já tinha bastante gente, mas não era esse tanto que tem não. Daí, desse primeiro prefeito, ele comprou um caminhão pra cá, já tinha estrada aqui. Ele fez estrada daqui pra Pedro Afonso, daqui pra Itapiratins e o caminhão rodava. E ele botou energia a motor, comprou um motor, mandou tirar os postes da rede de luz, toda no machado, porque não existia moto serra naquele tempo. Derrubava o pau com o machado mesmo, o lavrava de machado, depois na enxó e carregava tudo no pescoço de boi pra cá, pra poder fazer isso. Onde tinha estrada assim perto, ele pegava os bois juntava as madeiras lá e o caminhão ia pegar lá, mas nos lugares que não tinham, já trazia direto. Ele fez uma ponte nesse rio Manoel Alves bem aí todinha de madeira, onde agora tem essa aí construída. Muita, muita madeira. Todinha também tirada no machado e no serrotão. Serrotão era uma serra. Mais ou menos dessa altura aqui (tem como base a parede de 2 metros ou mais). Lavrava o pau de machado depois jogava em cima do estaleiro e aí dois homens iam partir aquele pau na grossura que precisava, pra tirar tábuas, ripa, caibro e tudo que precisasse. Antes de ter essa ponte, atravessava o rio na canoa. Tinha o passador. O “cabra” chegava do outro lado, às vezes o passador morava ali pertinho, ia e buscava do outro lado do rio. E no verão passava caminhando. Porque teve verão que a água dava aqui assim na gente (1 metro de profundidade aproximadamente) talvez mais. Aqui, quando nós chegamos pra cá, chamavam-se Porto do Vau. Porque você passava lá, você chegava acolá montado e ribava só as pernas pra não molhar. Nem descia do animal. E aí as coisas foram desenvolvendo, foram crescendo. Porque o povo que entende diz, eu não sei. Que o nome Itacajá é porque aqui tem uma cachoeirinha aqui em cima da cidade, do porto pra aqui e no verão ela forma uma cachoeira. De baixo tem aquelas pedras que formam uma cachoeira, então botaram esse nome porque chamavam “cachoeira da cajá”. Então botaram “Ita”, porque dizem que representa os índios. A palavra lá que é indígena, “Ita”. E cajá por causa da cachoeira que já tinha bem aí. Então botaram “Itacajá”. Mas “cajá” é porque lá na cachoeira tinha um pé de cajá e aí botaram o nome da cachoeira do cajá.

O papai mudou-se pra cá porque a família era muito grande e a escolinha que tinha lá onde nós morávamos na fazenda Formosa, na primeira que nós tivemos não tinha escola, quando nós mudamos lá pra beira do rio Tocantins. Aí tinha o outro rapaz que morava pertinho de nós. Nós por um lado dos currais e ele no outro curral. Ele também trouxe bastante filhos, aí combinou com o papai pra arrumar um professor pra dar aula lá. Puseram um barracão lá coberto de palha, puseram as cadeiras e ficamos estudando lá aqueles dias que davam certo de estudar. Porque papai era empregado, tinha bastante filhos e o serviço era muito. Aí depois quando ele saiu da fazenda, ele falou: “vamos para Itacajá, pra botar os meninos na escola”. Nessa escola lá onde meu pai fez o barracão, quem pagava o professor era meu pai e o outro lá. Mas aí viemos pra cá.

O Lar Batista surgiu depois, depois. Quando eu cheguei pra cá, a escola era nessa casa bem aí do Juvenal, aquele que estava sentado na frente bem aí. Ali era a igreja Batista e daí então fizeram a escola com o orfanato bem aí. Mas nós homens estudamos muito pouco. Porque a condição que nós tínhamos era pouca. E os meninos mais velhos foram saindo logo, casaram e tal. E os mais novos, as mulheres sempre ficaram em casa. Às vezes eu estava me arrumando pra ir pra escola, aí o papai me dizia: “não, você hoje não vai para escola não, nós vamos fazer um serviço acolá, uma roça acolá”. Pra ajudar num dia de serviço porque as coisas naquele tempo eram tão atrasadas que

eu não pude pensar no futuro, né? Hoje, você vê que às vezes você pode estudar até depois de velho, né? Naquele tempo, não se pensava no futuro. Pensava no futuro, mas era de outra forma, não era em estudo não. Era vaqueirar. Olha, a gente pensa tão pouco assim nas coisas, num bocado de coisas, em história que diziam que vinha e que a gente não sabia daquilo. Quem pensava que Itacajá iria se tornar uma cidade pequena como é, mas pra aquela época era tempo, num é?

Pois é. Hoje está muito grande. Quando papai comprou essa casa, comprou com aquele terreno do orfanato ali. Não tinha casa, era uma quinta. Lá do rio, a cerca subia até topar lá na grota acolá. Os pastos já tinham acabado, mas estava lá cerca do todo de faxina (um tipo de cerca) assim. Aí o papai botou uma roça bem ali nessa rua nova ali beirando, dali pra baixo na beira do rio. Porque era mata virgem no ano que nós chegamos aqui e tiramos a madeira de lá pra assentar a casa dali e largamos, quer dizer, aquela área lá nós compramos e largamos lá. E aí no ano que criaram aí o orfanato, o Lar Batista, não é? Aí vieram aqui, veio dona Aninha, sabia que o terreno que nós tínhamos comprado estava na mão dela. Aí o papai disse: “não, eu não vou querer aquilo não, pode fazer lá”. Hoje, se tivesse saído, só pra vender os lotes.

Lá no Lar Batista eles cuidavam de crianças pra estudar. Esse Lar pra nós foi uma coisa boa. Eu não sei porque mudou daqui, por que a Junta Nacional escolheu isso aqui pra fazer isso. Não funciona mais. Estão só as casas, mudou pra ali depois da ponte do rio Tocantins.

Quando nós chegamos aqui em Itacajá, nós acostumamos logo. Porque o povo era pouco, né? Essa rua do comércio era a mais movimentada daqui. Essa daqui também só tinha uma casa bem ali depois da prefeitura. Dali assim de certos meios até lá não tinha. Aí o João Lupreste chegou aqui, veio também do Maranhão, colocar um comércio aqui e aí construiu uma casa lá, esquina com a prefeitura. Mas não tinha casa lá. Depois chegou outro e fez depois dessa casa dele, do comércio, pra morar daquele outro lado assim, aí a gente, daqui a gente estava vendo as duas casas lá. E esse meio aí sem gente. Aí é que foram fazendo casa, aí torou assim pra frente. Aí topou mais lá pra cima.

Não, não, não, não. Quer dizer, não demorou muito tempo, mas, foi com dez anos que ela foi emancipada. Quer dizer, tinha escritura, os índios, por isso emanciparam. Porque nesse tempo era difícil. Tudo que você queria era em Pedro Afonso. Aqui era município de Pedro Afonso. Até a parte da alimentação, da saúde, tudo tinha que partir de lá. Até cartório era lá, não tinha cartório aqui. Depois da emancipação, aí é que foram criando as coisas.

A saúde aqui era fraca, inclusive morreu esse irmão meu. Adoeceu aqui no ano que nós chegamos aqui e morreu logo, porque não tinha uma pessoa pra socorrer. Aqui de certos tempos, não sei quem andava, minha mulher deve lembrar, é que chegou um pastor Batista. Ia pra igreja e também tomava conta do orfanato. E ele era um farmacêutico formado. Ele e a mulher dele, então eles eram os médicos que nós tínhamos aqui, mas já muito depois. É tanto, que quando adoecia uma pessoa da casa que ele não estava, porque ele mesmo se preocupava, sepreocupava. Porque o socorro aqui eram eles. É tanto que eles têm seis filhos aqui. Ele e a mulher dele. A mulher dele também era enfermeira formada. Por sinal, ele morreu, mas a mulher dele mora aqui. Eles moravam em Guarai. Ele morreu e a mulher dele voltou pra cá porque o filho dela ainda mora aqui, que é o dono do cartório acolá. E ela voltou pra cá. Mas ela também não trabalha mais. É a dona Izaura. Esses é que eram os médicos considerados aqui. E eles até pouco tempo, antes dele morrer mesmo, nós tínhamos uma menina doente aqui. Aí já tinha médico aqui, eram três médicos que tinham aqui.

Mas aí dois médicos, só tinha um que dizia assim que se fosse por ele tirava, mas os outros dois sentavam aqui, visitavam ela e diziam: “não adianta tirar, ela só tem no máximo trinta dias de vida”. E ele morava lá no Guaraí, esse pastor, né? Que era enfermeiro, soube que ela estava doente. Foi só essa que se não fossem eles fazerem o parto... Os outros cinco foram eles quem fizeram o parto. Aí ele veio aqui visitá-la. Eu estava até pra uma chácara acolá. Quando eu cheguei à tarde, cedo, ele já estava encostado do carro ali e a mulher estava bem aqui na calçada conversando. Aí eu encostei lá, quando entrei, ele disse: “é, nós viemos fazer uma visitinha aqui, conversar com ela, soube que ela está doente e tal.”; “sim sinhô. Eu agradeço a visita.” Aí ele disse pra mim: “Bebé, faça uma caridade, eu sei que não é fácil, sei que não é fácil. Mas faça uma caridade e tire ela daqui”. Quer dizer, nem tudo que médico fala é verdade. Aí anoiteceu, despediram e saíram. Entramos, aí falei pra mulher, quando eu entrei. Aí é que fui levar ela pra Araguaína, eu disse: “olha, vai arrumar um carro, vai arrumar as coisas aí, porque eu vou arrumar um motorista pra ir com você pra Anápolis. Pra ir ao Goiás cedo. Tinha um pouquinho de dinheiro, minhas coisas, aí eu saí. Aí o rapaz que tinha ali, motorista do hotel, o Divaldo ali. Aí eu falei assim: “Divaldo, tem uma viagem pra mim, tem jeito de ir?” “É onde?” “É em Anápolis”. “Vou”. Ficou esperando nós pra sair de madrugada. Sair no máximo umas quatro horas porque quando fosse umas dez horas estava lá por Gurupi, negócio chega ali apertado aí pára. Leva a menina lá para o hospital. Porque ela não sentava, era deitada e então acompanhei porque ela só andava deitada. Pra onde ela estava tinha que servir tudo pra ela. E aí o resultado: ela veio de lá boa. O doutor a aguarda lá de ano em ano. A primeira vez foi de seis em seis meses, depois de ano em ano. Em Goiânia que ela foi operada. Porque ela chegou a Anápolis tarde da noite, mas tinha dois médicos lá em Anápolis, o cunhado do meu cunhado que mora lá em Anápolis é casado com as primas da minha mulher. Quer dizer, ele já estava lá esperando e aí eles chegaram lá, hospitalizou ela, ficou esse resto de noite lá. Custou, mas no outro dia cedo, pegaram ela e levaram. Um deles foi pra Goiânia. Acompanhou lá. Foi feito a operação lá em Goiânia, já. Nessa época já tinha transporte aqui. Isso já foi agora pouco, não sei quanto tempo tem, mas foi há uns dez anos, já tinha alguma coisa. Aqui já tinha as estradas, já tinha transporte. Aqui já tinha até os médicos, só que eles não deram nenhuma esperança.

A esposa do pastor do Lar Batista ainda é viva. É essa que eu estou falando: a dona Izaura. Mora aqui. O pastor morreu, mas aí ela voltou pra cá. Quando não tinha médico aqui, era com o pastor. Pastor Batista. Aí antes de o pastor chegar era com as parteiras. Não, não. Meus filhos todos foram pegos por enfermeira. Mas a primeira, que é essa que foi operada, foi outro pastor que tinha aqui. É tanto que nessa doença da menina, ela ficou assim defeituosa da perna. Tem uma perna fraca, mais fina do que a outra. Acho que deu muito trabalho pra nascer, acho que foi puxando. Eram difíceis as coisas. Na minha época de jovem a diversão aqui, éramos nós mesmos quem fazíamos as festas. O tocador era o sanfoneiro. A luz era do lampião. Antes era no lampião, mas depois de 1954, meu cunhado, o prefeito botou energia aqui. Mas tinha vez que era no lampião. Eu mesmo arrumava os convites. Tinha lampião e aí nessas épocas, você fazia um convite, ainda hoje eu me lembro disso. Outro dia mesmo nós estávamos falando nisso. Hoje você chega faz um convite, até mesmo em alto falante, naquele tempo não tinha isso não. O convite era feito assim: era de casa em casa, boca a boca. Depois com a continuação, não. Foi tendo as coisas pra cá. Mas quando não tinha, aí saía de casa em casa. E depois quando começou fazer no microfone e tal, se dizia ainda hoje me lembro disso: “Convidamos a sociedade de Itacajá para uma festa dançante em lugar tal, tal e tal”.

O sanfoneiro era daqui da região mesmo. Vinha de fora, mas a maioria era daqui. Por sinal aquela casa bem ali era de um sanfoneiro que tocava pra nós, mas eles moravam aqui nessa terra dos índios. Nesse tempo ainda não era tirada essa área dos índios aí e eles moravam lá, trabalhava lá na rocinha. Dia de festa aqui, pegava o cavalo aqui e vinha fazer. Uma vez eu entrei num altar lá.

Ele vinha, ele e a mulher, a mulher era no pandeiro, batendo no pandeiro e ele na sanfona. Tinha carnaval aqui, nós mandávamos um a pé, a pé daqui a Carolina comprar um perfume. Levava dois dias, rapaz. Com dois, três dias ele estava aqui. A pé. A pé. A Olímpia é melhor pra lembrar essas coisas do que eu, assim das coisas daquele tempo, de como começou o orfanato, como eram as coisas. Porque eu cheguei aqui em 1944 e ela em 1949, cinco anos depois de mim. Ela veio também do Maranhão. Eu acho que não era nem bem carnaval, era só uma festazinha às vezes. Pois é. É isso que eu estou dizendo, nós mandávamos o doutor, que era um “cabra” caminhador danado assim, o bicho tinha umas pernas compridas. Às vezes tinha um pouquinho de lança-perfume aqui: “não, vamos mandar”: “doutor tu quer ir à Carolina”? “vou”. “Mas tem que chegar aqui depois de amanhã”. Era animado. E aí você fazia aquelas festas, fazia o convite pra a sociedade de Itacajá, aí tinha que pôr o nome daqueles que faziam parte da sociedade. Menino, a nossa festa era gente que só, que vinha. Festa de divindade aqui tinha também. O padroeiro daqui da cidade é o Sagrado Coração de Jesus. O festejo aqui do Sagrado Coração de Jesus, dizem que ele é do mês de junho. Quer dizer, pra ser certo as novenas tinham que ser em junho, mas aí botaram pra julho porque é o mês de férias e todo mundo que está fora chega.

Quando nós viemos em 1949, vinham mais ou menos quarenta pessoas com as cargas tudinho nos jumentos, burros, essas coisas, vinham lá do Saco, da Mangabeira pra cá. Não lembro quantos dias de viagem. Eu viajava de boiada pra cá, quando chegava lá em Uruana, lá naquele meio lá perto de Uruana, levando pra São Luis do Maranhão. Só pra chegar, daqui lá, eram quarenta dias montando, tocando gado, nadando os rios, tudo na maior enchente que dava nos sertanejo, a maior enchente que tinha, pra vender o gado lá. Tinha o porto lá, você chegava lá, acampava e aí lá já tinha contrato com os fazendeiros. Os compradores eram de São Luis. E a gente ficava cá fora, distante ainda de São Luis. Porque aí eles compravam não era pra matar logo o boi, comprava aí e a gente botava nas cordas, nos quarto. Mas gastava às vezes 40 dias daqui, lá. E de lá de Goiânia pra ali pra Ilha do Bananal. Essa não mexia com rio cheio não, porque essa você entrava no mês de maio. Em maio trazia pra Ilha do Bananal. Comprava lá e trazia pra Ilha do Bananal. Lá, soltava. Ilha do Bananal muito boa de pasto. Não tinha pasto ruim, era tudo terra que não era de índio. Naquele tempo era aguado, aí tudo empastada. Aí deixava o gado lá, deixava com as pessoas lá olhando e a gente vinha pra casa.

Não saía daqui com comprador certo. Nós pegávamos o gado, nós tocávamos o gado vendendo daqui até o Maranhão, em São Luis do Maranhão. No lugar que passasse e achasse comprador, vendia. Era. Esse já não era mais o boi pra matar, não. Já era o gado de cria mesmo que levava pro Maranhão.

Passávamos muito tempo na estrada, porque de lá pra chegar aqui a gente gastava mais de trinta dias. Lá daqueles meios, dependendo de onde comprasse. E daqui pra lá, às vezes gastávamos quarenta dias. Hoje não, as coisas são fáceis. Você pega uma lista de gado aqui pode levar pra qualquer lugar. Depois a gente deixou isso, eu parei com isso pra longe, aqui levando gado pra Belém porque já tinha a estrada e tinha as carretas pra pegar o gado e levar pra qualquer canto. Hoje leva pra todo canto do Maranhão, pra todo canto de carreta.

Depois que mudamos pra cá, não voltei mais lá onde eu nasci não. Eu ainda tenho tio onde eu nasci. Daqui lá, dá quanto? Quarenta quilômetros? Vinte e poucos quilômetro. Pois é. Depois é que nós mudamos pra beira do rio Tocantins, aí ficou um pouquinho mais longe do que quarenta quilômetros.

Era na minha fazenda que tinha um engenho, de muito tempo, que o povo levava cana. Mas não é mais o engenho de pau como se dizia todo cheio de pau, todo puxado a boi, não é? Igual aquele apareceu um engenho de ferro, aí eu comprei o enghozinho de ferro todo elétrico, todo na eletricidade. Lá onde eu vaqueirava com meu pai não tinha engenho não. O papai veio mexer com engenho quando nós mudamos pra cá. O compadre fazia até açúcar. Lá, eu levantava toda madrugada, pra começar moer. Principalmente no dia de sábado que a gente tinha que desocupar cedo pra ir para as gandaias na cidade mais os colegas. Aí quando o dia amanhecia, nós já estávamos com os cochos já cheios. Lá deixava o papai lá e nós vínhamos embora. Não, não, não, não. Não aprendi fazer açúcar não. Nenhum dos meus irmãos aprendeu a fazer açúcar. O meu irmão confiou no papai e aí não mexeu mais com açúcar não. Só o papai que mexeu. Mexeu mesmo só com a rapadura e a pinga. E aí ele fazia a pinga e botava nos burros e topava vendendo. A maioria vendia fora. O consumo aqui era pouco. Eram poucos moradores também, não é? Desses poucos moradores que tinham aqui, quando eu cheguei, veio quase todo mundo do Maranhão. Quase todo mundo. Aqui, até as famílias Soares, Correia, que era as maiores famílias que tinham aqui, a procedência mesmo dos mais velhos do Maranhão. A turma mais nova assim da minha idade, as outras, é que já nasceram por aqui. Eu nasci aqui, mas meus pais são de lá também do Maranhão. Meus pais já vieram casados. Já trouxeram quatro filhos. Quatro ou cinco filhos.

A viagem que eles fizeram do Maranhão pra cá foi toda em cima de animal. E depois que nós estávamos aqui, porque o papai mudou primeiro lá desse outro lugar pra cá pro Maranhão, mais pra cá assim, no município de Carolina, mais da beira do Rio Farinha. Tinha um irmão dele já aí. Esse mexia também com engenho, com fardo muito grande. O movimento dele era grande, viu? Grande, grande. Ele fazia pinga demais, açúcar, toda coisa. Você chegava lá, via era magote de boi só pra puxar engenho. Dois engenhos, dois alambiques podia apurar todinho. O que fazia o engenho se movimentar era o boi. Carro de boi pra pegar lenha lá no mato e trazer. Era um movimento grande que ele tinha. Aí o papai tinha mudado pra aí, pra perto dele. E aí de lá surgiu, gente de lá, tinha essa fazenda aqui e aí falou com o papai pra vim tomar conta da fazenda dele. Aí o papai veio. Depois que nós estávamos aqui, nós já tínhamos saído dessa primeira fazenda e íamos pra outra. Aí papai: “não, nós vamos lá pra Iumá, a fazenda lá chama Iumá. Lá pra Iumá lá. Na fazenda do Ernesto, tem uns bichos do Idelbrano.” que era o irmão dele que morava lá. “Vamos lá primeiro. Já faz tempo que a gente veio de lá, já tem um bocado aqui que nasceu aqui e que ele nem conhece, vamos lá. O Cícero também não conhece esses primos de vocês, nós vamos lá”. Aí botaram as cargas nos burros, carregaram e tocamos. Não. Os filhos menores iam de garupa. Isso foi em 1937 que nós mudamos. Eu já estava com seis anos. Eu ia de garupa, mas até hoje eu estou ruim da memória, mas ainda me lembro direitinho assim do jeito da viagem.

A estrada era só naquela veredinha, só dava de caminhar com os animais mesmo. Tinham aqueles tombadorzão que ia devagar. Às vezes eu ia cansado, doendo a minha bunda assim e eu ia e pulava no chão, e saía caminhando um pedaço de tempo. Lembro-me direitinho assim dessas coisas daquele tempo. As coisas de comer já levavam tudo pronto. Descansava na estrada, quando eram onze horas, dez pra onze horas, arranchava e ia fazer a comida. Os homens iam pear os animais e as mulheres iam fazendo o de comer. Vários dias. Só de Carolina pra lá eram dois dias de viagem, de tropa. Sei que pra Carolina eram uns três dias. Gostei. Porque menino logo vai brincando na estrada, nem via passar o tempo. Pois é.

E aí quando voltamos pra cá pra fazenda onde nós morávamos, nós passamos muito tempo. Nessa segunda fazenda, nós passamos seis anos lá. Com seis anos é que nós viemos pra cá. Aí com cinco anos, nós ficamos cinco anos na fazenda, porque sempre a regra de vaqueirice, tem vaqueiro que ficam dez anos. Nós mesmos, na primeira ficamos dez anos, mas nessa lá, nós ficamos só cinco. Que já dava só o nome: “não, fulano vai sair, ele vai „cincar” e vai sair”. Tinha esse negócio de dizer: ele vai “cincar”. Quer dizer: completou cinco anos saí, querendo sair. Agora, às vezes ficava pra dez. Conheci vaqueiro por aqui que ficou dez, vinte anos na fazenda e tal, tal, tal. Às vezes eu fico conversando assim, mas eu estou com problema de esquecimento, viu? Esquecimento. Estou tomando remédio direto aí e em agosto mesmo eu fui a Anápolis, num médico lá e ele disse pra mim que... Eu passei nuns quatro médicos lá, mas estive num especialista nessa parte, formado lá, fui lá. E aí ele me consultou e me falou logo o seguinte e eu disse o que era e aí ele me fez a consulta, aí ele disse: “seu Manoel, eu não vou lhe negar, você pode ir até nos Estados Unidos que você não acha remédio pra sarar, não existe. Vou passar uns remédios pra você ir tomando coisa e tal. Não vou dizer que você vai morrer breve, que você vai morrer disso, pode acontecer de você morrer de outra coisa, mas com essa doença, essa não tem remédio pra ela”. Às vezes acontece, conversando assim como nós estamos assim, quando dou fé, a pessoa fala comigo e eu não dou mais conta, não estou vendo o que a pessoa está conversando. Dá aquele branco que é uma coisa assim que... Acontece que aí, nós estamos conversando aí ataca aquilo, vocês saem como exemplo. Aí depois, com o tempo eu vou lembrando: aqueles meninos que estava aqui foram embora e eu não vi. Um dia eu estava sentado bem aí fora, quando chegou um cunhado meu. Chegou dali, aí chegou, falou comigo e eu não respondi nada. Aí ele entrou e falou: “seu Bebê está ali, está ali e ele não está sabendo de nada”. Aí a Olímpia veio e falou comigo: não. Aí depois com tempo, né? Mas eu não fiquei sabendo com quem falei, quem falou comigo.

A minha família é muito grande. É muito grande. Muito grande. E ela tem uma participação grande na história de Itacajá, principalmente na história política. Sempre em muitas coisas aqui, eu nunca fui, vamos dizer: prefeito, nem vereador, nem coisa nenhuma, mas eu já procurei arrumar muita coisa pra Itacajá. Inclusive até escola pra cá pro município eu arrumei, Escola Estadual pro município, talvez o prefeito não botasse porque nós éramos adversários políticos. Essa escola do município foi por intermédio da gente mesmo também que o governo é muito amigo. Nesse tempo era o Masolene que era o prefeito. Porque o Masolene foi prefeito duas vezes. Depois foi eleito, mas não assumiu porque estava no pleito de deputado e o deputado morreu e ele deixou de assumir a prefeitura pra assumir dois anos de deputado. Isso foi o final da carreira política dele. E ele só foi eleito a primeira vez porque eu e o Ananias, nós do nosso grupo, fizemos tudo. O Ananias Costa. Ele mais o Cide tinham compromisso com o João Pinheiro, quando ele terminasse o estudo, o Masolene, ele vinha pra cá pra ser candidato. Quando ele chegou aqui, o Masolene resolveu ser o prefeito e aí não quiseram lançar ele como candidato. Naquele tempo só existiam dois partidos a ARENA e o MDB. Só eram dois: quem fosse da ARENA era. Quem era do MDB, do mesmo jeito. Não é como hoje que tem não sei quantos partidos. E o Masolene mais o pai dele eram da ARENA e o Ananias, esses Costa quase tudo era do MDB. Quando nós chegamos pra Itacajá, o Masolene tinha três anos, três anos de idade. Morava bem ali em baixo onde mora aquele menino do João Rocha e aí eram esses dois partidos que existiam. Podia fazer o seguinte: podia lançar até três candidatos por partido. Então se tivesse votação suficiente, quer dizer, dois daqueles seriam candidatos porque quem tivesse menos voto, sobrava. Mas o outro ficava como candidato da ARENA um e da ARENA Dois. Quer dizer: o primeiro mais votado ficava como candidato da ARENA um e o outro menos votado era candidato da ARENA dois. E ele, Masolene querendo entrar porque queria e tal. Mas o João Pinheiro não o lançava. Aí nós do MDB não iríamos lançar



candidato, aí combinei com o Ananias e fomos lá falar com Masolene: “Masolene, você tem pretensão de ser candidato”? Aí ele contou a história: “na verdade eu tinha um compromisso com João Pinheiro, que quando eu me formasse e chegasse aqui ia ser candidato, agora eu cheguei e ele.”. “Mas o partido da direita não dá dois, até três candidatos se for preciso? Porque você não entra e se lança candidato do seu partido”? Porque ele não podia vir pro nosso partido por questão de filiação. Porque pra ser candidato de um partido tem que ter muito tempo de filiação no partido, aí foi que ele acordou: “mas rapaz, sabe que é mesmo”. Aí eu disse: “se você tiver pretensão você pode se lançar candidato, nós não temos nada a ver com esse seu lançamento porque nós não assinamos nada lá como outro partido. Mas nós do MDB lhe apoiamos, você pode contar conosco que nós não vamos lançar candidato”. Porque financeiramente era muito difícil. Aí ele ganhou a eleição estourado. Foi a maior vitória que já teve aqui em eleição.

Quando nós resolvemos mudar de lá da fazenda, papai tinha uma fazendinha lá, coisinha pouca. Pra nós virmos pra cá, papai resolveu vender essa terrinha lá e comprou outra aqui. O gadinho era pouco, trouxemos o gado de lá e tal e colocamos aí. Mas esse gado a gente perdeu uma parte porque não tinha cerca naquele tempo e a gente soltava aí. O gado foi embora aí porque não era preso e não apareceu mais nunca. Tinha gado espalhado por esse mundo aí. Tudo aberto, tudo aberto.

Quando a gente chegou aqui, os Krahô não moravam aqui perto não. Moravam bem mais longe. Eles estavam tudo espalhado no mundo aí porque estava com pouco tempo que eles tinham sido atacados. Os fazendeiros daqui, essa família dos Soares, que atacaram os índios aí pra matar. Pra ver se acabava, porque a família Soares tinha fazenda aí dentro também. Quer dizer, a terra não era demarcada nesse tempo não. Tinha o cristão e o índio, tudo aí dentro. Mas os índios eram danados pra furtar o gado. E aí o Mundico Soares um fazendeiro que tinha aqui, reuniu bastante gente aí pra ir atacar os índios. Era só uma aldeia que tinha aqui e era pequena, não era grande como tem hoje. O nome da aldeia eu não sei te dizer não. Porque quando eu conheci lá, já eram só os alicerces velhos. Mas chamavam Aldeia Velha. Então eu não sei qual era o nome que ela tinha não. A gente chamava assim, era apelido. Tal lugar: é na Aldeia Velha. Aí eles arrumaram aqui. Mas aqui tinha um pastor que também foi um dos fundadores dessas igrejas Batista, do orfanato. E esse pastor tomou conhecimento que a tropa queria atacar os índios. Aí ele arrumou uma pessoa pra ir lá avisar para os índios. Isso foi em 1940... Aí quando a tropa chegou lá, os índios já iam correndo. Só pegaram mais aquelas índias velhas, mulheres com menino nos braços. Foi o que eles ainda mataram lá. Mas os índios mais novos, os machos, correram tudo. Esparramaram pelo mato, ainda entraram e saíram correndo assim. Índio ainda atirou também em cristão. Na beira do rio, quer dizer, estava tudo espalhado pela mata assim. Isso foi uma bagaceira danada. Só tinha essa aldeia. Hoje tem, não sei se são dez ou quinze aldeias. Porque se tivesse matado naquela época, naquele tempo, não tinha mais nada de índio. Quando acalmou essa briga toda eles começaram a andar por aqui pela cidade. Mas era muito assim, “escabreado” (desconfiado). O pessoal dos Soares foi quem atacaram eles, sempre recusava assim: lugar que tinha índio, eles não andavam, né?

Quer dizer, que foi o estado que veio aqui. Mas ele deu os limites todos aí. As terras, depois de um tempo, que é que a gente fala, né? Que a pessoa nunca pensa no futuro. Porque essa terra de índio não era pra limitar bem aqui no nosso porto de tomar banho. Bem aqui no rio. Limitava noutros córregos lá mais na frente, porque a aldeia era longe. Eles não tinham aldeia aqui perto nesse tempo não. Porque já tinha situado algumas aldeias, mas era daqui a cinco, seis léguas pra acolá. Aí eles já não fizeram mais só uma: fizeram uma pra acolá, outra pra acolá, outra pra acolá. Quer dizer, tinha muito espaço de jogar essas terras. Mas não tem cabeça pra pensar no futuro e acha que a divisão

por água foi boa. Porque aqui tem um rio que chamam Riozinho, aliás, desse “Ribeirão dos cavalos” e outro “Riozinho” acolá. Então ficou limitado pelo Ribeirão dos Cavalos, subindo pelo Riozinho, aliás, o Rio Manoel Alves, vai até o Riozinho nessa área toda. Mas daqui vai longe. Daqui, a área dos índios aqui, rapaz é possível que ela dê uns cem quilômetros, daqui pra ali. Ela assim não é tão grande não. Mas assim pra cá ela dá uns cem e tantos quilômetros mais ou menos. E aí tem essas aldeias que eles mesmos levantam aí, tem aldeia de todo jeito, de todo tamanho. Só para o governo gastar dinheiro. Gasta dinheiro demais. Hoje a convivência entre o branco e o índio aqui na cidade está boa. Não tem dificuldade. O pior pra gente é porque eles bebem pinga demais aqui. Vivem bêbados, caídos, essas coisas, não é? Só já teve uma vez, um tempo desses, que um índio matou o outro bem aqui nessa praça. Mas com cristão mesmo nunca teve conflito mais não.

Quando nós chegamos aqui na cidade de Itacajá continuamos mexendo com gado, plantando roça. Nós plantamos roça vários tempos porque nessa terra que o papai plantou cana, nós fizemos primeiro a roça lá. E aí nos plantamos um pouco de cana, plantamos milho, arroz, essas coisas. E aí a cada ano a gente plantava mais um pouco e ia aumentando a cana. Mas nós sempre plantávamos alguma coisa como o milho, para o consumo. Pra ir pro pilão. Porque naquele tempo corria para o pilão pra pilar. Limpava no pilão. Eu comecei a ganhar um dinheirinho, porque eu trabalhava mais o papai no engenho, nessas coisas, mas não passava o dia lá não. Quando acabava de moer, porque minha obrigação mais era de moer a cana. Moer a cana e encher os coxos. Porque a pinga, você pega e enche cinco, seis coxos de garapa. Aí ela vai “azedar” (fermentar), pra dali ela se transformar em pinga. Então eu começava moer de madrugada mais outros colegas, moía tudo, o que era pra botar nos coxos, botava. Porque a gente ia moendo e tinha aquelas pessoas que iam pegando e botando nos coxos. As gamelas de apara ali a garapa era pequena, ia botando logo nos tachos. Tinha os tachos como se fosse de fazer rapadura, papai vinha e falava: “eu quero tantas taxadas de garapa aí”. A gente fazia, depois vinha embora. Ele já vinha almoçar por aqui e tal e ficava.

Mas, depois eu comecei viajando aqui. Esse meu cunhado que foi prefeito aqui, mexia com gado, antes de ele ser prefeito. E aí a gente tinha animal lá também e aí fui passar um dia mais ele, juntar gado por aí ganhando diária. Mas em 1949 eu já fui pro Maranhão dessa vez. Eu era meio bruto pra mexer com gado assim, eu tinha muito conhecimento. Ficava um deles comigo que era pra contar o gado na estrada porque aquilo tinha que contar o gado de vez em quando. Você passou um corgo aqui cheio de mato, um carrasco, essas coisas, quando sair fora tem que procurar cuidar em contar o gado. Porque às vezes ficava um perdido para trás. Quando vinha saindo, a gente já ia lá pra frente assim pra esperar o gado. E os peões esperavam os gados estreitar assim pra contar. Aquilo precisava ser bom pra contar mesmo, porque senão, não contava não. Aí quando foi em 1949, ele falou pra mim, meu cunhado: “se quiser ir para o Maranhão, pro Mearim comigo, eu te dou essa burra pra tu ir montado e dou o lucro desses catorze bois que foram de fulano de tal acolá”. Aí eu disse, eu vou. Pulei, toquei no mundo aí, fui pra lá. Lá na beira do Rio Campo de Pombinha que já fica perto de São Luiz. Chegamos lá a gente tinha um recado do comprador do gado, que lá era o ponto de esperar os compradores. Aí chegamos lá, disse: “olha, está aqui a.” era uma carta, não sei o que era telegrama. Porque tinha uma cidade lá pertinho de onde nós estávamos. Eu disse: “eu que vou ficar pastorando boi aqui oito ou dez dias? Vou coisa nenhuma, vou-me embora”. Ele disse: “rapaz, embora? Tu és doido? Tu tens coragem de ir daqui lá a Itacajá sozinho?” “vou”. Logo, lá era assim uma “vajaria” cheia d’água, só tinha aqueles “cucurites” que você encostava o burro ali pra descer. Se quisesse descer de cima do burro, ficava vendo ele daqui. E ali era uma formiga de fogo mais danada do mundo. Você voltava na mesma hora porque você não aguentava. Eu disse:

“rapaz, eu nunca fui doido pra ficar aqui dez dias”? Parece que eram dez dias. “vou não, meu filho. Vou não. Vocês vão só pastorar, não tem necessidade de mim aqui não. Amanhã cedo eu vô me embora”. Quando era cedo do dia, eu saí. Sozinho nesse meio aí. Lugar que você viaja sete léguas sem ver um morador. Pois é. Vim ficar aqui. Aí nessa época, quando ele chegou de lá, que vendeu o gado, aí me entregou três contos e tanto eu disse: “agora eu tenho dinheiro pra eu viajar”. Naquele tempo era até muito dinheiro. Esses catorze bois deram uns três contos e tanto de lucro. Daí, de 1949 até 1962 que eu fiquei nessa pra lá. Até 1962, quer dizer, que em 1962 foi a última viagem que eu fiz. Eu me casei em 1961 e aí em 1962 eu fui lá, porque eu tinha muitos amigos lá, essas coisas. Às vezes eu passava dez meses lá, sem vir aqui. Tinha umas namoradas ali. Aí quando eu casei, eu disse: “eu vou levar mulher no meio daqueles homens”? Aí eu fui lá só resolver um resto de um negócio que eu tinha deixado lá e já tinha esse movimento aqui pra Belém, carregando boi em carro, né? Aí lá eu vendi as coisinhas que eu tinha por lá, peguei um avião bem ali em Carolina, lá peguei um carro e fui pra lá para um ponto onde eu tinha pasto lá, essas coisas. Já de volta nós pegamos, quando deu de voltar, aí eu não fui mais pra São Luiz não. Um amigo meu lá pegou eu e ela com minha tropa e mandou me deixar em Barra do Corda. Foi em dois dias de viagem lá pra Barra do Corda. De tropa. Aí, de Barra do Corda nós pegamos outra tropa para Carolina. De Carolina nós pegamos outra pra cá. Naquele tempo, de Carolina pra cá, era a pé. A gente começou envolvendo assim em trabalho de política. No governo, de 1982, foi eleito Iris Resende Machado, muito meu amigo e tal, né? E aí me arrumou um contrato no estado e aí eu fiquei naquilo, só por conta disso e mexendo com política, apoiando.

Sempre eu conto. Sempre eu conto pra eles, para os meus filhos, netos. Agora mesmo, nessa semana, segunda-feira, nós vindo de Palmas pra cá, indo e vindo, fomos segunda e voltamos na outra segunda. Eu mostrando pra ela, passando por cima daquela ponte de Pedro Afonso, que é a ponte mais danada do mundo, é alta, né? Aí eu dizendo pra eles, vinha filho, vinha neto, vinha nora, aí eu dizia: “olha, aqui nesse Tocantins, eu nasci os netos quase foi nadando em cima de boi aqui nesse Tocantins. E não era com ele baixo do jeito que está não. Às vezes que dava certo naquelas maiores enchentes, que o Tocantins você não via onde ele estava não. Ele estava por dentro dos matos tudo aí, né”? Eles diziam: “vô, você nadava”? “Nadava meu filho. Esse era o maior rio que eu nadava. Começava nadar nele aqui e aí entrava no Manoel Alves Pequeno, Manoel Alves Grande, no Rio Mearim, no Rio Itapecuru e tocava no mundo aí, aonde chegava.” eles diziam: “mas vô”. Eles se admiravam assim desse tempo todo. É. Interessam, interessam. Às vezes em outras viagens mesmo, com pessoas particulares, assim de ônibus e tal, às vezes eu falo. Mas sempre quando eu estou lá em cima, naqueles pontos ali do Sérgio pra frente, naquelas entradas que vai ali pra Uruana. Às vezes eu falo assim: “viajei muito com gado daqui pra São Luiz do Maranhão”. “mas essa conversa é séria mesmo”? Eu digo: “é. Com um bocadão de boi daqui até chegar a São Luiz do Maranhão”. Eles: “moço de Deus”. Vocês podem estranhar porque hoje tudo é tocado no carro. Está mais fácil.

Um dia, antes de começar mexer com gado e às vezes até quando chegava onde tinha aquele gado, era o seguinte: você, às vezes começava em novembro, a juntar gado aqui, tocava pra lá, lá vendia e vinha embora. Às vezes ficava e aí só em maio de novo. Às vezes eu trabalhava aqui, antes de começar mexer assim com gado, em muitas coisas. Essas casas, eu ajudei fazer, como pedreiro, né? Mas só que naquele tempo, só arrumava alvenaria pra fazer só o alicerce, porque o mais era tudo de adobe, as paredes. Aquele adobo de barro. Por sinal essas paredes bem aqui, de dentro dessa casa minha aqui, essas de fora, ainda são de barro, de adobe. Você pode ver, olha a grossura dela aqui, oh. Aqui, a água entrou. Isso aí se fosse de alvenaria ela era só um, né? Então eu trabalhava de

pedreiro, mas eu nunca fui de dizer que eu era pedreiro pra fazer acabamento de coisa. Não, eu não cheguei a trabalhar disso aí. Às vezes fazia um reboco numa parede, numa coisa, mas negócio disso e aquilo por duro, não. Porque eu trabalhei pouco tempo. Naquela Igreja Batista ali eu ainda trabalhei, pus as pedras. Às vezes quase que a gente trabalhou em alvenaria, porque já foi feito em alvenaria. Naquela outra igreja ali que tem bem ali naquela praça, ali eu trabalhei. Essa já foi feita dealvenaria.

Nunca me arrependi não. Não, nunca me arrependi não. Se eu ainda tivesse saúde pra fazer essa viagem de novo eu faria sim. Teve uma vez que eu cheguei à beira do rio Tocantins, vinha de lá, vinha com gado lá do outro lado pra cá, quando chegamos ao Porto já tinha outro cara na minha frente com as boiadas. Ele tinha arrumado os nadadores. Aquilo, naquelas beiras de rio, no lugar daqueles pontos de atravessar gado sempre tinha os nadadores por aqueles lugares. Quando chegava, avisava, vinha tudo buscar. Quando nós chegamos, a rua estava cheia. Tinha um cara com uma boiada esperando os nadadores chegarem pra botar os gados. Eu mais um irmão meu lá. Porque aquilo eles fazem uma seringa aqui de madeira, pegando de dentro d'água pra fora assim pro gado entrar ali, pra poder carregar o gado lá na frente. Porque se não, se tiver aberto ele não vai na água. E aí quando eu cheguei fomos empurrando daqui, os nadadores estavam esperando o gado sair. Os nadadores de um lado e de outros assim. Esse gado caminhou, nadou um pouco assim, virou assim e saiu todinho por baixo assim. “não é possível, rapaz. Que eu deixei esse gado sair assim”. E aí depois que vai a primeira vez assim eles cobram ou correm? Corre pra não vir mais. E aí, eu vi que foi fraqueza dos nadadores. Eu fui e chamei meu irmão e disse: “vamos nadar com esse gado, ajudar esse povo porque com eles esse gado já voltou de bem dali e eles não vão buscar esse gado e vai atrapalhar”.

## FERNANDO TUGRÉ

Entrevista em 24/ 01/ 2011

Fernando Tugré, um Piauiense que teve de se dedicar a atividade de produção de cera de Carnaúba pra fabrico do disco vinil, depois que seu pai morreu, pois não via outro meio de ajudar a família. Mudou-se para o Estado de Goiás, casou-se e foi dedicando vaqueirice no sertão, acumulou décadas de trabalho com os Krahô.



“No Piauí é bom. Lá é terra que homem tem palavra.”

Não, eu não nasci aqui em Itacajá, eu nasci no Piauí, em um lugar por nome Carrumber, meus pais também nasceram no Piauí no mesmo lugar que eu nasci. Quando nós viemos pra cá veio só minha mãe porque meu pai faleceu em 1951 no dia 11 de Maio picado por uma cascavel e depois disso começou a bagunçar sem orientação, aí viemos pra cá e minha mãe morreu bem ai em Tocantinópolis. Nós chegamos aqui no João do gado em 1952, lá onde o tio tinha a terra, então fomos pra lá, depois voltamos, aí ela morreu. Viemos embora do Piauí pelo seguinte, além do meu pai ter morrido lá Outubro, Novembro, Dezembro e Janeiro era sem chuva então o Manoel que era o mais velho já tinha vindo pra cá mais o Augusto e o Zé Dias voltaram pra nos buscar e já era Janeiro e não tinha dado um pingão de chuva, aí não tinha como plantar também.

Vimos pra cá porque já tinha um tio que morava aqui há muitos anos bem aí no João do Gado, o tio Antônio. Nessa época aqui em Itacajá tinha uma faixa de oito casas, ainda era povoado e não cidade. O povoado chamava Porto do Vau. Não, eu não estudei no lar Batista, eu a vi funcionando e quem mexia lá era o Pastor Dodanin. Eu cedo saía de casa com uma galinha debaixo do braço e voltava para casa quando negociava, negociava, negociava e interava uma vaca eu... eu vinha tocando ilusões de vaca no sertão. Também não foi difícil acostumar aqui não, porque tinha onde trabalhar e nós ficávamos na fazenda, então trabalhávamos pra lá mesmo e vinha aqui só pra comprar as coisas e voltávamos. Na fazenda nós fazíamos rapadura, farinha, plantava arroz, feijão e vinha vender aqui e voltava, criava porco, mas era uma dificuldade pra vir aqui porque não tinha estrada.

A viagem do Piauí pra cá foi cansativa, com carga no jumento, saco nas costas. Saímos de lá em Fevereiro e chegamos aqui em Abril e vinha de tempos em tempos pegando um jumento pra botar carga pra descansar os outros. Nessa viagem vinha a minha família e a família do Francisco, na época eu tinha 14 anos, a gente parava pra comer e quando o dinheiro acabava vendia um jumento “e o pau caiu à folha desse jeito”. Muito difícil, ave Maria. E na mudança quase não trouxemos nada, só mesmo as coisas pra comermos, as redes, a roupa e um baú velho. E trazia tudo no lombo do jumento.

Com tudo... , o povoado foi crescendo, foi crescendo, foi chegando gente e eu fui embora pra Tocantinópolis, moramos lá algum tempo e foi lá em Tocantinópolis que eu comecei a minha família, de onde eu morava pra cidade era dois quilômetros, mas não era nas terras dos Apinajé. Aqui também nunca morei nas terras dos Krahô, só trabalhei com eles e foi muitos anos, muito anos trabalhando com o Krahô desde a década de setenta, conheci Vilma Chiara e gosto deles todos. O comércio era fraco, só tinha dois comércios, um do Cariolano e outro do Pimentel só. Aqui na época no lugar que você quisesse ficar podia ficar, podia ficar até com o mundo todo se quisesse, terra não tinha valor, pra trabalhar era bom porque não era muito mato de modo que brocava, derrubava, queimava e plantava. Tinha uma escolinha velha aqui também. Lá no Piauí eu não estudei, mas briguei com os professores porque eles não me respeitavam, aí eu não estudei mais, e então era na enxada, no machado e no facão. No Piauí, eu gostava de ir pra escola, mas os professores não respeitavam a gente, só porque a gente era menino, aí eu xingava todas elas. A escola de primeiro era mais difícil, mas o aluno aprendia mais. Se fosse pra eu fazer viagem de novo do Piauí pra cá eu faria, faria com o saquinho nas costas, ia e vinha se eu quisesse. Eu gostei muito daqui, aqui é bom.

Não fiquei com nenhum ressentimento de ter mudado de lá pra cá não, logo não tinha muito que pensar, mas eu quero ir passear lá antes de morrer, mas morar não. Depois que eu saí de lá nunca mais voltei. Ainda tenho uns parentes lá, mas não conheço não, no Piauí é bom. Lá é terra que homem tem palavra, mas aqui no Goiás tem muito cabra safado, fala as coisas, promete, mas não cumpre. Minha esposa é daqui mesmo, ela nasceu bem aí no Rio Vermelho que faz divisa entre os índios e os brancos. Meus filhos também nunca andaram lá no Piauí na terra em que eu nasci, mas eu tenho muitas lembranças de lá, me lembro até dos caminhos que a gente ia pra roça, eu me lembro de tudo lá. Já contei para meus filhos às dificuldades que a gente tinha lá, que a gente comia bode assado, já contei umas coisas pra eles, mas os filhos não perguntam muito sobre essas coisas e também nem adianta a gente contar porque eles não sabem como é lá, mas quem sabe se um dia eles não se interessam em conhecer lá, né? A nossa família não era muito grande, mas lá em

Teresina tinha ficado a tia Eva, mas já morreu também. Onde eu nasci fica meio perto de Teresina, mas não é tão perto porque de lá de Reunião vai pra Floriano e daí é que vai pra Teresina e era lá em Floriano que nós fazíamos compras. Era um lugar muito bonito onde eu nasci. Tem a terra da Carnaúba, eu trabalhei muito tirando a cera da Carnaúba pra fazer as tiras e calça de estriaria, essas coisas tudo. Mas eu vim trabalhar com a Carnaúba depois que meu pai morreu, ele trabalhava de vaqueiro, trabalhou pra muita gente e então depois que ele morreu, aí foi o jeito trabalhar com a carnaúba, mas com muito cuidado porque pra mexer com Carnaúba e fogo é muito perigoso. Quando mudamos pra cá trabalhei com cana fazendo Cachaça e Rapadura pra ganhar o pão de cada dia. Quando eu fui pra Tocantinópolis, lá eu casei e meu sogro tinha uma safra de cana muito grande então fui trabalhar com ele, eu também tinha meu pedaço de cana, depois eu larguei a mulher pra lá e vim embora lá pro Tucum que fica perto da Cachoeirinha que também fica próximo dos Apinajé que eu conheço também.

Às vezes as pessoas aqui não falam nem índio, eu não gosto de cabocó. Eu me sinto mal porque eu os conheço desde cinquenta e três e tenho uns vinte e poucos anos de trabalho com os índios e até hoje não tenho inimigo aí dentro da área do índio, quando eu saio daqui pra lá eu não levo uma rede, não levo uma coberta, não levo uma calça, vou e passo lá mais eles, eu gosto demais dos Krahô e eles não me chamam pelo meu nome e sim Homem Direito. Então eu me sinto mal quando vejo o povo maltratar eles, eles são sofredores, os índios são muito sofredores. Aqui em Itacajá as pessoas botam uma venda e com dois anos estão ricas vendendo para o índio, brigam uns com os outros pra tirar o índio do comércio de um pra botar no outro porque o índio hoje tem uma renda, recebe os benefícios do governo, mas o índio aqui dentro de Itacajá é sofredor. Pra essa cidade vem gente de todo lugar do mundo pra conhecer os Krahô e passam aqui por casa como a Teresinha do EMBRAPA, Lucinha, Letícia Sabatella, Ciça, Fernando Schiavini. Quando chegamos aqui em 1953 não tinha essa movimentação que tem hoje não, Itacajá fica muito próximo da Aldeia Krahô, mas até que eles têm uma convivência pacífica hoje. Antes eles andavam aqui, mas era mais pouco, eles ficavam na Aldeia mesmo e quando saiam era pra Pedro Afonso com saquinho nas costas, cofos nas costas. Hoje os índios são muito importantes para a cidade de Itacajá.

Antigamente as casas eram todas de palhas, isso aqui tudo era mata, só tinha essa ruinha bem aí (refere-se à rua da avenida) o resto era só mato, era pouquinha casa. Eu não imaginava que este lugar iria se tornar uma cidade e que ia ficar bonita como está hoje. Esse prefeito que está à frente da prefeitura eu não votei pra ele, se ele se candidatar dez vezes eu não voto pra ele, mas ele trabalhou, o prefeito daqui ele é zeloso. Houve melhoras no comércio, mas se você andar daqui pra trás você não vê serviço feito não, agora está fazendo uma caixa bem aí no hospital, pra cá está tudo traçado, o cabra é trabalhador. Vai lá pedir um botijão de gás que ele não dá, ele pode dá o serviço, mas o botijão de gás ele não dá e se dê é muito bem escondido, ele manda é trabalhar, mas dá não, ele não dá nada a ninguém. O pai dele já tinha sido prefeito aqui na cidade também João Pinheiro, ele está vivo bem aí na casa. Ele também foi mais ou menos, aqui prefeito bom foi o Antão, ele se elegeu a prefeito três vezes e depois saiu fora. A saúde aqui melhorou muito, mas ainda é um pouco frágil, visto que qualquer coisa mais séria tem que sair pra fora, ou seja, pra Araguaína ou pra Pedro Afonso e pra Teresina também, daqui vai muita gente pra lá. Essa cidade hoje ela está mais movimentada, ela está se tornando uma cidade cara pra se morar, de primeiro você chegava aqui fazia uma casa uma roça aonde queria, não tinha nada, hoje não, se você não tiver um lote você não faz porque ninguém não dá mais, você vai trabalhar pra comprar o lote. Os Gaúchos estão comprando tudo, esse povo de fora, essas coisas é tipo um carrancismo, tem um fulano de tal que compra baratinho e depois vende por um preço monstro e eu não acho isso bom pra Itacajá não.

Então vim do Piauí pra cá com 14 anos de idade, eu quase não brinquei porque tinha que trabalhar, minha mãe teve dezoito filhos, nove homens e nove mulheres. Esse povo estava tudo aqui, mas já morreu quase tudo, dos dezoito só tem três, o Arnaldo em Gurupi e a Ivete no Paulista, agora sobrinhos, sobrinhas tenho muitos e todos os dezoito vieram do Piauí pra cá. Lá do Piauí veio só dezesseis porque tinha morrido dois. Nós passamos a Semana Santa dentro do Maranhão, sexta-feira nós não andamos porque lá um homem deu arranco pra nós e nós ficamos na casa dele. As pessoas que a gente encontrava na estrada vinham pra cá mesmo pra essa região.



### **MANOEL PEREIRA DOS SANTOS**

Entrevista em 24/ 01/ 2011

Manoel veio do Maranhão com três filhos. Em Itacajá aumentou a família com mais quatro filhos. Filho de vaqueiro e vivendo agregado nas fazendas, possuiu terra somente depois de mudar-se para Itacajá.



“Estou preguiçoso agora porque não aguento trabalhar mais”.

Eu nasci lá em Mangabeira. É no Maranhão. Só não foi na cidade, foi no sertão. Minha mãe é nascida lá na mesma região. Meu pai é que não é. Meu pai é do Ceará. Minha mãe e eu somos da mesma região. Eles se conheceram no Maranhão, tudo no Maranhão. Meu pai conheceu minha mãe no Maranhão. A mãe dele o teve lá perto, porque ele já era menino no Maranhão, lá onde nós morávamos. Aí ele foi vaqueiro de um homem lá muito rico e ficou lá até que casou com ela. Mas eles não são todos de uma cidade, duma região não. Um é de uma região e outro de outra. Agora eu sou da mesma região da minha mãe. Deixa ver quando foi que eu cheguei aqui... Foi em 1962.

Em 1960 eu vim pra cá, fiquei aqui ao redor, aqui pertinho nas fazendas, como vaqueiro. Eu vim já tinha três filhos. Três filhos: dois homens e uma mulher. Já vim do Maranhão com a família construída, já tinha três filhos e, aqui eu tive mais quatro ainda. Sete filhos que eu criei. O lugar lá onde eu morava era na beira do Riachão. Nós morávamos na beira do Riachão. Aí mudamos pra beira do Rio Balsas. Lá foi onde meu pai criou a família, na beira do Rio Balsas. Lá perto do Riachão, lá perto da Mangabeira também. É tudo duma região só. Lá onde eu nasci o local não era nosso não. Nós éramos agregados desse homem rico que meu pai foi vaqueiro. Nós não tínhamos lugar lá não. O povo dizia isso, que nós não tínhamos lugar. Nós viemos possuir lugar aqui, depois que nós chegamos aqui. Meu pai trabalhou de fazenda, mas foi pouco. Trabalhou mais de roça mesmo. Ele, quando saiu dessa fazenda lá, ele ficou trabalhando só de roça, uns vinte anos lá na fazenda. Era de um povo muito rico que tinha lá dentro. Eles, quase foram quem criou ele lá na fazenda. Era rapazinho novinho, foi trabalhar com ele e ficou vaqueirando. Casou e foi sair da fazenda depois de casado. Quando ele saiu da fazenda ele ainda não tinha filho. Ele casou e o patrão dele deu uma fazenda pra ele vaqueirar na beira do rio. Aí foi que construiu a família dele. Aí ele teve onze filhos.

Rapaz, quando eu cheguei aqui, Itacajá já tinha esse nome. Mas aqui tratava por Porto do Vau. Parece que era assim. Mas já era Itacajá, uma corrutelazinha, uma cidadezinha. É. Com esse nome de Itacajá. Existia esse outro nome, mas o nome já havia poucos tempos que tinha mudado. Era Porto do Vau. Mas já era cidadezinha, corrutelazinha. Era Itacajá quando eu cheguei aqui. Já vimem direção desse nome de Itacajá. Porque meu povo morava na beira do Rio Tocantins, aí tinha essa direção aqui de Itacajá. Não estou sabendo por que foi que mudou o nome. Eu sei que aqui, o nome não era Itacajá não. Era Porto do Vau. Mas quando eu cheguei em 1962 já era Itacajá.

Eu resolvi vir pra cá porque lá no Maranhão, eu perdi umas duas roças no verão e aqui eu ouvi falar que chovia muito, né? Eu vim num passeio aqui antes de mudar pra cá. Eu vim num passeio aqui onde estava meu povo. Meu povo veio em 1955 e eu vim em 1962. Eu demorei mais. Eu fiquei quase dez anos lá também mais meu sogro. Fiquei vaqueirando mais meu sogro lá. Aí depois eu vim aqui num passeio, em 1961, onde meu povo e eu viemos. No outro ano eu já vim de muda. Porque aqui estava chovendo bem e eu tinha perdido minha roça. Aí eu: “meu sogro eu vou pra lá”. E aí vim pra onde estava meu povo. Daqui nunca saí mais. Fiquei aqui mesmo toda vida. A roça que eu perdi lá no Maranhão, eu tinha plantado um bocado de arroz. Arroz, algodão. Lá, o legume de lá era esses. De valor, era o arroz e o algodão. Algodão era o mais de valor. Aqui que ninguém mexe com algodão, mas lá no Maranhão, nós mexíamos. Nós cultivávamos o algodão pra vender pra ele. E o patrão comprava tudo, tudo, tudo. Comprava todos os cereais que tinha nos moradores. De vaqueiro e tudo, tudo, tudo. Ele comprava e descia nas balsas. Nesse tempo quase não tinha transporte. O transporte era de vapor, balsa, lancha, eram esses. Os cereais de comer tiravam tudo. A despesa não vendia não, mas o que sobrava vendia tudo pra ele.

Durou. Foram uns dois anos de seca. Aí eu perdi a roça lá. Perdi roça, quase me esmoreceu. Eu disse: “não, eu vou embora”. Aí quando eu cheguei pra cá, eu não sabia nem como plantava roça aqui, porque chovia demais: “não tem jeito de a gente plantar roça aqui. Não tem jeito”. Era chuva quase todo dia. No inverno era chuva. Quando entrava o inverno, pronto. Quando eu cheguei aqui, eu pensava que ninguém plantava roça não. Porque a chuva não deixava. Mas agora está do mesmo jeito do Maranhão. Está do mesmo jeito ou pior. Esse ano mesmo foi uma seca pesada. Mas está bom. Por hora não tive prejuízo das roças que eu fiz aí. Aí eu larguei mesmo de trabalhar de roça, fiquei velho. Mas está bom. Aí quando eu cheguei aqui, mas moço, “como é que planta roça aqui? Não tem quem plante”.

No Maranhão eu perdi a roça por causa da seca e aqui não vou plantar por causa da chuva. É, era desse jeito mesmo. Mas aqui, os moradores daqui sabiam o controle todinho. Aí a gente vai pegando aquele controle. A chuva não empatava muito a gente plantar roça aqui. O tempo todinho de serviço, queimar roça, queimar o garrancho todinho no tempo da seca. Quando era no inverno a gente ia tirando aí, fazendo as coisas direito. Mas o inverno aqui era bom de primeiro. Quando eu cheguei pra cá, o inverno era topado mesmo. Você não botava a cabeça de fora. Hoje está diferente demais. Esse ano mesmo passou seis meses sem chover, rapaz. Seis meses passou sem chover aqui. Tem passado estreito aqui, o povo aqui. Não teve prejuízo de cereais, dessas coisas. Já de gado, teve prejuízo, porque os pastos acabaram, os pastos do governo. Está quase a mesma coisa lá do Maranhão. Lembrei, lembrei. Eu tenho falado pra muitos aqui: “eu pensei que aqui não ficava desse jeito, não”. Mas ficou. Mas está bom. Pois é.

Acostumei até ligeiro. Porque meu povo já morava quase todo aqui. Eu acostumei ligeiro. Logo, eu fui mexer só com vaqueirice, não tinha leitura, mexia só com vaqueirice. A família botou os meninos pra estudarem aqui. Acostumei ligeiro. E acho muito bom aqui. Muito bom. Não tenho plano de sair daqui não. O resto da vida que tiver é aqui mesmo. Com fé em Deus. Com fé em Deus e em nossa senhora que haverão de me ajudar. Já estou velho. Não posso mais ficar mudando não. Posso não. Eu acho muito bom aqui, acho bom mesmo. Não vou dizer que não acho bom aqui não. Eu nunca tive mais plano de sair daqui, não. Pra outro lugar, não. Tive não. Aqui era muito atrasado em tudo, mas hoje já está melhor. Isso aqui, quando eu cheguei, tinha umas seis casas de telhas. Era só casinha de palha daqui pra acolá. Era diferente demais. Hoje, já está cidade. Hoje é cidade boa. O pouco que eu conheci aqui é cidade muito boa. Agora, aqui se entra prefeito, da era que eu cheguei aqui, isso aqui era quase uma capital. Era como Araguaína, Colinas, esses lugares aí. Mas só entrava prefeito preguiçoso. Só queria era ganhar aqui. Ficavam era com pena de gastar. Aqui nunca entrou prefeito trabalhador aqui, não.

Quando cheguei em 1962 parece que já era o segundo prefeito. Era o Juca, o prefeito aqui na época. Então, parece que ele já era o terceiro prefeito aqui nessa corrutela. Parece que era. Mas já depois que eu cheguei, já entraram muitos e saíram muitos. Já entraram muitos prefeitos, mas não trabalhavam não. Aqui só já teve um prefeito que trabalhou: foi o Masolene e o Manoel, agora. Mas esses outrosque saíram tudinho, era só gastando dinheiro à toa. Não trataram de arrumar a cidade. Nenhum desses daí trataram de arrumar a cidade. Era só pegando o dinheirão. E nesse tempo o município era grande. Porque aqui saiu a Recursolândia, Santa Maria, o Centenário, Tupiratins saiu tudo daqui dessa cidade. Era grande isso aqui. Tudinho. Tudo era povoado daqui. Tudinho era daqui. Era tudo daqui de Itacajá. O município aqui era grande demais. Era coisa grande. Hoje está pequeno.

A viagem do Maranhão pra cá eu lembro que eu vim devagar. Eu viajei nessa estradinha de lá pra cá, nessa estrada aqui de dentro, eu passava dois dias sem ver morador. Viajava dois dias sem ver morador. Era um sertão aí mais monstro do mundo, uma coisa absurda. Eu passei dezesseis dias de viagem. Montado. Tocando as cargas, mas era montado. Eu tinha tropa. Minha tropa eu tinha. Não era muito, mas eu trabalhava e tinha minhas coisas toda vida. Toda vida e ainda tenho ainda, graças a Deus. Não vou dizer que não tenho não. Mas passei dezesseis dias. Eu paguei um peão pra vir mais eu. Eu vim mais meu irmão. Só tinha eu e meu irmão lá embaixo, da família do pai. Aí ele tratou da gente vim. Quando foi no dia de saída pra cá, ele despachou todos dois: “só no outro ano”. Aí pesou pra mim. Ele disse pra esperar para o outro ano, aí eu disse: “não. Já está arrumado aí, já vendi meu bagulho todo, eu vou-me embora”. Aí no que ele viu, pagou um homem pra vir

comigo, pra eu pagar a passagem de volta. Pra vir e voltar. Mas eu vim com eles, só nós três: era eu, o rapaz, a mulher e os três meninozinhos. Nós toramos esse sertão aí e viemos de lá, aqui. Montado. Montado. Tocando os jumentos com as cargas. Eram uns oito animais que nós trazíamos. Foi meio ruim porque eu tinha quebrado essa coxa aqui e não tinha acabado de sarar.

Eu vinha era sozinho e Deus. Se eu não tivesse essa coxa aqui quebrada assim, que estava acabando de sarar, tinha vindo sozinho. Eu não tinha nem caçado gente pra vir mais eu. Eu, mais a mulher e os meninos. Mas aí eu não podia pegar peso, pegar mala, pegar essas coisas. E aí eu paguei o rapaz pra vir me deixar aqui. Paguei-o de volta, dei o combustível pra ele, até chegar lá sem gastar nada. Porque eu prometi a ele que ele não gastava nada pra viajar mais eu. Pagava direito, pagava pra ir, vir e dava o combustível quando chegasse aqui. Do jeito que eu tratei com ele eu cumpri e ele ficou satisfeito também. Paguei e dei a diária pra ele comer até no Maranhão onde nós morávamos. Era meu vizinho lá, meu conhecido, muito meu amigo o rapaz. Era um homem corajoso também. Quebrei a perna porque caí de um cavalo. Caí em cima numa raiz. Era um pé de Juazeiro. Caí e aí a perna torou. Nada. Foi difícil pra sarar. De primeiro uma pessoa quebrava um osso assim, não tinha esse negócio de injeção, era igual operar animal, do jeito que eu estou aqui. Não tinha esse negócio de ir pra médico não, porque não tinha médico. Naquele tempo não tinha médico não. Era muito difícil ter um médico numa cidade pequena. Era difícil demais. Eu me lembro disso tudinho. Ninguém ouvia falar em médico não.

Onde era médico e carro. Eh menino, não era fácil não. Quando eu vim à primeira vez pra cá, em 1961, eu vim num pau-de-arara, diziam que era ônibus, viu? Naquele tempo. Aqui não tinha estrada não, rapaz. Tinha estrada, mas era estrada de chão toda vida. Não tinha estrada asfaltada não. Nem tinha transporte. Transporte era muito difícil. Eram esses pau-de-arara, esses jipes velhos, essas coisas assim. Só tinham esses carros assim. Então era no motor, chegava lá na beira do rio, tinha motor. Motor, lancha, vapor, tinha tudo, né? O transporte mais fácil de primeiro era esse. Até a minha vinda pra cá. Era no motor e no animal. Não tinha esse negócio de andar de carro. Era a pé ou montado de animal. Você vê que de lá mesmo saía gente pra esses garimpos, mas tudo a pé com saco nas costas. Não tinha esse negócio de carro não. De certos tempos pra cá foi ligeiro, aumentaram essas coisas. O homem tem muita inteligência, foi ligeiro. De 1969 pra cá, foram começando essas coisas assim, facilidade. As facilidades, de lá do Maranhão pra cá pra onde eu vim, foram desse tempo pra cá. E eu vim em 1962, ainda era difícil. Tinha, mas era difícil. Eram esses carros que eu estou falando. Era difícil. Porque se tivesse transporte de carro naquele tempo eu não tinha vindo de outra coisa não. Não tinha demorado dezesseis dias. Dezesseis dias de viagem lá de onde eu morava.

Nesses dezesseis dias, todo dia arranchava. Quando deitava, ficava com os olhos duro pensando porque se não arranjasse uma casa, pra arranchar num lugar aí, pra dormir debaixo de um pau, porque era no verão. No verão não deu nenhuma chuva quando nós viemos. Arranchava debaixo de um pau aí. Tinha vez que nós viajávamos dois dias sem ver uma casa, um morador. Aí eu lhe digo com certeza, isso aí era difícil demais. E hoje você viaja, viaja em dois minutos. Não viaja dois minutos: é morador, é posseiro, fazendeiro. Eu passei, deixa-me ver quantas fazenda eu passei de lá pra cá, parece que foi umas três fazendas que eu passei nesse sertão aí. Fazenda grande. Mas não tinha morador não. Era a coisa mais difícil do mundo, rapaz. Nem viajando, a pessoa viajando, você não topava assim, era difícil. Difícil demais. Era um “gerais”. Daqui pra onde eu morava, era “gerais”, um absurdo. Mas hoje você pode sair bem aí, que é casa por cima de casa. O povo está empurrando um aos outros.

Na mudança trazia só o de comer e a roupa. Agora de comer nós trazíamos uns dois animais carregados de comida, porque não tinha muito onde comprar então nós já trazíamos preparado. Trazíamos o toucinho porque naquele tempo óleo não tinha, só era gordura de porco. Banda de porco salgada e enrolada, o arroz, a farinha, o sal. Mas nem o óleo, esse óleo que tem hoje de soja não tinha. Não existia não. Essa data de 1961 e 1962 não tinha não. Era muito difícil, só se fosse nessas capitais. Nessa região que eu vinha aqui não tinha não. Temperava sempre com óleo de porco. O óleo de porco era o que tinha nesse tempo. Esse tinha. Você matava um porco, botava na lata. Mas, óleo de soja não existia. Hoje está uma facilidade. Hoje todo mundo está rico. Naquele tempo tinha pobreza. Até o gado, o pobre não tinha.

Eu fico até com raiva de pobre dizer que possuía gado. Tinha nada. Tinha o rico. O rico era dono de tudo. Era dono de um monte de terra aí, botava agregado pra morar. E não tinha essa sujeição de hoje. Um rico botava vinte, trinta moradores numa fazenda e não tinha essas questões. Hoje, se botar os posseiros tomam dele. A diferença está grande demais. Hoje, só um ano que ele bota um homem numa fazendinha pequena. Se ele botar com dois, cinco anos ele não tira nem quase ele mais. E pra tirar é obrigado pagar um absurdo pra ele. É desse jeito. É, comigo não aconteceu. Meu pai criou nossa família trabalhando pra esse homem que ele foi vaqueiro. Saiu com uns quarenta e tantos anos trabalhando na moradia dele. Aí eles ficaram até um tempo brigando com ele, porque não era pra sair. Deu um lugar lá, quando eu me casei, disse: olha, você vai morar aqui nessa fazenda, depois você muda aqui pra beira do rio. Faça uma morada pra você criar sua família. Mas não que tivesse direito de ser dele, né? E ele nunca fez questão de nada. Hoje você não pode botar uma pessoa num lugar. Não pode de jeito nenhum. Até o vaqueiro, hoje se você botar, se você não tiver carteira assinada, você perde. Ele dá parte e toma o que é seu. As coisas hoje estão diferentes demais. Está muito diferente. As coisas estão diferentes demais.

Quando nós arranchávamos, nós fazíamos um fogo ali, botava uns pauzinhos assim, umas trempes de pedras, depois das trempes prontas botava a panela. Fazia de tudo. Panela? Naquele tempo não ouvia falar nem panela de pressão, era na panela de ferro. Panela de ferro. Ninguém falava em panela de pressão. Eu não gosto nem de gente falar, porque tem muita gente que fala: “não, é porque é no seu tempo”. No meu tempo, eu me lembro quando eu vim, nós trouxemos panela de ferro. Panelinha de ferro, alumínio batido. Só fazia as trempes e botava ali no fogo e largava a lenha. Logo a lenha estava aí no mato mesmo. Hoje a coisa está boa demais.

Hoje, acontece de fazer uma mudança como essa que eu fiz, traz até o fogão com um botijãozinho de gás pequeno. Se fosse hoje. Se fosse hoje. Que aí era melhor mesmo de fazer uma coisa. Mas no tempo que eu vim não era assim não. Era na panela de ferro. Não, existia isso não. Existia isso não. Negócio de gás, fogão de gás, não existia isso não. Tudo era na panela de ferro. Fogão de barro. Fazia um fogão assim, fazia as trempes e botava as panelas. Outros faziam a fornalhinha assim, faziam aquelas bocas em cima. Eu sei demais disso aí. Eu não conto vantagem. Eu nunca passei fome, mas não vou contar vantagem que era esse, aquele outro. Não. As coisas de primeiro pra você ganhar era muito difícil, era dificultoso. Não era fácil não. Tinha que trabalhar mesmo. Se não trabalhasse não comia, não vivia. Hoje você vive sem trabalhar. Você vê esse povão que mora numa cidade dessas aí, quem é que trabalha aqui? Só os empregados. Empregados. Mas, outras pessoas? Andam comendo à custa dos outros que ganham aí. Logo, uma que não tinha aposento, gente velho não tinha aposento nesse tempo. Os velhos não tinham esse negócio de aposentado pra

ganhar dinheiro não. Minha mãe chegou a receber esse benefício, mas foi a maior luta pra mim. Eu mesmo quem pejei com ela pra aposentar. Eu fui daqui pra Miracema umas três viagens pra aposentar e eles não aposentavam. Aí eu pedi para o meu patrão em Araguaína, ele era quase um dos mais ricos de lá, eu fui vaqueiro dele quando cheguei aqui. Aí eu fui pra lá e ele aposentou ela. Depois que chegou aqui. Ela já morava aqui, aí é que veio sair esses aposentados pra velhos, só pra velhos. Só pra velhos de 65 anos, só pra esses. Não tinha esse negócio de aposentar. Hoje todo mundo é aposentado, é mulher nova, é tudo. Tem todo aposento e ganho pra gente hoje. É mulher nova, é mulher velha, tudinho ganham. Ganham um bolsa-família, ganha uma coisa, completa outra aí. Todo mundo pode viver hoje sem trabalhar.

Mas moço. É fácil demais. E tem fartura, tem fartura. Existe fartura com esse negócio de máquina, num é? Tem fartura muita. Você vê, chega um caminhão aqui em Itacajá cheio de cereais e não dá uma volta, acaba. É farto na cidade, entram dois, três por semana, né? Por causa do maquinário. Não, não. Nessa viagem que nós fizemos só mesmo a roupa. Não deu pra trazer mais nada. Era só o essencial. Porque isso aí era obrigação trazer mesmo. Tinha o animal que trazia mesmo só àquelas coisas. Nas malas de couro. Mala de couro nesse tempo. Matava uma vaca aí, matava e mandava fazer as mala. Jacá e mala de coró. Não. Não éramos nós quem fazia. Nós mandávamos fazer. O jacá eu fazia mais os outros. Eu mesmo fazia o jacá. Mas era assim, não era negócio de coisa fina não. Eram grosseiras as coisas. Todo trem era grosseiro. Isso eu aprendi ainda novo. Aprendi, era fácil demais fazer jacá. Tirava a taboca, alisava as talas, é fácil demais. Faz ligeiro. Eu tinha um até um dia desses, eu tinha um jacá. Meu menino ainda tem um ali de carregar trem na garupa da moto, meu menino mais velho. Eu também tinha um aqui, mas acabou tudo.

Água? Nós tínhamos as vasilhas de carregar água. Quando nós chegávamos aos córregos que tinha, depois que entrava no Goiás, porque nesse tempo era Goiás, não era Tocantins, aí não faltava água, porque tem muita água correndo. Aí nós tínhamos as cabaças, era até nas cabaças. Com maior cuidado pra não quebrar. Se caísse, perdia a água. Ali colocava água nela, botava no jacá tampadinha na carga, era assim. A vasilha do pobre naquele tempo era a cabaça, a cuia. Negócio de vasilha de alumínio, não, só bacia. Não senhor. Tinha os pratos, tigelas, bacias, mas as vasilhas de laboro era a cuia. A cuia era vasilha de laboro. Pobre era só o que tinha. Ave Maria, rapaz. Olha uma cuia pra você tirar leite é a maior beleza do mundo. Você sabendo tratar dela, limpar ela todo dia, é vasilha boa de tirar leite, é a cuia. Tirei muito, graças a Deus. Agora ali, na hora que acaba de tirar leite ali, tem de limpar bem limpo e aferventar. Mas é “vazia” boa demais, é a cuia. Cabacinha aqui, quando eu cheguei pra aqui, carregar água na cabaça, do rio para as casas. Na cabaça. Era difícil você achar uma lata de querosene. Era difícil demais. Mas quando achava, pra carregar água era melhor porque era mais difícil de quebrar. Era. Mais difícil de quebrar. Mas era a vasilha que veio depois da cabaça, a lata de querosene. Que aí você tinha que comprar o querosene que era pra alumiar, não é? Aí comprava uma lata. Uma lata? Ave Maria. Uma lata de querosene era ouro. O povo comprava uma lata de querosene não vendia nem medonho porque era pra carregar água da beira do rio pra casa. Quando eu cheguei para aqui era desse jeito. Eu ainda arrumei duas latas aqui, de querosene. Cedinho eu enchia as vasilhas tudo. Eu carregava cedo, cinco horas eu carregava tudo. A água pra suprir a casa todinha. Aí começou esse negócio de poço, fazer os poços. Ainda hoje eu tenho meu poço, só falta usar água dele. Mas hoje está uma brincadeira, rapaz. Hoje chega água encanada aí pra você, chega tudo. Energia, luz aí pra todo lado. Está uma coisa boa demais hoje. Está uma facilidade. Naquele tempo era na candeia. Candeia. Aquele que podia comprar o querosene, bem. Se não podia, era no bolo de cebo ou cera. A cera era de abelha. Fazia os pavios, melava a panela assim

e botava no chão aí pra queimar à noite. A noite todinha queimando. Até a pessoa dormir. As coisas de alumiar eram essas. Não tinha esse negócio de pobre ter. O quê? Aí começou aqueles lampiões. Foi que começou primeiro para as festas. Mas as festas todas eram alumizadas de candeias. Lamparinas. Amarrada tudinho nas travessas. Aí quando o “cabra” danava pra brigar, apagava as luzes. Ficava tudo no escuro. Mas moço. Eu sei demais disso, pois é. Eu não conto as “gândulas” não. Eu conto o que eu passei.

Aqui em Itacajá, quando eu cheguei aqui era como eu estou te dizendo, tinha umas seis casas de telhas e adobe, não era de alvenaria não, quando eu cheguei aqui em 1962. Era de adobe tudinho feito nessas áreas aí de adobe. Aqui não tinha casa de alvenaria não. Era tudo no adobe. Mas era tudo na casinha mesmo simples, não era casa bem feita não. Essas casas que tinha eram bem aí do Luiz pra baixo. Aquela rua acolá. Era só ali em baixo, lá em baixo. Lá de junto do Detim. Lá tinha umas duas casas de telhas. Mas eram só casas de palhas, todas as casas de palhas, como festejo. Que tem aquelas barracas. Aí foi indo, foi indo, foi indo, foi acabando. Hoje não tem casa de palha mais não. Está uma cidade boa agora. Esse Manoel Pinheiro tem trabalhado muito. Esse aí, se todo prefeito tivesse sido como ele, aqui estava Itacajá mesmo, bem arrumada. Esse Manoel tem botado força pra arrumar isso aí. Ainda tem muito que precisa. Logo ele trabalhou só, sem governo. Agora que ele tem esse governo, melhor assim. Mas ele trabalhou toda vida sem governo. Governo era o prefeito velho que ficou com ele toda vida. Pronto. Ficou sem governo toda vida. Agora que ele tem um governo Siqueira. Mas ele não tinha governo, não.

A saúde era coisa fraca. Fraca. Naquele tempo a saúde era fraca demais. Mas, isso aí, a saúde, até eles vinham empurrando assim, vinha passando de ano. Vinha passando. Mas tudo melhorou aqui, está diferente. Hoje está diferente demais. Eu não mostro muita diferença, que é a facilidade, facilidade de muitas coisas aqui. Está bom demais. Por isso que eu não vou sair daqui. Pra quê? Rapaz um lugar desses como Araguaína, Colinas e Palmas, essas coisas, aí está o maior perigo pra gente besta. Não presta não. O lugar é esse aqui, pra gente besta é esse aqui. E aqui ainda está manso ainda, mas eu estou achando que vai topar aí. Vai ficar desse mesmo jeito desses outros lugares aí. Aqui você anoitece com a porta aberta aí, não tem nadinha. Dorme tranquilo. Não tem nadinha. Mas já chegou, já está aparecendo, já está aparecendo bicho ruim aí. A cidade vai crescendo e vai aparecendo. Já está aparecendo. Está com doze anos que a mulher morreu, moro aqui só. Só com a mulher pra trabalhar de manhazinha aí.

O comércio vinha do Balsas. Vinha do Balsas as mercadorias. De motor. Os comércios aqui eram só duas casas que tinham aqui. Muitos deles aqui iam comprar no Balsas. O pobre trazia nas costas. Esse povo nosso aí ainda foi. Porque tinha os patrões no Balsas. Aí ia comprar mercadoria lá, só pagava de ano em ano. Não tinha esse negócio de noventa dias. Não, era de ano em ano. Ia pra lá fazer a compra pro ano. E aqui também era. Eles vendiam de ano em ano. Um ano. Comprava mercadoria pra aquele tempo todo. A roupa era pouca, rapaz. O povo hoje, o pobre tem dez calças, quinze, vinte. Naquele tempo eram só duas mudas de roupa. Era uma pra está usando ali e outra pra guardar pra uma viagem. Era, rapaz. Eu conheci desse jeito assim. Hoje você chega numa casa dessas aqui, está cheio de roupa, guarda-roupa cheio, tudo. Nem usa. Nem usa. Mas de primeiro? Hum. Eu mesmo tinha uma mudinha de roupa pra festa e outra de usar, pra viajar, pra andar, pra sair pra um passeio. Hoje não, você tem dez, vinte pares de calçado. Você chega numa casa, o pé da parede está cheio de calçado.

Pra ir comprar mercadorias em Balsas, tinham canoas. Tinham canoas no rio pra passar. Todo porto tinha canoa. Os coxinhos. Nas passagens dos rios não tinha dificuldades não. Passava direto. É por isso que é chamado de Porto Vau. Quando eu cheguei aqui tinha esse nome dele: Porto do Vau. A maior parte do povo, desse vai e vem quando eu cheguei aqui, só falava em Porto do Vau. Era Porto do Vau toda vida. Os comerciantes quando eu cheguei aqui não tinha. Depois que eu cheguei foi que ele passou pra esse lado. Era o finado Né, esse Ribamar Teixeira que mora em Araguaína, já está velhinho, mas mora em Araguaína. Eram só umas três casas de comércio, de vender tecido. Só três casas, tinha o Né, o Ribamar, aí começou o João Paulo pra junto do Ribamar. Aqui não tinha nada rapaz, era coisa pouca. Mas moço aqui era fraquinho as coisas. Não tinha condição. Tinha condição não, era fraco. O povo só trabalhava de roça, tudo de roça. Até o que tinha as coisas aqui, trabalhava de roça, se quisesse comer. Todo mundo trabalhava de roça. Não tinha outro meio. Não tinha outro meio não. Tinha não. Empregado na cidade, em prefeitura, eram só uns dois, era coisa pouca. Hoje tem um absurdo de gente trabalhando. Um absurdo, rapaz.

Deviam pedir a Deus, esse tanto de gente que tem empregado aí, ganhando esse dinheiro. Quase sem trabalhar, quase sem trabalhar. Pra cada “coisinha” tem um funcionário. Todo trem tem um funcionário. Um, dois, três, quatro numa coisa só. Não. Têm funcionário demais aí dentro. E o pobre atende ainda, não sabe de nada. Mas aqui, não era fácil não. De jeito nenhum.

Quando eu mudei pra cá, eu não morei na terra dos índios, mas todo ano eu passava o verão caminhando na terra dos índios. Que os patrões aqui vieram de Carolina. Nesse tempo tinha égua demais. E aqui ficava fraco para as éguas. Aí tinha o Refrigerero nas terras dos Krahô: “você vão falar com os índios aí.” E nós passávamos o verão todinho caminhando pra lá. Soltava os animais pra lá e ficava pra lá. As mulheres e os filhos assim, na hora que trovejava estava todos doidos pra voltar pra cá. Passei um bocado de ano nessa vida. Era eu quem mexia. Eu era vaqueiro do homem que tinha esses bichos. E eram todos eles aqui. Todo homem rico tinha isso aqui, essa vida. Soltar bicho no Refrigerero, na área dos índios. Pra você ver um índio era a maior luta do mundo.

Você passava o dia todinho andando lá, caçando animal, mas pra você ver um índio não era fácil não. Eram todos nus. Não tinha índio vestido não. Tinha nada. Algum com um tampinho assim na frente. Mas pra você ver um índio, não era brincadeira não. Tinha os carreiros deles assim, parecia que eles só viajavam ali. Tudinho, aquela fileira, pisando no rastro um dos outros assim. Mas era difícil você ver índio. Hoje, o índio está é mais nós aqui, andando por aí. Mas de primeiro, quando eu cheguei aqui, o índio, não era fácil pra se ver um índio não. Era difícil demais. Logo eles fizeram um foguete aí e mataram muitos índios, os homens ricos daqui de Itacajá. É daqui. Uns que moravam ali. Aí é que com isso é que eles ficaram nervosos. Mas nunca viam eles aqui, do tempo que eu tive lá no perímetro da aldeia. Eu andava às vezes dois, três dias, quando eu ia pra lá, dois três dias pra ver uns três índios. Andava o dia todinho. Andava no animal, rodeando aquelas cabeças de brejo, mas você não via um índio. Carecia topar com eles aqui, pra falar com eles, pra poder conhecer.

E eles, acho que quando eles viam a gente, eles se escondiam. A convivência dos índios hoje aqui dentro da cidade é igual a do branco. Igual ao branco. Aqui em casa tem dormido é muitos deles. Chegam à boca-da-noite, querem pegar uma dormida, às vezes quatro, cinco, seis. Aí boto pra dormirem num quarto desses aí, no chão, deitado. Eu não tenho amizade, mas também não tenho raiva. Eu comprei uma fazenda ali do outro lado, ali embaixo, desse lado mesmo, eles passavam quinze dias comigo lá. Vinham vinte, trinta índios matando quati pra comer. Passavam às vezes



quinze dias lá. Deitavam todos aí no meio do terreiro. Eu sou acostumado com eles, eu não tenho cisma de índio não. Ainda hoje procuram pra eu ir lá, de vez em quando eles vêm. Aí era quati demais. Naquele tempo tinha caça, tinha muita coisa. Olha, teve um dia que só quati, fora raposa e caça mesmo mansa foram 115 que eles mataram. Tinha demais. Tinha demais. Eles queriam é pra eles bastar mais. Lá ficava muitas vezes mais eu, um magote de índio aí. Não. Eu não matava não. Pra quê? Eu não comia e eles comiam aquilo. Comiam tudo. Ainda hoje eles me procuram: “bora lá, compadre”. Esses velhos deles: “não, não é mais meu não. Eu já vendi”. Nesse tempo todo mundo tinha arma de fogo, tinha tudo. Cada um tinha espingarda boa. Muita arma. Hoje não tem um índio que tem uma arma. Não sei o que foi que eles fizeram. É difícil ter um pra ter uma arma. Nesse tempo todo mundo tinha uma “prufora” (tipo de espingarda). Porque as espingardas deles mais eram a “prufora”. Pois é. Naquele tempo, cada índio, tinha uma. Mas hoje não tem mais não. Diminuiu. Diminuiu tudo, rapaz. Acabou. Não diminuiu não, fez foi acabar. Hoje está difícil demais, pra uma hora você matar uma caça assim. É difícil demais. Não mata não, não acha. Acabaram tudo, limparam tudo. Até o peixe do rio está pouco, você não pega. De primeiro era uma fartura, pegava até no anzol mesmo. Era uma fartura, mas hoje você passa o dia todinho e não pega um peixe, está tudo difícil, está tudo difícil. Quando eles tiveram esse sofrimento no ataque, parece que eles passaram uma temporada sem vir aqui. Aí é que eles foram amansando mesmo com o povo.

Hoje estão quase donos daqui de Itacajá. Tem casa boa, tem tudo. Não gosto de ver gente judiar com índio não. É que eles hoje estão muito revoltados com esse negócio da cachaça. Mas se eles não bebessem cachaça, não tinha nada não. Mas hoje com essa cachaçona deles aí medonha, estão revoltados demais. É. O governo que deu isso. Eles se valorizaram só do governo dar pra eles. Quem sustenta eles é o governo. Eles querem dizer que os índios foram quem estabeleceram o Brasil, mas foi nada. Aí eles ficam sustentando eles aí. Quando eu cheguei aqui, a terra deles já tinha sido demarcada. Esse quadro aí era deles. É muita terra. Aí é terra deles. Só terra boa. Terra melhor que tem aqui, é essa terra deles aí. Terra boa. Isso aí é terra virgem, é terra boa.

Esses poucos moradores que tinham aqui quando eu cheguei, a maior parte que veio até aqui, é toda do Maranhão. Aqui tinha uns, mas foram embora. Os goianos velhos daqui foram embora. Aí ficaram só os maranhenses. A maior parte do povo daqui são poucos que são de outros lugares, todos são do Maranhão. Tudo do Maranhão. E os que estavam aqui caminharam pra frente. Dos que eu encontrei aqui, ainda tem uns vivos, mas não são muitos não. São do Maranhão, mas os mais velhos já foram embora. Quando eu cheguei aqui, muitos já tinham ido embora. Só os novatos chegando. Conhecidos meus daquele tempo tem esses Costas, os do finado Né, esses são todos conhecidos. Quando eu cheguei, eles já estavam aqui. Vieram na minha frente. Esses Teixeiras, o João Pinheiro, o João Pinheiro também, que morava ali no pé da serra ali, mas ele era de lá do Maranhão também. Estão. Ainda estão morando aqui na cidade.

Eu escolhi Itacajá pra morar porque eu já vim de lá sabendo do nome desse lugar. Meu povo já estava aqui, conhecidos, aí me convidaram pra vir pra cá. Aí eu vim pra cá. Eu vim toda vida com essa lembrança de Itacajá, Itacajá. Ficava perto do Rio Tocantins. Trouxe-me nessa lembrança. É. Os conhecidos daqui que me indicaram. Esses mais velhos que me conheciam lá me indicaram que aqui era bom, era bom. Rapaz, quando eu cheguei aqui, isso aqui era só as matona aí, mata aí sem nada, sem gente, sem nada. Um taboqueiro monstro aí. Era. Hoje está tomado tudo. Só tem pasto.

Mas, era só mata quando eu cheguei pra aqui. Só de mato e taboca. Mas hoje não. Hoje está de pasto aí. Você olha que dói a vista daquele pasto aí no mundo todo. Aqui não tinha quem criasse gado, um pasto fechado, era tudo no mundo aí, no campo. Era tudo no campo, não tinha pasto não. Eu fui vaqueiro numas duas fazendas aqui, no período que cheguei, mas tudo era solto. Tudo solto aí nomundo.

Ave Maria. Eu estou gostando mais é agora que já tem um movimento de cidade, do povo todo. Ave Maria. Aqui, quando eu cheguei pra aqui era acabado. Não tinha nada não. Aqui tinha muito era precisão das coisas. Não, hoje esta cidade está boa demais. Hoje, Ave Maria. Pro que eu cheguei aqui, é capital hoje. Hoje é capital. Hoje é capital. Aqui era corrutela, não era nem cidade. Era corrutela. Mas hoje ela está grande. Lá no Maranhão, eu de vaqueiro. De lavrador e vaqueiro. Quando eu cheguei aqui foi do mesmo jeito. Quando eu cheguei era do mesmo jeito, era vaqueiro e lavrador. Era. Porque eu cresci desse jeito toda vida. Porque eu não tinha saber. Você sabe que quando eu cheguei pra aqui e lá onde eu morava, lá não tinha esses homens sabidos ainda. Homem rico. Rico. Que era patente de homem rico comprava um dos outros, mas não pra ir com negócio de estudo. Não tinha homem sabido. Eram todos bestas. Vieram saber também de poucos tempos pra cá, de poucos tempos pra cá. No meu entendimento tinha gente só besta. Não tinha sabido não.

Um pai de família que queria ensinar o filho uma coisinha, botava dentro de casa aqui com professor particular. Particular. Uma pessoa mais sabida, aí botava pra desasnar (ensinar) os filhos. No tempo que eu era menino era desse jeito. Não carregava pra cidade grande pra ensinar não. Meu pai botou bem dentro de casa. As coisinhas que nós aprendemos, eu até aprendi um pouco, mas aí eu me incuti com negócio de vaqueirice, aí fui esquecendo. Eu até aprendi um pouco. Naquele tempo era luta, menino. O “cabra” sabido era obrigado a saber as quatro espécies de contas. Não é negócio de ficar só andando aí com os livros aí e lendo não, no computador. Naquele tempo se soubesse as quatro operações, a pessoa era sabida demais. Ave Maria. Era sabido demais. Era sabido demais. E era na caneta ainda. Tirar tudo na caneta. Mas hoje é uma facilidade. Até o estudo hoje está fácil demais. O estudo hoje está fácil demais. Computador está aí ensinando tudo. Naquele tempo era mais difícil, mas aprendia mais. Porque eu conheci gente que é estudada assim tudo na caneta, ele bate qualquer um hoje que estuda no computador. Pode botar pra tirar as contas aí pra ver, pode botar que ele apanha. Digo-lhe com certeza. Eu conheci “cabra” que tirava conta assim no papel e na caneta, Ave Maria. Uma pessoa estudada hoje não consegue tirar, não consegue fazer aquele serviço, não. Esse professor mesmo nosso era homem sabido demais. Mas assim, na caneta. Era homem sabido. Pode botar, eu tenho falado é muito aqui, rapaz, bota um bicho sabido desse aí e um professor daqueles de primeiro, que ele não tira essas espécies de conta que ele tirava naquela época, não. E era rápido. É. Hum, mas moço. Tá doido. Hoje a facilidade está grande. Toda coisa. Toda coisa é facilidade. Pois é.

Depois que eu mudei pra cá, eu vou te dizer, porque eu não tenho vergonha de dizer, nunca mais voltei lá onde eu morei. Às vezes eu tenho vontade assim, arrumo pra ir e não dá certo. A mulher ainda foi duas vezes. A mulher foi duas vezes onde estão os pais dela. Mas eu nunca fui mais lá não. Eu fui lá assim, eu vim em 1960 aqui, em um passeio. Aí eu vim e voltei lá, que era pra buscar a família. Aí quando eu vim de muda, nunca mais voltei lá não. E não é porque eu achava ruim lá não, porque eu me criei lá. Eu não vou dizer que achava ruim lá, não. Mas nunca deu certo pra eu ir lá não. Às vezes eu tinha vontade de ir lá, mas hoje, agora não tenho vontade mais não. Já estou velho e não tenho quase gente lá da família do meu pai e da minha mãe. O povo está todo pra cá, vieram embora tudo, os parentes. Aí não tem quase graça pra ir sem ter um conhecido da gente, do

povo da gente. Agora não tenho mais interesse mais. Vou ficar por aqui mesmo. Se topar um dia aí, a gente se fala, conta a situação como é que estamos hoje, mas pra sair daqui só pra ir lá, não. Os meus meninos mesmos já voltaram muitas vezes assim pra brincar. Até jogar eles vão, porque meus meninos são jogadores. Aí eles vão jogar na Mangabeira. Meus filhos já conhecem o lugar onde eu nasci. Eles conhecem. Eles já foram lá. Eles têm assim pouco conhecimento de lá porque vão assim jogar bola lá. Mas eles conhecem lá, o povo de lá. Sabem. Eles sabem de tudinho porque eu já contei essas histórias todas pra eles. Interessam-se. Rapaz, é que eu não gosto nem de dizer que mudaram as coisas, de sofrimento aqui. Eu trouxe as coisas de lá também. Eu vim de lá caçar recurso, aí eu trouxe de lá um recurso também. Eu toda vida fui trabalhador. Nunca fui preguiçoso. Estou preguiçoso agora porque não aguento trabalhar mais. Recurso pra pobre eu trouxe de lá. Aqui arrumei mais recurso. Lá deve estar diferente daqui. Lá está muito diferente daqui, do tempo que eu saí. Diferente demais. A mulher mesmo quando foi lá mais meu filho, dizia: “lá está diferente demais, lá está bom demais”. Mas já estava doidinha já pra vim embora, nesses dias que passou lá. Porque minha mulher é de Nova Iorque. Aí a família dela veio pra aí pra onde nós morávamos em Paquerá do Coronel Santana, aí nós casamos. Se fosse pra você fazer essa viagem de volta, hoje era facilidade de fazer. Hoje era fácil. Pegava um carro aqui, antes de anoitecer eu estava lá. Pegava um transporte bem aqui, o transporte passa todo dia aqui na porta, quando fosse de tarde cedo, estava lá. Se fosse pra fazer de animal de novo, aí a luta ia ser grande. A luta era grande. Mas eu faria.

Não. Nunca me arrependi de ter feito essa viagem, não. Eu tive umas atrapalhadas quando eu cheguei aqui, mas nunca me arrependi. A mulher cansou de chamar pra ir embora pra trás, voltar e eu dizia: “não, volto não. Daqui, só pra frente. Mas pra voltar atrás eu não volto não. Não volto de jeito nenhum. Enquanto não acostumar aqui.” Eu tive umas atrapalhadas aqui, mas não pra voltar. Está vindo de lá, voltar pra quê? Não, não. Nunca tive esse arrependimento de volta, não. A mulher chamou muitas vezes, quando nós estávamos aqui: “vamos embora. Vamos voltar”. “Não. Volta nada, mulher. Eu é só daqui pra frente”. Eu saí de lá de onde eu morava foi pra ir pra frente. Voltar? Nunca tive essa influência de voltar não. Nunca. Nem na lembrança. E eu gosto de lá, nasci e me criei lá. Eu gosto muito de lá. Eu tenho amigos lá e tudo, mas não pra eu voltar pra lá. Também não penso em me mudar daqui. Eu não penso em mudar não, rapaz. Eu não tenho pra onde. Eu tenho uns filhos que moram em Araguaína, mas eu tive mudando pra lá e não deu certo. Mas não tenho mais influência pra sair daqui não. Já estou velho, vou ficar aqui mesmo. Deus ajuda. Em qualquer lugar Deus ajuda. Não vou sair daqui não. O resto de minha vida é aqui mesmo, vou ficar por aqui mesmo.

### **ANA LOLETO DE SOUSA**

Entrevista em 24/ 01/ 2011

Dona Ana é uma senhora muito alegre e serena que gosta muito de pescar. Conta com grande tristeza sobre a terra do seu avô, apossadas por gaúchos. O plantio de soja tomou de conta do lugar que a família morava no Maranhão.



“E aí nesse tempo as pessoas não tinham ilusões de negócio de botar terra em direito, titulada, essas coisas. Era posse”.

Eu nasci no município do Riachão, no Maranhão. Não. Minha mãe nasceu no Piauí, mas eu não sei mexer na finalidade da vida da minha mãe porque ela não sabia quase nada. Ela não conheceu o pai, só conheceu a mãe. Aí eles vieram de lá pra cá para o município de Carolina-MA pra um lugar chamado Cipó. Aí de lá foi que ela se refez e casou com meu pai. Meu pai morava no município do Riachão. Ele nasceu lá também, num lugar por nome Sucupira e aí de lá com doze anos eu vim aqui pro Goiás. Nós chegamos aqui no dia 05 de junho de 1949, na cidade de Itacajá. O lugar onde eu nasci lá no Maranhão era uma fazenda. Era fazenda mesmo de chapada, de brejos, esses lugares assim. Era do meu avô, pai do meu pai. Era muita terra que meu avô tinha, mas aí ele saiu do

Maranhão, veio pra cá e é enterrado bem aqui nesse cemitério. E aí nesse tempo as pessoas não tinham esse negócio de botar terra em direito, titulada, essas coisas. Era posse. E que posse foi essa que os gaúchos tomaram de conta dessas terras do Maranhão e nós ficamos “despovoados” aí do lugar, como diz a história. Pois é. O que eu tenho pra contar só é isso mesmo. E desde esse tempo que eu moro aqui nesse lugar, nunca fui pra outro lugar. E parece que vou ficar aqui mesmo porque pra outro lugar só se for assim um castigo mesmo, pra eu sair daqui pra outro lugar.

Não. Quando esse pessoal invadiu as nossas terras lá, não tivemos como rever a posse da terra, meu pai ainda foi, mas não teve jeito, não tinha documento. E hoje, tudo no mundo, se não tiver documento, você não faz nada. Não tinha como provar. A prova que a gente tinha é que a terra era do meu avô, né? Mas não tinha documento, ele era falecido, a velha era falecida e eles foram quem ficaram. Dizem que isso lá é uma lavoura de soja maior do mundo. O ribeirão, que era o ribeirão da casa do meu avô, tinha um lugar que tinha muito peixe, não sabe? Eles tamparam. Dizem que esse ribeirão não existe mais, eles fizeram o maior estrago do mundo lá. Só pra encher de soja e o ribeirão maior que tinha fora esse, era o Manoel Alves Grande e a terra do meu avô fazia divisa com o Manoel Alves Grande. Porque tem o Manoel Alves Pequeno, que é esse daqui e o Manoel Alves Grande, lá no Maranhão.

Era Vau, era nome de Vau. Não era Itacajá. Itacajá já passou, eu não sei qual foi o prefeito que passou aqui a cidade, mas aqui era o Porto do Vau chamado. De certos anos pra cá foi que passou a ser chamada por Itacajá. Isso aqui, o primeiro prefeito que teve aqui foi o João Borges, senhor de João Borges e aí depois do João Borges foi o Manoel Rodrigues. E aí de Lucas pra João Borges, de João Borges pra Manoel Rodrigues, de Manoel Rodrigues pra Antônio Pimentel. Não. O Antônio Pimentel foi primeiro do que o Padrinho Lucas. Ali na prefeitura tem as fotos dos antigos prefeitos, tem o Padrinho Lucas, tem o Antônio Pimentel, tem o João Borges, tem o João Pinheiro, tem o Celso, tem o Masolene.

Não sei, aí eu não sei. Quando eu conheci aqui foi por Vau, por Porto do Vau. Quando nós chegamos aqui, era Porto do Vau. Aí de certos tempos pra cá, eu não me lembro mais qual foi o prefeito que passou esse nome de Itacajá não. Eu mudei pra cá com meus pais. Nós saímos do Maranhão pra sermos vaqueiros na Barra do Ouro. Da Barra do Ouro nós beiramos o Tocantins e fomos ser vaqueiros na Formosa. Da Formosa foi que nós viemos pra cá. Daqui meu pai foi para Miracema e eu casei e fiquei aqui até hoje. Fiquei viúva, fiquei aqui nessa casa morando mais a filha e o genro. E estamos aqui. Eu me acostumei logo, porque logo eu voltei ao Maranhão de novo. Voltei ao Maranhão e eu era moça refeita e eu gostava muito de festa, gostava muito de dançar. Eu fui pro Maranhão. Lá eu tive um ano na casa do meu avô. Quando eu voltei de lá em 1950, aí eu me casei aqui. Casei em 1951. E de 1949, que nós estamos em 2011, né? Eu estou todo tempo aqui.

Não. Pra mim aqui é um lugar muito bom. Aqui, se a política daqui não fosse muito quente, era bom demais. Mas a política daqui é muito quente, por isso é que eu estou desconfiada. Aqui a política parece que é pior. E aqui não era assim. Porque quando um perdia, que é claro que um tem que ganhar e outro perder, né? Quando aquele perdia, o que perdia batia dentro da festa daquele que ganhava. Era uma animação só. Hoje, se for ao menos perto, acho que entra no cacete bonito.

Foi de cavalo. Da beira do rio pra cá foi de burro. Do Maranhão pra Barra do Ouro foi de burro também. A família toda montada, toda montada. Não lembro quanto tempo foi gasto não, mas não foi muito não. Porque a Barra do Ouro é aqui, a Barra do Ouro é perto do Piacá e do Maranhão. Eu sei que são dois dias de viagem. Do Manoel Alves Grande, lá na fazenda do meu avô em

Sucupira, o máximo, como o comboio era grande, o comboio que a gente chama é de muita gente, né? O máximo que podia gastar era cinco dias, mas acho que não passava disso não. Arranchava, todo dia, meio dia, a gente arranchava. Descansava a tropa, parava pra dormir e de manhã tornava botar a tropa na estrada e era assim até chegar no ponto. A gente descansava mais por causa dos animais, porque o bicho vinha com o peso, né? E viajando toda vida, tinha que tirar o peso e botar os bichinhos pra comer e descansar.

A alimentação na viagem era frito e bolo. Ainda hoje me lembro da mala de bolo que minha mãe fez. E era bolo “cacete” (bolo de tapioca), esses bolos aturaram a viagem todinha. Só fazia abrir a porta da mala e pegar o bolão cacete, sabe do que é? “É de tapioca, feito no forno”. E aí era saco de frito, às vezes a gente fazia comida, né? Às vezes a gente descansava em casas, aí a gente fazia comida cozida porque tinha criança pequena. Dez. Minha mãe trazia dez filhos. Era. A gente tinha o ponto certo, quando saía daqui hoje, já dizia: “vamos dormir em fazenda tal, em morada tal”. É, mas isso aí era quando ia pro Piauí. Porque eu ouvia muito meu marido dizer que quando iam com gado, eles acampavam o gado rodeando assim e os boiadeiros todos ao redor e o gado dormia aí no mundo porque não tinha aonde dormir, né? Cansei de ver ele dizer isso. Dormia no mato quando ia pra longe, quando saía daqui pra ir no rumo do Piauí pra lá. Ele foi muito com gado pra lá. Cansei de ver dizer que chegavam em ponto que não tinha água, achava aqueles poços d'água estava fervilhando de cabeças-de-prego, ele tirava a camisa, botava por cima d'água e botava a boca pra beber aquela água. Porque não tinha água pra beber, era tudo seco. Eu acho que ainda era água da chuva que ficava empoçada, né?

Não, a gente pegava, tinha umas ancoretas que chamavam. Ancoreta onde botava água, aí aonde a gente chegava, que tinha água, a gente enchia as ancoretas que dava pra gente beber o dia todinho. É tipo cabaça mesmo. Porque tem a cabaça e a ancoreta. A ancoreta, você não sabe o que é ancoreta? Ela é de pau, ela é feita de madeira. Tem a ancoreta de carregar cachaça e tem as ancoretinhas de carregar água. É o mesmo modelo. Pois eu pensei que a Das Dores tinha mandado você aqui porque nós somos pescadeiras. Nós gostamos muito de pescar. Eu pensei, será que ela mandou esse homem aqui pra entrevistar por causa dos peixes? Na mudança, só os trens mesmo, só roupa, panela, prato, essas coisas. Trouxemos a mobília, as panelas, prato essas coisas, pote nós trouxemos. Hoje ninguém mais vê pote, né? Mas de primeiro só era pote. Não, filtro eu vim conhecer de certos tempos pra cá.

Quando eu cheguei aqui, Itacajá não era cidade ainda, era casinha pouca. Aqui eram duas ruas, a Rua Grande, que é essa (refere-se à rua da prefeitura) e a Rua da Sariema chamada, que é aquela de lá (a rua principal). Aí o povo apelidou por Rua da Sariema e aí foi que foi crescendo e depois foram colocando os nomes das ruas. Nomes mais bonitos. Pois é. Aqui, quando eu me casei eu fui morar lá do outro lado, eu estava até gestante daquele menino, e aí no dia que me deu as dores não tinha uma canoa pra vim buscar a parteira, porque a parteira morava aqui desse lado. O rio cheio, era mês de abril, e aí como é que faz? Aí indicaram uma parteira no rumo do Piacá pra lá, aí foi que foram buscar. Mas não tinha como atravessar por que tinha uma canoinha, mas não sei quem tinha pegado ela e aí não tinha como atravessar pra vim pegar a parteira aqui desse lado. Aqui era meio difícil, não sabe? A parteira era a Maria Curta, me lembro demais. Hum? Morreu faz muitos anos, ela já era velhinha. Chamava Maria Curta. Não, não tinha médico, eram só as mulheres mesmas quem faziam os partos. Se elas dessem conta, bem. Se não dessem, morria.

Aqui morriam muitas mulheres mesmo de parto, por que não tinha jeito. Inventaram esse camposinho aí, mas “teco” (pequeno avião) só vinha uma vez. Quando você pedia e pra pedir esse “teco”, telefone não se sabia nem se existia. Não tinha, era por meio de carta, por meio de pessoa. Aqui fazia balsa de buriti pra ir pra Carolina-MA, era o transporte daqui, balsa de buriti. Até que esse Manoel Rodrigues fez uma balsa de buriti e ia passar uns meses lá em Carolina-MA e levou a mudança dele com dois filhos pequenos que ele tinha. Quando chegou aqui embaixo no Canta Galo, a balsa enganchou num pau, virou e matou os meninos dele. Um, acharam, outro nunca localizaram e outro eles acharam porque ele ficou privado entre uma mala, imprensado nos trens lá e não saiu debaixo da balsa, esse acharam, mas o transporte daqui era esse. Eram oito dias daqui pra Carolina. De barco. E era só no inverno que ia, no verão não ia porque o rio era seco, raso com muito pau dentro e era assim. E aí depois apareceu um senhor de Josué, que morreu uns tempos desse aí, com um motorzinho. Não sei se foi ele quem fez aqui, eu não sei. Sei que tinha um motorzinho que era quem fazia linha e hoje ele está bem ali só o fracasso dentro do Manoel Alves Pequeno. Toda vez que a gente vai pescar os anzóis ficam todos enganchados nele.

Quando alguém adoecia era na rede. Uma vez o irmão desse prefeito bem aí, pulando no rio, furou o saco, eu não sei se o toco ficou. Eu sei que eles lutaram com ele daqui pra Pedro Afonso, com ele na rede. O transporte era a rede, botava na rede. Esse menino meu, como eu estou lhe dizendo, eu não perdi ele também porque chegou esse avião. Nós o trouxemos da fazenda na rede até chegar aqui, porque ele já era grandinho e estava muito ruim e não tinha como trazer ele na cela e nem ele segurava na garupa. Aí botaram na rede. O pai e um irmão do pai dele, que mora bem ali, que ainda é vivo, engancharam a rede num pau, botaram no ombro e trouxeram de lá pra cá. Agora está bom demais. Itacajá está uma maravilha, eu gosto daqui.

É um lugar calmo sabe, ele já está pintando, tem entrado muita coisa assim, que é meio desusado do outros né? Onde a maconha é uma que o povo diz que transita aí pra caramba e aí ficou mais difícil. É. A cidade vai crescendo a vista de quando nós chegamos. Como eu lhe disse, no dia cinco de junho de 1949, no pôr do sol, nós entramos aqui. Eram umas casinhas pouquinhas, besteira. As casas melhores que tinham aqui era essa aí com essa outra ali e uma que tinha acolá na ponta da rua, que era do pai do dono dessa aí. Era distante uma casa pra outra, era só aquela mata pra dentro. Ninguém não enxergava ninguém lá na porta. Era caminhando aí no trilho, era carreirinho aí no rumo das casas. É. Não era limpo não. Hum. De jeito nenhum. Um dia mesmo, essa casona aqui, depois que nós chegamos aqui, fizeram essa casa aí. Aí quando foi um dia, um homem ia beirando ela aí assim, tipo um carreirinho aí, “úúú”. “O que foi moço”? Ele disse: “Uma cascavel aqui e grande”. Bem aí no pé dessa casa aí, que era um carreirinho e era assim.

Desses moradores que existiam aqui quando eu cheguei, existe lá nessa casa que eu estou lhe falando, lá embaixo. Só os novos, os velhos já morreram todos. Essa que é do pai desse aí só existe a casa, não existe mais nem o velho e nem a velha. E de filho só existe ele e os outros onde o finado Zé Rocha já morreu há muito tempo. Mané Rodrigues já morreu há muito tempo, que eram as pessoas que eram mais ou menos, né? Donos de fazenda, sabe? E os outros não lembro mais assim, mas não existe mais. Do povo velho antigo só os filhos, esse que passou aí da cabeça “ruzia” é filho dele, do velho lá. O velho eu não sei se já morreu ou se ele ainda existe, velho, velho mesmo. Esses outros já morreram todos. Esses outros ali embaixo têm um filho e uma filha que moram na casa. A filha nunca casou e o filho também não. Aí mora o casal de irmãos. Rapaz velho e a moça velha, os velhos já morreram todos. Os outros, eram muitos filhos, morreram já quase todos. Tem uma que mora ali e tem outra que mora pra ali, mas já tudo gente de idade.

A educação aqui era muito ruim, era escolinha assim mesmo como se diz, escolinha sertaneja. Não tinha um prédio escolar, não tinha uma pessoa formada, era meio feio aqui. No início, quando aqui cheguei, era triste, mas aí é como dizer, foi situando, foi chegando o povo e foi crescendo e aí... Eu estudei assim, tive uma escolinha ainda do “abc”: A, B, C, D, I e nunca mais. Aqui nesse tempo já tinha o Lar Batista e o velho que situou o Lar Batista, se hoje você ainda ver ele, ele ainda é vivo, mas se hoje você ver ele você acha que, eu nem sei o que você pode pensar que é. Porque ele ainda anda, de vez em quando ainda o vejo aí, passar aí de bicicleta, ainda de bicicleta. De bicicleta com um chapelão desse tamanho na cabeça. Isso ele situou ali o Lar Batista. Isso aqui era cheio de rego fundo, não sei pra que ele fazia isso e depois o Lar Batista foi recebendo as crianças sem pai, sem mãe e foi crescendo. Era quem cuidava das crianças, morria um pai lá ou uma mãe pra acolá, trazia a criança pro Lar Batista cuidar. E agora eles despovoaram isso aí e foram fazer lá pra Palmas, só estão os casarões aí. Sem funcionar nada. Por hora não tem nada funcionando, não sei se vão fazer alguma coisa, não sei. E eu não sei por que despovoaram isso aí, não sei o motivo. Não. Não tem ano que parou não. Não tem ano que foi embora, a turma, funcionários, as crianças. Acho que ainda tinham umas quarenta crianças aí. Carregaram tudo pra lá. Os que iam completando quinze anos, se tivessem pra onde ir, pra casa de um parente, ia pra casa de um parente. E se não, ia tocar a vida já cuidando de trabalhar. Ah, cuidava, cuidava. Até essa idade, esse velho mora. Mas depois ele largou, sabe? Ele largou, situou uma terra pra ele daqui há uns trinta quilômetros, aí pra dentro, no rumo das aldeias.

E aí ele largou lá porque já está velho, broco, não tem mulher e nem tem quem cuide. Tem uma mulher, uma velha que faz a comidinha e vai lá levar pra ele. Mas ele tem filha, tem filho, o Dodanin. Tem filho homem, tem filha mulher, mas ele não mora mais lá. Ele mora na casa dele e uma velha indo lá fazendo o pirãozinho pra ele comer e ele fica pra lá. O filho dele mora aqui na cidade, é dono desse posto de gasolina bem aí e dono do “Tutu”. E o velho sozinho. Mas eles eram evangélicos. É. Ele mora nessa rua de detrás aí, descendo para o rio. Pra ali não, pra ali é o Lar Batista é uma descida pro rio assim. Uma hora dessas, ele deve está deitado. Ele disse que passa o dia todinho deitado. De vez em quando ele passa aí. Eu não vi mais ele não, mas ele ainda está vivo, ele ainda fala.

Eu não. Eu não tenho muita graça com índio não. Tem índio que eu converso com ele tudo, mas eu não deixo eles situarem muito na minha casa não. Porque é um bicho, quase que ele é brabo, ele é um bicho do mato. O índio é como caça, a caça, você achando ela pequenininha, você amansa não amansa? E o índio você apanha e amansa, dá de comer, ele cresce. Quando ele se põe refeito, puxa pro ninho dele, pra aldeia dele, ele não fica mais o cristão não. Não tenho muita graça com índio não. Quando eu cheguei aqui, não conhecia índio aqui na cidade, mas eles já moravam aí pra dentro, eles já eram quase brabos, né? Até eu ouvi dizer que aí teve uns fazendeiros que mandaram matar um bocado. E dizem que isso aí foi um horror, porque este velho ele tinha muita terra aí pro outro lado e aí esses índios estavam tomando conta. E aí hoje eles já estão mansos, já estão misturados, estão misturados junto com a gente aí. Eles comiam sem sal, hoje já comem com sal. Mas ainda dormem no sereno. Estão mais civilizados como se diz, mas ainda dormem no sereno. Diz que o bicho bruto, que dorme no sereno, né? E eles ainda dormem no sereno, eles só dormem de baixo daquele pau lá, lá eles fazem as camas deles, é tudo limpo lá.

Não lembro não, eu não sei nem se essas terras deles são demarcadas. Não, mas eles fizeram como diz, “daqui pra ali é teu”. É de você porque eles mesmos não tem o reservado deles assim. Por exemplo, porque cada aldeia tem um cacique, não é? O cacique querendo dizer que é um índio que



manda que os assuntos deles, eles passam combinando com esse chefe, né? E o povo que trabalha tem que combinar com esse cacique, não tem nenhum que diga, essa terra é minha, é de todo mundo. Tem a divisa do Riozinho, tem a da estrada, do Ribeirão dos Cavalos pra lá, é da área indígena, vai até a Pedra Branca. Do Manoel Alves Pequeno, de bem daí desse Alto Lindo é que a divisa deles, do ribeirão com a estrada, era terra demais, é terra demais. E é só terra, não sabe? Não tem essa história de você ir comprar pra fazer soja, plantar soja, porque o povo gosta de soja e de chapada, né? Eles não têm chapada, eles têm é terra, mato, mata. E preguiçosos, rouba mais que o diabo. Comem e ainda carregam a panela, não ia mesmo. Uma vez chegou um aqui me pedindo de comer e eu tinha feito uma “Maria Izabel” e tinha muito de comer, aí eu disse: têm, “mas tu come aqui, pra tu não carregar minha vasilha”. Ele disse: “não. Ele vai comer mais a mulher dele ali, mas eu venho deixar teu tigelo”. E eu enchi a tigela de comida e até hoje. Até hoje, nunca mais vi minha tigela. E aí o bicho é como o quê? Como urubu, urubu você diferencia um pro outro? Não diferencia.

E o índio você vê bem aqui hoje e amanhã você vê ele e você não sabe se é o que veio aqui. E às vezes eu vejo o índio todo dia, mas não sei quem é. De jeito nenhum. Ontem uma carregou uma vasilha minha, mas essa índia ela é uma índia muito civilizada, aí ela veio aqui e pediu minha menina pra cozinhar um leite pra ela. Aí minha menina pegou minha panela de alumínio, aí cozinhou o leite. Quando ela ia saindo, ela disse: “olha, eu vou levar a panela, mas quando eu desocupar, eu venho deixar”. E eu fui pro rio pescar. Quando eu cheguei, disse: “a Lorinda veio deixar minha panela”? “Veio”. Porque ela, ela é “mão na roda”, mas isso é de um cento pra se tirar um que seja assim. Bem aí mesmo roubaram rede, roubaram cobertas, roubaram toalha de banho, roubaram balde. É tanta coisa que pegam dela aí.

Faz muitos anos que eu pesco nesse rio, muitos anos que pesco. De primeiro se pegava muito, né? Agora hoje, nós não pegamos uma piaba, não sei o quê. O povo diz que são essas lavouras que esse povo bota veneno e cai pra dentro do rio, das águas e mata os bichinhos. E assim a gente não sabe porquê. Logo eles botam muita rede, fazem arrastão de rede, joga tarrafa, muito lambido, né? É muito caçado. Na Piracema é a mesma coisa. Eles entram aqui dizendo: “o IBAMA”. O IBAMA passa com o avião aqui, eles se escondem pra não ver, mas estão dentro, caçando, matando as caças, pegando os peixes e tudo. Eu mesmo já peguei. De peixe maior que eu já peguei aí foi o Barbado e uma Caranha. Outros peixes: piau, pacu, peixinhos. E só peguei uma Caranha. E Barbado eu andei pegando, Surubim que era o peixe maior assim. Mas isso foi mais pra trás. Agora não pega mais esses peixes assim não. Tem gente aí que é pescador, que sabem aonde eles malham e eu não sei. Só pesco de anzol também. Eu pesco também de canoa (risos). Eu mandei fazer uma, eu emprestei ela aqui para um cara e fui embora pra Palmas. Quando eu cheguei, eu disse: “eu quero a canoa”. Ele disse: “roubaram”. Eu disse: “não, eu lhe emprestei a canoa, agora eu quero a canoa”. Ele disse: “mas eu não posso dá conta da canoa porque eu já cacei a canoa e a canoa sumiu”. Aí meu menino mandou fazer uma lá e trouxe. Que foi esse que nós fomos essa viagem. Aí ele trouxe. Não está bem aqui no porto porque tem um sobrinho meu que tem uma fazenda na banda de lá do rio, que foi atravessar agora nadando, ele disse que quando chegou lá na beira d'água ele disse que aboiou um bicho. Disse que aboiou um bicho lá no meio da água e ele estranhou porque ele não conheceu o que era, se era peixe ou se era algum bicho. Aí ele veio aqui: “tia me dá sua canoa pra eu levar lá pro porto pra eu atravessar”; “pode pegar. Aí está pra lá”. Ele gritou um rapaz que tinha uma canoa e veio atravessar ele. E disse que viram duas vezes, ele viu isso e outro rapazinho viu também no mesmo lugar. Ele disse que está achando que é um peixão grande ou é um bicho, que

ele disse que nem viu o rabo e nem viu a cabeça, só viu o meio. Só o lombo, ele disse que não sabe definir o que é. Descia. Eu vou pra todo lugar com a canoa, eu vou pescar em todo lugar (risos), eu pesco em todo lugar. De remo. Mas eu gosto mesmo. Eu pesco é porque eu gosto de pescar. Mas não me dê peixe pra comer. Eu hoje fiz um peixe aqui, eu nem gosto e eu fiquei besta porque eu comi desse peixe, eu disse: “o que foi? Porque eu não gosto de peixe”. Mas aí o Sílvio falou assim: “mamãe, mas esse peixe estava tão gostoso”. Eu disse: “pois foi por isso que eu comi meu filho”. Mas eu gosto de pescar porque eu gosto de brincar na carreira do peixe. Quando eu ferro um peixe, eh, mas eu sou animada. Mas pra comer, eu não gosto de jeito nenhum.

Nós viemos pra cá porque nós não tínhamos terra, né? Nós não tínhamos pra onde ir. Nós viemos do Maranhão pra ser vaqueiro na fazenda do Dico Azevedo e aí o papai entregou a fazenda e aí nós não tínhamos pra onde ir. Aí viemos pra cá, porque daqui a Tupiratins, acho que são trinta e seis quilômetros ou são quarenta e três. Aí tinha essa cidadezinha aqui que estavam situando: “vamos embora pra lá”? Aí nós viemos. Quando nós viemos do Maranhão, nós viemos pra Barra do Ouro, Da Barra do Ouro nós viemos pra Formosa, da Formosa foi que nós viemos pra cá. E aqui eu estou até hoje. É. O povo viajava, viajava muita gente daqui pra Carolina e só saía lá pra vim de burro. Aí depois foi que fizeram um ramalzinho de machado até lá pra botar um caminhão velho. Esse caminhão até um ano desses estava o fracasso dele acolá na ladeira. Era o transporte que tinha aqui de viajar, era nesse caminhão velho. Só. Chamava parece que era até negócio dos índios, era outro nome, era Krahô, não era esse nome não, era outro. Eu não lembro, eu sou muito distraída. Lá no Maranhão meu pai trabalhava de vaqueiro. Meu pai era roceiro, era como dizer: era lavrador. Ele era vaqueiro, mas todo ano ele fazia a rocinha dele, não é? Mexia com roça. Quando nós chegamos aqui foi que ele não mexeu mais com roça não. Aí era como se diz, era comprando pra comer, comprando de tudo. Pra ganhar dinheiro, era trabalhando. Não. Trabalhando como é que diz? De diária, era de diária. Ele trabalhava de machado, trabalhava de foice, trabalhava de enxada, era assim, meu pai era pobre. Trabalhava pra comprar o alimento, comprava aqui mesmo.

Eu era danada. Saía pelo sertão, comprava porco, pagava um senhor de Claro que tinha aqui, pra ir comprar. Comprava boiada de porco, prendia, botava aí. Meu pai matava, vendia, a gente tirava a carne, tirava gordura pra comer e era assim. Quando nós chegamos aqui tinha comercinho. Tinha esse Manoel Rodrigues que tinha uma loja, eu me lembro dessa loja. E outros era assim esses botequinho de vender farinha. Aqui, pra se comprar o arroz pilado e a farinha, vinha um comboio de jumento com cargas do pé da serra, dali de Recursolândia pra cá. Eles pisavam o arroz no pilão, faziam farinha, faziam aquele comboio de jumento com carga, não sabe? Aí despejava aqui. O povo comprava o alimento daqui e vinha desse mundo. Era difícil, era difícil. Aqui, de primeiro a gente só andava a cavalo. Aqui, quando vinha um pastor fazer um casamento, quando dava fé entrava aquela boiada de gente toda montada em animal, os noivos. As noivas também montadas. Era bonito, era bonito. Não. Era verdade. Era mais bonito do que hoje, porque hoje o povo só anda de carro, se você tiver você anda, se você não tiver você anda no dos outros. Mas você só anda de carro, não quer mais andar a pé, não quer mais selar um cavalo. De primeiro a gente olhava, estava branco de cuchunil, de pelego vermelho. Todo mundo com seu animal muito bem arreado. Hoje não se vê mais nenhum um cavalo, veja um animal arreado. Eu mesma fui uma que botei muitocavalo praesquipar. Eu botava, eu tinha sela de montaria, eu selava um cavalo que meu marido tinha mais moço. Eu andava nessas estradas tudo aí, botava e levava pra esquipar e era viagem boa danada. Hoje não. Hoje ainda ando assim de carro porque os filhos, quase todos têm carro, nos carros dos outros, de ônibus velho. Em animal faz muito tempo que eu montei em animal. Acho que não dou conta mais de andar em animal não. Mas não é de custo se tiver necessidade de montar não, mas não tenho mais vontade não.

Voltei, não. Depois que eu tive minha família não voltei lá mais não. Tenho muita vontade, me lembro até dos pés de buriti que eu pegava. Lá. Eu me lembro de um poço que tinha na casa do ribeirão do meu avô, que um dia os porcos gritaram aquele barulho. Meu avô correu pra lá, porque ele tinha um rifle, foi logo nós escutamos é pah. Meu Deus. O que foi que aqueles porcos estavam vendo. Aí quando meu avô chegou e disse: “era uma sucuri que pegou um porco. Quando eu cheguei lá ele ia arrastando ele pra dentro do poço, mas eu meti bala nele e matei”. Eu me lembro demais disso como se fosse hoje. Mas eu ainda tenho vontade de ir lá, mas tem uma prima minha que disse que eu posso perder a vontade de ir lá porque não parece mais com o que era, né? Porque os gaúchos acabaram com tudo, com o ribeirão, acabaram com tudo. Diz que é só aquela terra de soja. Bacuri, como tinha. Diz que a terra dos bacuris acabou tudo. Só soja. A gente anda por aí é só o que vê e não adianta dizer que a soja é o óleo, pra fazer o óleo e o óleo é caro todo tempo, se fosse ao menos barateando, mas o óleo é um absurdo.

A nossa terra lá no Maranhão não existe mais não. Onde é o nome Sicupira, que era a estadia do meu avô, porque lá era assim: a casa dele era uma casona como essa, de palha. Pra ali morava tio Francisco, pra ali morava o tio Abelardo, pra ali morava o tio Raul, pra ali morava o tio Olímpio e meu pai morava bem aqui assim perto da casa deles. Eram os filhos tudinho ao redor dele. Hoje não se sabe onde é morada de ninguém e não existe mais ninguém. A imagem do lugar vai ficar só na minha mente. Eu estou vendo como eu estou olhando pra você. Aquilo eu estou vendo. Ao redor da casa do meu avô tinha demais cachamorra, aquele capão de cachamorra com pé de macaúba, de pitomba. E quem ia pra fonte, pro ribeirão, era pertinho, o ribeirão passava dentro de um capãozão de pau. Pra mim, eu estou vendo tudo, tudo, tudo, tudo. Mas a lembrança da gente de antigos atrás é mais do que a de hoje. Eu não sei por quê? Sempre eu digo assim, porque meu pai, nós viemos, do Maranhão em 1943. Em 43 nós mudamos desse lugar por nome Sicupira, pra Barra do Ouro. Aí parece que nós estivemos um ano aqui na Barra do Ouro, estivemos aqui na Formosa. Aí de lá nós viemos pra cá. Em 1949 nós chegamos aqui: dia 05 de junho de 1949. E quando foi em 1950 eu fui num passeio no Maranhão. Aí em 1951 eu cheguei e também cheguei e me casei logo. Daí, desse tempo pra cá meu avô veio embora pra cá. Ele chegou aqui adoeceu, aí morreu. A velhinha também adoeceu e morreu. Aí eu não voltei mais lá. Eu tenho uma filha que diz assim: “mamãe, quando eu comprar um carro eu vou lhe levar no Maranhão”. Ela comprou esse carro agora, aí eu disse pra ela: “a promessa será que é válida”? Aí ela disse: “me deixa pagar o carro porque eu ainda não paguei o carro”. Aí eu estou com essa fé. Aí essa prima disse que tem ainda muita gente lá viva. Disse pra mim, que se eu quiser ir lá, pra ir lá onde meu avô morava, onde eu mexia lá, sabia aonde eram os poços de pescar. Sucuri, como tinha dentro desse ribeirão, Ave Maria. Ela disse que não adianta eu ir porque eu não vou mais vê essa graça, não.

Os gaúchos acabaram com tudo e eu acho que vai resultar mesmo é eu morrer, já estou velha e não ir mesmo mais. As pessoas do meu avô tinham meu pai, tio Francisco, tio Olímpio, tio Raul, tio Abelardo, tia Jacinta, todos morando perto dele, já morreram todo mundo, não existe mais nenhum desses que eu falei. Existem os filhos deles, mas eles mesmos não existem mais. E assim as pessoas velhas, vão chegando os novos que eu não conheço e nem eles me conhecem. Acho que não é interessante eu sair pra dizer: “eu vou num passeio, né? Eles não me conhecem e nem eu conheço eles, é meio difícil.

Eu acredito que eles sabem, porque eu comento isso muito com meus filhos, comento demais. Eles todos sabem, onde essa filha é uma que sempre eu vou pra Palmas e fico lá na casa dela e esse filho que eu falei da história do avião, ele é o meu caçula. Ave Maria ele anda demais aqui onde eu estou. Quando ele sabe que eu adoço, ele tem carro, ele bate aqui me carrega para o médico e tudo. Eu conto “causo” demais, demais. De eu andar a cavalo, de eu botar cavalo pra esquipar, de eu pescar lá no Maranhão, de eu vê sucuri lá dentro d’água. Mas moço, conto demais. Não, eles só dizem: “mas, mamãe a senhora de primeiro, a senhora era terrível, ainda hoje a senhora faz essas coisas, porque têm espírito, sabe? Estou com 78 anos, agora em julho vou completar 79, em nome de Jesus porque ele é quem sabe. Que todos os anos têm meses de festa aqui de “furrupa”, aí meus filhos chegam todos e é aquela “furrupa”. Coisa boa, graças a Deus. Eu já tenho dez anos que sou viúva, mas tenho meus filhos do meu lado, ainda tenho uma terrinha pra ali, tenho umas coisinhas, vivendo a vida.. Mas eu passei a te contar essas coisas assim, mas ainda é desconfiada, é desconfiada. Porque é como eu te falei: as coisas hoje, hoje estão feias. A coisa está difícil, os “marreteiros”, não lhe chamo de “marreteiro”, mas você tem que compreender que não tem só uma Maria no mundo e tem muita gente ruim em cima da terra, né? E devido a isso, do mundo não ser composto só de pessoas boas é que eu digo que tenho desconfiança de ti.

Se fosse pra fazer tudo de novo, eu faria. E a coragem ainda dava de eu fazer. Hoje mesmo eu falando pra essa mulher, ela ontem passou o dia pra fazenda dela, porque ela é uma fazendeira danada. E eu disse pra ela assim: eu desde ontem que é assim com vontade de andar, vontade de andar aí por dentro do mato, aí pela roça, aí onde eu tenho uma terrinha pequenininha ali, uns cinco alqueires de terra ali, tenho os meus bichinhos, mas eu adoro ir lá olhar pra eles. Eu ia até o ano passado eu ia a pé. Meu menino comprou um fusquinha e trouxe, disse: “olha aqui minha velha, o fusca pra você ir lá pra sua chácara”. Mas esse troço bem aí, meu genro era um que eu pelejava com ele: “não vou dirigir fusca não porque ele fica no prego e vai depender de mim”. Eu peguei, com ele mesmo, peguei uma galinha ali, fritei, botei na lata e o povo aí na prefeitura disse: “pra onde vai”? Eu disse: “vou entregar esse fusca lá em Palmas pra meu menino”; Eles disseram: “eh, quantas galinhas leva frita, pra comer no prego”? Eu disse: “vocês me respeitem. Tratem-me bem. Eu fritei uma porque eu não viajo sem frito. Eu fiz essa, mas eu vou comer dentro dele, mas ele correndo”. E disso, Deus me ajudou que nós comemos esse frito daqui pra Palmas. Eu mais esse genro bem aí, ele andando chega piava: “püüüü”. Eu disse: “vão com a praga de vocês pra lá”. Fui entregar, ele pegou e vendeu. E hoje é difícil eu ir, porque eu tenho um filho aqui que tem um carro, mas aí é como o dizer, cada um que tem o seu lá, não é? Tem a sua obrigação, seu dever. É bem difícil, mas é assim. Ainda tenho vontade assim de andar, eu penso é porque ainda tenho força assim, eu me acho assim, eu digo: “mas gente, eu tenho setentaepoucos anos e ainda tenho esse fogo de andar de canoa remando”. Mas, de remo não tem jeito, é subir pra lá e pra cá.

Não. Trabalho só aqui dentro da minha casa, mexendo nas minhas coisas. Faço uma casa de galinha, faço um chiqueiro de galinha, faço uma coisa, faço outra. De empregada eu não trabalhei, não. Nesse tempo que trabalhei esses dez anos, eu trabalhei aí na prefeitura. Dez anos. Ficou faltando quatro meses para completar os dez anos. Porque eu quebrei o braço, esse braço é quebrado, ele só vai até aqui, aí eu entreguei. Mas dentro de casa mesmo ainda tenho uma máquina bem aí que agarro nela bem aí: “trarara”. É o dia todinho fazendo tapete. Quando eu me zango olha, faço isso tudo aí. Não. Eu fazia, mas hoje não faço mais roupa não. Não mexo mais com pano de fazer roupa não. É assim: eu não me aquieto. Tem hora que, mas as pernas velhas já estão cansadas, né? Logo eu tenho aquela Osteoporose, tenho Diabetes, eu sou meio complicada na saúde, mas estou vivendo, em nome de Jesus. E Jesus vai me dar mais anos de vida. Quando eu trabalhei na prefeitura, o prefeito era o Antão. Foi o primeiro prefeito daqui que eu trabalhei pra ele. Aí dele, foi o Pedro Maciel e aí o Masolene. O Antão foi prefeito três vezes. Aí das três vezes eu entreguei, não trabalhei mais.

## DEJARD DE SALLES QUEIROZ

Entrevista em 25/ 01/ 2011

Dejard contribuiu ao lado de sua esposa com a educação da cidade. Fala com orgulho de toda sua família: seu pai, mãe, esposa e filhos. Todos têm um lugar cativo em seu coração e em Itacajá.



“Quando eu cheguei aqui, Itacajá era muito atrasada. A educação era precária.”

Eu nasci em Carolina-MA, no Maranhão. Meu pai também é Carolinense. Também tem uma história muito importante em Carolina, porque ele era um verdadeiro Mecenaz. Um homem preparado, ele está enterrado aqui em Itacajá. Porque ele tinha uma filha aqui em Itacajá, ficou velho, aposentou, aliás, meus pais são enterrados aqui em Itacajá. Eu sou um pouco ligado a Itacajá porque tem a origem dos meus pais. Ainda tenho uma irmã aqui, viúva do Paulo Teixeira, que foi também um pioneiro aqui. Comerciante, chegou aqui do Maranhão e então ainda tem descendência aqui. Dois filhos: o doutor Paulinho Teixeira e o doutor Antônio Lisboa Teixeira, ambos moram aqui e operam por aqui. Minha mãe é maranhense. Nós somos do Maranhão. Todos nós somos do Maranhão. Porque Itacajá foi fundada por maranhenses. A maior parte da população daqui é maranhense. Nós somos de Carolina, no Maranhão.

Uma cidade do sul do Maranhão pioneira em muitos sentidos. Uma cidade bem tradicional de cultura. A cidade de Carolina é a metrópole daqui dessa região, porque é uma cidade culta e foi uma cidade bem desenvolvida. Por conta que hoje ela perdeu esse privilégio, essa liderança. Apareceram novas cidades, novos portos como no Maranhão tem a cidade de Balsas que é uma cidade grande, que ultrapassou Carolina, devido ao incremento da agricultura. A agricultura lá é desenvolvida.

Balsas-MA recebeu importados de gaúchos e paranaenses que se dedicam a agricultura. Então a liderança de Carolina passou pra Balsas. Carolina foi uma cidade mais histórica, mas Balsas hoje é a cidade mais importante do sul do Maranhão. Uma cidade com cento e tantos mil habitantes e que é desenvolvida em todos os sentidos, não só na agricultura, mas no comércio, na medicina. Uma cidade que tem oitenta médicos, cinco hospitais. Então é, como se diz, Balsas é uma metrópole regional. Cidade próspera. Tem cinco hospitais, educação muito boa, mas a sua atividade principal é a agricultura. Monopoliza a agricultura da região. Aí faz a exportação de soja pelo porto do Maranhão. Então em Balsas essa soja recebe um tratamento, porque a soja, pra ser exportada, tem que ser bem tratada, bem limpa. Então ela recebe um tratamento especializado aí em Balsas e daí vai pro porto de Itaqui, de lá então segue pra Europa, Japão. Então a cidade de Balsas exporta muita soja. A agricultura é o que tem se desenvolvido mais aqui na região.

Eu cheguei em Itacajá em 1970. Passei uns anos em Itacajá, passei uns quatro anos, depois fui embora. Fiquei aqui no Tocantins, na cidade de Nova Olinda. Tivemos envolvido com a educação lá uns quatro anos, cinco. Depois minha esposa adoeceu e faleceu em Teresina. Aí deixou um nome aqui, não só no Maranhão, como uma grande educadora, mas aqui no Tocantins também, cujo nome dela é preservado numa escola estadual com o nome Amedir Cure Queiroz. Quer dizer que foi uma homenagem do povo, patrocinado pelo governador Siqueira Campos. Então tem um colégio no Tocantins com o nome da educadora Amedir Cure Queiroz em homenagem a seu grande trabalho como educadora. Em Balsas dedicou sua vida até se aposentar. Aí veio aqui pro Tocantins, administrou colégio aqui em Itacajá e Nova Olinda. Lá já era aposentada, então apareceu uma doença incurável, ela foi pra Teresina e lá morreu. Deixou um nome que é venerado aqui no Maranhão e aqui no Tocantins: Amedir Cure Queiroz. É em Nova Olinda. Em Nova Olinda é que tem um colégio com o nome dela. É homenagem póstuma. Porque ela já tinha morrido, mas a gente deixou a sua história lá como uma grande educadora. Então em homenagem a ela, tem um monumento, que é um colégio com o nome dela: Amedir Cure Queiroz. Eternizado. Foi uma homenagem muito expressiva. Então, esse favor eu devo ao Siqueira Campos, essa homenagem. Foi no governo dele, no primeiro governo dele. E agora no segundo, ele deve fazer um bom governo também. É o que esperamos.

O lugar lá no Maranhão onde eu nasci era uma cidade. A cidade onde eu nasci é a cidade de Carolina. Era a cidade mais importante do sul do Maranhão, pela cultura. Porque Carolina foi uma cidade de gente culta principalmente pela música. Então o chique de Carolina, era a música, viu? Então as pessoas importantes da cidade todas eram músicos. Meu pai foi autoridade máxima em música, era maestro, compositor, tocava todos os instrumentos, professor de música em muitos colégios. Então foi um verdadeiro mecenas entre os cidadãos de Carolina, Salatiel Queiroz. Tem um nome ligado a cidade de Carolina como uma das pessoas cultas da cidade. Aí tem um livro sobre Carolina, os homens que fizeram Carolina, então meu pai está lá como uma das principais figuras de Carolina: Salatiel Queiroz. Infelizmente eu não puxei para o meu pai nessa arte de músico. Posso ter algumas heranças dele no meu caráter, na minha formação moral, mas ele era um verdadeiro mecenas, ele era músico, alfaiate primoroso, aprendeu sozinho. Estudou um método em francês e aí aprendeu alfaiate. Então ele fazia as roupas, confecções de acordo com a técnica mesmo. Porque ele era um sujeito preparado, sabia francês, tinha uma educação fina, foi um homem ilustre lá de Carolina: foi o Salatiel Queiroz. Bem, eu tenho noção de francês porque eu fiz ginásio. Eu fiz ginásio em Pernambuco. Eu estudei no famoso colégio Americano Batista em Recife e lá a gente estudava francês, não é? Línguas: inglês, até o latim também a gente tinha que aprender um pouco. Hoje mudou. A educação hoje está completamente diferente, viu? Eu acho que antigamente parece que era mais firme, era mais sólida. Porque hoje em dia fazem o ginásio aí, e parece que quase não aprende. Antigamente, não. O sujeito saía com uma base muito sólida.

Agora, hoje o ensino é mais fácil em todos os lugares, é mais acessível por toda tecnologia. Antigamente só quem estudava eram os ricos. Bom, com exceção a minha pessoa, porque eu nunca fui rico, mas estudei porque tinha vontade. Meu pai me deu esse privilégio de estudar. Saí de Carolina e fui estudar em Recife, Colégio Americano Batista, viu? Lá eu fiz curso ginásial. Porque naquele tempo era um curso que a gente adquiria muita cultura, não é? Aí não continuei porque precisava cuidar da vida e, já rapaz vim pro Maranhão. Aí ingressei no serviço público, passei uns cinco anos, depois me perseguiram, porque aqui no Brasil tem essa mania de perseguição política e então tomaram meu cargo de Fiscalizador Federal, aí fui cuidar da minha vida de outra maneira.

Fui empresário, navegador. Naveguei por Parnaíba, depois pelo Tocantins, porque meu irmão também era, além de comerciante, era empresário marítimo, e eu fui com muita força assim. Fui funcionário público federal, fui empresário marítimo e fui também educador. Porque quando nós chegamos aqui não havia professores suficientes. E eu ajudei também sendo professor, ensinava geografia, mas não sou pedagogo, minha esposa era. Mas parece que eu tinha capacidade pra ensinar, porque fiz um ginásio bom e naquele tempo o ginásio era completo. Eu fiz o ginásio completo. Aí estava lá na cidade grande, mas vim embora pro interior, que naquele tempo era difícil e não continuei. Mas graças a Deus deixei uma descendência ilustrada.

Tenho uma professora na Universidade Federal do Piauí, Ilza Maria Cure Queiroz, minha filha. É professora da faculdade federal. Tenho outra filha que é bem ilustre, trabalha em televisão no Rio de Janeiro. Saiu do Piauí, uma moça preparada, lá estudou, tem três diplomas de curso superior: contabilista, pelo Piauí, jornalista e tem curso de informática lá no Rio de Janeiro e trabalha lá. Quero dizer que eu deixei para os meus filhos apenas uma boa educação. Tenho outro filho que é formado em Teresina, é fiscal de renda, juiz da fazenda estadual e pessoa muito competente, aluno brilhante formado em administração de empresas, formado em direito e lá se casou. Tem família e as três filhas são estudantes de medicina e a esposa é formada em direito. Então o que eu pude deixar para os meus filhos foi educação. É. Estou realizado em meus planos. Hoje estou aqui, já no acaso da vida, não é? Comecei muitas boas experiências, agora estou no fim, aposentado, vivendo a vida. Graças a Deus, achei uma companheira que tem me ajudado bastante, pessoa doméstica, dedicada e finalmente estou realizado.

Quando eu cheguei aqui, Itacajá já possuía esse nome. Porque Itacajá era chamada de Porto do Vau. Então eu não sei quando foi esse decreto, sei que já era Itacajá mesmo. Eu cheguei aqui em 1970, fui embora e voltei novamente depois de uns quinze anos. Fiquei sozinho e procurei a família paterna. Vivi lá com os parentes e os filhos. Eu tenho cinco filhos: são três homens e duas mulheres. Todos bem educados, mas formados mesmo só três: as duas moças e um dos rapazes, que é o doutor Jânio Cure Queiroz. Rapaz muito preparado, muito inteligente e hoje é autoridade lá no Piauí.

Itacajá tem um significado, significa “Ita”: pedra e “cajá”: uma cachoeira que tem aqui na cidade, no mesmo rio. Aí formaram esse nome: Itacajá. Porque tem o remanso da Itacajá, aqui no rio Balsas e eu acho que o nome é esse: indígena, eu não sei quem foi que formou o nome, deve ter sido pelos Batistas. Esses Batistas tiveram uma influência grande aqui em Itacajá porque chegaram aqui pra evangelizar os índios e foram também pioneiros aqui, no povoamento de Porto do Vau. Quando eu mudei pra cá meus pais já haviam falecido. Eu morava em Balsas, de lá vim pra cá. Meus pais moravam aqui, mas já haviam falecido. Primeiro minha mãe faleceu, depois meu pai. Eu vim aqui

porque fui convidado pra dirigir o colégio, o ginásio daqui. Tinha o nome de Ginásio Progresso de Itacajá. A campanha educacional da CENEG. Então o prefeito que era o seu João Pinheiro nos convidou pra virmos dirigir o ginásio da cidade. O primeiro ginásio da cidade em 1970. Em 1976 nós saímos daqui, com função também educacional e fomos para Nova Olinda. Lá passamos doze anos trabalhando na educação. Esse convite foi porque o prefeito nos conhecia, através do meu irmão que foi pioneiro aqui e tal. Através da família e dos conhecidos nomes como pessoas competentes na educação. A minha esposa tinha aposentado no Maranhão e veio pro Tocantins a convite do Pinheiro, que é o seu João Pinheiro, que era o prefeito. Pai do prefeito atual. Fizemos nossa parte, nossa contribuição, depois seguimos nosso rumo. No início quando nós chegamos aqui na cidade de Itacajá foi fácil pra acostumar porque a cidade era pequena e como se diz, o sertanejo é muito hospitaleiro e nós como pessoas que tinha o exercício na educação, fomos bem acolhidos pela população e pelas autoridades. Então tivemos todo apoio da cidade, das autoridades da cidade, do prefeito e da sociedade.

A viagem do Maranhão pra cá, naquele tempo não existia transporte rodoviário, então o transporte era feito todo fluvial, por barcos, motores, pequenas embarcações motorizadas. Embarcamos em Carolina e subimos o rio. Com três dias de viagem chegamos aqui em Itacajá. Não havia esse desenvolvimento que há hoje, não é? Era atrasada, tudo atrasado. Tudo era feito através da navegação fluvial. Esse rio era pequeno, mas navegável. Sempre no inverno era navegável até por barcos maiores. Demoramos esses três dias porque à noite parava pra dormir, então daqui lá deve ter uns cento e tantos quilômetros e um barco desses faz apenas uns vinte quilômetros por dia. E quando chegava à noite, pernoitava, não é? Pernoitava na margem dos rios. Porque todos ficavam dormindo nas suas redes. Quando anoitecia a gente parava e dormia. Não. Não era perto de povoado não, porque daqui pra lá não tinha cidade nenhuma, por água, não tinha. Só algumas fazendas, então a gente conhecia bem. Se não, onde anoitecia, pernoitava-se, era essa a rotina, não é?

Pra viajar nesse tempo, ou era no transporte fluvial ou era de animal. Mas, daqui pra Carolina que era a Metrópole de ilusões da região, era só de barco. Meuspais quando vieram do Maranhão vieram de barco também. Todo mundo que chegou aqui veio de barco. Transporte de cavalo era muito pouco, era mais só de barco. O sistema era esse. Depois teve o avião. Pequenos aviões, que nesse tempo de Carolina, pousavam aqui. Mas o transporte principal era fluvial, motores de pequeno escalão. No barco. Sempre fazia a alimentação nas embarcações, mas tinha sempre um frito, não? Como nós chamamos aqui. Tinha que levar a sua alimentação. No barco sempre tinha uma cozinha, tinha uma alimentação. Nessa viagem, dos meus filhos, trouxe só a caçula. Ainda era mocinha, essa que trabalha na televisão no Rio de Janeiro, trabalha na TV Educativa. Era menina pequena assim de uns oito anos de idade mais ou menos. E tinha um rapaz também, um rapaz também que veio conosco ainda. Os outros já estavam estudando lá em Balsas. Conosco vieram dois filhos: um rapaz chamado Elias e uma menina chamada Norma, que hoje mora no Rio de Janeiro, trabalha na televisão Educativa há muito tempo. Fiquei até apreensivo com ela porque ela tinha uma casa em Teresópolis, mas nessa calamidade (grandes chuvas que ocorreram no Rio de Janeiro em 2011) Deus foi muito bom, a casa dela não sofreu nada em Teresópolis. Ela tem uma casa lá. Casa de veraneio. Ela mora no Rio de Janeiro, tem casa no Rio de Janeiro, mas em Teresópolis ela tem uma casa de veraneio. Não houve nada com ela não. É casada. Casou já a segunda vez, porque o primeiro marido, jornalista, que trabalhava também na TV Educativa morreu. Aí ela casou com outro, já esse é do Pará. Do primeiro casamento tem uma moça que se formou esse ano: engenheira desenhista. Está na universidade fazendo um estágio, já vai sair com emprego garantido. E tem uma pequena, do segundo casamento.



Na mudança nós trouxemos só o essencial. Móvel, nada. Só o essencial: só roupa. Aí chegamos aqui e fomos adquirir tudo, né? Já tinha casa aqui. Esta casa aqui que era do meu pai. Ele já era falecido, já tivemos a casa. Foi mesmo que casar novamente, fazer móvel, e construir tudo de novo. Lá em Balsas tivemos que vender nossa casa. Porque eu morava em Balsas, viu? Eu sou filho de Carolina na mocidade. Na minha vida de adulto, jovem, eu era funcionário público e casei em Balsas com essa professora lá. Casei com essa professora lá. E lá deixamos nossos pertences e viemos cuidar aqui, de nossa vida aqui. Aqui já tínhamos a casa, que era de meu pai. Meu pai não era falecido não, mas depois ele morreu e nós já tínhamos saído daqui. Depois nós voltamos, isto é, voltei. Nós saímos daqui, eleeravivo ainda. Depois eu voltei depois de muito tempo, fiquei viúvo aí sozinho, vim procurar meus parentes, dois irmãos que eu tenho por aqui. E aqui constitui nova família, porque a gente não pode ficar desprezado e sozinho no mundo. Familiares dispersos, no Maranhão, Piauí, aí eu vim pra cá pedir o apoio de minha família. Ainda hoje tenho o apoio. Porque ainda tenho uma irmã em Carolina que é professora aposentada e uma irmã aqui. Tenho o apoio da família e saudade da esposa hoje.

Quando nós chegamos, aqui era uma cidade ainda muito atrasada. Não tinha o desenvolvimento que tem hoje. Era uma cidade ainda no começo de cidade. Ainda não tinha estrutura de cidade, viu? Nem luz elétrica não tinha ainda. Tinha uma luz parcial e na prefeitura. A cidade não tinha estrutura nenhuma, era uma cidade atrasada. Estava começando, tudo estava começando. Hoje não. É uma cidade bem estruturada. Era uma cidade interiorana bastante atrasada em todos os sentidos. Na educação nós viemos dar o primeiro impulso. O comércio era também pequeno. Indústria não tinha. Só mesmo a pecuária que já era importante, né? Na região. Na educação dedicamos propriamente um período de quatro anos, em Itacajá. Depois fomos pra Nova Olinda e minha esposa já era aposentada. Quando ela veio pra cá, ela já tinha ensinado no Maranhão uns trinta anos mais ou menos. Aqui foi que ela ensinou uns oito anos. Então foi a segunda etapa da sua vida. Dedicou sua vida à educação no Maranhão e aqui no Tocantins. Eu mesmo fui professor só quatro anos aqui em Itacajá. Depois nós mudamos pra Nova Olinda e lá outros quatro anos. Foi o tempo que ela adoeceu e faleceu no Piauí, em Teresina. Onde tinha os dois filhos estudando e tinha os familiares. Foi pra lá e morreu. Ela é sepultada lá em Teresina.

Não trabalhei no Lar Batista não. A ligação que nós temos com o Lar Batista é porque o Lar Batista foi fundado pelos Batistas e nós somos Batistas, não é? Então temos essa ligação assim. Mas nunca tivemos função no Lar Batista, não. Nossa função aqui foi educacional, só. O Lar Batista tem um prédio ainda aí. Foi fundado aqui, acho que teve a existência de uns sessenta anos, sessenta e poucos anos só aqui. Agora é que mudou pra Palmas, né? Política deu o Lar, não tinha condição mais de ficar por aqui porque o lugar não oferecia mais condições, aí mudou. O Lar Batista é um orfanato. Cuidava dos órfãos e da educação religiosa no sentido de evangelização das crianças desamparadas. É uma instituição de renome, que deu bastante nome a Itacajá. Porque muitas pessoas vieram pra cá por causa do Lar Batista e porque tinha escola também. Além do orfanato tinha escola Batista, que dava instrução às pessoas. Antes do ginásio, a educação que recebiam aqui era a do Lar Batista, viu? Então, nós apenas continuamos do lado educacional do Lar Batista, o ginásio, fundado pela CENEG. Chamava-se Ginásio Progresso de Itacajá. O Lar Batista foi fundado por um missionário pioneiro aqui, chamava-se Francisco Colares. Ele era do Rio de Janeiro e casou-se com uma pernambucana e então era um missionário que veio pra evangelizar os índios e aqui criou o Lar Batista. Deram a denominação Batista. Aí nasceu o Lar Batista, fundado por Francisco Colares, um missionário Batista que trabalhava com os índios. Mas o trabalho com os índios não prosperou, então ele resolveu fundar um orfanato com o intuito de amparar mesmo os órfãos da região e evangelizar.

Bastante. Começou com poucas crianças, mas depois foi crescendo, crescendo, crescendo, quando ele saiu daqui tinha setenta crianças. Educou, ajudou muito aqui na educação. Tem muitas pessoas bem encaminhadas na vida porque tiveram uma boa educação, uma boa base dada pelo Lar Batista, pelo lado intelectual e também religioso. Deu seus frutos bons, o Lar Batista. É. O Lar Batista mudou pra Palmas, mas existe o fruto do Lar Batista, existem as pessoas aqui que foram do Lar Batista e estão cada um no seu setor. Por diversos setores, tem gente que foi do Lar Batista. Tem deles que moram aqui ainda. Tem gente que foi do Lar Batista, tem muitas pessoas aí que estudaram na escola Batista e seguiram o caminho da vida deles em todos os setores. Tem pessoas aqui em Itacajá que trabalharam no Lar Batista. Tem diversas pessoas que trabalharam no Lar Batista. A dona Rosimeire é sogra do empresário Batista ali do Pegue e Pague, foi funcionária lá. Tem o irmão aí que trabalhou na fazenda do Lar Batista, tem diversas pessoas aí que trabalharam no Lar Batista. Muitos foram os funcionários do Lar Batista que ficaram por aí e outros acompanharam o Lar Batista e sua equipe.

Quando eu cheguei aqui a saúde era precária. Aqui, o pastor e a mulher do pastor é quem davam assistência. Por exemplo, a natalidade eram eles que tomavam de conta. Leigos, mas não tinha hospital. Alguns enfermeiros leigos. Tinha aquele José Porto que era um prático de farmácia e também enfermeiro. Não tinha médico, era muito precária a saúde aqui, quando nós chegamos. Depois é que criaram hospital, na administração do prefeito Antão, aí foi que surgiu o hospital. Mas era bastante precária a situação aqui da saúde. Porque adoecia aqui, tinha que ir embora pra Araguaína, Colinas.

Aqui mesmo não tinha hospital, não tinha nada. Chegou isso tudo depois. Pra levar o doente pra Araguaína no começo era de animal, mas depois levava de transporte, passou a ter transporte, né? Também fluvial, iam pra Carolina. Apelavam pra Carolina ou Araguaína que eram os lugares. Pedro Afonso também que é aqui perto, já era uma cidade desenvolvida. Era uma situação de emergência, aqui era difícil. Quando as mulheres entravam em processo de parto tinha assistência de um pastor aqui que era um enfermeiro assim, como se diz, a mulher dele também tinha uns estágios em enfermagem e ajudavam aí a fazer um parto. Pastor Benjamim Cardoso, cuja viúva mora aqui ainda e o filho também que é tabelião aqui, era filho do pastor. É quem fazia os partos, o pastor e a mulher dele. Quando eu cheguei, eles já eram missionários da Junta de Missões Nacional Lar Batista. E aqui, a cidade deve muito aos Batistas, viu? Porque vieram evangelizar os índios e ficaram por aqui. Ficaram com o orfanato e ajudando na saúde. Quando não eram eles, aí era mais difícil. Eles ajudavam bastante, quem podia sair, saía. Mas eles ajudaram bastante aqui na cidade, nessa parte aí de parto, de evangelização. É, tinha. Tinha, sempre teve. Nas cidades sempre tiveram as parteiras, práticas, sem muita habilidade, né? Agora o parto vinha natural, tudo muito bem, mas se surgisse um problema era difícil, era fatal. Era assim mesmo.

Não. Não habitei na terra dos índios não, mas eu visitei a aldeia uma vez ou duas. Visitei somente. Eu não conheço bem a terra dos índios não. Tem muitas aldeias aqui, uma porção de aldeias. Eu fui com os missionários visitar ligeiramente, aldeia. Mais trabalho de evangelização, pra conhecer. Não tenho muito, como se diz, afinidade com os índios não. Conheço assim, pessoalmente, porque eles vêm aqui na cidade, mas não tive muita ligação com os índios não. Já. Aqui já era habitado por muitas aldeias. Eles moravam aqui de muitos anos. Eles são os primitivos da região, os índios. São os índios. Os Krahô são antigos, não sei nem a origem deles, de onde é que eles vieram. Os Krahô sempre foram aqui dessa região do Manoel Alves. Os Krahô aqui, os Canela no Maranhão, Barra do Corda. Eu acho que já era demarcada, já tinha a divisão já tem um tempo. Porque quando eu

cheguei aqui em 1970, aqui já era mais ou menos como é hoje. Quer dizer que melhorou muito. Os moradores de quando eu cheguei aqui, eu conheci uma parte, alguns. Porque naquele tempo era dedicado só mesmo a educação, mas tem ali o seu Detim, que era o fundador aqui de Itacajá, né? Outros morreram. O Detim é uma pessoa que pode dar muita informação. Eu já cheguei, a cidade já estava formada, não conheço muitas famílias. Só as principais famílias da cidade. Não tenho muitas raízes aqui não. Sou de fora.

Quando nós resolvemos mudar pra cá, nós já saímos direto. Porque fomos convidados especialmente pra cá. Souberam que minha esposa era educadora, que estava aposentada, aí convidaram e ela aceitou vir continuar aqui. O ginásio tinha sido criado, naquela época, o ginásio tinha sido criado, já tinha tido um diretor e ele foi embora. Então nós fomos os segundos diretores do colégio aí, da CENEG, gratuito. Ele tinha uma campanha, esse ginásio era ligado a CENEG, a CENEG de Goiás. Todo Brasil tinha a sua, como se diz, sua CENEG. Então é diretamente de Goiânia que a gente recebia as orientações educacionais. Da CENEG de Goiânia. No Maranhão tinha CENEG também, no Piauí, no Brasil inteiro tinha CENEG (Campanha Nacional de Educandários Gratuitos). Houve isso na época de 1970. De 1960 a 1970 tinha CENEG. Hoje é que eu acho que não tem mais, acabou. Isso foi um idealizador, foi um estudante brasileiro, parece que era até um nordestino, quem idealizou essa CENEG. Trabalhou por ela e o governo deu apoio. Esqueço como era o nome do pioneiro da CENEG, sei que era um estudante quem idealizou a CENEG. Com benefício da prefeitura. O CENEG, a prefeitura também ajudava. A prefeitura não tinha condição de manter, era tão atrasada que não tinha condição, não tinha finanças pra manter a educação. Era muito fraca. Esse órgão era quem pagava os professores e etc. A prefeitura ajudava, mas a CENEG financiava tudo. Era o órgão credenciado pelo governo mesmo pra administrar a educação.

Eu de estudante, entrei pra esse serviço público. Aí do serviço público fui empresário de navegação, depois entrei na educação e parei. Fui empresário ainda jovem. Empresário fluvial, de navegação no Parnaíba, isso no Parnaíba. Depois eu mudei pro Tocantins, naveguei no Tocantins. No Parnaíba naveguei uns dez anos lá. Da cidade de Balsas a Floriano, até Teresina, mas o mais era de Floriano à Balsas que eu navegava, nesse trecho. Aí eu dentro da parte comercial, transportava mercadorias e passageiros. Naquele tempo o transporte certo era fluvial, porque não existiam muitas estradas, era tudo precário, viu? Aí foi chegando o desenvolvimento. Que as estradas eram todas carroçáveis e a navegação foi o começo de tudo, era quem sustentava o comércio e a indústria e tudo era feito pela navegação. Aqui no Maranhão, aqui no Tocantins. Tudo isso, o pioneiro de tudo foi a navegação. Desenvolveu o comércio. Tudo foi a navegação.

É. Eu volto lá onde eu nasci, ao menos pra visitar os parentes, que eu ainda tenho parente lá, tenho irmã, ainda tenho filho lá onde eu casei. Eu tenho dois filhos lá, já constitui família lá, era família da esposa. E vou também a Teresina porque eu tenho dois filhos lá, mas que eu sou Carolinense/Maranhense, mas que morei vinte e tantos anos no Balsas, onde me casei, constituí família e sou ligado muito a Balsas. E ao Piauí, em Teresina, mas é porque eu tenho dois filhos lá. Uma é professora da Universidade Federal do Piauí, minha filha é professora lá. E tenho um filho que é juiz lá. Juiz da fazenda lá no Piauí, mora lá, tem suas filhas: três moças, três médicas. Estão todas na universidade. Todas as três irmãs vão ser médicas. Do tempo que eu saí de lá, tem crescido demais.

Teresina é uma cidade que, quando eu comecei a andar lá, se contava os edifícios. Hoje em dia não dá mais pra contar não. Os edifícios importantes assim. A cidade grande, cidade bonita, viu? Tem crescido muito. E Balsas é uma cidade no meu tempo, uma cidade pequena, hoje é uma cidade grande. No meu tempo tinha cinco médicos, hoje tem oitenta médicos na cidade de Balsas. Balsas cresceu muito, foi a cidade que mais cresceu. Agora o surto desse “gum” do Balsas foi a agricultura. As terras baratas, pessoal do sul, paranaense, rio grandense do sul compraram muitas terras aí e plantaram soja, muita soja. E aí o desenvolvimento lá se deve a agricultura. Aí veio muita gente do sul pra esse norte e nordeste aqui. As terras eram dadas, baratas, muita terra boa pra agricultura, aí desenvolveu em todos os sentidos. Agricultura sendo a base principal. A soja foi que deu esse incremento, alavancou o crescimento. Tanto aqui, como no município de Pedro Afonso. Isso é agricultura. Agricultura é que tem trazido o progresso. Depois vêm as outras coisas. Vem à educação, vem o transporte, né? Tudo isso. Itacajá, do tempo que eu cheguei, pra agora, está diferente demais. A diferença quase que cem por cento. Quando eu cheguei aqui Itacajá era muito atrasada, não tinha calçamento, não tinha luz e a educação era precária. Saneamento não existia, era muito atrasada. Nem iluminação pública existia, era uma iluminação parcial, particular. Que beneficiava o colégio, as casas principais e as primeiras ruas da cidade. Era a motor, a energia. Tinha o motor da prefeitura que iluminava a cidade, iluminava o colégio. Isso até as dez horas da noite só. Durante o dia não tinha energia, não. Energia chegou aqui muito depois. Depois que nós viemos pra cá. De 1970 pra cá foi que chegou energia. Na administração Masolene foi que chegou energia pra cá. Hoje está diferente, hoje tem progresso. Algumas coisas precisam melhorar. A saúde aqui ainda está precária. Médico quase não para aí. O hospital tem uma instalação até boa, é bem melhor a saúde.

As outras coisas não, se desenvolveram bastante: transporte, comércio bom, turismo, tudo desenvolveu, não é? No meu tempo não. Era tudo começo ainda. Era tudo difícil. A saúde melhorou. Quando eu cheguei aqui não tinha hospital, agora depois é que criaram as coisas, criaram hospital. Aqui teve uma fase boa aqui. Há uns dezoito anos atrás teve uma fase boa na saúde. Mas agora eu não sei o que está havendo, não vejo mais um médico competente. Eu acho que na saúde e na educação, não devia existir política assim, discriminatória, perseguição. Se o médico é bom, deixa. Muda o prefeito, mude. Mas deixe o médico. Se a educação é boa, não se tira uma professora porque ela votou num partido contra o governo, de jeito nenhum. Eu acho que num devia existir politicagem nesses dois setores. Prejudica demais a população, não é? Então tem um médico bom na cidade, não se tira esse médico porque ele votou num partido contra a situação do bloco local. Eu acho que isso é errado. É o meu ponto de vista.

Meus filhos sabem dessas histórias, eles acompanharam tudo. Eles sabem tudo como foi minha vida. Eu fui um sujeito assim que lutei muito, viu? Só o sujeito ser assim, viver em navegação, viver assim dia e noite a bordo, pra aqui pra acolá, passando perigo. Até naufrágio eu já sofri. Perigo de vida, muitas aventuras, mas graças a Deus eu passei por essas dificuldades. Naveguei o Parnaíba quase que da nascente até sua foz. No Tocantins conheço de Belém a Porto Nacional. Naveguei nele também. É a vida. É. Os netos estão aí. Estão todos se formando, já tem unstrês netos formados e tenho o outro se formando. Esse ano se formou um em engenheiro e daqui pra frente vai se formar mais porque tem três médicas.

Graças a Deus. Eu sou um homem pobre, de pequenos recursos financeiros, mas que tive o apoio familiar. Dei educação máxima a meus filhos, os iniciei por conta própria. Os que quiseram subir mais estudaram. Eu tenho três filhos formados, com curso superior, tem uma que é Jornalista, Contabilista e formada, trabalha em televisão. Um que é formado em Direito, Administração de

Empresas, alto funcionário do Estado e da Fazenda. E os outros têm sua vida particular com uma educação sólida também. Não chegaram a se formar, mas tem o ensino básico bem feito. Tem um que fala bem inglês, já esteve até nos Estados Unidos, o mais velho. Teve nos Estados Unidos já duas vezes. Foi bancário, já tem seus dois filhos formados. Tem um formado em farmácia e o outro formado em direito, são solteiros ainda. E outro filho já tem um filho formado em pedagogia. Um está se formando em agrimensura e o outro está aqui entrando na aeronáutica. E esse ano se formou uma no Rio de Janeiro, a que foi pro Rio de Janeiro, a caçula, que morou comigo aqui. A moça estudiosa, educadora, saiu do Piauí e hoje mora no Rio de Janeiro. Tem casa em Teresópolis e trabalha na televisão, na TV Educativa.

Hoje não dava mais de fazer essa viagem de novo porque os janeiros estão pesando. Vou fazer noventa anos, rapaz. Ainda estou aqui te contando história, mas eu tive uma vida acidentada assim, mas graças a Deus, venci as coisas principais. Graças a Deus sempre primei por uma honestidade, por uma moral, nunca tive dissabor por conta de minha vida. Minha vida, posso dizer, por exemplo, que dei pros meus filhos. Tanto é que meus filhos todos são pessoas de bem, que eu dei o exemplo e dei educação. Perseguido? Fui. Injustiçado? Fui. Porque eu era funcionário federal e fui perseguido por políticos desonestos, me tomaram o emprego sem eu ter cometido nenhuma falta, nenhum deslize. Porque quando o sujeito é corrupto, às vezes pode ser demitido. Mas, graças a Deus, minha folha corrida é limpíssima. Mas fui perseguido.

Eu era escrivão da coletoria federal, exerci por cinco anos, fui nomeado por Getúlio Vargas. E então o chefe político achou de mandar cassar o meu direito. Fui demitido, tenho um processo administrativo, tiraram o meu emprego pra dar a um afilhado dele, a um sobrinho. Então fizeram essa injustiça comigo. Porque se eu tivesse ficado na minha função, hoje eu tinha um salário elevado e tudo. Porque eu era empregado federal, viu? E fui demitido sem ter cometido nada, só perseguição política. Era o que mais acontecia. Mas o mais foi lutando pela vida, honestidade, trabalhando, ganhando o pão de cada dia honestamente e me considero um vencedor. Tenho cinco filhos que nenhum não desmerece a minha memória. Do meu pai recebi também um exemplo salutar. Que ele foi um homem de bem, pessoa idealista. E eu dei o que podia dar aos meus filhos. A base principal: ginásio, etc, e aí eles se viraram e prosperaram.

Não, não me arrependo de ter feito essas viagens não. Foram boas. Gostei. Eram às vezes cansativas, mas eram interessantes. Viajava sempre, mudava de ambiente. Viajei fluvialmente muito, fui também diretor de uma indústria, viajei muito também. Viajei do Balsas para o Recife. Nós tínhamos uma indústria algodoeira, nós explorávamos algodão. Tivemos uma firma lá e eu fui gerente por muitos anos lá, viajava pra Recife, viajava pra entregar nossos produtos e trazer mercadoria para o comércio e assim lutei pela vida, hoje estou satisfeito.

Com assistência dos filhos e tem a pequena aposentadoria. É. Não tenho ambição, riqueza eu sei que não quero, não preciso ter. Ter só o essencial pra viver, né? E visito os filhos de vez em quando, todo ano eles me dão assistência financeira. Dão-me plano de saúde, se eu adoecer, tem Unimed e de vez em quando eu dou um passeio lá onde eles estão. Eles, às vezes vêm aqui, me levam. Estou realizado. Graças a Deus eu tenho um nome. Se chegar lá onde eu morei, lá em Balsas e perguntar por Dejarde Queiroz, não vão dizer que foi um ladrão, nem que foi um desonesto: “Foi um cidadão que morou aqui e deu um exemplo bom”. Em Carolina é do mesmo jeito, é minha terra natal.

Aqui também eu acho que não tenho nenhuma coisa que desabone minha conduta. Sempre vivi honestamente em todo sentido. Uma formação intelectual razoável, não me formei porque naquele tempo era difícil mesmo, mas formei os filhos, ajudei, e eles continuaram, tiveram mais força do que eu e se formaram. Tiveram três formados, em mais de uma formatura. E tem dois que não se formaram, mas são pessoas ilustradas, são pessoas que tem a base que dá pra viver, tem modo de viver. O mais velho já tem sessenta anos, já está quase idoso, mas é um sujeito inteligente, já esteve até nos Estados Unidos já duas vezes, fala bem o inglês, já tem dois filhos formados em farmácia. O segundo mora em Balsas, também é um rapaz que não é formado, mas tem boa educação, tem segundo grau, está educando os filhos, já tem um formado e outro está se formando também, está entrando na aeronáutica, rapaz novo. A esposa é diretora de colégio e ele mexe com um bocado de coisa, é mecânico, foi paraquedista, o cara é inteligente. Terrível. Bom filho, bom filho. Sempre fala comigo. Todos bem na vida. Minha missão está cumprida. Graças a Deus, geramos cinco filhos, todos estão bem de vida. Eu dei a base pra eles e o resto foi com eles. Demos o ginásio. O ginásio avançado. Aqueles que foram mais lutadores estão todos bem de vida.

### **MESSIAS ARAÚJO DE SOUSA**

Entrevista em 25/ 01/ 2011

Seu Messias, filho de cearense, era um músico afamado em Itacajá e região. Conta do sofrer de sua família e faz uma análise das mudanças ocorridas em sua vida e em Itacajá. Trouxe muitas alegrias para a cidade de Itacajá tocando a sua safona.



“Mas eu toquei a vida inteira. Baile, carnaval, toda coisa aqui”.

Eu nasci em Colinas em 1942. No Maranhão. Dia 17 de março de 1942. Meu pai é Cearense, de Juazeiro e minha mãe é de Carolina. Daí nós viemos pra cá. Meu pai veio pra aqui trabalhar na FUNAI. Viemos de motor até Itapiratins, de lá fomos a pé pra aldeia. Aí lá minha mãe não se deu. Chegou lá, ficou com medo dos índios e aí nós viemos embora para Itacajá.

Nós chegamos aqui em 1943 ainda, bem no comecinho do mês. Ficamos aqui uns seis anos. Aí mudamos pro sertão, pra fazenda. Passamos nove anos lá na fazenda, depois voltamos pra cá de novo, pra Itacajá e estamos até hoje. Não. Eu não lembro o lugar onde eu nasci. Eu não lembro de nada. Eu conheço depois de eu rapaz. Eu fui lá, já fui lá muitas vezes, mas eu não lembro de nada de lá.

Era não. Itacajá, quando nós chegamos aqui, Itacajá se chamava Porto do Vau. Era um porto que a gente atravessava com gado, com animal. Chamavam de Porto do Vau porque a gente atravessava caminhando por debaixo da ponte ali o porto, né? Chamava Porto do Vau, aí depois que passou a ser cidade, foi que eles botaram o nome de Itacajá. Esse nome de Itacajá é por causa de uma cachoeira que tem aqui, né? É uma cachoeira que chamam Cajá, aí botaram Itacajá por causa da Cachoeira do Cajá. É como eu falei, nós viemos pra cá porque meu pai veio pra trabalhar na FUNAI, aí chegou aqui, mamãe não quis ficar lá na aldeia, aí nós voltamos pra aqui, meu pai comprou uma casa e ficamos aqui.

Daqui nós fomos pra fazenda, passamos um bom tempo lá, depois voltamos e estamos aqui até hoje. Meu pai veio pra trabalhar, mas nem trabalhou, não chegou nem a trabalhar. Muito difícil. Foi muito difícil pra gente acostumar aqui. As coisas aqui eram muito difíceis, não tinha caminhão, não tinha nada. Tudo era nas costas de animal ou no motorzinho que vinha de Carolina. O mantimento que tinha aqui, as coisinhas que tinham aqui, de loja, essas coisas, roupa, calçado. Essas coisas vinham de Carolina de motorzinho até aqui. E cereais, essas coisas, eram aqui mesmo: arroz, farinha, feijão, nós produzíamos aqui mesmo e vendia pra lá. Descia em balsas. Naquele tempo fazia balsa de buriti, enchia de farinha, arroz, bolo, toda coisa e levava.

Nós viemos de motorzinho. Naquele tempo nós subimos o Rio Tocantins pra Itapiratins, aí de lá nós pegamos a tropa e fomos pra aldeia. A mesma tropa que levou nós pra aldeia, os mesmos animais vieram deixar nós aqui. Porque minha mãe não quis ficar lá de jeito nenhum. Aí antes de a tropa voltar, nós viemos aqui pra Itacajá na mesma tropa que tinha nos levado pra lá. Demorou de um dia e meio, a dois dias de viagem. Parava num lugar, arranchava, dormia de noite, aí no outro dia tornava viajar. Saímos de lá de manhã, arranchamos logo perto, no outro dia chegamos cedo lá na aldeia. Cozinhas, no lugar que chegava, cozinhas a comida, pegava lenha no mato. Nós estávamos de viagem, nós não cozinhamos feijão, essas coisas. Era carne mesmo de gado. Parava, fazia ali uma coisa, que levava morta. Não cozinhas feijão porque não dava tempo, né? O certo era a carne de gado mesmo naquele tempo.

Trouxemos só as coisas de casa. Porque naquele tempo ninguém tinha uma cama, não tinha uma bicicleta, você não tinha nada. Todo mundo tinha uma rede, uma coberta e a roupinha do corpo, só. Era o que vinha. Às vezes uma malinha velha ou duas malinhas, se tivesse muito eram duas malinhas. Era coisa pouca naquele tempo. Não é como hoje que qualquer pessoa tem quatro, cinco pares de botina. Não. Naquele tempo o cara tinha um par de botinas, um chinelo velho e só. As coisas que nós tínhamos lá, nós vendemos. Meu pai tinha chácara lá, mas vendeu.

Não. Dos primeiros moradores não. Quando eu cheguei aqui já tinha moradores aqui. A cidade já tinha moradores, eram poucos. Eu não sei nem quantos, eu acho que eram uns trinta, quarenta moradores aqui. Naquele tempo já existia a aldeia, já tinha funcionário da aldeia, que vinha de fora. Naquele tempo pegava o avião pra Carolina e vinha de motor pra cá. Aí esse povo vinha, vinha muita gente. Já existia o orfanato, você sabe que aqui tinha um orfanato, né? Só existiam dois no Estado. No Goiás (hoje Tocantins) só existiam dois. Aí dividiram, tem um em Goiás e outro aqui no Estado do Tocantins, né? Tinha escola, tinha pastor, porque esse orfanato é dos crentes da Junta dos crentes (Junta de Missões Nacional da CBB). Tem até a praça lá, Francisco Colares. Quando nós chegamos aqui, ele era pastor aí, já tinha enfermeira. Minha mulher teve até um aborto, teve um menino morto que essa enfermeira foi quem ficou com a mãe dele, era uma americana. Os primeiros moradores já morreram quase todos. Naquele tempo era Pimentel, Jade Queiroz, Deca, Cariolano Cruz, deixa ver quem era mais. Os moradores velhos que moravam aqui era o pai do Masolene, o Zé Rocha, era o afinado Reginaldo, era o velho Mundico Soares, que era deputado aqui. Esses que eram os velhos daqui, já morreram tudo.



Na época que eu cheguei aqui na cidade não tinha isso aqui não. Era só daqui pra trás, isso aqui era só mato. Só tinha ali, naquela rua da pracinha pra baixo, ali e aqui tinha umas casinhas lá em baixo, uma barraquinha. Era na beira do rio mesmo. Tinha uma ruinha de casa aí, umas dez aqui e umas dez ou quinze nessa rua ali (Rua Pedro Ludovico). Na parte de cima tudo era mato, tudo era mato até acolá, tudo, tudo. Aqui era um povoado, mas era um povoado pequeno, se tivesse muito, era trinta, quarenta casas. Tinha. Tinha uns três comercinhos, tinha o Jade, o comércio do Jade Queiroz, tinha o Manoel Rodrigues e tinha o Cariolano. Mas o Pimentel tinha uma quitanda, uma quitanda só de vender coisas, não era tecido, nem nada, é tipo um bar hoje, só que tinha mais coisas né? Tipo uma merceariazinha, chamava quitanda. Porque naquele tempo não tinha mercearia, era quitanda. O Cariolano e o Pimentel tinham uma quitanda, o Jade tinha uma loja e o Manoel Rodrigues já morreu também, que era um velho aqui que tinha uma lojinha também. Só tinha uma casa de telha aqui, só uma. Tudo era de palha, era só a lojinha do Manoel Rodrigues ali, de telha.

Nós moramos lá com índios. Nós chegamos lá, mamãe não quis ficar, aí nós voltamos porque papai tinha comprado uma casa aqui. Aí nós ficamos aqui de 1943 a 47. Em 1948 nós mudamos pra lá, ficamos nove anos lá. Em 1957 nós viemos embora pra cá. Aí a cidade municipalizou, parece que foi em 1954, parece que foi. Nós ainda morávamos lá quando a cidade emancipou-se. Quando nós voltamos, já era cidade. Mas era pequena, ainda era pequena. Ela cresceu, foi de uns quinze anos pra cá que ela começou a desenvolver. Toda vida, toda vida andou índio aqui e agora está andando mais, porque as famílias recebem benefícios do governo quando eles vêm receber o benefício às vezes vem a família toda.

Quando eu cheguei aqui dificilmente um índio recebia benefício, não tinha. Não sei se tinha algum índio empregado, depois com muito tempo surgiu emprego para os índios aí. O Joãozinho é um dos empregados, eu não sei quem são os outros. Agora não, todo mundo tem, mas também nem o cristão (não índio) não tinha, naquele tempo, esse negócio de aposento, ninguém tinha isso. Foi de poucos tempos pra cá. Tinha não. Aposentado por idade não, aposentava por tempo de serviço: um soldado, às vezes aposentava um funcionário público, que tinha muito pouco, só existia um que era o Pimentel, que era Coletor, era empregado, era funcionário do Estado. O resto todinho aí, a não ser um soldado, não tinha ninguém que aposentasse não.

Demorou muito tempo, demorou muito tempo. Eu nem sei quando foi, é uma coisa que eu não sei quando foi essa demarcação, não me lembro disso. Aí todo dia tem gente de fora aí, né? A gente não sabe o que o cara anda fazendo, porque todo dia tem gente de fora aí. A convivência com os índios aqui na cidade é boa. O índio aqui é bem tratado, bebe cachaça, hoje o índio está bom demais, o índio está do jeito do cristão. O índio comia era o que eles achavam lá, era um jacaré, era um macaco, era um mambira, era uma mucura e era sem sal, sem nada. Hoje não, os índios vêm pra cá, fazem compra e fretam um carro e leva farinha, arroz, óleo, tudo, bolacha, toda coisa. Agora, naquele tempo não, naquele tempo era difícil. Você sabe que teve um massacre aí nos índios, né? Naquela época? Quando nós chegamos aqui estava com uns quatro a cinco anos que tinha passado esse massacre, que os fazendeiros ricos daqui mandaram matar os índios. O motivo é porque, um dos “cabeças” era o Mundico Soares e o velho Augustinho Soares era muito bom pro índio. Ele tinha uma fazenda na área e o velho era muito bom, andava aí dentro da área. Aí quando o velho morreu, os índios danaram a furtar. Aí arrumaram uns homens aí e foram matar os índios lá. Os homens mataram poucos índios. Eles correram, foram avisados, teve alguém que avisou e os índios correram. Eles mataram pouco e os índios mataram cristãos também. Eles reagiram mesmo e

mataram também. Não. Depois da demarcação tiraram as fazendas, foi tirado tudo de dentro, tudo, tudo. Pra um gado pisar aí dentro, eles pegavam e ninguém falava nada. Agora depois que tirou acabou. Ninguém pisa lá mais não. Vai o cristão, mas com ordem, se entrar um lá sem ordem, eles perguntam o que anda fazendo. Se for perdido, pra você sair de lá perdido, eles souberem que é perdido mesmo, eles dão apoio, né? Agora se souber que o cara está malandrando, aí eles prendem. Mas não é todo mundo que vai lá.

Lá no lugar onde nós morávamos, meu pai tinha uma tropa de burro, naquele tempo não tinha caminhão, naquela época tudo era nas costas dos animais ou se não fosse, era rio, motor. Mas quando era pra ir para o Balsas não era de motor, ir para o Riachão não era de motor porque não tinha motor. Ia pra Floriano não ia de motor. Então meu pai pegava aqueles fretes pra levar pro Balsas. Levava carregado de couro naquele tempo, porque é o espichado chamado, tinha muito valor o espichado, né? Todo tipo de couro de caça, não era perdido. Aí tinham aqueles compradores que tinham armazém de coisa, aí levava carregado de couro e voltava do Balsas carregado de sal. Era. Deixava uma e trazia outra. Meu pai vivia disso, aí quando mudou pra cá, ele abandonou, vendeu a tropa. Não. Eu era pequeno, não trabalhei com ele não.

Aqui mudou demais. Quando nós chegamos aqui meu pai ficou pobre, nós fomos pra roça. Meu pai teve um prejuízo grande demais porque ele não conhecia aqui. Era um cearense lá da terra seca, chegou aqui num molhadeiro desse aqui. Comprou logo umas roças monstras aqui, comprou gado, não sabia como era que zelava e as coisas foram acabando e nós ficamos pobre, pobre, pobre. Fomos pra roça. Depois que fomos trabalhando. Eu era menino, meu pai já era homem de idade, nós fomos trabalhando e arrumando as coisas. Ninguém ficou rico, mas todo mundo mexe com uma coisinha assim. Mas nós fomos pro cabo da enxada demais, trabalhamos de enxada demais. Plantado arroz, capinando mato e plantando arroz, foram muitos anos. Não. Não sei. Meu pai vivia toda vida com tropa, mexendo com tropa de burro, né? Fazendo frete toda vida. Ele veio embora do Ceará porque teve uma seca, ele tinha trinta burros, trinta burros de carga. Aí ele disse: “eu não vou deixar meus burros morrerem. Eu vou embora para o Maranhão”. Aí topou o pau no molhado com a mulher e os filhos. Era outra, não era minha mãe. Aí a mulher dele morreu e ele casou com minha mãe. Ele teve três filhos que não são filhos da minha mãe. Já morreram dois e tem um vivo, é irmão só por parte de pai. Do jeito que se esqueceram do Maranhão e vieram pro Goiás, gastou cinquenta e dois dias de lá pra descer lá dessa tribuna. Aí de lá vieram pra Carolina. Era, mas não dava pra vir em menos dias não. Mas parava a viagem, era devagar porque não podia viajar duma vez, tinha que deixar os burros descansarem. Vendeu tudo. Trouxe só os filhos, a mulher e a mãe dele. Morreu aqui a mãe dele, a velha Cearense, mãe de meu pai. Ela é enterrada aqui naquele cemitério ali. Não. Não sei o tempo, ela morreu logo que nós chegamos aqui, eu não lembro.

No Ceará nunca fui mais. Em Carolina eu fui, no Ceará não. Não sei nem se acho parente mais lá porque isso está com mais de cinquenta anos. Outro dia mesmo estava conversando aqui, isso é descuido rapaz. A gente criou condição de ir lá, nunca fomos porque é descuido, né? Nós poderíamos ter ido quando existia família lá, né? Agora está difícil, porque os mais velhos morreram tudo, você chega lá não sabe nem com quem tratar, aí tem que botar um anúncio na televisão, uma coisa pra vê se acha. Eu mais o Manoel, nós combinamos pra nós irmos em junho. Ninguém sabe se ainda tem parente lá. Aí ninguém sabe como é que está. Se ainda existe ou não, se mudaram de lá, não tem nem como perguntar, quer dizer, é difícil, né? Porque quem morou aqui, na época que nós chegamos aqui, em 1941, 1942, 1943, não tem nem quem saiba disso. Só quem sabe dos velhos

daqui sou eu, a Deusina do Mané Barate. Os outros, nenhum sabe. Se perguntar quem é Zé Medonho aqui, ninguém. Se perguntar quem é Pedro Assense aqui, ninguém sabe. Quem era Zé de Marco aqui, ninguém sabe. Então é aquele negócio, chegar lá, a cidade não é pequena, é grande. Da última cidade que meu pai saiu, já era Paraíba, era Pombal uma cidade grande maior que Colinas, cidade como é Araguaína, cidade antiga. Nós estamos sem saber, mas nós vamos. Bota um anúncio no Rádio, às vezes aparece, né? Bota anúncio na Televisão, uma hora eles aparecem. É. Talvez não possa encontrar ninguém, porque já está com cinquenta e tantos anos, com cinquenta não, está é quase com setenta anos. Meu pai saiu de lá casado com outra mulher, a mulher morreu em Carolina. Depois casou com minha mãe e eu tenho sessenta e oito, tem uns setenta anos mais ou menos, é difícil de achar. Nenhum. Nunca foram lá. Nem os outros que nasceram lá, nunca foram. Ele trouxe dois, três, quatro filhos que nasceram lá e aí morreu um aqui, quando nós chegamos. Os outros ficaram grandes, casaram, tem um que morava em Brasília, morreu no ano passado. Morava outro ali em Paraíso, morreu também um tempo desses. E ainda tem outro que mora aqui, era filho só dele, que veio do Ceará, já veio nascido de lá. Eles também nunca ligaram de voltar lá. Nós moramos cinco aqui, filhos de pai e mãe, né? Sou eu, o João, João Romeno, o Raimundo e o Cícero que é irmão só por parte de pai. Aí moram dois em Colinas e três em Miranorte. Mas filhos dessa geração nova não estão nem aí. Mas, eu e Manoel em junho, nós vamos lá. Vou juntar meus irmãos aí, fretar uma combi aí, o menino lá tem dois carros bons e nós vamos vê se achamos os parentes lá.

Eu acho que o mundo revirou. Quem conheceu naquele tempo que eu conheci, hoje a coisa está diferente. É uma mudança assim, não é do céu pra terra, mas é uma diferença grande demais. Quem era que via o hoje na foto, quem é que ao menos via. O primeiro caminhão que você via naquela época, você corria era com medo porque nunca tinha visto. O primeiro caminhão que chegou aqui, eu já era rapazinho, ele está bem ali, sabe onde ele está? Bem naquela travessa do Zé Carlos ali. O Zé Carlos não tem uma chácara ali do outro lado? Que está sendo ali do Cara Preta, está sendo do Itamar? Ali tem uma grotta, ele vivia de baixo de umas casas velhas, o caminhão velho. Aí ficou, ficou acabou lá. Aí quando o Zé Carlos arrumou aquela estrada, botou ele lá fazendo estiva lá dentro da grotta e jogaram barro por cima. Já deve ter acabado o primeiro caminhão. Quem trouxe esse caminhão, não tenho certeza, mas parece que o Dodanin falou que quem trouxe esse caminhão foi o Dodanin. Ele veio por água, por Pedro Afonso, de Pedro Afonso fizeram um carreiro, até que chegou aqui.

A Saúde aqui, não tinha médico, não tinha nada. Aqui, o “cabra” adoecia aqui, o “cabra” botava aqui dentro de uma balsa e ia pra Carolina. Lá tinha um médico, dois. Uma mulher adoecia aqui, pra ganhar menino, ela morria. Sofria até quando morria, cansei de ver mulher morrer aqui. Aqui, acolá tinha um caso desses, né? Tinha umas parteiras que pegavam menino, muito treinadas, muito acostumadas, tinha as “manhas” (prática). Mas aqui, acolá uma morria. Uma afillhada do meu pai, ela morreu morava perto do Raimundo Roxo ali do outro lado. Ela passou nove dias e não teve o menino. Morreu sofrendo e assim muitas. Acontecia demais. “Cabra” levava uma estrepada num pé, uma coisa, a gente ficava um mês, dois meses. Pra não apodrecer botava tudo no mundo pra ver se saía, couro de sapo, bosta de lagartixa, “escambau de bico”, tudo. Pra tirar um espinho que entrava no pé, um pau, uma estrepada. Hoje não, um espinho entra no seu pé, você corre bem aí no médico, mete a faca, corta na mesma hora está bom. Naquele tempo saía, você já ouviu falar num tal de “panariz”? Panariz é uma inflamação que sai na gente, começa de dentro do nervo do pé, até sair fora. Você passa é dez, quinze dias, o “cabra” gritando aí até quando ele sai. Tem vezes que ele sai no dedo, aleija o dedo do cara, ele vem por dentro do nervo. Hoje o panariz não é nada. Ele saiu

hoje, você leva no médico, o médico mete a faca, corta, acabou, né? Então as coisas mudaram demais. Naquele tempo as coisas eram difíceis e hoje o cara diz que as coisas são difíceis. O cara fala: “êh, mas as coisa estão difíceis”. “Que difícil o quê, rapaz? Nós estamos no céu. Nós estamos no céu”. Naquela época, que escuta um boi aqui, ninguém vendia bezerro, só vendia boi “erado” (velho, grande). Os fazendeiros só vendiam bois com cinco anos de idade, que já eram boiões. E vendia lá perto de São Luis, lá no Maranhão, levava pro Ceará, levava de tocaia. Pra você sair com uma boiada daqui eram três meses pra levar uma boiada daqui lá pro Mearim, eram três meses. E sabe qual era o meio de comunicação? A comunicação era no dia que saía e no dia que chegava. Se morresse na estrada, os companheiros chegavam daqui a três meses. Os “cabras” não iam voltar com um morto nas costas e aí eles não iam voltar pra dá notícia e a boiada não parava, a boiada caminhava no mundo aí. Um “cabra” com berrante na frente e os outros tocando atrás devagarzinho. Porque eram três meses e os bois tinham que ir comendo. Era assim, nós dormíamos com a boiada aqui, quando eram cinco horas da manhã, o “arrieiro”, o arrieiro era quem fazia o de comer, era quem cuidava das cargas de comida, de rede, de roupa e tudo e de madrugada ele fazia o frito e nós comíamos. E só dava um litro em cada saco, o cara pendurava do lado e botava as cargas em riba e arranchava. Vamos supor, vamos lá pro Caititu, lá empareado com a entrada que vai pra aldeia. Ele chegava lá cedo, uma hora dessas, ele ia pegar lenha, não era fogão a gás, nem nada não. Ele levava uma lata de querosene, uma latinha de querosene pra botar nas lamparinas, sabe o que é lamparina? Aí ele ia pegar lenha no mato, fazia trempe, fazia tudo. Você sabe o que é trempe, né? Trempe é de botar as painéis. Hoje todo mundo é no fogão, porque é mais bonito. Aí ele ia pegar lenha, fazer trempe, fazer de comer. Quando nós chegávamos de noite, nós tocávamos uma boiada daqui pra lá, quatro léguas, era um dia todinho daqui pra lá. Nós gritando boi, tocando, rodeando e boi comendo. Chegava lá, se tivesse curral, nós botávamos dentro, se não tivesse, nós ficávamos ali ao redor deles. De tardinha os bois começavam a deitar. Aí corria, pegava a tipóia velha, porque lá no saco de arriação, era um saco com uma redinha lá, uns mulambos velhos, duas mudas de roupas não tinha mais do que isso. Aí pra atar, caçava um lugar aí, se não tivesse, atava debaixo de um pau, aí dormia. Aí comia o comezinho quente que ele tinha feito, né? Aí quando era de madrugada o arrieiro ia fazer de comer. Aí de manhã os “cabras” que tivessem “baqueados” (cansados) amanheciam o dia deitados. Se não tivessem, cinco horas da manhã desenrolava a rede e colocava no jacá, numa mala, sei lá o quê diabo era. E voltava pra arrodar o gado antes do gado levantar. Aí tocava o pau no mundo aí. Um “cabra” tocando o berrante na frente. Por isso que ainda tem as cantigas de berrante, das coisas, não é? Quer dizer, hoje é melhor você está trabalhando de manhã do que trabalhar daqui lá pro Mearim. Por exemplo, você vai trabalhar daqui a dois dias você chega lá no Ceará, no Pernambuco no “inferno da pedra”. O gado hoje não caminha mais, pois é. Como é que as coisas eram difíceis. Naquele tempo pro “cara” comer carne, era uma vez por mês. O fazendeiro não, ele matava uma vaca, botava pra secar aí. E ainda tinha mais outra, ele nem dava, nem vendia e nem emprestava. Você estava com sua mulher doente, porque hoje todo mundo tem gado, naquele tempo não era assim não. Você estava com sua mulher doente: “sabe, vou já arrumar um pedaço de carne”. Você chegava lá, o cara estava com uma cara mais ruim do mundo. Você chegava lá: “rapaz você pode me vender um pedaço de carne? Minha mulher está doente”; “nem dou, nem vendo e nem empresto”. Era obrigado voltar. Às vezes a gente ia voltando, o cara falava, “não”. Volta eu vou te dá um pedacinho, vou te arrumar um pedacinho”. Que era pra dizer que nem vendia e nem emprestava. Dava era assim. Às vezes tinha um lugar que o cara matava um gado pra vender só uma vez por mês, uma vez por ano, era assim. Hoje a carne está aí virou farinha. Porque farinha nós fazíamos, arroz nós tínhamos. Agora a carne não. Gado naquele tempo era pouquinho. “Cabra” tinha cem gados, não olhava pra quem não tinha nenhuma não. “Cabra” tinha dez gados, não olhava pra quem não tinha nenhuma não. Porque o pobre era pobre e rico era rico.

O pobre não misturava com rico não. Hoje o pobre anda mais nas lojas do que o rico. Todo mundo aí, qualquer um moleque desses aí anda com uma calçona de marca, uma botina de cem, duzentos reais. Naquele tempo o “cabra” nem uma botina não tinha. Tinha uma “precata lepo-lepo”. Sabe o que é “lepo”? Era de feito de couro de boi, de vaca. Era o que nós calçávamos, tocando boi aí. Não era botina não. Outra, não tinha, não existia esse negócio de cobrir tala, plástico, essas coisas. Não existia isso não rapaz.

O “cabra” tinha uma carroça de palha de buriti, um chapéu velho de palha desses aí. O chapéu era de palha velha grossa. E o dono da boiada era quem vinha montado numa burra, que tinha um pala, chamavam “pala”. Ele era preto, o “cara” comprava o morim. O morim era um tecido. Eram os panos daquele tempo, era o morim, o algodãozinho, o riscado, mescla e o brim. Só tinha essas cinco espécies de pano. Então o cara andava mais ou menos, dava pra se viver. Tinha o brim branco, tinha o não sei o quê. O pobre usava o riscado, o mais ou menos usava a mescla e o rico. E para outras coisas era um morim pra fazer uma cueca, uma combinação que uma mulher usava. Naquele tempo fazia de morim e o algodãozinho era o mais pobre que usava. Quer dizer, aí o cara comprava uns dois metros de morim, que eu não sei quanto que era, tirava o leite de mangaba, isto é, bota o enxofre dentro dela. Tinha o sal secum assim aquele talo que era tipo encerrado. O dono da boiada era que tinha o talo e os outros eram sujos aí, de qualquer jeito. Adoecia um aí na estrada e ficava às vezes. O dono da boiada falava com algum morador na estrada: “você zelam desse homem aí”? E o povo zelava. Mas naquele tempo o povo dava de comer pelo sertão, o ruim é que o de comer no sertão eram arroz, fava, feijão e a fava era mais do que isso tudo.

Quando eu cheguei aqui tinha uma escolinha velha aí, já tinha escola. Eu estudei lá no sertão, aqui não. Quando nós voltamos pra cá nosso pai era pobrezinho, nós vivíamos era na roça mais ele. Minhas irmãs que estudaram aqui. Meu irmão, que era mais novo, que é da polícia, estudou. Mas, eu, o João, nós éramos os mais velhos, era trabalhando mais meu pai, não tinha tempo de ir pra escola não. Quando nós morávamos lá, meu pai botou professor particular em casa dois meses. A escola que nós tivemos foi essa, dois meses. Particular. Foram dois meses de escola que eu tive, só. O Lar Batista, já tinha uma escola Batista. Hoje não tem mais não.

Tú ainda conhecestes a escola Batista? Ela era bem ali. Já desmancharam o prédio velho. E a escola aqui era sempre uma melhor do que a outra. Tinha um povo aqui que comprava o alimento na escola Batista. Acabou, né? Acabou foi tudo. O Lar Batista era um orfanato, porque tinha os meninos que não tinham pai, aí botavam lá, tinha uma que tomava conta dos meninos que ficavam lá. Aí criavam ali, eles davam estudo, davam roupa, davam tudo. Eles tinham uma Junta desse povo crente, era bom demais. O pessoal que administrava era de fora. Esse povo vinha todo do Rio de Janeiro. Um bocado desse povo era do Rio de Janeiro. O Dodanin era do Rio de Janeiro, a enfermeira, essa foi embora, depois veio outra. De vez em quando vinhauma, sempre teve enfermeira aí. Tem. Ainda tem uns que moram aqui, tem o Héber, que é filho do pastor Benjamim. Tem ele e tem a mãe dele que moram aqui. Tem o Dodanin, o Dodanin é um dos principais fundadores aqui da cidade. “Quer ver tu escuta”. A mudança do Dodanin veio junto com a nossa. Eles vieram de avião do Rio de Janeiro até Carolina, aí a mudança veio no mesmo motor. O Curió é da minha idade, o Curió ali. Só que foi assim, eram dois motores. Naquele tempo que rico era rico e pobre era pobre. Quem era dono de motor era rico. Aí motor era igual avião. Chegou a hora dele sair, ele saía. Não ia esperar passageiro arrumar documento, coisa nenhuma. Aí meu pai fretou um motor, fretou não. Porque meu pai não tinha dinheiro não, tinha esse tio meu. Ele arrumou o

motor pra fazer nossa mudança, aí carregou a mudança todinha pra dentro do motor e voltou. Nós morávamos lá no tio Concato, no tio Concato, na beira do campo. Meu pai tinha uma chácara, aí quando nós viemos de lá pra cá tinha um negócio: vai menino, vai menino. Nós eramos pequenos, nós tínhamos dois irmãos que eram maiores, tinha minha avó e tinha mais um rapaz que meu pai criava.

Ah, quando nós chegamos à rampa, conhece Carolina? Tem uma rampa lá, tinha uma rampa velha, hoje tem uma rampa de cimento. O motorzão ia saindo, ia virando, aí meu pai gritou: “não, eu vou”. Era que nem avião, meu pai gritou, rapaz. Ele nem olhou. Até a mamadeira do João, meu irmão, ficou dentro do motor. Ele nem olhou. O motorzão caminhou e meu pai foi e guardou aquilo na cabeça lá. Aí nós não tínhamos mais casa, tinha vendido, tinha pegado os trens, pra onde que ia? Aí ficamos lá, mais tarde chegou o motor que vinha de Belém, aí meu pai falou pra ele trazer nossa família, o povo, né? Que era o que vinha trazendo a mudança do Dodanin, carregado, carregado. A água triscando no passeio do motor. Aí ele disse: “eu levo, só que esse motor não acompanha aquele não, porque aquele anda muito mais do que esse.” Porque naquele tempo tinha uns motores que andavam mais, eram mais potentes. “E outra, já é de tarde, na hora que anoitecer eu vou dormir porque eu estou com três dias que viajo”; Como é que chama aquele que mexe? O piloto do motor que trabalhava no leme. Porque são dois motores grandes, tem um lá na barca e outro cá e aqui tem uma cordinha que dá umas pancadinhas, tu já viu aquilo? Ali ele dava: “tá, tá”, dava duas pancadas: “é pra aumentar”? “pá, pá, pá”, três. O controle dele é aqui, ele está aqui. Aqui ele está dizendo se o cara vai aumentar ou não. Não sabia não? O maquinista está lá, ele não sai de lá não. Temasala de máquina lá e o cara do leme ia cá fora, na cozinha. Porque a cozinha do motor era atrás, fôgão, tudo. Aí o piloto falou: “esse motor não alcança aquele”. O motor era um tal de Artuleiro e o outro era o Bicharia. Bicharia era o andador e o Artuleiro foi o que chegou. Aquele que está ali no rio. Aí saiu: “tu, tu, tu”. Naquele tempo, já pensou o motorzinho “tu, tu, tu”? Você apanha uma vereda “tu, tu, tu”, beirando aquele rio no mundo, é água. Na hora que anoiteceu, o “cabra” cortou o punho no arreo, pegou a rede, aí meu pai o que fez? Foi lá, naquele tempo duzentos contos valia muito dinheiro. Meu pai foi lá e disse: “olha, eu te dou duzentos contos pra tu rodar a noite todinha pra nós acompanhar o motor lá”. Aí ele rodou a noite toda, o dia todo. No outro dia, a meia noite ele chegou em Tupiratins. Aí ele estava encostado lá, aí foi tirar os trens do meu pai. Meu pai escolheu esse homem todinho. Rapaz, meu pai era um Cearense velho que se ele falasse com um cara assim, os olhos dele ficava desse tamanho.

Aí pegamos os trens, ficamos lá. Chegou meia noite, nós éramos pequenos, minha mãe que contava. Aí uma irmã da minha mãe era mulher de um homem que era vaqueiro numa fazenda lá perto, chamava “Por Enquanto” a fazenda. Aí no outro dia que era pra vir pra cá, passou um homem lá e levou nós lá pra fazenda. Ele era o dono da fazenda “Por Enquanto”, aí nós ficamos lá nessa fazenda. Aí a tropa de lá dessa fazenda foi que nós viemos. É que trouxe os nossos trens aqui pra aldeia. Ah, menino. E hoje o cara diz que as coisas estão difíceis. Já pensou, o cara está lá com a família, as coisas tudinho dentro do motor e o motor sai no meio da aguada daquela, o cara olhando aí, o cara com as mãos na cabeça sem saber o que faz. Correr atrás não pode. Vim de lá aqui a pé, se andar não acha outro motor, o cara fica quase doido. Até a mamadeira do menino, que estava com seis meses de nascido vai, né? Hoje todo mundo tem telefone, tem tudo, você conversa daqui pra ali. Hoje, até os ônibus na rodoviária, o cara sai dali, vai pra acolá e fica conversando “miolo de pote” e ele não sai sem o cara. E o cara buzinando: tá, tá. Aí o fiscal vai lá dentro, está faltando. Vai, olha lá fora, aí o cara está lá no banheiro, na “baixa da égua”, nem liga. Então, hoje todo mundo tem condição, todo mundo tem poder. Naquele tempo só quem tinha poder era o rico, pobre não tinha poder, não.

Olha aí um neto escutando. De vez em quando eu conto pra eles aí. Eu só tenho dois filhos, um homem e uma mulher. É o pai dele e uma mulher que mora ali. São todos daqui. Minha esposa é de Pedro Afonso. Escuta. Mas era bom assim mesmo. Naquele tempo o povo trabalhava novo, não era como hoje. Quer dizer, hoje o povo não trabalha de jeito nenhum. Mas teve uns tempos que o povo trabalhava mais, hoje o povo trabalha só na tecnologia. Hoje tudo é através de Curso Superior. Você hoje não vai mais derrubar uma roça de machado, cortar de machado, você não vai mais. Daqui uns dias nem roçar mais um mato você não vai mais roçar de roçadeira, porque já tem a roçadeira elétrica com trator, com tudo. Quer dizer, o povo hoje nem plantar arroz como nós, não planta. Porque nós entrávamos na roça no mês de julho brocando, sabe o que é brocar, não sabe? Roçando os matinhos por debaixo dos paus, deixando os paus.

Aí quando termina de brocar vem com o machadinho derrubando de um por um, já pensou. Tinha pau que passava meio dia, era mês pra derrubar uma roça. Hoje o moto-serra, você mete nos paus aí, num dia você derruba um alqueire de pau. E ainda tem o trator que pode fazer também, né? Pois é. Então é aquele negócio. Depois você queimava ela, entrava pra dentro ali e ia, pinicava ela todinha pra fazer as cercas todinha de cama-no-chão. Porque criava porco, naquele tempo era solto. Hoje não, porco é tudo é fechado, né? Aí fazia as cercas ao redor dela de cama-no-chão, sabe o que é cerca de cama-no-chão? Sabe não? A cerca é feita no chão, bota um pau mais grosso ali, outro ali, vai até essa altura (mais ou menos uns dois metros), aí que bota as estacas. Daqui pra frente você cerca com vara. Primeira vez você ia cortar, pinicar ela no machado todinha, aquela madeira ao redor assim, depois você ia cercar, depois você ia começar plantar, limpar.

Quer dizer, você batia quantos dias pra capinar uma tarefa de mato, duas tarefas de mato na enxadilha: “tioco, tioco, tioco”, pra plantar na enxada. Depois que veio aquelas matracas, né? Mas é muito pra cá, aquelas matracas veio sair, eu já era rapaz. Depois colher no cachinho, um por um, um por um. Depois que veio chegar esses tais de “cutelos”. Por enquanto, pra você bater, aí já melhorou uma coisinha. Hoje não, trator escangalha tudo aí, depois mete a plantadeira em riba e planta, não tem nenhum pra dizer nada. A colhedeira chega, entra aí, os sacos já estão ali só enchendo e os caras costurando e derrubando, só costurando e derrubando. E o trator vem atrás com a carroça, botando dentro e já leva pra casa tudo prontinho. Quer dizer, hoje ninguém planta roça, o arroz está aí. Tudo de graça.

A máquina de plantar arroz (matraca) não tem mais valor de nada, mas já foi o investimento melhor do mundo essas máquinas. Mas, hoje quem é que quer? O cara não vai limpar arroz, vai comprar o que está limpo. É mais barato, já vem todo limpo, agroindustrializado, né? Então é esse negócio. A carne, hoje tem a carne de gado, carne de frango, é carne de todo tipo. Hoje, o porco, se cria o porco de granja no cativoiro, porco com seis meses está bom de matar. Naquele tempo você criava porquinha velha aí no meio do mato, era um ano, dois anos pra você matar, pro porco está no jeito de você comer. E ainda era a salvaguarda, porque naquele tempo não tinha nem a carne de gado e nem a carne de porco. Hoje o frango está aí de graça, três e pouquinho o quilo de frango, não é? Então é aquele negócio, o trem está muito fácil e o povo ainda acha que está difícil.

Era. Mas, nós nunca plantamos de facão não, porque nós não sabíamos, mas tinha uns caras que sabiam. Nós plantávamos era com a enxada mesmo, cavando com a enxada e outro botando dentro e tampando. Quando estava com um mês, ia limpar os matos primeiro e ficava limpo muito dias. Soltava o cacho, quando soltava o cacho cada trabalhador pegava de um por um. Foi tudo aqui, eu já era rapazinho, meninote. Comecei trabalhar menino. Com a idade de vinte e tantos anos, depois de casado, eu ainda plantei roça, depois de casado já era diferente porque já plantava com matraca e colhia cortando pelo pé, né? Tem muitos anos que eu não plantei mais.

Essa viagem que meu pai fez do Maranhão pra cá, eu teria coragem de fazer, se fosse preciso, né? Se eu achasse que um lugar é bom, tudo bem. Se tivesse que mudar daqui pra Palmas, se eu achasse que lá fosse melhor do que aqui e se eu tivesse uns filhos pra formar, uma coisa, eu iria. Hoje eu não vou porque eu não preciso ir pra lá. Eu não vou trabalhar lá, eu não tenho filho pra formar. Se não, eu iria. Se fosse da mesma forma que meu pai veio, eu faria também. Agora, meu pai tinha muito mais coragem do que eu, muito mais. Meu pai, quando minha mãe... Eu contei que minha mãe teve uma “perca” (aborto) aqui? Eu me lembro de 1945 pra cá, em 1946 minha mãe adoeceu aí e o menino morreu na barriga e aí ela andou pertinho de morrer. E essa enfermeira era quem estava tratando da minha mãe. Aí meu pai fez uma promessa, se minha mãe não morresse daquela, ele ia à Lapa do Bom Jesus. Ele ia lá pagar a promessa, mais ela a pé, era a pé. Sabe onde é a Lapa do Bom Jesus? Fica lá na Bahia, adiante de Brasília. É uma romaria do tamanho do mundo. Lá, o Bom Jesus fica dentro duma serra. Nunca ouviu nem falar? Muita gente daqui fez promessa pra ir lá e aí nós saímos dessa situação difícil e cuidamos de ir pra lá. De lá meu pai saiu, deixou-nos na casa dos nossos avós lá e saiu tocando uma carga num jumento mais minha mãe, a pé. A arma que ele levava era um facão. Gastou três meses pra ir lá na Lapa do Bom Jesus e vir. E era é o seguinte, ele não viaja nem dia de Domingo, nem dia santo. Por isso que custou mais. Dia de domingo ele estava arranchado e no dia santo também. Minha mãe com o bucho grande, daquele João Mero. Chama-se João Mero por causa da promessa. Aí ela chegou no mês de Outubro e ganhou ele em novembro, mas eram três meses. As vasilhas d’água eram cabaças, sabe o que é cabaça? Pois é, cabaça d’água. Duas cabaças com água, carga no jumento e coisas de comer. Levava arroz, farinha, rapadura. Rapadura era um dos alimentos principais naquele tempo de viagem. Um “cara” saía daqui pra ali, botava um saco nas costas com farinha e rapadura dentro. Rapadura era o principal de viagem. Era a mala cheia de arroz pilado, farinha, sal, gordura de porco, não tinha óleo, era gordura de porco, feijão e rapadura. Aí quando chegava num lugar, chegava cedo pra comer. Chegava numa casa, aí é que ia fazer o de comer. Tinha gente que falava: “não, não precisa fazer de comer não, pode deixar que eu faço”. Mas, tinham outros que não.

Foi. É. Quando eu fiquei rapazinho, eu era muito invocado com música. Aí meu pai comprou uma sanfona pra mim e comecei a tocar. Aí eu toquei o mundo inteiro. Nesse município de Itacajá todo, não tem uma fazenda que eu não toquei uma festa. E as cidades perto também. Estou com uns vinte e poucos anos que eu larguei de tocar. Estava com uma banda, aí dava muita dor de cabeça por causa dos elementos. Naquele tempo aqui era mais difícil. Fui até em Imperatriz buscar elemento pra vim tocar aqui comigo. Aí eu estava muito caçando: “não. Vou largar isso”. Aí eu fui tocar em Goiatins e lá eu vendi a aparelhagem pro prefeito. Ele comprou pra um rapaz lá, aí eu larguei de tocar. Mas eu toquei a vida inteira. Baile, carnaval, toda coisa aqui. Mas também não era todo mundo que tocava. A coisa mais difícil era chegar uma banda de fora pra tocar. Eles confiavam muito era em mim mesmo. Era. Pra todo lado aqui, só valia se fosse eu que fosse tocar. Depois tiveram outros que tocavam: Chico Naro também tocava, o povo gostava também dele. Só que eu era em primeiro lugar, né? Eu cansei de tocar, cantar e larguei. Não, isso foi dom que saiu de mim mesmo. Meu pai não tocava nada, meus irmãos não tem nenhum que toca. Da parte de minha mãe, do povo da minha, também não. Foi dom mesmo da minha cabeça, eu tinha muita vocação. Aí meu pai sabia que eu era convencido por música, que eu gostava, ele me ajudou a comprar uma sanfona pequena, depois vendeu e comprou uma grande. Rapazinho, menino, quase já tocando pra todo lado aí. Meus filhos nenhum aprenderam, não tem vocação nem um pouco, nenhum toca nada. Os meus netos também não, nenhum tem vocação. Minha filha é diretora daquele Colégio Estadual e o filho é casado, pai daquele menino lá. E a mulher tem uma filha que casou e já até se separou. Os dois moram aqui, ele mora ali naquela Rua Costa Silva, ele mexe com Caminhonete, fazendo frete.



Quando eu comecei a tocar, aqui não tinha energia. Era só o som mesmo limpo. Depois que criou a cidade, logo chegou energia, mas quando era sertão, não tinha. Comecei a tocar com uma aparelhagem fraca e a energia era através de motor. A primeira aparelhagem era tocada com uma bateria de carro, aí depois compramos uma aparelhagem mais pesada, aí nós arrumamos um motor de luz, tinha o gerador. Nós chegávamos, instalava lá e ficava a noite toda. Mas as primeiras festas que eu toquei aqui, dentro de Itacajá, não tinha energia não, só tinha energia nas casas e no salão e era por meio de motor, mas não tinha aparelhagem não, depois conseguimos uma aparelhagem fraca. Além de tocar sanfona eu cantava, mas tinha um rapaz que cantava comigo também. O cantor era outro, mas eu cantava também, mas eu não era bom pra cantar não, não fui bom pra cantar não. Sempre tinha um rapaz que cantava e quem foi da minha banda, todo mundo cantava. Porque o da guitarra tocava, do contrabaixo, o baterista todo mundo cantava, mas tinha o cantor só pra cantar. Mas tinha o rapaz do teclado, o guitarrista, o do baixo, o baterista e o rapaz que cantava: seis. Mas, todo mundo cantava. Era assim, um tinha um repertório, outro tinha outro. A banda não tinha só um repertório. Quando precisava fazer o vocal, um fazia. Tinha repertório de forró.

A banda era de forró, mas tinha outros tipos de música, música sertaneja, tocava discoteca, essas coisas. O primeiro era o forró, forró era eu que tocava no Acordeom. Dominguinhas, essas coisas nós cantávamos tudo. O resto da banda tinha repertório de forro, sertanejo, repertório de música clássica, cantava tudo. Não, quase todos os integrantes da banda eram daqui da cidade, só tinha um rapaz, que quando faltava, eu ia e buscava. Uma vez eu fui a Imperatriz buscar um músico, músico de sopro, pra tocar no carnaval.

Em Pedro Afonso tinha uns que tocavam no sopro, sabe o que é tocar no sopro? Sopro é Sax. De Imperatriz eu trouxe um Sax e um Pistão. Eu não toco não, esses são pra enfeite. O Teclado é mais fácil, o Acordeom é mais difícil, o Acordeom é mais difícil, são cento e vinte baixos, oitenta baixos, pra você tocar. Esse daqui não, esse não tem acorde. Esse é o Saxofone, tem o Pistão, tem o Trombone. Eu trouxe de Imperatriz um Sax e um Pistão pra tocar comigo, mas sempre quem tocava comigo aqui era um de Pedro Afonso. Tinha o velho Wilson que tocava Sax, que sempre tocava mais eu, mas nessa época não sei, parece que ele tinha pegado uma empresa pra outro rumo e aí o cargo não era. Aqui existia uma política, dois candidatos, aí ele contratou com um dos candidatos de lá e eu contratei com os de cá. E aí eu não tinha sopro, fui buscar e eles não tinham Trombone e foram buscar em Araguaína, com um tal de Manoel Gurde de Araguaína. Um tocador velho, antigo lá.

Esse é o único instrumento que eu ainda tenho. Sanfona eu não tenho mais não, porque se eu ficasse com a sanfona o povo não me largava, tem mais de vinte anos. Quando tinha uma reunião dos ricos eles vinham aqui me buscar pra eu tocar, mas aí não tinha sanfona, dava uma desculpa. Pra tocar quadrilha, toquei demais, depois que eu já tinha largado ainda toquei, mas eu vendi mesmo pra não tocar mais. Aqui, até as festas juninas era eu quem tocava com a sanfona. Eu arrumei alguma coisa tocando sanfona, o recurso que eu tenho, foi tocando Sanfona. Eu tocava uma festa e comprava um bezerro. Toda festa que eu tocava o dinheiro eu aplicava em alguma coisa. Os outros meu colegas, o Chico Male não, mas os outros ficavam na festa, era uma bebedeira danada. No outro dia amanheciam era devendo. O teclado era fácil, agora o acordeom era muito difícil, muito difícil. Chama-se acordeom porque você está tocando aqui, o baixo está ali nas cordas, não posso é errar na música, só que tem muita chave. O segredo está nos dedos, porque tem muita coisa que você tem que mexer em tudo, mas é muito mais fácil que o acordeom, muito mais. O sax eu não sei tocar não, isso eu comprei só pra brincar mesmo, só porque eu acho bonito, mas não sei tocar isso não. Rapaz, eu passei uns vinte e tantos anos tocando, eu comecei tocar em 1961 e toquei até 1986. Era profissão mesmo naquela época, agora eu tocava brincando por aí.

Eu me lembro da primeira e da última festa que eu toquei. A última foi lá em Goiatins, lá onde eu vendi os instrumentos pro prefeito. E aqui, a primeira foi bem ali no Marajá, mas não tinha muita gente não. Agora lá em Goiatins era gente pra danar. Eu já era acostumado ir lá, né? Já era falado. Parei porque cansei de mexer com música. Depois de velho, pra mexer com muita aparelhagem, muitos tocadores, elementos tocando tanto, dá dor de cabeça mexer com música, porque toda responsabilidade do mundo estava em cima do músico. É difícil achar um bom músico, acha, mas todo mundo é cheio de “nó pelas costas”, compra e não paga, começa tocar a festa, começa beber cachaça antes da hora. Você faz um contrato e no dia da festa falta um, você fica doido atrás. Isso dá dor de cabeça demais. Aí eu cansei de mexer com música pra cima e pra baixo, aí larguei.

Os que tocavam comigo tem um que mora em Gurupi, tem outro em Araguaína, o baterista mora aqui e o que cantava, era meu irmão, era açougueiro em Itacajá. Os outros, todo mundo já largou, já está todo mundo velho. O que estava morando em Gurupi, ele mexe com negócio de evento, ele tem um som com uma estrutura boa. Ele veio fazer as praias aqui, porque ele é assim: com evento daqui pra acolá, ele vive disso. Às vezes vai um cantor pra uma cidade, ele empreita pra levar a aparelhagem pra fazer o som, né? Ele não toca, mas ele tem a aparelhagem que ele aluga, ele vai lá, monta, porque tem o palco, né? Monta tudo lá pro cantor amostrar o show. Se o cantor contrata pra levar o palco, tudo, ele paga pra ele. Se for o dono do evento, seja uma festa, uma coisa, ele ganha muito dinheiro, vive bem. Agora em Araguaína não sei o quê ele tocava. Era contrabaixo. O Zezinho, eu não sei o que está inventando, sei que ele agora é crente, mas o da bateria mora aqui. Esse da bateria não arrumou nada através da música, o cantor é meu irmão, ele é Sargento reformado, tem um salário bom e mexe com o açougue. Tem carro novo, mas não foi a troco de festa não, é porque ele é Sargento formado, ganha muito dinheiro e mexe com um negócio: é açougueiro. Meu irmão ele já era formado, quando ele tocava mais eu, ele já era Sargento formado. Ele era bem mais novo do que eu, ele era rapaz e se formou novo. Uma vez ele deu um tumor maligno no pescoço, aí se aposentou. Ele morava em Araguaína e veio pra cá, euestavacomeçando a banda naquele tempo. Quando ele era menino ele já era baterista, tocava mais eu aqui, eu só com a sanfona e ele com a bateria. Ele entrou, ele não foi mais tocar bateria, só cantava, quando eu vendi a banda, todo mundo largou. Ele botou um açougue. Ave Maria, rapaz. Nessas festas, mulheres tinham demais. Mas, nós não estávamos procurando isso não, é porque você chega numa festa você vai é tocar, mas Ave Maria. Mulher é louca por cara de banda. No dia que vem tocar uma banda de fora aqui, aqui tem uma banda que é de Porto Franco, mas as mulheres são loucas por aqueles “caras”. São todos casados, mas todos namoram aí, não tem isso não. A mulherada quer saber do momento, elas não estão nem aí.

Ave Maria rapaz, essa minha jornada foi boa demais, eu tinha conhecimento, tinha conhecimento. Eu chegava em Pedro Afonso, Bom Jesus, todo mundo era meu amigo lá, até o Desembargador. O Zé de Moura hoje está em Palmas. Era meu conhecido ele gostava de violão, era acostumado brincar, eu tocando sanfona e ele violão, mas ele não ia em festa. A minha esposa é de lá e na época de festejo eu ia pra lá, pra casa do meu sogro e ficava no festejo por lá. Ah, rapaz. Ainda hoje eu tenho amigos em Pedro Afonso. Naquele tempo eu andava longe, era todo largado. Hoje, de qualquer maneira eu ando daqui pra fazenda, eu trabalhava de pedreiro quando eu larguei a banda. Eu já sabia trabalhar de pedreiro e fiquei trabalhando de pedreiro uns tempos. Aí larguei, agora já estou aposentado e a vista já está pouca mesmo, não estou fazendo nadinha mais, é só caminhando daqui pra fazendinha ali.

Fiquei largado da música, mas sabia trabalhar de pedreiro, mas eu não tinha tempo que era só andando em festa, mas aí eu passei uns dois anos sem trabalhar, aí eu voltei a trabalhar de novo, era assim. Ah rapaz, a música fez com que eu conseguisse muitos amigos, ainda hoje. Tem vinte, foi em oitenta e seis, em agosto vai fazer vinte e cinco anos que eu larguei de tocar, mas ainda hoje eu tenho meu nome por aí. Ainda hoje. Ainda hoje eu sou respeitado no acordeom, eu sei que tem é muito aí melhor do que eu, mas o povo pega fé, acha que eu ainda sou o rei. Por onde eu passei, Pedro Afonso, todo mundo me respeita ainda como músico. Eu chego a Guaraí, mas em Guaraí eu não sou muito conhecido não, mas chego lá no Quênia, em Carolina, Goiatins, Santa Maria, Recursolândia eu era o primeiro. Ainda hoje tem meu nome lá, pode chegar lá e perguntar por minha pessoa: “você conhece o Messias lá de Itacajá”? “Quem é esse Messias”? “O Messias que era tocador”? Todo mundo me conhece. Tocar em Tocantinópolis eu nunca fui, eu conheci uns “caras” de lá, o finado Lourival era muito bom, morreu bem aí em Araguaína, era do meu tempo. O homem cantava bem demais, tinha a voz limpa, tinha nome rapaz e tinha o Pedro Cacau. Pedro Cacau não era de Tocantinópolis não, ele era de São Raimundo da Mangabeira. Mas, não sei se ele está em Tocantinópolis. Pedro Cacau é bom pra tocar acordeom, ele tem uma banda, era bom na sanfona.

Nós ainda chegamos a tocar juntos, uma vez ele veio aqui em casa fazer não sei o quê, ele dormiu aqui em casa. De vez em quando andava por aí tocando. Agora teve um cara que eu conheci demais também, que tocou muito mais do que eu. Antônio do Grupo Jovem, ele toca sanfona. Mas ele tem uma banda lá, ele é muito conhecido. Tem o Jaime também, o “Nego Jaime”, negro preto, é bom pra tocar, dormiu aqui em casa esses dias. Mas, o negro velho estava ruim pra tocar demais, os dedos duros. Ele era bom rapaz. Naqueles tempos que nós éramos novos, negro velho quase não, mas ainda continua na profissão, mas eu larguei.

Quando eu comecei a tocar festa meus pais ainda eram vivos. Meu pai adorava ver tocando. Ave Maria. Ele era fã mesmo. Eu comecei tocar em 1962, meu pai morreu depois que eu larguei de tocar, em 1987. Eu larguei em vinte e cinco de agosto e ele morreu em oitenta e sete, parece que dia vinte e sete de dezembro, parece que foi. Meus pais, eles foram a muitas festas que eu tocava aqui na cidade, depois não foram mais não porque já estavam velhos. Nós morávamos na fazenda e eu vinha tocar e ficava por aqui. Depois eles mudaram pra cá também, quando ele morreu já morava aqui. Eles adoravam ver tocando, adoravam demais. Não sei de quem eu herdei esse dom rapaz, porque o povo da minha mãe não tem nenhum músico, do meu pai também não. Meu pai se mudou porque ele era do Ceará. Minha mãe, não. Ele já casou com ela aqui, ela era de Carolina, mas eles não me contaram se eu tinha parente cantor não. Isso foi uma bênção pra mim, foi bom demais. É um conhecimento monstro, monstro mesmo, pra todo lado aí. Esse povo mesmo do prefeito aí, Ave Maria. Esse povo adora me ver tocando sanfona.

Eu tenho saudades demais, demais. Eu só não tenho mais quando eu vejo um tocador ruim tocando e o povo dizendo que ele é bom. Mas, quando eu vejo um cara que toca bem, tocar, tenho saudades. Essa antena aí são trinta canais. Tem um canal de Fortaleza que é a TV Diário, têm muitos programas de sanfona, eu não perdia um. Mas aí a TV Diário saiu do ar, não sei por quê. Mas hoje a música está diferente, hoje a banda não é mais como antigamente, essas grandes bandas como tem a Cariciar, tem a Saia Rodada, Magníficos, tem mil e uma bandas. A música deles não é a música, eles têm uma equipe, eles andam com um ônibus cheio de gente com trinta, quarenta pessoas fazendo show, mas não é a música, é um espetáculo que você vê um bocado de mulher pelada dançando. O público não está nem aí, nem está nem ouvindo como que é a música. Então aí não é música, é um espetáculo.

Eu gosto do Luiz Gonzaga, eu gosto muito das músicas dele, eu sabia cantar algumas músicas dele, mas não lembro mais não. Ainda tem uns tocadores bons por aí: tem o Dominginhos, que eu acho melhor do que o Gonzaga. Agora já têm outros: o Valdones, que é Cearense, é bom demais. Tem o Dorgival Dantas, que é de Natal. O Gonzaga, que era o rei do Baião, ninguém o imita, é igual ao Roberto Carlos. Roberto Carlos é o rei. Tem cinquenta anos de carreira, não existe ninguém no mundo que tenha cinquenta anos de carreira. Cantorzinho sai cantando todo show, quando é amanhã ou depois ninguém fala mais. O Roberto Carlos tem cinquenta anos que canta e ainda hoje é sucesso.

Na região Nordeste sai músicos demais e muito “cara” que sabe tocar o acordeom e na Paraíba principalmente. Na Paraíba é que é o lugar que mais sai músicos bons: Elba Ramalho, Sivuca, Alceu Valença, é doido rapaz. Pra mim a melhor banda dessas daí é a de Monteiro Paraíba, eu tinha até o DVD deles, Paraíba deu músico demais. Mesmo que meus pais não tiveram esse dom pra música, porém, as minhas raízes maranhenses, música em suas raízes e aí deve ter sido isso a causa da minha vocação para a música. Pois é. A história está por aí. Eu só tenho quatro netos, mas eu tenho um filho com outra mulher e aí eu não sei por que ele foi embora e não apareceu mais. Eu ouvi falar que ele estava em Suriname e eu não sei quantos filhos ele tem. O homem tem dois meninos e a mulher tem duas mocinhas. Eles estavam aqui ainda agorinha, são só quatro aqui na rua. Nenhum tem vocação pra música, só se for desse meu outro filho, que é da minha primeira mulher. Ele saiu por aí pro Maranhão porque a mãe dele era do Maranhão, lá do Mearim e aí acho que está aí pro rumo de Roraima. Tem mais de dez anos que ele não pisa aqui, é até difícil ele ligar aqui, ele liga mais lá pro meu irmão lá em Miranorte.

### **ANAÍZA SOARES COELHO**

Entrevista em 25/ 01/ 2011

Dona Anaíza é neta de um dos desbravadores da região e filha de um dos fazendeiros envolvido no conflito com Krahô. Ela até hoje tem uma relação com os mesmos. É uma mulher cuja história de seus descendentes se encontra registrada livros.



“O movimento aqui é política e a política é perseguição.”

Eu nasci na fazenda Ventura, no município de Itacajá. Nesse tempo era Porto do Vau. Meu pai nasceu lá também. A minha mãe nasceu em Carolina. Quase que eu não sei contar nada da minha mãe, porque quando ela morreu, eu tinha um ano e dois meses. Eu não sei contar nada dela, nunca vi nenhuma foto dela, não tenho nada dela. Não. Ela morreu de parto. Não lembro, não lembro, não sei de nada da minha mãe, não. Eu mudei pra cá pra Itacajá em 1950. Era. Parece que ainda era Porto do Vau, eu não me lembro. Aqui era Porto do Vau, porque meu avô tinha uma fazenda aqui. Essa fazenda era ali naquela rua ali. Dali para o Faustino, não sei quantos quilômetros, subindo a ladeira. De lá mudou pra São Miguel, mais na frente. E é só o que eu sei, que era uma fazenda aqui do meu avô.

O lugar lá onde eu nasci era uma fazenda. Era nossa mesmo. Meu avô foi quem desbravou essa região. É. Aí onde ele colocava assim um casal de gado, virava uma fazenda. Tudo é cheio de fazenda dele, aqui, lá no terreno dos índios, em todo lugar. Não, aqui era Gerais. Era Gerais. Gerais é uma terra desocupada. Gerais é uma terra que não é habitada, eram gerais. Não tinha moradores. Só aonde ele ia povoando. Com aqueles gados que ele ia botando, tendo vaqueiro pra tomar conta. Eu mudei pra cá porque me casei. Meu pai morreu e aí a fazenda foi dividida para suas filhas. Foi. Eu nasci lá e fui criada lá. No maranhão foi lá. Eu que fui ao cemitério lá, perto. Meu pai morreu lá, na fazenda Ventura. Ele morreu lá. Ele morreu novo, com cinquenta e cinco anos. Tinha casado a segunda vez.

Eu sei. É porque tem uma pedra: “Ita” e “cajá”, porque tem um pé de cajá aqui na beira do rio, pra acolá. Aí tinha um pastor aqui e esse pastor colocou esse nome: “Ita” é a pedra e “cajá”. Itacajá é o pé de cajá. Ainda hoje tem. E “ita” é pedra, né? E aí botou: Itacajá. Esse nome eu não gosto. Eu gosto mais de Vau. O primitivo. O primitivo é porque as pessoas passavam no rio montada de Vau. Não precisava ter mudado o nome. Mas aí é aquela questão da modernidade, a pessoa acaba mudando. É. Eu prefiro Porto do Vau. Isso é coisa do tempo do meu avô. Negócio de Itacajá já foi cá pra frente.

Aqui tinha pouca gente. Morava pouca gente. Isso aqui é velho, mas tinha pouca gente. Tinham poucos moradores. Isso aí começou sendo fazenda, fazendado meu avô aqui perto, aqui dentro. Quando eu mudei da fazenda eu já vim casada. Eu casei e vim pra cá. A casa era bem aqui mesmo nesse lugar, só que não era essa não. Não quis continuar lá na fazenda. Fazenda, só vaqueiro, né? E meu pai quem morava lá. Aí vendemos lá a fazenda e acabou. Tem até uma irmã que tem uma conservação lá. Esse livro aí é contando a história da geração do povo, não é? Daquela época? Acho que aí já está na quinta geração. Quando nós mudamos acostumamos rápido, tínhamos costume com gente. Eu estudei uns anos lá em Carolina. Aí meu pai me tirou do colégio, fiquei na fazenda, aí me casei, depois vim pra cá. Aqui meu marido não ganhava nada, ele comprava boi, vendia, mas só era pra perder tempo.

Aí eu tinha vaca de leite. Eu vendia leite pra aguentar as despesas. Naquele tempo quase não tinha comércio, não tinha nada. A gente passava a vida assim do jeito que era aquele costume velho, de não se importar com nada. Meus meninos mexiam com as vacas, de manhã tiravam o leite e eu vendia. Eu vou te mostrar aqui como era (na fotografia): nove filhos. O mais velho saiu pra estudar fora. Aí ficaram os outros menores. Tive nove filhos, a primeira era essa. Tem um montado na bezerra, aquele lá atrás não é filho não, é sobrinho. E os outros todos aí. Esse aqui foi pra Brasília com uns dez anos. Aí ficou lá estudando. Ali sou eu, ali é minha prima, acolá minha irmã, acolá meu pai, minha madrasta. Acolá, os dois mais velhos. Aquelas ali já fui eu quem criou, essas três de baixo. Aquelas duas de lá são filhas aqui dessa do meio. Os meus filhos foram criados praticamente aqui nessa cidade. Saíram daqui pra estudar. Aquele ali, que é o caçula, saiu por último e saiu naquela idade ali. Ali é a colônia de férias, ele está sentado ali. Esse local é a colônia de férias, é lá em Brasília. Eu não sei onde que é. Hoje está tudo diferente. Olha, os dois mais velhos são aqueles ali (fotografia). A história está aí. Só que eu não sei mais contar, não.

A confusão com os índios foi meu pai e outros fazendeiros daquela região dacolá do rumo de Goiatins. Porque os índios ameaçavam meu pai, eles queriam que ele continuasse a dar aquilo que o meu avô dava. Eles vieram do Maranhão corridos. De lá, eles vieram corridos. Chegou aqui o meu avô apoiou e dava gado pra eles comerem. Quando meu avô morreu foi dividida a fazenda. Aí eles queriam que meu pai ficasse fazendo aquela base pra eles. Aí começaram ameaçando, dizendo que ia matar ele, que iam fazer qualquer coisa. Aí tiveram outros fazendeiros lá do lado de Goiatins, eles se reuniram e foram dá uma mexida com os índios, foi uma “revolução”. Não demorou muito tempo, acalmou. Eles faziam emboscada, pegava palha e mandava recado, faziam aquelas coisas de ameaça, faziam qualquer vestígio de quem diz: “eles estavam ali pra fazer ataque”. Não, não morreu muito não. O que morreu foi umas duas pessoas e os índios também morreram poucos. Esses que morreram foram dessas pessoas que morreram também. Um era até vaqueiro do Colares, que era um dos que mandava no Lar Batista e aí foi isso. Eu aguentei essa vida aqui ajudando as pessoas de fora, vaqueiro, botando menino aqui dentro de casa, aqui pra estudar. Perdi muito tempo com isso, ajudando as pessoas. Depois, com quatro meses, criei aquelas e hoje tem gente aí que não se importa comigo, me botando na justiça.

Aquela mais velha ali do meio se juntou aí com um paranaense, tem um filho dele. E ele tem tudo, tem terra, tem trator, tem carro. Entendeu de fazer um muro e fazer uma área por cima do tanque e ela dizer que estava com sete anos na casa, que queria direito de ficar com a casa. Isso aí acontece, meu filho, que não tem o que fazer. É. A convivência com os índios hoje é boa. Hoje é outra geração. E aquela geração passou. Hoje é outra coisa. É. Eu os acolho aqui. Essa noite mesmo esses dois aí: “deixa eu dormir aqui pelo amor de Deus, porque vem chuva, vem não sei o quê.” Eu digo: “se você amanhecer o dia e limpar. Não quero que jogue cigarro, não quero que jogue papel, não quero que faça xixi, nem cocô.” É uma conversa comprida, mas não adianta. Não, nem todos pernoitam. Só aqueles assim que a gente tem mais conhecimento. Que são mais chegados. Igual aquele que estava bêbado aqui sentado. Aquele eu conheço desde menino. Mas a gente não pode dar porque quando eles pedem pra dois, vem dez. E aí vem o bêbado, vem o doente, vem o menino, vem tudo. E ali todo mundo quase são quebrado. E eles um dia tiveram uma desavença lá na praça e dois correram atrás de um índio e jogou um tijolo bem aí. Eu nem contei isso para os meus filhos porque eles não querem que eu deixe os índios dormirem aqui.

O comércio aqui na cidade tinha só uma loja, duas. Não tinha quase nada. O comerciante era fraco, ele nem existe mais aqui. As coisas da alimentação era a roça, tinha a roça, vinha vender os seriais aqui. Vendia nas casas. Tinha dia quematava gado, custava matar assim. Tinha o açougue que matava gado. Tinha leite, eu vendia leite. Passei. Enquanto os meninos não saíram, eu estava vendendo leite. Eu vendia fiado, vendia pra não receber. Ai, ai, era uma luta danada. Não, não dava pra fazer queijo não. A metade das mercadorias que chegava aqui na cidade vinha de fora. Aqui tinha comerciantes, mas eram poucos, parece que tinha só umas duas lojas. Ninguém mexia nem com gasolina, porque não tinha carro. Só mesmo no burro. É. Isso aqui é antigo. Esse Itacajá é velho. Itacajá hoje tem muito movimento. Tem tudo, né? Tem de tudo, tem casa, quem não tem nada vai lá, mas tudo vem de fora. Cereais vêm de fora. Aquele pessoal mais antigo não existe mais. Morreram, acabou. Hoje a gente vive fraco, né? Vive uma pessoa fraca.

A saúde aqui não tinha médico. Tinha uns pastores enfermeiros. Tinha só isso, pastor enfermeiro. Nem farmácia parece que não tinha. Eles eram quem tomavam de conta dessa parte de cuidar do povo. Tinha o Lar Batista, tinha um pastor, ele atendia, tinha dia que ele fazia parto. Aí já veio muita gente de fora, aqui tem gente de todo lugar. Meus filhos foram pegos pela parteira, teve um no Lar Batista e um no médico, os outros foram à parteira. A parteira era daqui mesmo da região. Tem nada. Tem mais nenhuma viva não. Eu mesmo tive um que nasceu morto. Era assim. Agora não, vai pra Araguaína, vai pra Pedro Afonso, vai pra Colinas, vai pra Palmas. É diferente, não é? Tem trânsito, tem transporte, tem tudo. Aqui está rico. Em muitos casos, mas estamos passando melhor do que quando não tinha nada. Quer dizer, o povo era forte, não tinha esse tanto de doença que tem hoje. Os índios agora estão usando roupa, calçado, estudando. Tem índio aí até em Goiânia. Pastor José esteve lá, em Goiânia, tem um bocado de índio lá. Eu conheci os índios aí todos pelados. As cunhãs” com os panos amarrados aqui com lençol e os homens amarravam a calça assim, sem nada atrás. Ficava com a bunda de fora. Não. Hoje andam tudo arrumado. Modificou. O pessoal hoje anda todo bem arrumado, estudado. Vi um índio falando que vai estudar mais ainda pra poder arranjar um emprego melhor. Agora as meninas são preguiçosas não tem muita vontade de estudar, não. Elas não fazem nada, são preguiçosas.

Meus filhos estudaram mais na escola, no grupo escolar do que no Lar Batista. Depois foram pra Brasília. Porque hoje, as pessoas não acham mais quem vai trabalhar de graça numa casa pra estudar. Se for trabalhar numa casa, quer osalário pra estudar e ficar se mantendo ali de tudo. Eles

botaram outro aqui agora. O Lar Batista mudou. Ouvi dizer que esta lá perto de Porto Nacional e esse aqui é o orfanato, tem sessenta meninos. Agora acabou esse Lar Batista. Tem os padrinhos que vêm do estrangeiro pra assumir aquele menino e mandar presente pra eles. Teve vários pastores que cuidavam do orfanato. Quando fechou, tinham crianças, foram pra casa dos pais ou alguém adotou. Não, eu não sei o que eles fizeram com esses meninos. Eles tinham idade de ficar no Lar. Quando chegasse aquela idade de sair, tinha que sair.

Os que tinham família procuravam a família e os outros procuravam outros lugares. Eu mesmo conheço gente que foi criado bem aqui no Lar Batista e está lá em Brasília, bem empregado. No orfanato eles estavam se preparando, né? Se for uma pessoa boa, interessada, consegue se dar bem. Tinha muita gente assim no Lar, que tomavam conta assim do povo. Era bom. Ainda tem uma mulher, que era mulher do pastor, morou muito tempo ainda aí no Lar Batista. Conheço-a. Tem várias pessoas, saíram pra estudar fora e eles já são pastores. Isaura. O nome dessa mulher é Isaura. E o pastor era Benjamim, mas ele mudou lá pra Guarai e morreu. Ela voltou pra cá depois que o marido morreu. Ela tem um filho lá em Palmas, é o Héber. Aquele escritório que tem acolá é do filho dela. A mulher do meu primo, meu sobrinho, que é a Ana, filha dela, mora aqui bem pertinho. Ele corta cabelo. Eles estão pra Goiânia. E ela mora ali pra detrás. Não. Não. Está famosa ainda, não está velha não. É. Ela não é de xeretar muito, não. Ela é só amiga. Ela é enfermeira. É. Ela não quis ficar no Guarai não. Veio pra cá porque tem dois filhos aqui. O dono do cartório, cartório de imóvel. Não sei como é. Sei que a gente faz documento de casa.

O movimento aqui é política e a política é perseguição, porque a cidade é pequena e todo mundo se conhece. E aí a política aqui é quem manda. Quando um prefeito vai eleito, ele quer mais é pra ele, não é? Aí têm adversário, os adversários são os que passam o pau. Eu mesma tenho essa casa aqui, esse lote aqui tem três tarefas aqui. Aí o prefeito entrou aí e derrubou o muro e fizeram um bocado de coisas.

Não. Eu tenho só três (filhos) formados. Eles lutaram, saíram daqui menor de idade pra servir o exército, aeronáutica e estudando pelas casas alheias. Aí tem três formados. Tem um que trabalha, já é aposentado, mas ele está trabalhando. Aposentou da CONAC e está trabalhando aí na FUNASA. Pra ganhar mais um dinheirinho. Os outros, um é formado em administração e o outro é formado em contabilidade. E tem um que trabalha num hospital, de atendente. Outro trabalha na prefeitura, outro trabalha na Eletronorte e outro trabalha, acho que é com um deputado. E outro trabalha lá com outro grupo de gente também. Porque saíram daqui pra estudar e, naquela época a gente podia sair daqui pra ir estudar lá em Brasília.

Hoje já é uma vida perigosa. Quem não estudou, pra ir estudar agora, é difícil. Só. Em casa que eu vendia leite. Meu marido mexia com boiada, comprava boi e levava pra São Luis, pra Belém. Era um mês todinho. Boiadeiros atrás dos bois. Chegavam lá, vendiam os bois. Era outro mês pra voltar. Passou. Meu marido passou muito tempo trabalhando nesse serviço. Passou até quando ficou devendo e não tinha mais o que vender. Desperdiçou pra fazer negócio e não teve resultado, fica pensando na família e acaba o que tem. Pra ele foi muito difícil. Porque quando ele morreu estava devendo quase tudo na vida. E aí, como é que fazia? Foi duro, mas passou. Os que estão vivos estão vivendo. Isso aqui, essa quadra aqui, um prefeito a mais de vinte anos atrás, tem esse muro aqui que meu marido fez, eles fizeram um secretaria acolá, de trabalho pra prefeitura. O que o prefeito fez? Abriu uma rua no meio, porque era um brejo aí. Depois desmanchou o muro e carregou os tijolos. Aí o meu marido já tinha morrido, quando ele fez isso. Aí eu botei advogado, o



levei na justiça e ficou rolando. Vinte anos atrás, aí quando é agora, a gente ganhou a questão. Toda vida e com advogado pelo meio, mas não conseguia não. Derrubou o muro velho, pegou os tijolos e deu como quem era dele. Nem me deu satisfação, queria era acabar com tudo. Queria abrir rua pra acabar com essa quadra. Aí só a indenização, porque tinha que indenizar.

Eu sempre volto lá na fazenda onde eu nasci. Lá está diferente, não tem mais nada daquele tempo, não. Meu pai morreu em 1954, aí foi vendido. Nove donos parecem. Meus irmãos já tinham casado. Muita coisa está diferente. É assim mesmo. Meus filhos sabem dessas minhas histórias. Eles sabem. Eles sabem por que eles já estavam entendidos, não é? Já estavam naquela luta, todo dia vender aquele leite, comprava aquele negócio, saíra daqui pra ir para as casinhas pra estudar. Vem. Eles vêm me visitar. Agora mesmo tinha dois netos aqui, um neto com dois filhos. Um sobrinho e um neto, filho dele. Enjoei de menino. Passei a vida todinha criando eles. Na hora que tem um desentendimento, não faz o que a gente faz, fica é contra a gente. Essa mesma, essa do meio ali, eu dei uma casa pra ela morar e ela muito incutida. Morou com um cara aí e tem duas filhas.

Não. Depois que eu vim pra cá, não mudei mais pra lugar nenhum. Desde 1950 que eu moro aqui. Passei um ano lá em Brasília, passei meses. Às vezes eu vou a tratamento, fico por lá e torno voltar. É a terceira casa que a gente tem feito. Aqui. Só derruba a casa e levanta as paredes de novo. Sempre no mesmo lugar. Agora eu tenho dezesseis lotes, mas não tenho nenhum no meu nome. Aí os lotes eu botei no nome dos meus filhos, são oito, cinco homens e três mulheres. Aí esses lotes ficaram muito tempo nessa questão do prefeito. Ficou esse lote aí, eu paguei IPTU até 2004. Quando chegou o ano de 2005, com todo mundo trabalhando: “agora vocês tomam de conta pra pagar isso aí”. Agora foi que os meninos conseguiram pagar o IPTU. Cada um tem dois lotes. Mas o muro, como é? O povo derruba. Ali daquele lado foi o prefeito, pra tomar. A gente pagou quinze mil de IPTU. Porque estava atrasado de 2005 pra cá, eu não consegui mais pagar e eu fui cuidar da fazenda. E vai ficando difícil, não é? Os meninos também, nem todos eles podem desfazer daquilo que estão ganhando. Mas eles vêm. Agora mesmo tem um aqui, o mais velho. Está lá pra fazenda. Ele fica lá, fica aqui. É só um dia, uma semana. A semana que ele tirou de licença. Porque ele extraiu um dente e ele veio. Hoje mesmo tirou os pontos. Não. Eu fiquei um tempo assim, meio arrependida, porque meu pai era contra casamento, eu tinha vinte e sete anos, eu casei fugida. Eu era desobediente. Eu casei fugida.

Fui para Pedro Afonso montada em burro. Três pessoas e um menino que eu criava. Era meu mais do pai dessas meninas. Eu comecei a tomar conta dele com quatro meses, porque a mãe dele era dessas pessoas que moram assim: ajudada pelo meu pai. Ela morreu atacada duma cobra e ficou o menino. Ela disse que me dava o menino pra eu ser madrinha. Ela morreu e eu peguei o menino mais meu pai pra criar. Eu fugi e estão aí meus meninos. Fugí, casei e vim pra cá. Fiquei aqui pensando, eu rezei muito pra Deus me ajudar porque esse negócio que tinha feito com o meu pai, que Deus me perdoasse. Fui. Quando estava com um ano de fugida, eu fui lá. Fui lá levar o menino pra ele ver. Não, ele já me dava às coisas. Mandava requeijão, matava uma vaca e mandava um traçalho de carne. Mas, foi muito ruim isso que eu fiz com ele. Eu paguei na unha. Eu fiz foi pagar. Quando a gente faz uma coisa errada, a gente paga. Por isso é que a gente deve ter muita fé em Deus, se apegar com Deus pra não deixar acontecer o que é ruim. E é assim.

É. Hoje eu ainda tenho meus filhos. Eles ficam assim com aquelas coisas: “a mãe. Não sei o quê.” eu digo: “não, eu estou normal ainda, graças a Deus. Não tem precisão de ficar”. Não. Ainda não quiseram me carregar não. Eles sabem que eu não posso ir. Porque sair daqui pra ir pra Brasília ficar trancada dentro de uma casa ou de um apartamento, não resolve nada. Aqui a gente mexe com uma coisa, mexe com outra e vai vivendo.

## **LUIZ ALVES DE CASTRO**

Entrevista em 26/ 01/ 2011

Luiz Alves, um homem da terceira idade que outrora sua família migrou para o Estado de Goiás por conta da seca na região Maranhense. Anos mais tarde passaria por problemas financeiros.



“Aqui, graças a Deus, a maior riqueza do mundo foi a água.”

Eu nasci lá em São Raimundo da Mangabeira no Estado do Maranhão numa fazenda por nome Linguixa, até hoje nunca vi outra com esse nome. Meus pais nasceram em Pastos Bons, lá na cidade de Pastos bons, município. Meu pai nasceu acho que foi pertinho da cidade. Ele morava numa fazenda por nome Mato do Coxo. Minha mãe nasceu na fazenda São Pedro. Essa era mais longe uns quinze quilômetros.

Não, nós viemos pro município de Pedro Afonso que meu pai veio receber uma fazenda que ele tinha comprado. A fazenda Santa Rita no município de Pedro Afonso, distante da cidade uns dois quilômetros. De lá ele recebeu a fazenda, pagou e voltou pro Maranhão e nós viemos, chegamos aqui no dia 07/05/1953. Ele voltou e foi buscar minha mãe com os outros irmãos, vieram chegar aqui no dia 04/12/1953. Ele foi vender umas coisas lá e arrumar pra vim pra cá, ele veio de tropa, ele veio com minha mãe. Acho que vieram num sei se até o Balsa e de lá vieram, sei que a tropa custou a chegar aqui. Acho que foi quase um mês de viagem porque era devagarzinho e vinham trazendo até ovelha, até ovelhas eles trouxeram.

Lá onde nós morávamos era uma fazenda de terra muito boa, fazenda de terra pra lavoura, nunca morei em lugar melhor do que aquele, rapaz, era um lugar assim difícil porque a água pra beber era furando buraco com vinte palmos de fundura, era emendando uma escada uma na outra assim de pau, aí descia lá pra pegar água. A moradia lá tinha, parece que eram uns nove moradores de um tio nosso, e era quase enxergando as casas de uma pra outra, levantava de madrugada pra ir pegar água

naquela cacimba, chegava lá pegava a água toda e quem chegava por último tinha que esperar minar água pra ele pegar. Era um lugar difícil, mas lugar de terra boa pra trabalhar, nunca vi melhor do que aquela terra, dava mato demais. Mas tudo que se plantava dava bom, era o arroz, o milho, mandioca, era cana, era banana, rapaz, nunca vi fartura de banana como naquele lugar. A gente plantava, naquele tempo não dava doença na banana como dá hoje. A gente planta um bananal e a planta está morrendo. Meu pai plantou um bananal eu era menino, fazia plantação de banana, mas ele cavava era fundo mesmo e plantava tudo lá, eu saí de lá casado e ele estava dando bananas boas todo tempo.

Para criar bode, ovelha e porco era criado muito, gado também a gente criava, mas era com muita dificuldade por causa da falta de água, tinha que botar lá no refrigerador distante muitas léguas. Meu pai nunca foi lá nesse refrigerador, ele sempre tinha as quintas dele, lá sustentava o gado, era pouco, mas o problema era a água que conseguia era cavando um poço lá em uma lagoa que nós limpávamos e o gado bebia, tinha uma água salobra que assim secava as cacimbas de água. O gado não gostava de água salobra não. A dificuldade maior era a água, as outras coisas sempre tinham. Às vezes faltava chuva no mês de dezembro, o arroz estava grandinho assim ficava murquinho, murquinho, mas quando tava com oito dias que choviam ficava bom danado.

A falta de água foi um dos motivos que fez nós mudarmos pra cá, tinha poço, mas o inverno lá era ficando cada vez mais fraco e a gente ficou assim com medo do verão ser igual ao do Ceará e aí a gente foi mudando tudo, dificuldade muito grande, aí viemos pra cá, aqui graças a Deus a maior riqueza do mundo foi a água. Lá a fazenda nossa tinha um ribeirão só que secava, ela foi vendida depois que meu pai morreu. Mas aqui mesmo nesse Itacajá tem água pra todo lado, nesse rio bem aí, tem ribeirão que é só saindo aí pra essa área dos índios Krahô, rapaz, é só saindo de um ribeirão e cortando outro, tudo ribeirãozinho fraco, mas é água muito boa. Quando meu pai mudou veio direto pra cá. Eu fiquei morando na fazenda cinco anos, mas eu não era vaqueiro não, vaqueiro era um primo meu, depois ele ficou morando aqui quando ele veio do Maranhão, morreu aqui, nunca mudou daqui. Ele mexia com comércio aqui, ele toda vida teve muita tendência, muita vocação pra comércio e ele colocou um comércio, era até bom, mais ele vendeu muito fiado teve muito prejuízo, mas ele morreu aqui no dia 15/04/1973, está com mais de trinta anos, vai fazer é trinta e oito parece em abril que nós estamos em dois mil e onze.

Quando nós chegamos aqui o nome dessa cidade era Porto do Vau e o nome da Rádio local é Porto do Vau. Em 1954 passou a ser cidade, aí colocaram mais antes disso já chamava Itacajá. Esse nome Itacajá é referência porque diz que Ita é Pedra e Cajá é uma fruta aqui da região. Tem uma cachoeira daqui é pertinho e lá tinha um pé de Cajá muito grande e ficava em cima da correnteza e aí botaram o nome Itacajá. Mas como eu tinha falado nos mudamos pra cá, o motivo foi mais ou menos a falta de água e também o gado era muito difícil porque era todo dia gastando demais com pasto e o lugar sujava muito o pasto, mato demais, tinha lá um capim que chamava capim Mandante jogava ele lá na barragem dava bom demais, mas o mato pra tirar era custoso demais, a gente gastava dinheiro demais com pasto lá porque fazia pasto pro gado. E aí a gente foi caçando melhora e ele veio aqui e gostou porque lá era criando gado. Só vivia preso sem poder andar porque tinha umas roças e não podia criar gado e lá nessa fazenda criava o gado era solto, nós tínhamos um pedaço até bom, agora tinha também as quintas de pastos que quando uma vaca estava perto de parir a gente botava ela naquela quinta ela paria, mas era sempre mais fácil. A água lá ninguém tinha aquela dificuldade de mexer com água pra dar o gado. Quando nós estávamos pra sair de lá, tinha um vizinho meu que passava o dia enchendo os cochos de água lá, tirando de uma cacimba lá funda pra dar água aos bezerros o dia todinho, era uma dificuldade muito grande pra gente criar as coisas.

Essas cacimbas que tinham lá nessa lagoa, que meu pai mandou fazer um porão grande lá, e fez uma cacimba também, ela não secava não, mas era fundo. Pra tirar água lá era com um balde assim com um peso e enchendo uma lata e despejando dentro desse cocho. Quando nós chegamos aqui foi difícil pra nos adaptarmos porque a gente achava diferença em tudo. Ele se adaptou até ligeiro, ele começou, trouxe um dinheirinho de lá da fazenda que foi vendida e mexeu com um comércio. Ele ainda mexeu um ano com roça aqui, chegou aqui tinha um homem com a roça queimada e tava sozinho, que a mulher largou ele, ficou desanimado aí, deu a roça pra meu pai tratar e plantar. Meu pai pegou essa roça plantou e colheu e no outro ano ele já não fez mais roça, foi mexer com o comércio. Lá no Maranhão ele tinha uma vendinha, comprava as coisas que era da despesa de casa, sal, querosene, essas coisas ele nunca comprou assim rateadinho, ele compra um fardo de lata de querosene e botava em casa, aí ia vendendo pros vizinhos e quando estava perto de acabar ele ia negociar mais com quem ele gostava de negociar demais. Vendeu tecido também, tinha o patrão dele lá que era o Raimundo Nonato dos Santos, lá na cidade ele comprava o tecido dele lá pra vender as mercadorias dele lá. Toda vida com essa tendência de vender fiado e perdia muita conta, mas sempre dava lucro porque a gente vendia ganhando mais ou menos, perdia aquelas contas mais ainda sobrava um pouco do lucro. Os nomes dos tecidos que meu pai vendia era o Capre, Floriano, tinha o Brinho, tinha o Brinho branco que faziam muitos ternos dele, tinham outros de couro mesmo, tinha, Chita, o Chitãoquechamavam, tinha o Cordim naquele tempo tinha umas cordinhas muito boas pra fazer camisa, fazia umas camisas boas danadas, tinha umas que chamavam até Normalistas, tecido era Opala, tinha um tecido que chamava Opala, é coisa, hoje acho que não existe mais. Minha mãe costurava, mas ela adoeceu ficou ruim da vista aí não costurou mais não. Agora tinha uma tia minha que era irmã dele que essa costurava até, com dez meses antes de morrer ela parou de costurar, mas era uma alfaiata muito boa, fazia calça pra homem, camisa, roupa pra mulher, tudo ela fazia. Era ela quem sempre costurava pra nós quando precisava de roupa a gente pagava pra ela tinha as máquinas dela, não ia costurar de graça.

Quando nós chegamos aqui em Itacajá, rapaz, isso aqui tinha poucas casas, aqui era bem pequenininha, essa Rua aqui chamava Rua da Seriema ainda hoje eu moro nela bem aí. Era um tombador de areia, era assim uma areia de poeira danada era ruim demais, depois foi aos poucos melhorando, a vista do que estava hoje está boa a cidade. Quando eu cheguei pra cá, só tinha aquela ruinha ali que é a Pedro Ludovico hoje, não tinha essa daqui, só umas duas ruas mais ou menos, pra acolá não tinha nada. Esse setor pra aculá não tinha nada, nada aqui, era pouquinha gente mesmo. Aqui pra cima era só mata, agora vinha muita gente era de sertão, meu pai tinha um comércio e o povo do sertão era quem vinha fazer compra aqui, aqui dentro era pouca gente mesmo.

Naquele tempo não tinha aposentadoria era uma dificuldade pra se negociar porque o povo vivia de uma rocinha, era uma dificuldade, uma luta muito forte pra você negociar naquele tempo, foi melhorando aos poucos. Acho que quando meu pai morreu ainda não tinha essa aposentadoria do povo, que essa aposentadoria que o governo deu faz muitos anos, né? Eu não lembro a data que meu pai morreu com sessenta e dois anos de idade, mas ele não era aposentado, logo ele era comerciante e comerciante só aposentava pagando o INSS até chegar a idade de aposentar, ou então aposentar por tempo de inscrição no INSS. Eu mesmo aposentei por idade. Vinte e seis anos que pagava o INSS que quando meu pai morreu, eu fiquei com o comércio que era no nome dele e quando ele morreu foi passado pro nome da minha mãe. Fiquei ainda trabalhando porque eu trabalhava com ele ganhando o salário, minha mãe morreu e o comércio já era registrado no meu nome porque ela aposentou e por ser aposentada não podia ter comércio no nome dela não.

Registrou no meu nome, mas o comércio sempre foi dela, os filhos todos sabiam que era dela. Ela morreu, fizemos a partilha das coisas, aí eu comprei a parte dos outros fiado e fui pagando. Nós éramos nove irmãos em um mês eu pagava pra um, no outro mês pagava pra outro até que terminei de pagar, fiquei sem nadinha pro custeio, sem dinheiro de jeito nenhum, sem capital nenhum, fui tomando dinheiro enjurado, foi isso que me acabou rapaz, ainda hoje venho sofrendo as consequências. Dinheiro com juros de dez por cento não era brincadeira não. Eu pagava esse juro e era capitalizando todo mês até que por fim eu entrei em falência mesmo que não deu mais nada, o comércio acabou mesmo e eu adoeci só de preocupação, que eu nunca tive plano de dar prejuízo pra ninguém. Fui pra Imperatriz, quando cheguei lá, era problema de coração mesmo, fui operado em 16/01/1998. Melhorei um pouco e agora já aposentado que eu me aposentei em 1996 com 65 anos de idade que eu sou de 1931, me aposentei por idade, mas faltavam quatro anos pra eu completar trinta anos de inscrição do INSS, que se você pagar trinta anos. Se eu pagasse mais esses quatro anos eu ia ficar recebendo cinco salários porque eu pagava sobre cinco salários no INSS tá entendendo como é que era? Porque aquilo a gente pagava uma porcentagem do salário mínimo atual, parece que era oito por cento pagava naquela época em grana eu disse: não rapaz eu vou me aposentar logo, não vou mais pagar esses quatro anos que eu não sei se vou viver nem esses quatro anos. Aposentei e, graças a Deus, já tenho pagado muitas contas aí sem juros. Agora quando eu saí daqui esse povo se alvoreceram tudo, colocaram essas duplicatas no Fórum com advogado e esse advogado foi embora e não deu mais atenção pra nada.

De certo que eu mesmo por livre espontânea vontade estou pagando porque se eu fosse caçar direito eu tinha tacado fogo no tempo e não pagava mais nada, mas até hoje eu pago conta aí. Meu pai foi um dos primeiros comerciantes porque quando ele chegou pra cá só tinha um comércio do seu Antônio Pimentel que era até sócio com o Cariolano que já morreram todos os dois. Tinha parece que outro, eu não sei se o pai do Masolene o seu Zé Rocha era Manede Costa que tinha um comércio parece que só, tinha rapaz, mas tinha o Ribamar Teixeira, agora lembrei. Tinha o do Ribamar Teixeira que era um dos maiores comércios que tinha aqui. Parece que tinha dois ou era três comércios antes do dele, mas me lembro bem de dois, só o do Pimentel e o do Ribamar só desses dois. Depois foi entrando mais gente, o Detim negociou muitos anos. O Detim já tem quase noventa anos, ele é o pai do Berto, ele mora naquela esquina bem ali.

Na época não tinha iluminação pública, era lummando com lamparina, nesse tempo os comerciantes ainda ganhavam muito dinheiro vendendo querosene para o povo. Meu pai comprava era de cinquenta, de cem latas de uma vez e vendia tudo, tanto lá pro sertão como aqui dentro da rua, era vendendo direto, tanto vendia de litro como vendia de lata e aqueles que tinham mais condições compravam uma lata botava em casa e ia usar até terminar, comprava outra. Passou muito tempo, já tinha muitos anos que nós morávamos aqui e com muito tempo foi que trouxeram energia pra cá, eu lembrava até o ano rapaz, mas eu já esqueci, o meu irmão sei que lembra direitinho, foi nas eras de setenta e tanto por aí, setenta e dois eu não lembro direito não. Nós chegamos aqui em 1953 e ele chegou em Dezembro de 1953, de 1953 pra 1970 é quase vinte anos né? Foram uns vinte anos depois que colocaram energia aqui, outro tempo mais pra frente que eu não lembro o tempo foi que veio a água encanada, e assim foi desenvolvendo um pouco, mas antes era atrasado demais aqui, também não tinha um carro, pra se andar era nas costas de burro toda vida. Daqui pra Pedro Afonso ia montado e voltava, eh viagem cansativa! Vinte léguas daqui a Pedro Afonso, talvez não desse as vinte léguas marcadas, talvez não desse isso, era de dezessete a dezoito léguas.

A viagem do Maranhão pra cá foi de animal, bom eu vim que minha esposa estava no mês de ganhar o menino e nós viemos de animal até o Balsa, são vinte léguas de lá de São Raimundo da

Mangabeira até o Balsa e aí de Balsa nós viemos de caminhão até Carolina, aí de Carolina nós pegamos um avião até Pedro Afonso, eu mais ela e meu pai. Ele veio receber a fazenda e eu vim pra ficar morando lá na fazenda, aí quando ele chegou lá que recebeu a fazenda botou logo esse vaqueiro, era um primo meu que trabalhava lá e ficou sendo vaqueiro. Viemos até de carro de boi lá de Pedro Afonso pra essa fazenda, nós saímos um dia de tarde de Pedro Afonso já o sol baixo umas três horas ou mais e viemos chegar já de madrugada, já o dia perto de amanhecer lá na fazenda com o carro de boi e vinha com um bocado de coisa, era sal, pote, panela tudo que eu comprei em Pedro Afonso pra trazer porque lá no Maranhão eu vendi tudo. Eu não ia trazer até panela pra cá porque era custoso demais e as passagens assim, pra vim de animal também não dava pra vim porque era pesado demais, aí viemos mesmo só com as cargas de mala, rede e roupa até o Balsa de lá pegamos o carro até Carolina de lá viemos de avião. Até sabão eu trouxe um pouco de sabão que a mulher tinha feito lá esperando ganhar menino e nós passamos foi muito tempo sem ela mexer com sabão, que essa vida da gente é cheia de altos e baixos, mas assim mesmo eu estou satisfeito, tenho sofrido muito, apesar de tudo que aconteceu comigo que eu entrei em falência, fiquei devendo dinheiro a juro, mas nunca ninguém me agrediu, graças a Deus, porque eles sabem que eu nunca tive plano de dar prejuízo a ninguém, uma coisa que acontece assim, “é um revelo de sorte”, mas é assim mesmo, a gente vence com fé em Deus, a gente vence.

Com fé em Deus a gente vence e alcança as vitórias. Tenho sete filhos, tenho dezessete netos e nove bisnetos criando todo mundo com dificuldade, mas não tenho nenhum formado, mas não foi só falta minha não foi deles também, tinha muita vontade de ter formado (pelo) menos um dos filhos, mas eles ficaram assim tudo meio retraído não sei por que, também não tinha condição, certo que eles foram crescendo, ficando adultos, casando e aí todo mundo só fez mesmo o primário, tem deles que tem o primário só. Com segundo grau não tem nenhum.

De São Raimundo da Mangabeira, nós saímos no dia 25/04/1953, dia 27/04 chegamos ao Balsa parece, porque foi dois dias de viagem, ou foi três dias porque vinha com a velhinha minha avó, agora me lembrei que minha avó mãe da minha mãe que foi a única avó que eu conheci, foi minha avó materna os outros conheci só de nome, aí nós vinha devagar de animal até lá e de lá nós pegamos um caminhão eu me lembro até do nome do dono do caminhão era um senhor Dedé, chamavam ele de Dedé não sei como era o nome certo dele. Viemos pra Carolina chegamos de noite em Carolina, rapaz foi uma viagem que nós saímos do Balsa duas horas da tarde fomos chegar no Riachão sete hora da noite, jantamos, saímos de lá umas sete e meia da noite, viajamos a noite toda até quando chegou em um atoleiro que o carro entrou lá e ficou o resto da noite todinha e fomos sair de lá de madrugada e tinha uns peão lá que estavam com dó deles batendo o queixo e um frio, frio de bater o queixo e eles lá debaixo do caminhão tirando lama. Aqueles ajudantes do carro lá até quando desatolou e nós saímos de lá e rodamos o dia todinho nos tombadores de areia e viemos chegar em casa era sete horas da noite também, foi doze horas lá do Balsa até o Riachão que é metade da estrada. Tiramos em meio dia, saímos de tarde e chegamos a boca da noite e lá nós passamos a noite todinha e o dia lá em Carolina, estrada ruim demais, não tinha estrada não, era só um tombador de areia. Da Mangabeira nós saímos dia 25/04 e no dia 04/05 nós chegamos à Carolina, passamos vinte e cinco, vinte seis, vinte sete, vinte oito, vinte e nove, trinta e seis dias pra chegar à Carolina porque nós demoramos um pouco também no Balsas, aí de lá nós viemos de avião até Pedro Afonso, chegamos lá dia seis e na fazenda nós chagamos dia sete, nós viemos de carro de boi de Pedro Afonso pra fazenda Santa Rita.

A nossa alimentação de Mangabeira até o Balsas era comendo frito, aí do Balsa pra Carolina nós jantamos no Riachão, nós almoçamos no Balsa, nas pensões. Chegamos a Pedro Afonso passamos dois dias, cinco e seis, e lá a gente comia nas casas dos amigos que nós tínhamos lá, aí a gente não

comia frito mais não. Na mudança eu mesmo vim só com as malas de roupas e rede e um saco de coisa e isso foi de animal até o Balsa, agora do Balsas pra cá foi de caminhão até Carolina e daí foi de avião, minha bagagem veio toda no avião eu lembro até quanto que eu paguei, eu e a mulher e duas malas de roupas grande de madeira, aquelas malas de madeira que eles faziam. Aquelas malas de madeira grande assim, segura e um saco de rede e roupa e um cofre de sabão em pedaços que a gente trouxe que a mulher quem fez o sabão lá, aí nós viemos com isso tudo no avião e eu paguei seiscentos e vinte e sete cruzeiros que naquele tempo era Cruzeiro não era Real ainda não, eu ainda alcancei o Mil Reis que naquele tempo o Mil Reis era muito valorizado. Do Mil Reis passou pro Cruzeiro do Cruzeiro passou pro Cruzado e já foi modificada essa moeda nossa não sei quantas mil vezes e hoje estamos com o Real e esse Real tem durado muitos anos.

Depois que nós viemos que ele recebeu a fazenda, ele voltou pra lá foi de animal ainda porque lá não tinha campo de avião. Ele foi que veio com a tropa até chegar aqui, ele com um bocado de homem que vinha com ele uns parentes, outros mesmo que vinha ajudando ele pagando, trouxeram até ovelha, um magote de ovelhas pra criar, isso ele levou lá pra fazenda e era tudo nas costas de animal mesmo. Arranchou numa fazenda um dia, ele sempre contava esse caso, arrancharam lá quando foi de manhã minha mãe com eles traziam carne seca, trazia farinha, arroz limpo pra cozinhar quando chegasse às fazendas pediam as panelas e cozinham e um dia dormiram lá na fazenda, quando amanheceu o dia mamãe foi fazer uma paçoca, aí pediu lá um pilão pra pisar a carne com a farinha e a mulher não queria dar de jeito nenhum, zangada mesmo, a mulher da fazenda era muito ruim só pra pisar uma carne com farinha no pilão ela não queria dar de jeito nenhum e o papai falou pra ela, ele contava, dona me empresta o pilão dona, eu não trouxe o pilão porque é muito pesado pra trazer nas cargas dessa você sabe que é muito difícil, mas dinheiro essas malas aqui estão cheias. Ele afobando lá, então me alugou o pilão que eu mando pisar, aí que o marido dela mandou pisar, cedeu o pilão pra ele pisar. Sei que a gente passa muito problema na vida com negócio de mudança que não é fácil não.

O povo diz que “toda mudança quando não morre murcha”, mas meu pai se deu bem nessa muda porque lá ele vivia na roça toda vida e aqui foi ficando velho, morreu com sessenta e dois anos, mas já fazia muito tempo que ele não mexia, quer dizer ele sempre mexia com roça que tinha umas quintas prali, pois é a vida nossa foi de muita dificuldade, enfrentamos muitos problemas de falta das coisas, mas. Meu pai quando se casou ele só possuía acho que um cavalo pra andar montado e na despesa da compra que ele fez pro casamento ele ficou devendo um valor de uns três cavalos, ele sempre contava essa história, mas dentro de um ano com uma roça que ele fez pagou tudo, aí foi indo começou a melhorar as coisas, foi indo começou a comprar umas coisinhas pra vender quando viemos de lá ainda tinha um capital até bom. Vendeu a fazendinha que tinha lá e todo ano ele comprava um gado, dois. Às vezes comprava de quatro, cinco, seis era assim, certo que quando saiu de lá já tinha mais de cem gados, fez um lavrado, vendeu a terra, aí aqui ele mexeu com o comércio. Quando nós viemos aqui receber a fazenda eu não estou lembrado se quando ele veio pra cá receber a fazenda se ele já tinha vendido o gado, mas acho que já. Faltava vender só a terra que foi vendida pro Raimundo Passo, parece.

O tempo que demorou na viagem foi uns vinte dias, eu não sei certo porque eu não vinha nessa tripulação, eu vim no tempo quando nós viemos receber a fazenda, eu fiquei aí e ele voltou pra buscar o resto da família lá, só tinha eu casado nessa época os outros eram tudo solteiro, nós éramos nove irmãos tinham oito solteiros, nossa família era cinco mulheres e quatro homens, eu vim primeiro que era o casado e ainda ficou lá o Ribamar, o Américo e o Aldemir era três homens e comigo quatro e cinco mulheres, as mulheres não tinham casado nenhuma vieram todas as cinco

solteiras ainda era a Maria de Nazaré, Terezinha, não tinha uma casada. A Terezinha, Nenzinha, Eunice, Alice e a Rosa era pequenininha ainda com uns três anos só que ela é de cinquenta e ele veio em cinquenta e três ela tinha completado três anos em novembro e ele veio em dezembro chegou aqui foi em dezembro mesmo.

Dos moradores mesmo, eu só me lembro do seu Antônio Pimentel, do Cariolano, do Zé Rocha pai do Masolene tinha também o Mamede Costa e tinha o seu Faustino, mas esse não morava aqui dentro da cidade morava numa fazendinha pra lá e tinha o Jucelino que já morreu, ele e a mulher também só tem os filhos que estão, tinha até mais, rapaz, que eu conheci. Tinha o senhor de Zé Claro que morava aí com a família. Eu acho que aqui não tinha ninguém filho daqui tudo era de fora mesmo, do Maranhão, do Piauí desses lugares pra lá, Cariolano acho que era do Maranhão, o Pimentel também acho que era e os outros esse Zé Claro parece que era do Piauí, mas não tenho certeza não.

Nós não chegamos a morar nas terras dos índios não, essa área indígena é muito grande, mas eles ficam pra lá e a gente sempre ficou aqui, meu pai mesmo foi aqui e eu também era daqui pra frente. A área deles é separada por um ribeirão que chama Ribeirão dos Cavalos é a extrema, é esse Ribeirão dos Cavalos e esse Rio aqui, desse rio ela vai até a barra do Rio Gameleira que é daqui muitas léguas eu não sei quantas léguas é, e por esse Ribeirão dos Cavalos é longe também aí essa terra deles vai até o Rio Vermelho é grande, muito grande essa terra deles aí. Isso eu não sei dizer por qual motivo colocaram esse nome Ribeirão dos Cavalos, do Manoel Alves Pequeno e o Manoel Alves Grande eu também não sei, bom esse aqui eu escutei dizer que tinha Manoel Alves aqui, acho que ele morreu aí, mas quando eu cheguei pra cá ele não existia mais não, aí em homenagem a esse homem que morou aí e que já tinha morrido colocaram esse nome no Rio Manoel Alves Pequeno eu não sei se ele era baixinho ou como que era. Vi falar assim, não tenho muita certeza se realmente era. Assim que chegamos aqui os índios andavam pouco por aqui, agora tá aí, invadiram mesmo, já tem não sei quantos funcionários, naquele tempo tinha pouco funcionário, naquele tempo chamava era SPI (Serviço de Proteção ao Índio) aí depois da SPI foi administrado pela FUNAI, e hoje é FUNAI, FUNASA tudo mexe com o índio. As terras deles quando eu cheguei pra cá parece que já era demarcada eu não tenho muita certeza não, mas parece que era o governo tirou muita terra boa pros índios rapaz, aí se fosse o cristão que morasse nessa área era uma fatura muito grande de cereais aí, aí tem muita terra boa.

Os moradores que aqui encontramos todos mexiam com roça, tinha esse Cariolano e o Pimentel que tinha esse comércio, mas o Cariolano sempre mexia com fazenda, com roça até que eu vi falar que ele comprou essa fazenda com o dinheiro do garimpo, que ele foi ao garimpo em Jacundá e acho que lá ele arrumou o dinheiro e comprou essa fazendinha pra ali. Aí mexia com o comércio e o vaqueiro lá na fazenda. A fazenda dele chamava até Veneza, ainda hoje existe essa fazenda. Ele morreu, mas ficou para os filhos, o Pimentel tinha uma fazenda Lagoa Boa também nesse Município, mas é longe daqui e os outros era só de roça mesmo aqui por perto na beira do rio, por esse lado tudo tinha terra boa. Aqui mesmo na área da cidade no Marajá distante sete quilômetros, tinha terra boa, lá já tinha morador também que mexeu muito com roça também agora tá um povoado grande, já é quase uma cidade o Marajá, já tem luz, já tem água encanada tudo lá.

Meu pai escolheu morar aqui porque já tinha uns parentes aqui, quando ele veio pra cá já tinha o Pedro Gomes que era casado com uma cunhada dele, irmã da minha mãe, e tinha o Abissalão que era casado com outra irmã da minha mãe que morava aqui na época, por intermédio dos parentes que ele veio pra cá, mas ele queria por tudo ir lá pra fazenda, mas tinha os filhos tudo pra estudar, e Pedro Afonso ficava longe da fazenda, pra lá ficava mais difícil aí ficou aqui. Aqui tinha uma escola



boa a Escola Batista das Missões Nacionais, aí ficaram estudando aqui mesmo, pois é. Eu falei que chegamos primeiro, mas foi nossos parentes que encontraram essas pessoas aqui o Antônio Pimentel, Cariolano, Zé Claro devia ter outros por aí que eu não me lembro o nome deles, mas ainda conheci alguns, agora quando viemos já tinha esses dois parentes, a família era grande, o Abissalão e Pedro Gomes, o Pedro Gomes ainda é vivo, o Abissalão já morreu, morreu lá em Goiânia que depois de muitos anos morando aqui ele mudou lá pra Goiânia, Abissalão. Ele tem um bocado de neto aqui, filho tem uns dois ou três que já morreram os filhos dele, tinha o Antônio que foi justamente o vaqueiro do meu pai lá na Santa Rita. Tinha o Chico, Francisco que chamava Chico Papoco não sei por que esse nome. Ele morreu também já tem um bocado de ano e morreu o Raimundo que chamava Dodô que mudou de Goiânia pra cá estava morando mais o Francisco, morreu também. Agora tem os netos, as netas, é um bocado de netos aí.

A Escola Batista foi desativada faz alguns anos, quando nós chegamos aqui tinha o Lar Batista e parece que estava iniciando o Orfanato que nós chegamos em 1953 eu não me lembro de jeito nenhum se já existia o Orfanato, mas acho que já era poucos órfãos que tinham nessa época, depois foi chegando mais, foi chegando e os anos passado mudaram pra Palmas, já tinha muito menino nesse internato. O primeiro diretor de lá não sei se foi o Dodanin o primeiro de todos ou se foi outro, mas acho que não foi não, primeiro tinha o Zacarias Campelo que era da Junta e Missões depois dele teve o Dodanin, Honorina Ribeiro, Pr. Tácito Pacheco Maia e sua esposa Prof<sup>a</sup>. Zorilda Quadros Maia, não antes da Zorilda teve a dona Caçula que o nome dela parece que era. Como era o nome da Caçula meu Deus? Sei que era Caçula. Essa mulher era uma pretona assim, depois dela teve Tasso e depois foi o pastor Benjamim que aquela mulher que veio aqui agorinha a dona Isaura é a viúva do pastor Benjamim que está com uns quatro anos que ele morreu parece, eles foram diretores muito tempo, acho que uns vinte anos essa é dona Isaura e o marido dela era Benjamim Cardoso Freitas, tem ela e os filhos aqui, tem só um filho e uma filha morando aqui e tem um em Palmas um filho dela e a outra não sei se mora em São Paulo que eles são quatro, três filhos legítimos e uma filha adotiva que eles criaram essa parece que mora em São Paulo.

Meu pai ainda voltou lá, que ele tinha deixado um resto de dinheiro pra receber lá, aí ele voltou lá, mas não demorou muito lá não e eu vim embora de lá em cinquenta e três e voltei lá em noventa e sete, quantos anos tem? De cinquenta e três pra noventa e três, quarenta, para noventa e sete, quarenta e quatro anos que eu saí de lá. Quando eu voltei lá, mas só fui uma vez também, fui lá pra mexer com uns documentos que estava quase no tempo de aposentar e a minha certidão de casamento estava com um erro e eu já havia mandado pegar umas duas segundasvias ou três e nunca vinha certo. Precisei ir até lá pra levar o original mesmo pra conferir, encontrei os irmãos meus lá. Arrumaram o documento certo e eu paguei porque meu nome é Luiz Alves de Castro e estava na certidão Luiz Castro Evangelista e aí ele disse: “olha, se você não traz esse aqui, pois eu não ia arrumar porque aqui está Luiz de Castro Evangelista”, ele viu no outro que foi um erro de meu pai porque ele foi quem mandou fazer o registro e mandou botar o mesmo sobrenome dele todo, porque ele era Manoel de Castro Evangelista e da minha mãe era Alves Evangelista, então era o dele primeiro, ele com minha mãe.

Rapaz, eu tenho muita vontade de ir lá, mas agora nessa idade que eu estou e doente, se eu estivesse sadio eu ia fazer uma força pra eu ir lá, no dia que eu saí de lá, deixei muitos amigos chorando lá e eu também saí chorando como criança porque eu nasci, me criei e casei morando num lugar só toda vida. Tinha muitos amigos, todo lugar que eu moro eu constituo muitos amigos, morei cinco anos em Pedro Afonso na fazenda, mas em Pedro Afonso têm muitos amigos meus que já morreram, mas ainda têm muitos. Aqui, apesar de tudo que aconteceu, entrei em falência e ficar devendo esse

dinheiro, mas nunca ninguém me agrediu porque eles sabem que eu toda vida tive boa intenção de pagar minhas contas e hoje vivo nessa situação. Tenho muitos amigos por aqui, os próprios credores meus nunca me odiaram porque eles estão sabendo que eu não paguei porque não teve jeito mesmo, porque eu entrei em falência mesmo, aí eles vão aguentando aí até.

Minha terra natal mudou muito rapaz, quando nós saímos de lá era uma rua toda esburacada, era cada grota no meio da rua mesmo de água que a água fazia assim. Depois quando eu voltei já estava melhor, havia diminuído estava aterradinha, mas asfalto não tinha não, parece que tinha umas calçadas de pedra, mas asfalto mesmo não tinha, mas estava bem melhor e cresceu muito também porque quando eu saí de lá era bem pequena a cidade, a gente olhava de uma ponta enxergava a outra lá, mas depois cresceu já tinha muito morador, tinha muita gente lá. Já tinham morrido muitos dos amigos que eu tinha deixado lá, mais ainda tinha muito gente lá ainda.

A mudança aqui nessa cidade foi boa, rapaz, à vista do que era antes está bem melhor. Quando aqui não tinha água nem Luz, nem nada era uma dificuldade, não tinha uma rua calçada nada, hoje tá bem conservada a cidade está mais ou menos, uma cidadezinha até boa pro tamanho dela, não pode se queixar de atraso não, ela está bem ilustrada mais ou menos, não é? Tiveram aqui outros prefeitos, esse atual eu não fui eleitor dele, fui adversário, mas eu não vou. Tudo que a pessoa fez de bom, tudo que a pessoa é eu não vou escurecer ele, tem trabalhado muito.

A saúde aqui era muito difícil, quando nós chegamos tinha um ambulatório da Junta de Missões, tinha muito remédios, acho que eles doavam remédio pra gente, uma enfermeira que sempre tinha uma missionária que era enfermeira, quando saía uma, chega outra, fornecia algum remédio, mas era muito pouco, não dava de atender o povo todo, aí quando tinha uma doença mais grave tinha que ir pra Pedro Afonso ou pra Araguaína ou Porto Nacional atrás de tratamento por conta da falta de médico, porque aqui não tinha ninguém de médico, aí depois que o Pastor Benjamim que era o marido daquela mulher que saiu daqui agora pouco, chegou pra cá, ele era enfermeiro formado, ele e a mulher, aí melhorou muito, quando adoecia uma pessoa eles faziam a consulta lá no Lar Batista e passava um remédio, podia ir a outro médico que não tinha diferença o remédio deles aprovavam tudo, a receita.

O pastor Benjamim era um farmacêutico muito bom. Eu mesmo uma vez estava quase morrendo sem saber o que era, era só verme me matando eu fiz um exame de fezes com ele, rapaz me deu cinco tipos de vermes, me deu só os mais perigosos, ele disse que esse rio aqui é infestado de um tal de Necapto Americano, você já viu falar nesse tipo de verme? Necapto Americano, Giardíase, Ameba, Obidiolio e Arsp cinco tipos de verme que eu tinha, ele disse que não sabe como era que estava vivo com um tanto de verme daqueles. Ele me indicou um remédio e eu usei, tem muitos anos e fiquei bom nunca mais precisei tomar remédio pra verme.

Antes do pastor Benjamim e sua esposa chegarem à gente ia de animal pra outra cidade atrás de tratamento, lá mesmo na Santa Rita que é distante da cidade três léguas. Minha filha mais velha adoeceu deu uma desidratação que eu pensei mesmo que ia ficar sem ela, aí nós levamos pra Pedro Afonso montados de animal, a mãe dela em um e eu em outro levamos ela no colo, ela tinha dois anos, dois e meio, chegamos lá não tinha médico de jeito nenhum, tinha um farmacêutico muito bom, tratou dela e ela ficou boa. Era a Alderina, ela mora em Goiânia hoje, eu me lembro até o nome do farmacêutico era Custodio Ribeiro. Quando tinha algum mulher entrando em processo de parto, ah rapaz. Tinha umas parteiras velhas por aí, aqui tinha uma senhora de Maria dos Remédios eu não sei por que esse nome, mas é nome próprio mesmo, Maria do Remédio, tem Maria das Graças, tem Maria Aparecida tem tanta Maria que eu não sei aonde o povo arrumaram tantas. Acho que ela era parteira.

E tinham outras por aí, nessas fazendas aí por perto tudo tinha. Lá na fazenda do meu pai, a primeira filha minha, essa que mora em Goiânia, quem pegou ela foi uma parteira. O nome dela era Chiquinha. Ela era de São José dos Matões, no Maranhão. Depois do segundo já foi outra parteira, uma senhora Maria Badu, não sei como era o sobrenome dela, mas chamava Maria Badu. Depois, a terceira foi a senhora Lixandrina. Foram só esses três que nasceram lá na fazenda. Depois viemos pra cá, os outros nasceram aqui. O primeiro foi o Onair. Esse foi uma enfermeira que assistiu com ela, não sei se foi a Neth Moreira. O outro foi o Oziel, esse acho que foi a dona Isaura. E depois foi o Ozenir, foi uma enfermeira que tinha aí da Junta de Missões, que era gaúcha, parece que era gaúcha, foi a Vitoria Suri Krust eu não sei.

Eu, pra mim ela era gaúcha, mas esse sobrenome dela eu estou achando que é estrangeiro. Ela pode ter sido criada lá no Rio Grande do Sul, mas acho que ela era natural de outro país. Depois a última foi a dona Isaura do Lar Batista. A outra mais nova também mora em Goiânia. Quando a mulher tinha um parto complicado, às vezes, mandavam tirar pra Colinas, mas acho que Colinas é mais nova que Itacajá, eu não lembro quando passou a cidade, mas acho que sempre tinha médico, antes de ter médico aqui, acho que em Colinas já tinha médico bom lá. Em Araguaína, Pedro Afonso, Colinas, Porto Nacional, Carolina.

Aconteceu um caso até muito engraçado, porque a mulher teve gêmeas: nasceu um em Goiás e outro no Maranhão. Como é que pode? Nasceu uma aqui em Itacajá, que era Goiás, hoje é Tocantins e aí a outra ficou complicada, aí levaram acho que foi de balsa, pra Carolina. O outro nasceu lá em Carolina, lá já tinha médico bom. Engraçado isso aí. Na minha lembrança, eu não lembro se morreu alguma mulher de parto, dentro desse período de tempo que eu cheguei pra cá, mas com certeza ainda morreu mulher de parto, porque aqui era muito atrasado, não tinha médico. As enfermeiras que tinham eram poucas, era só mesmo a da Junta de Missões. Acredito que pelo menos no sertão, morreu. Às vezes não dava nem tempo de trazer de lá pra cá.

Essas minhas histórias eu tenho contado para os meus filhos. Tudo que passei, meu sofrimento onde eu trabalhava na roça. E eles nunca mexeram com roça. Eu toda vida criei eles aqui, quando chegou à idade deles irem trabalhar na roça, eu já tinha saído, já trabalhava com meu pai. Aí eu contava pra eles: “olhem, meus filhos, eu fui criado assim, assim, assim na roça trabalhando demais, tinha noite que eu ia dormir cansado, morto de cansado. Mas eu não quero criar vocês assim, eu quero que vocês estudem pra ver se vai viver uma vida melhor que a minha. Porque eu sofri demais e ainda estou sofrendo pra criar vocês, mas eu não quero criar vocês desse jeito. Eu queria que vocês se interessassem”. Mas sempre gente errado, rapaz, a gente botava na escola e quando estava terminando o primário, deles que iam passar pro ginásio, que era um ginásio particular da comunidade, que era o Ginásio Progresso de Itacajá. Era pago pela comunidade, cada pai de família que tinha filho lá ia pagando uma porcentagem.

Depois que eles passaram pra estadual. Meus filhos escutavam minhas histórias e ficavam assim pensativos, mas quando dá fé das coisas erradas no mundo, ficam fazendo coisas erradas, casam logo, quer dizer que os meus até que demoraram, porque uma das primeiras filhas, essa que mora em Goiânia, se casou com dezesseis anos. Depois dela quem casou foi o Manoel, que se casou com mais de vinte anos, lá em Brasília. Ele trabalhava lá e aí casou. E o outro está sem mulher. Está morando em Brasília, mas sem mulher. Ele já casou foi três vezes, mas não deu certo. Já tem me dado desgosto porque eu falei com ele que a culpa não é só da mulher não, é dele também, que ele não fez força pra segurar. Porque todo casal tem atrito, não tem esse pra dizer que já casou e nunca teve um “atrito”, eu digo que é mentira. Porque por melhor que seja a pessoa, eles se desentendem uma hora e a gente tem que perdoar.

A gente casa por amor e gente tem que perdoar pra poder viver, senão não vive. Se fosse pra fazer essa viagem todinha de novo, era difícil. Eu poderia ir de caminhão, porque de animal não dava pra ir voltar. Eu ainda voltei uma vez aqui, pra deixar um irmão e uma irmã aqui pra estudar na escola Batista. Era a Nenzinha, mas o nome dela era Maria de Nazaré. E o Valdemir. Em 1952, eu ainda não tinha um ano de casado, quando eu vim trazer eles aqui. Eu mais uma turma de lá que vieram aqui. Era o filho do Nilton, o tio Nonato, o Cleto. O Cleto ainda mora aqui, é meu primo. O Pedro Gomes também que mora aqui, ele tinha ido lá também. E o Antônio, meu primo, que morreu também aqui. Eles foram lá arrumar um negócio e aí nós viemos todos juntos. Essa turma todinha. Era uma população de gente danada que vinha trazer a Nenzinha e o Valdemir pra vim estudar aqui. Passamos não sei quantos dias de lá pra cá. Eram muitos dias que passavam às vezes dez, doze dias pra chegar de lá aqui. É uma base de umas noventa léguas daqui a Mangabeira. Mas hoje sai daqui de manhã cedo, quando dá cedo da tarde está lá, dependendo do carro e da estrada. Mas de animal era devagar demais.

Não. Acho que ninguém se arrependeu de ter feito essa mudança de lá do Maranhão pra cá não, porque lá era um lugar muito difícil de viver. Lá era muito bom pra lavoura, mas pra outras coisas era muito difícil. Também não tinha médico lá na cidade. Eu não lembro nem se lá já era cidade, mas acho que já era. Já tinha escrivão de casamento, mas acho que fazia pouco tempo que tinha virado cidade. E aí foi indo, mas quando nós saímos de lá ainda era muito atrasado. Mas hoje já melhorou bastante lá. Meu pai casou no Loreto, fica uma cidade distante de lá acho que umas dez léguas pra lá. Meu pai casou no dia 10 de julho de 1930. E eu nasci no dia 02 de junho de 1931, ainda não tinha completado um ano que ele tinha casado.

## JOÃO DE SOUZA PINHEIRO

Entrevista em 26/ 02/ 2011

João Pinheiro saiu do Maranhão ainda criança com sua mãe e duas irmãs. Os irmãos já haviam saído à procura de melhores condições e seu pai trabalhava com engenho.



“Nós viemos pra cá caçando apelo pra viver. Era caçando apelo pra viver”.

Eu nasci no Maranhão num lugar por nome Riachão. Nós chegamos pra cá em 1933. Na época em que nós chegamos aqui era Goiás. Eu não lembro mais como é que se chamava a fazenda onde eu nasci. Era. A fazenda lá era nossa. Lá nós plantávamos roça. Plantávamos cana. O meu pai mexia com cana. Eu mesmo no tempo que saí de lá não mexia com nada. Meu pai fazia rapadura, cachaça pra vender. Não. Ele não mexia com outra coisa não, só mexia com cana. Quando ele morreu, eu tinha seis anos, tem muita coisa que eu não me lembro. Eram quatro homens e quatro mulheres. Ninguém quis seguir a profissão do meu pai. Nem homem nem mulher, cada um mexeu com uma coisa. Mudaram só os filhos pra cá. Meu pai já tinha morrido, viemos só nós.

O meu irmão mais velho veio primeiro, depois viemos, minha mãe e duas irmãs. Quando mudamos pra cá, ficamos na região que hoje é Recursolândia. De lá que eu vim pra cá. Mas já conhecida por Itacajá. Não sei o porquê desse nome não. Quando a gente mudou, nós fomos pra Recursolândia. Mas nesse tempo tudo era Goiás. Não tinha Tocantins, não tinha Recursolândia, não tinha nada. Era só fazenda. Eu não sei o significado desse nome Itacajá, mas falam que é porque tem uma cachoeira no rio que chamava “da cajá”. Eram uns crentes que tinha aqui foi quem primeiro situou, situou não, que aqui já era uma fazenda. Por isso é que eles conseguiram esse nome Itacajá.

Nós resolvemos mudar pra cá porque lá no Maranhão o negócio estava meio ruim e os irmãos mais velhos vieram, e aí resolvemos vir também. Estava só eu, minha mãe e duas irmãs, não tinha condição de nada pra viver, mudamos aqui pra onde eles estavam. Não, dificuldade de água, não. Tinha de outras coisas. De água não tinha necessidade não. Pra viver, nós, por exemplo, a dificuldade é que meu pai morreu, eu fiquei pequeno. E só os outros irmãos que já eram grandes já. E tiveram que tomar de conta da família. Só na roça. Trabalhando na roça. Lá no Maranhão era só eu, minha mãe e essas duas irmãs. Eu só tinha dez anos quando nós viemos pra cá. Acostumamos rápido porque no Maranhão também era fraco. Aqui não era nada, só mato e chão. Não tinha outra coisa não. E aí quando eu cheguei pra aqui, eu sei que tinha mesmo era Pedro Afonso.

Essas outras cidadezinhas aqui não existiam não, foram criadas daí pra cá. Aí quando nós mudamos do Maranhão, viemos pra região de lá, mas não era Recursolândia porque não tinha cidade lá não. Só tinha mato. Morei, morei muito tempo lá. De lá nós mudamos pra cá, eu não me lembro, mas parece que foi em 1983 que mudamos pra uma fazenda. Uma fazenda não, um chão. Era só chão e mato. A família ficou lá e eu vim sozinho, os outros foram pra Pedro Afonso, outros ficaram morando lá, então a família se dividiu um pouco.

A viagem do Maranhão pra cá era a cavalo, era a pé. Os animais eram nossos. Eu não me lembro quantos dias durou a viagem. Eu me lembro que eu entrei aqui no Goiás no dia 1º de janeiro de 1933. Eu tinha dez anos. Mas não me lembro quantos dias nós gastamos. Mas quase tudo era a pé, porque não tinha animal pra todos vir montados. Eu não me lembro mais direito como é que foi. Eu não me lembro se tinha animal. Eu me lembro só que tinha uma burra que trazia as cargas. Era a roupinha, era a redinha e alimentação que trazia. Descansávamos, dormíamos, fazíamos comida. Arranchávamos, só em lugares que tinha água. Dormia também. Meio dia descansava e de noite dormia. De manhã cedo pisava de novo. Não, não. Viajava só de dia, de noite não. Se trazíamos água era em cabaça porque não tinha outra coisa não, era só cabaça. Porque não tinha outra mesmo. É aquela que planta em roça. Na mudança, trazia pouca coisa, era só a roupa. Não trazia outra coisa de móvel, não trazia nada, só a rede. Quando foi pra gente mudar, tivemos que vender as coisas. Pra minha mãe foi mais difícil porque ela foi nascida e criada lá, não é? Pra ela foi mais difícil. Os filhos todos eram novos, tinha mais facilidade. Mas pra ela mesma, era mais difícil.

Aqui, quando eu cheguei, já tinha esse povoado aqui. Mais eram poucos moradores. A fazenda era bem ali perto da praça. Ali e aqui tinham umas casas ali e outras aqui, eram poucas. As casas eram de palha, era de todo jeito. Conhecia todo mundo. Aqui tinha poucos moradores. Os que eu conheci mais foram o Antônio Pimentel e o Messias, que já mexiam com política, mexiam pra criar a cidade, pra desenvolver. Também vieram do Maranhão. O povo que tinha aqui quase todo veio do Maranhão. A dificuldade de todo mundo era daí pra pior. Daí pra pior. Quando nós chegamos, aqui não tinha transporte de nada. Pra atravessar esse rio, atravessava de vau. Tem um lugar aí que passava sem nadar. Passava tomando pé.

Atravessava de animal, mas era sem sela. Tinha que tirar a sela pra poder passar. Esses moradores que eu encontrei aqui parecem que não tem mais. Foram embora, morreram. Quase todos morreram. Quando eu cheguei aqui, já tinha essa escola, tinha o Lar Batista. No Lar Batista eles criavam meninos, tinha uma escolinha e tinha umas enfermeiras. Não. Não estudei lá não. Nessa reviravolta toda eu não tive como estudar. Eu paguei um professor quando morava lá na região de Recursolândia, estudei um mês. Particular. Por isso é que eu tenho vivido até hoje. Não. Não. Eu não tive mais tempo de estudar. Quando eu cheguei pra cá, podia até ter estudado, porque já tinha uma escola. Fazia o primário. Mas eu não tinha tempo, tinha que trabalhar pra ajudar a mãe. Tinha outro irmão que nós viemos pra onde estava ele.

Rapaz, quando adoecia gente aqui não tinha pra onde ir. Porque tinha Carolina e Pedro Afonso, são as que eu me lembro. Araguaína não tinha ainda. Guaraí, Colinas, não tinha. Foram criadas todas depois. Não tinha pra onde ir não. Era por aqui mesmo. Aqui tinha só umas enfermeiras. Quando adoecia, era no orfanato que se arrumava algum remedinho e a receita também. Se fosse um caso mais grave era só morrer. Não tinha pra onde ir não. Ou por milagre de Deus. Quando uma mulher ia parir, aí tinha uma parteira, uma mulher que fazia o parto chamava parteira, e ali era os poderes de Deus e essa mulher. Eram. As parteiras eram daqui mesmo. Não, eu não conheço. As que mexeram com os meus meninos, todas já morreram. Não tinha outro jeito. Era só poder de Deus. Às vezes a mulher chegava a morrer de parto. Morriam e eram muitas. Morriam muitas.

Não chegamos a morar na terra dos Krahô não. Já. Eles já andavam por aqui. Era menos, quase eles não vinham. Agora é que estão vindo mais, mas naquele tempo ficavam mesmo era lá na aldeia. Hoje, Ave Maria. Hoje eles estão morando é aqui. Já. Quando eu cheguei para o Goiás, não. Mas quando eu cheguei aqui por Itacajá, já era demarcada a terra deles. Aqui teve um conflito. Uns fazendeiros aqui mataram uns índios dentro das terras deles. Lembro. O motivo dessas briga era porque os índios mexiam muito, matavam gado. A fazenda era por aí, aí eles matavam gado e comiam. Os donos achavam ruim e resolveram matar um pouco. Quando passou, quando eu cheguei pra aqui, eu já nem me lembrava mais de índio. Depois foi que eu fui vendo. Eles moravam mais era no mato. Era muito difícil eles virem aqui na cidade. Aqui, não. Só se for lá na aldeia que eles andam pelados. Antigamente era pelado, pelado. Eu não sei se na aldeia eles andam pelados. Andei. Andei. Mas nunca tive amizade com índio, não. Eu toda vida fui assim desconfiado de índio.

Aqui trabalhava de roça, não tinha coisa pra vender, não. Aqui, a cidade era Carolina. Tinha o motorzinho, descia no rio e trazia os trens. Encomendavam, às vezes eles vinham vender mesmo, o pessoal aproveitava e comprava. O comércio aqui era pouco. Era pouco. Era bem pouco. Depois que foi começando. Conheci, mas já morreu. A família mora aí ainda. No lugar desse vizinho aqui, morava um comerciante, Paulo Teixeira. Hoje estão só os filhos e mulher dele. Nós viemos pra cá caçando apelo pra viver. Era caçando apelo pra viver. Não. Viemos pra morar aqui mesmo no Goiás e quando chegou aqui foi se situando. Quando chegamos pra cá trabalhávamos de roça também. Pra ganhar dinheiro fazia outras “gambiarras”, mas a profissão mesmo era a roça. Depois dessa mudança eu voltei lá onde eu nasci. Demorou pra voltar porque eu vim pequeno, mas depois eu voltei lá. Ainda fui fazer serviço lá na sepultura do meu pai.

Lá ainda estava do mesmo jeito. Porque o nosso comércio era Balsas, nós íamos, comprávamos as coisas lá e trazíamos pra cá. Revendia, usava. E aí depois eu fui vaqueiro numa fazenda por dez anos. Quando eu saí de lá, é que mudei pra abrir um negociozinho, comprar mercadoria em Balsas. Vendia nas cargas assim no sertão, comprava um boi e levava pra Vargem Grande. Fui comerciante também por muito tempo. Foi depois de casado que eu trabalhei de comerciante. Tenho. Ainda tenho vontade de ir lá de novo, mas não tem mais ninguém assim, da família eu sei que ainda tem, mas que eu conheça, acho que não tem mais não. Nem os mais novos, assim mesmo da família, eu não conheço mais. Conteí. Eles assistiram ainda muito essas histórias. É. Não quiseram a profissão, não. Eles foram estudando, já foram evoluindo as coisas. Aí eles estudaram e cada um escolheu uma profissão. Escutam. Quando eu conto isso pra eles escutam. Assistiram mesmo um bocado. Eu ia comprar mercadoria em Balsas e vinha pra cá. Aí comprava um boi e levava pra lá. Fazia a compra lá como faz de ano. E aí esse ano ficava movimentando por aqui, quando arrumava o dinheiro, ia pagar e fazer outra compra. Só pagava um ano depois. Só com um ano. Comprava de

tudo. Comprava e revendia. Foi a profissão que quase todos mexeram. Meus irmãos também mexiam com isso. Eu aprendi com eles. Não. Isso já era aqui. No Maranhão não mexia com nada não. A gente fazia como hoje fazem os caminhões, vem o caminhão de fora, compra fora e traz pra aqui. Aí nós comprávamos lá e trazia pra vender aqui. Essa mudança no município foi muito boa. Ave Maria. Naquele tempo, era difícil demais.

Na época que eu cheguei, não tinha iluminação não. Mas as coisas foram evoluindo e facilitando. Aqui não tinha transporte, não tinha estrada, só cavaleiro. Andava de tropa ou a pé. É muito mais fácil. Hoje se eu quiser ir lá onde eu nasci, pego um carro aqui e vou lá, no mesmo dia chego lá. Hoje se eu tivesse condição, eu não sei se eu faria essa viagem de novo. Não. Não. Não. Nunca me arrependi de ter mudado. Pra mim tirei minha sorte porque as coisas que eu tenho, eu valorizo. E arrumei alguma coisa pra viver. O que eu tenho hoje, eu arrumei foi aqui. Com todo esforço. E minha família hoje, dos mais velhos, só tem eu e um irmão que mora em Gurupi. Meus filhos moram aqui, moram em Palmas, moram em Goiânia, moram em Brasília, estão todos espalhados. Fico realizado nos meus filhos porque Deus me deu uma condição de dar pra eles o que eu não tive. Os que não se formaram, estudaram. Estão todos bem encaminhados, graças a Deus.



## **LUIZ RODRIGUES DA SILVA**

Entrevista em 26/ 01/ 2011

Luiz Rodrigues, um Piauiense que não teve um carinho de mãe, veio para o Goiás fugindo da seca do Nordeste onde quase morreu de fome, desde criança enfrentou as dificuldades da vida sem fraquejar junto com seu pai.



“... oh, rapaz toda vida pobre fui sofredor, mas ainda hoje estamos vivendo devagarzinho”!

Ah! Agora o lugar de nascimento foi no Piauí, o lugar certinho não me lembro porque saí de lá pequeno. Meu pai e minha mãe eu não sei onde nasceram, sei que eu vim pra cá com meu pai e minha mãe eu não conheci!... Isso eu sei porque eu já estava grandinho, nós chegamos aqui em 1952. Meu pai também nunca me contou como que era o lugar onde a gente morava lá no Piauí, naquele tempo a conversa era só pra chamar pra ir pra roça, mas lá eu não trabalhava, já vim trabalhar pra cá no Goiás e nem eu me lembro.

Quando cheguei nos anos 50 chamava-se Porto do Vau, era só umas casinhas lá em baixo, umas vendinhas, coisinhas! Lá de onde nós morávamos traziam pra cá farinha e arroz pra vender. Não, eu não sei por que colocaram esse nome Itacajá, sei que antes era Porto do Vau depois que passou a ser cidade foi que botaram Itacajá. Era Porto do Vau e até a Rádio daqui tem o nome de Porto do Vau, ela foi criada esse ano já, ou foi esse ano que passou!... Nós viemos pra cá porque lá no Piauí era ruim demais, seco demais e a fome em cima eu quase morro de fome lá, eu acho!

Meu pai veio embora, antes veio um tio meu irmão do meu pai pra cá e achou a terra boa, umas vinte léguas pra acolá e aí arrumou e foi lá buscar nós porque naquele tempo não tinha carta num tinha nada, só se fosse lá mesmo pra chamar de boca, era muito difícil, nem se falava em carta assim pra mandar de um lugar pra outro. “Nesse tempo não era bem de sorte” os trens que nós tínhamos vieram de jumento tudo, tudo só num jumento! Comida, roupa, rede, calçado nós não tínhamos era de pé no chão, eu mesmo acho que não tinha não, quando eu conto isso o povo não acredita, mas eu sei mais ou menos! Com uma combuquinha de batata na cabeça que minha avó pegou pra plantar quando chegasse aqui, êh, eu trouxe! Por isso que a cabeça minha é chata, eu não sei o resultado daquelas batatas, nunca soube! Mas eu as trouxe até aqui as batatas!... Eu acho que passava era o ano todinho quase sem chover, lá uma vez que dava uma chuvinha, mas lá diz que com três chuvas se pegava legumes, milho, mandioca, essas coisas assim. A fome era demais, a seca maltratava demais!... Meu pai tinha um magote de filhos, aí veio dois pra cá e os outros ficaram tudo lá, veio eu e outro que era o mais velho, mais velho não, mais novo do que o mais velho. O mais velho ficou lá, lá ficou três e nunca mais eu vi nenhum, acabou as notícias e esse que veio mais nós foi embora pra Porto Nacional e lá ele morreu, ele era tocador de Cavaquinho e cantador também e as mulheres gostavam, dizem o povo. Ele aprendeu sozinho mesmo, o meu pai não tocava nada não, só animal, mas música e tocar de jeito nenhum.

Não, eu acostumei foi ligeiro, que menino estando comendo já está acostumado, nós morávamos vinte léguas pra culá depois que nós viemos pra cá, aí fui trabalhando aqui, passei pra li pro engenho ali em cima do Chico Fernandes, aí fui trabalhando lá moendo cana e carregando em jumento e moendo, salgava cana, carregava, enchia dois cocho de garapa pra fazer cachaça e moía pra fazer rapadura, “a pegada lá era dura”! ... Fazia cachaça e eu bebia muito! A velha dona de lá era minha madrinha de fogueira, aí eu ia lá, minha madrinha me dava uma goladinha, ela enchia uma cuia e me dava, bebi muito, muito mesmo! ... A rapadura ela fazia, eu só fazia moer. Faz muito tempo que parei, eu era frangote quando eu comecei trabalhando aí.

Rapaz a vigem do Piauí pra cá eu não sei contar não, isso aí eu não sei contar mesmo porque eu só lembro uma vez que aconteceu que eu não sei se tinha de comer ou não tínhamos, nós arranchamos de tardinha e meu pai pegou o machado subiu abeirando uma vereda e eu aqui por trás dele mais na frente ele bateu num toco de buriti o trem rosnou lá dentro, era arara nova, a velha voou e ficaram as novas dentro, ele meteu o machado e derrubou o tronco de buriti e tirou as três araras uma pelada, outra começando sair os canos e a outra estava assim meio verdeada, amarelada pegou e botou dentro do saquinho minha avó tratou botou no fogo e fez o frito e nós comemos, ararinha miudinha a mais velha que estava começando a encanar, já quase encanadinha, mas num tinha nenhuma folhinha de asa só os canos mesmo, e aí olha, eu acho que era porque não tinha nada, eu que penso!

Fez um frito pra nós comermos no outro dia porque foi de tardinha então não deu mais conta de comer de noite não, eu num sei se nós tínhamos nem comida eu não lembro, sei que a ararinha nós comemos frita no outro dia e nos outros dias não sei o que era que comia não. Passamos uns dias na casa de um velho que morava aí no pé da serra nos gerais e aí acho que meu pai arrumou uma coisa por lá e nós viemos embora.

Nós vínhamos era a pé devagarzinho, vinham duas mulheres montadas de cavalo de lá pra cá, uma já morreu aqui mesmo, deve ter algum vivo que eu não sei do povo que veio mais nós. É uma coisa danada mesmo a gente nasce em um lugar e vai morrer em outro muito longe isso é a vida, você sabe que nasce em um lugar, mas não sabe onde vai morrer meus irmãos que ficou pra não os vejo

desde que sai de lá e nem notícia. Teve um que matou um homem lá e prenderam-no e acho que não soltaram mais nunca porque nunca deram mais sinal de vida pra cá ou pra qualquer lugar. Eu vi falar que tinha um largado, o mais velho do que eu estava largado por aí nesses matos por aí, mas nunca o achei, ainda botei um anúncio na Rádio, minha menina fez uma carta procurando por ele e ainda veio essa notícia pouquinho que ele estava por aí assim rodando nesse mato, mas nunca apareceu, ele é mais velho do que eu e aí sabia só essas notícias variadas.

O tempo que demorou na viagem eu não lembro não, mas passamos foi muitos dias que era tudo de pé devagar aqui açula parava pra arrumar de comer pra comer porque dinheiro não tinha. Estou dizendo que o junto era só um e era eu meu pai a mulher dele e um irmão e uma irmã de criação, era cinco pessoas e os nossos trens vieram tudo numa carga no jumento, com de comer, com rede com tudo, roupa parece que só tinha que estava vestido, coberta se tinha eu não sei! ... Arranchava mesmo era longe de casa no mato mesmo, mas assim meio perto, acho que era com vergonha de mostrar a bagagem que não tinha mesmo e se ficasse lá o povo não sabia se tinha alguma coisa, eu que penso, não sei o que era não.

Quando chegamos pra cá aqui só tinha uma “bolinha” de casa ali de junto daquela torre pra li, isso aqui tudo era mato, aqui pra cima olha tudo era mato, carrasco de piaçaba, bem aqui mesmo onde eu fiz essa casa era um moita de piaçaba, mas aí já era rua maior, já tinha rua daí assim pra lá. Uma moita de piaçaba, uma grotta, aqui tinha uma grotta funda aqui ela descia aqui e saía mais lá embaixo, esse rego de grotta aí ele atravessava a rua lá embaixo e entrava no rio lá pra baixo, subia até piaba aí, eu cansei de vê piaba subindo naquela rua ali quando enchia porque naquele tempo chovia muito as piabinhas subia e descia, lá embaixo tinha uns poços grandes lá dentro dos pastos que juntava era muita piaba, cará, pois era desse jeito! ... Aqui pra cima era tudo mato, pra cá pra cima não tinha nada era tudo mato quando eu cheguei pra cá, e nos lugares melhores era onde o pessoal botava roça, o povo era tão besta que eu mesmo era uma e meu pai, mas eu mesmo era pequeno tinha era muito mato por aí e o povo não tiraram um pedaço pra tomar de conta pra trabalhar, aí o povo foi tomando de conta, os povos mais ricos até aqui fazendo essa cidade, agora está maior tem casa ali pra cima, mas ali mesmo era só uma bolinha de casa ali no centro lá embaixo, no plano aí tinha um povoadinho e tinha venda, não tinha prefeito, não tinha nada! Eu num sei nem como foi que fizeram um prefeito aqui, mas não tinha votação não, aí ajuntaram aquele magote e botaram um de prefeito, mas eu não sei nem como!... Aí depois com muitos anos foi que teve a eleição, aí que foi aumentando a coisa até no ponto que está agora.

Não, a gente não pescava não, essa lagoa era só a água escorrendo aqui, descia uma grotta bem ali e ela entrava bem ali assim aquele rego d'água e descia naquela rua que desce ali, de lá ela entrava assim de novo pra acolá aquele carreirinho de água, lá embaixo era que já tinha umas grotas maiores e nas quintas era que tinha uns peixinhos naqueles poços, pocinhos de águas limpinhas e a gente enxergávamos as piabinhas lá, aí entrava no rio que foi por onde fizeram o esgoto daqui dessa rua toda está o esgoto por onde era essa dita grotta, passaram aqui e aqui pegaram o canal da grotta daquele rego, aí atravessou acolá onde o canal é maior, aí depois que encanaram essas outras... Pescava não, eu não sabia nem pescar e nem aprendi, quando eu vim pescar eu já estava casado e não aprendi muito bem não, mas sempre ia, aqui acolá eu pescava e era longe onde eu ia pescar, tinha um pé de Gameleira, nesse tempo eu morava lá fora e ia pescar uma distância de uma légua, lá tinha muita gameleira e umas bateadeiras e eu jogava a linha e ela descia com o olho da gameleira e a pacu puxava e eu segurava com a linha 0,50 naquele tempo hoje em dia se botar uma linha 0,50 não pega nem traíra, o peixe está sabido, o peixe está sabido demais.

Eu pesquei muito nesse rio, mas lá pra cima que eu morava pra lá, parece que depois que eu vim pra cá eu não pesquei mais, parece que não! ... As casas aqui eram de palha. Aí depois fizeram umas olarias aí, aí fizeram umas telhasdaqueelas comuns mesmo, o povo fazia assava e vendia baratinho e depois foram fazendo as casinhas de telha, aí foi melhorando e só depois colocaram uma cerâmica aí e então faziam telhas melhores. As casas eram de palhas, parede de adobe, aí eu acho que ainda tem não tenho certeza não, mas parece que ainda tem uma casa de adobe, uma casa velha, antiga que era do Paulo Teixeira, naquele tempo fazia adobe bem pra li assim, mas o barro era bom fazia casa só tampada de adobe, telha e tijolo ninguém sabia nem o que era depois que foram aprendendo eu não sei nem como, eu vi fazendo tijolos aqui mesmo faziam a grade de dois tijolos depois passou pra três tijolos, daí passaram grade até de cinco tijolos, grade grande, aí o cabra enchia de barro emborcava lá saia o tijolo perfeitinho, aí fazia a forno e assava.

Acho que por isso minha visão está pior por conta da quentura mais danada do mundo nos fornos que eu era quem botava fogo pra assar os tijolos e telhas e depois saia pro frio que naquele tempo fazia muito frio e aí vai pegando a mal ruim, eu peguei muita chuva suado, trabalhei muito no caminhão mais o Simão, caminhão não pegava as estradas velhas ruins, às vezes ele tinha que descer pra botar pinguela pro caminhão sair naqueles lugares lisos e atolava, teve dias de me dar febre, febre mesmo chega tremia e empolava as pernas, uma cocêira nas pernas e nos braços tudo, dava espinhada que parecia um bicho mordendo e coçava ficava todo empolado, era ruim demais, mas tirei fora graças a Deus! Eu trabalhei muito em serviço pesado!

Pra assar esse barro botavam era duas carradas de madeira pra assar dez milheiros pegava fogo demais pra assar dez milheiros, aí fizeram uma olaria pra li a gente botava duas carradas de lenha às vezes assava vinte milheiro vinte e cinco milheiros, mas desse barro aqui só assava dez milheiro e num assava bem, bem não os tijolos, o barro aqui era fundo demais o barro de louça e lá era barro de louça, mas é barro mesmo e aqui é toá e lá era barro mesmo e esse demora mai pra assar que é desse que trabalham aí nessa cerâmica. Aí eles fazem tijolo e por forno é vinte e cinco milheiros parece, mas passam cinco dias pra assar parece que é, mas eu nunca trabalhei aí não. As olarias que eram da época que eu trabalhava acabaram aqui mesmo não tem mais não, tem as olarias velhas lá os poços secaram está pra lá, mas está largado ninguém mexeu mais não e agora com essa cerâmica aí, coisa manual é ruim pro cabra amassar barro com a enxada, com os pés, tinha cabra que amassava mais de um milheiro com a enxada e com os pés, eu também fiz muito esse serviço e tinha cara também que cortava um milheiro de tijolo por dia na grade, grade de quatro tijolos ou cinco mesmo, batia era ligeiro, carregava lá pro terreiro e vinha de lá pra cá pra onde se massava o barro, quando era cinco horas estava com milheiro cortado.

Eu nunca prestei pra cortar não, cortava mais não era bom não, era fraco. Trabalhava de foice, de machado, de enxada, aí eu era duro, trabalhava de gongo do jeito aqui que estou aqui agora com o pé no chão, cobra tinha era medo saia era correndo, graças a Deus nunca naquele tempo cobra nunca me mordeu, veio me morder depois que estou velho, não está com cinco anos me deixa vê, não uma está com muitos anos que me mordeu eu não lembro. Quando da fé outra me mordeu foi o ano passado, uma me mordeu quase me desgraça, quase arruína a minha perna e eu não vi não, isso aqui é uma ferida só daqui até bem aqui. Aproximadamente uns dez centímetros da altura de mordida, e ela mordeu bem aqui e eu estava calçado em uma bota de borracha, mas era uma borracha meio mole então ela furou aqui eu estava fazendo uma cerca quando eu senti o espinho furando dentro da bota, eu acho que estava pisado em riba nela porquê tinha umas tabocas aqui e aquilo foi doendo, foi doendo aí eu disse: que diabos que esse espinho está danado doendo!

Aí eu tirei a perna do lugar, aí eu senti quando soltou que parece tinha ferido só o couro, aí eu senti medo de cobra, mas eu olhei e não vi puxei as tabocas assim e não vi, acho com que soltar ela fugiu, aí ficou só mesmo aquele arranhadinho, furou mesmo só o couro não saiu nem sangue não, aí de tardinha eu vim embora pra casa sem dor, acabou a dor daquele negócio não senti mais dores e me banhei e me deitei, quando eu levantei de noite essa mordida de cobra estava dolorido, dolorido mesmo que parece que... E aí foi criando aquele negócio aqui e o povo dizia que era um furúnculo que tinha saído ali, aí eu comecei botando o inhame que dá na rama que puxa o veneno e com o povo dizia que era furúnculo eu larguei de mão, aí esse trem subiu ligeiro, furou aqui daqui ele furou aqui e aí ele subiu na perna, isso doía de noite parecia pimenta e começou a sair pus, aí eu fui lá ao médico e ele falou: “foi cobra que mordeu aí, você não viu não”? Eu digo “não, não vi não e nem senti doendo”!

A primeira que me mordeu foi cascavel, essa eu vi da mesma grossura daquele pneu de bicicleta ali, quando dei fé ela ia armando bote pra me morder outra vez, ela ia me morder duas vezes, ela me mordeu, mas eu não senti dor também não, aí arredei assim por longe, dei uma ida e amarrei um cipó de miroró na perna e tirei um bastão e vim embora caxingando da perna, quando acabou aquela língua olha também não senti mais nada e vim embora, mas quando eu cheguei em casa o pé estava inchado, aí foi arruinando, arruinando o pé inchando, aí quando foi mais ou menos uma hora da madrugada, aí começou empanzinando, aí veio uma dor ruim nos meus dedos que parece que ia era rachar de dentro pra fora, aí os meninos vieram aqui comprar uma injeção de soro e já tinha comprado um contra veneno e eu já tinha tomado o vidro quase todo e não tinha dado conta do veneno, então levaram duas injeção de soro e me aplicaram e sempre graças a Deus parou aquele tormento e aí foi a dor que eu senti foi só aquela, mas dor lá no buraco não, e aquela foi só uma presa que furou, mas entrou bem mesmo que eu senti que parece que ia ultrapassar o pé e subiu assim, êh, cobra perigosa!

Ainda abriu a ferida escorrendo aquela água amarela, aí eu botei do inhame na rama, aí foi sarando, sarando até que sarou! ... Esse inhame é bom pra puxar o veneno, foi que tratou de mim direito, porque eu tomei o contra veneno e o soro próprio pra mordida de cobra e mesmo assim abriu ferida e aumentava ligeiro parece que anoitecia que cabia um dedo assim dentro no outro dia cabia dois escorrendo aquela água e comendo com se fosse potassa, aí eu fui botando, botando até o dia que sarou, ia era arrodando, pregando o inhame assim. Eu tinha tomado injeção também, mas não deu jeito não agora com o inhame, aí sarou foi indo e pregando o inhame assim em arredor e a água foi diminuindo, diminuindo até que secou, aí sarou! Foram duas cobras feias, essa derradeira eu não vi não, mas a ferida foi feia mesmo, gorda que eu mostrava assim pro povo olhar, mas eles não tinham coragem de olhar não, feriu até aqui, descobriu o osso até aqui (abaixo do joelho), por onde está esse lugar mais preto aqui era a ferida, agora aqui ela diminuía, aqui eram uns buracos que tinha aqui, eu espremia aqui ela entrava aqui e ia sair bem aqui no lugar que ela mordeu aquele pus, parece que a ruindade estava era bem aqui em cima aquele tumor, aí o médico falou: “olha seu nós vamos ter que cortar essa perna, esse trem está ruim”!

Não sarava não, não acabava o pus não, eu espremia, mas no outro dia estava do mesmo jeito, aí eu disse: “mais o senhor vai aplicar a anestesia”? E ele disse: “vou”! “então está bom”! aí me chamaram lá no dia e eu com um pouco de medo, mas aí as mulheres mandaram eu deitar e tomaram a frente uma de um lado e a outra do outro, aí eu vir ele com a agulha, o aparelho foi bem em cima do (murundu) tumor que já estava dolorido, êh, dor danada! Aí a enfermeira falou: a anestesia não pegou não, mas ele não me falou, aí eles pegaram e seguraram lá na perna, aí eu senti, aí doeu bom mesmo e ele cortou bem aqui assim, aí o pé aqui não premendo não, mas lá tremia que

sacudia de dor, dor mesmo, aí ele cortou e espremeu. Eu estava fazendo um aceiro na beira da cerca de arame na roça porque tinha plantado um capim e tava fazendo o aceiro por causa do fogo, uns montes de taboca e eu puxando aqui pra trás, estava desse jeito nublado e eu trabalhando, a vista velha meio ruim, mas dava pra trabalhar, hoje eu fico sem trabalha, mas se não fosse à vista eu trabalhava bom mesmo, não era muito bom não, mas pra roçar de foice, capinar de enxada eu fazia, mas a vista é ruim por intermédio de diabo de cobra.

Hum, há meu Deus! Luz aqui só de vela de cera que alumiava, tirava a abelha e tirava a cera e fazia aqueles pavios e melava na cera derretida e embolava ela assim e botava pra alumiá. Depois com muitos anos veio a querosene, aí tinha os ferreiros aí a gente comprava a lamparina e ascendia com querosene, vinha umas latas com dez litros e outros de cinco litros, aqueles povos mais fracos comprava a latas de cinco litros e ia alumiando até o dia que acabava. Fogão não tinha, fazia fogão era nas trempes, ia caçar pedra lá longe pra fazer as trempes pra botar as panelas em cima e o fogo em baixo e só depois fomos aprender a fazer o fogão em cima de giral onde botava barro em cima e depois botava as trempes, aí depois vai indo, vai indo fizeram o fogão, levantava as paredes de adobe, aí fazia o fogão ali em cima com as paredinhas e os buracos de botar as panelas e metia o fogo por trás, há aí esse povo ficaram tudo rico! Pagavam pra fazer fogão, quem tinha um fogão bom na casa era quase rico mesmo, mas gente pobre cozinhava era nas trempes mesmo, oh, rapaz toda vida pobre foi sofredor, mas ainda hoje estamos vivendo devagarzinho.

Antes de virmos pra cá nós morávamos lá nas terras dos índios, quando nós viemos do Piauí fomos morar foi nas terras dos índios, dentro mesmo. Eh rapaz naquele tempo se eu fosse grande! Caça tinha muito, caça tinha muito, paca tinha muito, anta, veado, tatu naquele tempo corria demais, lá onde nós morávamos tinha uma serra como daqui naquela serra lá (olhando na direção do Alto Lindo), nós morávamos na beira do mato e aí quando chovia muito a gente sai com os cachorros e matava dois, três tatus naqueles “murundu” porque estava correndo água na terra toda, aí os tatus não tinham pra onde ir subiam naqueles cupins e ficava ali, aí nós matávamos, oh lugar bom!...

Passamos foi muito tempo morando lá, aí de vez em quando os índios ou os empregados dos índios falavam é pra sair, é pra sair, sai não sai, sai não sai e nós ficando, aí depois nós viemos embora pro Tabuleiro de Dentro, Tabuleiro de Dentro não veio de lá pra cá pra Itacajá. Eu nem sei como foi não que a gente foi morar lá, mas é porque já tinha uns moradores velhos morando lá, aí chamaram: não podem morar aqui as terras era dos índios, mas não tinha nada não! Há terreno bom menino pra roça, meu pai botava roça de quatro tarefas, ele sozinho plantava porque não tinha mato, mato e bacaba que daqui acolá saia um novo, bananeira também, bananeira braba, plantava arroz, mandioca, fava, feijão. Feijão se plantasse só um pouquinho veado comia todinho, mateiro era só mateiro mesmo. Oh rapaz lanterna não tinha camarada esperava veado era em cima de pau em noite de lua cheia o veado entrava o cabra com a vista boa enrolava um algodão na ponta da espingarda quando o veado estava comendo de baixo até a hora que enxergava ele na claridade da lua, aí atirava nele, a espingarda velha boa ele sai rolando morria logo.

Plantar roça de quatro tarefas plantava era de enxada cavando as covas e outros e as mulheres semeando o arroz dentro e outros tapando com os pés, nem uma idéia assim pra facilitar ninguém não tinha não, matraca não tinha ninguém conhecia, depois inventaram uma forquilha, toravam um pau grande de forquilha e amarrava uma travessa aqui por baixo, aí empurrava assim e tampava as covas que chamava Porca e outros chamavam de Arado, aí ia tampando, aí era ligeiro, mas nós tampávamos era com os pés chega os pés ficavam tudo ferido de meter nos tocos, espinhos, os pés

velhos davam dois dedos de grossura o solado dos pés, eu andava era com os pés no chão, pedra tinha muita, areia quente. Eu conto essas coisas tem gente que não acredita não, mas aconteceu e eu conto do jeito que acontecia, gogozinho de algodão, andava pelo mato sem camisa era assim. Mosquito picava aquele mosquitinho que dava em galinha, eu ficava empolado nas costas, pela barriga e nos olhos.

Não quando eles demarcaram, mas nós ainda ficamos lá até a derradeira vez que foi demarcada, demarcada assim que foi feita a revisão por onde era mesmo eu fui ajudar o agrimensor que ele me chamou, aí nós fomos. Eu morava era aqui deixa vê, não morava era ali fora, aí desci mais ele beirando o rio, as grotas aonde era a divisa, quase não fazia pinicada, era assim um varredão e botava um ponto aqui outro lá mais na frente, outro lá, tinha uma cabeceira de coisa assim, aí nós pulávamos e botávamos um ponto lá do outro lado, botava um ponto aqui e outro lá com uma distância com daqui lá no Alto Lindo, era mais de mil metros de um ponto para o outro dependia da largura do mato, aqui tinha uma ladeira assim e subia lá botava um ponto aqui nesse alto e outro lá no Alto Lindo e aí por esse meio aí não fazia pinicada não. Não, não teve indenização nenhuma não, foi só largar lá e vir embora pronto, acabou.

A roça nós já tínhamos colhido tudo. Nós passamos pra cá foi em cinqüenta e dois de lá dos índios pra cá, eu mais meu pai e a mulher dele que não era minha mãe, minha mãe morreu no Piauí e eu não me lembro dela. Aí quando nós saímos das terras dos índios pra cá aqui tinha pouquinha gente, o povo morava era pra fora mesmo, do outro lado do rio, pra cá distante uma légua, aqui era uma cidadezinha, cidade não um povoado pequeno com poucas casinhas, tinha umas duas vendas só, tinha lá no Zé Rocha, no Pimentel e no Manoel Rodrigues três lojas só que tinha aqui dos fazendeiros que o Zé Rocha tinha fazenda pra acolá Chuveiro, o Pimentel tinha outra no lugar por nome Lagoa o Manoel Rodrigues tinha outra pra onde meu Deus, era aqui os fazendeiros que moravam aí pra fora botavam a venda aqui pra vender pro povo do sertão.

Esses moradores que aqui já tinha também vieram de outros lugares também, aí depois que cheguei passei a conhecer os poucos moradores daqui, nesse tempo faziam uma canoinha pra passar ali dos índios pra cá, outra pra li pro outro lado, o povo vinha pra cá naquelas canoinhas pra comprar os trens, mas pagavam pra atravessar, pra vir e voltar pagava 0,50 centavos, deixa vê, naquele tempo não era centavos não era, eu nem lembro qual que era o dinheiro de primeiro, era uns 500 Reis, um Tostão, dois Tostão pra pagar a passagem, era assim! Naquele tempo não tinha Cruzeiro e nem Real, aí pagava pra vim pra cá pra fazer a compra e pra voltar pra lá. Eu paguei pouco porque eu passei pra cá, aí me entrosei com os meninos aprendendo a remar, aí passava pra lá e pra cá eles quase não me cobrava nada e aí mudamos pra cá mesmo então só ficava aqui mesmo dificilmente ia ao outro lado, agora os de lá pagavam porque tinha que vir compra alguma coisa, ou vender farinha, arroz pilado que pisavam no pilão e vinham vender aqui.

Eu nem sei quem foi que arrumou pra meu pai vim morar aqui, mas parece que foi um velho que morava pra ali assim que deu uma casinha pra família ir morando, mas eu nem sei quem que deu, mas era dado mesmo que o povo chegava e entrava aí o outro chamava aquele conhecido, pode vim morar aqui ninguém não atrapalha não e aí iam botando uma rocinha até o dia de hoje que. Lá no Piauí eu não lembro se meu pai tinha roça, mas aqui ele trabalhava mais era de roça, ele botava roça e eu já brocava de facão porque nem foice eu tinha e ele sempre recomendando, olha o facão no pé, cuidado! Roçava com as duas mãos, um Colim de cinco cravos no talo, facão bom, roçando mais ele eu não o largava de jeito nenhum, pra todo lugar que ia eu ia atrás, fazia coivara pra fazer cinza pra fazer decoada pra fazer o sabão pra lavar roupa.

Eu fazia uma montoeira de pau aí muito grande, “açoita cavalo” pra fazer aquela coivara grande quando queimava ajuntava aquela cinza fazia um estiladeira enchia daquela cinza, molhava e fazia um buraquinho e enchia de água e ela ia pingando lá embaixo que era feito um funil e em cima era largo, aí ficava pingando até sair à água toda, aí botava no fogo e botava sebo ou pequi dentro, sebo não porque não tinha, rapava o pequi e botava dentro pra fazer o sabão e o sabão era muito bom, se a decoada fosse boa porque era mesmo que potassa, aí lavava roupa, banhava sabonete ninguém sabia nem se existia e se não tivesse o sabão de decoada banhava só com a água mesmo. Esse sabão era a mulher do meu pai que fazia, mas eu mesmo não aprendi não, era trabalho menino pra fazer um sabão, às vezes passava dois dias pra fazer uma coivara grande, cortava as toras de paus que dessedecarregaresenãodessedecarregarerolandomesmoatêchegaraolugar da coivara se o pau fosse longe de um para o outro se não fosse dava pra fazer tudo ali.

Além da roça nós não tínhamos outro jeito de ganharmos dinheiro não, ganhei dinheiro mesmo quando fui trabalhar com o Antônio Fernandes pra moer cana, mas sempre trabalhava lá algum tempo, naquele tempo pra se ganhar dinheiro era preciso ficar caçando serviço pra aqui, pra acolá, a minha sorte é que quando eu vim do Piauí pra cá eu já sabia moer cana, do Piauí não ali do Tabuleiro onde nós morávamos nas terras dos índios eu aprendi a moer cana no engenho, aí quando eu cheguei aqui eu já sabia, aí fui pegar de trabalhar aí cinco meses de moenda ganhando 500 Cruzeiros daí se tira que o dinheiro era fraco porque estão custando 0,50 Centavos hoje aqueles 500 Cruzeiros, 0,50 Centavos hoje que eu fazia no primeiro ano eu fiz por 500 Cruzeiros que é metade de Um Real hoje, eu não sei historiar isso não! Tinha 500 Reis que era metade de Mil Cruzeiros, chamava se 500 Reis e tinha outro, mas eu esqueci não lembro mais não.

Nunca mais eu voltei no Piauí, só aqui mesmo, aí depois meu pai morreu, mas quando meu pai morreu, eu já estava casado e fiquei só com minha velha. Nem eu e nem ele não fomos mais ao Piauí, também não tenho mais vontade de ir lá, já acabou aquela vontade se eu voltasse lá não sabia nem procurar nada porque eu sair de lá pequeno não me lembro de nada lá... Essas minhas histórias de mudança do Piauí pra cá, que eu já morei nas terras dos índios eu nunca contei para meus filhos não, só mesmo as dificuldades que eu contava pra eles que eu sofria pra lá andando com o pé no chão por cima do mato, em cima de morro, na areia quente isso aí eu contava pra eles de quando eu morava lá fora, calçado não tinha de jeito nenhum era pé no chão mesmo. Meu pai mais um velho que tinha uns cachorros bons de caça foram caçar e mataram umas antas e o velho pegava aqueles couros de anta a botava pra curtir e fazia as precatas velhas com o couro da anta, mas não subia ladeira que tivesse folha não porque ficava lisinho parece que tinha gordura, precata velha feia, seca, dura num vale merda.

No verão eu cansei de experimentar pra vê se subia, descia pra baixo e “pipocava” na carreira até no meio da ladeira, mas quando chegava lá no meio da ladeira ficava só deslizando e voltava de novo, aí era obrigado tira as precata do pé pra subir se não, não subia porque alisava mesmo e dura, a bicha ficava reta elisinha no couro da anta dava mais de um dedo de gordura, passava a semana todinha de molho pra amolecer, pra amolecer não pra melhorar pra cortar o couro pra fazer a precata. Era a precata que eu usava e era lá uma vez quando eu ia pra mato, mas não usava aquilo muito não porque pra anda nos lugares que tinha costaneira e tinha folha não subia não era preciso tirar pra subir, é era ruim! Aí fui crescendo, foi indo, foi indo, aí eu comprei um sapato que o solado era até de couro de vaca, eu usava sapato o povo usava tudo, quando ia pra uma festa arregaçava a calça ou levava a calça e ia vestido num gongo ou arregaçava a calça até aqui em cima que a boca da



calça era larga, aí calçava, mas quando saía da festa pegava o sapato amarava os cadarços e levava na mão pra não estragar. Tinha que economizar, não queria meter o sapato nos pés e viajar no meio do orvalho não, uma hora botava no ombro outra hora botava na mão e levava pra casa limpava, ele ia sair dali quando fosse pra ir pra outra festa de novo, pois a “vida velha era boa, mas era ruim”! Mas o povo não estragava igual hoje que se compra um calçado quando está ficando velho joga no mato e já compra é outro mais novo, roupa de mesmo jeito, roupa a gente usava até quando estava mostrando as coisas de novo, aí remendava, remendava aqui acolá fazia um buraco já estava mostrando as coisas de novo, aí jogava no mato, a condição era pouca, era fraco, ninguém dava roupa pra ninguém porque ninguém tinha roupa pra dar.

Mulher quando estava buchuda (prenhe) sai nas casas daquelas pessoas mais ricas pedindo pano pra enrolar os meninos quando nascia hoje em dia a mulher está buchuda fazem uma bolsa não sei do que lá, quando da fé que vai ganhar o menino já tem a roupa todinha que não acaba nem com um ano, mas naquele tempo era diferente, saía procurando, caçando paninho, mulher dava uma saia aqueles povos mais rico uma coberta velha, saía com aqueles paninhos, aquilo passava o tempo! ... Saúde aqui não tinha não, saúde aqui só mandada por Deus.

Alguma vez vinha pra vender aí porque aqui não tinha farmácia... O Lar Batista já tinha era lá, mas era coisa fraquinha não tinha farmácia o remédio vinha de fora, parece que Deus ajudava que o povo nem adoecia... Quando a mulher ia ganhar menino não saía não era aqui mesmo, tinha as parteiras aí, as parteiras eram os médicos pra elas, quando a mulher estava com dores de noite ia chamar, eumesmofuibuscarumadenoite,hámedoqueeutinhadeandardenoite,eupedia a Deus pra minha não ganhar menino de noite só porque eu tinha medo de andar de noite, eu tinha medo de noite eu andava era de xote pulando daqui pra culá com medo, éh meu Deus! Aí chamava a parteira, a parteira vinha e pegava o menino rezava que tinha delas que sabia de reza pra ajeitar o menino, não tinha mais ninguém a não serem as parteiras pra pegar os meninos não tinha mais ninguém pra pegar não. Quando o parto era complicado elas davam um jeito, arrumava o menino até a mulher ter o menino. Nesse tempo se morreu foi poucas mulheres, agora depois que chegou médico de vez em quando vai uma, eu acho que agora morre mais, porque as parteiras acabaram aí fica só o médico mesmo e a enfermeira, ninguém fala mais em parteira! Pode ainda ter aí pra fora. Não tem parteira mais não, agora tem carro aí pra todo lugar, qualquer coisa que acontece já trás pro hospital, mas ainda acontece de morrer!

A cidade melhorou foi muito porque no outro tempo não tinha nada não, melhorou muito, não está bom, mas também não está como era de primeiro. Esse movimento todo aí está bom, carro de som fazendo propaganda aí, mas no dia que eu estou danado passa um aí tocando eu saio ali de dentro ciscando chega soa dançando sozinho. Eu danço mais moço, sozinho é de vez em quando, fazendo caminhada porque eu tenho pressão alta, fico fazendo caminhada aí dentro de casa ligo o som e largo o cacete dançando chega mela a roupa. Quando eu era novo eu não ia à festa, eu tinha era medo de mulher, ainda hoje eu tenho, mas já melhorou um pouco. Aqui tinha algum tocador velho que se fosse tocar hoje o povo não dançava não porque as músicas ficaram tudo diferente daquele tempo, aqui tinha o Bolinha que disse que era o tocador bom, o Bolinha aqui e tinha o senhor de Pedro Lindo pra acolá ruim, mas era bom tinha o Antônio do Clementino em uma fazenda pra acolá, não sei pra onde, eram longe três léguas, quatro léguas pra ai buscar um tocador pra tocar uma festinha, mas também começava seis horas, sete horas da noite, quando era tarde era sete da noite, quando ele arrochava o cacete ele ia até no outro dia com sol alto tinha vez, mas depende do companheiro se tivesse uma condiçãozinha, às vezes dava bem na festa ia até o sol alto,

tinha cabra que ia até meio dia tocando a festa e tinha delas que não dava nem uma encrenca, o cara bebia aí, pintava e rolava não tinha nada, mas hoje em dia é difícil ter uma festa pra não ter um morto no outro dia, dois às vezes, ficou pior sobre isso aí.

O cara passa o dia fumando maconha aí quando é de noite dana bebendo cachaça aí junta uma coisa com a outra quando da fé tá matando os outros, é muito perigoso! ... O Messias do Zé Luiz já tocou de certos tempos pra cá, depois de muitos tempos ele aprendeu a tocar e ele tocava até bom, o Messias, o Simão da Maria do Remédio, o Messias tocava até o João irmão dele tocava depois o Messias adoeceu da coluna aí parou de tocar. Há na hora que se tava na festa que o Messias pegava na sanfona ave Maria as mulheres gritavam tudo: “êh, o Messias chegou”! Aí arrojava o Messias e o Simão, aí Bolinha ficou pra trás. O Bulinha, o Pedro Lima que tocava também. Mas o Messias e o Simão eram os melhores que tinham aqui. Eles eram mais novos, mas eram os melhores que tinham aqui pra tocar. Tocava bem. Negro velho preto, Simão, mas tocava bem.

Aí foi embora pra Araguaína e está pra lá, não sei nem se ele ainda é vivo. O Messias também largou, é fazendeiro, não toca sanfona mais não. Acho que ele nem tem mais, acho que não. Nunca procurei não, pra saber se ele ainda tem algum. Tem não, que eu nunca vi falando. Mas tinha uma ronca boa que o pai dele comprou naquele tempo pra ele. E ele aprendeu ligeiro! Ah! O Valdo do Pimentel também tocou ainda. Ele até tocou mais nós num barzinho que tinha ali, uma vez, de um genro do Chico Fernando. Eu não me lembro quanto, rapaz. Parece que quase não gastaram nessa festa, mas graças a Deus parece que deu cinco cruzeiros, na época. Não me lembro bem não, mas parece que eram cinco cruzeiros. De dez horas da noite até de manhã.

Não, esse engenho acabou faz muitos anos. O velho morreu e o filho estava doente. O Pedro Maciel mora bem aí, já foi prefeito aqui uma vez... Se eu faria outra viagem? Faria nada! Só podia viajar pra perto... Se fosse pra eu voltar pro Piauí, eu também não ia não. Eu não tenho vontade de ir pra lá de jeito nenhum! Não. Não me arrependo de ter vindo não. Naquele tempo eu nem sabia o que era arrependimento, nem coisa boa, nem ruim. Vim tocado pelo vento! Não sabia de nada não. Não sabia nem que estava vindo pra aqui. Eu vim ficar sabendo quando nós estávamos em cima da serra Gerais, que olhamos pra cá, pra aquele mundão até sumir aí. Serra Gerais! Passamos num lugarzinho estreito, o “taiadão” estava ali chega estava escuro e nós passando. Só tinha um trilho na ladeira. Eu não sei se já arrumaram aquela ladeira. Eu acho que ainda tem aí. “Cabra” não subia montado, só a pé. Eraquase meia légua de ladeira, só descendo. Fazia curva e o “taiadão” pra ali, não podia escapulir não. Serra Gerais! ... Se escapulisse só Deus podia aparar. Eu não tenho vontade de ir lá no Piauí não. Não sei nem como é que está lá. Só que deve ter melhorado um pouquinho lá, mas a seca sempre existe lá. De vez em quando eu pego assim na televisão, está seco lá. Mas sempre melhorou. Às vezes o povo vai lembrando mais de Deus e Deus vai mandando mais chuva. Meus irmãos, se eu os visse, eu não conhecia mais. Minha mãe, se eu visse, eu não conhecia. Se ela fosse viva, mas já morreu, faz muitos anos.

### **RAIMUNDO RIBEIRO DA SILVA**

Entrevista em 27/ 01/ 2011

Seu Raimundo é mais um descendente de maranhenses a povoar Itacajá. É filho e neto de vaqueiros, conta das dificuldades em se adaptar e enfrentar os problemas existentes na época.



“ A doença aqui era curada com casca de pau...”!

Eu nasci numa fazenda bem aqui pertinho, chama-se Tidabam... Meu pai e minha mãe são do Maranhão. A cidade deles se chamava Nova Iorque... Eles chegaram aqui em 1935. Foram pra essa fazenda. Em 1935 eles saíram dessa fazenda, passaram uns três ou quatro anos lá. Aí compraram um lugar na beira da Água Fria, pra cá. Moramos lá uns quatro ou cinco anos lá. Aí mudamos pra cá, para o Marajá. Aí fiquei no Marajá até 1987. Saí de lá e mudei pra outra fazenda pra cá, que eu comprei. Aí de lá eu mudei pra cá pra Itacajá.

Aqui era só de mataria. Aqui no Marajá. Era só de Mataria, não tinha campo não. Mas hoje lá já tem campo. Um lugar de agreste e chapada... Lá eu mexia com um gadinho, com roça. Aí eu mudei pra cá quando não pude mais trabalhar... Meus pais contavam muitas histórias de onde eles moravam. A vida do meu pai lá era de vaqueiro. Tanto meu pai, pai do meu pai, como o pai de minha mãe, eles faziam vaqueirice no Maranhão... Tanto meu avô por parte de pai, como por parte de mãe, todos eram vaqueiros lá.

E aí mudou todo mundo pra cá. Aí foi ficando, foi chegando as idades, largaram esse negócio de vaqueirice, ficamos só com as rocinhas mesmo. Largaram vaqueirice. Teve uma parte dos novos que ainda seguiram, outros não tiveram mais tempo pra mexer com bicho mais não... Não. Só na encosta, no Marajá mesmo que eles moraram. Na Tidabam foi vaqueiro. Aí mudaram pra essa fazenda que fica pra cá, aqui no Grotão. De lá mudou pro Marajá. Ele não morou aqui dentro de Itacajá não... Foi. Morreram lá, mas são sepultados aqui.

Aqui, o primeiro nome de Itacajá foi Porto do Vau. Como hoje tem a rádio ali por nome Porto do Vau. Primeiro nome daqui: Porto Vau. Quando emancipou foi que veio esse nome de Itacajá... Chamavam Porto do Vau porque não tinha canoa ali. Tinha um ponto ali que o povo passava de “vau”, no verão. A água ficava por aqui assim, na cintura, passava caminhando por dentro. Aí deram o nome Porto do Vau... Nesse período de ano (início do ano) não passava de jeito nenhum por dentro, só se fosse nadando. Esse ano eu não sei como é que ele está não. Faz tempo que eu não encostei mais lá. Mas naquele tempo, quando dava esse tempo, ele já tinha enchido, já tinha saído fora... O nome “Itacajá” é porque tem um remanso bem ali: remanso da cajá. Aí botaram o nome da cidade de Itacajá... Sempre atravessava nesse Porto do Vau. Às vezes era só mesmo andando. Mais era só andando mesmo. Eu não trabalhava do outro lado não. Eu vim morar em Itacajá porque lá eu estava numa fazenda, trabalhando de roça, olhando um gadinho lá, mas aí eu não pude mais trabalhar no pesado. Eu e a velha não aguentava trabalhar e aí eu deixei os meninos lá e vim pra cá. Aqui é só comer mesmo, outra coisa não. Só comer, não trabalho... É. A fazendinha lá é minha. Os filhos que cuidam, ficam lá trabalhando. Olhando os gadinhos deles mesmos, porque os meus, eu vendi tudo pra comprar essa casa. Era pouquinho, aí eu comprei essa casa e estou aqui debaixo... Muito difícil! Muito difícil pra eu acostumar aqui! As coisas ficam tudo difícil. Falta é não acostumar com aquele batido. Mas agora, lembro o que tem lá porque lembro mesmo, mas não me bato pra ir pra lá não. Não dou conta de nada mesmo. Não dou conta de nadinha! Trabalhar, botar força, não aguento de jeito nenhum. Estou capinando isso bem aí, dou duas capinadinhas, e já é preciso parar.

A viagem dos meus pais, do Maranhão pra cá foi devagar. Naquele tempo não tinha carro quase em lugar nenhum aqui no Brasil, estrada muito pior. O primeiro carro que eu vi em Itacajá foi em 1950. O primeiro carro que veio em Itacajá, ele veio de Pedro Afonso. E depois, quando ele veio e voltou, ele veio na época duma eleição. Veio e voltou, passou cinco anos sem ter carro aqui. Mandaram carro aqui, fretado de Pedro Afonso pra cá. Do ano de 1980 pra cá, foi que começou a desenvolver mais, aí foi indo, foi indo, foi indo. De 1972! Começou a desenvolver mais, veio vindo, veio vindo, até chegar nessas alturas que está. Ainda falta chegar é estrada aqui. O asfalto veio até Santa Maria e lá amarrou. O governo que fez até na Santa Maria. Os “cabras” o derrubaram, aí ficou oito anos sem governo, não sei se ele agora vai botar alguma coisa pra frente.

Vieram de animal. Montado e tocando outro animal com a carga. Tocando dois animais com as cargas. Passaram muitos dias assim viajando. Eu não me lembro mais quanto tempo gastou não, mas foi de quinze dias pra frente. Pra vir lá de onde eles moravam até aqui... Traziam carne, traziam arroz limpo, pisado no pilão nas cargas. Duas, três cargas uma pessoa. Dependendo também da condição da pessoa. Aqueles que eram assim, melhores de condições, traziam mais coisas e aqueles mais fracos não traziam nada, só o principal. Ele tinha assim maisumacoisinha então trazia mais coisas. Tinha mais bagagem. E veio muita gente nessa viagem. Veio uma família todinha. Veio o pai dele, vieram outros filhos, não era só ele que vinha não, vieram tudo numa barcada só. Parece que era mais uns cinco ou eram seis filhos, já tinha neto também. Vieram tudo numa bagagem só. A condução era dele. É viagenzinha de fazer mais ou menos de dez léguas pra cá. Dez léguas, hoje são 60 quilômetros... Era o que eles faziam num dia, quando fazia muito. Faziam dez léguas, mas a base era de fazer de oito pra cá. Era longe. Dez léguas era um pedaço comprido danado! Arranchavam mais era no mato. Porque os “gerais” eram muito grande.

E tinha lugar que viajava o dia todinho sem ver uma casa, sem ver um morador. O dia todinho. Viajava o dia todinho sem ver um morador. Do Balsas pra cá, este povo que já morava aqui nessa região, daqui até Porto Nacional, todo mundo ia buscar sal no Balsas porque aqui não tinha onde comprar sal. Eu mesmo ainda me lembro do meu pai viajando pro Balsas pra buscar sal. Todo ano no verão, no mês de maio pra junho, a gente ia aquela viagem, buscar sal... Era. Trazia uma quantidade que dava para o resto do ano. Gado não comia sal igual ele come hoje. Só comia sal duas vezes por ano. Era só duas vezes por ano, mas era purgante. Daquele purgante de sal, passava muito tempo duma vez pra outra. Era difícil demais a vida naquele tempo. O povo diz que hoje é difícil, é nada! Você acha tudo bem aí, só falta dinheiro pra comprar. No tempo que nós chegamos pra cá não tinha de jeito nenhum, de jeito nenhum. Aqui em Itacajá, antes era lugar que a gente passava fome. Hoje vive todo mundo aí pisando por cima de comida. Melhorou sabe quando? Quando começou aparecer arroz mecanizado aqui. Essas vendas aí são tudo cheias de arroz limpo, só pegar o arroz na hora de comer. Mas antes, nego passava uma taca duma seca danada aqui.

Isso aqui era só mato. Isso aí era só mato! Só era mais limpo naquelas casas pra ali, lá mais embaixo, na beira-rio. Lá era mais limpo. Mas era só o lugar da casa mesmo com aquele terreirinho. No meio era cheio de mato. Roçava de facão. Às vezes roçava duas vezes por ano. Aquela malva ficava dessa altura, se não roçasse ninguém ia de uma casa pra outra. Conheço isso aqui demais! ... As casas já tinham umas pouquinhas de palha e de telha, mas o mais era de palha no esteio de palha, ou umas tampadas. Alvenaria não tinha também. Eram tampadasdeadobo, outras de taipo mesmo, mas não tinha tijolo... Quando eu fiz a minha no esteio... O esteio parece que aqui chamam coluna, não é? Aí no lugar desse aqui era uma forquilha de pau. Botava a travessa em riba.

Era nessa mata que botava roça. Era difícil pra cercar, tinha que cercar tudo de madeira: “cama-no-chão” pra não entrar porco. Pra evitar tudo: porco, gado, só não evitava passarinho sentar no arroz do povo, só se comprasse uma telha pra botar por cima da roça... Boa de legume! Todo legume que plantar, vem bem. Teve uma vez que deu um negócio aqui que apresentou um “queima” no legume. Acho que o mês de plantar, no mês de outubro, novembro, dezembro, era difícil aproveitar uma roça. Agora quando era em janeiro, podia plantar sem medo. O arroz saía bom! Mas isso também apresentou, com muitos tempos, que apresentou isso e ainda hoje tem. Arroz plantado no mês de novembro, dezembro, não sai. O “queima” mata. Mas, quando dá nesse tempo, no mês de janeiro, pode plantar que vem bom. Acaba aquele “queima”. Esse ano está medonho nos pastos. Até agora não tem pasto pra lugar nenhum. O “queima” não deixa sair. Acho que é problema da terra, do sol. Primeiro dá um cascudinho rajado e aí na força daquele casquinho velho vem o “queima”. Todo ano dá essa praga. Quando dá janeiro, acaba.

Você pode plantar que o arroz dá bom demais, bom mesmo! Aqui já bati dez, doze, quinze sacos de arroz por tarefa. Por tarefa! Tu não conheces a tarefa não? E o alqueire? O alqueire são só dezesseis tarefas. Uma tarefa são vinte cinco braças aqui, vinte cinco aqui, vinte cinco aqui e vinte cinco aqui. É uma tarefa. Um alqueire são cem braças aqui, cem aqui, cem aqui e cem ali. Cem braças. Quatrocentas braças. Um quadrado. Agora um alqueire é ruim da pessoa saber quanto é um alqueire, se as medidas não derem iguais. Um aceiro dá cem, outro dá cento e cinquenta, outro menos de cem, outro dá oitenta, aí fica ruim de “nego” saber se dá um alqueire ou não dá. Mas se dê, esquadrejado, os quatro cantos, os quatro aceiros forem cem braças, é um alqueire sem dúvida nenhuma... Eu aprendi depois, trabalhando de roça mesmo, aí eu aprendi. Trabalhava muito de empreita aí tinha que medir. E aquilo a gente vai aprendendo.

Não. Não morei na terra dos índios não. Parece que eu entrei numa aldeia que fica aqui pertinho, fui duas vezes lá, desse homem que mora nessa outra casa bem aí, desse lado aqui. Ele é funcionário de lá. Aí ele me chamou pra eu ir lá duas vezes. Mas outras aldeias eu não conheço não. E eu fui lá foi à noite, também não conheço, porque estava de noite, como é que sabe? Chama pra ir mais ele, quando chega à boca-da-noite tem uma viagem lá, aí ele: “vamos lá, rapaz”, aí eu vou mais ele. Mas não conheço não. Pra ir lá de dia, mas de noite ninguém ver nada... Quando eu cheguei aqui os índios já andavam por aqui. Já tinha índio aí. Era pouquinho. Eu os conheci tudinho andando nus.

As mulheres, as índias sempre tiveram aquele pano de amarrar na cintura. Mas os homens só carregavam uma palha de piaçava na frente. Uma palha qualquer amarrada na frente, o mais era destampado na frente. Lá onde nós morávamos, eles passavam muito lá pra ir caçar pra dentro da mata pra lá, no verão. Quando era no verão quase todo dia tinha índio lá, pra caçar quati... É. A caça deles mais era quati. Quati, macaco, quando, mambira eram as caças deles naquele tempo. Hoje eles nem caçam mais. Perderam o costume. Só vivem aqui na cidade! Logo eles são preguiçosos, eles não são trabalhadores não. O governo é quem sustentam eles em tudo. Cada aldeia dessas aí tem um chefe. Quando eu me entendi só tinham quatro aldeias, hoje tem umas vinte e cinco aldeias dentro dessa área aí.

No tempo que eu cheguei aqui essas terras dos índios ainda não tinham sido demarcadas não, foram demarcadas depois. Os índios já moravam aí. Mas aí depois o governo mandou tirar essa área aí pra eles. Isso aí é grande! Isso aí enchia de índio. Isso aí era um refrigerador grande dentro dessa área aí no verão. Os índios proibiram de ninguém mexer nos filhos da mãe deles. De jeito nenhum! Porque gado se entrar, eles comem. E animal eles escondiam ele pra lá e o dono não via mais também... Dizem que teve um tempo, esse eu não conheci, ouvi só falar. Que mataram muito índio aí. Mataram muito índio aí, um tempo! Mas isso eu não conheci não. Ouvi só dizer que mataram muito índio aí dentro. Mas eu não vi não. Quando eu cheguei já tinha passado o acontecido.

Esse povo que matou os índios, já morreu quase todo. Acho que ainda tem um só. Mas, os outros tudinho já morreram... Não. Um desses que brigou com eles morou aqui, mas ele já está velho, ficou viúvo, mudou pro Pará. Tem filho pra lá e se mudou pra onde os filhos dele pra lá. Não mora aqui mais não... Conhecia todos os moradores daqui naquele tempo. Hoje não conheço mais nenhum. Hoje eu não conheço ninguém mais aqui.

O pessoal que eu conheci já morreu quase todo. Do pessoal velho mesmo, os primeiros que ainda têm: esses Costas, Teixeira que é filho de uns moradores velhos que tinham aqui. Já não é mais o velho não. É só filho de um velho que foi um dos moradores daqui mais antigo. Tem o Masolene, que é filho de um dos velhos daqui, morreu também. Tem um velho que mora lá em cima acolá, já é muito antigo também. É um de noventa anos, noventa e poucos já. Foi nascido e criado aqui também, o Moreira, nascido e criado aqui igual a mim. Mas ele é mais velho do que eu uns vinte e dois anos. Quando eu nasci ele já era rapaz. Também tem uma irmã dele, só tem ele e a irmã dele. Os outros já morreram também. Tudinho eram daqui, mas já morreram todos.

Não tinha iluminação de jeito nenhum! Era na lamparina! Não tinha luz de jeito nenhum! A luz era só essa que eu estou dizendo, de outro jeito não tinha não... Comprávamos querosene em uns motorzinhos que vinham de Carolina e traziam essas coisinhas aqui de vez em quando. Mas passava era muitos tempo sem ter de jeito nenhum! Aí “nego” fazia um pavio de algodão, aí botava numa vasilha, aí molhava assim com azeite de mamona e tocava fogo pra alumiar.

O comércio aqui tinha duas vendas. Aí era onde vendia essas coisas: mercadoria, tecido no metro, vendia querosene, pimenta do reino, café em caroço cru. Quem comprava era quem torrava e era com rapadura, porque não tinha açúcar. A rapadura era fabricada aqui mesmo. Tinha dois donos de engenho aqui, que mexiam com safra de cana. Um era mesmo bem pertinho daqui e o outro era ali embaixo. Essas duas forneciam rapadura, cachaça no alambique, pra “nego” beber, se embebedar e enjoar. Mas os engenhos acabaram tudo. Não tem mais em lugar nenhum aqui... Os comerciantes da época que eu cheguei aqui não têm mais nenhum vivo. Finado Paulo começou e quando estava pra morrer, acabou. E os outros largaram. O Detim também era comerciante, acabou. O Cândido Costa, acabou. E aí se acabaram todos os comércios. Hoje tem só os supermercados, não tem mais lojas de mercadorias não. Aqui tinha uns barzinho por acolá, mas com o tempo também se acabaram tudo.

A educação aqui era fraca demais! Fraca demais! Hoje em dia, não. Tem escola aí pra todo lado, tem carro pra carregar aluno do sertão pra cá. Naqueles lugares mais de longe tem o carro pra carregar. Hoje está bom demais pra estudo! Só não aprende se não quiser! Quando eu cheguei pra cá, era difícil demais! Só tinha uma escolinha no sertão se o pai de família tivesse condição de pagar um professor. Não tinha essas escolas da zona rural que tem hoje não. De jeito nenhum!...

A escola que funcionava aqui, no tempo que eu cheguei aqui era o Lar Batista. Já depois de um tempo, criou esse do estado, colégio grande aí. Com muitos anos. Aí acabou a escola Batista, mudou tudo pra aí. E naquele tempo só atendia na escola Batista. Tinha muito aluno na escola Batista. E ainda tinha mais um negócio de um orfanato também. Porque esses filhos que não tinham pai, nem mães, iam tudo pra lá. No tempo que eu cheguei era cheio. Vinha menino de todo lugar aí. De todo lugar vinha gente pra aí. Tinha deles que não tinham pai, nem mãe. Outros às vezes tinham pai e não tinham mãe. Às vezes tinha a mãe e não tinha o pai. A condição também era muito fraca! Aí deixavam as crianças aí. Isso formou muito menino aí.

Têm muitos que se formaram aí. Saíram todos pra fora, não moram nenhum aqui. Hoje em dia esse povo tem parente pra Goiânia, Brasília. Parece que não tem nenhum desse povo morando aqui. Estão todos pra fora... Quem cuidava do Lar Batista, quando começou, chamava Francisco Colares. Quando Francisco Colares saiu, veio o Dodanin, esse ainda hoje está vivo também. Velhinho! Está fazendo cem anos nesse ano. É o pai daquele homem ali do Posto de gás. Isso aí acabou mesmo no ano passado. Aí saiu todo mundo daí. Mas até o ano atrasado teve, não teve mais foi no ano passado, em 2010. Aí mudou daqui para Palmas... Tinha. Era poucas crianças, mas ainda tinha.

A doença aqui era curada com casca de pau! Casca de pau! Ninguém achava um comprimido pra comprar. E se fosse uma coisa mais séria, se não tivesse condição, morria dentro de casa sem sair pra lugar nenhum. Não tinha pra onde sair de jeito nenhum. Morria dentro de casa. Podia adoecer sabendo. Adoeceu, certeza que se fosse doença pra morrer, não escapava mesmo! Não tinha recurso pra lado nenhum! Hoje, aquele doente mais grave vai pra Araguaína. Os médicos daqui despacham pra Araguaína. Despacham logo. Levam outros pra Pedro Afonso, levam outros para Palmas, levam para Colinas.

Aqueles tratamentos mais “como lá diz”, todos vão pra esses lugares aí. Aqui só tem consulta, na hora que o médico diz que não dá conta, aí empurra pra lá... Quando tinha alguma mulher pra ganhar menino, pra parir, tinham as parteiras no sertão. Aí pegava menino. Mas morriam muitas mulheres. Minha mãe e minha avó eram parteiras. Só que com elas duas, não morreu nenhuma mulher. E essa bem aí era parteira também. Que era a mulher de um dos homens que trabalhou no

Lar Batista. A dona Isaura. Mora bem aí. Ela trabalhou muitos anos no Lar Batista também. O esposo dela morreu, tem uns três a quatro anos que ele morreu. Mas já moravam no Guaraí. Quando não era a parteira em casa levava pra lá, ou iam buscar ela. Ela também ia na casa. Não traziam pra aí não, porque aí não tinha lugar. Aí a chamavam pra ir lá, distância de quase cinco léguas ela ajudou pegar menino.

Quando meu pai chegou aqui ele continuou trabalhando com gado e com roça. E eu, depois que cresci, além de trabalhar com roça, só ganhava dinheiro quando achava um serviço fora, aí ia dá um dia de serviço. Mas outra condição não tinha não. E aí tinha dia que tinha serviço e tinha dia que não tinha. Não era só eu não. Esse povo da minha idade, pra lá e pra cá, até poucos anos, tudinho conhece isso aí. Tudinho sabe dessas histórias... Eu acho que ele ainda voltou lá no Maranhão uma vez pra buscar o meu avô. Porque ele veio mais o pai dele, mas o pai da minha mãe ainda ficou lá. Depois ele voltou lá pra buscá-lo pra cá. Acho que foi só essa vez... Não, eu não fui lá não. Não conheço o Maranhão em ponta nenhuma. Eu tenho vontade de conhecer a terra de onde os meus pais vieram, mas parece que não vai ter jeito. Tem três lugares que eu tenho vontade de conhecer, só porque eu acho o nome bonito: Florianópolis, esse é no Piauí, Imperatriz, no Maranhão e Belém, no Pará. Tenho vontade de conhecer esses lugares. Só porque eu acho bonito, o nome. Queria saber se a cidade é bonita igual ao nome.

Já contei. Quando chega a noite, na hora de dormir, aí vai contar aquelas histórias todas. Hoje em dia eles ignoram se eu contar essas dificuldades que já venci, acham que naquele tempo era igual hoje. Mas é muito diferente! É muito diferente. Hoje em dia quase tudo é mais fácil que naquele tempo. Aliás, é tudo! Naquele tempo, rapaz, ninguém via, nem conhecia médico. De jeito nenhum. Ninguém conhecia médico. Teve uma vez, a primeira vez que eu me lembro assim, um homem que era vaqueiro numa fazenda, com umas cinco léguas de distância. A mulher dele adoeceu e ninguém sabia que doença era. Mas hoje em dia já sabem que doença é aquela: é esse câncer que tem hoje. Mas naquele tempo ninguém sabia que doença era. A mulher ou homem que tem aquela doença, a certeza era morrer. E ainda hoje. No início os remédios fazem efeito, mas se ela estiver avançada, não trata. Eu já fui operado de próstata e já tinha a doença, mas estava bem no comecinho, parece que tirou tudo, não fiquei mais com aquilo. Mas, é difícil acontecer isso. Está com cinco anos que eu estou operado, não senti mais não. Mulher que dá aquela doença, câncer, é difícil demais ter remédio. É difícil, se a pessoa deixar pra descobrir, já estiver contaminado, o andamento é morrer mesmo... Não. Meus filhos não estudaram no Lar Batista, estudaram no estadual ali. Meus filhos, eu tinha vontade que eles tivessem crescido na letra, mas não quiseram. Lutei muito, mas...



### **IZAURA DE OLIVEIRA REIZ**

Entrevista em 27/ 01/ 2011

Dona Izaura uma mulher destemida que se atirou na aventura de vir pra um lugar totalmente desconhecido junto com o marido e os filhos, movidos por uma Missão que era ajudar a pequena cidade de Itacajá com seus conhecimentos de enfermagem.



“Eu amo enfermagem! Então eu me entregava de corpo e alma...”

Eu nasci e fui criada no Estado do Rio de Janeiro e meus pais eram do Estado do Rio, mas depois de certo tempo, agora tudo é Rio de Janeiro não é? Mas naquela época, eles não vivem mais, não é? Eles eram do Estado do Rio. Minha mãe era de Macaé e meu pai ele falava de um lugar Capim Angola que não vejo nem falar nesse lugar, não sei se mudou o nome não sei como que foi a história, então eu sempre tive um pouco de dúvida e eu perdi meu pai muito cedo e antigamente, eu dou graças a Deus pelos pais que tive porque souberam nos criar muito bem, não tínhamos assim condições monetárias nem nada, mas meus pais souberam me criar muito bem, então a gente não tinha muito diálogo e às vezes também não tinha muito tempo pra parar pra conversa com os filhos aquela coisa e antigamente era aquela coisa que parecia que tinha nem que fosse uma pequena, mas uma pequena barreira e a gente ficava cada um no seu lugar apesar de termos sido muito bem criados graças a Deus.

Naquele tempo era respeito total, os pais não se abriam assim então diálogo não tinha e pra muitos achavam que de certa forma era até uma falta de respeito, e a gente pensando bem é totalmente o contrario não é? É muito bonito o relacionamento, eu não estou com isso condenando meus pais, como eu já falei, eles foram maravilhosos souberam nos criar muito bem não é? E hoje os tempos mudaram e por isso alguns filhos até não reconhecem o seu lugar e tem ainda muitas vezes aquela

falta de respeito que deveria ter para com seus pais e tudo, então eu acho que era a cultura daquela época e tal, então eu acho que eles de alguma forma tinham até razão. Porque o tradicional ele teve seu momento e seu valor também, e como o pessoal mais velho diz que hoje ninguém sabe quem é o pai ou quem é o filho, às vezes os filhos não sabem reconhecer seu lugar e quer tomar o lugar dos pais, o pai está conversando ele não está nem participando e já começa a se intrometer na conversa, isso tudo tem que ser na hora certa, não é? Tudo tem o seu momento certo.

Como eu te falei tem gente que se admira e me perguntam, escuta como que vocês vieram do Rio de Janeiro e veio parar em um lugar desse aqui? Aí eu conto a história que nós tínhamos muita vontade de conhecer Itacajá e Pedro Afonso que desde criança ouvia falar e tudo e depois como eu já te falei meu esposo era pastor, então um dia outro pastor falando na nossa igreja dos Campos Missionários, não é? Falaram sobre alguns missionários, falou até dos missionários aqui de Itacajá e tudo, aí foi abrindo assim na nossa mente e eu disse assim: eu acho que intimamente ele estava tomando essa decisão de vir pra cá e eu também, assim sem comunicar com ele, ele lá no lugar dele e eu no meu e então eu acho que ele estava tomando essa decisão, sentindo o desejo de vir pra cá, ele devia ir pro Campo Missionário, como eu já te falei a gente não sabia nem pra onde vinha não é? Aí quando ele foi à frente se entregando, se colocando a disposição da Junta de Missões Nacionais pra realização deste trabalho, aí eu também fui, mas fui não foi porque ele foi não, também não fui obrigada a ir, eu fui de livre espontânea vontade porque eu sabiaque sentiria também, eu acho que o mesmo que estava no coração dele estava no meu também, até nisso a gente estava em sintonia e meus filhos eram pequenos e foram também, então a família se colocou a disposição o que foi muito interessante, aí não demorou muito como eu te falei a gente não vinha pra cá íamos pra Bahia, pra Caravelas na Bahia, inclusive meu esposo era Baiano então toda coisa era pra Bahia, mas depois o Diretor da Junta de Missões que nessa época não era diretor, mas hoje é, porém naquela época não era, era Secretário Executivo ele então chegou a uma conclusão depois de ter recebido uma carta do pastor que nessa época pastoreava a Igreja Batista e era também Diretor do Lar Batista pedindo um auxiliar porque a luta dele estava muito grande, então o Secretário Diretor Executivo pastor Davi Gomes nessa época, aí ele falou olha Benjamim vocês não vão mais pra Caravelas na Bahia, vocês vão pra Itacajá, tudo bem!

Aí nosso processo se deu assim de uma forma tão rápida que em pouco tempo nós estávamos sendo nomeados pra virmos pra cá né? Chegamos aqui no dia 22 de fevereiro de 1965 mais ou menos às 22 horas ou às 22 horas e pouco nós estávamos em Itacaja. Naquela época não tinha estrada não tinha nada era só buraco, nós paramos em Pedro Afonso e de Pedro Afonso pra cá foi eu não sei quantas horas, as horas eu já não lembro mais, sei que foi um período muito longo pra nós chegarmos de Pedro Afonso até aqui.

Nós viemos pra cá de carro, não foi de animal não, esse carro era o único que tinha na cidade, era uma Picape que era do seu João Pinheiro na época, mas nessa época ele não era prefeito, ele foi prefeito depois, no entanto ele era um morador, uma pessoa de muita relevância na cidade e então ele tinha essa Picape que fazia linha daqui de Itacajá a Pedro Afonso e vice versa. Nós viemos pra cá, como eu falei o pastor que naquela época era o Diretor do Lar Batista ele acumulava essas duas responsabilidades: pastorear uma igreja que sabemos que não é fácil emexer com gente também não. Ele estava muitos anos como pastor da igreja e acumulando também responsabilidade de Direção do Lar Batista e cuidar de menino não é fácil. Ele e a esposa então não tinha mais ninguém pra ajudar lá no Lar Batista e no Lar as crianças eram, todas pequenas então precisava de alguém, então como nós tínhamos nos apresentados e estávamos disponíveis pra irmos pra Caravelas ele disse vocês não vão pra Caravelas, Itacajá está precisando de vocês, o pastor está precisando de ajuda.

Então eu toda vida tive esse meu jeito, como eu já falei só abro meu coração, só sei me expandir, mas quando eu vejo que tem campo pra mim me expandir quando não tenho eu me retraio, mas a minha índole é assim toda vida eu fui muito tímida e muito retraída, eu falo na hora certa, converso, já conversei bastante até porque esse é um dos meus defeitos que é gostar de conversar muito, mas quando eu vou com a cara da pessoa, aí a gente abre o coração e já meu velho ele era assim, ele achava que tinha que tomar uma decisão era agora eu não, eu sou de um tipo assim que eu pondero as coisas, eu procuro analisar e pondera a condição pra eu tomar uma decisão, mas é claro que tem decisões que você tem que tomar de imediato que eu também não vou ficar se é uma coisa de imediato eu não vou ficar pensando não, mas então ele achava que eu deveria ser que nem ele, eu falei jamais Deus me fez desse jeito e você fez você assim é por isso que nós damos certo.

Então o pastor da Junta lá até se referiu a isso, assim que de acordo com a minha maneira de ser, com o meu temperamento ele achava que porque Itacajá nessa época era muito problemático em todos os aspectos, muitas coisas até não muitos agradáveis que nós experimentamos ao chegarmos aqui, foi uma barreira muito grande que nós enfrentamos apesar de termos sido muito bem recebidos, ele achava que eu era assim uma testa de ferro sabe? Pra ir de encontro a essas barreiras que às vezes era quase que intransponíveis, e ele achou isso de mim e graças a Deus eu nunca tive problemas e eu tive muito problemas, mas eu mesma particularmente graças a Deus eu nunca tive problemas com ninguém.

Os problemas que tinha não eram muito difíceis de contornar e que impedissem a realização do trabalho. Então nós viemos pra cá como um ponto de apoio certo! Que quando nós chegamos meu marido foi levado a assumir a Direção da Igreja e então o pastor que nessa época era o pastor Maia ficou só com a Direção do Lar e ele estava muito doente também, muito estressado, então de certa forma foi muito bom! E às vezes a gente enfrentou algum problema na chegada e tudo que a gente foi morar em uma casa que ela existe até hoje, sofreu uma pequena reforma, mas era um casarão. E às vezes as crianças dormiam e a gente ficava na janela até tarde os dois debruçados na janela e aquele luar, uma noite enluarada uma coisa mais linda!

E lá no Rio na cidade grande por causa da energia elétrica a gente não tem assim essa oportunidade de apreciar a natureza. Um céu estrelado, aquela noite enluarada, eu gosto muito de contemplar o céu, eu me identifico muito com o céu, aí então a gente ficava assim: será que a gente vai ficar aqui, os dois conversando, eu acho que nós vamos voltar é pra nossa terra porque ele considerava o Rio a terra dele porque ele nasceu na Bahia, mas foi criado no Rio. Aí ficava assim, e a gente achando difícil porque do Rio de Janeiro pra Itacajá naquela época, hoje ainda até que dar pra encarar, mas que não tinha nada a gente ficava até assim com aquela interrogação, o que a gente veio fazer aqui? Por que a gente veio pra cá? Então a gente é levada a pensar assim. Mas depois com a ajuda de Deus a gente foi se entrosando e no mesmo ano o casal precisou voltar, eles são também da Bahia, ela pelo menos é Baiana e há pouco tempo eles passaram aqui pra me vê, foi tão agradável! Foi maravilhoso!

Aí então no mesmo ano eles foram embora. Eles eram quem cuidava antes eles estavam precisando de cuidados médicos então eles foram embora. Aí o que aconteceu? Nós tivemos que assumir, meu marido já era o pastor da igreja e tivemos que assumir o Lar Batista e foi assim de supetão, ninguém estava nem esperando por isso. Aí naquela época a Junta mandou um bilhete não sei, por alguém que estava no Rio e vinha pra Carolina de Carolina esse bilhete veio pra cá porque não tinha telefone não tinha nada, o meio de comunicação era terrível, que era pra ele assumir, então foi assim da noite pro dia nós tivemos que assumir o Lar Batista também.

Depois nós tínhamos que fazer o que? Aqui tinha uma enfermeira que logo depois foi embora e nós tivemos que assumir o ambulatório médico também, como eu falei nos dois éramos enfermeiros e inclusive ele era laboratorista também e temalgumas coisas engraçadas que aconteceram nesse laboratório que parece até assim uma aberração, parece um absurdo, mas muita coisa interessante, então a gente assumiu também o ambulatório médico, ou assumia ou o povo morria naquela época.

A gente não é Deus pra dar a vida a ninguém, mas eu vou dizer uma coisa, foram mais de 10 anos que nós trabalhamos no ambulatório e quem morreu no ambulatório e não é porque a gente faz milagres não é nada disso não, mas nessa época se via milagre mesmo certo? Já vinha mais morto do que vivo, porque a gente dava atenção aos da cidade e arredores. Tinha gente que vinha mais de vinte léguas carregado na rede pra receber assistência no ambulatório médico, outra hora a gente tinha que ir no lombo do animal de noite pra ir atender uma parturiente que não podia vir e estava lá sem condições de dar a luz, de parir, me desculpa, mas é o terno certo mesmo não é? E outras vezes tinha o bebê e as placentas ficavam retidas lá, a gente tinha que ir em lombo de animal tudo muito precário inclusive a medicação, aparelhagem tudo, tudo era muito precário, mas nós íamos que Deus operava milagres por meio de nós, Deus sempre operou milagres, por isso que eu creio nesse Deus, eu creio em milagres. Um dia alguém falou pra mim, você não crê em milagres? Eu digo: eu creio em milagre, em milagres de Deus, só pelo fato de está viva é um milagre de Deus, então eu creio sim.

Mas naquela época Deus operava milagres sabe por quê? A gente via mesmo assim a mão de Deus o poder de Deus atuando menino era uma maravilha, um dia eu tive que uma extração afoxés a ferro porque a mulher sofrendo dia e noite e não tinha como sair e não dava a luz e aí tudo ok e não tinha condição dessa criança nascer, aí eu disse, meu velho estava de viagem marcada, ia viajar naquela tarde e eu disse olha meu velho eu cheguei a conclusão que vai ser extração não tem jeito, aí eu tinha duas colheres afoxeas, ferro esterilizei, esterilização que a gente podia usar, não é? E aí eu extrair, Deus me abençoou que eu extrair o bebê, aí quando eu peguei em minhas mãos desfaleceu e ainda disse assim: a que pena foi só extraíndo e o bebê morrendo!

Mas quando eu peguei o estetó e coloquei no ouvido e coloquei no coraçãozinho dele o coraçãozinho estava assim, pulsando devagarzinho, aí eu comecei a fazer as manobras chega-me arrepio, aí eu comecei a fazer asmanobrasbatendo na sola dos pezinhos, dando palmadinhas e fazendo até assim porque tinha aquele muco do nariz dele tinha sugar e tinha que ser com a boca, tinha uma seringa de ouvido eu acho que ainda existe, mas quase que nem se vê que tem aquele bico e é redondinho, mas não estava resolvendo eu meti foi a boca e chupei aquele muco já pensou, eu passei por essa situação varias vezes, não foi só uma não, aí o bebê começou devagarzinho, devagarzinho e quando eu vi que ele já estava desobstruído, né? Não existia mais assim muco nas narinas dele eu procurava colocar a seringa assim na boquinha dele pra reparar se tinha alguma coisa na garganta e tudo, então quando eu vi que ele estava reagindo eu agasalhei bem fiz uma limpeza boa nele e agasalhei e deixei lá na posição que deveria deixar porque se ele estivesse alguma coisa pra expelir não se asfixiar e tudo, mas sempre em observação, em observação.

E tive a oportunidade de vê o bichinho desse tamanho, toda vez que a mãe vinha à cidade levava ele na no Lar que era pra eu vê, então isso não foi um milagre, foi um milagre de Deus! Tem um rapaz aí na cidade também ele vive até em cadeira de rodas, quando ele nasceu era um menino enorme, um menino bonito, fofo, foi um parto trabalhoso também e quando ele nasceu eu vendo o

menino todo cianótico, vendo que ele estava pra morrer porque quando a pessoa seja criança, ou seja, adulto está cianótico todo roxo o negócio não está bom não, aí o que eu fiz, usando a seringa também e não resolvia meti a boca no nariz dele e chupar todo aquele muco, era chupando e cuspidando, chupando e cuspidando, pra você vê que situação a gente tem que enfrentar, mas nessa hora assim a gente vendo uma vida sendo quase ceifada a gente enfrenta qualquer problema pra tentar salvar, porque quem salva é Deus, mas ele pode nos usar com nos usou muitas vezes.

São experiências muito marcantes têm umas que não marcam tanto, mas tem tantas coisas que aconteceram naquela época que foram coisas diferentes e tão extraordinárias que a gente não esquece não, foi muito marcante! Marca a gente mesmo! Outros chegam e dizem: até hoje eu tenho a sua marca! O Zeca Damasceno bem aqui da esquina, Zeca Damasceno caçando a espingarda disparou na mão dele e meu velho viajando porque era assim a gente sempre trabalhou junto e ele era até meio ciumento assim quando as pessoas perguntavam pra às vezes, vocês têm três ministérios qual que a senhora gosta mais? Qual que a senhora prefere? Aí eu dizia assim: há eu amo enfermagem! Eu amo enfermagem!

Então eu me entregava de corpo e alma, uma coisa assim que eu amava as outras também e os outros ministérios também, mas gente a enfermagem quando nasce pra uma coisa eu me sentia realizada e pelo fato de receber a vida nas mãos era muito gratificante e aí quando eu falava que era o ministério do ambulatório ele ficava enciumado, mas se eu falasse o contrario eu estaria traindo a mim mesma quer dizer eu estava falando a verdade, era quilo que eu sentia! Então foi maravilhoso, agora a gente ficava assim quando chegava algum paciente mais assim, já mais morto do que vivo, aí a gente fazia o que era possível fazer, prestava socorro que estavam em nossas mãos que naquela época não era quase nenhum, mas sempre tinha alguma coisa que ajudava e então a pessoa morria e eu falava assim, gente! Hoje eu digo naquela época parece que eu confiava mais em Deus, tinha aquela, sabe por que, hoje a gente vê também até com a gente mesmo, a gente tem experiência, mas assim a gente vendo Deus opera assim maravilhosamente gente jogando a criança praticamente morta. Eu não podia perder as esperanças, ainda dizer que pena foi só extrair! Extraiu! Tinha que extrair não tinha outra forma, todas as tentativas não funcionaram, falharam, está assim, mas Deus quis, Deus operou de tal forma e nos usou e hoje o menininho já deve ser até vovô.

O Zeca Damasceno que eu estava me referindo ele chegou aqui com a mão toda estourada e eu fui cuidar dessa mão do Zeca sozinha assim, mas nós tínhamos mocinhas que já tinham condição assim de aprender pra nos ajudar, pelo menos eu acho assim que uma pequena ajuda ela é muito válida é muito importante não é? Mas teve moças de chegarem a fazer parto, fazer sutura, fazer tudo. Às vezes eu estava doente, uma eu estava de cama nunca me esqueço disse quase sem poder me levantar porque eu estava muito fraca de não dormir nem de dia e nem de noite porque quase que a gente nem dormia, não tinha hora nem pra dormir e nem pra comer, então quando a gente é mais nova a gente se joga de corpo e alma é errado a gente tem que cuidar da gente também sabendo que se a gente tiver bem com saúde a gente pode realizar muito mais, mas quando a gente é jovem a gente não liga pra isso.

Eu ia almoçar quatro, cinco horas da tarde porque a gente atendia no ambulatório, fazia atendimento a domicílio e ainda ia pro sertão no lombo de animal quando tinha necessidade, quando não resolvia o problema lá trazia pra cá, então até começar médico pra cidade assim, chegava aqui improvisava hospital e começava fazer o atendimento, internava aquela coisa toda, aí não gostava do lugar não gostava dessa cidade ia embora depois vinha outro, então foi isso até que depois veio um médico que até hoje ele não mora aqui, mas de vez em quando ele está por aqui, montou um hospital, atendia também no Posto Médico que depois passou ater Posto Médico.

Então até poder ter médico fixo mesmo morando na cidade pra poder atender o pessoal todo demorou muito. Contudo o pessoal ainda ficou naquela mania de nos procurar a gente e eu falei olha agora o nosso atendimento você tem que entender e a gente têm que respeitar também a presença do médico já que tinha o médico na cidade não tem mais razão de ser o ambulatório médico continuar, agora quando alguém particularmente vinha me chamar, por exemplo: tinha parteiras aí coitadas, eu dava muito valor e dou pelo seguinte porque elas estavam assim, colocando em evidência aquilo que elas podiam fazer e quanto ao socorro elas também prestavam a muitas mulheres aqui na cidade, mas às vezes vinham me chamar pra eu ir lá porque estava acontecendo algo, mas estava tudo ok, mas a criança não nascia às vezes porque, por falta de experiência porque tinha que romper a bolsa de água e às vezes aquela membrana é muito resistente, tem outra que não é igual a uma bola de encher, você vai tentar até às vezes com o próprio dedo você vai tentar romper a bolsa rompe facilmente e outras são muito resistentes tem que ter o aparelho e saber como direitinho como se faz.

Um dia uma mandou vim atrás de mim quando eu cheguei lá que examinei a parturiente tudo legal, tudo ok! Aí falei pra ela, Linda está faltando só uma coisa que eu vou te dizer o que é aí rompe a bolsa e, ainda perguntei se ela queria que eu aplicasse uma medicação que ajudasse porque a paciente já estava sem forças, aí também eu fiz aquilo que me competia, aquilo que ela me pediu, prestei ali a minha ajuda e fui embora, de modo que mal eu cheguei à porta a criança nasceu, quer dizer então que até isso a gente às vezes precisava ajudar, agora tem muito que não quer nem que a gente passe nem perto, nem na frente da casa parece que tinha medo, mas não quando a gente era solicitado eu e ele que a gente podia ajudar porque não, era uma coisa simples não ia lá chamar o médico pra fazer aquilo ali, era uma coisa simplíssima, mas só quem sabia podia fazer aquilo ali. Então eram pessoas que prestavam um trabalho muito importante à comunidade que era de acordo com os conhecimentos delas, mas quando nos éramos solicitados à gente prestava ajuda a ajuda da gente que não era nada demais não é? E quando me pediam alguma orientação eu podia dar, eu não queria saber só pra mim e tem uma senhora na cidade também acho que ela é filha daqui ela aprendeu fazer parto com a gente ela era muito interessada e tinha o dom também pra enfermagem, depois ela saiu e fez curso e tudo, mas ela aprendeu trabalhando com a gente.

A gente ajudava também às vezes ela estava em apuros, só uma vez parece que ela pediu pra eu ir lá quando ela estava assistindo uma senhora e eu fui e também dei a minha ajuda, a minha opinião parece que eu estava até preparada pra viajar nesse dia, mas fui lá e dei a ajuda que eu podia dar e pronto. Então foi assim eu vou dizer pra você, recordo muito bem isso aí, eu recordo isso com muito amor, com muita saudade! Se eu pudesse trabalhar como eu trabalhava nessa época ai que maravilha. O Damasceno que eu não terminei de falar a mão dele ficou quase podre e a gente ali no remédio, antibiótico e com todo cuidado, com todo cuidado, aquela mão inchada, aquela coisa feia parecia que tinha aquele mau cheiro pra nós aqui o termo é esse então.

Aí ele chegava lá os médicos falavam assim olha meu filho você tem mesmo que tomar é antibiótico remédio porque o que tinha que se fazer já foi feito. Então era assim, por exemplo: eu sei que a gente que não é medico não pode transcrever, mas você sabe que aqui você fazia ou... Então os médicos aqui de arredores, médicos de Pedro Afonso que era o Doutor Pedro Zanina nessa época que o filho dele tem um hospital em Guaraí o Hospital Pedro Zanina, o Doutor Adriano que tomou conta do Hospital e o Hospital é dele, trabalhei junto com ele também no Hospital primeiro

Estadual, depois Regional de vez em quando mudava de nome, quando a gente trabalhou junto o Doutor Pedro Zanina era meu médico, abaixo de Deus era o Doutor Pedro Zanina, então o Doutor Pedro Zanina, por exemplo, ele fazia os exames de laboratório, mas era só exames de fezes e urina porque de sangue precisava de aparelho mais especializados e era mais difícil, mas pelos menos nessas duas áreas urina e fezes ele fazia.

Nessa época o que acabava com o povo dessa cidade e principalmente com a criança era a Anemia causada por Verminoses, então a doença aqui que eu esqueço o termo agora que precisava encarar mesmo a finco com Sulfato Ferroso e remédio anti verminoses então isso era quem acabava com o povo porque não tinha privada não tinha nada, era aquela promiscuidade, as crianças defecavam no quintal ali mesmo ninguém não enterrava e a criança descalça pisava, então mesmo que fizesse um tratamento de verminoses bem feito, mas logo se contaminava novamente e aí eram crianças, jovens, adultos era todo mundo, mas sempre a turminha mais afetada era as crianças né? Aí meu velho começou a ensinar as pessoas a fazerem uma privada no próprio quintal, filtro não era nem pra se pensar, aí ele ensinava fazer um filtro, um negócio lá de areia, carvão eu nunca aprendi a fazer isso não, mas ele ensinava tudo que a gente podia ensinar e passar pras pessoas pro bem da saúde sempre a gente fazia, eu sei que às vezes ele ia lá construir pra pessoas, ajudar e ensinar como era que se construía uma privada sem custar muito dinheiro e tudo, e às vezes não custava quase nada, pra tudo ele se colocava a disposição pra ajudar.

Então esse foi nosso trabalho durante muitos anos na área da saúde, foi muito gratificante, muito bom! Hoje eu vejo aí essa turma aí, muito já foram embora daqui, mas em todo lugar que eu chego, aí eu ainda digo assim é Brasil, a pessoa está no Rio por incrível que pareça, aí diz assim: a senhora é a dona Izaura não é? “Pois foi a senhora que fez o parto da minha mãe, quando eu nasci foi à senhora que me pegou”! Eu digo mais gente será possível, eu não tenho condição de me esconder não, quando eu estou pensando que estou escondida alguém me vê e vem falar comigo. Esses dias mesmo eu estava vindo de Palmas, aí entrou uma pessoa e sentou uma mulher muito vistosa e eu fiquei olhando, depois que eu olhei bem pra ela eu fui lembrar você é filha de dona fulana e seu fulano, não é? Aí ela falou “sou sim, sou a Lília”! Inclusive foi eu que sugerir o nome pra mãe colocar nela, aí ela falou “sou sim quando eu nasci foi à senhora que me pegou”! Eu já tinha feito uns três partos da mãe dela, três ou quatro, uma coisa assim, aí eu falei pra ela, quando você entrou eu te olhei e eu estava de óculos escuro, depois tirei os óculos aí eu fiquei olhando assim, é não tem jeito quando eu estou pensando que estou escondida! Mas isso é muito gostoso e as pessoas têm aquela gratidão, aquele amor com a gente, eu fico orgulhosa sabe? Esses dias eu estava conversando com umas das filhas do Zeca Damasceno, do Zeca Damasceno eu peguei quatro, em família aí que eu peguei cinco, nunca peguei mais de cinco de uma família, mas até cinco já peguei.

Então eu conversando com ele e ele falando pra mim que já é avô, aí eu falei, não acredito! E ainda brinquei como ele e falei bênção vovô! Mas não é interessante? Você viu nascer, você pegou na sua mão, foi Deus e você quem viu primeiro aquele pequenino ou aquela pequenina, hoje todo mundo é vovó, vovô eu acho isso muito interessante, muito bonito e eu me acho muito privilegiada sabe com esse trabalho que Deus nos concedeu e o mais interessante é que nós nunca pensamos em voltar pro Rio de Janeiro assim, mas a passeio sim. Todo mundo diz, êh cidade maravilhosa, é cidade maravilhosa em beleza eu acho que é, mas ultimamente como todo mundo sabe não dar nem gosto ligar os telejornais porque é só tragédia, violência, drogas e tudo que não presta então a gente numa cidade dessas apesar de ser minha cidade natal eu pelo menos quando vou lá, só que a gente não fica andando muito e já faz algum tempo que eu não vou lá.

A minha sobrinha ela é disponível também, ela é viúva eu fiquei na casa dela porque minha irmã mora no Rio, mas é bem retirado 170 km, mora na Região dos Lagos em Iguaba Grande que eu fui pra Bordas de Ouro dela, aí minha sobrinha me levava, fomos no Alto da Boa Vista subindo e descendo no trem, no bondinho no pão de açúcar, andamos em tanto lugar e foi tão gostoso e aí nesses lugares que são mais retirados a gente não se sente tão sobressaltada, a gente anda em cidade grande principalmente no Rio, São Paulo a gente fica sobressaltada.

Então eu sempre acho que minha cidade é Itacaja, esses dias mesmo eu estava em Palmas que eu fui pra ir pra Brasília porque minha filha e meu genro saíram de férias então minha filha falou, mãe vamos conosco de lá a senhora vai pra Brasília e nós também vamos a Brasília, meu genro tem parentes em Goiânia e Brasília, aí a senhora vai ficar com suas cunhadas que faz mais de 10 anos que eu não as vejo que são as irmãs do meu velho, a minha cunhada mais velha e a mais nova, aí quando a voltarmos à gente passa lá e pega a senhora e vem embora. Aí eu gosto sempre de pedir a direção de Deus, aí eu disse senhor se for pra eu viajar pra Brasília, eu queria ir muito pro Rio (Rio de Janeiro) também, ou um lugar ou outro que não tenha empecilho nenhum que dê tudo certo, eu sempre faço isso e tudo, aí mau a gente chega a Palmas começaram os obstáculos, minha filha começou com uma dor no pé pra perna, tinha hora que ela chorava com essa dor e eu tive que ir com ela pro Ortopedista e ela sem poder andar, acabou que nós duas não viajamos pra lugar nenhum, meu genro que foi pra Goiânia porque o pai dele é doente há muitos anos e ele tinha que vê o pai, foi e até já voltou está em Palmas. Aí chegou lá encontrou os filhos desempregado, todo mundo desempregado, aí ela falou “mãe eu não vou mais viajar”! Porque mãe é mãe não é? Ela me falou “não vou viajar pra passear e deixar meus filhos aqui todo mundo desempregado, eu não tenho coragem pra fazer isso”!

Eu disse “você tem toda razão”! Só que ela falou a senhora vai nem que eu vá lá li levar mais a senhora vai, aí eu falei pra ela não vou sabe por que eu não vou, não é que eu seja supersticiosa, vocês pode até achar que seja cheia de superstição não é isso, mas eu gosto de colocar tudo nas mãos de Deus porque é ele que resolve tudo mesmo. Então eu falei pra ela olha faz dias, desde que a gente conversou sobre essa viagem que eu coloquei isso nas mãos de Deus e falei assim, senhor se for pra eu ir que o senhor dirija tudo, que dê tudo certo! Olha mal a gente chega aqui foi tanta coisa, tanto empecilho, tanto obstáculo que surgiu porque que eu vou teimar “mãe a senhora vai”! “Eu não vou”! “Eu não vou e eu já te falei porque”! “Então está bom”! Aí depois eu precisava comprar uma medicação a resolver outras coisas, ela me levou na rua o filho dela foi dirigindo porque ela não estava podendo dirigir, aí eu resolvi o que eu tinha que resolver e falei pra ela “olha eu vou embora amanhã”.

Ela falou “mãe a senhora é quem sabe, sabe por que eu não posso lhe prender”! “Há bom, eu só estou te prevenindo porque amanhã de manhã vocês vão me deixar na rodoviária e eu vou embora”! Eu não fui pra passear em Palmas, eu gosto de Palmas meus médicos estão todos lá, tudo bem! É um lugar muito bom, mas pra começar é quente demais, eu não me dou bem lá, gosto de lá, mas assim, pra você ir pra qualquer lugar que você precisa sei tem que ter alguém pra te levar, eu não aprendi a andar de ônibus por culpa do meu filho que mora lá e de quem me leva é de carro pra lá e pra cá, eu não sei andar de ônibus lá, porque se eu soubesse eu não ficava presa em casa não, mas é aquele negócio, nunca deixaram eu pegar uma condução pra ir pra lugar nenhum, tudo era de carro de lá e pra cá e era tudo longe demais, aí eu falei assim eu não vim passear em Palmas, eu fico lá alguns dias é claro quando eu vou fazer exame médico, quando eu tenho retorno médico, o mês que vem eu estou com retorno marcado com o cardiologista, tudo bem! Mas eu ir! Tem muito lugar, muita opção, muitos lugares bons, praias e tudo, muitos lugares bons pra gente ir, mas o



pessoal é tudo naquela correria, você fica dentro de casa não tem nem esse espaço que eu tenho aqui que é quintal na frente, atrás, aqui quando eu quero vê alguém eu vou ao portão não vejo ninguém, mas olho lá quando eu vejo um vizinho eu dou um tchau e coisa e tal que graças a Deus a gente é muito unido, tudo bem.

Agora eu ir pra Palma ficar sentada lá, leio e escrevo e fico lá, um murro alto, um portão alto e eu fico lá sentada daqui um pouco eu levanto vou ao fundo do quintal de lá eu volto, gente isso não é vida não, viva meu lugar em Itacajá deixa eu ir embora! Eu não vim passear em Palmas me deixa ir embora pra Itacajá, porque aqui eu ando um pouco chego ao comércio, vou aqui vou aculá conheço todo mundo, encontro um, encontro outro e visito é assim essa vida legal e aqui em Itacajá você anda aí altas horas da noite como já aconteceu uma vez um amigo meu morreu lá perto da minha igreja, ele estava muito doente e aí eu passava lá sempre, sempre, quando eu demorava um dia sem aparecer ele falava, oh mais custou! Ele gostava demais que a gente fosse lá visitá-lo e nós éramos muito amigos, ele foi da minha igreja a gente trabalhava junto ele era um verdadeiro artista, então quando a gente ia fazer programação especial da nossa igreja, quem ornamentava era ele, eu e outra pessoa que já tentei lembrar o nome esses dias e não consigo lembrar, fazia ornamentação de todo tipo, a última ornamentação que a gente fez ele e minha filha foi na igreja Católica, eu sou crente, mas eu, por exemplo: tem gente que achou um absurdo eu ir lá ornamentar a igreja católica e eu falei isso não tira minha crença não, eu estou dando até em modéstia parte, eu estou dando até um bom exemplo, então não tirou minha crença.

E ia ter um casamento e a menina parece que é afilhada do meu genro e minha filha estava com a responsabilidade que ela pediu, e eu e o Wiltan, não sei se ela pediu pro Wiltan sei que ele estava lá e nós três fizemos a ornamentação com o material que tinha e tudo, a menina casou e modéstia parte ficou bonita a igreja, então o Wiltan era um verdadeiro artista e essa foi a última ornamentação que nós fizemos juntos. Esse coqueiro que tem aí na frente da casa do vizinho foi ele quem deu e parece que foi ele quem plantou e a minha arvorezinha na frente da casa, toda vez que eu olho pra ela eu me lembro do Wiltan ali que no dia que eu estava plantando ela eu vi ele ali que ele ajudava também no jardim da Igreja Católica aqui, aí eu fiz sinal pra ele e ele desceu aí eu falei Wiltan me ajuda a plantar essa plantinha aqui, sei que ele se virou pra arrumar uma cavadeira, aí fez um buraco plantou minha plantinha lá, eu até falei pra esposa dele.

A casa deles é uma coisa de planta e trabalho, as paredes, até sofá de pedra ele fez, mas parece que não terminou porque ele ficou doente e não pode mais não é? Então toda ornamentação especial que tinha pra fazer a gente fazia juntos. Ele era um amigo mais chegado até mais do que um irmão, era uma pessoa maravilhosa o Wiltan! Eu sempre ia visitá-lo e quando eu chegava lá ele falava, mas demorou tanto! Você custou! E quando ele faleceu foi interessante porque parece que eu tive uma intuição de que ele não estava bem naquela hora, ele já estava bem ruinzinho, isso foi à tarde eu vinha da rua e me deu uma vontade de ir lá, mas eu estava tão cansada, tão cansada porque foi um dia tão agitado e eu não fui, mas depois me arrependi porque foi justamente na hora que ele faleceu. Ai quando me avisaram era quase 10 horas da noite e fiquei no outro dia eu ia viajar pra Palmas pro retorno médico que estava marcado, aí eu fui me deitar e não suportei e levantei e disse de jeito nenhum eu estava me repreendendo, meu amigo faleceu eu tenho que ir lá, porque ele não ia me vê, mas tinha a família, a esposa muito amiga também, os filhos aí eu falei eu tenho que ir lá, o tempo estava até chuvoso, eu tenho que ir lá e me mandei mais de 10 horas da noite rua abaixo fui parar lá na casa dele e fiquei até tarde, depois uma amiga minha que mora mais pra lá vinha e eu falei vou aproveitar a tua companhia e vou também que o trecho lá da tua casa pra minha casa é menor. Aí você vem não encontra ninguém pra te assaltar, menino é maravilhoso!

Uma vez dia 31 de dezembro a gente sempre fica lá na igreja na noite de vigília na passagem do ano depois tem a parte de social, socialização que sempre tem jantar ou tem lanche, aí todo mundo se reuni lá, todo mundo vai se abraçar desejar feliz ano novo e todo mundo vai comer junto, nós ficamos na igreja até tarde, aí eu tenho uma vizinha que ela mora ali pra cima na Rua da Igreja Católica nós saímos de madrugada, de madrugada! Pois ela foi pra casa dela e eu desci pra minha casa não tem ninguém pra te assaltar, menino isso é que é lugar pra se viver! Itacaja é ótimo é uma cidade maravilhosa, eu acho né? É claro que com a evolução vai chegando às coisas boas e as que não prestam também, não é? Mas a gente espera em Deus que não venha a ser em comparação as Capitais, os grandes centros, o índice é bem menor certo.

Mas outra coisa muito interessante aqui na cidade de Itacajá é a solidariedade, o povo é solidário demais, se tem um doente está todo mundo ali, está todo mundo dando apoio, não falta ninguém na sua casa, quando sai um o outro já está chegando, às vezes a casa está cheia todo mundo ali lhe prestando solidariedade. Se morre alguém junta todo mundo, as mulheres tem um grupo aí que é especialista nisso, vai pra cozinha toma conta de tudo, menino que coisa linda! Eu acho assim, uma união, Itacajá tem seus defeitos que todo mundo tem não é? Não tem ninguém sem defeito se não, não seria normal, mas é assim sabe um povo amigo, um povo solidário, um povo muito dócil. Isso em grandes centros você não vê nada disso não, pode haver, mas é muito difícil.

Então Itacajá prende a gente por isso, tanto que eu nunca quis ir embora daqui, às vezes eu penso gente eu devia ir embora pro Rio de Janeiro morar lá, tem minha irmã lá, minha parentela é toda lá, depois eu paro e penso, eu posso ir lá pra passear, mas pra morar não e todo mundo que vem a Itacajá gosta de Itacajá, meu irmão que mora em Minas já esteve aqui, ele sempre passava lá em casa em Guarai, mas aqui ele já veio e como gostou, minha cunhada adorou Itacajá, então é um lugar assim sabe de Deus mesmo, prende a gente.

Meu filho mais velho que foi praticamente criado aqui, todos os três são Cariocas com exceção daquele de São Paulo que é filho do coração vieram pra cá bem pequenos, aí meu filho tem casa aqui, tem Cartório, tem fazenda, a outra o marido é fazendeiro também, ela trabalha no Fórum não sei qual é o cargo dela, mas tudo que entra no Fórum passa pelas mãos dela, o meu genro é Oficial de Justiça também filho daqui e daqui é que ele não vai sair mesmo, ela também não pensa em sair daqui e aí nós viemos pra cá também e acabamos ficando aqui.

Nós moramos a primeira vez 19 anos já é uma existência não é? 19 anos, depois fomos embora pra Goiânia por questões de saúde porque nós dois tínhamos que fazermos uma cirurgia então a gente foi embora, mas 19 anos nós moramos aqui, e meu velho foi o Diretor que mais tempo ficou no Lar Batista não é? E depois ele quis voltar pra Guarai, aí lá nós organizamos uma creche e coisa e tal, mas aí instituição nenhuma vai pra frente sem verba não é? Aí teve que fechar a creche, tudo bem! E aí a gente sempre com o desejo de voltar a morar em Itacajá, mas uma coisa interessante que sempre me chamou atenção parece que Deus não queria que ele viesse pra Itacajá em vida não e o desejo dele era ser sepultado aqui e nós fizemos, cumprimos, não é? O desejo dele.

E nós sempre tivemos pra compra uma casa lá em cima, outra lá perto do meu filho, tem uma de cá que não deu certo e fomos vê outra, tudo caminho andado a gente estava vendendo a casa lá em Guarai e de repente tinha algo que não dava pra gente vir, aí um dia eu pensei, gente parece que não é pra nós irmos pra Itacajá. E um dia em conversa com um amigo eu escutei lá em Guarai na hora em que ele falou, falando sobre Itacajá e tudo, então ele falou que quando ele falecesse que o desejo dele era ser sepultado aqui, aí nós fizemos isso. E aí com a morte dele eu não fui mais pra Guarai

porque eu estava sozinha naquela situação difícil daqueles primeiros dias e semanas e meses e anos né? Tudo bem! Então fiquei morando lá no meu filho, eles separaram um quarto lá pra mim, levou meu guarda roupa, telefone coisa assim pra eu ter meu quarto arrumado, fiquei lá até eu vender a casa lá em Guarái e comprar uma casinha aqui, tudo bem!

Só que é sempre bom a gente ter o cantinho da gente né? Mesmo a gente sendo de idade, por mais que a gente viva bem se der bem eu acho que é melhor cada macaco no seu galho, a gente tem que ter o cantinho da gente não é não! Você deita a hora que você quer, você levanta a hora que você quer, não que eu não teria liberdade na casa deles, tudo bem, mas eu acho que se a gente poder ter o lugarzinho da gente apesar da gente achar ruim essa questão de ficar só humanamente falando, mas a gente precisa ter o cantinho da gente. Há eu acho bom lá na casa da minha filha eu fico vontade como na hora que eu quero, vou aoportão a hora que eu quero, mas vivo aquela vida presa, aí eu fiquei pensando há eu vou embora pra Itacajá, vou embora porque eu não vim passear aqui, a hora que eu quero eu estou no portão, dou um alô pra um vizinho, dou um alô pra outro e tudo, é difícil elas virem aqui, mas às vezes vem, eu vou mais lá do que elas vem aqui e sei lá eu me sinto bem aqui, “aqui é que é minha cidade maravilhosa”!

Eu gosto de Itacajá, eu gosto! Itacajá marcou muito a gente, a gente tem muita marca de Itacajá, não podemos pegar também e negar ou deixar pra trás essa história de cumplicidade que temos com Itacajá. Há eu me sinto bem aqui, eu me sinto realizada aqui em todos os aspectos graças a Deus, só que às vezes eu fico pensando assim que falando de talento que eu gosto de declamar, gosto de cantar, às vezes eu fico pensando aqui em termos de cantar e tudo, talvez se fosse em uma cidade maior eu teria mais oportunidade, mas mesmo assim. Agora eu tenho muita vontade, minha filha ela tem uma vontade assim sabe que isso acontecesse de eu ir pra lá pra ir pra Universidade da Terceira Idade porque lá a gente tem muitas oportunidades também, esses dias eu estava vendo na televisão que de vez em quando aparece só que na hora eu estava na pia, estava ajeitando o almoço que quando eu ouvi falar na Universidade da Terceira Idade que vim pra perto da televisão já estava terminando, eu acho que era um Congresso, era tipo um Congresso estava todo mundo uniformizado de camiseta amarela e também uma ornamentação, mas vi tudo assim só de relance, então não sei dizer se era Congresso, mas era algo de diferente de especial que estava acontecendo lá, aí eu pensei assim, ah, meu Deus!, ah, eu lá!

Mas eu estou me sentindo bem aqui, agora nesse aspecto porque não é todo mundo que dá valor a poesia não, muita não sabe nem o que é isso, chega e fala o que a senhora falou lá é tão bonito, mais não sabe nem se expressar, mas também ninguém tem a obrigação. Não que a gente queira se enaltecer aparecer, mas uma coisa que eu acho muito importante e que eu fico muito feliz com isso é quando você observa que as pessoas te valorizam. Você está fazendo esse trabalho como eu dou valor a isso aí, eu sei que você se sente bem quando as pessoas falam pra você ou pelos menos demonstram o valor do teu trabalho, não é bom? E outra coisas mais que a gente não sabe, mas que muitas vezes você faz, sei lá você tem aparência de escritor! O seu tipo miúdo assim, apesar de ter esse tipo miúdo assim, mas e teu semblante está me dizendo assim que você é um escritor, pois é!

É bom quando você faz uma coisa que as pessoas te valorizam, não é ficar te bajulando “é porque não sei o que” não, mas quando uma pessoa te dá uma palavra de animo de incentivo você se sente bem, você se sente feliz não é? Eu não quero ninguém atrás de mim me bajulando, eu não gosto, mas se uma pessoa te der uma palavra assim pra que você prossiga naquilo que você faz e tudo você se sente bem, eu me sinto bem quando uma pessoa fala comigo com o objetivo de desejo para que eu continue fazendo o melhor aquilo que eu gosto de fazer, que eu continue fazendo o melhor, sabe? E aqui o pessoal não dá muito valor, não dar.

Às vezes uma coisa que eu acho assim até fora de ética é eu ficar me oferecendo pra fazer as coisas, eu acho assim, se a pessoa sabe que você faz e que não pode fazer tão bem, mas também não faz tão mal é muito bom quando agente é solicitada também, não é não? Você é uma pessoa esclarecida, uma pessoa formada, uma pessoa estudada você sabe disso, mas eu acho horrível quando você sente vontade de fazer alguma coisa e à hora é propícia pra aquilo ali e você muitas vezes você tem que se oferecer, eu acho isso fora de ética! ... Porém, às vezes a gente não se agüenta e acaba se oferecendo pra fazer mesmo não sendo solicitado para tal e isso é uma verdade.

Domingo passado mesmo meu pastor, eu te falei que ele gosta muito de perguntar e de me convidar principalmente em ocasiões especiais, mas domingo ele estava pregando sobre a parábola do homem que tinha uma das mãos ressequidas e que Jesus fez um milagre e a mão dele voltou ao normal igual à outra, então ele falando sobre essa parábola e a mensagem dele foi essa do milagre e falou sobre o milagre que Deus pode operar na vida da gente aquela coisa toda e eu ali sentada me lembrando de uma música que fala sobre os milagres de Deus né?

“Houve um milagre no esplendor do lindo céu, houve um milagre em retira o negro véu, mas quando me salvou e me resgatou houve um milagre que me leva ao céu” (Milagres do amor, Feliciano do Amaral)

É lindo! Aí eu fiquei ali, mas não me agüentado e eu dizia pra mim mesmo, gente eu tenho que cantar esse hino! Aí escrevi um bilhete que eu não gosto desse tipo de coisa não, mas eu escrevi assim pastor eu gostaria de cantar após o seu sermão Izaura, aí o irmão dele estava sentado na minha frente e eu pedi entrega esse bilhete para o pastor! E a pregação dele já estava terminando quando ele foi e entregou e então logo que ele terminou, ele me chamou a frente e eu apresentei a música que estava dentro do que ele estava falando, então muitas vezes eu reluto, reluto, reluto e acabo não indo quer dizer que é uma coisa que quem sou eu, a música era um complemento, sabe? Estava de acordo porque eu não ia pegar uma música que não estava nem falando sobre aquele assunto.

E ficou aquele negócio me tocando assim, não eu não posso ficar calada. Meu velho foi assim, toda vida ele pregava e toda vida eu cantava, ele gostava sempre assim, antes da palavra dele, do sermão dele eu cantava, ele lia o texto Bíblico sobre o que ele iria falar e então ele me dava a oportunidade ou então quando ele terminava ele me dava a oportunidade e eu já tinha um hino de acordo com o que ele tinha falado, então toda vida foi assim, ele pregava e eu cantava e graças a Deus eu nunca deixei ele sozinho sem colaborar com ele nessa parte aí, na hora ele precisava, queria que eu participasse eu estava sempre junto com ele. Então foi assim, esses três ministérios que a gente desempenhou com a ajuda de Deus aqui em Itacajá, e foi muito importante também porque a gente estava sempre unido, agora nesse lado da enfermagem depois o Lar começou a crescer a ter fazenda e gado, então ele começou também a se dedicar mais ao trabalho do Lar e eu fiquei assim praticamente sozinha na parte de enfermagem, mas tinha as meninas que me ajudavam agora quando, tinha o ambulatório que funcionava em um dos prédios lá perto da praça, uma praça bonita que foi inaugurada a poucos dias, depois num dava pra gente tá pra lá pra..., de lá pra cá... nesse vai e vem, a gente desocupou duas salas lá no prédio do Lar Batista bem na entrada principal, era sala de um lado e do outro, numa a gente fazia atendimento dividindo com uma cortina, atrás tinha uma cama hospitalar que era ali que eu fazia os partos né? Depois a gente usava a sala de cá, a sala de cá a gente internava as pessoas que tinha gente com problemas de saúde que a gente não podia deixar ir embora não tinham que ficar lá vários dias recebendo assistência pra poder ir embora.

A gente passou a atender lá no Lar porque a gente já estava ali mesmo, então quando era um parto muito trabalhoso, laborioso demais de dia e de noite a gente trabalhando, eu já estava exausta que eu não estava agüentando mais aí eu o chamava pra me ajudar, mas eu não gostava pelo seguinte, ele não tinha paciência de vê a mulher sofrendo, ele sabia, eu também sabia, mas cada um tem seu jeito, sua maneira de ser. Eu sabia que estava tudo bem, não tinha problema nenhum, não tinha anomalia nenhuma então era espera à hora e ajudar é claro com alguma medicação se fosse preciso no período de dilatação que varia muito de mulher pra mulher, mas eu sabia que estava tudo bem porque eu ia me desesperar, mas ele não tinha paciência e por isso às vezes eu não gostava de chamá-lo porque ele não tinha paciência, ele não gostava de vê ninguém sofrer. Pra ele era tão angustiante aquela situação, mas eu já estava assim tão vacinada que pra mim aquilo era normal, eu ficava com dó, mas eu sabia que era normal! O que eu ia fazer não tinha anomalia nenhuma estava tudo bem.

Olha não foi tão difícil não, foi difícil assim, porque como você sabe que naquela época não tinha recurso nenhum aqui e nem meio de comunicação não é? Então a gente achava difícil porque minha parentela é toda no Rio não é? Minha mãe não se conforma de jeito nenhum, minha mãe era muito crente, muito espiritual, muito temente a Deus eu até fiquei meio assim, não foi desapontada, mas surpresa com minha mãe, eu era a filha caçula porque tem meu irmão, que quando tinha seis anos meu irmão se meteu a chegar pra tomar meu lugar de caçula, é um irmão muito querido graças a Deus, é o irmão caçula. Mas de qualquer forma sabe que todo caçula é dengoso, mas eu sou mais dengosa do que meu irmão caçula, não sei se é pelo fato de ser homem e eu mulher, mulher é mais dengosa.

Eu velha, velha casada gostava, sentava no colo de mamãe, então aí de qualquer forma eu digo: só veio, mas eu continuo sendo caçula porque eu sou caçula das mulheres, era só eu de mulher com dois homens, então eu acho que por causa disso toda vida eu fui pequenininha, magrinha, muito franzina e mamãe tinha aquela preocupação assim especial comigo e eu caçula também dentre as mulheres, então mamãe ficou inconformada. Nós não sabíamos o que era Itacajá, sabíamos que era uma cidade no Norte de Goiás naquela época, mas nós não sabíamos o que existia aqui, e o que não existia aqui nada disso nós não sabíamos, aí eu nunca me esqueço quando nós estávamos arrumando a bagagem da gente a mamãe pegou uma vasilha e encheu de botões pra roupa, encheu outra de agulha, linha de todo tipo porque achava que aqui não tinha nada, mas isso aí já tinha loja nessa época que tinha tudo isso não é? E costureiras e costureiras boas aqui, algumas já até morreram, nesses dias eu estava falando numa que pra costurar calça pra homem e pra mulher, gente que perfeição, não tinha igual.

Foi ontem que a gente estava falando nela, então aqui em Itacajá não tinha recurso financeiro, a alimentação era precária e a gente não veio assim com aquela preocupação, com aquela expectativa não acho que foi porque Deus estava orientando tudo, mas a gente sentiu um impacto muito grande principalmente na questão alimentar. Um dia como eu sentir meu Deus uma vontade de comer um bife acebolado com uma salada de alface e tomate chega estou com a boca cheia de água parece que viajei, depois graças a Deus foi melhorando, tudo bem.

Mas a gente teve assim, é claro que não seria normal se a gente não tivesse um pouco de expectativa não é? É claro que agente veio assim com uma certa expectativa, mas em alguns casos foi até além daquilo que a gente esperava, agora em caso de precariedade era uma cidade muito precária não é? Não tinha um carro na cidade pra você pra você ter uma idéia que tudo era difícil. Eu vou te contar uma que parece até piada, sempre que eu precisava de tratamento médico eu ia pra Brasília,

inclusive nós já tínhamos meninas que tinham sido criadas no Lar que já eram formadas e moravam em Brasília e tinha as minhas cunhadas também, mas desta vez eu fui pra ser operada, eu precisava ser operada, aí tudo bem fui e me submeti à cirurgia, aí eu estava de alta, mas não tinha quem me tirasse do hospital porque minhas cunhadas uma problemática demais a outra carregada de filhos e todo mundo trabalha você sabe como é em cidade grande a coisa não é? E aí eu estava lá no hospital de alta, mas sem poder sair e tinha mandado um telegrama pra ele aqui, eu não sei nem te dizer como era que chegava essas correspondências. O certo é que foi o seguinte, ele chegou de surpresa eu nem estava esperando ele aparece lá no hospital e eu falei mais meu velho o que aconteceu que você está aqui, pois eu estou de alta aqui esperando alguém pra me tirar do hospital, aí saí do hospital e fomos pra casa da irmã dele e tal, tivemos lá alguns dias e tal, eu voltei ao hospital e me preparei pra voltar pra Itacajá, voltei com poucos dias de ônibus pela Belém Brasília que na época era de chão. A gente saía daqui de férias pro Rio de Janeiro, saíamos daqui pra Goiânia, Goiânia Rio de ônibus chegava lá igual os porcos só o barro da poeira e quando era época de chuva então! A Belém Brasília era chão, a Belém Brasília era estrada de chão, pois é! Eu sou bem velhinha.

Então eu tinha passado um telegrama pra ele e nós ficamos lá vários dias e com uma semana que nós tínhamos chegado aqui foi que o telegrama chegou, parece piada não parece, com uma semana que nós tínhamos chegado de viagem de Brasília foi que o telegrama chegou, ele já tinha ido já tinha me buscado, isso pra você ter idéia de como era Itacajá na época, mas até que deu da gente enfrentar bem os problemas, sabe? Deu vontade de voltarmos pro Rio de Janeiro como já falei que nós ficávamos até tarde da noite contemplando aquele luar tão lindo e tudo, com vontade de voltar, mas depois a gente sentia a responsabilidade da gente, como é que a gente se entrega pra um trabalho desse, se coloca a disposição e mais chegou no lugar aonde você ia atuar aí você se manda é um negócio assim esquisito, não é? Então com a ajuda de Deus a gente enfrentou e Itacajá hoje está assim bem diferente, mas é claro que tinha aquelas conversas indesejadas, eu estranhei demais isso aí porque eu não sou desse tipo assim, sabe? E todo mundo tem seu círculo de amizade, agora tem pessoas que gostam de você e têm outras que já não vão com teu jeito, isso é normal, tudo é muito normal.

Eu procuro me aproximar da pessoa e quantas vezes eu já ganhei amizades boas por conta disso, aí minha filha mesmo diz assim pra mim “eu heim mãe se a pessoa olha assim pra mim e não me topa eu faço o mesmo” minha filha é muito legal e não é porque é minha filha não mais ela é gente fina e eu falei “pois eu não” quando eu vejo que a pessoa me olha meio de lado assim eu procuro me aproximar daquela pessoa, isso era no meu setor de trabalho, na minha igreja em todo lugar porque tem pessoas que me vê esse tipo assim e muita gente acha que eu nem tenho a idade que eu tenho.

Ontem uma senhora falou pra mim assim: “a senhora é parente da mulher do Marcelino”? “Sou”! “O que a senhora é dela”? Eu falei “sou mãe”! “Mãe”? “É, eu sou mãe dela”! “Eu pensei que era irmã”? “Há é mesmo, eu sou a irmã mais velha e ela é a irmã caçula”! Aí depois eu falei pra ela não nós somos mãe e filha, eu sou mãe dela. Quer dizer, eu acho legal quando a pessoa fala assim, muitas pessoas acham que eu não pareço ser mãe dela, pareço ser irmã dela, não é bom isso aí? É muito bom né? E tem pessoas que por causa de ser esse tipo miúdo assim, ter a idade que eu tenho, mas todo mundo diz e tem hora que eu acho e tem dia que eu falo pra ele de outro jeito, tem hora que eu acho que eu não tenho a idade que tenho não, acho que minha mãe errou parece até uma falta de modéstia dizer isso, mas com toda modéstia é verdade tem pessoas com sessenta anos que é só o caquinho, não é?

É que a gente não pode se entregar, os problemas vêm, os problemas vão e enquanto a gente estiver nesse mundo nunca vai faltar, né? Problemas mais simples, problemas mais sérios mais difíceis de resolver, mas a gente com a ajuda de Deus tem que ir frente olhar sempre pra cima, olhar sempre no sentido vertical e a gente então vence. Nós enfrentamos muitas lutas quando chegamos aqui, mas logo que chegamos aqui apesar de tudo à gente começou a amar esse lugar, sabe? A gostar e depois com o passar do tempo a amar, porque gostar como já falei todo mundo gosta, agora amar é algo bem mais profundo, por exemplo: eu digo “eu gosto de você”! Mas, por exemplo: o casal como eu já falei eu não gosto de ouvi o casal dizer essa expressão “eu gosto da minha esposa”! Que gosta, tem é que amar! Amar é o seguinte, muitas vezes você tem que colocar nos seus ombros os problemas das pessoas isso é que é o difícil, dar o ombro pra pessoa chorar, não é?

Isso é difícil, isso é o amor! Então eu acho que amar é maravilhoso e mais maravilhoso é Deus porque o amor veio de Deus, não é? E só não tem amor na vida assim, o amor de um modo geral só se a gente não quiser porque Deus, Jesus o filho de Deus que ele entregou por nós, pra morrer por nós, pra sofrer por nós gente foi à maior prova de amor, então é maravilhoso a gente tem mais é que amar, só que amar num sentido geral, num sentido geral! Então é muito bom e a gente precisa pedir a Deus a capacidade pra saber a amar, eu não gosto muito da expressão gostar, mas todo mundo tem seus gosto é claro, mas em muitos lugares a palavra que se encaixa melhor é a palavra amor, porque o amor é tudo! Eu tenho uma música também “que o amor é uma coisa sem igual”! E tem outra “que o amor é tudo, feliz é quem ama”! Diz que não tem barreiras pra conter as chamas do amor é muito bonito, bonito demais! Mas muitas vezes esse amor ele é barrado por alguns obstáculos, mas se a gente puder amar se puder demonstrar um pouco de amoréção bom e faz bem em primeiro lugar pra gente mesmo, nós somos beneficiados, sabe?

Vou dizer que eu sei amar, tem certas horas que a pessoa fica até assim, porque você está tentando demonstrar amor para aquela pessoa e a pessoa não entende, você está dando um pouco de si tá querendo ajudar e tem pessoa que às vezes tem a mente tão fechada que não entende não é? Não abre espaço pra receber aquilo que está sendo ofertado, mas é assim mesmo, na vida a gente encontra tantas barreiras, tem pessoas de todo tipo e às vezes é preciso você tentar e falar e explicar e tudo pra que a pessoa venha a entender, mas essa vida é assim mesmo não é? Mas eu sou muito grata a Deus porque a gente saiu do Rio de Janeiro porque se a gente tivesse ficado lá não sei se ainda estaria vivendo, se estaria vivo ainda, sei lá, mas eu sei que eu poderia ter realizado muitas coisas que eu tinha vontade, porque a gente renuncia a muitas coisas pra vim pra um lugar como Itacajá como nós viemos do Rio de Janeiro porque lá você tem de tudo, você só não faz aquilo que você deseja se você não quiser, mas se você tiver desejo de crescer, desejo de fazer algo importante que te beneficie e aos outros também você tem campo e é um campo vasto, Goiânia também eu gostei mais de Goiânia do que do Rio de Janeiro que é um lugar maravilhoso pra você morar, hoje eu não sei por que nunca mais eu fui lá, mas de qualquer forma eu me sinto assim realizada por está aqui em Itacajá!

Claro que muitas vezes com a programação que eu vi assim de relance, há eu fiquei com a boca cheia d'água! Minha filha quando chegar aqui ela vai falar pra mim, ela vai falar mãe eu tenho tanta vontade que a senhora vá pra Palmas pra senhora participar da Universidade da Terceira Idade, tem desfile. Há-me deixa contar uma! No ano de 2009, todo ano a gente tem o Congresso da Terceira Idade e cada ano é em um lugar e no ano passado foi em Colméia uma fazenda tem programações muito variadas pra festas, oficinas de tanta coisa e tem também de Talentos, que é cantando ou declamando poesias, sabe? Mais é uma maravilha a gente rever pessoas amigas que há muito tempo a gente não via e faz novas amizades, tudo bem.

Aí eles mandam com antecedências a programação pra nós e em 2009 foi em Itaquaruçu, 2010 foi outro e em Itaquaruçu foi final de Agosto e na fazenda Colméia foi Setembro, agora esse ano eu não sei qual vai ser a data, mas sempre é assim final de agosto e início de setembro, é assim! Mas é sempre bom! Esse último tinha muita gente, mas tinha muita gente que não era da Terceira Idade que eram de outras cidades de outros Estados que vieram pra participar, foi lindo demais! Agora o próximo vai ser em Palmas, aí tem o desfile, muita gente em desfile mulher ou homem, e eu ganhei o troféu de Miss da Terceira Idade desfilando, aí quando foi nesse agora na fazenda eu fui passar a Coroa e a Faixa, tem tudo isso, o negócio é chique, foi muita gente que desfilou e tem a Miss e o Mister né? E então eu tive que passar a Faixa pra minha sucessora e no próximo eu pretendo desfilar de novo, mas eu não estava pensando que eu fosse ganhar não, mas ganhei, fiquei feliz, nãoé?

Esses dias minha vizinha viajou pra São Paulo e me deixou varias cartas de final de ano pra eu entregar pra algumas pessoas da minha igreja e outras pra botar no correio pra ela não é? Tudo bem, aí eu fui ao correio pra botar essas cartas e foi numa hora assim que só tinha a fulana e a funcionária que estava atendendo ela e eu fiquei a parte porque eu só fui lá pra entregar as cartas que já estavam seladas e tudo, aí quando ela terminou de falar com a funcionária ainda ficou por ali assim e eu entreguei as cartas e agradei aí ela ia saindo também e eu estava com uma blusa verdinha assim e ela botou a mão na minha cintura e falou assim: é esse corpinho é de dar inveja! Quer dizer ela declarou aquilo que eu observava que ela tinha assim qualquer coisa comigo só porque eu sou de Idade e eu não sou uma pessoa barriguda, uma pessoa gordona, é o meu tipo.

E outra coisa também que eu não tenho lá essas condições financeiras, mas uma coisa que minha mãe ensinou pra nós que eu não vou dizer que nós éramos pobres não porque pobre é pobre de espírito, mas nós não tínhamos condições financeiras, nós fomos criados num lar assim sem condições financeiras, mas nunca nos faltou o alimento, nunca nos faltou a roupa e principalmente a roupinha da gente que mãe tinha separada pra sair, pra passear, tinha um primo que levava sempre eu e minha irmã, ele ia lá em casa nos buscar pra nos levar pra passear, era assim final de ano! Chegava lá pra nos levar comprava o que a gente queria, mandava escolher, então todo ano tinha aquela data certa dele ir buscar a gente pra passear não é? E aí mamãe toda vida foi assim, ai de nós se a gente pegasse uma roupa de ir pra igreja e elas empre dizia que pra gente ir pra igreja pra ir adorar a Deus que a gente deveria ir da melhor maneira com a melhor roupa que a gente tem, era dessa forma, então muita gente chamava a mamãe de pobre besta, Cecília você é uma pobre besta porque você botas as filhas pra estudar, porque todos nós estudamos então já começou de lá, desde que nós éramos pequenos o pessoal tinha uma cisma com mamãe e dizia que mamãe era uma pobre besta que queria fazer das filhas todas professoras, era assim desse jeito.

Eu gosto de ir pra igreja, agora eu sou assim eu faço as minhas separações, eu tenho a minha roupa do dia a dia, eu tenho a roupa de ir pra rua, eu tenho a roupa de ir quarta feira pro grupo de oração, tenho as minhas roupa de vestir só no domingo de manhã e no domingo a noite, sem querer eu faço essa seleção, mas eu acho que é porque que a gente foi criado assim, então eu faço aquela seleção, eu não tenho condição financeira mas eu também não gosto de andar de qualquer jeito mau arrumada e também não ando gastando dinheiro atoa, mas tem gente que é assim “viva o luxo mora o bucho”, não é? Eu também não sou assim, e eu também ganho muita coisa que minha filha tem muitas roupas boas, minha filha tem um emprego bom e tudo que minha filha tem tanta roupa e



tudo que ela me dar é bem vindo ou qualquer pessoa também porque você não vai pegar qualquer roupa que você sabe que a pessoa tem uma doença de pele qualquer coisa, isso também não vai acontecer, mas minha filha me dá muita roupa, então eu passo é muito tempo sem comprar roupa e se precisa de uma ajeitadinha, de uma reformazinha, eu gosto muito de mandar reformar roupa também.

Quase não gasto com roupa, mais que eu ganho, tem hora que eu abro ali o guarda roupa, não sei porque eu tenho esse tanto de roupa, mas é devido a essa seleção que eu faço de tudo, tudo, tudo e eu não de ir pra igreja principalmente no domingo à noite eu gosto de me arrumar bem direitinho pra eu ir, não é pra aparecer porque não é desfile de modas, mas eu vou usar aonde? Tem que ser aqui mesmo, agora também tem as roupas mais assim que eu deixo pra uma ocasião mais especial, certo? É isso! Sabe o que é que eu faço? Mas pra você vê como a gente sofre até nisso aí, né? De maneira que é assim meu filho, mas eu amo esse Itacajá, tem tanta gente amiga, têm tantas coisas boas, eu sei que eu me sinto feliz aqui.

Quando nós chegamos aqui em Itacajá não tinha água encanada, não tinha luz, as pessoas usavam era a água do rio pra tudo, até pra beber naquela época quando a água não era nem tratada nem nada, onde tinha água encanada, sabe aonde era? Era no Lar Batista que tinha energia por meio de motor e então a gente sempre usava, não é? E o pessoal ficava assim beversido porque o Lar Batista tinha essas coisas.

A casa eu tenho duas irmãs que a gente estava aqui de pouco tempo elas vieram aqui a minha irmã mais velha e minha terceira irmã que não são mais vivas, não é? Pra você ter uma idéia de como era lá, a casa era de cortina de cima até embaixo, era uma casa que pra época era uma das melhores casas aqui de Itacajá, tinha água encanada, tinha assim, na nascente foi construído um açude e aquele açude estava sempre cheio por causa da nascente e de vez em quando é esvaziado pra fazer a limpeza, pra lavar coisa e tal, mas então tinha um motorzinho que ele não era movido à eletricidade não, o nome dele era Carneiro eu não sei direito com ele trabalhava, mas a função dele era trazer água lá de baixo, bem longe pra caixa d'água, era uma coisa interessante nessa época, sabe? Então quem morava no Lar Batista tinha conforto porque naquela época não tinha conforto nenhum em Itacajá, mas como eu estou dizendo a casa era simples, mas era uma construção boa, bem arrumada, todo cortinado, com água encanada, com luz de motor, mas tinha luz de motor que não tinha em nenhum outro lugar. A primeira casa até um sofá foi lá, parece piada, mas tinha um monte de gente que ia lá só pra vê esse sofá, pra você vê como que era Itacajá nessa época, não tinha o Curso Ginásial, eu não sou da Educação e nem não guardo esses nomes e não tenho mais filhos que estudam, mas o ginásio não tinha.

Depois através de varias pessoas, meu esposo ele era muito interessado e tínhamos as crianças pra estudar também e tudo, e tínhamos a Escola Batista também, eles estudavam na Escola Batista o Curso Primário e depois iam pro ginásio, mas não tinha ginásio, até que se reuniram aí e foi aquela coisa e fundaram o Ginásio Progresso de Itacajá GPI, aí foi uma benção porque quem botava os filhos desde o ginásio pra estudar fora não precisava mais, permanecia na cidade só saiam depois se quisessem fazer outro Curso, um Curso Técnico de Nível Superior aí saía pra estudar, então não tinha nada, hoje eu digo que é um céu, hoje a gente tem Televisão, tem Telefone, tem Internet tem tudo, então eu digo assim que Itacajá na falta nada tem tudo e outra coisa a base da alimentação era feijão, arroz e carne e quando conseguia comprar carne e quando a pessoa tinha condição também pra comprar porque a maioria nem tinha.

Então era feijão, arroz e carne, não tinha legumes, não tinha verdura não tinha nada, mas o povo nessa época era um povo muito preguiçoso, preguiçoso pelo seguinte, eu tenho minhas razões de me expressar dessa forma assim meio grosseira mas é... porque quando nós víamos a precariedade e a necessidade de ter uma alimentação melhor então começamos a plantar, já tinha muitos meninos meu velho tinha que dar serviços pra esses meninos também então começaram a fazer hortas e ele fazia o seguinte, meu marido dava as mudas que fosse do que fosse do tinha lá, tomate teve uma época que deu tomate e não era aquele tomatinho não, era aquele tomate caqui, era um tomate que dava gosto você vê e a salada então da vontade de avançar, tomate caqui.

As crianças não tinham condições e quem trabalhava no Lar também tinha direito uma parte da alimentação, pelo menos dessa parte. Nós sempre tivemos nossa cozinha separada, mas assim o que era cozido ali todo mundo tinha direito, tudo bem! Aí a gente ficava com pena aqueles tomates aquela coisa linda tudo se perdendo, a gente mandava pra rua pra vender, sabe o que o povo falava? “Não sou lagarta pra comer tomate”! Se dessem eles queria, mas era vendido assim porque você sabe que todo dinheirinho mesmo que ele seja pouco, mas já ajuda, então já ajudava pra compra adubo fora pra poder manter a horta, tivemos um mine granja também e tudo. Então o que os meninos faziam voltavam com os tomates pra casa, o que era do consumo já tinha sido tirado, aí tirava mais alguns e dava pros porcos comerem pra não perder, era desse jeito pra você vê a mentalidade, verdura era do mesmo jeito, “eu não sou lagarta pra comer folha”.

Tiravam mais algumas e dava pros porcos pra não perder, então o povo era assim, hoje misericórdia de ter uma horta que o povo está tudo em cima. No supermercado quarta e terça-feira à tarde chegam legumes e frutos tá todo mundo lá ou então na quarta-feira de manhã ou na sexta-feira também chega e no sábado tá assim todo mundo comprando, então também era possível se o povo não fosse evoluindo junto com a cidade, hoje não o povo já pensa diferente, mas nessa época meu velho plantava fazia as mudas meu filho também o mais velho, ele inclusive estava fazendo Curso Agrícola em Pedro Afonso ele ia lá pra fazer a horta prepara ocanteiro pra planta ou então deixar pra pessoa plantar porque a pessoa também tem que valorizar, plantava.

O povo era preguiçoso, era nessa época um povo muito preguiçoso, era! Eu posso dizer isso porque nós vimos isso, nós sofremos isso na própria experiência da gente, com isso nós chegamos à conclusão que muitos passavam até fome por preguiça, porque já pensou você entregar pra pessoa muda de tantas hortaliças, de legumes e tudo, ir lá ajudar a pessoa a plantar e a pessoa ter preguiça, nunca foi pra frente isso aí! Depois a cidade foi evoluindo e foram chegando pessoas mais esclarecidas e aí a coisa foi tomando um rumo diferente e hoje está aí Itacajá que é pra mim uma cidade maravilhosa, mas nessa época que não tinha um carro na cidade, uma cidade que não tinha energia elétrica, uma cidade que não tinha água encanada, todo mundo só tomava banho no rio, hoje o povo toma banho no rio por lazer e na realidade é maravilhoso.

Só que praia aqui de rio, eu não gosto de dizer isso não porque o povo já me acha metida e ainda mais se me ouvir falar isso, mas às vezes às pessoas me perguntam eu falo que eu não vou mentir, eu gosto sim de praia, mas praia de rio não me atrai muito não, mas a praia do mar olha lá é diferente, não sei se foi porque a gente foi criada lá e de vez em quando a gente estava na praia e agora lá aonde minha irmã mora lá em Iguaba Grande cidade dos Lagos, mas ela dizia pra mim, Izaura quando você vier aqui você vai gostar aqui tem lagoas, mas a lagoa que eu conheço, as lagoas que eu conheço você olha e vê o final da lagoa, a largura da lagoa e lá você chega à beira da praia ela diz que é lagoa, mas é água salgada e eu falei assim: oh que bom! E quando eu cheguei lá você olha é um mar, um oceano não é lagoa, mas lá é lagoa, eu achei muito interessante, mas é o oceano você não vê o fim, certo? Muito bom.

Agora meu neto o segundo filho da minha filha mais velha a namorada dele lá em Palmas tem uma casa no lago, aí nós estivemos lá, mas não foi dessa última vez não ou foi, é foi dessa última vez que nós estivemos lá sim, aí sempre final de semana vai os amigos o pessoal da família tudo pra lá, tudo bem! Da outra vez eu não fui banhar no lago não, mas dessa última vez eu levei roupa de banho, há eu vou banhar e fui mesmo entrei na lagoa foi muito bom, foi tudo tão gostoso, mas o que eu gosto mesmo é praia do mar! Mas aqui assim não sei se é porque é assim tão, não sei como eu diria até mesmo porque não é praia natural mesmo, mas aí tem um porto aí em um lugar muito gostoso que é denominado Porto do Pedro Gomes que é um morador muito antigo aqui da cidade, ele ainda é vivo, andou ruinzinho, agora está bem melhor já bem de idade, bem velhinho, mas aí é Porto do Pedro Gomes, aí as senhoras da igreja de vez em quando nós vamos pra lá fazer programação.

Tem dias que a gente programa de ir cedinho pra lá e lá a gente tem àquela hora de lazer todo mundo toma banho, depois toma café, cada qual leva uma coisa, uma leva chá, outra leva açúcar, outra leva café, é tipo um piquenique, é um piquenique onde tem a parte espiritual onde a gente lê a Bíblia, onde a gente recita textos Bíblicos, a gente canta, a gente ora agradecendo a Deus, agradecendo natureza ouvindo ali o barulho da água, olhando as árvores, que coisa linda! Aquelas pedras então! Nós já fomos pra lá umas duas vezes é muito gostoso, ali é natural mesmo, às vezes a gente leva até mesa e cadeira pra sentarmos outra hora senta todo mundo no chão mesmo, é gostoso demais! Então Itacajá até o pessoal nessa parte assim de fuxicar que era denominada cidade do fuxico, sabe? Eu ficava tão triste com isso!

Pra você ter uma idéia, graças a Deus até nessa arte aí o povo evoluiu, sempre há é claro porque onde está o ser humano sempre existe todas essas coisas, não é? Mas a gente podendo e inclusive se você a oportunidade, se for perto de você, se você observar e se você puder você pode dar um chamadinha e com que a pessoa acabe com aquilo ali, por exemplo: se eu tenho um problema com você eu vou falar pro mundo inteiro, mas não vou conversar com você. Uma vez eu quase que apanhei, mas hoje nós somos amigas, mas assim, tem gente que diz assim: eu perdoei, mas não esqueço! Meu caso não é esse, eu perdoei hoje eu posso dizer que nós somos amigas, mas só que ficou a marca, quer dizer então que você não tem mais a confiança na pessoa que você tinha antes. Depois você pode se dá bem, mas ela pra lá e você pra cá, mas eu me dou muito bem com ela, mas porque eu a chamei pra conversar e ela não se dobrou ela não teve a humildade de me pedir desculpas, não precisava nem me pedir perdão. Ela ficava falando de mim, falando de mim e eu trabalhando rua acima rua abaixo fazendo parto, cuidando de doente, aí só pelo fato de eu ter comprado umas peças de roupas e ela achou que todo mundo poderia comprar, menos eu, aí falando de mim e eu só ouvindo aquele zunzum no meu ouvido, ouvindo aquela mosca zunindo no meu ouvido aí quando foi uma determinada hora eu falei comigo mesma, sabe de uma coisa eu vou chamar fulana pra conversar, ela foi à minha casa e quase me bateu dentro da minha casa e disse “a senhora também fala dos outros”! Eu digo: “quero que você dê provas, dê provas”! Eu não sou santa não, mas só que tem uma coisa quando eu sinto alguma coisa de alguém eu faço que nem eu estou fazendo aqui, estou tentando conversar com você e você não quer me ouvir é assim que eu faço, eu falo dos outros é assim.

Eu falo dos outros minha filha é andando pra cima e pra baixo cuidando de doente como você mesmo é testemunha, pegando menino de um, pegando menino de outro, cuidando de doente aqui, cuidando de um doente ali, que eu nem tenho tempo pra comer e nem pra dormir é assim que eu ando falando dos outros, “a senhora fala sim que a senhora não é santa”! “Eu não sou santa”! Mas graças ao meu bom Deus eu não sou melhor do que você e nem do que ninguém, mas não tenho esse mau costume de falar de ninguém, ela foi embora e ainda ficou zangada comigo, não falava

comigo, aí quando foi um dia eu falei pra ela, olha eu vou chamar fulano e fulano porque você não quer assumir sua responsabilidade, vou chamar o pastor da minha igreja e vou contar o que aconteceu e vou contar minuciosamente tim, tim por tim do início ao fim como foi que aconteceu e você não tem humildade de se dobrar e de pelo menos reconhecer que você errou de ficar falando de mim sem eu saber, sem eu merecer.

Aí ela ficou com medo e voltou a falar comigo, ela não mora aqui mais, eu vejo ela e eu sou de coração aberto não ficou magoa no meu coração, só que ela me marcou assim, porque ficou a marca, mas é uma pessoa que eu me dou com ela onde eu a encontrar, tudo bem! Eu não tenho ressentimento daquele tempo só que eu não confio, certo? Então é muito ruim, porque eu acho que a palavra da gente é uma coisa muito importante, que é o que a gente diz. Eu acho assim que eu tenho meus defeitos também porque eu não sou santa, eu não sou perfeita, mas se eu tenho problemas com uma pessoa eu chego pra pessoa vou conversar no setor de trabalho um dia eu estava na Obstetrícia tarefaada que fica bem longe do Posto de Enfermagem, quando eu chego ao Posto de Enfermagem pra pegar uma material que eu tinha esquecido de levar pra lá pro meu trabalho aí eu escuto uma colega de trabalho falando de mim com a chefe e eu não devia, eu não estava devendo pra ela falar pra chefe, aí eu não tinha nem tempo pra ouvir direito, mas eu ouvir mais ou menos e voltei pro meu serviço, não demonstrei terminei meu serviço e vim pro Posto de Enfermagem e ela pra lá e pra cá, tudo bem.

Eu passei o plantão, chegou à hora de passar o plantão, aí peguei a minha bolsa e fiquei na expectativa esperando a hora que ia fazer o mesmo, não é? Pegar a bolsinha dela pra ir embora, aí eu falei assim: colega nós precisamos conversar e fomos pra um enfermaria uma parte que estava desocupada e falei pra ela, olha hoje eu observei isso assim, assim! Foi uma coisa assim sem importância que havia acontecido, porque quando é uma coisa séria a gente tem que comunica a chefia, tudo bem! Mas não uma coisa tão banal que eu até me esqueci, nem lembro o que era. Estava falando de mim só por uma questão de mau costume de falar dos outros, aí eu falei pra ela: olha toda vida eu tive você em grande estima, toda vida te considereei muito e agora você me decepcionou, aí ela me falou olha Izaura: foi assim, assim e assim ela foi me contar, sei que ela se desculpou lá, aí me abraçou e disse: “não eu não quero perder a sua amizade”! “E nem eu, nós toda vida fomos tão amigas porque que agora a gente vai diferente uma com a outra”.

Eu tenho um quadrinho que eu estava com ele na mão esses dias que foi ela quem me deu. Então eu ganho muitas amizades assim, sabe? Eu acho tão gostoso! Então o que adianta se o meu problema é com você, eu tenho que conversar com quem? Quantas mulheres casadas não falam do marido pra todo mundo, é engraçado falam do marido e continuam vivendo e convivendo com ele, não está errado isso aí? Então se o casal tem problema vai sentar os dois e vai conversar, agora tem homem que não aceita e tem mulher que não aceita e o problema é esse, mas diz que é conversando que se entende, então eu tenho esse habito, sabe? As pessoas às vezes me machucam eu deixo passar, depois eu digo fulano nós precisamos conversar e agente ganha uma amiga, essa colega minha eu vou te contar, hoje quando a gente se encontra o que é muito raro a gente se encontrar, mas quando se encontra é aquela alegria. O quadrinho que ela me deu é esse aqui do gatinho: Ter a sua amizade foi uma das minhas maiores conquistas porque você é uma pessoa simplesmente maravilhosa. Então ela parece que em forma de gratidão ela me deu esse quadrinho que eu guardo com todo amor. Mas é assim graças a Deus eu não tenho inimizade com ninguém. Eu acho lindo demais, eu dou valor demais a essas coisas! Então é assim a gente tem que pedir sabedoria a Deus pra gente ter humildade, não é? Pedir sabedoria a Deus pra viver senão a gente não vive não.

Às vezes a gente atendia os índios e uma vez alguém já me perguntou em conversa e não faz muito tempo se eu já tinha feito algum parto de índia, não nunca chegou assim ter a necessidade de atender nesse aspecto aí, não é? Porque parece que eles já são muito tarimbados pra resolver esses problemas assim, mas dificilmente nós atendíamos porque eles sempre tiveram assistência. Não é? A FUNAI sempre muito presente, hoje não é mais FUNAI, não é? É FUNASA, SESAI, não é? A FUNASA parece que eles sempre tiveram um pessoal especializado pra atender os índios mesmo na época que era tudo muito precário, agora lá no Lar Batista era cheio de índio, sempre cheio de índio e eles nunca deixaram de pedir, mas agora eles pedem menos, compram tudo eu achei interessante que sempre eu vejo as índias e os índios também lá no supermercado com o carrinho fazendo compra, mas parece uma coisa que é dar, dar, dar eles nunca deixam de pedir, às vezes eles me vêem ali no portão, esses dias mesmo eu estava no portão e chegou um, hei você não tem uma roupinha usada, eu tinha pegado mesmo algumas porque às vezes a gente faz bazar na nossa igreja e vende tudo a preço, como diz lá no Rio a preço de banana quase tudo de graça, quase sempre a gente faz bazar, às vezes mesmo a gente leva pro Congressos a gente faz cantina, faz bazar pra angariar dinheiro porque a gente aluga ônibus pra ir todo mundo junto e voltar e isso diminui e muito despesa da gente do grupo que vai.

Já teve Congresso de quase quarenta, cinquenta pessoas, então eu falei pra ele: olha não tem não porque eu peguei esses dias dei todas as roupas que eu tinha aí, eles pedem não é tanto por necessidade, mas pelo habito de pedir, lá no Lar Batista também era assim, aí ele pediu farinha, cupã é arroz e farinha, eu não sei falar krahô não, meus vizinhos aqui é que sabe muita coisa, pedia, pedia aí meu velho ia e ajeitava e antigamente lá no Lar a gente comprava pras camas das crianças aqueles panos bem baratinhos, aqueles panos de estampas bonitas, cochas de estampas, aí quando o índio chegava lá minha gente tinha que darpanospra elas, às vezes a gente até tinha peças porque não dava pra comprava por quilo comprava peças e tinha que pegar corta e dar pra elas, mas era um pidação como o povo costuma falar, mas pediam e até hoje só que diminuiu bem, né? Essa pidação deles hoje é bem menos, mas na hora que vê a gente, agora uma coisa que me marcou foi quando meu velho morreu que às vezes nem o civilizado faz isso, eu ia descendo na rua lá no centro e o índio vinha subindo, aí ele parou e disse assim pra mim: que pena, não é? Benjamim morreu.

Assim com aquele carinho, com aquele amor, sabe? Falando ali comigo, mas é assim mesmo, não é? Tentando me confortar, menino eu achei aquilo tão bonito! Aí eu falei assim, pois é, meu filho ele já está com o pai do céu! Eu estou sentindo muita falta dele, mas o pai do céu o levou, não é? Ele me encontrou parou pra me dar uma palavra de conforto, mostrar a solidariedade dele, menino isso aí eu achei muito bonito! Tudo eu registro no meu diário, não me lembro se eu registrei isso aí, mas eu creio que sim. Eu achei bonito demais.

Mas eles também têm bons sentimentos, né? São humanos também e sabem demonstrar da maneira deles o carinho, a solidariedade, e isso serve de lição, eu aprendi essa lição com o índio e eu achei muito bonito, apesar do povo aqui ser muito solidário, mas isso aí pra mim que coisa maravilhosa, eu achei lindo demais! Se fosse outro passava e não estava nem aí ou vinha me pedir, mas ele falou: Oh! que pena Benjamim, não é? Morreu não é? Falou e aquela coisa, mas que coisa linda, aquilo me marcou demais! Eu não sei nem o nome dele, não me lembra o nome dele, mas eu achei muito bonito! Então são pequenas coisas assim que marcam a gente e quantas coisas a gente aprende não é? Uma pessoa que não tem estudo, que muitos hoje já são até formados, tem Curso Superior e tudo. Aqui tem um que se formou em Serviço Social e um dia a turma dele foi fazer um trabalho pra Terceira Idade, não é? Inclusive foram dois ou foram três dias consecutivos e um dia foi combinado até pra cantar, eu sempre participo da reunião da Terceira Idade à noite, mas ultimamente eu estou mais afastada, aí um dia eu fui convidada pra cantar, fui convidada pra falar pra eles da Terceira Idade e aí eu levei até um folheto que fala da diferença do velho pro idoso pra gente saber envelhecer, saiba envelhecer!

Velho só dorme e o idoso sonha, porque idoso ainda tem muitos sonhos, eu sonho em realizar muita coisa ainda, só se Deus não permitir porque Deus é quem sabe, não é? Mais aí porque a idade vai chegando aí pronto a gente tem que se entregar porque a gente não pode fazer mais nada, apesar de já ter tido gente que falou assim que eu tenho que vê minha idade, que eu tenho que olhar a minha idade, só porque eu canto e interpreto poesia e declamo, é uma coisa que ninguém pode tirar de mim só Deus, não é? Que idéia é essa que a pessoa de idade não pode mais fazer nada, não pode mais nem abrir a boca. Tem pessoas que tem essa mentalidade de que a pessoa chegou à Terceira Idade ela tem que se acomodar, se entregar a velhice, mais aí é como diz um folheto que eu tenho ali “saiba envelhecer”, aí diz como, mas é assim você procurando sempre realizar alguma coisa até mesmo em prol de outra pessoa da Terceira Idade que às vezes não tem a habilidade que você tem, não tem aquele entusiasmo, não tem aquela vontade de sair de conversar, de visitar então você pode até passar essas coisas, nós não somos velhos não nós somos idosos e em uma reunião eu fui até aplaudida porque eu falei sobre isso, foi até em um aniversário meu não sei que meus filhos me fizeram um surpresa, aí então falamos sobre negócio de velhice aí eu falei olha eu sempre digo os anos vão passando e eu não fico velha porque eu não sou velha eu sou idosa, porque o velho é assim e o idoso deve ser assim, é mais todo mundo me aplaudiu foi aquela coisa, mas é verdade a gente tem as nossas horas também que dá vontade de começar a fazer igual ao caramujo se encolher, no entanto não vale apenas não de repente a gente tem que ir pra cima não pode ficar desse jeito.

Eu sei que eu sou muito feliz! Sou uma pessoa feliz, sou da Terceira Idade e não me sinto humilhada com isso não, eu me sinto é feliz por Deus ter me concedido a chance de chegar a essa fase da minha idade, não é? E enquanto eu estiver viva e com o juízo perfeito, eu espero em Deus que eu não venha ficar velha caduca e o que eu puder fazer eu vou fazer o que eu puder falar eu vou falar, quando eu puder cantar eu vou cantar. Quando a gente chega nessa idade à gente vai colocar em evidência tudo que a gente aprendeu, quando eu era mais nova eu declamava poesia, mas não era com tanta dedicação e agora não, agora eu estou me dedicando e me preparo pra hora que eu for convidada.

No último Congresso que fui não foi da Terceira Idade não, mas foi um Congresso pra todas as idades que acontece todo ano em novembro, em geral aproveita o feriado do dia dois e ano passado foi depois entre os dias treze, quatorze e quinze aí têm à tarde dos talentos que música, é solo, é dupla, conjunto uma porção de coisas também e poesia, a poesia saiu até do currículo porque o pessoal não está mais ligando, muitos porque estudam demais e não tem tempo e outros têm tempo até demais e não sabem aproveitar o tempo que tem, então foi tirado do currículo porque uma eu me escrevi pra participar e não tinha ninguém pra concorrer comigo e eu tirei a nota máxima, tem medalhas eu as tenho ali que de dupla de dois anos consecutivos que eu cantava com um amigo meu que foi embora pra Goiânia e dois anos consecutivo eu tirei o primeiro lugar interpretando poesia e quando foi agora no Congresso em Bernardo Saião tinham outras que interpretaram também uma eu não sei nem se era de autoria dela porque quando terminou o Congresso era aquele corre, corre, corre e eu não tive a oportunidade de saber se a poesia era de autoria dela, mas ela foi lá na frente ler a poesia.

E outra que ia participar, mas como eu ia participar ela não foi ela até não declamava mal não, mas ela fez tudo pra me tirar, pra você vê como é que eu sou! Ela fez pra me convencer de que não era pra eu participar, e eu disse o que eu não vou participar? E ela é minha conhecida de muitos anos, isso foi até do Lar Batista quatro anos aí dando trabalho pra gente. Ela não declama mal, mas aí não

queria, mas como ela via que não me convencia, eu digo não senhora eu vou participar até porque meu pastor inclusive pediu pra eu participar representando a minha igreja, eu não posso deixar de participar, aí ela também não participou, falou a poesia dela, mas fora da concorrência, não quis, aí eu tirei o primeiro lugar também, não é? Eu não esperava, não mais.

Até teve duas vezes que eu gosto de parar assim um pouco dar uma pausa, sabe? E teve uma hora que me deu um branco e aí eu fiquei assim, não me apavorei e de repente veio de novo e quando foi em outra parte outra vez, aí dizia assim: háááá uma exclamação, sabe? Hááá! Aí eu parei e fiquei sorrindo depois exclamei novamente hááá assim em voz mais baixa e aí pude terminar a poesia. Acho que ninguém notou que eu tinha dado um branco, aí meu pastor disse assim pra mim: olha como eu porque lhe conheço, eu conheço a senhora eu notei que a senhora tinha dado um branco, mas é porque eu lhe conheço.

Porque ele sempre me ouve interpretar, mas ninguém mesmo podia pensar que nessa hora eu tinha dado um branco, nunca tinha acontecido isso, mas às vezes acontece, não é? Era tanta gente e às vezes a gente fica assim, mas eu não tenho disso não, às vezes eu fico apreensiva, confusa assim um pouco nervosa, mas também quando eu começo a falar! Mas dessa vez ninguém observou que eu dei um branco, aí quando foi na hora do julgamento lá eu tirei o primeiro lugar. Então tudo isso é benção que Deus me dar, não é que eu queira aparecer não, mas se é uma competição, eu não gosto de competição, conforme a competição, cantar eu nunca cantei pra competir com ninguém, eu não gosto.

Mas é uma coisa minha, não é? Aí poesia não, poesia eu sempre gostei, uma coisa interessante quando eu era mais nova não ligava pra essa coisa de poesia não, mas agora não, não sei se é porque eu estou aposentada, estou mais desocupada, estou até procurando serviço pra preencher mais o meu tempo assim por causa da gente se sentir muito sozinha, não é? Aí se acontecer tudo bem, se não acontecer está bom também. E aí eu estou me dedicando mais, me dedicando mais! Aí eu achei tão engraçado, eu estava comentando com o pastor e ele me falou: eu só notei porque eu lhe conheço, mas as outras pessoas não deram pra notar que a senhora tinha dado um branco não, mas foi muito bom, isso é muito bom pra gente, né? Eu me sinto muito bem assim de poder participar, de ter oportunidade.

Tanto os meus filhos como os meus netos são sabedores da minha história, o meu neto mais velho que casou dia 28 de dezembro ele pode se dizer que é filho daqui, não nasceu aqui, mas veio pra cá pequenininho ele tem 31 anos é o mais velho e todos já criados, são rapazes e moças, é assim: neta biológica eu só tenho uma, agora minha filha que é do coração tem uma filha moça que eu considero como minha neta e meu filho que mora em Palmas tem um casal de filhos inclusive ele foi ele que nos deu a neta e cria um que completou agora em janeiro 13 anos e todo mundo sabe de minha vida, do meu trabalho eles me dão o maior apoio, tem um que é músico e agora ele está montando o estúdio dele e disse vovô agora você vai gravar um CD mesmo pra valer com um acompanhamento muito bonito, muito bem feito. Eu não estou dizendo isso não é porque eu estou montando e eu também sou musicista e ele toca violão e teclado também e tem outro também que toca violão, é ele que me acompanha em todo lugar, em Guaraí quando eu ia cantar ele ficava todo feliz porque ia tocar pra mim, ele tinha um teclado, então ele carregava o teclado dele e uma vez eu fui convidada e eu não era ainda da igreja aqui, mas eu fui convidada pra participar do aniversário da igreja que foi comemorado durante três dias.

Outro pastor que sucedeu ao atual, que quando ele nasceu fui eu que o pegou também ele cresceu estudou, se formou e foi ser meu pastor é interessante, não é? Aí ele me convidou e eu fui cantar os três dias e convidei esse meu neto de Palmas ele veio ficou aqui comigo, todo dia a gente ia ali pra aquele quarto ali ensaiar, não é? Pra noite ele me acompanhar, mas foi uma benção! Eu tenho até um folheto aí com minha foto e o pastor agradecendo a ele também e tudo, mas foi uma benção! E tinha outro que morreu novo, não era meu parente, mas era como se fosse da família que era guitarrista ele só faltava fazer a guitarra falar, ele morreu de uma forma muito trágica e muito novo ele também ia pra todo lugar. Em Guaraí eu era convidada pra cantar em formatura que eu ia declamar e tudo ele estava sempre comigo me acompanhando.

Sou uma pessoa que gosta de cantar, sou cantora, mais não sei cantar com playback, eu não gosto de cantar com playbek, mas sabe por quê? Porque toda vida eu tive uma pessoa pra me acompanhar, nunca eu cantei com playbek, mas é assim eu toda vida tive pessoas pra me acompanhar, sabe? E aí nesses eventos que eu ia cantar eu não sei cantar com playbek e eu não gosto, não gosto mesmo de cantar com playbek, eu tenho algumas músicas aí que às vezes eu canto com playback, mas eu não gosto não, pra mim se eu tivesse condições financeiras eu tinha sempre uma pessoa a minha disposição. Só que aqui em Itacajá é muito difícil, tem uns meninos que tocam aqui, eles tocam direitinho, mas tem um pouco de dificuldade sim também e agora meus netos estão longe, estão em Palmas é por isso que eu estou falando se eu estivesse em Palmas nesse aspecto aí talvez eu me engane, mas é bem provável que eu tivesse mais oportunidade, não é? Ainda mais com os dois músicos lá, pra mim seria uma benção, certo? Mas seja o que Deus quiser o futuro a Deus pertence.

Apesar de ter passado por tudo que passei mesmo assim não tenho nenhum arrependimento não, eu tive algum momento de tristeza, mas eu acho que isso aí é a alegria de ter vindo pra cá realizar este trabalho e a nossa família de alguma forma participando e tudo, isso aí nos dá uma alegria muito grande e dos nossos parentes que ficaram com receios quando nós viemos pra cá, como falei que minha mãe não aceitava de jeito nenhum, mas também não se opôs, mas a gente sabia que vinha e pelo modo dela falar a gente sabia que ela não estava aceitando, sabe aquele zelo de mãe aquela coisa, a super proteção que até certo ponto é normal, não é? Então eu tinha um cunhado que já morreu e eram todos crentes, pessoas dedicadas ao trabalho de Deus e tudo, mas ele falava mesmo porque ele era aquela pessoa que sentia as coisas e não sabia sentir e ficar calado, tudo bem.

Depois minhas irmãs estiveram aqui e viram como era a casa que a gente morava e que a gente tinha algum conforto pelo menos de moradia a gente tinha conforto, a alimentação era precária como eu já falei, mas depois tudo melhorou com a gente procurar a produzir, procurando produzir legumes e montar fazenda e tudo pra ter a carne disponível e o meu esposo inclusive ele lutou muito pra que o Lar chegasse a esse ponto, nós tivemos até uma mini-granja como eu já contei. Então a gente passou assim hora muito difícil e outra coisa também que a gente sofreu muito é o seguinte, nós não tínhamos nossa casa separada, a nossa casa era uma parte do prédio Lar que era a casa do Diretor, uma coisa que toda vida eu achei errado porque você trabalha, trabalha, trabalha pode se esmerar durante o dia todo, mas tem à hora de você estar na sua casa com a sua família, então é muito difícil a gente morar dentro da Instituição eu não dou de conselho pra ninguém, pra ninguém fazer uma coisa dessas, sabe por quê? Por exemplo: nós tínhamos as crianças do Lar, porque antes era Orfanato, quando nós fomos pra lá não era Lar Batista, era Orfanato Batista F. F. Soren, hoje é Lar Batista F. F. Soren depois então, porque é assim, lá nós tínhamos crianças de varias procedências; crianças órfãs de pais vivos que não tem responsabilidades com os filhos aí jogava lá, tudo bem.



Outros tinham mãe ou pai, tinham outros que não tinham nem mãe nem pai e nem parentes, outros tinham parentes, mas viviam lá, cresciam e iam embora pra se formar, trabalhar em algum lugar pra vencer na vida e era mesmo que não ter parente. Essas crianças a maioria era revoltada, revoltada porque embora estando bem tratadas porque o Lar oferecia aquilo que estava ao alcance, não é? Mas essa questão é uma questão muito séria e afeta muito a pessoa, a pessoa sentir, saber que foi abandonada pelo pai ou mãe, ou pelos pais ou responsáveis, nós não tirávamos as razões deles, só que nós tínhamos vindo pra dar vida ali, dando a nossa vida trabalhando de dia e de noite e às vezes crianças doentes com aquelas epidemias, não é? Aquelas doenças mais peculiares daqui, as crianças aqui, gente não era fácil não! Era muito difícil, muito difícil, mas nós vencemos.

Mas então elas tinham tudo, tinha toda assistência espiritual, assistência material, assistência a saúde, tudo! Mas eram muitas revoltadas e nós tínhamos o que era nosso, mas a maioria dizia, entrava em nossa casa mexia em tudo e quando a gente falava e nada, aí eles às vezes falavam, mas não falavam pra gente e diziam que tudo que tinha ali era deles, não que nós achássemos que nossos filhos fossem melhores do que eles, jamais! Mas só que eram nossos, eram filhos do nosso ventre, era o nosso sangue, era a nossa família, quer dizer que quando nós fomos embora nós não carregamos o Lar nas costas da gente, nós fomos pra nossa família, não é? Então isso aí causava um impacto muito grande em nossos filhos e em nós mesmo, nós somos adultos nós sabíamos entender, mas os filhos começavam a ficar revoltados também porque eles eram criados tudo misturado.

Eu tinha a hora que sentava com eles pra conversar, às vezes o pai não tinha tempo pra fazer isso eu fazia, eu dava orientação inclusive sexual pra meninas, eu tinha reunião com elas e tinha reunião com minhas filhas também. Tinha dia de a gente ir lá pra beira do Rio colocar uma esteira assim pra deitar eu e minha filha mais velha e depois a mais nova que é 10 anos, mas nova do que a outra que é a filha do coração pra dar oportunidade pra elas me perguntarem aquilo que elas quisessem perguntar, ficar a vontade porque eu sempre tive muita abertura com meus filhos e principalmente com minhas filhas, não escondia nada e procurava orientar de acordo com a capacidade entendimento delas.

E então elas sempre se sentiram à-vontade comigo, nunca tive segredo, eu fazia isso, apesar de toda luta pra você vê, apesar de toda luta eu ainda tirava um tempo pra fazer isso, mas eu não tive prejuízo com isso, não é? E com a outra eu fazia do mesmo jeito, mas nossos filhos também até hoje eles já são homens e mulheres idôneos e tudo, feche de família, mas nunca deixa de ter revoltazinhaaquela coisa, sabe? Então nós tivemos prejuízo com isso aí e teve algumas horas que eu cheguei até ficar um tanto revoltada também, não demonstrava pros filhos, mas meu esposo sabia por que eu conversava com ele particularmente, eu falava meu velho vamos pedir pra construir uma casa na área, mas que seja separada do prédio porque nós precisamos dar mais assistência, mais atenção pros nossos filhos pra nossa família, porque eu tinha muito medo que nossos filhos se revoltarem, de crescerem pessoas revoltadas, hoje não são pessoas de bem podem ter lá os defeitos deles que todo mundo tem, mas sempre a gente não deixa de observar que sempre ficou algo a desejar.

Então teve muitas horas difíceis na minha vida por conta disso e às vezes a gente fica não é propriamente arrependida não, a gente está realizando, se sente realizada no trabalho e quer ficar no trabalho, mais hoje esses problemas servem de empecilhos, eu tive essas horas na minha vida, mas assim de arrependimento, de revolta por está aqui não, às vezes eu tive e enfrentei problemas nessa área porque justamente era na época que meus filhos mais precisavam de atenção, de assistência que é da pré-adolescência até a adolescência é a época que eu acho que o ser humano precisa de mais atenção, de mais assistência dos pais, mais atenção, mais aconselhamento e tem o filho mais

velho que mora aqui ele foi muito castigado, pois ele era muito terrível, desde pequeno ele foi muito levado, desde pequenininho já me dava um trabalho tremendo, era muito levado, mas o que eu poderia fazer? Era da natureza dele, só que a gente tinha que segurar e tentar moldar, não é? Mas então ele dava muito trabalho, todo e qualquer problema que às vezes acontecia entre os meninos lá o nome dele era o primeiro “ah, mas foi fulano que fez”! Mas foi fulano!

E aí o pai às vezes ficava muito revoltado e castigava muito ele, sabe? Ele sofreu muito com isso e eu também, não que meu velho fosse uma pessoa má, mas às vezes os pais têm uma idéia que o filho tem que ser igual a ele, tem que ser ele em miniatura, o filho tem que ser o pai em miniatura, é o que está errado! Se o pai é um pastor o filho tem que ser um pastor em miniatura está errado, cada um tem a sua natureza! Então tem que moldar, tentar moldar e o nosso dever pra eles se torne pessoas de bem, mas foi uma fase assim bem difícil a fase da adolescência principalmente dos filhos homens. O mais novo não foi assim tão danado, até porque ele toda vida foi uma pessoa muito quieto, calado e tal, até hoje! Mas o mais velho toda vida foi danado, acho que o que faltou no mais novo sobrou nele, ele é uma pessoa maravilhosa, sabe? É um rapaz muito esforçado, capaz, inteligente, responsável, ele está fazendo agora pós-graduação, ele fez Direito e fez Administração de Empresas e agora está fazendo pós-graduação aqui e em Palmas, mas em Palmas não recomeçou ainda, a partir da próxima semana ele está pra Palmas, ele é muito esforçado, mesmo a partir de certa idade, os filhos tudo criado, tem um que está montando o estúdio de gravação e tem uma Escola de Música em Palmas que é o filho dele mais novo, o mais velho já é casado, é Advogado e mora em Palmas também, já tem um filhinho e já é avô, mas está estudando.

Como ele é esforçado e tudo, não é? Ele nós deu muito trabalho, mas é assim mesmo, um é diferente do outro. Então é assim, nessa fase aí eu dou graças a Deus porque eu tenho uma amiga que nunca mais a gente perdeu o contato, ela era uma moça de certa idade bastava dizer que ela casou com 50 anos, mas ainda teve filho, ela foi à única, eu acho que ela foi a única, aquela pessoa como é meu Deus? Aquela pessoa que a gente confia? E a minha confidente, que criatura maravilhosa! Essa criatura me ajudou tanto, me ajudou tanto, eu sou tão grata a Deus pela vida dela, ela me ajudou demais! Quando eu estava com algum problema difícil, aí eu corria pra ela, ela morava na área do Lar e eu corria pra ela a gente conversava, ela apesar de não ter experiência de casada de mãe ela me dava tantos conselhos, ela me ajudava tanto! É uma pessoa de Deus mesmo, não é? Como era uma pessoa maravilhosa.

Ajudou muito porque às vezes meu velho ficava tão cheio de problemas de tantas coisas pra resolver que o que eu podia resolver eu nem comunicava a ele, eu comunicava se fosse uma coisa séria eu tinha que comunicar com muito jeito, esperava a hora certa, a hora propícia pra conversar com ele, tanto que estudou e foi ser pastor depois de casado que ele foi pra fazer Faculdade de Teologia e eu ficava sozinha em casa com esses meninos, isso ainda no Rio, não é? Ele chegava em casa de madrugada porque do próprio serviço ele ia pra Faculdade, quando ia chegar em casa que ia tomar um banho e ia jantar. Os meninos só o viam no final da semana porque quando ele chegava em casa os meninos estavam sempre dormindo, eu era que ficava até tarde esperando, quando eu via o ônibus chegando na rua lá em cima, porque na rua que a gente morava era assim uma que descida, aí o ônibus parava lá o pessoal dali descia então o ônibus descia pra levar os outros passageiros, aí eu via que ele vinha descendo e eu já estava ali com tudo preparado, a jantinha dele, eu não dormia enquanto ele não chegava, então a nossa luta durante alguns anos foi essa.

Eu sempre pensava tinha que ser o pai e a mãe, a mãe e o pai, eu que tinha que ser tudo, eu que resolvia problema em banco, eu que resolvia tudo, eu que saía pra fazer compras, quer dizer, eu era quem tinha de me virar pra fazer tudo porque ele estava estudando, tudo bem! Por exemplo: todo e

qualquer problema eu tinha muita autoridade, muita firmeza porque com crianças, com os filhos e com toda e qualquer pessoa que está sobre a responsabilidade da gente e quando é criança a gente tem que ter muita firmeza, eu nunca dizia: deixa seu pai chegar que eu vou contar.

O pai já vem “morto” de cansado, exausto e eu ainda vou ficar guardando problemas pra tá enchendo a cabeça dele quando ele chegasse em casa, jamais! Eu resolvia tudo, tudo eu podia contar alguma experiência que tinha tido com os filhos e o que eu tinha feito, mas não ia encher a cabeça dele ainda mais no final de semana que era o único dia que ele ficava junto com os filhos e vice e versa eu ia contar problemas. Então eu sempre fui assim, sabe? E Deus me deu essa capacidade, mas quando viemos pra cá era tudo misturado, misturado nossos filhos sofreram muito e nós também inclusive mãe que é assim, mas mole, não é? Porque a mulher parece que é mais sensível, não é? Então eu sofri muito, mas sempre Deus usa algumas pessoas pra ajudar a gente, não é? E Deus é o primeiro a nós dar a mão e nós mandar ir em frente, porque se a gente for “olhar pra trás e desanimar”, não é mesmo? Então não foi propriamente arrependimento.

Mas alguma coisa que eu achava que meu velho estava sendo duro demais eu chamava ele particular e conversava com ele, nunca falei com ele sobre filho, sobre correção de filhos, se eu os repreendia não defendia, nós combinamos isso porque na criação de filho isso é muito importante, se eu estou repreendendo ele não pode me repreender por eu estou chamando a atenção dos filhos por algo que ele fez errado. Agora se ele era o que estava chamando a atenção eu podia até achar que tinha extrapolado, mas depois particularmente eu conversava com ele queera pra controlar. Então isso aí! A luta foi muito grande, tanto é que meus filhos não quiseram sair daqui, só o mais novo que foi pra Goiânia até morou lá com a gente, depois casou ficou morando com a gente algum tempo porque nós tínhamos uma casa muito grande com três quartos, mas logo que ele teve condições de morar só com a família dele, aí foram morar sozinhos.

Depois nós viemos pra Guarai e algum tempo depois eles vieram pra Guarai também, venderam o apartamento deles e compraram uma casinha em Guarai e reformaram, ficou uma casa muito boa, depois resolveram que não queriam mais ficar em Guarai, ele não tinha Faculdade nem nada e os meninos estavam crescendo e estavam estudando. Então ele ia logo pra Palmas porque quando chegasse a oportunidade eles já estariam estabilizados. Então ele está em Palmas, está muito bem, é Fiscal do Estado, não é? Tem uma fazenda, uma casa muito boa e graças a Deus a gente vê que os filhos estão todos encaminhados na vida, todos estão bem, são pessoas de bem lá os defeitos deles porque todo mundo tem, que ninguém é perfeito, não é? Mas são homens de bem.

E se fazem alguma coisa de errado não podem dizer: “há foi porque meu pai e minha mãe não souberam me criar”, com isso aí graças a Deus eu tenho a minha consciência tranquila, limpa! De maneira que depois que crescem eles são responsáveis por seus atos e eu não vou ficar toda vida até morrer assumindo os erros deles, jamais! Então é isso aí, mais arrependimento não e outra coisa meu filho não quis ir embora daqui e a esposa dele nasceu no Lar Batista que o pai é o Pastor Dodanin, Pastor Dodanin é o pai da minha nora que mora aqui, e o Pastor Dodanin ele foi diretor do Lar durante alguns anos e ela nasceu lá, então ela mesma é que não tem vontade de sair daqui, eles têm uma fazenda e a vontade dela que ela já me falou é de morar na fazenda, que assim que arrumarem a casa porque ela está só no tijolo, mas até que é uma casinha que dá pra morar e quando eles ajeitarem a casa e colocarem energia que já está passando bem pertinho ela vai embora pra lá, morar pra lá que quanto mais pra lá ela acha melhor e eu falei: eu não, eu não vou sair daqui de Itacajá pra morar na roça.

Mas é bom fazenda assim pra passar o final de semana, mas pra morar direto, sair daqui já tão sossegado como você, não é? Aqui já sossegado demais, não é?! Então de maneira que aí a cidade é uma cidade que eu acho que oferecem muitas condições pra gente viver tranquilo, você quer viver tranquilo? É em Itacajá, claro que tem outros lugares também, mas Itacajá tem algo diferente, não é? Tem algo diferente assim que tem gente que fala: se você for a Itacajá e beber da água de Itacajá você não sai mais de lá, então as pessoas que vem aqui, eu estou dizendo isso porque meu irmão vem de Minas ele gostou daqui e minha cunhada também, ela nasceu no Rio, meu irmão também, mas como eles gostaram daqui, gostaram demais mesmo.

De maneira que eu não pretendo mais sair daqui não. Eu sou gamada e apaixonada por Serviço Social, eu tinha vontade de fazer Serviço Social, aqui tem, mas na época que meu marido morreu que eu permaneci aqui meu filho ainda falou pra mim assim: “mãe faz Serviço Social”! E eu falei pra ele meu filho uma coisa que toda vida eu tive vontade e eu já até exerci essa função mesmo não sendo formada na área porque uma vez lá em Guaraí teve necessidade e eu exerci a função durante algum tempo assim particularmente recebendo pessoas daqui, orientando, levando pra consulta médica, exame médico, banco de sangue e marcando cirurgia e dando assistência no hospital, uma porção de coisas que estão ligadas ao Serviço Social, então eu falei pra ele “há eu não vou esquentar cabeça com estudo mais não porque quando eu estou estudando eu sou muito Caxias e isso é bom e ao mesmo tempo é ruim, a gente se desgasta muito, sabe? Então eu falei não vou mexer com isso não, só que eu me arrependo” naquela época também eu não estava com a cabeça no lugar pra prestar um vestibular e estudar, aí eu falei não, não vou mexer com isso não.

Aí essa turma que estava se formando que foi fazer um trabalho com a Terceira Idade que até eu participei, fui convidada pra cantar essa coisa toda, aí eu falei que era apaixonada por Serviço Social e que eu poderia está me formando com eles. Aí minha neta diz assim: vó vem pra Palmas mesmo que não seja pra senhora ficar toda vida aqui, morando muito tempo aqui, mas aqui em Palmas a senhora só ia fazer dois anos de Serviço Social, a senhora só ia fazer dois anos, aí eu falei pra ela “oh minha filha mais é tão complicado eu vim pra cá estudar e coisa e tal, mas depois eu fico pensando, há aqui eu me sinto realizada porque aqui também eu tenho a oportunidade de fazer esse trabalho com as visitas que gosto de fazer, de conversar com as pessoas, ajudar a orientar em alguma coisa, passar alguma coisa que a gente pode passar pra alguém, se eu ainda tiver a oportunidade de fazer alguma coisa eu vou fazer Serviço Social só pra depois dizer: ela depois de uma certa idade fez Serviço Social e depois morreu com o diploma de Serviço Social.

Agora pra Universidade da Terceira Idade eu gostaria, eu gostaria de ir! eu fico empolgada, mas só que não tive coragem de ir pra lá, sabe? eu não me dou bem em Palmas não, eu não me dou bem lá de jeito nenhum! É muito quente, as vezes eu passo muitos dias lá fico com as pernas parecendo uns pilões que apalpa assim chega afunda que tenho edemas principalmente dos membros inferiores é uma coisa terrível, minha filha também não se dá bem em Palmas, não fica bem de saúde, então eu fico pensando, há eu não vou mexer com isso mais não.

Minha neta ela fazia Enfermagem, mas depois ela teve oportunidade ela prestou vestibular na UFT passou pra Nutrição e ficou entre um e outro que são ligados, não é? Ela que já fazia enfermagem, ela ia se formar agora no ano que vem, aí ela trancou, ela fazia na ULBRA e foi pra UFT fazer Nutrição, só que Nutrição dar mais *status* a pessoa pode ter consultório, a pessoa é doutora fulana de tal dar mais status, não é? E enfermeira eu acho muito importante, só que enfermeiro ou enfermeira ia ter mais valor, não é? E a gente observa e ainda mais eu que sou da mesma área e trabalhei muitos anos desde quando morava no Rio eu trabalhava com enfermagem, não é? Por Goiânia, depois em Guaraí e aqui antes da gente ir pra Goiânia a gente exerceu aqui, então a gente

observa que enfermeiro deveria ser mais valorizado, é como professor, professor a gente parando pra pensar, o que é ser um professor, uma professora gente era pra ser uma classe valorizada do mesmo jeito a enfermagem, e não é não é.

Se o dom é aquilo ali, se a pessoa se formou e está trabalhando deveria ser mais respeitado, mais valorizado, tem muitos médicos que não respeitam enfermeiro, quer dizer, isso acontece em qualquer lugar, mas eu acho que deveria ser uma pessoa valorizada, então acho que por isso também ela ficou muito indecisa e prestou vestibular em Porto Nacional pra Fisioterapeuta, fazer terapia, não é? Aí ela fazia lá em Porto Nacional tinha o ônibus que levava e trazia. Ela falou “vó eu acho que não vou continuar”! E eu falei “minha filha não faça isso”! “vó a gente não tem motivação pra estudar”! Ela disse que o laboratório era muito precário, que não era nada bem montado, deixava muito a desejar então o estudante se sente até sem motivação e ela pegou e largou.

E aí passou sempre estudando ela mesma fazendo cursinho e aí depois ela prestou vestibular na ULBRA pra enfermagem e passou, mas ela conversa muito comigo e eu contava a minha experiência e falando o que ela poderia fazer na enfermagem, aí ela falou “vó é uma coisa assim que eu estou querendo”! “Pois então faça minha filha” não faça porque eu estou dizendo, você é que tem que decidir porque se você fizer aquilo que eu estou falando pra você ou seu pai ou sua mãe você faz, você vai fazer enfermagem, não faça porque mesmo que você se forme você nunca será uma boa profissional, então você tem que fazer aquilo que você quer aquilo que você tem vocação e de enfermagem ela fez pra Nutrição e agora está fazendo e agora ela disse assim que de início é muito enjoado, que as matérias são chatas de início de curso que não são matérias específicas, mas tem que ter aquela primeira fase, então ela disse que está achando muito enjoado, mas que ela vai prosseguir e o esposo dela é advogado trabalha na justiça ele dá todo apoio pra ela, eles vão fazer dois anos de casados, mas é uma coisa.

Apesar de terem poucos anos de casados, né? Graças a Deus minha neta casou bem e ele dá total apoio ela. Então eu acho que agora ela vai se familiarizar na Nutrição. Aí eu falei só pra dizer a Doutora Fabrícia! É o consultório Doutora Fabrícia, aí ela ria não vó não é isso não, aí eu digo, mas é também porque dá mais status, tem mais valor e está na área, não é? Ela se dando bem! Agora tem que deixar que ela decida não é? A gente nunca pode impor, é muito bom a pessoa fazer aquilo que quer. Uma experiência que eu ouvi alguém contar de que o filho ou filha sabe lá, queria estudar uma determinada profissão e os pais não aceitaram, você vai fazer isso. Pagaram Faculdade, fez e terminou e quando ele recebeu o diploma e entregou pros pais o diploma que não era dele era dos pais e que os pais fossem exercer aquela profissão. É muito triste, não é? A pessoa se ocupar muito tempo pra no final acontecer uma coisa dessas é terrível, não é? Mesmo que lá na frente ele se arrependa e não se dê bem, não seja bem sucedido, mas foi ele que escolheu, então não vai culpar ninguém, não é? Então é uma das coisas muito difícil na vida é a escolha da profissão.

O casamento também é uma escolha muito difícil, a profissão é muito difícil, muito mesmo! Agora tem pessoas que não decidem desde cedo é isso que eu vou ser e acabou e têm outros que às vezes querem ser uma determinada coisa e com o passar do tempo chega a uma conclusão que estava enganada. O meu caso como eu amava meus professores, gente professor pra mim era uma ilusão, era fora do comum, eu era demais, não andava assim, me desculpa a expressão assim meio feia, assim meio tosca não era puxar saco de professor não era, mas sabe como eu ficava embevecida com meus professores, mas depois com o passar do tempo eu fui crescendo e fui descobrindo que aquela não era a minha vocação, a minha vocação era ser enfermeira e graças a Deus me senti muito realizada na minha profissão eu só não volto pra trabalhar porque meu estado de saúde não permite e a minha idade também porque pra gente mesmo exercer a profissão é muito cansativo.

Mas Deus me deu a oportunidade pra eu me expandir aqui e outra coisa você que trabalha no hospital o médico é que faz tudo você está ali só observando, auxiliando coisa e tal, às vezes está só observando, mas quando você sai meu filho de perto do médico aqui que a gente tinha que fazer tudo sozinho, tinha muita coisa que era da responsabilidade do médico, mas a gente fazia ou o paciente morria era coisa assim de todo tipo que aparecia e a gente fazia até pequenas cirurgias tudo a gente tinha que fazer e os médicos que tinha nos arredores o pastor Pedro Zanina, até no laboratório as prescrições que nos fazíamos eles viam que os pacientes iam e a gente não falava nada e esquecíamos e mesmo assim eles davam total apoio pra gente, mas enfermeiro não pode prescrever em alguns casos, mas aqui a gente tinha que fazer.

As mulheres que eu atendia eu tenho o livro aí até hoje, velho, mas é recordação, não tenho todos não porque que com esse negócio de mudança ficou pra ir pro ambulatório e perdeu, mas era tudo anotadinho, a gente fazia tipo um pré- natal eu sabia direitinho a época prevista dos partos, se eu precisava viajar a primeira coisa que eu fazia era recorrer ao livro das gestantes do pré-natal, aí se tinha paciente gestante pra dar a luz naquela época, aí eu já dava um jeitinho pra não sair porque seria um transtorno, não é? Então era tudo assim, sabe? Mas o enfermeiro não pode prescrever porque a gente não tem permissão pra isso, mas nessa época nós fazíamos e os médicos davam toda cobertura pra gente porque tinha que fazer, não tinha outro jeito não.

E Deus foi tão bom com a gente porque ele sabia que a gente fazia por causa da necessidade do povo, pro povo não morrer a míngua e ele sempre nunca nós deixou decepcionado e nem envergonhado e o povo tinha aquela confiança na gente sabe? Aquela confiança que qualquer coisa vai lá no pastor Benjamim que o pastor Benjamim resolve isso. Um senhor aqui Belsino se não me falha a memória, ele andava atrás do gado, não sei como foi lá, ele teve que correr atrás de uma vaca e passando por baixo do pé de bambu o galho arrancou a orelha dele que ficou presa só aqui pelo lobo, aí quando foi um dia tarde da noite a gente quase não dormia e de lá do nosso quarto a gente olhava pela janela, aí tinha aquela avenida enorme como tem hoje assim, a gente já sabia que era alguém machucado ou mulher pra dar a luz era qualquer coisa assim pra gente, principalmente quando era fora de hora.

La vem seu Belsino com aquela toalha ensopada de sangue e uma porção de gente trazendo ele, aí o que foi isso Belsino? Aí ele foi contar e disse que o pé de bambu tinha tirado a orelha dele e que ele falou pra mulher dele “pega aí o facão e acaba de cortar”! Aí ela falou “eu não vou fazer isso”! Aí alguém falou leva lá no Vau que antigamente era Vau o nome de Itacajá, não é? Vai lá no Vau que lá tem um homem que concerta tua orelha! Vai lá! Aí ele veio, nós passamos a noite inteira só pra alimpar a orelha desse homem, eles tinham posto até cocô de pato pra estancar o sangue tudo o que foi de porcaria, fumo tudo que foi porcaria eles colocaram na orelha desse homem, certo que o pano estava ensopado de sangue, mas ele não estava com hemorragia, aí fomos cuidar da orelha desse homem, eu segurando e meu velho custurando e tinha que ser um ponto porque a orelha é meio pesadinha era um ponto pertinho do outro, não sei nem quantos pontos foi, aí costuramos a orelha do seu Belsino e colocamos remédio e colocamos curativo e ele ficou e passou o resto da noite lá, aí ele ficou alguns dias na cidade e depois foi embora, aí meu velho marcou tal dia é pro senhor está aqui não é pra faltar e ele passou do dia, mas veio com a orelha toda suja porque parece que o curativo tinha saído, aí fomos limpar a orelha dele de novo, mas a orelha estava perfeita só que a gente sabia que ficou um pouquinho passando do perfeito, a que foi arrancada e custurada ela ficou um pouquinho parece que mais baixa do que a outra, porque a pessoa que nunca teve problema de orelha às vezes tem uma diferente da outra, mas pra falta de recursos na época ficou uma perfeição a orelha do homem, talvez se fosse em um cirurgião naquela época pra não ficar uma coisa assim tão, não é porque foi nós que fizemos não, mas Deus sabe.

Vou te contar o Belsino pelo menos o homem não ficou sem a orelha, ficou perfeita a orelha do homem. Outro levou um tombo de cima de um pé de caju, de um pé de jaca sei lá de que foi certo que ele caiu na estaca da cerca e ficou pendurado porque a estaca entrou nele aqui, né? E ele ficou pendurado, aí lá vem trazendo aquele menino com um corte enorme aqui na mesma situação porque eles colocaram tudo quanto foi coisa pra estancar o sangue dentro da rede, aí fomos lutar pra cuidar desse menino porque o corte foi em uma região muito delicada, a sorte dele foi que a estaca entrou assim entre a pele e o peritoneu porque se fosse assim era capaz de nem ter jeito, não podia ficar aqui, como era que ia sair não tinha recurso não tinha nada, não é?

Aí ficamos com esse menino um tempão lá na enfermaria nós cuidando dele, depois foi embora e de vez em quando ele vinha de vez em quando ele vinha e interessante que vai cicatrizando, e a cicatriz ficou pequena, era uma cicatriz enorme aí vai chegando os tecidos no lugar, não é? Ficou uma cicatriz pequena e até hoje nunca mais eu vi esse menino e nem lembro mais do nome dele, mas não morreu! Foi bem cuidado, era um negócio feio, você tinha que fazer o curativo espremendo aquela secreção foi uma coisa terrível, a gente não podia nem dar os pontos muito perto porque tinha que deixar espaços pra ficar saindo àquela secreção, não foi brincadeira não.

Aí meu velho disse que estava um dia em um determinado lugar e encontrou com esse menino, não foi aqui não, foi fora de Itacajá, mais era no sertão não, aí ele gostava de contar essa experiência e em um determinado momento ele disse assim: “esse aí é meu pai” e meu velho nem lembrava mais dele e também nem tinha percebido que ele estava ali, aí meu velho disse que pensou assim: “mas eu não tenho filho preto”, não era discriminação, mas ele gostava de brincar, de vez em quando ele contava isso, eu não tenho filho “preto” que negócio é esse, aí então o menino depois se identificou era aquele rapazinho já era rapaz, não é? Aquele rapazinho que nós cuidamos, então ele mostrou a cicatriz, então ele disse que ele era o pai dele porque ele cuidou dele e ele estava vivo porque ele tinha cuidado dele, nós tínhamos cuidado dele.

Negócio interessante isso aí era coisa que os médicos tinham que fazer o negócio da orelha era serviço de médico que tinha que fazer, outro chegava com um corte de cima até em baixo que nós tínhamos que dar os pontos internos e externos e dar toda assistência. Meu senhor era tanta coisa feia que chegava aqui que só a pessoa vendo pra não dizer que a gente está aumentando que a gente está mentindo, mas rapaz o negócio não foi fácil não! Mas aí é diferente porque quando eu fui fazer o primeiro parto sozinha eu não tive medo, eu não tive preocupação, mas você fica sempre naquela expectativa porque no hospital você auxilia, você assiste não mete a mão, não vai mãos a obra, é claro que sua parte você faz, mas o medico é quem toma conta de tudo.

Guarái tinha uns médicos e tinha um que era meu amigo, eu ouvi dizer que ele foi embora pra Pedro Afonso era um médico maravilhoso, tinha uns colegas que diziam que ele era até preguiçoso o Dr. Marcos e um dia era festa do amigo secreto, aí uma colega tirou ele e ela foi falar as características do amigo oculto dela que era ele aí ela foi dizer que ele só tinha um defeito, ele era muito preguiçoso porque tinha coisa no hospital que era pra ele fazer e ele jogava pra cima da gente. Um dia eu estou responsável por uma paciente e estava observando à paciente, observando à paciente, “Dr. é bom você dar uma subidinha aqui eu estava na emergência estou precisando do senhor da sua presença aqui?”! “Já vou!” E não vinha nunca e a mulher na sala de parto dando a luz e o Dr. Marcos sem chegou, aí eu tive que lançar mãos a obra porque eu não ia deixar a criança cair da mesa no chão e morrer, aí eu tive que fazer o parto e de repente ele entra na sala e ficou lá em pé, aí o feto nasceu e eu o coloquei ali pra cortar o cordão umbilical pra entregar pra colega ir aspirar a criança e tudo, depois vê como que estava à placenta se estava colocada ou descolada e ajudar na expulsão das placentas, eu estava em pé e falei: “doutor assumi doutor o trabalho é seu”.

E ele falou assim: “está na mão de quem sabe”! Ele era assim, se fosse outro não tinha chegado logo, sabe? Porque os médicos em geral agem assim, mas ele era tranqüilo, tranqüilo não, não estava nem aí, está na mão de quem sabe! E eu e a colega lá a gente se virando pra resolver o problema e ele só olhando, mas quando eu fui fazer o primeiro parto eu fiquei assim naquela expectativa, não é? Mas eu procurei acompanhar direitinho, observar e tudo, mas graças a Deus deu tudo certo e atrás daquele foram mais três assim, daquele eu já não fui pra casa, já fui pra outra e quando estava amanhecendo o dia a vizinha do lado já estava só mandando me chamar, era saindo de um pra outro e quando foi à noite que eu pensei que iria descansar eu estava na igreja no culto de orações aí mandam me chamaram lá dentro, não é? Tem alguém querendo falar com a senhora lá dentro, quando eu chego ao muro já era o marido de uma mulher me buscando pra ir fazer outro parto e só deu tempo de ir a casa pegar a minha bolsa de medicamento de instrumental e tudo.

Foram dois dias que eu passei fora de casa, dia e noite só fazendo parto foram logo quatro, aí perdi o medo e não tive mais aquele negócio de ficar naquela preocupação, naquela expectativa, aí graças a Deus ele sempre ali presente em tudo, nos orientando, nos dirigindo em tudo. Deus é maravilhoso. Aí eu sempre digo, as pessoas falam porque a senhora e pastor fizeram tudo, não é? Não tudo que nós fizemos foi orientado por Deus, então Deus nunca nos deixou, nunca permitiu que a gente ficasse envergonhado diante do povo, certo? Sempre quando a gente dizia “olha tem que sair por isso e isso, vai embora”! Aí chegava lá falando pro médico que o diagnóstico era aquele mesmo que nós tínhamos passado porque a gente sabia, a gente entendia do assunto, mas às vezes o negócio era assim tão difícil.

Mas nunca contrariou o diagnóstico, os médicos sempre parabenizavam a gente por isso. Eles falavam pras pessoas, esses médicos lá de Itacajá a pesar de não ser nem médicos só enfermeiros eles estão de parabéns, então eu digo isso não é pra me engrandecer achando que nós somos os tais não, Deus sabe o que realmente está no meu coração, é porque Deus quando ele o quer opera milagre, agora muita gente por aí a fora querendo fazer milagre disso, milagre daquilo, eu sei que Deus opera porque a palavra de Deus diz a bíblia que Deus é o mesmo de ontem, hoje e eternamente ele sempre será.

O seu caráter eterno nunca vai mudar, de eternidade a eternidade ele é Deus, mas hoje na necessidade tem o hospital, tem médico, parece que tem mais uma médica na cidade e são bons médicos, o Dr. Alex inclusive é muito meu amigo, amigo da minha filha de toda a família, então hoje não tem necessidade, agora que palhaçada, eu acho uma palhaçada se tem médico de tem hospital, tem assistência, tem posto de saúde a gente vai se meter a fazer isso, fazer aquilo e outra coisa tem que respeita o médico, a presença do médico na cidade, agora quando tem necessidade Deus opera, milagre sim! Então Deus nos usava, Deus nos usava, Deus nos usou e teve muita coisa que foi milagre, milagre de Deus, aí eu digo que creio em milagre não de homem, mas de Deus eu creio que na hora que precisa Deus faz milagre.

Olha pra eu definir uma coisa assim até que não é fácil, mas também não é difícil, sabe por quê? Eu acho que era propósito de Deus que nós viéssemos pra cá, acho que na economia de Deus como dizia meu velho pastor Benjamim, eu acho que na economia de Deus porque ele sabe de tudo que vai acontecer porque ele é dono de tudo, do senhor é a terra e a sua plenitude o mundo e todos que estão no mundo, o mundo e todos aqueles que nele habitam.



Então se nós viemos e Deus permitiu que nós viéssemos é porque já estava na economia dele, não é? Então eu defino assim porque nós não viemos por nós mesmo, não é? Então Deus nos enviou, nos mandou, viu que Itacajá estava necessitando naquela época de alguém pra realizar esse trabalho apesar de ter tido muitos outros que nos antecederam, mas só que assim nesse trabalho múltiplo assim dizendo eu ou triplo, esse ministério triplo que foi espiritual porque ele era o pastor da Igreja Batista, o do Lar que era o Serviço Social e o do Ambulatório Médico que era um trabalho Social também, um trabalho dando assistência à saúde da população e arredores.

Então outros nos antecederam, mas assim na igreja ou no Lar ou então quando a igreja estava sem pastor eles assumiam o Lar e dava uma ajuda à igreja também, então nosso ministério eu não vou dizer que foi melhor do que nenhum outro jamais! Isso não passa pela memória não, mas foi um triplo ministério que Deus permitiu que nós participássemos dele, e que eu sou muito grata a Deus também porque quantas experiências nós tivemos, e quanta coisa nós aprendemos porque eu costumo dizer que a gente “aprende a fazer é fazendo”, só que agora tem uma coisa você tem que ter a prática e teoria, ela andam juntas e Deus agindo é uma maravilha.

É por isso que eu me sinto realizada e pra mim não teve tempo melhor. Eu saí do Rio pra cá pra Itacajá eu estava jovem, não sou velha sou idosa, mas eu estava com meus 29 anos, eu era bem jovem! Meu velho era 6 anos mais velho do que eu, então eu estava com 29 e ele estava com 35 anos, não é? Então nós éramos jovens e saímos de lá do nosso Rio de Janeiro pra cá, então isso aí estava na economia de Deus, ele nos trouxe e nós realizamos esse ministério maravilhoso que eu penso assim quando eu falo, então até hoje eu me empolgo, não é? Então eu sei que se meu velho tivesse aqui também seria da mesma forma.

Então eu sou uma pessoa muito feliz e realizada, sabe? Eu me sinto muito realizada, muito feliz por está aqui nesse lugar, um lugar muito bom, um lugar tão prazeroso, um povo tão amigo, tão solidário, a gente anda qualquer hora do dia ou da noite sem problema, sem a gente está sobressaltada, claro que a gente tem que ter os cuidados da gente não vai também se expô, Deus abençoá, Deus guarda, mas nós temos que fazermos nossa parte, por - exemplo eu às vezes fico aqui pensando eu aqui só, não tenho medo eu me coloco nas mãos de Deus, eu não tenho medo porque eu estou em um lugar, está certo que tem o bom e tem o ruim, mas é numa proporção bem menor, mas eu fecho a minha casa e coloco nas mãos do senhor me deito antes de dormir eu gosto de conversar com o meu senhor deitada, aí eu estendo as minhas mãos pra conversar com meu pai como se ele fosse meu pai biológico que estivesse ali perto de mim, senhor mais uma noite estou nas tuas mãos, eu sei que tu vai me guardar e eu te agradeço e durmo meu sono tranquilo não tenho medo, mas eu jamais vou deitar, vou dormir com minha porta aberta porque eu tenho que fazer a minha parte, não é?

Agora quem guarda a gente é Deus, é Deus que guarda, ele é nosso guarda fiel! De maneira que eu não tenho preocupação, não tenho medo porque eu me coloco nas mãos do senhor. Eu não viajei pra Brasília porque eu me coloco nas mãos do senhor, ele mostrou e eu entendi e os obstáculos começaram a surgir eu não vou, não é que eu seja supersticiosa não, mas se eu entreguei pra ele e ele sempre dirigiu tudo assim de uma forma maravilhosa, aí eu entreguei eu pedir e deu tudo ao contrário eu não vou teimar, então quem vê assim pode pensar que eu sou uma pessoa supersticiosa não é nada disso.

## JOSEFA MIRANDA

Entrevista em 28/01/2011

Dona Josefa Miranda veio para Itacajá com dez filhos, segundo ela, muito pobre e na época de inverno a água da chuva corria por dentro da casa. Sofreu e superou dificuldades pra dar o sustento aos filhos.



“Era pobre demais! Foi uma vida sofrida, mas eu venci...”

Eu nasci no município de Goiatins, numa fazenda por nome Cedro. Filha de Francisco de Sousa Correia e Luzia Antônia de Miranda... Meus pais são todos de lá também. Minha mãe é do Riachão. Os pais dela moravam no Riachão, mas ela se criou aqui no Goiás. Meu pai também... Eu vim pra cá com dez filhos, mais pobre do que macaco. Tinha dia que não tinha calçados, outro já não tinha... “meu gogó rasgou”! Às vezes era só um. Era pobre demais! Foi uma vida sofrida, mas eu venci! Com as graças divinas venci e hoje estou boa. Não sou rica não, mas tenho o que eu desejava. Eu não tenho recurso, mas tenho filho que tem e me fornece demais mesmo! Porque é solteiro e tudo que ele pudesse dá pra mim, acho que era favor.

Sei! Cheguei aqui no dia 20 de julho de 1976. Cheguei bem aqui nessa casa e ainda hoje estou. Não era essa de agora, era pequenininha. Esse cômodo aqui era uma varandinha, pra ali era um quarto e bem aqui tinha outro e pronto. Eram só quatro cômodos deste tamanhinho. De bem daí de onde está essa porta pra cá era a varandinha e ali era um quarto que dormiam uns oito filhos. Esse aqui é sobrinho, eu acabei de formar, eu considero um filho. Nós só morávamos em fazenda. Quando eu saí na companhia de meu pai, morávamos numa fazenda. Mas não era dele, era de um primo da minha mãe. Aí ele mudou pra de junto de nós. Lá era sítio dele, aliás, da mãe Maria. Ele situou e ficou lá. E aí eu mudei, mas era só de fazenda em fazenda: cinco anos numa, seis anos noutra, sete anos noutra, era assim. Foram dezoito anos de fazenda. Foram dezoito anos vivendo em fazendas alheias. Fazendo de comer pra peão e todo bicho. É mudava. Com cinco seis anos mudava de uma fazenda pra outra. Tinha vez que saíamos de uma fazenda de um dono e ia pra outra do mesmo dono. Era assim. Até dia 20 de julho de 1976, quando eu entrei aqui e disse: “daqui eu saio ali para os “pés de buriti”(cemitério).

Pra outro lugar não saio mais não! Com fé em Jesus! Não com orgulho, é só com a fé naquele pai. Que ele é quem me sustenta! Eu estou com oitenta anos, mas sou uma mulher forte! Graças a Deus! Eu não sei ainda hoje a menina estava mandando eu tomar aquele sulfato, eu disse: “eu não sinto fraqueza, não sei que diabo é fraqueza! Eu não tenho fraqueza não!” A fraqueza que eu tenho é nas pernas. Eu já pesei, fiquei mais gorda, porque eu era fininha e senti mais pesada as pernas. Fraqueza, eu não sei como é fraqueza não. Eu nunca sofri de dor no estômago, eu nunca sofri nada! A doença que eu sofro é diabete, diabete não é doença. Se souber viver com ela, ela não atrapalha. Porque ela não dói nada. No dia que ela tem, eu dou fé. Aí eu lasco o cacete nela! O médico daqui sorriu. Ele disse: “É! Tua diabetes é baixa demais!” Eu disse: “É! Ela judia comigo, mas eu também desgraço com ela!” Porque eu lasco remédio nela é feio mesmo! Tanto ele da butique, como caseiro, eu ando enfiando no corpo. E ela é baixa danada.

Eu sou mulher que enfrento tudo! Não tenho nada, até hoje, graças a Deus! Olha, esse homem foi um açougueiro muito forte, ele passava muito sono. Foi vaqueiro muitos anos, levantando a meia noite pra ir pro campo, labutando, levantando pra ir pro curral. Aí mudamos pra cá e ele tocou um açougue. E era um açougue muito “afobado”. Ele deitava cedo, na hora da gente deitar ele já estava dormindo. Antes de a gente dormir, ele levantava “Félix o que é?” “Hum! Os galos já estão cantando, eu já vou!” Ia pra lá, cochilar lá. Antes de onze horas ele chegava do açougue. Numa casa que nós temos ali. A vida dele acabou acho que foi por isso. Ele perdeu sono demais. E logo ele operou da próstata e quase morreu. Aí o médico proibiu, disse que ele não poderia mais trabalhar nesse açougue.

E aí acho que ele impressionou muito. Porque ele era um homem que tinha muito dinheiro, ele comprava boiada de gado era a vista. Se vendesse fiado, mas era dele. Ele não estava sujeitando o dono do gado, não. Aí por não poder trabalhar, dizia o médico que ele impressionou e deu depressão. Porque ele ficava só esperando por aquele dinheirinho do mês, que ele nem fazia conta do dinheiro. Eu perguntava: “Félix, tu já tirou teu dinheiro?” “Não, eu não lembrei”. Ele demorava ir pegar, tinha dinheiro demais! Ele guardava era num saco de plástico, me dava pra eu guardar. Era assim: ele tocava a vida dele muito bem! Mas aí esse negócio de parar de trabalhar, ele foi “esgotando” assim. Acho que ele impressionou. Acabou aquele dinheirão. Aquilo, ele comprava tudo. Ele vendia fiado, mas ele recebia arroz, ele recebia porco, ele recebia farinha, ele recebia tudo. Tinha era os montes, aí dentro de casa. Aí como acabou isso, ele pensou: “agora eu vou morrer de fome!” Mas foi engano! Não morre de fome não. Porque coisa de comer, dentro da minha casa, eu me orgulho.

A primeira vez que eu conheci essa cidade foi em 1955. Porque ia casar um irmão meu e eu vim. Foi a primeira vez que eu pisei aqui! Aí depois eu vim pra uma fazenda ali perto daqui, aí todo ano eu vinha batizar menino. Porque era um menino num ano e outro no outro. Eu tive foi catorze filhos e estou aqui viva, contando da história. Aí eu vinha todo ano batizar um menino. Aí sempre Félix chegava, eu era braba, eu não saía de casa, não tinha coragem. Às vezes se eu queria uma coisa, eu pedia: “Félix, eu queria comprar isso!” “Vai!” “Não. Não vou não!” Não prestava pra nada! Logo eu não sabia ler. Aí depois de caduca, que criei a família, aí fui pra escola foi quando eu aprendi. Foi o tempo que eu aprendi! Aí eu peguei andando pra Goiânia, pra todo lugar, aí o negócio mudou! Mas toda vida eu fui mulher de resolver todo negócio. Chegava uma pessoa, Félix não estava, tinha sapecado no mundo comprando gado. Chegava um: “cadê o Félix?” Ele não estando... “Eu queria tomar uma vaca emprestada a ele, do gado dele daqui...”. Aí eu dizia: “não, pois pode pegar a vaca, mate e pese!” Mas quando ele chegava nunca me disse nada. Só tinha dois aqui que eu não vendia pra ninguém: era a Sela e o Capão das Candongas, mas o mais: “eu queria comprar um quarto de carne, mas eu não tenho dinheiro hoje, só pago tal dia”. Pois pesava e na hora que ele chegava eu dizia: “olha fulano de tal...” Eu só vendia pra gente boa.

Porque tem mulher que não sabe de nada! Não sabe de nada! Eu conheço umas aqui que o marido morreu e ela comia sem cebola porque não ia comprar, não sabia ir comprar. Eu não tenho disso não, se precisa comprar farinha, aquela mulher que passou aqui, estava me oferecendo farinha: “menina, eu estou sem dinheiro. Eu tenho um dinheiro alheio aqui, de um filho meu que manda, porque o menino tem uma fazenda aqui e mandou dinheiro para outro irmão pagar um aluguel de um gado. Mas eu vou te dar desse dinheiro, terça-feira eu tiro e boto no lugar”. Eu não empanco, não! Eu resolvo as coisas. Sei que precisão é que eu não passo. De nada.

Já existia! Mas aqui chamavam Porto do Vau aqui. Era Porto do Vau. O porto atravessava no verão era a pé por dentro d'água. A aguinha bem aqui assim. Aí foi indo, foi indo e botaram esse nome Itacajá. Mas aqui era conhecido por Porto do Vau: “eu vou hoje lá ao Porto do Vau”! Aí vinha pra cá. Tinha umas oito casas aqui. Quando eu morava na fazenda, que eu vinha aqui. Não tinha mais do que isso não. Eu sei a data que foi acentuada aqui foi no dia 19 de março de 1938. Tinha cinco casas. Chegou um senhor Zé Rocha que morava em Carolina, pai daquele Masolene. Masolene tinha três meses de nascido. Chegou, roçou com o facão, era só sambaibinha e armou um plástico pra ficar debaixo. Zé Rocha mexia assim com umas mercadorias, encheu umas cargas, botou num cavalo velho e saiu vendendo e a velha ficou. Aí o Masolene nasceu os dentes, deu febre e adoeceu. Ela mandou o velho pegar dois cavalos, botou as cargas num e montou no outro. O Masolene com febre, ela viajou daqui pra Carolina pra ir tratar dele. Aqui tinha a casa do Zé Rocha e tinha a casa de três negras velhas. Uma das negras velhas eu sei até o nome: chamava Quiurinha. Que morava dentro da sambaíba: roçava assim e fazia o ranchinho. Fazia aquele barraquinho e ficava ali dentro. Nesse tempo tinha pobreza aqui! Quando eu cheguei pra aqui, aqui tinha pobreza! E eu era uma na pobreza. Tinha muitos filhos, trabalhava muito, faltavam às coisas, arrumava um dia de serviço pra aqui, pra acolá. Mas Deus abençoa e eu realizei o meu sonho que sonhava na vida.

Eu tinha muitos filhos e tinha dia que eu pensava: o marido era para os campos, saía pro campo e passava muitos dias no campo e faltava farinha: mas eu vou assim, assim. Daí eu pensava: “que um dia feliz, haverá de chegar o dia de eu não vou pensar em nada”! Hoje eu não penso: “hoje eu estou sem dinheiro”. A única coisa que eu devo é o que eu pago pra mulher que lava a casa aqui. Eu não tenho dinheiro, mas não falta o que eu comer: eu tenho uma carne, eu tenho uma gordura, eu tenho café, eu tenho o açúcar, eu tenho o macarrão, eu tenho bolo, eu tenho requeijão, eu tenho tudo! Só o que falta é a saúde do velho, mas ele já está na idade, dentro de oitenta e sete anos, não tem mais pra onde tirar não. Aí vai indo. Deus é quem sabe. Ele é quem manda o dia... Mudamos pra cá porque nós não tínhamos terra e pra ir morar agregado dos outros... Nós trabalhamos e compramos essa casinha aqui. Custou dois mil, quando nós a compramos. Dois mil! Nesse tempo eram dois mil cruzeiros, eu não sei se já era cruzeiro, eu sei que era um negócio assim. Nós compramos por isso: porque nós não tínhamos onde ficar. Meu pai tinha terra, mas nós não quisemos vender lá, porque ele tinha muitos filhos e pra ficar lá encostado. Não era minha só. Aí disse: “não, vamos pra cidade e lá a gente coloca os filhos pra estudar. Estudou quem quis. Quem não quis, não estudou. Mas todos sabem alguma coisa.

Quando nós chegamos aqui foi difícil pra acostumar. Eu quase endoido! Eu dei depressão! Eu acostumada com fartura de tudo: o leite, a coalhada, o requeijão, ninguém fazia conta! Enchia era uma tábua que tinha assim alta. Ficava cheia que parecia... quem é que queria comer? Queria era nada! Aí quando eu mudei pra cá, porque o gado que nós tínhamos, vendemos todinho pra vir pra cá. Pra fazer dois mil cruzeiros pra comprar essa casa. Nós ficamos sem nada, mas ficamos com a casa. E hoje estamos aqui. Mas eu fiquei ruim, quando eu cheguei. A casinha pequena, com tanta

gente que não sabia nem onde ia deitar. Aí o Félix mandou botar escapa, no dia que nós chegamos, não tinha onde deitar. Moço! Sofrimento! Essa casa não tinha nem fogão a gás, a cozinha era lá no quintal, no sol, na chuva. Aí fizemos uma latada de palha. Aí eu cozinhava ali. Pegou chegar o inverno, ajeitamos um fogão numa lata ali num canto. Eu não gosto de falar essas coisas porque eu não gosto de lembrar. Não gosto de lembrar. Aí Félix devendo tudo, aí apareceu um serviço no Cará, no rumo do Amazonas. Nós adoecemos tudinho. Estávamos todos com febre, gripados.

Foi o dia que era preciso ele sair. Ele saiu e não ficou nem cinco reais pra nós. Nós todos deitados. Quando deu meio dia, o marido de uma prima minha que labutava com açougue de porco e cozinhava muito chambari, muitas coisas, aí ele veio aqui. Quando chegou aqui, nós tudinho deitados e o fogo apagado lá fora. Ele disse: “Bom! “Vocês estão é desse jeito”? “É desse jeito”? “Tu agüenta ir ali à farmácia mais eu”? Eu disse: “agüento!” Aí saí. Chegou lá mandou aplicar injeção e comprou remédio para os outros tudinho. Aí cheguei e sentei ali. Com pouco tempo chegou o filho dele com um panelão deste tamanho. Aí eu enxerguei arroz pisado, pedaço de carne, gordura, café, açúcar, leite, ele mandou tudo! Aí fomos levantando e eu lasquei o pau a trabalhar. Eu levantava onze horas da noite e corria pro curral pegar fato. E tratava, quando dava hora dessas assim, já estava todo pesado dentro das bacias. Só pedia os meninos pra irem vender. Vendia tudinho! Nesse tempo era só eu quem tratava. E aquela gordura do fato eu fazia sabão e vendia. E fui vivendo desse jeito. Eu cortava porco pra esse marido da minha prima, a ossada ele dava todinha pra eu trazer tudo: o espinhaço com o couro do bicho, tudo! Eu trazia, salgava e botava pra secar.

Félix chegou, estava com dois meses. No dia que ele chegou era uma hora da madrugada. Eu levantei, fritei lingüiça, tinha muita lingüiça ali. Sentou, comeu, tomou café. Pra trabalhar para os meninos não dizerem assim: “nós estamos hoje com fome, comendo arroz puro porque o papai não está”. Eles não diziam mesmo não. Eu sentava o rabo numa máquina aqui, costurava até tantas horas. Eu dormia uma hora. Quando eu deitava, levava poucas horas o homem levantava, matava o gado e me chamava. Eu aterrava os pés. Quando eu acabava de tratar o fato, se eu não fosse pra fora lavar roupa para os outros, sentava na máquina pra ali. Fazendo calça, fazendo camisa, fazendo vestido, tudo.

Mas desse jeito eu tirei a vida até quando eu: “ah, hoje eu não tenho mais precisão disso não! Não vou mais fazer isso não!” Hoje eu trabalho, tenho uma máquina, faço tapete, faço colcha de retalho de pano. Minhas filhas tinham confecção e mandavam um sacão de retalho e eu fazia tudo. Vendia, dava. Eu disse: “agora eu não vou fazer mais isso não! Não tem mais precisão, já fiz demais, não vou fazer mais! Vou fazer só tapete!” Minha vida foi assim! Hoje ela está boa. Estou com pena porque eu sei que ela já está pequena. Está! Sei que está. A minha mãe aturou noventa e sete anos e cinco meses. Aí um dia chegou um homem vendendo remédio, um senhor já de idade, pretão. Ela não caminhava mais. Morava ali mais outra irmã minha. Eu tinha dado banho nela, sentei ela aqui numa cadeira, sentei de um lado e a outra irmã do outro. Quando o homem chegou. Chegou, falou ali e olhava, disse: “é mãe e filha ou são duas irmãs”? Eu disse: “é mãe e filha!” Aí ele olhava pra uma, olhava pra outra, aí disse assim comigo: “essa bem aqui, atura mais do que essa”. Eu disse: “não moço, não diz isso comigo não! Eu não quero aturar mais do que minha mãe não! Porque minha mãe está nesse estado: pra comer é preciso botar na boca e eu pra viver mais do que ela”? “Vai viver mais do que ela, agora aquela ali, não!” Eu disse: “oh, coisa boa!” Nós danávamos o pau a rir. Eu disse: “não. Eu não quero isso não!” Eu quero viver o quanto eupuder.

Fazer meu chá, meu café pra eu beber na minha casa, eu quero. Eu não quero viver dependendo dos outros. Deus pode me chamar que eu vou. Eu criei onze filhos, eu tive catorze, só que criei onze. Já morreu um, no ano passado. Dia 07 de janeiro morreu um. Tenho dez. E tudo eu criei tudinho pobre demais, mas não deu um pra bandido. Todos têm um meio de viver. Tem deles que tem um recurso, tem dois que tem fazenda, mas os outros têm seus empregos. Tenho uma filha que mora daqui parece que são vinte e três quilômetros, que tem fazenda também. Tem outra que mora daqui trinta quilômetros, eu cheguei de lá anteontem da casa da fazenda dela. Também muito boa a fazenda. Boa demais mesmo! O gadão todo aí. Matou uma vaca, deu um quarto pra eu trazer mais outra irmã que mora em Goiânia, que está aí e vai embora amanhã. Matou e deu um quarto pra eu repartir com ela. Muita fartura, muita melância, muito melão bom de fazer suco. Fiquei foi com nojo do tanto. Abóbora tem cada folha, cada rama! Mas também o arroz morreu todinho, porque ela plantou demais. E ela disse: “eu tô me importando com arroz! Eu quero saber é de minhas coisas”.

E a outra que mora em Goiânia: “oh, meu Deus do céu, como é que uma pessoa tem uma fartura imensa dessa”? Eu e a outra assim destapando os tambores, tudinho assim cheio de farinha. Lá acolá era arroz. Eu e ela íamos à dispensa numa casinha assim, ficavam os montes de arroz. Uma fartura imensa! Lata de banha, porco gordo no chiqueiro. Aí pegou e matou uma vaca, muita gente. Ela disse: “eu fiquei esmorecida com o tanto de gente que come naquela casa!” “menina onde ela mora, tu não sabe que é desse jeito mesmo”? Vai passando uma pessoa bem acolá, ela grita pra vir comer. Lá é farto! Não falta nada pra ela. É avó dessa aqui. Porque essa aqui é filha desse aqui e eu criei assim que nasceu. Ela era menina nova, estudando, aí engravidou e disse que bebia tudo. Acho que só não bebeu formicida porque não achou. Aí ele nasceu com um quilo e duzentas gramas. Parecia um calango com o couro tirado. Ela não importava com ele não e aí eu tomei conta. No dia que ele fez um ano e doze dias, ele corria bem ali de outro filho meu. Meu filho saía de costa e ele correndo pra pegar. Fininho! Parecendo um esquilo. Aí está aqui, é um homem, já tem vinte e dois anos, já é motorista, mecânico muito respeitado. Trabalha com os índios. Carrega os índios, até os índios temem ele.

Facão aqui, “nego” não brinca não que cai no colim! É o Ibson, conhecido por Maguim (Magrinho). Ele é muito conhecido, é o pai dessa coisa aí. Brincou com uma mulherzinha velha de rua, quando dei fé, me chega esse trem aqui. É o que eu ganho mesmo! Já criei quatro, com essa aqui, cinco. Tenho quatro netos que eu criei, outro dia foi embora um pra Goiânia, o filho da avó dessa. E aí ficou três: tem dois de um homem que chamam formigão, um pretão, que é motorista formado. Ele largou a mulher e tomou dois filhos que tinha e jogou nas minhas costas. E eu criei. Já tem um com vinte e um anos e outro já está perto dos vinte. E é assim minha vida: Deus dando força e eu tenho vencido. Essa que eu não sei se vai dá de eu criar. Mas eu espero que dê. Ontem ela disse pro avô dela, ele a chamou de rapariga: “essa rapariguinha!” “Respeite-me! Rapariga não! Eu sou uma moça, vou estudar e ser uma doutora”. E aí passou um negro velho aí e eu disse: “esse negro velho aí também é doutor”; “esse aí é negro!” Aí eu baixei a cabeça com vergonha. Daquele que fica preto que faz nojo. Ela está olhando a televisão, na hora que aparece: “o diabo do negro já vem!” Ela não gosta.

A cidade tem esse nome acho que é porque tem acolá em cima, um pé de cajá muito grande. É por causa desse pé de cajá que botaram aqui Itacajá. As pessoas mais velhas que contam isso. Que é aonde o povo vai, no tempo do “rally das águas”, é onde começam com as embarcações pra descer, é nesse lugar. O povo fala: “na cajá”. Aí aqui ficou Itacajá... A viagem pra cá, pra esse lado daqui.

Daqui uns vinte quilômetros de onde nós viemos. Viemos de carro. Um carro foi buscar nossa mudança, quando chegamos, entramos aqui. Com roça de mandioca pra lá, depois o sítio foi desmanchado. Depois fizeram, puxaram, botaram aqui. Foi assim! Minha vida sempre foi essa... Tinha. Já tinham uns carros. O primeiro carro que entrou aqui na cidade, eu não sei da “era”. Eu não sei se foi em 1958 ou foi em 1956.

Os outros que eram da parte dele cantavam assim. Sempre foram esses dois carros que entraram aqui primeiro. O carro que fazia linha aqui vinha de Pedro Afonso. Era de um senhor chamado Raimundo Arruda. Era uma Toyota que fazia linha. Isso era um abismo! Aí depois que cheguei pra cá em 1976, aí já estava tendo uns carrinhos. Pouco, mas já tinha. Pois é! A vida é essa! A vida é essa! Vida de trabalho, mas está vencendo! ... Itacajá quando eu cheguei aqui era ruim. Feiinho velho demais! Só tinha água e lama, que Ave Maria, meu Deus! Era só o que tinha nessas ruas, porque não tinha nenhuma rua calçada, nem nada! A ponte era uma ponte velha de madeira abaixo daquela. E aí o Masolene, prefeito da época, deixou o pedido da ponte. Aí em 1978 começaram a fazer aquela ponte. Em 1979 terminaram de fazer. A vida aqui era essa: quase não tinha nada. Só tinha terra, lama e areia e frio no verão, porque era tudo de areão. Era tombadorção mesmo! Êh, lugar que tinha frio! Aí com calçamento acabou-se... Ave Maria! Isso era riacho feio, menino! Era cachoeira triste! Estou te dizendo que a água arrebentou lá de cima acolá, pipocava acolá, entrava aqui por dentro de casa e saía bem acolá. Tinha dia que a gente levantava de noite, ia procurar a chinela, cadê? Aqui eu tinha mandado fazer um batentinho de alvenaria dessa altura.

E água vinha, chegava encalhava os calçados, lenha que tinha lá fora, vinha tudinho pra cá. Oh, meu Deus! Oh tempo! Mas isso tudo é passageiro! É da vida! Casinha era de chão, aí eu mandava os meninos numas quintas pra ali que era pra caçar cupim. Aí eles traziam só pra quebrar dentro de casa que era pra poder pisar, pra enxugar mais. Não sei contar o bom da vida, não. Mas o ruim, eu sei. O bom eu estou contando agora. Mas ruim pra frente eu passei... Cheguei e fiquei aqui nessa casinha. Desse jeito eu fiquei até 1996. Aí o marido trabalhando, já tinha muito dinheiro. Aí um filho meu que tem até uma fazenda aqui, no município de Goiatins. Ele é mestre de obra. Ele é solteiro. Ele está em Rio Grande do Sul. Já andou pelo Brasil todo.

Ele disse que nunca foi no Pará, porque ele não quer ir. Mas nesse Ceará, Piauí, nesse mundo todo, ele trabalha. Ele comanda turma de peão, de gente pra assentar posto, prédio, posto de petróleo, ele resolve tudo. Aí de lá de onde ele está ele passa dinheiro pra mim: “mãe você está com precisão das coisas”? “Não, não estou não”; “Eu botei tanto, eu botei quinhentos, eu botei mil pra senhora comprar carne pra comer mais meu pai”. É assim: ele é rasgado mesmo! Bichão branco dos olhos azuis. Muito bom! Muito bom! Muito sabido, muito interessado e muito esforçado! No mês de julho ele pode está onde ele estiver, entrou julho, o mais tardar até o dia dez de julho ele vem. Chega aqui, de manhã ele sai, quando dou fé chega um quarto de carne. Ele compra e joga aí pra comer. Vai pra fazenda dele, vai repartir, vai empreitar serviço. Lá mata gado, trás uma banda, come uma banda assada e outra ele traz pra cá. Quando está no dia dele sair compra outro quarto, pra murchar, pra secar pra levar pra essa minha irmã que ele fica mais ela. Quando ele roda no mundo aí e quando ele chega, fica na casa dela.

Ele é quem sustenta ela... As casinhas eram todas de palha! Tudinho! As casinhas quase todas eram de palha. Essa aqui era de telha, essa bem aqui tinha uma banda de palha. Aquela casinha velha feia tinha uma banda de palha. Tinha um barracão velho de palha ali. Bem aí no lugar dessa casa verde era um barracão duma negra velha, de palha. E aí acabou. Tinha essa aí encostada a essa verde ali, que era uma casinha de outro jeito: era levantada de adobe cru mesmo. Tinha a outra da frente, onde tem um bar era de tijolo. E o mais tudo era de palha. Tocava de cabeça arriba, roçava aquela sambaíba, piaçava e fazia uma casinha velha de palha.

Nesse tempo corria água dentro. Tinha vez que forravam de pau, de tábua. Ali era sofrimento! Tinha de sofrer! Essa minha aqui não molhava porque era reajuntada. Não tinha o piso, mas era reajuntada. Esfriava, mas não molhava. A água entrava por dentro, mas barreu aquele rejunto ia saindo, a gente ia botando cupim, barro. Sei que era sempre sequinha toda vida. Em 1996 meu filho mandou dinheiro pra comprar a telha, aí eu comprei. Aí ele foi e comprou o tijolo e botou um rapaz pra trazer. Aí começou ela no dia primeiro de agosto. Derrubou ela todinha e no 28 de setembro nós mudamos. Nós estávamos numa casinha velha bem aqui toda no piso, mas não estava rebocada não. Ajeitou de porta, de tudo. Aí eu, já depois de oito anos, eu fui pagando. Paguei, aí rebocou essa varanda. Com pouca eu paguei outro pra fazer o quarto. No ano atrasado foi que rebocou tudo. Aí meu filho chegou me deu dinheiro e eu comprei uma tinta e mandei um desses que eu criei pintar. Já falta de outra porque já está tudo ruído os pés da parede, mas eu vou pra ela, breve! Vou consertar ela outra vez.

Nunca morei em terra de índio não, graças a Deus! A terra dos índios era pra cá assim, nunca tive contato com eles. Só agora que meu filho e um neto que trabalham com eles. O povo chama “formigão”, apelido de colégio. Aí: “essa noite eu estava lá no centro, fui deixar uns índios bêbados”... Andavam, mas não era muito não. Eles andavam, mas era muito pouco. Agora é que eles estão quase morando aqui dentro da cidade. Essa minha irmã que mora em Goiânia, aqui eu tinha saído, ela pegou um dia ela disse: “Josefa, mas eu fiquei com pena...” eu disse: “o que foi menina?” “Um índio entrou aqui pedindo o de comer, pra mim dá ao menos um pegadinho pra ele, aí eu disse: não tem não!” E ele: “e essas panelas aí, o que é?” O fogão cheio de panelas, aí ela disse: “mas não tem nada dentro não, é porque eu ainda não lavei as panelas”! Ela disse que ficou com pena, aí ele disse: “é, tá bom”. E foi embora. Eu disse: “mas, Sebastiana, se a gente der atenção a eles...” porque eles não entram aqui pra não ser morrendo de fome, não. Só entram pedindo! Tem vezes que eles me pedem e eu digo assim: “o que foi que tu trouxeste pra mim? Porque tu não trazes nada, só sabe pedir”. “Não, quando eu vier eu trago”! Deus disse: “pois você vai comer nesse dia. No dia que você trouxe eu lhe dou de comer”. Eles são atentados.

Eles são acostumados comigo. Eu dou comida a eles, não tem jeito não. Tem dia que eu estou almoçando e essa calçada está cheia de uma ponta a outra. Menino chorando e eu me lembrando do tanto que é ruim você está com fome e escutar os outros comerem. Aí eu entrei e peguei uma bacia grande que eu tenho e enchi de arroz, porque eu cozinho arroz é nos tachos grandes. Quem chegar come se não comer, come de noite e se ficar bota pra amanhã. Aí eu encho a bacia: jogo feijão, jogo carne, farinha. Circulo de colher pra eles. Aí fico olhando. Mas é o bicho mais esperto que tem! Só encosta a família! Marido, mulher, mãe, o pai, filho, neto, genro, nora e comem.

Os outros que não são da família, nem olham. Aí eu fico olhando assim: aí eles comem, comem e deixam um talhão assim. Quando acabam, dão pra eles, aí eles comem. Mas juntos não comem não. Quem não é da família não comem não. Mas eu dou pra eles. Dou pra eles levarem. Não, a gente sabe o tanto que é ruim a gente passar necessidade. Eu já passei. Ficava morando nas fazendas, tinha tudo: tinha carne, tinha requeijão. Tinha dia que faltava farinha. Marido sapecado no mundo e eu com a casa cheia de menino. Faltavam as coisas. Não é dizer que era só vida boa, porque não era não. De vez em quando eles falam de um ano que faltou arroz e farinha. O arroz estava cheio, mas não estava maduro não. Aí abóbora tinha demais. Carne era de perna de boi. Carne era quebrando perna de boi, caindo por cima do pescoço, torava. Eu sei que carne, tinha uma casa de curral que



era cheia de carne demais, não tinha quem desse conta. Aí eu ia na roça, pegava cada abóbora bonita, cozinhava um caldeirão cheio dos pedaços, tirava as cascas, enchia umas bacias. Carne frita: enchia o caldeirão e fritava. Quando acabava enchia umas tigelas e jogava nas mesas, “nego” comia!

De manhã comia coalhada escorrida com carne frita ou carne assada até encher. Foram assim uns quinze dias nessa toragem. Esse menino mais velho me gosta de falar nisso. Ficou na memória. Não faltava muita comida, mas farinha e arroz não tinham e o papai ocupado não podia ir caçar. Aí depois um vizinho, amadureceu o arroz e aí ele foi e tomou uma carga emprestada. Juntou aí na casa e nós pegamos de comer, foi no ente que outro arroz amadureceu e aí acabou a precisão... Ih, nessa fazenda tinha roça demais! Roça de arroz, farinha, de toda coisa. Porque tem ano que dá ao avesso e tem ano que faltavam as coisas. A vida foi essa, nossa vida foi essa: muitos trabalhando, muitos filhos, todo mundo trabalhava, mas aqui acolá faltavam as coisas.

Quando não faltava a carne, nem o leite, nem a coalhada, nem o requeijão e nem queijo não faltavam. Mas tinha dia que faltava farinha. Tinha mandioca, mas não tinha o tempo de fazer. Estava no tempo do boi, de leite e não podia largar. E eu sozinha não dava conta, porque estava cheia de menino novinho... Eram poucos moradores aqui. Pouca gente. Tinha aquela casinha feia ali, no lugar dessa que tem uma venda não tinha ninguém, no lugar dessa casa verde, morava um negra velha, no lugar que era um barracão caído no chão, tinha um casal de gente morando dentro daquela toca.

E aqui nessa do vizinho aqui, tinha eu e tinha também um casal. E aí pra cima aqui, acolá tinha um moradorzinho velho. Mas eram poucas mesmo. Tinha aquela rua grande ali que tinha também, não era tudo não, mas tinha muita casa. Era casa de palha. Aquelas mais de lá já eram quase todas de telha. Onde morava Paulo Teixeira, Detim Costa. Esses, a casa já era tapada de tijolos crus, mas já era tapada... Tem. Já morreram muitos, mas ainda tem. Ainda têm muitos moradores daquele tempo aqui... Tinha. Tinha o comércio do Detim, o do Paulo Teixeira e uma evangelista. Eram esses que eram os comerciantes. Eram só esses. Botequinhos velhos tinha, mas tudo mexendo com cachaça. Mas comércios mesmos, eram só esses... Quando eu cheguei aqui não tinha mais isso não.

Antes de eu vir pra cá, tinha um engenho ali no Grotão pra ali, tinha um engenho. Mas quando eu cheguei pra cá, não fabricava mais nada não... Era. Iam pegar em Goiânia. Era só onde pegavam mercadorias. Ia uns caminhões buscar. Era muito difícil. Era de ano em ano que iam, só com ano. A vida não era fácil não, era difícil! E a gente achava que ela era boa, não conhecia outra. Era só aquela, achava boa danada. Agora que a gente acha fácil, mas de primeiro era triste. E a gente achava que era bom. Hoje em dia você ver o tamanho de armazém que tem aí. Pra todo lado que você olha se não agrada, vai pra outro.

Se não dá certo você vai pra outro, mas de primeiro não, era só ali mesmo. Era aquele ali mesmo... Com roça, todo ano a roça. Quando nós chegamos pra cá ainda fizeram. Era todo ano faziam roça. “Nego” lascava o rabo pro campo a semana inteira e eu na roça sozinha mais os meninos. Os que já prestavam levavam tudo. Capinar e limpar arroz eram eu. Plantava na ida, era eu que era enfrentante. Porque homem, vaqueiro se trabalha um dia na semana é uma vantagem. Nesse tempo tinha pega de boi, tinha tanta coisa. E eu lascada dentro da roça. Fazia mamadeira, enrolava em uns panos, deixava para os maiores ficarem olhando os outros, as panelas e caia na roça. Era assim. Quando dava barra do dia ia pro Balsas, passava quinze dias e eu ficava sozinha mais os meninos pequeninhos assim e uma no peito. Um horror de gente! Que os mais perto ficavam uma légua de distância. Ficavam quinze dias. Vaca paria, vaca valente e aí botava no curral.

Os meninozinhos já botavam, eram bons pra laçar. Laçavam, amarravam a vaca pra poder pegar o bezerro pra curar e vaca era valente. Quando acabava de curar o bezerro ia na cerca, amarrava, puxava e eles escapoliam. Eu era responsável por tudo na casa porque o meu marido saía e ia pra casa do patrão. Tinha vezes que passava oito dias em tempo de matação. Todo dia eu ia pro curral mais esse menino. Eu só nunca aprendi foi arriar pra amarrar. Passava na mão e ele segurava. Tirava uma, duas latas de leite todo santo dia, sozinha. A minha vida foi essa! Minha vida foi sofrida! Sou forte, acho que é porque nasci pra ser forte. Nasci pra ser forte porque eu tenho sofrido muito. Mas é bom, porque com sofrimento a gente aprende muito.

Quantas vezes eu limpava cinco quartas de arroz, no inverno, arroz duro, de um tipo vermelhinho, buchudo, duro como ferro. Chamavam-no de trinca-ferro. Eu limpava cinco quartas, pra ganhar doze mirreis. Nesse tempo era o tempo do mirreis. Limpava no pilão! No mês de março pros homens levarem pra Carolina pra vender. E eu fazia isso tudo. Eu pegava esses doze mirreis, pegava um animal e ia pra uma loja longe. Atravessava o rio, tacava o pau a nadar, ia comprar a mercadoria pra ganhar a carga quase cheia com esses doze mirreis. Comprava coisa pra mim demais. Ave Maria! Naquele tempo era dinheiro demais. Mas, o couro das mãos largava. As minhas meninas quando eu conto, elas dizem: “não, mãe. Não conte esses casos não que eu não gosto de ouvir essas histórias”.

E quando tinha uma festa, papai não deixava ir. Mas tinha um festejo em janeiro, no dia vinte de janeiro. Quando dava em maio, acabava de pegar arroz, eu começava a trabalhar pra comprar uma roupa, um calçado bom que era pra ir pra aquela festa em janeiro. Ia arrancar mandioca, botar de molho, amolecia. Relava mandioca, fazia a mistura, tirar tapioca, sozinha. Tinha uma irmã minha deste tamanhinho que me acompanhava. Torrava. A quarta de farinha tinha um negócio de tostão, dez tão, não sei como era. Aí vendia a farinha, vendia a tapioca pra comprar roupa pra ir aos lugares. No tempo do festejo estava tudo arrumado. Porque o papai não dava. Quem quisesse é que se virasse. Êh, menino! Eu comecei a trabalhar com oito anos de idade, eu lembro. Ia pra roça mais papai, chegava cama-de-cerca: metia uma estaca assim debaixo, botava em meu ombro e ele dizia: “vamos”! Até quando chegava lá no lugar. Com oito anos de idade eu comecei na roça. Quando eu casei estava completando vinte anos e aí ajudava o marido toda vida.

Era no curral, na roça. Vim largar em 1976 pra cá, porque meus filhos estavam todos grandes. Já tinha aguentado Cícero, Antônia, Raimundo Nonato, pequeno só tinha José de Ribamar que é esse rapaz aqui. Aí eu ganhei carta de alforria... Não, nós éramos oito, eu sou a mais velha de todos. Depois de mim tem um senhor que mora acolá, é até fazendeiro, chamam Raimundo Bonina. Eu sou de 1930 e ele de 1932. Aí tem de 1934, de 1936, 1938, 1940, 1942 e 1944 que é a derradeira. Criou tudinho, mas já morreu uma. Agora nós só somos sete. O pai e a mãe já morreram todos também. Mas meu pai era cachaceiro demais. De longe ele já vinha gritando e nós já começávamos... Quando ele chegava, arrancava o facão e batia no chão assim. Cansamos de dormir um sono no mato. Depois que via que ele aquietava. Amanhecia o dia, que parecia que não tinha sido aquele. Quando ele bebia, bebia quinze dias sem parar. Engordava os animais, os cavalos gordos, quando ele chegava, com quinze dias ele estava enrolado. Só correndo de um engenho pra outro.

Eu tenho um irmão que gosta de está lembrando esses casos aí. Mas ele foi bom! Criou todos nós com a barriga cheia. Toda vida, nunca faltou o que comer. Podia faltar a roupa porque naquele tempo era difícil e o papai quando a gente crescia, ele não dava mais nada pra ninguém. Quem quisesse é que se virasse! Mas eu não falo, não tenho o que contar. Eu tenho o que agradecer.

Não, não tinha nada! Não tinha energia nada! Era na candeinha! Aí depois botaram uma energiazinha a motor. Quando davam dez horas apagava. Quando foi em 1982 parece. Mas não tinha isso aqui não. Era tudo na lamparina. Eu ainda tenho lamparina aqui. De vez em quando eu compro querosene e guardo. Porque tem tempo que falta energia e na hora que falta, eu encho o quarto de vela ou corro na lamparina! ...Tinha! Tinha só um colégio. O colégio estadual. Mas ninguém não dava nada: nem caderno nem nada! Aí eu ia lutar. Eu trabalhava pra morrer, dormia pouco de noite pra comprar as coisas para os filhos. Comprar o caderninho velho, farda, um calção. Oh, meu Deus do céu! Não quero nem lembrar isso.

Hoje não. Hoje está a maior facilidade do mundo. Só não estuda hoje quem não quer! Porque o caderno ganha, a farda ganha, ganha tudo! Ninguém paga nada... Tinha! Meus filhos ficaram um bocado por conta do Lar Batista. Eles estudavam e o pastor dava tudo. Tinha dia que eles comiam mesmo pra lá. Eles ganhavam a roupa e de tempos em tempos, porque cada um tinha um padrinho da junta e aquele padrinho é quem mandava as coisas. De vez em quando chegava um carregamento que eles faziam. Mandavam muitas coisas, até copo de beber suco vinha. Até chegar a idade aí é que foram saindo.

Mas ajudaram muito, muito, muito mesmo! Quando era no tempo da escola eles avisavam, eu ia e pegava, sabia fazer, eles davam os panos e eu fazia as fardas. Tive muita ajuda, graças a Deus! O primário eles estudavam era aqui no colégio. Mas por conta dele eram as fardas, as coisas, os livros. Quando adoeciam tinha o remédio. Tudo do Lar Batista. Na hora que um adoecia podia mandar dizer que vinha o remédio. Não tinha médico nesse tempo, não tinha nada aqui. E em 1977 abriu aquele CESP ali.

Era um abismo, quando começou aqui. Aí depois chegou um senhor, um médico que morava lá em baixo, nas casas do Bigode Maciel. Fazia operação. Ele foi embora, passou pouco tempo, em 1978, chegou o doutor Luiz. Trabalhou lá muitos anos e aí formou o hospital, aí as coisas foram melhorando. Era de pagamento, mas a gente ia pagando de pouco porque não tinha dinheiro. Pagava de pouco, mas pagava sempre. Quando não tinha médico nem hospital quem cuidou da saúde de todo mundo aqui foi o Zé Porto. Uma vez o povo todinho deu sarampo, em 1977, ficaram tudinho pra morrer mesmo, tudinho prostrado aí. E o Zé Porto, a pessoa saía lá, mandava chamar e ele corria aqui. Foi quem salvou tudinho. Não morreu ninguém, graças a Deus!

Era um ofendido de cascavel, o Zé Porto ia em cima! Ele era formado. O doutor Zeca, de Carolina quem era o padrinho dele, foi quem formou ele. E ele era um homem muito bom! Tinha uma farmácia, vinha tudo! ... Trabalhava. Quando eu cheguei pra cá, o pastor Benjamim já morava ali. Ele salvou o Félix. Esse Félix ali botou o sangue todinho do corpo pela boca, enchia e derramava, demorava poucas horas estava cheio. Botando sangue. Aí trouxemos na carreira até onde pegava carro, aí foi um carro, pegou, botou no orfanato. A mulher do pastor não estava, estava só a mulher dele. Aí ela disse: “o homem não resiste, tem condição pra tirar esse homem de avião”? Eu disse: “a condição que ele tem são onze filhos e a saúde que ele tem pra trabalhar pra eles”. “Porque o homem é preciso tirar de avião”. E eu peguei a chorar e a mulher dele disse: “vamos ver”! Ele esfriou. Aí ela esquentou uma água e molhava os panos e enrolava nas pernas dele. Com pouca ela botava a garrafa: “aí já tem tantos quilos de quentura”. Quando esquentou ele deu um desmaio, a febre saiu pra fora demais. Ele suava demais e ela mandou, foi só com a roupa que estava vestido. Aí ela tirou uma roupa do orfanato e vestiu. E eu segurei a camisa assim numa escapa e olhando pro suor pingando. Ficou doze dias lá semimorto, mas escapou. Depois que ele voltou pra fazenda,

ele dava uma tossezinha e botava um tanto de sangue. Aí eu doida, doida com tantos meninos pequenos. Aí eu subi assim num morro e peguei muita folha-de-carne, pisei, tirei o sumo, coei, botei dentro da vasilha, aí é que eu fui acender o fogo pro preparo do quebra jejum para os meninos. Aí assentou aquela água, aí eu pegava e botava numa garrafa, deu uma garrafa. Eu enchi uma xícara e dei pra ele. Mais meio dia eu dei outra. Quando foi de tarde que ele tossiu uma tossezinha e cuspiu só aquela só aquela rajinha fininha. Ele disse: “olha Josefa, como é que está”. Aí tomou essa garrafa e acabou.

Depois foi pra Araguaína. Lá o médico veio e bateu o raio-x nele e disse: “que remédio do sertão você tomou”? Ele disse: “mas é já! Eu tomei um sumo de um pau que chamam folha-de-carne”. Ele disse: “ah, é por isso que você escapou. Foi a sua Valença, porque aquele remédio tem todo tipo de antibiótico que existe no mundo. Suas veias estão todas emendadas, porque elas tinham arreventado tudinho, mas estão todas emendadas, todas verdinhas”! Aí ficou bom. Sarou com remédio do mato. Eu me deitava de noite e pensava: “oh, meu Deus do céu, arruma um jeito”. Aí amanheci o dia lembrando dessa folha-de-carne: “vou já dá”. Aí dei e serviu. Lá na fazenda tinha demais! Da verdadeira mesmo! Porque aqui eles falam em folha-de-carne, mas não é da verdadeira não... Eu nunca mais voltei lá no lugar onde eu morava. Faz muitos anos que eu andei lá! Tem mais de trinta anos que eu andei lá no lugar onde eu nasci. Eu estou com setenta anos de casada, então eu tenho mais de quarenta anos que andei lá.

Depois que eu casei, eu andei umas vezes e não andei mais... Não, eu não tenho mais vontade de voltar lá não. Porque os moradores que eu conhecia, que moravam lá, já se acabaram todos, não tem mais. São outras coisas que eu nunca nem vi. Está tudo diferente. Quando nós morávamos lá era bom demais! ... Conto. Essas histórias eu conto tudinho para os meus filhos, para os meus netos, mas eles não acreditam não! Acho que eles não acreditam não. Essa mesma que estava lá na fazenda que nós fomos ontem, ela disse que não acredita de jeito nenhum que eu fazia farinha, que eu pisava arroz pra ganhar dinheiro. Faltava era morrer de trabalhar na roça de meu pai pegando arroz sem descansar pra acabar logo e pular para as roças alheias pra eu ganhar, que era o de vender pra comprar o vestir. Se não acabasse lá eu não ganhava. Aí eu pegava e batia menino, meus irmãos eu bati demais que era todos mortos de preguiça! Aí caía no cacete pra trabalhar mais eu. “Nego” não queria trabalhar direito que era pra acabar o arroz da roça do meu pai, que era pra eu ir para as roças alheias. Nesse tempo não tinha esse negócio de saco de arroz, era “quarta”. Acabei, fui pra roça de outro tio e ainda apanhei treze quartas de arroz. Mas eu também trabalhava de manhã à noite. Levava uma carne assada, uma farinhazinha. Quando dava de tarde, que não agüentava, comia e tornava topar se não, não ganhava muito...

Não acreditam de jeito nenhum! Nem essa filha minha, ela fala: “eu não acredito nisso o quê! A mamãe fazia isso o quê”! No teu tempo é que tu nunca limpaste um pilão de arroz pra comer”! Quando veio crescer aqui ninguém mexia mais com isso. Tinha o arroz, mandava limpar na usina: “tu nunca torrou uma fornada de farinha. Nunca lavou tapioca pra dá uma quarta. Nunca fez nada disso!”. Essas mais novas não sabem nada! Apanham dessa aqui pra trabalhar. Ela trabalhou muito. Ela morava aqui, o pai dela matava gado e dizia: “eita! Eu não achei quem comprasse um fato”! Ela pegava e ia pra fonte mais ele, tratava, soprava as tripas tudinho, vendia pra esses açougueiros de porco. Tinha umas moças ali que diziam: “Raimunda, tu não tem vergonha de andar com essa vara...”; Aí eu disse pra ela: “eu tenho vergonha é de eu não ter as coisas, isso aí me faz vergonha, mas trabalhar não faz, não”.

Cozinha no fogo de lenha, quando faltava lenha: “papai, vamos pega lenha”! Acolá do outro lado, nas quintas de um senhor de Jarbas, tinha muitas lenhas. Nós íamos pra lá, ela rachava lenha, cada uma trazia um feixe grande na cabeça. Eu não tinha vergonha das coisas não, eu queria era trabalhar! Essa ainda sentiu um pouco das coisas. Ela ainda trabalhou muito. Essa outra que está aqui, que é mais velha que a mãe dessa nunca fez nada disso não. Ela trabalhou na roça uns tempos, depois foi embora pra Goiânia, menina ainda. Pra lá se fichou na santa casa, trabalhou muitos anos na santa casa, casou e ficou toda vida trabalhando. Depois de muitos anos largou. Os filhos pegaram a crescer, um casal de filhos muito atentados, ninguém não dava conta de olhar, aí ela largou a santa casa. Essa não conta muita dificuldades porque saiu muito nova... O quê? Estudava só se fosse na roça. E os pais não deixavam pensando que fossem aprender que era pra mandar carta para os machos. Êpa, menino! Mas não estudava mesmo! Naquele tempo meu não tinha essas coisas, não. Um pai de família não deixava uma filha estudar não. Porque senão escrevia carta para os machos. Eu vim estudar depois que meus filhos cresceram tudinho, já em 1953. Aí foi que eu comecei a estudar na escola.

Não, não me arrependo de nada não. Dou graças a Deus de eu ter vencido. Toda dificuldade eu venci. Criei meus filhos, dei saber aos que quiseram. Os que não quiseram, não aprenderam porque não quiseram. Mas de tudo eu botava. E eu não estou arrependido de nada que eu fiz! Porque eu nunca fiz o mal, nunca furtei, nunca mexi com a vida de ninguém, sempre amiga de todo mundo. E eu sou uma pessoa que tenho muito prazer com a minha vida. Hoje estou lutando com esse velho: ele “mija” na roupa, faz todo defeito, mas é porque eu nasci pra sofrer. Oh, eu quero que Deus dê vida pra mim, que eu não agüento. Não me maldigo da vida! Deixa torar! ...Faria. Eu faria tudo de novo! Se eu ainda tivesse precisão, eu faria! Hoje eu não faço porque eu não tenho mais precisão, graças a Deus! Porque o que eu preciso, eu visto porque são os filhos que dão. Não dou conta. Daqui pra eu morrer eu não visto nem a metade! Eu calço, eles é quem dão os calçados. E assim, o de comer, tanto eles dão como eu compro! E assim não tenho precisão das coisas. Tenho precisão assim, só da saúde.

### **SEBASTIÃO FARIA DE AZEVEDO**

Entrevista em 29/ 01/ 2011

Sebastião Farias de Azevedo de origens nordestinas, porém, natural de Goiás, por ser um homem preocupado com a educação de seus filhos, mudou-se pra cidade de Itacajá depois de muitos anos morando na fazenda, a fim de que seus filhos pudessem estudar. Enfrentou muitos areões pra chegar ao estado de Goiás, atual Tocantins.



“Eu vim morar aqui pra poder ensinar os filhos. Lá ficava longe de escola e aí eu vim pra cá pra poder ensinar os filhos”

Eu nasci na fazenda Belo Monte, daqui há uns trinta quilômetros... Meu pai nasceu em Balsas e minha mãe no Amarante. Por um lado era São Francisco e pelo outro era Amarante, no Parnaíba... Eu mudei pra cá em janeiro de 1973... Lá onde eu morava era um lugar de chapada, mato... O lugar era nosso mesmo. Era do meu pai, depois ele morreu. Eu fiquei lá e depois saí... A viagem de lá pra cá foi na tropa. Naquele tempo não tinha transporte de nada. Era tocando os animais com as cargas... Eu não lembro quanto tempo durou a viagem, mas foi um bocado de dias... Quando meus vieram pra cá foram direto pra essa fazenda, se situaram lá. Nesse tempo eram “gerais”. Não tinham moradores. Ele situou lá e ficou morando.

Eu vim morar aqui pra poder ensinar os filhos. Lá ficava longe de escola e aí eu vim pra cá pra poder ensinar os filhos... Quando eu cheguei aqui já era Itacajá, esse nome já existia... Itacajá é porque tinha uma pedra ali que o povo chamava “pedra da cajá”. Aí apelidaram de Itacajá. Botaram o nome de Itacajá... Quando eu cheguei aqui até que eu não demorei acostumar aqui não, logo eu adaptei... Da fazenda pra cá eu vim de caminhão. Nesse tempo já tinha carro aqui... Não demorou nada porque era perto... Itacajá, quando eu cheguei aqui era muito fraco, era muito devagar. As coisas todas eram difíceis. Nessa época era tudo difícil... Já tinha um magote de casas, mas eram poucas.

Essa rua onde eu morava, só tinha eu e aqueles lá embaixo pra lá. A rua maior era aquela outra rua, aquela rua grande ali da prefeitura. Essa daqui era uma rua pequeninha! O resto era só mata, só a sambaibinha, tombador, muita areia. Aí é que foi limpando... As casinhas, a maioria eram casinhas fracas. Quase não tinha casa que prestava. Nessa rua mesmo aqui, não tinha nenhuma casa boa, eram todas só umas coisinhas... Ainda não tinha ponte não. Depois que eu cheguei foi que eles foram fazer uma barragem, aí foi que fizeram a ponte pra passar o material pra barragem... Eu não lembro em que ano que começou essa barragem. Depois da barragem pronta, aí furou embaixo aí eles deixaram acabar. Se não nós tínhamos a melhor energia do mundo aqui! E hoje a energia é fraca... Quando eu cheguei aqui já tinha energia, mas era a motor. Um motorzinho só até dez horas. Quando dava o horário dez horas da noite apagava.

O comércio era muito pouco. Os comércios que tinham aqui era o do Paulo Teixeira, do Pimentel, do Zé Rocha, eram uns três comércios que tinha. Era muito fraco! ...Produtos de fora, vinham de Carolina, Pedro Afonso. Vinha de motor. Era uma dificuldade danada! ...Às vezes encomendavam, outros traziam pra vender... Exatamente. Trazia de motor. Até o Rio Tocantins aí ia buscar na carga. O motor parava, aí traziam na carga pra casa... Eu fiz muito esse serviço! Muito mesmo! ... Quando eu vim pra cá ainda nasceram três filhos aqui. A mulher teve onze filhos. Aqui ainda nasceram três. Os outros já vieram de lá.

Tinha. Quando eu cheguei aqui, já tinha escola... Lar Batista também já existia, mas meus filhos estudaram no colégio municipal. Não foi no Lar Batista não... Quem cuidava do Lar Batista eram Dodanin, o Colares. O primeiro foi o Colares. Ele é quem era o chefe lá do Lar Batista, depois foi o Dodanin, depois foi chegando mais... Foi um dos primeiros moradores da cidade, moradores velhos antigos. O Colares parece que foi um dos primeiros daqui de Itacajá.

A saúde também era muito fraca. Não tinha quase nada de médico. Tinha farmacêutico que vinha vender remédio, mas quando adoecia mesmo, aqueles que tinham uma condiçãozinha iam pra Pedro Afonso ou Carolina. Era onde os médicos atendiam: em Pedro Afonso e Carolina... Na época, no Lar Batista não tinha nada. Tinha uma enfermeirinha fraquinha! Mas assim mesmo remediava, não tinha outra. Servia! ... Quando era alguma coisa mais séria, tinha tirar pra fora, os que tinham condição. Os que não tinham, morriam aí mesmo porque não tinha condição pra sair. Não tinha transporte, não tinha nada. Pra sair, ia de animal. Se a pessoa não tivesse como sair, morria à míngua! Não tinha jeito não! Tinha que morrer à míngua mesmo! Não tinha pra onde puxar... As mulheres, de parto, morriam demais! Fazia até dó! O povo tem uma história de que: “só morre na hora”! Eu não acredito naquilo não! Morreram muitas antes da hora. Porque depois que o médico começou a tomar conta, ninguém mais viu mulher morrer de parto.

De primeiro você chegava numa casa, olha: tinha uma resma rolando lá dentro da casa, gritando, fazendo o maior barulho. Era triste! Até quando morria! Não dava de ter a criança... A parteira batia aí e dizia: “vai atrás de fulano”! Aí ia atrás. Quando chegava: “vai atrás de outra fulana acolá que é boa”! Era assim. Mas tinham delas que morriam mesmo, não tinha jeito. O jeito era morrer. Quando o parto era complicado, o jeito era morrer mesmo, não tinha como... Demorou! Custou chegar médico aqui, mas quando chegou, melhorou demais! ... Lá, no Lar Batista, era pra tomar de conta daquela meninada que não tinha condição, os pais não tinham condição. Aí os pais botavam no Lar Batista pra criar, botar na escola. Entrava criança e saía depois de grande. Os pais não tinham condição de criar a criança e aí levava pra lá e eles tomavam de conta daquelas crianças. Lá eles estudavam e quando ficavam maiores, despachavam. Era assim... Não. Não funciona. Agora está desmantelado, acabou. O Lar Batista velho acabou. Já faz uns anos que acabou... Acho que foi transferido pra outro canto... Quando fechou, ainda tinha criança aí.

Não. Nunca morei na terra dos índios. A terra deles começa bem daqui do Manoel Alves, atravessa o rio aí já é terra dos índios. E é muita terra aí estruída (desperdiçada), desses índios. Muita terra mesmo! É muita terra! ... Quando eu cheguei aqui eles já andavam aqui na cidade demais! É patrimônio deles, estarem aqui... A convivência era boa: eles conviviam pra lá, a gente pra cá. Não misturava. Conversavam, fazia negocinho, compravam as coisinhas deles. Nesse tempo eles ainda caçavam, matavam muita caça, vendia pra gente. Hoje o índio não quer mais trabalhar de jeito nenhum! Só quer beber cachaça! ... Lá no Maranhão meus pais trabalhavam na lavoura... Quando mudaram pra cá era na roça também! Nasci e me criei trabalhando na roça. Vendia alguns legumes pra poder se manter e comprar o restante das coisas que precisava: a roupa, o remédio... Eram nove filhos que meus pais tinham: quatro homens e cinco mulheres... Todos nasceram nessa região... Vivos, só eu e uma irmã. Os outros morreram todos. Eu tenho uma irmã que é do ano de 1920, essa que ainda está viva. A primeira irmã é do ano de 1910... Se tivesse viva, eu vou te falar: era ano pra danar.

Quando eu cheguei aqui a terra dos índios ainda não era demarcada, depois é que demarcaram. Aí dentro da terra dos índios tinha um bocado de fazenda, mas aí arrancaram tudo. Tiraram as fazendas todas... Rapaz, nessa época tinha um fazendeiro Mundico Soares. Eles danaram pra roubar do Mundico, matando gado. E tinha outro pro rumo do Goiatins. Eles comiam muitos gados daqui e desse outro fazendeiro. Aí o Mudico combinou com esse outro pra matar os índios. Reuniram aí, mas avisaram os índios. Na época, o Colares soube e avisou os índios e aí quando eles cercaram as aldeias pra matar, só mataram mais os índios velhos que não podiam correr. Nessa época foi um rebuliço danado. Prenderam os fazendeiros. Outros correram, outros pegaram. Desses bate-paus do Mundico. Foi um rebuliço danado, nesse tempo. Ainda foi preso o Mundico Soares, mas depois soltaram... Depois desse conflito, demorou pouco, os índios começaram a vir aqui na cidade. Mas aí não teve mais nada não, quietou... O governo federal demarcou a terra, eles tomaram de conta e aí estão mexendo... Na mudança, meus pais traziam só a roupinha. A mobília de casa era coisa muito pouca. Era tudo na carga, era coisinha pouca... A alimentação era pouca também. Parava na estrada, às vezes um dia, dois, pra deixar a tropa melhorar, descansar, pra poder vir.

Aqui, até poucos anos, até 1950, a gente ia pegar sal no Rio Balsas, na tropa. Tudinho: da Cordilheira, desse mundo todo, vinha comboio pra ir pro Balsas pegar sal. Tudinho tinha que trazer na carga. Era luta braba! Eu ainda alcancei dificuldade nessa vida! ... Até pra fazer sabão, você ia derrubar pau no mato pra fazer a cinza, pra fazer a decoada, pra poder fazer o sabão. Era angico, era tingui. Era um bocado de pau, era aquele pau escolhido. Tinha que procurar aqueles lugares que tinha aquelas moitas de paus reunidas, aí ia derrubar e torar, pinicar tudinho. Quando estava murcho, pegava o fogo, fazia aquela coivara monstra e botava fogo. Quando aquela cinza esfriava, carregava pra casa, botava na destiladeira, botava palha, pisava em cima. Passavam uns dois dias, botava água, botava a vasilha debaixo pra aparar. Aquela água que caía era a decoada. Pra botar na gordura do cebo, pra botar no fogo e fazer o sabão. Era dificuldade.



Esse era o sabão que se usava... Quando nós mudamos pra cá já tinha sabão. As dificuldades já tinham passado... Eu aprendi fazer esse sabão com minha mãe: “destila a cinza, bota a cinza na destiladeira”. Aí ia botar aquela cinza na destiladeira, molhava, pisava, imprensava. Despejava a cabaça d'água ali, aí aquela água ia derramando e a água ia entrando. Você botava uma vasilha debaixo, um coquinho pra aparar a decoada. Aquilo comia uma gordura! Era uma potassa danada! ... O meio que tinha era esse. Pra lavar a roupinha tinha que fazer a coivara. Agora está fácil demais! O sabão vem do jeito que a gente quer.

Tinha. Já tinha um bocado de moradores aqui. Já tinha aquela rua de lá e essa daqui, ali pra baixo já tinha um pedaço... As casas eram dali pra baixo, daquela rua acolá: da prefeitura pra baixo é que tinha casa. A rua principal era aquela. Aqui chamavam a “Ruinha Velha da Goga”, era só aquele povinho mais pobre que morava nessa época que eu mudei pra cá.

Aí foi reunindo, reunindo e hoje está grande... Quando mudei da fazenda pra cá eu continuei trabalhando de roça. Os fazendeiros daqui mandavam derrubar roça, davam a rocinha queimada e jogava semente pra fazer o pasto. Plantava junto com o arroz... Plantava usando a matraca. Já tinha a matraca. Mas plantei muito na enxada: cavando e as mulheres semeando e os outros tapando... Era dessa forma que eu trabalhava mais meu pai: tudo na enxada... Na época dos meus filhos já tinha mudado. Os serviços que eu fiz, eles não chegaram a fazer... Meus pais mudaram pra cá porque lá estava ficando difícil pra moradia. Tinham vontade de criar gado, mas não criavam porque não tinham terra, não tinham nada. Aí vieram pra cá, que ainda era “gerais”, quando eles mudaram pra cá.

Situaram aqui. Nesse tempo eles situaram ali em Belo Monte, onde nós moramos. Ainda não tinha ninguém, aí eles situaram aquela área. E depois foi tirado o talão do imposto e foram sendo donos. Aí conseguiram fazer uma fazendinha e criar gado. Quando meu pai morreu já tinha um magotinho de gado... Meus pais mudaram do Maranhão direto pra cá. Eles vieram procurando, caçando e se agradaram daqui... Na época que eu mudei pra cá não tinha outro meio de ganhar dinheiro. O jeito era a roça mesmo. Depois o prefeito me botou pra tomar de conta de turma de peão. Aí eu fiquei administrando aqui uns seis anos, esses serviços de rua... Quando eu comecei a tomar conta de peão eu já tinha largado a roça... Já faz tempo. Teve o Masolene, o Antão, o Pedro Maciel, teve uns quatro prefeitos, eu não lembro qual que me empregou nesse serviço... Depois que meus pais mudaram pra cá, não voltaram mais lá no Maranhão não... Eu ainda fui ao Balsas um bocado de vezes, mas ir onde era a moradia deles não fui mais não...

Eu tenho vontade de conhecer, mas nunca conheci... Quando ia no Balsas era só pra buscar sal e era viagemzinha ligeira, não podia demorar... Nessas viagens a gente ia de tropa, tocando a tropa... Eram dezessete dias pra ir e vir. Viagem puxada mesmo, não era brincando não. Era puxado no sério mesmo, com dezessete, dezoito dias, chegavam trazendo o sal... O sal era grosso mesmo! Traziam nas Balsas, nas barcas, num vaporzinho aí pro Balsas. Rapaz, o sal era sebooso dum tanto! Era aquele sal de pedra, aqueles terços velhos! Tinha terços velhos de bosta de gente que fazia até medo! “Nego cagava”, depois tampava ele aí ele ficava cozinhado e virava a pedra de sal. Assim mesmo a gente comia... Aqui não tinha de jeito nenhum, depois pegou vir do Pará, nos motores.

Começou vir até que melhorou, graças a Deus! Aí chegou sal... Nesse tempo eu ainda era solteiro. Fazia essa viagem com meu pai... Comprava mercadoria aqui. Comprava o pano, mas também naquela época você comprava, ele marcava aquilo ali e você ficava devendo. Com prazo de um ano.

Se você fosse em junho, eu sempre viajava mais era só em junho, você ia em junho fazia aquela compra pra pagar em junho do outro ano. Ele dava a notinha que você estava devendo, quando chegava lá era aquele mesmo preço, não tinha aumentado nada. Aí tornava fazer outra comprinha... Prazo de um ano. Com um ano é que você ia de novo aí pagava e tornava fazer outra compra... A compra que a gente fazia era pra aguentar o ano todinho... Não. Naquele tempo era barato... A moeda da época era o mirréis... todo mundo ia buscar sal e fazer a comprinha.

Agora tinha uns daqui que tinha aquele comércio, que tinha aquela condição e aí ia no Balsa e trazia cinco, seis cargas de mercadorias. A gente chamava de Camboeiro. Saía no sertãozão vendendo pro pessoal todinho. Com prazo pra pagar de um ano... Do Camboeiro já era mais caro. Aqueles que iam comprar no Balsas, comprava mais barato... O Camboeiro saía vendendo de porta em porta: botava as cargas nos burros e saía tocando no mundo. Atravessava o rio Tocantins aí e saía por esse mundo todo. Esse Paulo Teixeira bem aqui, que era comerciante, saía muito para as Cordilheiras vendendo mercadoria. O jeito que tinha era aquele. Se o comprador não gostasse, mas tinha que obedecer às leis, se não passava baixo! Aí eram mais dificuldades, aí é que era duro.

Essas histórias eu já contei tudinho pra meus filhos, como eram as coisas naquele tempo. Ficavam admirados! Eu dizia: “meu Deus! Vocês não viram dificuldade não”! Dificuldade eu vi! E eles dizem: “êh, pai! Mas era difícil demais”! Eu digo: “era! Vocês vêem as coisas difíceis, mas não tem nada de difícil”! Pegar sal no Balsas não era brincadeira! Pra ir levar gado, porque meu pai gostava de matar gado, fazer carne seca pra levar pro Marabá nas balsas. Jogava no Tocantins e descia na balsa. Lá, às vezes já levava um batelãozão, uma canoa grande. Os companheiros de lá vinham remando até sair aqui na Canela de Ferro, “nego” suava que queimava as costas, só do sol... Essa carne que meu pai levava era pra vender lá. Carne seca, toucinho, porco vivo, tudo levava... Eu fui muitas vezes mais ele. Porque eu era “cabrinha” novo e ia mais ele. Passava a noite com jacaré subindo na balsa e você arrumando o pau no jacaré: “olha o bicho! Olha lá, senão ele vem no porco”! Ele subindo pra comer o porco. Eu tinha um medo danado! Meu pai gritava: “Larga o cacete no jacaré, menino! Larga o cacete”! ... De noite! Quando dava fé, o jacaré estava azunhando pra subir. Aí ele pegava o porco e meu pai: “larga o pau no jacaré”! Eu largava o cacete e pulava no casco da balsa, com medo. E meu pai: “tu não é homem não, moleque? Cuida em derrubar o bicho! Já está subindo na casa”! Eu tinha um medo do jacaré mais medonho desse mundo! ...

A balsa era de talo de buriti. Caía esses brejos tirando talos de buriti e carregando nos animais, as cargas. Aí fazia aquelas balsonas, fazia chiqueiro de porco em cima das balsas pra botar os porcos... Eram muitos buritis pra fazer a balsa. Fazia umas gogonas assim de pau, lavrava, encastoava num pau pra jogar assim, pra encostar a balsa. Na hora de encontra era no cabo da roga. Era tempo velho difícil! ... Os buritis não quebravam porque eram assim bem amarrados. Às vezes a balsa enganchava num toco, era uma coisa que a gente lutava muito. Mergulhava assim por debaixo, pra empurrar, pra desatar, pra poder tirar. Era luta braba! Quando era de Carolina pro Marabá, tinha muita cachoeira e nessas cachoeiras é que era um perigo! Tinha lugar que era preciso fazer descarrego da balsa. Tinha que passar a balsa sequinha porque, senão virava com tudo.

Hoje a cidade, pelo que era, está uma beleza! Itacajá, pelo o que era, está bom demais! Porque era muito arrasado, muito fraco! Se precisasse de uma coisa, tinha pouca coisa. Hoje não precisa sair pra canto nenhum, compra tudinho aqui. Se precisar de um remédio, vai à farmácia, o farmacêutico manda pedir: traz. Tudo está bom... Na minha época era mais remédio do mato: casca de pau! Era tirando casca de pau. Remédio de butique era muito difícil e caro. Quando aparecia, a maioria do povo não podia comprar. Era muito caro! Hoje está fácil! ... O movimento hoje está bom. Mas, pra trás era muito difícil, era uma luta braba! ... Não, nunca me arrependi não. Passei aquelas dificuldades, mas não me arrependi não... Se eu tivesse condição eu faria de novo, não tinha perigo não! ... Aquelas dificuldades já passaram e hoje não me arrependo de nada!

## **RAIMUNDO GONZAGA DA SILVA**

Entrevista em 29/ 01/ 2011

Raimundo Gonzaga da Silva perdeu seus pais quando ainda era apenas uma criança indefesa e ficou sob os cuidados das três irmãs mais velhas. Teve duas famílias, muitos filhos e se diz ser um homem que nunca gostou de trabalhar e nem de plantar nada em cima de terra alheia.



“Nós passamos dezoito dias de viagem. Dezoito dias, lembro como se fosse hoje”!

Eu nasci em Floriano, no Piauí... Minha mãe nasceu no sertão, também no Piauí. Abaixo de Floriano, duas léguas... Meu pai é do Tucum. Uma cidade por nome Tucum, no Piauí também. Mas, já era mais distante... Eu cheguei aqui em Itacajá em 1964... Eu não conheci meu pai. Eu fui criado por três irmãs mais velhas do que eu. Meu pai eu não conheci, conheci minha mãe. Meu pai morreu, eu já era gente, mas era negócio de um ano a dois. Minha mãe morreu, eu tinha sete anos de idade. Aí eu fiquei lutando mais essas irmãs pra aqui, pra acolá, depois passamos a morar mais um tio meu irmão da minha mãe. Ele não aguentava num lugar, o máximo era um ano e seis meses. Se aquele lugar não prestasse ele: “vamos embora pra cidade fulano”! Tocava no mundo aí.

Nesse tempo de Maranhão, viemos até aqui no Alto Parnaíba, a derradeira cidade do Maranhão. Aí eu já era dono da minha pessoa, aí ele foi lá pra um garimpo e lá morreu. E eu dobrei o cavalo aqui de banda, vim ficar aqui, em 1964. E ainda hoje estou aqui... As minhas irmãs já morreram tudo, só tem eu. Agora estou criando um filho, estou enxergando pouco e meio surdo. Carregando uma faca aqui do lado, as pernas velhas fracas, mas ainda estou enfrentando. Até o dia que Deus quiser... O lugar onde eu nasci eu ainda lembro como era. Lá era um lugar baixo assim, do lado do Piauí, em Floriano. Cidade velha grande, grande! ... Lá onde nós morávamos não era nosso não. Era na cidade mesmo. Eu tive terra depois que mudei pra cá. Quando eu cheguei, tinha um terreno do estado

perto daqui, uns nove quilômetros, aí eu comprei uma “tora”. Teve um amigo aí que me ajudou conversar, porque eu não era daqui mesmo e aí eu comprei e criei família aqui mesmo. Daqui, nove quilômetros. E aí a mulher adoeceu e eu passei cinco anos daqui pra Brasília com ela, indo ao médico pra todo lado. Até que ela faleceu. Mas a família já estava criada. E eu ainda estou riscando aqui.

Quando eu cheguei aqui esse nome de Itacajá já tinha. Mas quando eu vim aqui antes, ainda era Porto do Vau. O povo vinha de Carolina pra Pedro Afonso, atravessava ali por dentro d'água, no verão... Esse nome Itacajá eu não sei “historiar”. Quando eu mudei pra cá já tinha esse nome e eu nunca tomei saber, o porquê? Sei que botaram esse nome: Itacajá... Eu vim pra cá porque lá no lugar onde eu morei 32 anos de junto de Alto não era meu o terreno, era de um tio meu. Xingavam ele de rico e eu cheguei pra lá menino mais essas minhas irmãs que eu tinha, ficamos por ali. Ele morreu um homem novo e a viúva era muito ruim, eu fiquei lá ainda ajudando. Ela ficou com muito terreno. Eu pelevava com ele pra vender um pedaço pra mim, pra eu plantar ao menos uma frutinha: um pé de laranja, um pé de lima. Plantar em cima do aleio eu não queria e nunca fiz isso.

E aí ela vendia pra outros bem pertinho de onde eu morava e não vendia pra mim. Aí eu me zanguiei e vim embora pra cá. Vi aqui, já tinha um sobrinho meu morando aqui, eu vim aqui e peguei uma tropa de xepe, toquei aqui, subi a serra e fui descer lá. Peguei a mulher mais os filhos que já tinha lá. Três da minha primeira mulher, porque eu já tive dois casamentos, já criei duas famílias. A primeira eu tenho três filhos e a derradeira eu tenho dez. E por fora ainda tenho dois: tenho uma bem aqui e outro no Alto Parnaíba. Agora em dezembro ele veio aqui onde eu estava. E a outra mora bem ali de junto do cemitério. Já está velha, tem uns setenta e poucos anos. É, eu conto minha vida toda e não é mentira não! Pode procurar aos outros que moram aí, os mais velhos. Eu era danado! Agora, hoje não presto mais pra nada! Minha vista faltou, enxergo só um pouquinho, já fui lá em Brasília. Eu tenho dois filhos em Brasília. Aí eu fui e uma lá mandou operar desse olho: o médico o raspou e botou uma máscara quente, quente, quente, aí eu ainda estou enxergando um pouquinho. Esse aqui eu não enxergo nada. Eu ainda vou ali na rua caminhando por um ladinho, os meninos meus filhos me reclamam muito: “não, vocês trabalham muito, saem cedo e eu não tenho menino pequeno pra mandar, é eu enquanto aguentar. Quando não aguentar emborco a viola e deito”.

Aqui eu acostumei rápido. Logo foi um lugar que eu tinha andado aqui umas duas vezes, vinha e voltava, passeava. No começo aqui era pequeno, hoje está grande, Itacajá está grande a vista do que eu conheci. Tem muita boca pra comer carne! Tem de sete a oito mil habitantes aqui... A viagem do Piauí pra cá foi boa, rapaz! Naquele tempo era bom demais! Eu rompi por esse sertãozinho, tocando o jumento com as cargas. A família minha, do meu sogro mais minha sogra. Uma filha que eu já trazia casada e uma cunhada mais o marido. Nós éramos dezoito pessoas na nossa turma. Chegava aí num sitio de laranja, não podia chupar tudo, botava um tiquinho nas cargas e viajava. Viajava duas léguas, arranchava e ia fazer “bóia” comida.

Era no verão, no mês de agosto. Tantos ribeirões que tinham naqueles lugares. E o povo arranchava na sombra, na beira do ribeirão. Ali nós íamos abarrancar, pear o jumento ia fazer “bóia” pra comer. O povo passava assim e ficava olhando: “de onde vocês são”? “Nós somos do Maranhão. Vamos para o Tocantins”! Isso aqui, pra aqui, não era Tocantins, não. Isso aqui era Goiás: “vamos pro Goiás”! Era Goiás, depois foi que botaram esse nome. Repartiram os estados: o Goiás ficou pra cima e o Tocantins ficou pra cá, não é muito longe não. Nós viemos tudo na precata, caminhando rapaz! Tudinho, tudinho! Ainda tinha eu mais a mulher, ainda trazíamos uma criança de nove meses, não caminhava e nem segurava no meio da carga, tinha que ser no braço.

Já tinha dois filhos do primeiro casal, já tinha um rapaz, outro chegando. Tomava conta da tropa mais o velho e outro cunhado. Era assim: aqui, acolá nós arranchávamos na beira do ribeirão pra dormir, arranchava no merce do sol fora. Nós trazíamos uma espingarda. Nós achávamos carreiro velho de paca nesse sertão velho que estava fundo, era preciso saber botar a espingarda se não perdia o tiro.

Botava ali, uma linha velha era de embira. Nós que quebrava uns pauzinhos assim na mata, na beira do brejo, do lado de cá. Fazia uma linha velha ruim, botava. Cedo da noite escutava o tiro. Aí o menino dizia: “Foi rato”! “Que rato, rapaz! Paca aqui, passa é quando vai escurecendo”! Ia pra lá, um mundo velho de paca! Eu mais o velho tratávamos era cedo. Os outros, quando ia escurecendo já estavam dormindo, cansados. E eu e o velho meu sogro ficávamos na beira do fogo, tratava aquela paca e ainda comia o fígado assado! Botava uma panelinha assim no fogo, quando fervia ali que morria o sal, nós comíamos... Quando era de manhã os outros perguntavam: “onde é que foi parar o fígado”? “Tinha, mas estava assim ruim e nós jogamos no mato”. Hum, mentira! Nós que comemos.

A derradeira que nós matamos, nós viemos comer um quarto dela bem aí no Lifugano, nós chegamos. Ali onde o finado Ramires morava. Nós passamos dezoito dias na viagem de lá pra cá, lembro como hoje! Mas comemos muita laranja rapaz, porque aí nesse sertãozão que a gente rompia de lá pra cá tinha muita, hoje eu não sei por que está com muitos anos, visto que foi em 1964 e já estamos em 2011 então já faz muitos dias. Não se vendia uma porque não tinha comércio perto, ali quando dava carga subia no pé e sacudia, as derradeiras que caíam eram todas murchas e outras secas nas pontas das galhas. Passávamos naqueles sertões, léguas e léguas de areões, subindo morro e descendo, foi sofrida essa viagem! E depois que eu vim de lá de onde eu morava só voltei lá uma vez em 1991 mais a mulher que ainda era viva, ela tinha uma irmã lá então ela queria vê a irmã antes de morrer porque ela vivia doente.

Nessa viagem nós trazíamos seis cargas, botava um pouco de coisa em cada carga, arroz, carne, toucinho, que era pra gente comer durante a viagem. Eu matei um porco que era meio magro, mas não queria derreter não, era um pano de toucinho, jogava num saco de plástico quando arranchava derretia ali um torresmo, levava um saquinho de carne fazia uma mariazabel, vinha muita laranja nos jacas, vinha dez num, dez em outros pra não pesar muito, quando acabava ali viajava de novo, era só o tempo de comermos e os jumentos esfriarem o lombo, aí continuávamos devagarinho, tinha a minha sogra que era a mais velha era com o bastão. Do meio pro fim já estava todo mundo acostumado de modo que já não fazia mais nem calos nos pés. Trazíamos nas cargas facão, às vezes nós chegávamos debaixo dos paus metia o facão aqui acolá e limpava, vamos deixar esse acampamento aqui pra quando vier outro já encontra limpo e de manhã bem cedo continuava a viagem.

Na mudança só trazíamos as coisas que podia trazer nas cargas. As mobílias, os móveis nós vendemos pra outros que ficaram lá. As minhas eu vendi tudo lá. Trouxe pouca coisa pra cá. Quando chegou aqui foi preciso ir comprando devagarinho. Trabalhando e comprando pra construir tudo de novo. Mas antes eu comprei vinte alqueires de terra ali, do Estado. E era boa a terra. Eu já tinha esses dois rapazes, nós fazíamos roça. Vendia toda coisa aqui, no tempo que tinha falta das coisas. Vendia arroz: vinte quartas, vinte sacos de arroz. Tirava o de comer até alcançar o outro e vendia aquele resto todo. Aí a gente ia fazer compra, mercadoria pra vestir eu mais os meninos. Ia comprar lá em Pedro Afonso, porque aqui tinha uns comerciantes velhos, mas era caro, caro! Botava o saquinho nas costas e ia pra lá. Chegava lá comprava uma mala velha assim e enchia de mercadoria. Aí a já tinha uma Toyota velha, já tinha uma estradinha velha de roda daqui pra lá, já

tinha uma Toyota fazendo linha daqui pra lá. Eu dizia: “não, o dinheiro é pouco, eu vou a pé com os outros companheiros”. De lá pra cá eu vou comprar umas coisinhas pra casa, aí já vem pesado, eu pago a passagem só pra voltar. Saía de lá, a estrada era tão ruim, porque daqui lá é perto, mas a estrada era tão ruim nesse tempo, que essa Toyota saía de lá carregada. Saía de lá 1 hora (13 horas) e vinha chegar aqui já estava quase escurecendo e. De ruim, a estrada. Aqui, acolá, tinha trecho que pra passar, era preciso o povo descer. Ela passava só. Eu tenho sofrido nesse mundo velho, rapaz. E ainda quero sofrer mais.

Aqui era pequeno, quando eu cheguei pra cá. Era só lá na beira do rio. Eram só umas ruínas velhas, umas moitas pra aqui pra ali. Depois foi que foram fazendo as ruas, calçando os pedacinhos pra aqui, pra acolá. Até a igreja mudaram. Era lá embaixo, ainda hoje tem ela. Aí fizeram outra grande bem aqui nessa rua. Daqui a gente enxerga ela. Não tinha nada. Fizeram a prefeitura, fizeram correio. Agora aqui já tem tudo! Toda coisa existe, tudo que fizeram. Eu já morava aqui na fazenda aqui perto, comprando quilinho de carne aqui. Até isso era pouco. Só tinha dois açougues, dois açougues! Pra comprar um quilinho de “pela”, era preciso sair de lá de madrugada, pra comprar dois quilinhos de “pela” que era pra beber um caldo. A Valença minha que esse terreno que eu comprei lá, era na margem assim de um ribeirão e tinha caça demais. Logo que eu fiz a primeira casa, eu tinha uma cachorrinha vira lata que me deram aqui, logo que eu cheguei. Essa vira lata era boa de caça de um tanto.

Tinha dia que eu acordava meia noite e ela estava acoando bem assim no terreiro, em uns pezinhos de mandioca que eu plantei: “rau, rau, rau”! Os outros todos dormindo e eu levantava, ela estava roendo os mucumbu de um tatuzão. Eu puxava, quebrava o pescoço dele. Botava em cima do fogão. Quando era de manhã a mulher levantava pra acender o fogo, o fogo era de lenha, tinha muito angico: “e esse tatu aqui? Quem o botou aqui”? “Escuta, vocês não ouviram a hora que o arranquei bem aí? Lá está o buraquinho que eu meti o enxadão assim que era pra afrouxar mais a terra, que era pra eu puxar ele”? “Não, ninguém viu não”! Paca tinha muito, cutia. Tinha mais era tatu.

Hoje não, aqui é pequeno. É uma corrutela, uma cidadezinha pequena boa, bem calma, não tem muita briga. Tem muita festa, mas é muito calma. Do outro lado do rio tem outra corrutela, lá é quase todo dia tem festa. E tem morrido pouca gente no cacete da faca.

Quando cheguei aqui não tinha energia não. Tinha a motor. Tinha um motorzinho aqui. Até dez horas é que lumiavam. Quando davam dez horas, apagava o motor e todo mundo tinha que quietar dentro de suas casas com as lamparinas. Depois entrou um prefeito aí, o Masolene, viajava pra lá até que vieram puxar energia aqui. Até hoje ainda puxam para as fazendas. Hoje está quase tudo luminado. Toda corrutela já tem energia... Aqui já tinha umas escolinhas. Mas eram poucas. Aí depois fizeram três escolas grandes. Tem três escolas grandes: tem uma lá embaixo, tem essa bem aqui e tem outra ali...

Quando eu cheguei aqui o Lar Batista já existia. Eu não lembro quem trabalhava lá. Ainda fui lá com a minha mulher, sempre tinha um que dava remédio pro povo, mas eu não lembro o nome deles não, mas já morreram. Ainda hoje tem lá, bem aí beirando o rio. Umas quintas que são deles, eles botavam os gados deles lá, do Lar Batista... Lá era um orfanato... Meus filhos estudaram aqui, nas escolas daqui. Meus filhos, os derradeiros, têm um que mora ali, outro que mora aqui. Porque esse lote meu aqui era grande. Tem dois gêmeos que quando a mãe deles morreu, foram embora

pra Brasília. Lá, eu tenho duas filhas: tem uma casada e outra sem casar. Aí eles pediram, queriam ir pra lá, eu disse: “rapaz, lá não é muito fácil encontrar emprego pra homem. Pra mulher é mais fácil”. “Não, mas eu tenho minha irmã lá, eu fico lá mais ela, ela não é casada. Só quero que você me dê o dinheiro da passagem”. Aí eles foram pra lá. Chegou lá, não passou nem um mês, arrumaram emprego logo. Ficou, ficou. Com dois anos ele veio aqui, voltava. Depois disse que ia casar. Casou pra lá e eu fui lá, conhecer essa mulher dele lá. Ela era uma bichona branca! “Não vai dá certo”! Têm uns três anos já, que ele me ligou, dizendo que queria vir pra cá. “Pois vem rapaz! Tu conheces aqui bem”. Ele já tinha construído uma casa, vendeu a casa, pegou o dinheirinho e veio embora. Quando chegou aqui, disse que queria fazer uma casa aqui, queria tocar um bar. Eu andei mais ele aí na cidade, os lotes que achava pra comprar, ele não agradava. Tinha um pedacinho aqui no fundo do quintal: “se você me der aqui, eu faço aqui”. Tinha dois pés de manga carregados, dois pés de coco da praia. “não, isso a gente derruba tudo e carrega”. “Pois te vira”!

Construíram uma casa e está aí a casa. Agora, com uns cinco meses, a mulher danou pra largar ele. Tinha deixado umas irmãs dela, a velha mãe dela. Foi embora pra lá, acho que não queria morar mais com ele, só se fosse lá e ele disse: “lá eu não vou! Morar lá não. Eu já morei lá doze anos”. E aí logo que ela foi e ele disse: “pai, você está aqui só, mora aqui só...” Na hora que minha mulher morreu, toda vida tinha empregada pra fazer as coisas pra mim, zelar da casa: “o povo está doido pra alugar minha casa”. Ele já tinha formado um bar, vendia muito. Mas ele não conhecia do jogo do bar e nem conhecia o povo aqui. O povo deu um prejuízo a ele, quando ele veio dá fé, acho que ainda tem cara aí que ainda deve uns seiscentos a ele. Aí ele acabou com o bar. “Eu vou alugar aquela casa, tem um casal ali, não tem muitos meninos, só dois, casaram agora e querem alugar. Vou alugar e venho morar aqui mais o senhor”. “sei não. Você é quem sabe”. Ele arrumou um emprego aí na prefeitura.

A saúde aqui, quando eu cheguei, até que não tinha muitos doentes, não. Hoje é que está ruim. O negócio sobre a saúde não é muito bom, não. O prefeito trabalha com o que tem aí, Manoel Pinheiro, é bom pra trabalhar assim, mas sobre a saúde ele não pede muito bom, não. Ou então é porque não dão. Essas coisas assim a gente não sabe. Sei que é devagar! Agora sobre as estradas, não. A cidade não é muito grande não, mas está quase toda calçada. Só falta essa rua aqui, que está no começo, já começou ali. E o setor do outro lado. Tem um setor do outro lado que tem uma barcada ali, tem uma ponte ali do outro lado, bem ali perto. Tem um setor já bem começado... Quando eu cheguei aqui, a saúde era ruim. Porque não tinha médico. Aqui, vinha médico de Colinas. Toda semana vinha e passava o dia aqui. Depois ia pra Colinas. Era assim. Quando alguém passava mal, tinha que ir pra Araguaína ou pra Colinas. Só tinha esse jeito. Ou então ia pra Pedro Afonso. Pedro Afonso é velho.

A gente ia de animal, rapaz. Depois é que foram abrindo umas estradas manuais, feita por mão de homem. Arrancando toco. Um horror de homem arrancando os tocos daqui pra beira do rio Tocantins pra cá, aí foram abrindo. Quando era tempo de eleição, dava uma reforma nela que era pra pegar eleitor lá do pé da serra tudo pra cá. Aí já foi melhorando e hoje já está bom. Todo dia sai carro daqui pra Araguaína, mas o transporte tem muito. Tem duas vãs que fazem linha pra lá, tem os ônibus que saem pra Colinas, outros que saem pra Palmas. Aqui, transporte, carrinho tem muito na cidade. Quase todo mundo tem um carro, só eu que não.

Não, eu não morei na terra dos índios, não. Quando eu cheguei aqui eles já andavam por aqui. Eles vinham caçar aqui nessas fazendas por esse lado, passavam a semana caçando aí, quando era no verão. Agora que proibiram, eles não caçam mais, só na área deles ali do outro lado do rio. Eles

caçavam muito aí! Na minha fazenda ali, eles passavam lá caçando. Todo bicho eles pegavam: era quati, era tudo. Aí ficava um no barracão. Eles acendiam o fogo debaixo dos paus lá fora e ficava um lá olhando aquelas caças. Nesse tempo eles não salgavam nada não. Faziam um barreiro assim, botavam uns pauzinhos, botavam as caças ali. Lá dentro eles acendiam um foguinho pra passar o dia naquela fumacinha, pros mosquitos não incomodar.

Hoje eles estão todos civilizados. Tem índio sabido, tem professor nessas aldeias aí. Eu nunca fui lá não, mais tem um rapaz que mora bem aí e já faz muitos anos que ele trabalha com os índios. Ele tem casa boa, tem tudo aí. Têm dezoito aldeias aí do outro lado. Tem casa de apoio deles bem aí. Traz doente de lá, se o médico daqui não der jeito, tira pra fora. Eles ficam aí. Têm dois carros que carregam a bóia pra eles aí. Já tem hotel ali pago pelo governo. Eles andam aí libertos, ficam aí, bebem cachaça, faz o diacho. É proibido, mas eles bebem. Bem aí nessa casa tem dois guardas: um fica num horário e outro noutro. Por causa dos bêbados. Bêbado não entra, não. Porque bêbado é bicho enjoado! Mas aqui acolá, aqui já tem muito comércio, de toda coisa, vender escondido pra eles. O governo dá muito dinheiro também, pra eles. Dá essas coisas e dá o dinheiro. Aposentado, tem pra desgraça! ... Quando eu cheguei aqui a terra deles já era demarcada. Isso aí é um mundo velho que vai até no pé da serra, lá onde tem uma cidade.

Quando eu cheguei aqui já tinha um bocado de moradores aqui. Mas quando eu vim a primeira vez aqui, tinha um amigo meu que veio pra cá. A primeira vez que eu vim pra aqui, olhar isso aqui foi em 1955. Em 1955 eu vim aqui, tinha umas casinhas velhas lá na beira do rio. Eu disse: “não! Aqui não dá pra mim não. Onde eu estou, está melhor!” Depois eu tornei vim, aí já estava melhor. Eu disse: “a coisa vai melhorando aqui”. Aí depois eu vim, já tinha uma ponte de madeira ali no rio. Já tinha as estradas pra Pedro Afonso, pra Guarai. Eu disse: “agora eu venho pra aqui”. Aí tinha um cara ali, que morava aqui há muitos anos, aí eu arranchei na casa de um sobrinho meu. Mas o sobrinho meu morava lá em cima de um “casco” velho de um terreno ali e o dono queria mandar um absurdo. E tinha um cara lá que logo se deu e me chamou pra lá. Eu fui morar na casa de junto do meu sobrinho. Ele já morava aqui há alguns anos.

Tinha um que tinha sido vaqueiro aí nessa fazenda velha, só era o “casco” velho. Estava em casa, conversando e ele disse: “seu Gonzaga, quer tomar um conselho”? Eu disse: “depende dele”; “pois eu vou lhe dá um conselho: essa margem bem aí...” me mostrou lá... “isso aí a terra é boa e essa terra aí, seu Agostinho manda até na beira do rio tudo. Mas isso aí é tudo do estado, porque ele não tem documento de nada. Ele só tem direito nesse casco velho aqui, onde mora o Pedro Catimbeira. Se você sair daqui e fizer um barracão lá, mais logo você vai ter terra pra criar seus filhos com a barriga cheia”. E eu disse: “e ele deixa”? “Não, ele abusa, mas você abusa também. Quando chegar, a razão é certa, ele cai fora. E aí você compra um pedaço”.

Eu fiquei pensando: “meu Deus, será que esse homem quer me botar pra frente ou pra traz, quer me botar numa boca quente, entrar nesse terreno do homem. Eu estou aqui por pouco dias nessa casa...”; Porque o sobrinho meu era quem morava mesmo lá. Passou um dia, ele morava numa fazenda mais adiante, mas no mesmo terreno, sabia de tudo, tornava passar montado numa burrona: “e aí seu Gonzaga, vai tomar meu conselho?”; Eu disse: “rapaz, eu vou experimentar!”; “Pode fazer do jeito que estou lhe dizendo, rapaz. Eu não estou lhe botando pro mau não”; Quando entrou o verão, chamei meus dois meninos, viajamos assim pra dentro da mata, tinha assim um campestrino. Madeira tinha demais.

Aquelas varinhas velhas de seca machado dessa grossura. Tiramos a madeira, fizemos uma casa de palha grande, fiz mais uma cozinha pra botar o fogo. Antes de tampar por baixo, os meninos já estavam doido pra sair de junto desse sobrinho meu que era enjoado, bebia cachaça que era o diabo! Eu falei pra ele: “olha Pedro, eu vou sair dessa tapera velha, já fiz meu barracão...”; Ele até ficou assim grosso comigo “... vou morar ali, fazer uma rocinha ali, a terra é boa, fulano disse que eu podia ir pra lá porque essa terra aí é do estado...”; Ah, pra quê! O dia que um cara que disse que



mandava nesse terreno todo, morava em Imperatriz. Ele pegava o carro aí e ia ficar lá. Recebi a intimação: pra eu ir lá em Araguaína. Fui bater lá no INCRA, contar minha história lá no INCRA. Nós não estávamos mais lá também não. E só depois que essa terra foi demarcada pelo estado.

Demarcador chegou lá, foi na minha casa e eu fazendo a despesa pra demarcação, peão pra cortar mata. “Pois é, depois a gente se ajeita”! Passavam ali, depois lá se vem outra camada deles. Fui lá três vezes, teimar com ele. A derradeira vez já foi um bocado de posseiros que queriam terra, nós fretamos uma combi aqui, eram umas dez pessoas, fomos ficar lá. Já era sobre o INCRA. Ele não podia advogar a questão dele, já veio mais ele. O outro não sabia de nada. Desses que foram mais nós daqui, tinha um que era até sargento, que tinha um pedaço de terra lá perto. O chefe lá disse: “olha, é o seguinte Agostinho: daqui vinte dias vai chegar um agrimensor pra começar cortar aquela terra lá toda. Tirar terra para os posseiros que estão morando lá. E aí o que sobrar lá no “casco” velho é seu. O que sobrar dos posseiros é seu. E se não sobrar você sobra”! Aí mandou: “vão! Vocês estão despachados. Todo mundo, daqui a vinte dias pode esperar que o agrimensor chega lá”. Dito e feito: chegou! Aí o povo ficou todo... Está lá tudo demarcado.

A minha eu vendi pra um cara. Está lá uma fazenda com muitos gados. Todo cercada! E o “casco” velho que sobrou pra ele, ele vendeu pra esse mesmo que comprou essa minha, que era ligado. Nunca mais vi falar em Agostinho. Nem sei mais se ele ainda existe lá em Imperatriz... Eu morei uns vinte e dois anos nessa fazenda. Aí eu mudei pra cá. Vendi, a mulher morreu, meus meninos já estavam todos criados, já moravam uns pra aqui, os outros queriam vir porque não queriam trabalhar de roça. Já estava muito pouca a terra, já tinha vendido uma “tora”, pra poder viajar daqui pra Brasília pra tratar da mulher que estava doente, porque não tinha outro apelo. Aí esses dois filhos mais velhos, eu tirei uma tora da terra e dei pra eles: dez alqueires. Dei cinco pra um e cinco pra outro. Tem um que ainda hoje tem uma fazendinha lá. Um vendeu pro outro, cresceu mais e já situou e tem lá um gadinho. Está toda gramada. Cria lá parece que de noventa a cem gados. Agora foi até preciso tirar um bocado do gado porque o pasto estava pouquinho. Foi preciso alugar por uns dois meses para o pasto subir mais. Tirou só um bocado.

Lá eu trabalhava de roça. Depois que eu vim pra aqui nunca trabalhei noutra coisa: só roça! ... Pra ganhar dinheiro, eu vendia o que produzia. Até carga de abóbora eu vendia. Farinha eu fiz muita e aí como eu sabia fazer farinha, quase não dava conta das encomendas daqui. Todo fim de semana trazia uma carga no jumento. Duas quartas. Vendia aquelas duas quartas e era barato haja vista hoje. Aí eu me arrumava: comprava o que precisava pra aquela semana. Quando era no fim da semana fazia outras duas mais os meninos, num instante, vendia. Quando eu plantei a primeira mandioca, eu mandei fazer logo um bolandeiro de ralar mandioca, ela ligeiro, fazia a farinha! Forno lá no Maranhão, eu fazia farinha lá e era no forno velho de barro, colando com cola velha de mutamba, queimando as mãos. Cheguei pra cá, já tinha a folha de zinco, comprava no tamanho que queria o forno, fazia a grade de pau e pregava ela. Aí era uma farinha beleza! Meus filhos também aprenderam fazer farinha.

Depois que eu vim pra cá, eu não voltei mais lá no Piauí não. E lá do Alto do Parnaíba eu trabalhei dez anos no rio, balsona grande, comprando trem aqui, botando na balsa pra vender lá em Floriano, no Piauí. Por dez anos eu trabalhei nisso. No inverno, num instante descia aí. O rio enchia, aí soltava aí. Depois daqui, eu não fui mais lá onde eu nasci não. Eu ainda fui uma vez aqui em cima. Ali eu morei trinta e dois anos, ali no Maranhão... Não! Não tenho mais vontade de ir lá onde eu nasci não. É longe demais. Mas hoje não tem lugar longe! Pega o carro aqui e vai bater lá. Bem

daqui tem gente que vai pra Teresina, no Piauí, fazer tratamento. Pegam o carro bem aqui e vão embora! ... Já contei, mas não é muita coisa não... Meus filhos perguntam demais! Porque a maior parte já foi produzida aqui e nós somos todos em três. A metade nem conhece lá onde nós morávamos. Mas eles têm vontade de ir lá. Esses daqui eu acho que já foram lá. Tem deles que ainda não foram. Esse que tem bem aqui, esse grandão que trabalha ali no hospital, nunca foi lá não. Outro que mora ali, que irmão gêmeo dele, já foi uma vez. Morreu uma tia dele lá e aí ele foi com outros daqui, de carro próprio mesmo... Não. Eles nem falam nisso não, em conhecer a terra onde eu nasci. Não. Eu não me arrependo de nada. Se eu tivesse condição de fazer essa viagem de novo eu faria.

**CORACI CUNHA PORTO 30/01/2011**

Coraci Cunha Porto veio pra Itacajá com o marido e os filhos por conta de uma proposta de emprego, então junto com seu marido foram precursores no ramo farmacêutico na cidade. Coraci uma mulher guerreira que depois de aposentada ainda teve estímulos pra enfrentar os seus estudos na Faculdade.



“A viagem que fizemos de lá pra cá foi na maior enchente que o Manoel Alves já teve...”

Eu nasci na Fazenda Malhada Alegre no município de Carolina, meu pai nasceu em uma fazenda lá perto do Estreito, mas eu não sei o nome da fazenda não e minha mãe nasceu na Fazenda Tabuleiro do Meio no Maranhão. Eu cheguei aqui nessa região no dia 22 de fevereiro de 1964 nessa época eu já tinha casado então veio só eu e meu marido e três filhos que eu já tinha quando mudei pra cá que era o Washington, a Cleia e a Luana meus pais não vieram não ficaram em Carolina, quando nós ficamos no ponto de estudar eles mudaram pra Carolina, né? Nós estudamos lá, aí depois eu me casei lá em Carolina e quando eu já tinha três filhos aí mudamos pra cá.

Lá onde eu nasci era uma fazenda, Fazenda Malhada Alegre era na beira do Ribeirão Lage, era um lugar muito bom, era nosso mesmo! Era distante, naquele tempo a gente chamava era légua, não é? Eram dez léguas de Carolina, aí quando nós fomos crescendo nós éramos sete irmãos, aí quando nós fomos crescendo meu pai mudou pra cidade de Carolina pra nos colocar na escola, mas nós ainda hoje temos a fazenda lá, a mamãe ainda é viva. Na fazenda éramos sós, mas tinha moradores arredores na distancia de 1 km, do outro lado do Lage tinha muita gente tinha muita fazenda ai ao redor, tinha escola pra alfabetizar, nós fomos alfabetizado lá, até a 2ª série a gente estudou lá, aí da 3ª série vinha pra Carolina e naquele tempo não tinha carro não era de animal, saía de lá seis horas da manhã e chegava em Carolina seis horas da tarde de cavalo, não tinha essa história de estrada não, era no lombo do cavalo.

Hoje não, lá já é cortado de estrada tem carro pra carregar aluno pra todo lado. Eu trabalhava lá em Carolina no Ginásio Sertão Maranhense onde eu terminei o ginásio e o Diretor me convidou pra lecionar Matemática, meu marido tinha um barco e fazia linha pra cá, aí o prefeito fez a proposta pra ele, que se ele mudasse pra cá ele arrumava pra eu lecionar, aí a gente veio. Quando eu cheguei já fazia 10 anos que tinha passado a ser cidade e o nome já era Itacajá, só que era pequenininha, só tinha três ruas, esse nome Itacajá quer dizer Ita que significa “pedra” de uma cachoeira que existe aqui perto e cajá é porque lá nessa região tem muito “cajá”. E aí veio o nome, mas antes era Porto do Vau porque existia bem aqui onde é a ponte na época do verão dá vau, vau quer dizer que cavalo passava caminhando aí por dentro, então chamava Porto do Vau, quando eu cheguei aqui já tinha essa ponte, quer dizer que antes de ser cidade não tinha ponte então era chamado de Porto do Vau que era por onde os cavalos passavam caminhando... Pra mim foi fácil porque eu tenho facilidade pra me adaptar, eu já sabia como era porque eu me informava, meu marido falava, mais eu nunca tinha andado aqui antes, conhecia só por informações... A viagem que fizemos de lá pra cá foi na maior enchente que o Manoel Alves já teve, aí subimos, saímos de Carolina sei que foi quatro dias então foi no dia 20, 21, 22, 23, 24, saímos de lá dia 20 e fomos subindo aí em um barquinho até chegar aqui com quatro dias que tínhamos saído de lá, na maior enchente que o Manoel Alves já teve e nós subindo aí dormia no barco porque não podia encostar e era perigoso, mas era o jeito que já tinha saído não tinha como voltar e trazia dois filhos, um de dois anos e outro de seis meses, a outra de um ano tinha ficado pra vim depois que é a mulher do prefeito hoje.

Mesmo tendo que dormir dentro do barco só com água arredor pra mim era normal eu não achava que tinha tanto perigo. Nesse barco nós trazíamos toda a nossa mudança, a nossa alimentação a gente fazia no barco mesmo, mas chegamos aqui tranquilo... O local pra gente se instalar já estava mais ou menos previsto, pois já tinha dois lugares pra só pra eu escolher em qual eu queria morar, aí fomos pra casa que não era essa, era uma casa do Paulo Teixeira, eu tinha trago tudo de casa, e o barquinho era pequeno, mas era nosso então eu trouxe todos os trens que eu tinha a gente trouxe.

Olha quando eu aqui cheguei era meio difícil, aqui só tinha três ruas que era essa rua aqui (Presidente Dutra) da esquina pra beira do rio, essa próxima rua ali (Pedro Ludovico) e aquela outra rua que fica o Colégio Estadual só era essas três ruas, não tinha meio de comunicação nenhum, porém, o único meio de comunicação que tinha era um aviãozinho teco-teco que vinha lá um dia que alguém fretava e vinha aqui, não tinha correio, não tinha telefone, não tinha meio de comunicação nenhum, quando a gente queria mandar uma notícia lá pra Carolina tinha que fazer uma cartinha e guardar pra no dia que o teco-teco viesse aqui mandar, não era fácil não! Tinha que aproveitar essa oportunidade do teco-teco pra mandar.

Eu cheguei aqui em 1964 e em 1970 eu fui pra Goiânia, eu saí daqui pra Carolina lá peguei o avião fui pra Anápolis que minha irmã morava lá e no dia que eu cheguei lá eu escrevi uma carta e coloquei no correio, a carta vinha pra Pedro Afonso e uma vez por mês que o caminhão daqui da prefeitura ia lá era que trazia aí eu arrumei tudo lá e fiz a cirurgia e no dia que eu cheguei à casa da minha irmã eu fiz outra carta e coloquei no correio, aí quando eu cheguei aqui eu acho que já tinha quase um mês e não tinha chegado nenhuma carta, tiveram notícias minha no dia que eu saí e no dia que eu cheguei.

Tinha a Escola Batista e o Colégio Estadual onde eu fui trabalhar, acho que tinha cento e poucos alunos, nessa época ainda era Escola Reunida da Sede. Eu cheguei aqui em fevereiro e em março eu fui fazer um concurso em Tocantinópolis, aí sempre passei pra continuar trabalhando, aí fiquei aqui fui me adaptando, fui me adaptando até que nunca mais saí! Agora já enraizei não saio mais não, os filhos moram tudo aqui, são seis o Washington, a Cléa e a Luana, a Edicléa que mora no Amazonas, a Lucileia e o Jó que mora em Guaraí e os outros tudo aqui.

As ruas aqui eram de chão, lama, não tinha carro pra andar, o carro que tinha aqui era da prefeitura e outro do Ribamar Teixeira e só, era uma Camionete de Ribamar Teixeira e o Caminhão da prefeitura que nem podiam sair daqui porque não tinha estrada, aqui o meio de transporte era só pelo Rio mesmo que vinha um barquinho que vinha de vez em quando e o teco-teco que vinha aqui. Já tinha uns comércios aí só que era pouca coisa, até mercadoria pra chegar aqui não era fácil, vinha de barco de Carolina.

Os comerciantes iam lá comprar e traziam no barco, aí tudo que a gente procurava tinha e se não tinha, tinha que improvisar, não era fácil não! Quando nós chegamos aqui nós fomos mora naquela outra rua na casa do Paulo Teixeira, alugamos e fomos morar lá e com seis meses nós compramos essa aqui que era coberta só pó cima, não tinha piso era areia, as paredes levantada e coberta por cima, aí fomos arrumando, arrumando. Em 64 quando chegamos aqui ave Maria às casas quase tudo era de palha, de telha só tinha essa aqui e poucas aí pra baixo, aí pra cima não tinha nenhuma era só mato, as casas melhores era naquela rua que era a casa do prefeito, do Paulo Teixeira, do Dede Teixeira, do Ribamar Teixeira, do Cândido Costa que era de telhas que era a elite da cidade na época.

Nós viemos pra cá na gestão do prefeito Antônio Pimentel que foi o que me convidou pra vir trabalhar aqui e isso 10 anos depois quando aqui passou a ser cidade onde o primeiro prefeito foi um tal de Borges, depois foi o Juca Rodrigues, depois parece que foi o João Pinheiro, aí que foi o Pimentel. Quando eu cheguei aqui eu só tinha o ginásio e era contratada pelo Estado. E os outros professores daqui só tinham a quarta série, aí veio uma filha do prefeito que tinha estudado fora e tinha se formado que era a Valdete ela era a diretora, ela tinha o Magistério e tinha a Eunice que tinha o ginásio, nós éramos dez professores. Quando eu cheguei não eram dez professores mesmo não, era a Maria Correia, eu, a Eunice, a Maria Amélia e a Valdete éramos cinco, essas que tinha só até a quarta série estudaram, eram boas alunas, aí botavam pra serem professoras e davam aulas para as turmas mais atrasadas, na escola tinha cento e poucos alunos e não tinha negócio de merenda não, isso foi muito tempo depois e quem era que trazia essa merenda, nessa época pertencia a Goiânia.

Aí essa merenda vinha de Goiânia? Depois de muitos anos foi que veio a merenda que eu fui à primeira coordenadora da merenda, aí já vinha de Gurupi porque lá já tinha uma sede então a merenda vinha de lá, nessa época já tinha uma estradinha ruim, mas tinha... Na época que eu cheguei aqui tinha muito menino no Lar Batista eles criavam esses meninos que não tinham mães, nessa época não era Lar Batista não, era Orfanato então eles criavam os meninos órfãos, eu não tenho certeza, mas eu acho que esse Orfanato foi criado aqui porque teve um massacre com os índios aí e ficou muita criança sem pai e sem mãe. Aí o Dodanin foi quem criou esse orfanato e aí criavam esses índios sem pai e sem mãe. Foi criado pra isso! E foram criando esses meninos e a maioria vinha de fora não era nem daqui não, aí depois passou a ser Lar Batista que aí já cuidava de meninos que às vezes tinha pai e mãe, mas os mesmo não tinham condições pra criar a criança, aí eles levavam pro Lar Batista e lá eles tinham toda uma assistência, iam pra escola, comiam, bebiam e dormiam, educava ensinava a religião lá dos Batistas.

Quando eu cheguei tinha essas duas instituições que era o Orfanato que hoje é o Lar Batista que o ano passado mudou pra outra cidade e o Colégio Estadual e tinha Escola Batista nessa época que até já acabou, nessa época quem tinha mais condições botava os meninos na Escola Batista que era pago onde meus filhos estudaram e fizeram o primário lá até porque só tinha só o primário mesmo, aí depois com muitos anos criou-se o Ginásio GPI (Ginásio Progresso de Itacajá) era uma Instituição da CENEG (Campanha Nacional de Educandários Gratuito) e era pago também, o ginásio que hoje corresponde ao primeiro grau, quer dizer que o aluno fazia até a quarta série no Lar Batista. E a 5ª série era a primeira série do ginásio, aí já começava primeiro, segundo, terceiro e hoje já mudou de novo a quarta série é o quinto ano, quando eu pergunto pro menino eu digo assim: “qual é a série que tu estuda”? E ele diz assim: “é a quinta!” “é a quinta de verdade”? são mudanças que não tem precisão, não é? A mudança mesmo é só o nome, porque cada governo que entra quer mudar uma coisa, e não demora muito vai mudar de novo.

Não, nunca morei nessa área dos índios, eu só andei nessa área dos índios uma vez quando eu estava fazendo a Faculdade que a turma foi lá, tem uma aldeia aqui perto e eu fui, mais eu tenho muita vontade de ir lá, mas nunca fui nas aldeias, só fui essa vez que a gente foi servi um lanche pra eles, não foi nem uma pesquisa de campo era dia das crianças então a gente foi lá, levamos calçado, roupa e servimos um lanches lá pra eles... Quando a gente veio morar aqui os índios já andavam aqui, eram sujos, assanhados e andava quase pelados mesmo, quem saísse ali pro outro lado lá onde eles estavam eles andavam eram pelados mesmo, hoje andam arrumados.

As terras deles já tinham sido demarcadas, mas antes aí teve um conflito aí, um massacre porque tinha muito fazenda nessa região aí, mas isso eu não sei contar não porque não é do meu tempo, num é? Tinha muita fazenda aí e os índios ficavam por aí e ia comendo o gado, aí os fazendeiros se reuniram e foi um massacre, matou muito índio mesmo, aí logo depois eu acho que demarcaram as terras dos índios, foi muita terra aí pros índios, aí os fazendeiros saíram de dentro das terras. Quanto à indenização eu não sei se teve, sei que foi um bocado aí pra cadeia por causa desse massacre, eles mataram muito índio mataram grande, pequeno, criança de todo jeito aí.

Olha aqui mesmo não tinha muito morador não, mas era muito grande o município, não era? Eu não lembro quanto era a população de todo o município não, mas foi tirado três cidades daqui do município de Itacajá que foi Recursolândia, Centenário e Itapiratins essas três cidades pertencia ao município de Itacajá, aí no tempo que foi criado o Tocantins que o Siqueira tomou de conta, elas era povoado, aí foram emancipadas essas três aí, o que fez diminuir a população daqui, mas aqui mesmo tinha pouco morador, pra cá era só mato e pra cá era quinta. Os moradores que aqui

encontrei morreram. Os homens da época já morreram quase todos, eu me lembro do seu João Pinheiro, seu Márcio, Detin o Idaletto já morreram também, mas ainda existe a mulher dele, o Paulo Teixeira já morreu também, mas ainda existe a mulher dele, o Dedé Teixeira, o Ribamar Teixeira esses mudou daqui, eram os homens da época que cheguei aqui e o Antônio Pimentel que era o prefeito daqui esse mudou pra Goiânia também já morreu. Lucas que foi prefeito aqui também mudou pra Goiânia também já morreu, era Joaquim que o povo chamava Joaquim Abotoado, não sei como é o sobrenome dele não, parece que era Joaquim de Brito.

Lá em Carolina meu pai trabalhava com compra e venda de gado e tinha um açougue também e o meu marido era funcionário da Farmácia Carvalho, aí mudamos pra cá aí ele botou essa farmácia, nessa época a gente não precisava de formação aqui, num era? Mas lá em Carolina já tinha! Então ele colocou essa farmácia e comprava os remédios lá em Carolina e trazia pra cá, ele já tinha prática porque tinha trabalhado com um médico 15 anos. Antes já havia tido uma farmácia aqui, mas aí o dono morreu ou mataram não sei, de modo que do nosso tempo pra cá a nossa passou a ser a primeira farmácia da cidade e já têm 46, vai fazer 47 anos no mês que entra em fevereiro.

A saúde aqui era precária! Aqui o transporte de doente era rede, atava rede em um pau grande, um pegava na frente e outro atrás, de vez em quando entrava, de vez em quando entrava e tinha o pastor Benjamim aqui que chegou quase junto conosco. José era quem atendia aqui, ele era prático e cuidava dos doentes meu marido, aí depois chegou o pastor Benjamim que aí passou a cuidar, era quem fazia partos, essas coisas era ele! E quando o doente estava com um problema mais difícil aí tinha que ir pra Carolina e tinha que pedir um avião ou então de motor que passava três dias pra chegar. Morria muita mulher de parto porque mesmo com o pastor cuidando dessa parte, mas quando tinha uma com o parto complicado aí não tinha jeito, morria mesmo.

Depois que mudei pra cá todo ano eu vou lá à minha terra natal, lá agora já está mais evoluído porque tem estrada pra todo lado, a estrada de rodagem passava na porta, a transamazônica passa distante um km da fazenda, então melhorou muito... Esses acontecimentos todos desde a onde eu nasci e até vim pra Itacajá eu sempre contei pra meus filhos e eles mesmo já conhecem, eles ainda viveram um pouco dessa história e se fosse preciso eu ainda enfrentava e fazia tudo de novo, mas agora eu não quero enfrentar mais não, também nunca me arrependi de ter vindo pra cá não, apesar de tudo eu sempre gostei daqui, logo fiz muita amizade fui ser professora e o contato com os meninos é o que eu gosto e tendo contato com os meninos logo teria com os pais.

Eu não posso é ficar isolada, não dou conta! Eu me aposentei tá com 15 anos e o meu marido se aposentou também e disse que não ia mais mexer porque eu já cansei então eu disse deixa que eu tomo de conta pra ter contato com gente porque eu não dou conta de ficar só na cozinha não. Graças a Deus meus filhos todos estudaram, começaram aqui e terminaram fora, mas terminaram e aí todos estão colocados, são Formados, todos fizeram concurso passaram, estão trabalhando.

Não é fácil morar numa cidade do interior assim, mas minha família sempre me deu uma mãozinha. Aí quando ficaram no ponto de estudar uns foram pra Belém, uns foram pra Goiânia e aí todo mundo estudou! E os últimos fizeram aqui o Normal Superior a Distância, eu mesmo fiz aqui depois que eu já estava aposentada e muita gente falava, “mas pra que esse estudo”? E eu digo “pra que se estuda, não é pra aprender? Então eu estou estudando pra eu ter conhecimento”! A idade não impede nada quando a gente quer realizar alguma coisa, há com pouca morre, mas eu vejo estudante com 15 anos morre, pois eu vou estudar também, eu sempre tenho um objetivo, eu agora vou fazer isso pra isso.

Trabalho pra fazer aquilo e quando termino eu tenho que ter outro objetivo porque se eu for ficar só esperando a morte chegar, eu nem penso em história de morte! Essa é a única certeza que a gente tem que é a morte, aí eu vou ficar preocupada com a morte! Termino um objetivo eu vou caçar outra coisa pra eu fazer! Agora eu vou trocar o carro por um novo e eu vou chegar lá com fé em Deus, os meninos falam que eu vou ficar devendo, não eu só compro minhas coisas à vista, eu trabalho até juntar o dinheiro aí eu compro.



## **RAIMUNDO COUTINHO DE ARRUDA**

Entrevista em 31/ 02/ 2011

Raimundo Coutinho de Arruda, filho de um homem que teve todos os seus pertences arrancados de suas mãos pelos Revoltosos. Arruda acaba herdando de seu pai a profissão de vaqueiro, função desenvolvida por muitos homens nessa época.



“O sal era de pedra...”

Eu nasci na Gameleira, daqui umas quatro léguas. E fui criado na Laginha. Eu nasci lá, meu pai casou em 1927 e eu sou de 1928. Eu fui lá pra Gameleira pra minha mãe poder descansar na casa da mãe dela. Eu nasci e fui criado na Laginha e saí de lá em 1956... Minha mãe nasceu na Gameleira também... Meu pai é do Maranhão, município de Riachão... Meu pai mudou de lá em 1925 na era dos Revoltosos. Você já ouviu falar em Revoltosos? Assim que eles chegaram, os Revoltosos chegaram e tomaram tudo isso aqui que estava junto com eles. Eles ficaram só com os gongózinhos porque eles estavam dentro do curral. E eu sei disso porque ele contava e o que ele dizia podia escrever. Na época eles catavam tudo: rifle, arreiro.

Naquele tempo o povo do Maranhão gostava de usar uns arreios bons. Veio de lá pra vaquejada do Agostinho bem aqui na Futura, aí ele botou em cima de um coqueiro, aqui estava nessa área de índio e aí eles estavam dentro do curral e eles tomaram e carregaram tudo... Não sobre o lugar onde ele morava eu não sei como era não, sei que na beira do Rio Farinha... Meu pai apareceu em 1941 lá em Pedro Afonso. Ele não morou em cidade não... Quando eu cheguei pra cá eu fui vaqueirar para aquela Zilda Soares ali.

Vaqueirei numa fazenda que era dela mais do marido dela dez anos. Aí eu voltei pra cá, possui uma casa aqui, aí aconteceu um descontrole com a família, desbandou aí e eu fiquei sozinho. Aí quando eu arrumei outra companheira aí eu vaqueirei pra Júlia. Depois é que eu vim pra cá, mas eu já tinha casa... Meu pai também trabalhava de vaqueirice. Eu tinha a mesma profissão dele.

Quando eu cheguei pra cá, aqui se chamava Porto do Vau. Depois que passou à cidade é que botaram Itacajá... Não. Aí que modificou pra não ser Porto do Vau. Mas ainda tem muita gente que chama Porto do Vau... Chamavam-se Porto do Vau porque tem uma ponte ali, bem ali, quando dava do mês de julho pra agosto, passava era de “vau”, é por isso. Passava de calça regaçada! Com a água na cintura... Eu escolhi morar aqui porque eu tinha uma fazenda e fui obrigado, quando eu me separei da família, por causa justa, a mulher virou bandida, aí eu larguei. Porque homem não pode, na hora que a gente sabe, demora saber, mas...

Era casado no civil mesmo, aí eu resolvi vim pra cá. E aí eu não tinha onde morar lutei construir uma casinha e fiquei morando. Eu tive um ano labutando mais o Davi Canto lá na beira do Toá. E de lá voltei pra cá e morei mais uns dois anos bem aqui com o compadre João Diogo. Aí lutando até que construiu a casa, porque eu fiquei sem as coisas. Porque vendemos a fazenda, o dinheiro estava no banco e ela arrumou o camarada dela, que era sabido danado, arrancou o dinheiro todinho e sumiram no mundo. Foram ficar lá pra Altamira. Aí eu botei um advogado e a polícia de lá sempre trouxe ela e eu disputei dela... Eu tinha sete filhos com ela, mas já estavam todos grandes, tem uma paralítica. Aí era ela quem arrastava todos os seis filhos. Agora o mais velho, esse já estudava, estava trabalhando lá em Goiânia. Ele agora mora em Palmas, trabalhou uns trinta e cinco anos no Bradesco, aí ele aposentou lá e me ajuda.

Rapaz, ainda hoje eu tenho assim aquela comoção de morar no sertão, mas a gente acostuma. Se eu fosse novo eu não morava aqui não. Eu toda vida gostei de trabalhar, aí eu arrumava alguma coisa, mas não presto mais. Eu estou com um problema de coluna que tem mais de quarenta anos. Não pego mais um peso, quando eu faço um servicinho, no outro dia quando é pra levantar tem que ser agarrando nas coisas. Os médicos dizem: “pode largar de trabalhar porque se não você vai pra cadeira de rodas”. E eu tenho medo. Mas eu tenho uns quintaizinhos velhos, lotinhos, aí eu limpo, encho de mandioca, tem banana, é aquela coisa pra ir entretendo. Serviço pesado eu não faço mais porque se eu for me meter eu tenho medo de ficar sem caminhar. Mas a dor nas costas é rachando o dia todo! Parece que inflamou, os médicos disseram que não tem cura.

Vieram de tropa, em animal. Naquele tempo não tinha estrada de rodagem, não tinha casa. Mesmo aqui, quando eu conheci esse município de Itacajá, quando passou pra ser uma cidade, aí arrumaram pra ser uma cidade, só. Daqui pra Pedro Afonso não tinha estrada, só cavaleira. Todo mundo viajava com saco nas costas, ou então montado... Não, ele nunca falou quanto tempo durou a viagem. Quando ele morreu, eu estava só com treze anos. Aí eu nunca procurei e nem ouvi ele falando. Mas acho que duraram uns quinze dias... E ele veio, nesse tempo, de animal... Não. Ele veio mais um sobrinho e a madrasta dele que foi a derradeira mulher do meu avô. Ele morreu e ela acompanhou a gente e ficou mais nós. Meu pai morreu e ela ficou mais nós até quando faleceu. Nós queríamos bem a ela mais do que a nossa mãe.

Carrinhava a gente demais, chamava Josefa. Da Serra Negra, Serra da Cinta, no Maranhão. Barra do Corda, chamava Serra da Cinta, ela era de lá... Eram difíceis as coisas naquele tempo, mas Deus ajudando e o homem tendo coragem arruma o futuro. E ele veio com interesse de vaqueirar e ganhar gado. Porque lá no Maranhão naquele tempo não tinha. Agora dizem que está bom, quase melhor do que aqui. Entrou muita gente rica, a Mata do Japão está quase toda formada. E aí tem muita lavoura pra de junto do Balsas, naquele mundo todo, criam gado, dizem que está bom.

Lá no Maranhão eles não mexiam com gado. Mexiam com safra de cana, com engenho. Aí faziam cachaça e rapadura. E açúcar, que naquele tempo, o povo não sabia fazer... Na mudança eles

traziam só os arreios deles montarem. Não traziam nada não. Um dinheirinho no bolso, que apuravam. Aí o velho deixou umas terras lá, nós ficamos pra cá e aí essas coisas foram remodelando, certo que ficaram muitas pessoas da família lá. Irmão dele, sobrinho, tudo ficaram em cima dessas áreas dele, dizendo ele que a terra era boa. Era um chão só daquele bacuri, najá, isso só dava em terra boa. Lá dizem que as terras eram desse jeito. Aqui pra nós eles conhecem como bacuri.

Aqui nem açougue não tinha. Mas aqui todo mundo criava gado. Aí matava um gado, iam pra lá, aquelas pessoas que eram amigas. Aqui não tinha açougue, não tinha mercado, não tinha nada. Só esse povo morando aí. Mais pra frente é que veio uns motores de Carolina, trazendo um salzinho, trazendo pote, essas coisinhas pra vender. Eles compravam e vendiam para as pessoas daqui. Mas era pouco. As coisas do comércio não vinham de canto nenhum porque não tinha estrada, não tinha carro, não tinha nada. Eles passavam, era pouca gente que morava aí. Eram só aqueles mesmo que tinha... As fazendas estavam aqui ao redor. Aí a pessoa tinha muito gado, tinha fartura, botava roça, aí eles iam lá naqueles e arrumavam as coisas pra comer. Eram umas quatro casinhas, só.

Não! Não tinha nada disso não! Alumiava na lamparina, no querosene. O “cabra” comprava e no fim do dia botava na lamparina, aí alumiava. Mas negócio de energia, ninguém nem ouvia falar. Eu mesmo vim conhecer energia de uns poucos anos pra cá. Eu peguei conhecer em Goiânia, que eu andei lá umas poucas vezes, em Carolina, aí a gente via. Mas de certos anos, de 1940 pra cá. Mas não tinha isso não. Nesse sertão aí, todo ano a gente ia ao Balsas e trazia a querosene. Levava um animal e trazia quatro latas de querosene. Comprava lá com prazo de ano. Lá no Balsas. Lá tinha os patrões. A gente comprava o sal, pano e aí no outro ano você ia pagar e comprar de novo. Tornava fazer outra compra. Esses homens confiavam. Mas eram umas pessoas direitas.

Eu fiz cinquenta e tantas viagens lá pro Balsas, todas de animal, no meio da cangaia ou a pé. A carga já vinha no animal. Os animais eram só pra aquele serviço. Se você chegasse e tivesse um com pisadura, tratava e soltava. Aí só no outro ano, no mês de junho, de julho. Empareava as cangaias. Quando o comboio era pequeno, eram uns dezoito dias. Mas quando o comboio era grande você só guiava porque era muita carga, aí saía e chegava com uns vinte e dois dias. São setenta léguas daqui ao Balsas. Lá na beira do Balsas já está perto do Parnaíba. Passou pro outro lado é Parnaíba.

Mas sal, aqui ninguém via não. Tinha que ir comprar lá... O sal era de pedra. Mas é mais forte do que esse que está vindo agora. O sal chega era roxo. Aí no dia que você matava um gado, pegava ele, enfiava no pilão, peneirava pra poder salgar... Pra essas viagens você levava sal, a gordura e as panelas pra fazer o de comer meio dia. À noite você, às vezes assava uma carne. Aí você fazia aquela bandinha de couro, sentava a panela ali e costurava ela assim. Passava uma correia e botava no meio da cangaia. A carne de um lado, o toucinho do outro. Se você criasse um porco, você matava e levava uma banda. Pra derreter e comer... Aí já vinha mais pouco, aí já era no meio da carga que você botava. Porque pra lá, o animal já ia bom mesmo. Mas de lá pra cá você separava e botava naqueles animais mais fortes, no meio da carga.

Só dormíamos no mato e meio dia você botava abaixo, para os animais comerem e pra gente comer também. Andava uma hora, uma hora e meia. Botava as selas nos bichos de novo e abria. Cinco seis horas puxando pra aqueles lugares mais dos peadores melhores. Não tinha água, você tinha que levar uma borracha de couro costurada, aí enchia d'água e pendurava no cabeçote da cangaia. Ali você cortava um pedaço de pau, dependurava e ficava tirando água... A gente levava assim só porque tinha travessia. Quatro léguas, do Coqueiro pra Águas Claras e das Águas Claras para os

Caldeirões, três léguas. Mas à noite você tinha que ter a água pra beber, pra fazer um chazinho de manhã. Nem café, a gente não fazia. Fazia chá de folha de sambaíba... A água levava na borracha. Borracha era de couro cortido... Não. Não vazava não. Era bem costurado, eram duas costuras. E a pessoa sabia, fazia um bicosinho nela. Fazia de todo tamanho, mas daqui pra... Eram poucos peões, a gente levava uma menor porque aquilo cheio d'água pesava.

Não. Quando eu cheguei pra cá, ainda não tinha escola não. Eu mesmo só sei assinar meu nome, porque naquela época não tinham essas coisas. Era todo mundo ao redor dos pais, só trabalhando e vaqueirando. Mas todo mundo aqui possuiu muito gado aqui. O lugar era louco! Criava era solto. Ninguém via falar em arame, cercar. Não. Você vaqueirava aí no mato. Trazia o gado e o gado tinha que está traquejado com seu trabalho... Mas eu não estudei não. E hoje em dia se a pessoa não tiver estudo, não serve nem pra receber um feixe de buriti na beira do rio. Mas meu pai sempre dizia: “nem que eu tire a minha derradeira camisa...” meu pai era homem sabido. Lá no Maranhão o povo estudava. Aí ele dizia: “nem que eu tire minha derradeira camisa, mas eu tenho que educar meus filhos”! Mas Deus o tirou antes de acontecer isso.

A mamãe ainda botou uns professorezinhos, aí eu ainda aprendi assinar o meu nome... O Lar batista eu conheci... Ajudava muitos meninos. Tinha um moreno, ele ajudou muito aí, mudou daqui. Depois veio pastor Benjamim. E aí ajudavam muitos meninos. Ele arrumou umas terras numa área bem aqui, beirando esse rio. E tem uma que por nome Maracujá. E aí levava aquela meninada, porque sempre tinha as férias, quando não estavam estudando, fim de semana. Ele tinha um carro aí, enchia e botava tudo pra trabalhar. Lá, tocavam roça, plantavam legumes pra comer, porque eram muitos meninos. Acho que ele tinha um “ordenado” pra ajudar.

A saúde, aqui não tinha posto, nem nada. Quando adoecia, ia pra Carolina. Lá, já tinham médicos. E aqueles que tinham mais condições, iam pra Goiânia. Nesse tempo, isso aqui tudo era Goiás. A presidência era no Rio de Janeiro pra lá. Depois o Juscelino Kubitschek a tirou de lá e construiu Brasília. Foi o homem mais trabalhador que entrou aqui como presidente, foi ele. Mas aí depois um senhor Siqueira, lutou aí mais um bocado de deputado e aí dividiram. Era bom demais! Isso aqui era esquecido. A presidência era lá do Rio de Janeiro. Aqui todo fazendeiro mantinha aquele gado e só pagava um aforamento. Aí depois já entrou a demarcação, depois que criaram essa Brasília aqui, a presidência. Aí entrou a demarcação, aí lá vai, lá vai... Aí todo mundo ficou mandando só naquele pedaço e aí virou uma coisa só... Pra tratar de uma doença ia pra Pedro Afonso. Aí de Pedro Afonso já tinha um aviãozinho que vinha de Belém. Pedro Afonso é velho também. Mas teve mais coisas do que aqui, toda vida. De pouco, mas era melhor. Mas aí fizeram um campo lá e ele aterrizou pra levar gente doente.

Pra ganhar neném, aqui tinha as parteiras. Tinha delas que morriam de parto, não tinha médico não... Meus filhos nasceram nas fazendas pegos por parteiras. Aqui tinha uma parteira bem aqui no Marajá, por nome Rosário, ela tinha as orações que na mão dela não morria mulher não. Hoje em dia não tem mais esse negócio de reza, tem é faca pra cortar... As casinhas aqui eram de palha. Ali embaixo. Eram só três ou quatro. Depois formaram aí umas ruínas e foi chegando gente devagarzinho, foi indo, foi indo.

Foi melhorando, melhorando aos poucos. Aí começaram ter de telhas. Aqui, o senhor mais velho, é senhor de Zé Rocha, pai do Masolene. E uns de Carolina que vieram nesses motorzinhos e barracaram aí. Um senhor Ornei, os outros eu não me lembro do nome não... Não. Essas ruas aqui não eram abertas não. Aqui era só a macega, mata! Eram só aquelas ruas lá da beira do rio, lá pra

onde desce pra aquela praia. Era pra cá, não era muito lá na beira do rio, era mais pra cá. Tem muitos anos. Aqui está com cinquenta e tantos anos de cidade... Não, morei não. Na terra dos índios eu andei uma vez porque eu fui ajudar a pegar um gado lá no Xupé e nunca mais eu fui. Nem aldeia eu não conheço. E nem quero ver... Não aqui ainda não era cidade, eram só essas ruínas mesmo.

Mas depois que índio começou a comer carne de gado e sal, toda cunhã, tem um menino de um lado. Quando minha mãe, que nasceu na Gameleira, foi criada lá perto de um tal de Aldeia Velha, que chamavam. Aí uma cunhã, quando tinha muito filho, era dois, três. E agora são vinte, trinta. Com dez anos já estão parindo e já tem um salário. É só ter um filho. Aí tem índio demais! ...Não, aqui eu só trabalhei de roça nas fazendas. Eu já rocei as ruas aqui, quando eu prestava. Eu fui só acolá e empreitei um irmão desse rapaz bem aqui.

Eu era só vaqueiro. Aí quando eu botei os primeiros filhos pra estudar, aí botei essa a minha primeira mulher aí, comprei uma casa. E eu ficava lá na fazenda, quando eu vim, eu empreitei com o Zacarias, pra trabalhar dia de sábado, porque eu gostava de suar o corpo. Aí eu ganhei esse dinheiro, aí eu deixava aí pra comprar um quilinho de carne. Carne aqui era difícil demais... Meus filhos estudavam aqui mesmo no colégio, não era no Lar Batistão.

Não eu nunca fui lá na terra que meu pai nasceu. Porque eu passei por Mearim, mas passei perto de onde ele morava. Mas não encostei lá... Não, nunca tive vontade de conhecer lá não. Já mudou tudo, as pessoas mais velhas já morreram e é longe. Pra gente ir lá é assim um gasto sem saber pra onde vai. Porque chega lá, hoje em dia, esse povo mais velho vai morrendo e ficam só os mais novos. Mas eu ainda tenho uns parentes por parte do meu pai no Riachão. Eu sempre procuro por notícia de lá. Já tem deles que são vereadores: um senhor de Getúlio, “cabra” tudo meio sabido e aí tem deles que ainda moram lá, ainda tem raça lá... Não, não os conheço não. E nem o Riachão. Eu ia pro Balsas, mas passava por fora... Meus parentes eu não conheço não. Eu já nasci aqui e foi o tempo que meu pai ia pra lá todos os anos no verão lá onde estava a família, mas não me levava porque eu era pequeno.

E quando eu fui ao Mearim, em 1953, voltei por cima do mesmo rastro e aí não vi ninguém. Dormimos lá no sítio dos Arrudas. Lá, ele tinha muito parente por parte de minha avó, a mãe de meu pai é que era Arruda. Mas veio todo mundo: “esse aqui é filho do Pedro Arruda...”; Aí todo mundo veio me conhecer. Mas quando eu voltei, já passei de passagem. Já vinha quase nú, rapaz. Bem aí do Mearim, a pé, quase rasgava minha roupa e eu levei pouca roupa e naquele tempo a gente não tinha as coisas. E aí eu cheguei quase nú. Aí eu fiquei com vergonha de ir onde estavam os parentes. Lá é a família Arruda. Sítio dos Arrudas, lá só mora a família... Foi. É porque quando chega dentro do Mearim, tem aquelas capoeiras medonhas, aí jogam a boiada pra dentro, com medo. Aí você fica: toma daqui, toma dacolá. E na hora que bate o berrante, porque tem um guia que bate o berrante, aí já é chamando. Eram cinco peões numa boiada. Até o que joga na estrada. Aí rasgou tudo! ...O pessoal que mexia com gado era chamado boiadeiro.

Filhos mais velhos sabem dessas histórias. Agora os mais novos não sabem não... Não, eles não dizem nadinha. Acham que era uma coisa difícil. Porque eles já foram criados sem ver essas coisas. Eles não conhecem as dificuldades que tinham de primeiro... Hoje está tudo fácil. E o povo fica velho, quem tem estudo, é direito e arruma um grande emprego, vai segurando alguma coisa. E os que não têm, aprendeu só a fumar maconha, beber cachaça e pronto. É desse jeito! Agora eu estou nessa idade, você acredita? Eu nunca me embbedei. Quando eu era solteiro, que eu ia num forró lá

no sertão, às vezes eu bebia uma pinguinha, duas. Só pra eu entrar na festa, mas beber cachaça pra embebedar, andar caindo, não. Eu achava era feio quem fazia isso. E a pessoa fica desvalorizada. Eu vivo agora só dependurado nesse beneficiosinho. E a mulher que eu arrumei de novo ficou doida, é doente demais, toma remédio controlado todo dia, comprando em Araguaína. Tem vezes que não tem, é preciso pedir no exterior. Aí é caro demais. Mas aí não passo sem dever, mas pago! Eu pago um pra formar outro.

Aqui era difícil ter um forró. Aqui dentro da cidade, num tempo, quando eu fiquei sozinho, morando mais o compadre João Diogo, trabalhava todo dia tocando gado pra beira do rio, pra Colinas, eu tinha uns trocadinhos no bolso. Aí eu comprei uma fantasia de carnaval e dei uma puladinha. Mas não gostei e nunca mais eu fui. Aquilo ali é uma doidice pura! Mas aí eu não gastei nada, o compadre João comprou a mesa, nesse tempo ele tinha as coisas, ainda tem, agora tem mais do que naquele tempo. Ele era meu compadre: eu tenho um filho que ele é o padrinho. Ele gosta muito de mim e eu mais dele. Eu morei com eles dois anos. Recebia de tudo. A gente, quando acabam as coisas, é pouca gente que dá valor. Porque hoje em dia, se a pessoa não tem as coisas, não tem valor. E se não tem, eles não dão... Tinha. Tinham as festas de divindades também. Tinham as rezas. Tiravam a divindade no mês de julho. Só uma mulher e ela já morreu. Aí acabou isso. Ninguém mexe mais com isso. Só aprederam a vadiar aí nos forros em festas. Todo dia, não é nem mais de vez em quando, é todo dia.

Eu nunca me arrependi do que tem acontecido comigo, não reclamo. Se as coisas não correm bem, mas eu aguento calado. Porque essa reclamação, disso, daquilo, pra um e pra outro, não serve! Não adianta nada. Não me arrependo. Arrependo-me das coisas assim: quando não dá certo, eu não quero mais fazer aquilo. Porque aquele caminho não serviu pra mim, aí eu caio fora. Caço outro jeito... Se eu tivesse condições, eu faria essa viagem todinha de novo. Tem dia que a gente lembra que naqueles tempos, que a gente fazia essas coisas, era melhor do que o que está fazendo hoje.

### **JORGE ALVES CASEMIRO**

Entrevista em 31/ 01/ 2011

Jorge Alves Casimiro um evangélico que ao chegar em Itacajá foi muito bem, pois estava em busca de uma vida melhor para si e para a sua família então em Itacajá ele não teve a vida que esperava ter, mas foi muito melhor do que a vida que tinha outrora e, até hoje vive nesta cidade, mas sem esquecer de sua terra natal.



“A gente nunca se esquece da pátria da gente...”

Eu nasci em Mirador, no Maranhão... Meu pai é do Ceará e minha mãe é do Maranhão... Eu cheguei aqui no dia 03 de janeiro de 1973... Veio só eu, minha esposa e minhas duas filhas... A minha mãe ainda veio pra cá, mas depois. Meu pai ficou no município de Goiatins, mas sepultado... Lá no Maranhão nós vivíamos de vaqueirice, lá era um lugar muito difícil, o pessoal passava muita necessidade. As mulheres viviam de quebrar coco. Nós vivíamos de lavoura: meu pai vivia de lavoura e de vaqueirice... Esse lugar que nós vivíamos lá em Mirador não era nosso não. Era do pai daquele Edson Lobão. A fazenda que nós morávamos, era dele. Ficava afastada da cidade uns quatro ou cinco quilômetros... Eu também trabalhei muito de vaqueirice, no município de Goiatins... Nós chegamos lá em 1941 e trabalhamos junto com ele até 1952. Em 1952 ele faleceu e fiquei dono de casa... Nós éramos doze irmãos, eram mais, mas já morreram outros.

Quando eu mudei pra cá, o nome Itacajá já existia: Itacajá. Conheci muito por Porto do Vau. Eu cheguei naquela época que o João Pinheiro tinha sido prefeito aí e depois passou pro Masolene Rocha. Eu cheguei no ano que o Masolene foi eleito. Estava naquela briga... Colocaram esse nome porque tem uma cachoeira que se chama “cajá” e uma pedra que se chama “Ita”. Então ela

pertence ao lado cristão daqui e ao lado indígena. E aí por intermédio dos índios e deles colocaram esse nome “Ita” e “cajá”. “Ita” é o lado indígena: pedra. E cajá que é uma fruta e da cachoeira lá do ribeirão e aí eles colocaram “Itacajá”... Isso antes de eu chegar aqui, quando eu cheguei já tinha esse nome.

Quando eu cheguei pra cá a cidade já tinha sido emancipada... Eu não lembro quando aconteceu... Eu vim pra cá porque lá na região que eu estava era muito fraca e não tinha pessoas que pudessem ajudar os outros. E aí eu achei por bem mudar porque o lugar que a gente nasce é o seguinte: muitas vezes as pessoas acostumam com a gente e nunca acha que a gente talvez tenha um sonho de um bom nível, de uma coisa assim. E às vezes você mudando pra algum lugar, com a ajuda de Deus, aí você, às vezes encontre alguém que te dê valor e você pode viver uma vida melhor. Foi o que aconteceu comigo. Eu vim e graças a Deus, encontrei. Não deu pra eu viver uma vida folgada não, mas deu pra eu criar minhas filhas e colocar no estudo até onde quiseram. Não foi até onde eu pude, foi até onde elas quiseram. Não fizeram muita coisa não, mas o que elas quiseram fazer enquanto elas estavam comigo, elas fizeram elas foram. Pediram pra casar e eu casei. Hoje são professoras e ganham os trocadinhos delas. Tem uma que tem curso superior, a outra não.

Meus pais mudaram pra cá por causa de fraqueza também: ele saiu da fazenda e aí veio um irmão meu aqui pra Carolina, pra fazenda São Pedro e achou que aqui poderia ser melhor que a labuta que meu pai vivia. Aí convidou ele e nós viemos. Uma família grande! Tudo fraquinho, com as cargas nos jumentos... É o seguinte: nós atravessamos pro lado de Goiatins, nós tínhamos uns parentes, eles tinham uma terra grande e meu pai era muito trabalhador. E juntava com os filhos mais velhos e aí trabalhava muito. E aí nós compramos uma roça muito grande. Outras coisas nós não tivemos não, mas o que comer de arroz, mandioca, criação pra gente ir passando, isso nós tínhamos.

Aí foi, foi, até que por conhecimento, o colocaram numa fazenda. Daquela fazenda foram colocando: quando tirava de uma, botava noutra. O mesmo padrão. E por aí ele tirou a existência dele. Quando ele morreu, nós já estávamos fora da fazenda e ele não tinha mais resistência pra trabalhar em fazenda não. E aí ficaram os novos. Uns foram vaqueirar, outros foram casar, outros fizeram propriedade e eu casei também, fiquei por lá trabalhando de roça, nessas coisas. Mas muito fraco de serviço, uma vida muito puxada.

De vez em quando pensava assim: que mais tarde, quando chegasse a minha idade, eu não tinha uma arte, não tinha como ter feito algum futuro, aí eu ia passar uma vida muito baixa, não é? Aí eu pensei: vou procurar um lugar que alguém possa acreditar em mim e eu possa trabalhar. E aí justamente, quando eu cheguei aqui encontrei um homem aí, que sem me conhecer, jogou um dinheiro em minhas mãos. Eu trabalhei com ele uns cinco anos de compra e venda, nós dividindo os lucros e tudo. Com cinco anos, nós dividimos e eu fiquei com os meus então deu pra eu ir vivendo a minha vida, não é? Na companhia dos filhos e dessa mulher que me acompanha ainda. Faz muitos anos que nós casamos. Casamos no ano de 1958 e temos vivido até hoje, graças a Deus! Quando eu mudei de Goiatins pra cá, não foi fácil! Não foi fácil! Eu levantei um barracãozinho nessa rua lá em cima, corria até água lá dentro e não quis. Comprei uma tapera velha bem aqui atrás. Aí fiquei trabalhando. Aí quando foi um dia eu troquei, cobri ela com essas telhinhas que o pessoal tira das casas e que não querem mais. Eu as peguei e fiz um barracãozinho. Logo comprei uma terra fora, com esse dinheirinho que ganhei. Aí fiquei caminhando daqui para as roças, quando vinha, trazia um magote de gado, fazia uns negóciozinhos e foi indo, foi indo e comprei esse barracãozinho aqui. Muito difícil!



Não é nem o lote inteiro, mas aí eu o comprei assim com essa construção aqui muito mal feita e eu acabei de levantar ela. Aí logo a vendi para uns padres, comprei uma fazendinha e montei um comercinho aqui, depois vendi e comprei uma fazendinha lá fora, na beira do Tabocão. Aí lá nós fomos muito bem lá nessa fazendinha. A vida estava boa. Mas logo minhas filhas foram casando e aí não tinha uma segurança dos pais, aí peguei meu lugar e fiz nas mãos deles. Voltei pra cá, essa casa aqui estava pra vender outra vez. Tinha sido minha e os padres já queriam vender outra vez. Aí eu comprei, mas toda quebrada. Aí eu dei uma arrumadinha, depois tornou quebrar, estava caindo ali. Pelejei com o prefeito, pelejei com essa assistente social e ninguém nunca me deu força, nem nada. Eu pequei e fiz um empréstimo em meu salário e pude dá uma reformadinha nela pra ela não cair. E aí eu estou morando aqui dentro dela. Não tem sido muito fácil. Meu salário está bem pouquinho por causa desse empréstimo, mas a gente vai passando.

De acordo com a situação da gente, a gente vai aguentando... Meus pais vieram de lá com as cargas nos jumentos. Todo mundo a pé. Até os pequenininhos assim vinham a pé, na hora que não aguentavam botavam no meio da carga... Veio a família toda... Meu pai gastou todo dinheiro que tinha nessa viagem. O pessoal nosso era fraquinho também, mas tinham muita coisa de roça, não é? Aí eles ajudaram. A mamãe era uma mulher muito trabalhadora, ela nasceu dentro de um cocal. Naquele tempo vendia coco, tirava azeite pisado no pilão, vendia. Movimentando a vida mesmo assim: comendo o que produzia.

Produzia na roça e na roça mesmo a gente comia. A roupa era o seguinte: meu pai ia com os patrões, comprava fiado, com um ano, porque naquele tempo vendiam com ano: comprava com prazo de um ano aí ia pagar. Era pobre, mas naquele tempo, pagava. Ele fazia muita farinha e colhia muito arroz, aí ele vendia aquele arroz, aquela farinha pra comprar o açúcar, o café, os remédios, essas coisas.

Demoravam muitos dias viajando. Demoramos mais ou menos um mês de viagem. Com um mês e poucos dias, nós chegamos aqui na beira do Maranhão Grande, na fazenda São Pedro, de um senhor João Solino... A alimentação era o seguinte: vinha pronto assim: a gente arrumou umas coisas lá na saída de lá pra cá. E aí o que vinha faltando, a gente ia comprando nas casas daqueles moradores. Sempre a gente chegava na casa deles, eles eram um pessoal muito bom e às vezes eles vendiam umas coisas pra gente. Outros davam e a gente com muito gosto recebia, não é?

Encontrávamos muitos moradores na estrada. Naquele tempo era bem habitado, não é? A gente nunca dormiu no mato. Às vezes arranchava no mato, debaixo daqueles pés de faveiras, porque era no verão e fazia muita sombra, era onde a gente arranchava. Mas pra dormir, a gente só dormia mesmo nas casas. Nunca dormimos no mato não. Sempre o pessoal era muito bom assim com a gente e a gente arranchava sempre em casa. Tinha gente, que chegávamos e eles tinha aquele privilégio, aquele prazer de dá uma janta assim pra nós todos. Uma bênção!

Cozinha. O arroz, sempre a gente arranchava nas casas, a mamãe sempre fazia o arroz fora, nas casas, na sombra. Às vezes tinha uma casa de chiqueiro e a mamãe fazia comida, o almoço e nós almoçávamos... A água era nas cabaças. Tinha umas cabacinhas. Nós trazíamos umas cabacinhas. A mamãe, às vezes, observava que tinha uma morada perto, passava num córrego e já levava água daquele córrego e chegava na casa com a água... Encontrávamos muitos ribeirões, água maravilhosa, porque naquele tempo os ribeirões tinham água boa.

Na mudança só trazia mesmo roupa, panela, essas coisas assim. Os cachorros, porque naquele tempo a gente gostava de criar uns cachorros, gostava de uma caçadinha. Meu pai não ficou sem os cachorros de caçada dele, não é? E aí trazia só a mobília de casa mesmo. As outras coisas pesadas não tinham como trazer não. Trazia alguma cadeira velha de couro, que vinha amarrada por cima, aí trazia... Na estrada ninguém nunca matou uma caça não. A gente matava onde a gente habitava. Quando a gente chegava, aí ia caçar com eles. Porque agente comia muito feijão e lá um dia a gente matava uma caça pra misturar com o feijão. Pra tirar o gosto, que é gostoso mesmo.

Quando eu cheguei aqui, esse lugar era um lugar muito amigo! O pessoal do prefeito mesmo, me deu muito a mão. Pessoas que foram prefeito, que eram prefeito, eles vinham me consolar bem aqui dentro dessa casa velha. Eles vinham por aí e diziam: “não. O quê isso? Quando eu cheguei aqui eu ficava era debaixo dos pés de manga”. Outros diziam: “não, eu fiz isso. Tinha coisa difícil aqui e eu fazia assim”. Aquilo era para eu me conformar. E aquilo ia dando uma boa vida pra gente. Porque é o seguinte: você conversar com uma pessoa que é boa, que tem um bom gesto de conversar com a gente, que dá uma força pra gente assim, aquilo é uma vida. Pra gente é vida.

Pelo menos, é o seguinte: eu já tenho dito muito isso, porque eu já tenho sofrido demais! Eu, graças a Deus estou vivendo, mas eu já sofri demais! Tem vez que não tem um homem assim do meu físico, junto com a esposa, que já sofreu que nem eu sofri com essa mulher. Só coisa de doença, depois que nós ficamos velhos, que passou uns causos perigosos por nós, mas aquela pessoa dava aquela mão amiga assim pra gente. A gente parece que criava assim mais uma vida, não é? Dava pra gente criar mais coragem de enfrentar mais a vida, não é? Eu sempre tenho dito: no dia que você chegar num hospital, que tiver uma enfermeira que te receba: “pra aqui meu tio, meu irmão”, aquela coisa, é uma vida pra você. Mas no dia que você chegar num hospital, que você encontra com um médico ruim ou uma enfermeira ruim, antes você tivesse morrido lá em sua casa, do que você ter ido para o hospital. Então é isso: eu achava bom o pessoal vir aqui. Pessoal vinha pra cá prestá atenção, conversar comigo, é a mesma vida boa! Eles davam valor àquele servicinho que eu fazia, eles achavam que era até um cara conceituado com os negócios. Eu fazia uns negócios e eles davam valor e graças a Deus, com o homem que eu peguei o dinheiro, eu trabalhei cinco anos. Com cinco anos eu devolvi o dinheiro dele e os lucros dele eu já tinha dividido tudinho. E nós nos abraçamos e até hoje somos amigos, graças a Deus!

Eu tive apoio das pessoas que já moravam aqui, quer dizer, eles não me deram nada não. Esse homem, até bêbado ele estava, no dia que ele me deu esse dinheiro, ele ainda existe aqui. Mas dizer assim de palestra, de conversar essas coisas. Mas dá as coisas não me deram não. Até o prefeito, o Masolene, era uma pessoa que conversava muita coisa comigo assim e conversava com ele assim: “olha, eu não quero me apoderar da sua política, porque eu sou um eleitor, eu chegar à sua casa todo dia. Só que no dia que eu chegar, eu quero que você me ajude”; “Está tudo bem”? No dia que eu pensei de levantar essa casinha, ele não me deu um caminhão pra botar do mundo nada que ele tinha. Ele não me dava. Mas graças a Deus, eu que coloquei. Foi difícil, mas levantei esse barraco, porque não é uma casa, é um barraco. Mas dizer assim: que o prefeito quem deu? Não. O prefeito não me deu nada não! Inclusive até hoje. Têm vindo assim, fortes prefeitos, mas dizer que eles têm isso pra te ajudar? Não.

Quando eu cheguei aqui em Itacajá, essa cidade era assim: até as estradas eram de chão, ainda não tinha calçamento, ela não tinha nada. Aí logo esse Masolene mandou fazer esse calçamento de broquete. Fez o calçamento todinho de broquete. Depois, quando foi na época do Antão, aí foi que

o Antão mandou fazer de asfalto, lá de cima, fez o asfalto todinho. Isso aqui foi ele que mandou fazer. Aí já começou a melhorar. Esse Antão, nesse setor aí, ele fez muitas casas. Tem setor todinho aí que foi ele que mandou fazer... Foi. Esse Antão foi um prefeito. Foi prefeito por doze anos aqui. Tem setor aqui inteirinho que foi ele que mandou fazer. Tem o setor Aeroporto, o setor Vila Nova, o setor Pedro Maciel. Esses setozinhos foi ele quem construiu. Tem as casinhas com muitos moradores dentro... Energia aqui era a motor. Um dia tinha e outro dia não tinha. Mais era na lamparina mesmo... O combustível pra botar na lamparina era o querosene. Vinha o querosene de primeiro para as lojas e nós comprávamos... Vinha de fora.

Aqui era a coisa mais difícil do mundo, um transporte. Tinha umas caminhonetes e o caminhão da prefeitura que iam pra fora, passando no ajojo. Lá no rio Tocantins era duas balsas empareadas e aí passava aquelas caminhonetes. E aí ia rasgando daqui pra lá. Tinha dia que só pra ir em Colinas, passavam dois dias. Pra Pedro Afonso tinha vez que passavam dois dias e às vezes nem chegava aqui. Era um sofrimento! Em Goiatins era do mesmo jeito. Aí vinham aquelas pessoas com aqueles caminhõezinhos pra vender o querosene, essas coisas, rasgando aí, sofrendo. Mas também vinham uns motorzinhos, o querosene vinha mais era nos motorzinhos que vinham de Carolina. O motorzinho todo mês ele dava duas, três viagens aqui nesse rio... Mercado aqui era pouco, pouco, pouco mesmo! Essa avenida aí era a principal, mas era picadinha assim e não tinha um comércio nela, de jeito nenhum.

Tinha poucas ruas aqui: tinha essa principal, tinha outra lá por detrás assim beirando o rio, tinha o orfanato ali que era muito movimentado. O orfanato era um senhor Benjamim quem comandava. O pastor Benjamim com a igreja tradicional do Lar Batista. Era um homem que tinha um movimento aqui muito bom. Pessoa muito educada cuidou de muitas pessoas carentes aqui. Ele ajudou muito. Diziam que ele era um homem duro, mas pra mim ele foi um pai. Pra mim e para minhas filhas que estudaram lá nesse orfanato... Ele cuidava da parte da saúde também. Ele era um prático!

Ele era um enfermeiro prático, fazia até parto. Eu, um dia, corri montado num cavalo do Cartucho até aqui pra buscar ele pra fazer um parto numa mulher lá. E ele me pegou aqui, deixamos o cavalo num pasto e fomos num jipe velho dele. Atravessamos esses areões por aí e fomos bater lá. Quando chegou lá ele pegou a mulher e trouxe aqui para o orfanato e fez o parto dela. Ele fez isso muito! Tirando esse, nós tínhamos outro farmacêutico aqui chamado Zé Porto. Homem que vou falar pra você: prático! Prático na medicina e para cuidar das pessoas que estavam passando mal. Ele fez muita benção. Abaixo de Deus ele fez muitas maravilhas com a vida das pessoas que não tinha nem como e ele dava remédio e ficavam boas... Ele e o pastor Benjamim eram quem socorriam as pessoas aqui... Quando eu cheguei, eles já moravam aqui. E pra mim eles fizeram muitas boas ações. Agradeço muito a esses dois homens.

Além do Lar Batista já tinha outras escolas municipais aqui e tinha essa estadual ali, que quando eu cheguei, já existia também. E tinha outras escolas, mas eram todas pequenininhas, depois é que foram se estendendo. Hoje tem uns bons colégios aí... As minhas filhas começaram a estudar em Goiatins. Quando elas chegaram de Goiatins elas começaram a estudar aqui. A mais nova começou estudar só aqui, mas a mais velha já veio com o terceiro ano lá de Goiatins. Aqui ela já veio fazer o quarto ano.

Não morei na terra dos índios não, mas eles já andavam aqui. Eu saía daqui, naquela compra de gado que eu fazia, tinha vez que eu conversava com o chefe do índio que eu ia lá pra aldeia deles

levar um gado. Levava, matava e eles me pagavam. Eu matava, entregava pra eles e depois o chefe deles me pagava. Nós éramos muito amigos... A convivência deles, com o pessoal da cidade é tranquila. Eles, às vezes abusam, bebem as cachaças deles, mas não fazem mal a ninguém não... Na época que eu cheguei aqui a terra deles já era demarcada... Não tinha muitos moradores aqui não. Era bem desordenado, havia muitas ruas desocupadas aí, essas ruas que têm pra cá não tinham, nem esses setores. Nada tinha. Só tinha essa rua principal aí mesmo e uma casinha pra aqui e pra acolá. Era devagar. Aqui não tinha muita gente porque era o seguinte: aqui era de fazendeiro. Esses fazendeiros aí tinham muita gente rica, com muitos gados.

As casinhas aqui eram de palha. Tinha muita casa de palha. Inclusive aquela que eu morei ali era de palha. Tinha muita casa de palha mesmo! As casas melhores eram daquele pessoal que tinha mais condições... Aqui eu trabalhei de roça e boiadeiro. O dinheiro que o homem me arrumou aí, eu fiquei comprando gado e vendendo. Eu passei uns vinte e cinco anos nessa labuta. Com cinco anos eu devolvi o dinheiro do homem não é? Mas o meu conhecimento estava muito grande, que eu não precisava quase nem de dinheiro. Comprava com quinze, vinte, com trinta dias porque o pessoal confiava. Aí eu devolvi o dinheiro do homem e fiquei mais uns vinte cinco anos trabalhando. Mas aí chegou a idade e eu deixei. Aí encostei. Esse gado eu vendia aqui mesmo nesses compradores de Araguaína. Comprava fora e juntava aqui e os caras vinham de fora e compravam.

Outra hora fazia um compromisso e ia vender lá na beira do rio com os compradores de Colinas... Isso já foi aqui na cidade de Itacajá. Esse foi o jeito que eu arrumei de sustentar minha família. Agora eu comprei umas terrinhas fora e nunca deixei de colocar minha rocinha não. Colocava minha rocinha pra eu ter o arroz da metade da despesa. Aí eu colhia bem minha roça e as outras coisas a gente comprava. Porque quando você colhe uma roça, metade da despesa é o arroz. Aí sempre todo ano eu fazia minha roça.

Aqui quase todo mundo trabalhava com roça! Sofrido! Sofrido demais! Teve um ano que esse Antão colocou umas roças comunitárias. Por três anos tiraram a fome de Itacajá, com as roças comunitárias. Tirou a fome de Itacajá! Todo mundo arrumou suas coisas pra comer. Aqui no Marajá. Tinha uma terra boa aí e eles fizeram essas roças comunitárias. Foi uma das grandes influências pra Itacajá. Tirou a fome de Itacajá! Mas aí depois não sei por que acabou com as roças comunitárias. Aqui nós tínhamos uma saúde muito boa, com três médicos aqui, muito bem montada. Também desapareceu. E as roças também desapareceram.

Onde eu nasci eu nunca mais voltei. Encontrei com alguém que era parente nosso em Imperatriz, daquele pessoal que foi também foi embora de lá. Agora, aqui em Goiatins, de vez em quando eu vou. Mas lá onde eu nasci eu não voltei mais lá não... A gente não tem muito dinheiro, mas se um dia tivesse como, a gente ia. Só que talvez a gente vá encontrar poucos parentes lá. Teve um irmão que uma vez ele foi levar uma boiada no Parnaíba do Piauí e lá um dia ele parou lá em Sicupira e encontrou um parente nosso lá.

Minhas filhas sabem dessas histórias, elas sabem dessa situação da gente... Não. Não tem não. Eles não demonstram que tem vontade de conhecer minha família. Eles não demonstram não... Se fosse pra fazer tudo de novo eu não faria porque eu não tenho mais forças. As forças não dão mais. Mas vontade eu tenho, mesmo de morar no sertão como eu morei. A minha fazendinha com minhas criações, sinceramente, hoje eu sinto saudade dessas coisas. É uma coisa que eu não vou esquecer jamais. Hoje a gente vive aqui uma vida quase em solidão. Aí a gente vai ficando velho, o povo vai

ficando afastado da gente, o pessoal novo quase que não dá muitas horas pra gente. Eu sempre tenho dito mesmo pra minha mulher: “se esse carrinho, desse pra eu comprar, três alqueires de terra num lugar qualquer, eu compraria e iria acabar de tirar meu restinho de vida lá e ia abandonar eles aqui”. Não é porque seja uma coisa tão ruim assim, mas a gente ver a condição que a gente viveu que foi uma vida assim com um ar tão livre, com córregos, com banho tão bom, tão gostoso. Hoje a gente só entra debaixo da torneira aí, sai fora é só uma coisa só toda vida. Eu sinto muita saudade dessas coisas, porque foi o jeito que eu fui criado.

A gente nunca se esquece da pátria da gente. Então, aqueles dinheiros que passaram pelas mãos da gente, que a gente gostou, a gente nunca vai esquecer. Tem hora que eu penso assim: tinha meu cavalo de eu andar montado, tinha meu animal pra sair e andar montado. É como eu ainda ando hoje assim. Sair pra fora, montado em meu animal, ir à casa de um vizinho dá uma palestra, isso pra mim é uma riqueza tão gostosa. Voltar pra aquele banho, naquele animal, aquela coisa tão gostosa. É um prazer que eu tenho em minha vida! Olha vamos supor, aqui entre quatro paredes, eu vou te contar uma história: a minha esposa, eu fui a um parceiro há muito anos atrás. Uma sobrinha ia ganhar neném e eu peguei e fui ao passeio mais a mulher. Lá de noite eu comi uma comida e eu não sei como foi eu que comi um osso. E aquele osso passou dentro de mim eu adoeci. E aí eu vivia também lá na fazenda e fui sofrendo, sofrendo, sofrendo. À noite eu rolava no chão, cheguei ao hospital aqui morrendo, ia pra hospital de fora e batia tanta coisa, vai, vai, vai aguentando e doente, doente, doente.

Um dia, tem muitos anos, minha esposa deu infarto. Eu a peguei e levei pra Araguaína quase morrendo. Marcaram uma cirurgia para o coração dela. Aí dali, mais ou menos, um ano que marcaram essa cirurgia, ela foi e fez a operação e conseguiram. Mas eu prossegui doente toda vida e acompanhando ela. O meu caso foi resolvido após doze anos. Com doze anos eu caí aqui na hora de morrer mesmo, eu ia acabar de morrer mesmo. Carregaram-me pra Araguaína, acho que bateram uns três raios-X em mim e não encontraram nada. Aí disseram: “mas o homem vai morrer! É preciso cortar ele!” Aí baixou a faca em mim e achou um osso: a costela de uma galinha deste tamanho. Muito pus, muita água, muita coisa velha acumulada. Daí pra cá eu fiquei bom! Graças a Deus eu fiquei bom. Mas, foram doze anos. E ela que seria operada, foi pra ali e um tempo desses ainda tornou dar outro infarto e quase morre. Nós lutamos lá no centrocárdio. De vez em quando ela vai nesse centrocárdio gastar dinheiro lá pra fazer uma revisão. Porque ela é operada, foram feitas três pontes de safena. Aí a vida da gente é assim! É uma vida lutada, mas eu dou graças a Deus ainda de está vivo, a gente vai lutando a vida. Tendo uma pessoa igual ao senhor que chega aqui pra nos dá uma força, nos alegrar, conversar mais nós, a gente fica satisfeito.

Olha, é o seguinte: muitas vezes a gente se arrepende, não é? Às vezes a gente faz alguma grosseria com alguém, à gente se arrepende, não é? Que grosseria não é coisa da gente fazer porque eu sou um homem crente, que tem honra da igreja, bem aí mesmo dessa igreja da Assembléia de Deus aqui. Às vezes a gente se arrepende, muitas coisas a gente se arrepende. Agora na minha vida mesmo, que eu sinto um maior arrependimento, é de eu ter desfeito da fazendinha que eu tinha. Esse é o único arrependimento que eu tenho assim, maior, é esse. Porque esse é o seguinte: as outras coisas que a gente se arrepende materialmente, mas espiritualmente, a bíblia afirma que tem uma solução, não é? Então Deus ajude que tenha. Agora essas que eu fiz materialmente, essas eu me arrependo, sinceramente. Agora essa fazenda minha era na beira do ribeirão Tabocão. Foi uma época que eu fui muito feliz, cheguei a possuir bastante gado lá. Nós subíamos de animal, pra vir aqui eram três dias de viagem. Porque nós saíamos de lá, no dia que saía de lá chegava aqui. Aí dormia, no outro dia que ia fazer as comprinhas. Aí pra voltar, pegava o carro aqui que ficava no meio da estrada, pegava a tropa e tornava voltar.

Até que um dia eu chamei um genro e compramos um carrinho. Compramos na “sociedade”, eu mais meu genro. Pra facilitar essa viagem de lá, aqui. Aí graças a Deus, deu bem. Depois nós vendemos esse carrinho e compramos outro mais forte. Aí depois quando eu vim embora pra cá e deixei a fazenda com eles, aí eu vendi o outro carro e dividimos o dinheiro. Aí ele comprou um pra ele e eu fiquei com as novilhinhas e coloquei-as em uns pastos pra lá, depois com muito tempo eu comprei isso aqui. Mas nem vender lá eu vendi! Mas eu quero vender porque tem um neto meu que é quem guia pra mim e vai casar e aí eu quero vender... Não aprendi dirigir não, tenho medo. Quando eu vou lá pra cima da serra, eu pego ele e ando lá na rua, em cima da serra, eu ando. Mas aqui eu tenho medo de bater e a coisa complica.

## **BENUCA FÉLIX SOARES**

Entrevista em 31/ 01/ 2011

Benuca Félix Soares um homem de personalidade forte, de raízes nordestinas, também se aventurou nos garimpos, também sente falta da época em as pessoas eram mais solidárias umas com as outras e outras coisas, destaca que Itacajá é uma cidade que “corre” dinheiro.



“Naquele tempo existia cama era de talo de buriti...”

Eu nasci em São João dos Patos, no Maranhão... Meu pai era da Paraíba, mas já morreu. Mas eu nasci em São João dos Patos... Minha mãe também é dessa região paraibana. Eu sou filho legítimo de São João dos Pastos, no Maranhão. De lá, vim pro Balsas. Do Balsas, eu morei distante do Balsas vinte e duas léguas. Naquelas “eras” 1952 eu fui pra São Paulo e morei quatro anos lá em Barretos. Lá, eu tenho um filho, tenho um irmão, um sobrinho. De lá vim pro Maranhão, do Maranhão vim pra cá, que era Goiás. Fui para o Pará, Mato Grosso, Rondônia. Passei dois anos na divisa do Brasil com a Bolívia. Aí voltei pra aqui e escolhi esse lugar aqui pra mim. Esse aqui, eu gosto disso aqui! Eu cheguei aqui no mês de julho 1976, aqui em Itacajá... Eles contavam. Eles contavam aqueles casos, porque naquele tempo, os velhos todos tinham casos pra contar. Contavam o que era que faziam e o que era que não faziam. Aquilo, naquela época era tudo diferente das coisas de hoje. Não é como hoje não. Eu fui criado de um jeito, que meu pai, quando ele estava conversando mais os outros compadres, ninguém conversava, ninguém escutava nada daquilo ali que eles falavam. Era o que eles entendiam: só faziam mostrar o dedo, “nego” escapulia pra ali. Era tudo diferente... No Maranhão, moravam em São João dos Patos... Não, lá não era povoado não, lá era cidade. São João dos Patos era uma grande cidade no Maranhão.

Quando eu mudei pra aqui, ainda era Goiás. Não era Tocantins. Eu mudei pra cá e desse tempo eu estou aqui. Mas aí virou Tocantins e fiquei morando toda vida aqui... Meus pais também mudaram, moraram pertinho daqui. Morreu em 1962... Itacajá era Porto do Vau... Chamavam de Porto do Vau porque era onde todo mundo passava. Tinha o Porto ali e era do Vau e não tinha canoa, era

por dentro d'água. Eu não sei por que botaram esse nome "Itacajá". Sei que foi bom. Sei que é uma grande cidade aqui, pra mim. Tenho filho, em julho fez um ano que eu vim de lá de onde eles estão. Quando eu não vou, eles vêm aqui. Eles conhecem a cidade aqui. Essa cidade aqui, pra você ver, aquele carro que vai passando ali, não é daqui não. Vem de longe pra vender coisas: da Paraíba, Pernambuco. Pode caçar que esse povo está todo aqui vendendo as coisas, tudo fazendo comércio, tudo fazendo essas coisas. Aqui a cidade é pequena, mas tem dinheiro e é bem organizada. É a melhor cidade que tem aqui no interior desse Tocantins... Meus pais mudaram pra cá porque naquele tempo, era Goiás. E aqui naquele tempo era uma coisa que não existiam as coisas que existem hoje, entende como é que é? Era pra caçar meio de melhora, essas coisas. Aqui, naquele tempo não era como hoje. "Cabocó" vinha pra cá pra ser vaqueiro e as coisas eram todas diferente. Outros vinham pro garimpo. Eu também garimpei demais aqui no Pará.

Quando eu vim pra cá eu já era casado. Casei a primeira vez, a mulher morreu. Nove anos de casado. Depois casei com outra, vivi trinta e seis anos e nos separamos. Eu tenho doze anos que moro sozinho aqui nessa casa... Eu vim pra cá atrás dessas coisas. Atrás de benefício e de dinheiro. Porque eu morava lá longe das coisas e estavam descobrindo o Pará. E aí a gente veio pra cá. Eu e um cunhado meu fomos para o Pará, mas depois resolvemos vir pra cá... Não. Foi fácil se acostumar aqui. Naquele tempo as coisas eram diferentes, meu amigo! Naquele tempo não tinha isso que tem hoje não. Não tem essas coisas de hoje não. Naquele tempo você dizia: "faz sua casa ali". Dizia assim, naquele tempo quase todo mundo era compadre, dizia assim: "oh, compadre faz sua casa ali". Fazia a casa, moravam três, quatro, cinco, oito anos e ia embora pra outro lugar e deixava a casa ali, não tinha negócio de vender nada não. Você chegava, o compadre dizia: "vai lá na roça buscar melância". Levava era um jumento, botava a carga na cangaia, o jacá, quando chegava lá enchia de melancia, trazia. O sítio de laranja estava ali, tirava o que queria. Não se vendia. A vizinha matava galinha, era conforme o tanto de gente e ofertava pra gente. Hoje, eu vou te falar, nem os filhos fazem isso com a gente, comem é escondido.

Meus pais vieram pra cá de tropa: burro, jumento, cavalo. Montava em um pro outro ir tocando a pé, era assim desse jeito... O meio de transporte naquele tempo era só esse, não tinha carro não. Daqui, pra começar você ia ao Balsas comprar o sal e trazer. Porque aqui não tinha sal. Você queria remédio, você ia pro Balsas, comprar lá. Você queria a roupa, ia pro Balsas, comprar lá. Você queria um calçado, ia pro Balsas, comprar lá tudo. Fazendeiro rico aqui, eu vou te falar: quando matava a vaca, retalhava, fazia dez, doze, quinze cargas de coisas subiam e ia pro balsas comprar o sal... A carga era pra comer na estrada. Era isso porque não tinha outra coisa. Levava o arroz, a farinha, tudo socado no pilão... Demorava muitos dias. Eram quinze, vinte dias. Do maranhão pra cá, não demoramos muitos dias porque, a primeira vez que eu vim do Maranhão, eu vim de tropa. Era eu e três companheiros. Depois eu voltei pro Maranhão, lá fiz uma balsa, desci pro Balsas, lá peguei um ônibus pra Carolina, de Carolina vim pra Filadélfia, pro Estreito. Do Estreito já tinha essa BR, eu peguei um carro pra vim pra Colinas. De Colinas vim pra cá. Morei nesse mundo aí todinho: morei em Colinas, morei na Alvorada, morei nesse mundo todo aí e estou aqui em Itacajá... Quando meus pais vieram, eles vieram de tropa, não tinha outro apelo não. Era de tropa! De tropa! ...Eles demoraram muito porque naquele tempo, eram cinco seis léguas por dia. Oitenta, cem léguas, você imagina quantos dias batia: batia vinte dias pra você tirar cem léguas. Porque você levantava de manhã, não tinha quinta, o animal era peado. Você ia atrás pra panha aquilo tudinho, com toda dificuldade... As coisas de comer, já trazia tudo! Não outra coisa não, trazia era tudo.



Na mudança meus pais traziam tanta coisa... Era nada, Rapaz! É besteira! Naquele tempo era panela, comida, essas coisas. As coisas naquele tempo eram tudo bobagens! Agora rede e lençol traziam bastante, naquele tempo não tinha cama. Naquele tempo existia cama era de talo de buriti, pra quando a mulher fosse parir. Na hora que ela parisse que tivesse com um mês, ela não deitava mais na cama, ia era pra rede. Ainda hoje, no Maranhão tem esses lugares. Mas eu lhe digo e não é mentira: eu conheço Tocantinópolis! Fui lá várias vezes. Mas lugar e cidade pequena no estado do Tocantins, que nem aqui Itacajá, são muito poucas. Você está num lugar que tem dinheiro! ... A cidade é bem arrumada, no jeito! Pro tamanho da cidade, é bem organizadinha, limpa. Ainda agora passou o carro de lixo aí, pegando lixo.

Isso aqui, quando eu cheguei, eu vou lhe falar: isso aqui era quinta! Só tinha aquela rua lá daquela igreja lá daquela praça. Depois é que surgiram aquelas outras ruas tudinho. Era desse jeito. Bem aqui era um curral da matança de matar vaca, onde estão essas casas ali. Hoje o curral da matança está longe daqui.

Energia? Aqui tinha o motor de um homem chamado Gregório Maciel. Era no motor até dez horas da noite, aí ele apagava aquilo ali e ficava tudo no escuro. Quando eu cheguei pra aqui não tinha fogão a gás, era na lenha, no caipira... Todo mundo era assim. Todo mundo tinha lenha em casa. Isso aqui tudo era mato! Ia pra fazenda, lá se eu botasse roça lá, eu vou te falar: tinha lenha, no tempo que eu cortava, cortava e dava pra quem não tinha roça porque eu morava aqui. Hoje acabou! Os “nego” hoje vou te falar: não te dá um pau pra tu trazer e queimar em casa. Só se tu botar roça... Escola já tinha aqui quando eu cheguei. Tinha escola, tinha o orfanato acolá das crianças, onde cuidavam de crianças... Era o orfanato Batista, o Lar Batista eram tantos que cuidavam aí, que eu vou te falar. O que eu conheci primeiramente era o Benjamim. Aí depois foram aparecendo foi muitos. O Dodanin, ele que construiu o Lar.

Naquele tempo a saúde aqui era boa. Você bebia fedegoso, mata-pasto, toda coisa, tudo era remédio. Era preciso usar remédio do mato porque não tinha médico. O médico, quando eu cheguei pra aqui, era um farmacêutico chamado Zé Porto. Era o dono da farmácia. Quando você passava mal, ia lá e ele passava o remédio. Fora ele não tinha mais ninguém. E ele era bom pra tratar, era bom pra passar remédio. Era difícil médico aqui. Eu vou te falar uma coisa: que naquele tempo mulher não morria de parto porque quem pegava o menino era outra mulher, a parteira. Pra pegar os meninos das mulheres, ainda hoje tem parteira velha aí. Era desse jeito! Esse aqui mesmo nasceu, foi uma mulher que pegou. Nascido pela parteira. Tudinho, todo mundo aqui. Era a parteira quem pegava. Só hoje que as crianças menores que nasceram, foi médico que pegou. E era boa! Tudo era comadre. Parteira velha, aquilo ali não tinha outra coisa, quando ela pegava um menino, deixava a sandália pra ela. Chamava era “pracata” (alpercata), não era sandália não. Dava chinela, dava roupa, dava lençol. Ela tinha de tudo na casa, eram os montes que ela tinha porque quando ela chegava de um menino, já passava pra outro. Era desse jeito... Não tinha parto complicado, não sei como é que não tinha. Não tinha outro apelo não. Quando surgiu isso aqui, era coisa bem mais diferente que os outros, que eu vou te falar uma coisa! Mas tinha mais assim uma liberdade no povo, todo mundo era amigo. Hoje acabou. O povo não liga um pro outro. Mas não é só aqui não. Em todo lugar do mundo está assim.

Não! Não morei não. Já fui nessas aldeias que tem aí, fui lá em Tocantinópolis, na aldeia São José, na Mariazinha, num bocado delas lá. Tem o Raimundo que trabalha nas aldeias também, ele hoje, tem um comércio lá... Ah! Aqui toda vida teve índio demais! Demais da conta! Eles já andavam aqui, era índio demais! ... Não! Não teve conflito aqui não. Aqui nunca teve confusão com os

índios. Depois que eu cheguei nunca teve. Eles bebem aí no meioda rua, deitam aí, quando fica bom vão embora... A convivência aqui é tranquila... A terra dos índios toda vida foi aquela lá, toda vida foi respeitado. Só que naquele tempo, quando eu cheguei aqui, ainda tinha muita gente morando lá. Aí depois foi tirado e o pessoal saiu na área dos índios. Lá não tem brasileiro, cristão não, “cupem” (branco) que nem eles tratam. Hoje tem o “cupem” porque é a maior parte das índias casam com os “cupem” e os “cupem” casam com as índias. De primeiro não tinha isso. Hoje é desse jeito. É como lá em Tocantinópolis, lá vai acabar os índios... Tinha, mas naquele tempo eram poucos moradores. Porque quando eu cheguei pra aqui, eu quero dizer que eu não sei dizer. Porque tinha Itapiratins, tinha Recursolândia, Centenário, esses lugares todos perteciam ao município de Itacajá. E hoje, vou te falar: tem Itapiratins, tem Centenário, Recursolândia que não são mais do município de Itacajá.

Aqui em Itacajá a população está pouca. Eu ouvi falar numas sete mil pessoas. Era de primeiro. Hoje em dia tem muita gente aqui demais da conta. Porque tem gente de fora. Aqui tem gente de quase todo lugar. As casas aqui eram casinhas de palha e de tijolo. Pois é. Casinha de palha e tijolo. O comércio era uma coisa tão diferente, rapaz! Mas toda vida teve um Comercinho. Aqui eram poucas coisas que tinham. O açougue, eu vou te falar: quando matava vaca, já era preferida. As carnes melhores já eram para os comerciantes, para os ricos. Era vendido até o osso. Até o corredor. Por causa, que eram preferidos seus pedacinhos. Por acaso a poupa, essa carne de primeira já era toda encomendada. Aquilo você ia era na fila pra você comprar um quilo de costela, de osso essas coisas. E hoje, aqui no Itacajá tem nove açougues. Naquele tempo era um só.

Bem aqui tinha um cabaré. Você queria vim pra onde estavam as mulheres... Hoje, aqui não tem mais. Cabaré é aí mesmo no meio da rua: você pode convidar as “negas” e puxar ela aí para um canto e pronto. E tinha um Cabaré bem aí que chamavam de Ranchão. Existia rapariga! Hoje não existe mais nem rapariga, nem puta. Não existe mais isso. Tem as mulheres que dão pra quem elas querem. De primeiro a mulher largava o marido ou o marido largava a mulher, eles não se juntavam mais de jeito nenhum. Hoje se largam, ela vai parir de outro cara, depois ele a toma novamente e vão viver tudo junto, tudo bom. As coisas hoje são tudo diferente... É consegui melhorar. Depois que eu estou aqui eu vou te falar: eu já possuí carro, caminhonete, jipe, já comprei boi registrado, burro de raça, todas essas coisas eu já possuí. E hoje eu não tenho nada disso. Tenho essa casinha bem aqui, mas hoje, eu quero até que escutem: eu me considero rico, mas sou rico das graças de Deus, eu sou crente.

E a pessoa que é crente, que está com Deus, não tem pobreza com ele. Aqui nessa casa duas coisas você não encontra: fome e mulher. Aqui não tem essas coisas: fome e mulher não têm... Eu sou largado da mulher tem uns doze anos. E não somos intrigados, nós conversamos e tudo, mas ela vive particular. Deixei-a numa casa e fiz essa outra aqui e pronto! ... Ela é a mãe dos meus filhos. Eu tenho dois filhos com a primeira mulher. Eram três filhos que tinha, mas uma morreu: a dona dessa casinha aqui. Mas tem dois filhos da primeira mulher e nove dessa derradeira. Tem deles aí por São Paulo, tem deles por Goiânia, tem deles por todo lugar aí: Araguaína, Tocantinópolis...

Não tem nenhum médico, mas todos são formados, todos trabalham, todos têm curso, têm emprego. Eu tenho um mesmo que é gerente de um frigorífico, em São Paulo, Barretos. Despacha carne pra esse mundo todo: para os estrangeiros, pra todo lugar. Tem outro que mora em Campinas, tenho uma filha que mora em Goiânia, outra que mora em Arraias. Aqui moram três: tem o Zé Félix, que é funcionário da Funai. Tem o Bruno, que trabalha no estado, é mecânico nessas firmas, nessas companhias. Tem um aqui que é motorista da prefeitura. Tem uma que trabalha no hospital. Tem outra que é agente de saúde aqui. Todos têm seus empregos.

Meus filhos estudaram aqui, na escola mesmo, não foi no Lar Batista não... No Maranhão meus pais trabalhavam de roça... Eu também. Naquele tempo, vou te falar uma coisa, naquele tempo se você quisesse ensinar um filho você tinha que pagar professora pra ensinar. Porque não tinha outro apelo não. Tinha que pagar professora pra ele ir pra casa ensinar os filhos. Quando a pessoa estudava a quarta série, é que nem hoje, quem tem o segundo grau. Era na palmatória, tudo tinha lei. Não é como hoje não. A primeira coisa que tinha, era o aluno respeitar o professor. Hoje o aluno não respeita o professor não... Eu vou te falar: eu não estudei com professor particular, eu saí naquelas “eras” de 1952 pra ir caçar uma fazenda pra ser vaqueiro aqui em Goiás. Mas cheguei aqui em Novo Acordo pra aqui e lá tinha um garimpo, eu fiquei lá. Depois chegou dois homens de Porto Nacional e falaram: “rapaz, larga essa besteira, vai pra São Paulo, São Paulo é teu lugar”! Aí procurou: “vocês têm documentos?” Eu disse: “não, tem não”! “Pois tem que tirar o registro porque sem o registro não vai pra lugar nenhum”! Lá em Porto Nacional foi que eu tirei meu registro. Eu estava com vinte e três anos! Em 1952 foi que eu tirei meu registro. Eu fui pra São Paulo, fiquei esses anos lá. Aí lá em Porto Nacional um juiz mandou assinar: “pega, assina aqui”! “Eu não sei”. O outro meu irmão disse: “eu não sei”. Só tinha um que sabia. Ele disse: “você assina e vocês daqui a dez dias vêm pegar o registro de nascimento e pagar dez mirreiros pra essa mulher ali.

Aí quando nós saímos dali, eu já passei na casa do homem lá, já comprei uma garrafa de querosene, uma lamparina e esse cunhado meu que assinava, ensinou pra nós o “abc”. Naquele dia mesmo que eu fui lá pra receber as coisas, eu não sabia outra coisa, mas eu já sabia assinar meu nome. Aí de lá pra cá é toda vida desse jeito. Fui pra São Paulo, lá tinha aquele povo, aquelas coisas, a gente ia treinando, ia lendo aquelas revistas gaguejando. Hoje eu sou crente, tenho minha bíblia ali, eu desenvolvo mais ou menos. As coisas são tudo meio complicadas. Naquele tempo o cara que era bom, o cara de valor era aquele que era bom pra cortar de machado, roçar de foice e limpar de enxada. Aqueles que eram os homens bons. Agora, hoje em dia, esses não valem nada. Hoje se você não tiver um curso, uma coisa, vou te falar: o que é que você faz? Você não faz nada! Tem que ter um curso, tem que ser formado, porque se não for, acabou... Naquele tempo os pais botavam os filhos era pra trabalhar.

Depois que eu vim pra cá eu nunca mais voltei lá onde eu nasci. Fui lá agora encostadinho de lá. Faz muitos anos, porque eu saí de lá em 1945. Tenho minha madrinha, que ainda hoje é viva. Um dia desses ela mandou um recado pra mim. Velhinha, velhinha! ...Não. Não tenho mais vontade de ir não. Tenho vontade mesmo de ficar é aqui. Pra você ver: eu tenho filho em São Paulo, em Tocantinópolis, todos me convidam. Mas, não! Eu quero ficar é aqui mesmo! Aqui está bom! A gente pode entrançar as pernas aí que ninguém vem atentar a gente. Nesses outros lugares é diferente. Quer ver, você presta atenção que essas cidades organizadas, não têm muro nas casas, não tem nada. Outros lugares por aí tudo é no muro... Eu nunca mais fui lá e também não tenho mais vontade de ir. Aqui é a cidade que eu gosto.

Meus filhos me convidam pra ir pra onde eles, mas eu não vou. Porque aqui está bom demais! Cidade boa que nem essa, não tem... Meus filhos sabem de toda essa história. Eles são conhecedores dessa história... Não! Eu não me arrependo de nada. Mas eu não faria o que já fiz quando eu era novo. Trabalhei doze anos na prefeitura daqui e saí porque era só contrato. Trabalhei de guarda também.

## **RAIMUNDO BARROSO DE MOURA**

Entrevista em 01/02/2011

Raimundo Barroso de Moura é um homem que se atirou na aventura das ilusões de garimpos e hoje é uma pessoa sozinha, venceu um câncer de próstata, tem posses e trabalha com comércio tipo “Quitanda” como é chamado pelos moradores do lugar.



“... tudo é ilusão da vida...”!

Eu nasci na cidade que chama Parnadrin no Piauí e a fazenda mesmo chama Lagoa do Boi que fica bem encostado essa fazenda nossa lá, meu pessoal tá tudo lá. Meus pais também nasceram lá, mas já morreram, tem muito é irmão, cunhada, sobrinhos, a família é grande lá... Meus pais nasceram na cidade de Picos... Eu abri no mundo, parte pro garimpo, garimpo é uma cachaça, é um feitiço danado, o camarada bate e num faz nada, mas está na ilusão e mesmo assim eu bati um tempão lá sem arrumar nada, aí eu digo não eu vou largar de mão, num vou aguentar mais não, eu vou botar pra encostar, não é? Tenho um comercio aqui, tenho minhas coisas lá no Piauí. Vou lá eles vêm aqui, tenho uma terra aqui, mas ainda não achei um negócio pra eu poder vender, porque meu ideal é ir pra lá e meu pessoal é muito revoltado porque eu vivo sozinho aqui e lá eu estou no meio deles, tenho minhas coisas lá, e é muito longe pra viver pra lá e pra cá.

Tenho as coisas aí, mais enquanto não achar negócio pra vender tem que esperar, não é vive já numa idade dessas, sadio já não é mais porque gente velha já sente tanta coisa inclusive está com uns quatro anos que eu fui operado em Teresina lá no Piauí da Próstata. Eu arruinei, arruinei mesmo, muito rui, aí meus irmãos chegaram aqui e disseram vamos, vamos pra Teresina e lá operou e graças a Deus eu estou sadio levando a vida, não é? Eu ainda andei tirando algum ouro, mas ouro era barato naquele tempo, comprei máquina com chupadeira, mais acho que devo ter tirado uns três quilos de ouro, mas depois garimpo naquele terreno de ouro vai acabando o ouro e vai gastando mais e é aquela ilusão, aí toma o dinheiro que já tem, máquina dana a quebrar aí eu digo “não vou aguentar mais não” muda pra outro lugar, muda pra outro e cada lugar pior que o outro.

No tempo que eu bamburrei se eu tivesse saído tinha sido melhor pra mim, mas aí fiquei naquela ilusão de querer mais. E naquilo faz é tomar o que já tem “tudo é ilusão da vida”. Quando eu saí pro garimpo eu não estava morando aqui não. Aqui mesmo no Tocantins o garimpo era muito ruim, aí entrei no Pará perto de Redenção num garimpo pra lá até que vendi as máquinas velhas todas quebrando, aí rendeu um pouquinho de dinheiro, aí cheguei em Tupiratins do lado de lá do Rio comprei uma casa botei um comércio agora vou descansar. Até andei caçando garimpo por ali mais uns velhos que tinha lá, mais não dava nada aí botei um comércio lá, mas lá era muito fraquinho então eu mudei pra cá em 1981...

Lá no Piauí o local onde nós morávamos era nosso mesmo ficava afastado uns seis km, era um patrimônio naquele tempo que chamava Costa depois passou a cidade Parnadrin hoje é uma cidade boa. Está bonita tem tudo lá, tem Prefeitura, tem Radio, tem Supermercado de dois andares, tem calçamento e o prefeito trabalhando, tá indo! Tá aprumada! Tem muita lavoura, muito gado também, corre dinheiro com a lavoura do Caju, criação de Abelha, então aquilo é dinheiro na hora! Lá mexe com tudo, lá tem lavoura de toda coisa, lá tem fartura de tudo, de tudo! Tem muito bode, lá eles tudo tem, mas eu tenho um irmão lá que francamente eu acho que ele tem de 500 a 600 cabeças de bode, então lá por semana nasce uns 50 cabritos, os bichos já nascem com as orelhas em pé, tem bode da altura desse balcão, cabrona também, são criados soltos lá, eles comem naquele pé de morro de tardinha eles vêm pro curraú e vem por conta própria. Dá muita renda, quando capa aqueles cabritos novos eles se forma em um bodão, tem os açougueiros que compra é carrada de bode e no mercado de carne não falta carne de bode e carne de ovelha.

Quando eu aqui cheguei à cidade já tinha esse nome de Itacajá, esse nome segundo o povo é mais antigo, porque passa esse Rio ai Manoel Alves, aí tem um porto aqui aí tem uma pedra que chama Ita e tem uns pés de Cajá lá perto dessa pedra Ita, aí botaram Itacajá, de certa forma foi uma homenagem a natureza... Eu vim pra cá é porque vivia trabalhando e tenho esse patrimônio aqui no município de Goiatins, aqui perto do Alto Lindo é uma casa verde lá na chácara, tem criatório de porco, está cheio de tudo! Feijão, mandioca, já está colhendo feijão o zelador de lá, eu tenho um carinho e de vez em quando eu vou lá porque eu ajunto muita coisa aqui pra levar pros porcos, frutas que não dá pra vender por conta da qualidade e resto de comida de vez em quando eu levo lá.

Eu me acostumei fácil, foi fácil! Todo mundo é amigo da gente aqui e logo que cheguei coloquei esse comércio e só não vou aumentar porque não compensa, trabalho com um dinheirinho desse tento (pouco), mas é dinheiro! Mas não devo, nem de cheque eu gosto, aí vai indo de defendendo. Aqui ainda é naquele modelo que chamavam de quitanda, as prateleiras de pau, balcão velho de pau, isso aqui para aquele tempo uma casa desse modelo era tipo de uma engenharia toda travada desse jeito assim. Tem travamento como diabo, não é? Para aquele tempo foi bem feita, mas pra hoje não presta não... Quando eu saí do Piauí já foi de carro, saí no Tocantins acolá, rodei pelo Mato Grosso, pelo Pará, eu já andei muito, gastei muito tempo no mundo, muito tempo perdido! Mas também foi uma viagem tranquila, mas antigamente era de animal, mas quando eu vim já tinha carro, tinha ônibus, tinha tudo já.

Eu trazia mesmo só uma malinha de roupa e não vim direto pra cá não, eu rodei o mundo aí!... Itacajá eu posso falar que já era desse jeito, aqui não tem rodoviária, já tinha os comércios só que era mais fraco, agora não tem supermercado grande tem tudo. Os carros eram poucos, agora tem mais carro do que gente, certo que evoluiu muito de certos tempos pra cá! Já tinha algumas ruas calçadas, todo prefeito que entra faz um pedacinho, essa rua principal já era calçada desde lá da ponte ali do rio, já tinha energia.

Na época que eu cheguei já tinha hospital, médico o problema é que a saúde aqui é muito fraca, mais tem médico aqui todo dia, aí tem certos casos que o médico manda pra Araguaína, tem ambulância! Agora essas coisinhas, mais fracas eles fazem aqui mesmo, dentista essas coisas, corta às vezes uma coisinha... Coisa mais complicada eles não fazem porque não tem equipamento, não tem uma junta médica, só tem um médico só, não é? Então quando eu cheguei à cidade já estava toda estruturada, já tinha prefeito e tudo, eu não alcancei as dificuldades que teve aqui não. Essa cidade é velha, o aniversário dela já passou de 50 e tantos.

Nunca morei nas terras dos índios e nunca fui a nenhuma aldeia, mas os índios não saem daqui eles são danados por cachaça. Tem essa aldeia aí por do outro lado, os índios são preguiçosos, eles plantam pouco, mas fazem as coisinhas deles lá, a maioria está no aposentado, outros são funcionários lá ganhando tudo do governo, isso ajuda não é? Lá eles têm tudo, tem colégio, tem professor, tem agente de saúde, tem muita coisa lá! A convivência com eles aqui é tranquila. Quando eu cheguei aqui já tinha muita gente, mas aumentou porque sempre aumenta não é? Tinha umas cinco, seis ruas aí, agora já têm umas dez... Lá no Piauí nos trabalhávamos na fazenda com gado, lavoura de roça, com criação e aí quando cheguei aqui fui mexer mesmo com venda, mas ainda trabalho com roça não trabalho bem porque não tenho tempo, mas tenho vontade de trabalhar, eu num presto mais porque eu larguei de trabalhar, mas se eu trabalhar uma semana eu aprumo, nos primeiro dias dá febre, mas depois acelera e fica bonzinho, isso aqui é um complemento da renda e uma forma de ganhar mais um dinheiro num trabalho não muito pesado, hoje em dia tudo vale, tudo vende.

Eu nunca deixei de ir lá não, todo ano eu vou duas, três vezes e agora a semana Santa eu vou passar lá, a família já esta me esperando. Lá aonde eu nasci mudou muito já nem parece com aquele lugar de quando eu saí, a estrutura está outra, mas a minha família ainda estava no mesmo lugar de modo que não foi difícil de encontrar. Eu não tenho filho, essa criação pra me dar trabalho eu não tenho não, se eu tivesse acho que eu não seria boa coisa pra eles não porque eles queriam fazer como todo mundo faz aí e eu ia criar do jeito que eu fui criado porque menino naquele tempo respeitava pai e naquele tempo tinha cipó e hoje não tem mais cipó aí eles fazem é o que querem, mas eu tinha que obedecer, não era pra apanhar não, mas se não obedecesse, ah! aí apanhava.

Hoje eu não tenho com quem tratar então eu não faria essa viagem que já fiz não e mesmo não tem mais precisão, mas também não me arrependo de jeito nenhum de ter feito tudo que fiz e nem de ter saído do Piauí. Por onde eu andei tenho muito amigo posso chegar de dia ou de noite tava em casa. Eu vi muita coisa ruim, mas não tomava nem conhecimento, mas em todo lugar tem gente boa! A gente se junta com o que presta e com o que dá certo, mas em todo lugar que eu morei eu me dei bem.

## JOÃO ALVES FEITOSA

Entrevista em 02/ 02/ 2011

João Alves Feitosa está prestes a completar cem anos é uma pessoa de muita experiência de vida, mas a memória já lhe falha em alguns momentos, então ele reluta e conta o seu processo de migração, conclui dizendo que Itacajá era pequena como uma “caixa de fósforos”.



“Na minha época as estradas eram só no chão. Nesse tempo quando dava uma chuva ficava um lameiro”.

Eu nasci no Toá, no Ceará... Minha mãe é aqui do Piauí, aqui em São João do Piauí... Não. Meu pai nasceu lá no Ceará... Nessa região aqui, eu não lembro quando que nós chegamos, mas parece que foi em 1960. Nós morávamos no maranhão... Lá onde eu morava era periferia de Tauera... Era um povoado, no município de Floriano... A terra lá onde nós morávamos era nossa mesmo. Depois larguei no mundo, pra voltar com seis meses, esses meses foram e nunca mais... Quando eu saí de lá eu vim só. Meu pai e minha mãe já tinham falecido. Fui tocando no mundo e me virando... Quando eu cheguei aqui o nome Itacajá já existia. A primeira viagem que eu fiz pra cá, aqui chamava de Porto do Val. E aí mudaram pra Itacajá, aí ficou. Mas eu não sei o porquê desse nome não. Não fiquei sabendo por que colocaram esse nome.

Eu mudei pra cá porque a gente vai andando, vai andando, depois aquieta num lugar e quando a gente arruma um lugarzinho pra fazer uma casa, aí vai tirar o resto da vida... Não foi muito fácil, mas também não foi difícil demais pra eu acostumar aqui... A maior dificuldade era pra você arranjar um dinheiro, uma coisa que aqui era difícil! Quase não tinha serviço pra gente, à gente vivia de roça... A viagem do ceará foi meus pais que me trouxeram pra cá. Eu fui criado não foi mesmo por meus pais, fui criado pelos meus padrinhos. Com três meses e vinte dias me deram para meus padrinhos. E aí os pais que eu conheço são eles... Eu vim de lá pra cá de animal. Nesse tempo a gente andava era de tropa... Não. Não demorou muito tempo não. Aquilo a gente passava três meses num lugar, um mês noutro e aí ia andando. Mas toda vida viajando de animal. Agora está mais tranquilo, porque viaja de carro.



A gente trazia carne, farinha, rapadura, essas coisas que a gente usava... Arranchava na estrada e quando era no outro dia, seguia a viagem... Tinha vezes que era em casa de alguém e outras vezes você arranchava numa aguada, botava o animal pra comer e aí quando era hora de viagem tornava arribar... Dormir na estrada às vezes dormia, mas procurava sempre as moradas que tinham na beira da estrada. Tinha vez que a travessia era grande, a gente às vezes dormia na passagem daquelas travessias. Porque não dava da gente tirar num dia. Aí tinha que dormir ali, dormir não, porque quando era assim a gente ficava velhaco, com medo de alguma coisa. A gente passava a noite e quando eram cinco horas da manhã a gente caía nos paus baixos... A gente viajava muito de noite. Viajávamos duas, três léguas se fossem possível, aproveitando a claridade da lua... Às vezes vinha companheiros mais eu, outros ficavam, outros passavam, era assim: viajando toda vida. Quando chegava num lugar arranchava e ficava muitos tempos trabalhando... Era em fazenda. Fazia um cercado, um açougue. Aí chegamos aqui e aqui ficamos.

Na mudança do Ceará, eu só trazia uma cela e umas coisas de botar comida, a roupa, a coronha... Itacajá quando eu cheguei aqui era uma caixa de fósforos! Só lá embaixo, lá no centro. Aqui pra cima era só mata, taboquero. Agora é que deu um pulo de alguns anos pra cá, deu um pulo! Nessa mata faziam roça, caçavam. Eu conheci aqui, dois comerciantes quando eu cheguei pra aqui. Eram só dois comerciantes. Mas depois começou crescer e o povo pegou a chegar, a morar pra cá. Do Maranhão, foram atravessando e hoje Itacajá está grande... O pessoal que chegava pra cá era quase todo do Maranhão.

No tempo que eu cheguei eu conheci o finado Né, Paulo Teixeira, o pai do Masolene, que era o velho desses “Rocha”. Depois veio o Manu Carneiro, que comprou fazenda e ficou mexendo nas fazendas aqui. Mas acabou com tudo... Coisa pra comer a gente plantava uma roça aí de toda coisa tinha pra comer e deles que dava de vender. Agora roupa ia comprar em Carolina, em Porto Nacional e Miracema que é a cidade mais velha. Era Manga, que hoje é Floriano. Floriano também já foi formada com muitos anos... Era. Ia de tropa pra pegar o sal, na Barra do Corda. Pegava o comboio de carga e levava oito, dez cargas. Trazia tudo numa vez. Passavam semanas e semanas! ...Se levasse dinheiro, pagava logo. Se não, comprava com prazo de ano. O prazo era um ano.

A gente ia ajeitando aquele dinheiro e ia guardando pra quando chegasse aquele tempo de pagar aí o camarada ia. Às vezes o camarada estava devendo Cinquenta Mirreís, vinte e cinco, trinta. Naquele tempo as mercadorias eram baratas, toda coisa era mais barata. Vendia um gado por dez, Doze Mirreís. Naquele tempo era muito dinheiro... Comprava de tudo que tivesse precisão no correr do ano, nós comprávamos e trazia a carga. Uma carga de malaenchia de peças de pano e “disterrava” pra cá. Aí ia trabalhar aquele ano pra ajeitar aquele dinheiro pra quando chegasse o tempo, está no jeito... A dificuldade naquele tempo era grande, hoje não tem dificuldade. Se você quiser ir em Colinas ou em Araguaína, sai daqui de manhã, vai lá, quando é de tardinha ou de noite, está aqui. E naquele tempo uma viagem dessas era dois ou três dias... As ruas aqui foram no tempo do Masolene. Ele quem começou lá em baixo, começou fazer esse asfalto. E aí depois outros entraram e foram fazendo. Um faz um pedaço, outro faz outro. Agora tem esse aí, o povo diz que ele é ruim, mas eu o acho bom. Tem aumentado muito, a cidade num monte de coisas.

Na minha época as estradas eram só no chão. Nesse tempo quando dava uma chuva ficava um lameiro... As casinhas eram de palha. Aqui tinha muita palmeira e a gente tirava muita palha, cobria a casa, aterrava dentro, no malho e pronto. Quando vinha fogo, se pegasse ia embora! ...No Maranhão rodava por um monte de lugares. Eu morava mais nas fazendas, depois foi que os donos das fazendas não queriam mais dá terra pra nós trabalharmos, aí foi ficando ruim e aí compramos



esse lote aqui e construímos esse “barraco” aqui... Tinha um bocado de fazendeiros aqui... Desses moradores que eu conheci naquele tempo ainda tem alguns vivos. Os que eram comerciantes nesse tempo parecem que não tem mais nenhum. O Luiz do Né ainda está vivo. O Masolene também não é muito novo não... Não. Nunca morei lá para o lado dos índios não. Mas toda vida eles pisavam aqui. Nunca deixaram de vim aqui. E agora estão mais porque toda coisa é para os índios. O governo dá apoio a eles... Não. A terra deles não era demarcada ainda não. Assim: tinha o círculo deles. Aí descia de cabeça abaixo e ia adiante da beira do Parnaíba e desviava e topava aqui no Maranhão, no Balsas. A beira do rio passa pelo o outro lado... Hum! Existiu uma questão deles aí, mas eu não sei contar o negócio dessa questão aí não... A convivência aqui eu não sei, logo eu não ando, fico só aqui dentro de casa, então eu não sei como é a conveniência deles aqui na cidade. É uma convivência tranquila.

Aqui já tinha um bocado de moradores lá embaixo, era tudo lá embaixo, lá na beira do rio... Escola, já tinha. A gente pagava um professor, nesse tempo era pago. Agora não, que tem essas escolas do governo... Já existia. Naquele tempo o Lar Batista já existia, cá pro mercado velho, rodando ali, a cidade era ali... Eu não tenho conhecimento, eu sei que tinha ele lá, eu estou ruim pra nome, não estou lembrado não. O Dodanin era um, mas ele trabalhava com os índios. Era o pastor Benjamim! Ele é quem era o chefe do Lar Batista. Ele é quem cuidava com o povo, com os índios. Lá funcionava escola também.

A saúde era mais na casca de pau! Se adoecia, ia pra casca do pau, numa coisa e ia sarando. Hoje não! Hoje está bom: tem doutor, tem tudo. Naquele tempo era com remédio do mato ou ir longe... Isso aqui de primeiro era assim: qualquer questão, alguma coisa que tivesse por aqui, corria pra Goiânia. Se pudesse ir, se não pudesse. Se não ficasse bom com o remédio do mato, ia pro pé de buriti... É! É o cemitério, porque lá tem um pé de buriti.

Isso é uma coisa que hoje em dia está uma facilidade para as mulheres. Mas de primeiro se sentisse as dores aí, era logo se virava, tinha as parteiras que tomavam de conta... Morria porque em todo lugar morre mulher de parto, mas hoje está sendo mais difícil porque tem os doutores que pegam aquele menino. Está bom, não é? E naquele tempo não tinha isso. Se desse as dores era obrigado a se virar no remédio. Fazia um remédio, qualquer casca servia de remédio. Com a fé tudo curava.

Meus filhos foram parteiras quem pegou. Não tem nenhum que foi pro doutor. No hospital, só depois que tomaram de conta de família, depois que casaram... A cidade hoje está boa. Mas é difícil, eu ir lá embaixo. Não sei como é que está lá agora... Mas a cidade está grande a vista o que era. Ela tem aumentado um bocado e parece que do jeito que está ainda vai aumentar mais. Hoje chove aí você não suja os pés de lama... Quando eu morava em Florianópolis, de lá nós vínhamos e aí falavam pra nós no rio Balsas, na barra do Uruçuí. Na beira do Uruçuí é que é a barra do rio Balsas com o Parnaíba. Aí subia no Parnaíba de cabeça a cima. E aí foi subindo, o pessoal. Subindo os motorzinhos com cargas pra vender, aí eu fiquei sabendo desse lugar. De lá atravessei pra cá. Do Parnaíba desci pro Balsas. Desci no rio Balsas, pra Pedreira por acolá. Só não conheço é a capital do Maranhão. Fui ao redor de lá cinco léguas, mas não fui lá a São Luis... No Ceará eu trabalhava de roça e aqui toda vida mexendo com roça, em fazenda alheia.

Pra ganhar mais dinheiro saía para trabalhar nessas fazendas aí pra fora. Depois peguei pensar que aquele serviço de trabalhar em terra alheia, era coisa ruim. Aí fui mexendo mesmo com a rocinha. Produzia o que comer e criava uma galinha, um porco, uma coisa e ia ganhando a vida... Não. Eu casei lá na beira do Parnaíba, lá em Santa Vitória, não foi aqui não. Já vim de lá com filhos, já tinha

nascido tantos filhos... Não. Nunca mais voltei onde eu nasci não. No Ceará eu voltei, quando tinha vinte e três anos. Foi a derradeira viagem que eu fui ao Ceará. Aí vim pra cá no tempo que meu pai de criação morreu e aí eu fiquei com minha madrinha até que depois eu toquei no mundo. Vim pra Floriano, de Floriano subi pro Maranhão e aí nunca mais voltei.

Eu ainda lembro-me de ir lá, mas eu não aguento ir lá mais não... Eu tenho dito pra eles sobre essas minhas viagens. Meus filhos sabem... Não. Que eu saiba nenhum foi lá onde eu nasci não... Também não falam de ir não. Sabem o rumo porque a gente diz à direção que era e hoje em dia pra todo lado que você quiser ir tem estrada pra todo canto. Naqueles tempos era só a estradinha, um caminho e tinha deles que eram ruins: subindo e descendo serras. Hoje está tudo uma facilidade, rapaz. A gente acha que não é, mas está uma facilidade. Muitas coisas que a gente precisa está lá na venda. Se você quer ir lá à beira do rio, sai daqui de manhã, vai e anda por Araguaína, por Colinas e a boca da noite está em casa. Antes era um mês pra ir e voltar.

Se fosse pra fazer essa viagem todinha de novo talvez que eu não fizesse mais não. Porque tem muitos lugares que eu tenho andado. E se for andar nos lugares que eu andei: por Ceará, Pernambuco, Bahia... Arrependi-me porque eu estava bem de vida e aí fiquei sem poder nem trabalhar. Isso dá arrependimento na pessoa. Mas sempre vivo passando bem, graças a Deus. Nunca me faltou mantimento pra eu viver... Tenho saudade do trabalho e arrependimento de muitas coisas que a gente botou fora naqueles tempos de novo, pegava e botava fora, dizia: “ah, eu sou solteiro, não preciso... vou fazer isso, fazer aquilo”. E aquilo atrapalha o camarada! Não pensa no futuro não, só está pensando em aumentar pra frente.

### **OLERIANO ALVES LIMA**

Entrevista em 02/02/2011

Oleriano Alves Lima, natural do Maranhão é uma pessoa corajosa, que briga por seus direitos, é destemido. Conta que conhecia Itacajá quando ainda não era Itacajá e sim Porto do Vau e fala com muita satisfação da relevância do Lar Batista.



“... eu conheço aqui do tempo do Porto do Vau...”

Eu nasci em Goiatins num lugar por nome João do Sitio município de Goiatins, nascido e criado lá, minha mãe nasceu no Grajaú no Maranhão e meu pai nasceu em Goiatins em João do Susto, nascido e criado lá, ele nasceu se criou e morreu velho lá na terra e ainda tenho um irmão mais velho que mora lá... Eu cheguei aqui em 1994 mais ou menos e isso aqui era só mataria... Lá onde eu nasci no João do Sitio era uma vãosada, dentro do vão, era vãosada de serraria que era ligado ao João do Susto, isso era uma vãosada mais feia do mundo, você está em cima olhando o trem em baixo, mataria boa, muita caça! Você descia as ladeiras nas serras.

Hoje mudei pra cá, mas ainda tem um irmão meu que mora lá, aí meus pais morrerem, aí dividiram, tem eu aqui, tem um no Kennedy e tem outro no Barro Vermelho, somos quatro irmãos, hoje eu vivo por aqui me dou mal porque estou todo acidentado... Eu vim pra cá porque naquela época aconteceu um acidente e eu vendi o derradeiro gado aí eu saí desgostoso, aí cheguei aqui o pessoal muito bom, não eu vou ficar por aqui, aí peguei vê, saímos com cinco pratos de arroz com casca e tocamos no mundo com a família, cheguei aqui roça comunitária, sexta básica dá de a gente ir escapando, aí ficamos por aqui.

Quando mudei pra cá aqui já se chamava Itacajá, mas eu conheço aqui antes de ser Itacajá, eu conheço aqui do tempo do Porto do Vau, não tinha ponte de cimento era de madeira, não tinha a delegacia ali, isso aqui tudo era mataria. Mesmo antes de mudar pra cá eu já passeava por aqui, conheço isso aqui de muitos anos! Aí depois que passou pra cidade de Itacajá, eu não entendo porque que mudaram, acho que foi porque mudou de prefeito que nem Goiatins que era Porto do Sitio, que mudou pra Piaca, depois mudou de prefeito de novo e aí mudou pra Goiatins, mas aqui mudou quando a cidade foi emancipada.

Foi fácil pra eu me adaptar aqui, cheguei aqui fui pra uma casinha de palha ali, aqui era só lixo, aí mesmo assim fiz um barracão e mudei com a família, aí o prefeito garantiu pra mulher que faria a casa se ganhasse, ele ganhou fomos lá ele disse “não é obrigado prometer e fazer”! “Tá bom”! Aí eu disse “pois eu vou fazer”! “pois quando tu fizeres me diz corri no Banco e fiz um empréstimo e larguei a ripa e aí nos viemos passando apurado, mas no tempo dos outros não, tinha roça comunitária, tinha sexta básica, já tinha ali o núcleo pra dar o leite, tinha o abrigo dos velhos o Orfeu era guarda lá, aí foi no tempo que entrou esse outro eu aposentei aí se acabou, aí derrotou tudo aqui dentro. Eu tomei muito antibiótico porque esse braço aqui é torado, essas costelas aqui todas, é rachada a cabeça em três lugares, é moçada aqui, é torada essa perna com a bacia, sou cego desse olho e deste outro eu enxergo, mas é pasmado, eu fiquei debaixo de um pau que dezoito homens não deram conta de me tirar debaixo foi obrigado corta de machado, aí vem vindo gastando, gastando e no dia que eu vendi a derradeira vaca foi que eu vim embora pra cá, aqui tem uma bondade, pode pegar o dinheiro bebe e deitar bem aí que ninguém mexe, tem outra também que as autoridades daqui só quer tratar mais é os bêbados, é! Embriagou é com eles mesmo, se tiver uma coisinha eles catam e nesses outros lugares não é assim, não tem freio ali e o velho é como eles dizem “nem o judiciário libera a polícia pra passar desse meio fio pra cá não” pra cortar uma energia, uma água sem a autorização do dono da casa é invasão domiciliar.

A viagem de Goiatins pra cá foi de caminhão, eu vim aqui e pedir um carro o senhor Masolene, aí ele mandou o caminhão aí vim, aí depois do Masolene passou pra Zé Vicente e depois passou pra Antão e aí passou pra esse agora que está aí. Nessa viagem não gastou meio dia de lá aqui, tem gente que tira dinheiro lá sai de manhã faz as labutas deles lá com uma, duas horas está de volta. Eu trouxe a mudança todinha! Agora minha família está pesada, são onze dentro de casa e não tem um emprego, aqui dentro dessa casa é só filho, tenho uma filha ali, aquela casa ali é de uma filha, tem a casa de outro filho lá pra baixo, aquele que vai passando é neto meu, tenho neto homem e tudo.

Um velho que nem eu, é como diz o Lula, um velho que nem eu com a família que eu tenho no mínimo éramos pra ter três salários e meio e com o direito a casa murada, sexta básica, medicamento, energia e água tudo por conta, ele contando pra nós, pro presidente do Sindicato lá, o presidente nós tudo junto como nós estamos aqui, lá em Brasília perto do palácio dele, mas aqui se pode tirar a camisa do pobre velho tira... Rapaz quando eu cheguei a Itacajá aqui mais era umas quinta velhas, só tinha mais morador dacolá pra frente, tinha uma casinha aqui um barracão ali e outro barracão lá acolá pra aquele centro, pra cá não tinha nada, era só quinta braba, era mata isso aí tudo. Depois que eu cheguei já formou essa rua todinha e já tem outro setor pra acolá, já desmancharam a cerca pra lotear pra fazer casa aonde eram minhas roças, esses lotes aí têm as mangueiras foi tudo eu que plantei... Desse mato aí pra lá tudo era roça minha, hoje num tem quem diz.

Rapaz eu vou falar “pano pra muitos e outros fica sem” trabalhei muito aqui com roça, das mangueiras pra lá era roça e hoje você vê num diz, pra cá já tem casa que você olha assim num pode, essa casa aqui já tinha que era de uma senhora Cearense, só tinha essa casa aqui e mais nada, eu fiz essa casa aqui no lugar de um lixo velho e venho aí lutando, hoje não está tudo junto porque a filha mais velha passou num concurso aí e está na Santa Maria, aí pegou a outra menina e levou pra lá também e têm os outros aqui, tem um trabalhando pra uma fazenda pra acolá, tem um pro colégio e os outros estão aí, mais aqui eu vou lhe falar se era duro pra pobre, imagine agora! Da vontade de vender aqui pra cair fora porque, êh, é dureza!

O pobre velho tem dia que tá como lá diz precisando de ajuda, mas desse jeito que está aqui não adianta, no tempo dos outro você podia pegar o talão de energia e de água e levar na prefeitura agora não, não adianta porque é como diz é “casador de goiano” tudo aqui acabava e acabava no mundo e aqui num acaba mais é a política porque se era daquele lado pronto acabou-se, mais do contrário vou lhe falar só se vê mesmo, a pessoa que está aqui pode ir lá, mas não adianta que eles não paga, agora mesmo eu cheguei o cara jogou a ficha de água em mim 81reais, “rapaz num faz isso não”! “Não tem isso não”! Pois essa ficha eu vou jogar ela no fórum lá em Palmas porque gente que tem mais condições e estraga mais água não paga desse tanto veio o homem do Banco Fácil do Paraíso jogou ai no computador, eu só tenho três lâmpadas aqui dentro de casa, uma geladeira e uma televisão e pago 80, 90 reais e os outros que tem de tudo quando paga muito paga 30, 40 reais... As casas aqui a metade era de palha, pra tudo era de palha, não tinha asfalto num tinha nada, só tinha asfalto de certo meio pra lá, pra cá já foi esse agora que botou, mas não tinha essas casas, cansei de tirar melância no lugar dessa casa bem aí, pra li tinha umas olarias de fazer adobe, essas coisa, hoje você vê diz que é mentira, tem casas boas em cima.

Aqui também não tinha iluminação publica, passado um bom tempo aí entrou esse outro por nome Antão, aí botou energia e povo não dormia de noite naquela alegria, a água nós pegava não era aqui porque não vinha água pra nós, à mulher ia pegar na delegacia que era onde tinha uma encanação de água, aí depois disso encanaram água pra tudo, tudo tocado pelo outro e esse agora quer fazer esse negócio desses broquete, mas também não adianta ir lá pra pedir pra pagar uma energia uma coisa, dá um remédio não.

Chegou aí um dia eu estava quase morto, esse homem está morrendo eu tinha pediu a ele duas mil telhas pra eu fazer a casa, “quando você fizer me chama que eu quero vê” “tá”! Aí fui pegar peguei novecentas telhas, eu estava levantando a casa quando ele chegou, “a bom rapaz tu está fazendo a casa”? E o outro falou “tu não está vendo não”! “Aí eu disse: é política”? “Ele disse: é, eu vim pedir uma ajuda pra vocês porque eu ajudei vocês também e queria que vocês me ajudassem também”, eu digo: “é rapaz eu sou de família pobre e o que é dado está dado ninguém alega, “abrigo”, “tu não tem emprego teu filho é que era guarda lá”!... “Rapaz tu tem dinheiro me dê uma esmola pelo amor de Deus 13 reais pra compra remédio que eu fico bom”! E saiu, aí veio um homem do Guarai, aí o Deputado soube veio e pegou bem aqui e levou pra lá, rapaz eu sou sofedor demais aqui, mas venho vindo! Mas o Itacajá está bom, só que a vista do que era está ruim porque não tem nem uma roça comunitária.

A saúde era melhor do que agora porque na hora que adoecia o agente de saúde já estava no pé, quando via que o carro não vinha pegar ele já lhe pega levava, te tirava pra fora, naquele tempo era bom demais tinha dois, três médicos aí, agora tem um coitado que quase não dá conta, a saúde era tranquila não andava morrendo ninguém assim não, agora está morrendo é muito, se cortar um braço é obrigado tirar pra fora pra fazer a pulseira. Tenho uma menina aqui essa que está pra Santa Maria ela é pequena vinha descendo de bicicleta mais outra e caiu, ficou como morta no chão, eu estava pra Goiatins e os meninos tinham pegado ela e trouxeram pra ir e não deram jeito, mandaram pra Pedro Afonso e de lá levaram pra Araguaína, aí sempre chegou, aí lá vai esse outro rapaz de moto atravessa num burro na frente, êh bagaço! Aí pegaram ele e tiraram pra Pedro Afonso porque aqui num dá jeito, não tem equipamento, não sei nem pra que ainda tem esse hospital aí. Tem dia que aqui está devagar em tudo por tudo, agora está devagar pro pobre que o tanto que se pensar ainda pensa pouco, o povo tem feito pesquisa aí e o povo conta direitinho como é que tá, mas os dias dele estão chegando.

No Lar Batista eu vou dizer, eu trabalhei demais, ali tem coisa, o Lar Batista me ajudava dou louvor a Deus e o Lar Batista na terra, quando cheguei pra cá o povo do Lar Batista frequentava nós aqui direto! Trazia uma coisa era outra só se vice, depois que arrumei esse emprego que esse pessoal chegou aí me botaram pra lá, rapaz eu vou falar me ajudaram muito a família naquela época era só dez pessoas, eles doaram logo dez camas pra turma, doaram muita coisa que até eu vi um cabra que andava aí no mundo com um jumentinho aí na carroça dizendo que talvez só quem vai ser feliz ao lado de Deus é só o crente Batista e o Católico porque os outros tudo tem um tal de Dízimo, porque o povo do Lar Batista se não dê uma camisa que tomar é que não toma, ali era gente fina, gostei de mais, agora foram embora.

Eu conheço o Lar Batista do tempo que foi fundado pelo senhor Dodanin, hoje o Dodanin está velho e já passou pra muita gente e agora o povo foi embora e está ai largado o Lar Batista, meu filhos não estudaram no Lar não eu que era guarda lá, trabalhava no Programa Bolsa Cidadã ajudando numa coisa e outra porque eu trabalhava no Abrigo meio período, aí eles trataram pra eu trabalhar o dia inteiro, meio período no Abrigo e meio período no Lar Batista, aí depois eles não faz assim: “fica direto no Lar Batista”! Aí eu saía todo dia de madrugada daqui, eu fazia mesmo só ajudando a limpar roça, queimando, ciscando e molhando o plantio, lá funcionava o Orfanato tinha muito menino, sei que era bom demais!

Só esse homem entra acabou! Hoje de tarde eu passei lá no Abrigo que se olhar diz que é mentira que aqui não era Abrigo, tá só o chão! O povo diz que ele é muito bom, tá certo! É muito bom, mas acabou com muita coisa, o pobre coitado hoje em dia pra comer uma coisa é obrigado a comprar caro e ainda tem outra, se não pagar hoje ou a manhã a água ou a energia eles vem cortar e o pobre velho fica no epá. Quando tava nesse Antão eu fui pra um Congresso no Fórum de Palmas do Sindicato, quando eu cheguei o cabra tinham cortado a água e não tinha um mês atrasado, aí eu religuei e corri lá e o disse “eu vou lá corta de novo porque no que é meu quem mando sou eu”, “pois vá”! Aí o prefeito chegou e perguntou: tá ligado? Tá! Pegou e botou ele pra fora do emprego, que é como diz o presidente a maior autoridade da cidade, do município por pior que ele seja é o prefeito, ele é quem socorre as coisas, é quem corre atrás das coisas e esse daqui não se ele puder a acabar com os pobres ele acaba porque ele disse que nem de pobre ele gosta, então o Antão fez isso, meu dinheiro falhou aí uma temporada foi um ano e seis meses aí tudo encravado do diabo, mas a prefeitura fornecendo tudo direitinho e no dia que eu achei o pé pegou tudo direitinho, mas esse outro aí não deixa o velho morrer a míngua...

Nas terras dos índios eu nunca morei, mas trabalhei muito mais eles, aí em cima no Riozinho trabalhei muito, andei muito aí no meio deles mais um companheiro que mora ali tem uma camionete e nós mexemos muito, ele trabalhava muito mais eu também, tem um bocado de ano que eu trabalho aqui não sou pessoa de rolo não por que hoje justamente o idoso tem o passe livre em todo canto e aqui não, aqui se o idoso adiantar o pé vai preso, vai na hora! Não é como nos outros lugares não. Um dia aqui eu fui levar a mão no rapaz aqui que veio com desaforo a mulher ia passando e viu, pra que! Levaram-me pra delegacia cheguei lá falei para o delegado, “seu delegado você não conhece a lei não?” “Conheço”! “Conhece não”! “Rapaz tu sabe quem eu sou?” “Sei”! “Sei que aqui acolá tu toma umas pingas”! “Tomo, mas é com o meu dinheiro, nunca matei e nunca roubei, pode caçar meu rastro tanto eu conheço o Brasil, como fora do Brasil eu sou conheço”! “Ele disse conversa”! Conheço o Brasil inteiro eu conheço e fora do Brasil”! Eu tenho carteira do Sindicato, tenho o livro do Estatuto tenho tudo, o idoso em outros lugares, não aqui é que é assim, o idoso olha lá nem o judiciário permite mexer com o idoso, “não é você chegar e querer me prender aqui”! “Pra lhe dar uma taca”! “Pode dar que logo eu vou a Palmas ou em Brasília”! Aí quando foi falado quem eu era.

“Eu tenho o livro lá em casa se você está duvidando vamos lá em casa que eu lhe mostro”! “Mas eu lhe trago e lhe jogo dentro da cadeia”! “Pode jogar, tem que no dia que eu sai”! “Mas você não sai”! “Saio porque quem mata aqui e roubam vocês soltam, veja que nem roubei e nem matei, vivo dentro da minha casa, não vivo no alheio é no que é meu”! Aí o delegado falou não vamos o deixar ir embora logo, é melhor deixar. Todavia, a convivência entre os índios e os brancos eu nem sei contar porque eles andam mais ali pra baixo, mas quando estou lá pra mim é tudo bom, os índios são libertos. Aqui nesse meio quando eu cheguei não tinha muito morador não, da delegacia pra cá quase não tinha morador não, pra cá era roça e de certos tempos pra cá foi que lotearam, aí foi chegando morado. Pois é Itacajá é bom por uma parte e ruim por outra! Naquelas épocas quando eu conheci o Siqueira Campos eu era menino ele era dono de uma serraria e hoje a cidade que era a serraria dele é Bandeirante. Eu trabalhava no tempo do garimpo hoje é Arapoema cidade boa, eu conheço Mato Grosso isso tudo eu remexia quando eu andava atrás de garimpo.

Hoje em que altura tá o Siqueira pra quem o conheceu dentro de uma serraria e eu falo para meus filhos tem que estudar, estudo é que bota a pessoa pra frente. Agora eu já não chego lá, mas não porque eu nunca pisei em colégio na minha vida pra estudar porque naquelas eras não tinha, mas só em andar no mudo e pegar muita fé de sonhar escrevendo aquele horror as moças com rapazes que com o sonho eu aprendi a lê e escrever e hoje eu ainda assino uma coisinha e nunca pisei na escola. Meus não nos colocaram na escola porque naquele tempo não tinha. Naquele tempo não tinha nem transporte, naquela época o avião que existia no mundo era da VASP e da Cruzeiro, não tinha carro.

De vez em quando eu conto aqui e o cabra ali na Rádio conta direitinho como que era naqueles tempos o pessoal mais velho que nem nós, que botava roça, capinava, ajuntávamos uma turma uns cavando de enxada, outros botando o arroz e outros tampando os buracos, eu era empreiteiro de brocar, de derrubar roça e fazer a cerca, eu conto tudo isso direitinho, os meus meninos estão todos estudando e é por isso que eu ainda estou aqui! ... Lá onde nós morávamos eu sempre trabalhei na lavoura e quando mudei pra cá continuei trabalhando na lavoura e não tinha outro meio pra ganhar dinheiro não, o meio que eu tinha era assim, eu trabalha no Programa Bolsa Cidadã no Abrigo ganhando meio salário naquele tempo e tinha uma rocinha, o Antão me dava um ajuda, outro me dava e assim ia indo e depois que entrou esse agora aí num deu mais nada, aí acabou! Aí o velho se derrotou! A sorte foi que eu aposentei.

Depois que mudei pra cá de vez quando volto lá na minha terra, no lugar que eu nasci, é pertinho então aqui acolá eu vou lá, atravessou o rio ali já está no município de lá. Lá está bom, lá é diferente daqui porque pra lá todo mundo tem as coisas, o povo todo é lavrador e quem não tem uma terra o outro pega e dá pra quem não tem pra plantar e aqui não. Um dia eu estava lá no banco quando o recardador de Goiânia chegou e disse: “êh, rapaz tu vem do pia fome, de lá vocês não carrega dinheiro”? “Por que rapaz, agora me conta”? Aí ele disse: “não porque de lá eu vejo chegar carro de banana, fava, feijão, farinha tudo pra vender aqui, o povo lá não tem dinheiro”! “Não é, é porque lá todo mundo é lavrador, todo mundo tem e aqui ninguém tem então eles trazem pra vender aqui e é tudo mais barato”! Aí foram contar um, dois, três, vinha tudo de lá, lá tudo é mais em conta! Eu já fui também lá onde meus pais moravam que é o lugar onde meu pai nasceu de vez em quando eu vou lá porque tenho um irmão que mora lá e eu sai de lá porque eu vendi meu gado todinho aí vim embora, fiquei tão injuriado que ainda hoje penso na vida, tinha meus animais, meus gados, tinha tudo! Aí baixei gastando, gastando, mas foi bom porque escapei com a vida.

Minha mãe nasceu no Grajaú no Maranhão, aí ela veio pra cá pra Goiatins que era Estado de Goiás e hoje é Estado do Tocantins, e por lá tudo eu já rodei, por serra geral, no Piauí, por esse mundão todo eu remexia, por Jacareacanga, Belém, Jacundá nesse mundo todo eu rodava, eu andava, eu rodava demais! E trabalhava de roça e agora acabou tudo, aí eu digo pra mulher: olha minha velha de eu morrer só as ferramentas que tem aqui dentro de casa se você for vender pra você vender e pagar as passagens pra ir embora, de enxada, machado, foice, cutelo, pano de bater arroz tudo tem, tem é os montes de ferramentas pra trabalhar e quando foi pra aposentar foi obrigado fazer outra compra pra fazer a nota fiscal.

Eu nunca trabalhei de outra coisa a não ser de roça, eu achava tão bom mexer com roça! Em dois mil eu estava mexendo com uma roça e lá eu caí no meio da roça deu um problema e caí oito horas da manhã e fui acordar cinco, seis horas da tarde, aí vem vindo, tinha um bananal que era uma beleza, um cafezal tinha tudo, do ano passado pra cá tinha muita pimenta do Reino, mas acabou agora tem uns pezinhos de pimenta começando a botar pimenta, mas acabou o bananal, o cafezal, tem uns pezinhos aí porque eu plantei de novo, tem um capim aí que parece que não vai nem prestar, o antalijur que é bom pra remédio esse capim aí, isso pra quem está ofendido é bom, de tudo eu planto.

Toda essa história eu já tenho contado pros meus filhos, contei sobre as enchentes da época de 40, eles dizem “o que”?! Aí eu digo “teve as enchentes na década de 40 as maiores enchentes que deu no mundo que o povo ficou desabrigado, eu tenho contado como é as pesadas do mundo, como era em outrora, cansei de ir pro mato fazer monte de coco babaçu que pra lá tinha muito e passava o dia inteiro quebrando coco pra encher um saco pra vender pra compra o calçado e outra coisa pra se manter ou pisar arroz no pilão pra vender pra compra outra coisa a troco de pilão, hoje em dia ninguém pisa mais arroz e eu ainda mostro pra turma que eu ainda tenho um pilão e a mão de pilão, que eu ainda quebrei muito coco e pisei muito pra vender pra mandar vim um par de sapato de Goiânia a troco de coco e do arroz pilado, moço eu sofri demais naquela época.

Tem hora que eu fico pensando na vida, mas era bom naquela época! Naquela época todo mundo tinha armas e não andava tendo mortes, aí nós andávamos pras festas brincava e ninguém via dá desastre, hoje em dia que já acabou o armamento por nada estão fazendo dano, hoje em dia é diferente! naqueles tempo tinha cabarés, ontem mesmo eu estava contando isso aqui, tinha uns cabarés um pra acolá, outro pra acolá, aí eles falavam “e tu OLERiano”? eu pegava o avião em Belém VASP ou da Cruzeiro pra São Paulo, chegava lá eu virava assim: “meu filho pra onde fica a igreja”? Aí ele disse a igreja “é pra li”! Faz tempo que eu num ando aí eu estava estranhando, pra mim que pra ali era o cabaré, mas era pra não perguntar pelo cabaré, naquela época tinha, mas hoje acabou aqueles ambientes, aqui em Itacajá tinha e era bom demais.

Tinha em Goiatins, tudo tinha, hoje acabou, está tudo mudado, de primeiro se fazia um mutirão, se ia fazer uma casa juntava muita gente e levantava aquela casa num dia, precisava derrubar uma roça juntávamos uma turma e cada um levava um frango, outro levava uma leitoa, arroz, farinha, levava o óleo, levava tudo, chegava lá tratava e derrubava um alqueire tudo num dia, aí ia embora o que sobrava ficava aí pra casa de tudo acabou daquela época pra cá, está tudo diferente! Como eu estava falando do SAAI (Sistema de Abastecimento de Água de Itacajá). Hoje eu estou numa agonia que se eu pagar a água e a energia tudo de uma vez não compro o que comer e se eu comprar o que comer não pago a água e a energia, têm que deixar desse mês pro outro mês se não num dá a família é pesada e eu sou pobre, então eu pago uma ficha de água e de energia na mesma hora chega outra, eu vou pagar aquela e a outra deixa pro outro mês... SAAE onde se paga água.



Agora vem um negócio de esgoto pra mim não vem... Quando eu conto essas histórias pra meus filhos eles escutam e se interessam tanto que já teve uns que já andou na terra que meus pais nasceram, tem um que gosta desse negócio de cavalgada e aqui acolá ele anda por lá, as meninas eu aqui acolá vou, eu quero ir lá, dar uma volta lá onde meu irmão pra vê se eu comprar uns frangos porque tem esses bem aqui dentro, mas se disser pra matar um deste ai pra comermos eu não como, aqui de dentro da cidade eu não como nem dado, só se pegar lá do sertão pra cá. IPTU aqui é como diz o Lula é documento provisório, mas não tenho um atrasado está tudo em dias, é por isso que o velho está na pior.

Não sei não, com a idade que eu estou tem dia que eu estou na raça, mas se fosse pra fazer a mudança que fiz eu faria de novo, porém, eu já me arrependi de ter vindo pra cá, mas hoje está mais pesado se fosse pra voltar porque a despesa está maior... Agora se disser puxa a ficha desse homem por onde ele já andou e se disser que eu já dei uma pancada em alguém, pode puxar que a ficha do velho é limpa, agora eu sou brincalhão, todo mundo eu levo na conversa, mas agora os que eu não conheço é compadre e comadre é assim.

## **NASTÁCIO MATOS DE ARAÚJO**

Entrevista em 02/ 02/ 2011

Nastácio Matos de Araújo, apesar de sua idade avançada e do seu problema de surdez relata com veemência seu processo de migração para o Estado de Goiás e entre outras coisas conta como que era Itacajá que até então era chamada Porto do Vau, relata que tem boa amizade com os Krahô.



“O sono que eu dormia era lá no mercado, um soninho com os ratos”.

Eu nasci lá no Vão onde meu pai nasceu. Entre o Baixão do Vamos Vendo e Baixão do Soem, na beira do Rio Parnaíba. Era assim um vão fechado que chamavam Vão Medonho. Mas era cheio de gente embaixo e em cima. Lá era propriedade do meu pai. A mamãe teve todos os filhos lá. Os filhos do papai. Os outros ela teve no Vão das Silvas, três. Aí juntou com o papai em 1914. Em 1915 teve o Zé Bacaba. Em 1917 teve o Raimundo. Em 1918 teve a Eliza, mãe dessa Maria aí. Em 1919 teve a mãe do João no dia 2 de setembro. Teve minha irmã que morreu agora, que nasceu no dia 21 de fevereiro de 1921. Teve o Adejildo no dia 25 de dezembro de 1922. Teve o Raimundo em no dia 12 de agosto de 1924. Casou com a Maria Bacaba que morreu agora faz pouco tempo.

Joana morreu pequeninha, eu não sei. O Salu em 1928. O Benilson é de 1932, do dia 2 de novembro de 1932. Nasceram tudo nesse Parnaíba, nesse vão... Minha mãe nasceu na beira do Rio Toeira no Piauí na caatinga do Piauí, mamãe nasceu lá! O papai nasceu nesse vão que nós nascemos. O ano que a mamãe eu não sei e nem ela mesma sabia, mas o papai eu digo: meu pai é do dia 20 de janeiro 1888. Ele morreu no dia 13 de julho de 1973, ali onde mora o Antônio onde tinha uma casinha velha que ele me deu “mode” eu morar lá. Lá onde meu paimorreu.

Mudei pra cá em 1970. Eu vinha toda semana aqui no Val, quando nós morávamos no sertão pra cá carregar o sal, tudo. Nós mudamos pra cá em 1970, no dia trinta de março de 1970. Arranchamos ali onde está o doutor Luiz. Ali tinha uma velha do velho Antônio Quirino. Tinha a Patrocínio mais assim. Tinha o compadre Antenor ali pertinho. E aí arranchamos na casa velha da Isabel do Nino. De lá a Maria Francisca veio pra cá. Ali pra onde mora a Das Dores tinha uma casa desocupada, aí trouxeram a Maria Francisca pra ali. Eu estava para o sertão tirando madeira pra fazer uma casa, quando eu cheguei, ela tinha mudado. Ali pra onde o Antônio Rocha das Das Dores, nós mudamos pra ali.

Cheguei ela tinha mudado. Eu não mudei, foi ela. Eu cheguei com a balsa lá de cima, com a madeira, aí já a achei mudada pra ali. Aí eu arrumei e fiz uma casa lá, tapada de palha, um lote muito bom. Mas, quando ela mudou pra cá, já tinha os meninos todos, não teve mais nenhum no Vau, no sertão. Só tem um filho da família natural, os outros, morreram tudinho. Ela tinha a barriga ruim, era sangrando toda vida. Aí um feiticeiro deu um remédio pra ela, aí ela parou. No dia 28 de julho de 1968 ela barrou. Aí eu estava na casa da Minervina, aí tiraram pra casa do pai dela, aí fui buscar e botei em casa, na Bacaba. Aí ficamos morando na Bacaba. Tinha um sítio na Bacaba, como tem esses pezinhos de manga aqui. Plantei esses pés de manga depois que cheguei aqui. Eu fui e olhei a casa, a casa velha estava com as paredes todas quebradas, aí eu negociei a minha lá por essa aqui.

Plantei esse mangal por todo canto aqui nessa casa. O menino diz que nós viemos pra cá no dia 27 de novembro de 1997, parece que foi. Eu sei que eu fui limpar o lote e fazer plantio. Abacate deu muito, mas morreu tudo. Era cheio de abacate aí. Era abacate pra dá ao povo daqui todinho. Carregava que ficava mesmo que tinha pedra assim: pecava tudinho! Os pés morreram tudinho... O lugar onde eu morava era apelidado por Norato, o lugar onde eu nasci. Dentro do Vão Medonho, quando meus avôs chegaram pra lá tinha o Norato, aí botaram o lugar por nome “Norato”. Mais acima tinha o Vão Grande, mais acima tinha o Vão do Urubu, mais acima o Vão do Furão. Quando tocaram fogo nas casas lá, viemos pra Barra do Furão, o velho Gago veio pra Barra do Urubu, o Caboclo veio pra Barra do Vão Grande.

Terra era deles e aí lá nascemos tudinho. Eu saí de lá com dez anos e dois meses, parece, lá desse lugar onde eu nasci. Eu não nasci lá no Norato, eu nasci cá em cima, no vão mesmo da Barra do senhor Vão João do furão, porque lá tinha muito furão, é um que corta cachorro aqui, apelidado por Vão do Furão... Não. Não era povoado não. Só tinha povoado de onça! A onça passava mesmo assim, de noite, como daqui nesse pé de manga. A onça passava e os “negos”(refere-se as pessoas) corriam pra dentro. Era povoado todo de onça. Cá onde meu pai morava mesmo, tinha os Bador que a família fez sítio de cana, a onça comeu o gado todinho! Comeu os bois mansos todos. E pra eles não serem comidos, venderam, correram e saíram na carreira! Era situado de onça.

Você passava aqui e ela saía no seu rastro. Ela rastejava ao avesso: você passava pra acolá e ela rastejava pra cá. Era assim. Não comia mais o povo por causa disso. Lá era situado de onça e de mata. A mata era mais perto de nossa casa do que essa casa aí. Na serra, a onça estremecia aquilo

tudo. Saímos de lá e deixamos. Ia passar na toca pra encestar, pra comer, ela tinha entrado na burna assim: “menino aqui entrou um cachorrão”! O José Carmo: “menino é a onça! Ela está dormindo aí dentro”! Saía todo mundo na carreira. Ela estava deitada dentro da toca. O rastro dela tinha entrado lá dentro. Elas situam ali. Os Bador fizeram um sitio de cana na cabeceira desse vão, que tinha uma lagoa, isso era cana! Largaram tudinho e correram.

Onças comeram o gado. Ficaram os bois mansos e elas comeram. Aí entraram nas galinhas. E eles venderam a terra e se mandaram! Ficamos só nós nesse vãoção pra cima. Pra onde nós estávamos dava uma légua pra cima, onde ficava a roça. E só via rastros delas. Ela vinha se esquentar no sol, a mãe tinha uma pedra grande como daqui naquela casa ali, um lajeiro por natureza, limpo! Ela botava duas quartas de arroz pra secar. Lá, quando abria sol, que estava chovendo, a onça ia se esquentar no sol lá. Você chegava lá, estava o rastro dela: “mamãe a onça se esquentou aqui”. Porque o sol lá, o vão era fechado. O terreiro acolá, quando era hora dessa assim, você não via mais sol não: o vão estava todo sombreado.

Aí as onças vinham se esquentar no sol, lá. Os Bador derrubaram uma roça, aí destapou e ela vinha se esquentar em cima dessa pedra. Isso não é “caso de trancoso” (mentira) não! Lá era habitado de onça. No vão lá debaixo da Barra do vão que nós moramos, tinha uma grotta do Mané Novo, tinha a grotta do Vão Grande, tinha a grotta do Vão do Urubu, mas seco, não tinha água. Tinha o Vão do Mistura que já pertenceu ao papai. Do lado de cá tinha o Vão do Furão. Mais em cima tinha o Vão do Olho D’água. Tudo dava roça! Eu saí de lá com dez anos, eu me lembro de tudo! Meus padrinhos eram os Sodré, a família Sodré, aqui tem Sodré: aqui mesmo tinha o João Cariolano, tirava um dedo de prosa, tinha Urdina aqui que era Sodré, de lá do Soem.

Quando eu vim de muda com a família pra cá, aqui já era Itacajá. Eu cheguei em 1970 de muda mesmo pra cá. Era Vau, Porto do Vau. Mas já tinham botado Itacajá, quando eu vim de muda pra cá. Já tinha prefeito, aí botaram Itacajá. O povo diz que o primeiro prefeito foi o João Borges, aí já tinha botado o nome de Itacajá. Quando as urnas eram abertas, era Guarai, era Pedro Afonso, era abertona votação que teve aqui. De primeiro não tinha esse negócio disso, aquilo outro. Você votava na Santa Maria, ou então caía o voto no pé da serra. Se você estava aqui: “não, você não vota aqui não. Vai votar em Santa Maria”. De lá: “não, você não vota aqui não. Vá votar em Itacajá”. Quando eu cheguei aqui em setenta, já tinha prefeito. Já tinha sido o Lucas Barros que fez a prefeitura, o Pimentel não fez nada, só a cadeia. Foi prefeito e nada fez. Nós estávamos morando na Bacaba, quando o Lucas Barros fez aquela prefeitura. Deixou-a feita. O João Pinheiro foi prefeito aí, mas não sei o que ele fez não. Comeu o dinheirão, um mundo de dinheiro!

Arrecadação que dava daqui da Barra do Manoel Alves a Lizarda, beirando o Rio Vermelho, tudo corria para aqui, pra coletoria dele. O Masolene pelejou pra tomar, mas não tomou não, a coletoria do João Pinheiro, fez isso! Mas não tomou. Ele ia atrás de coletor em São Paulo. O João Pinheiro botava era o Adevaldo, mas ele não sabia bater máquina não. Ele botava o Adevaldo, era o Getúlio. O Getúlio fez uma sujeira e ele tirou. Sei que ele aposentou na coletoria. Hoje ele um homem rico, seu João Pinheiro. Mas ele não sabia bater em máquina não. Botava um e só ia lá assinar o ponto. Eu perguntava: “Adevaldo, teu sogro bate em máquina”? “Bate nada. Quem bate sou eu”! Quando ele mudou pra cá, os filhos dele eram todos meninos.

Eu vim pra cá porque eu tinha dois filhos que tinha que botar na escola. Pra eu pagar uma professora pra dá aula. Eu estava no Canto dos Burros, eu disse: “não, eu vou pro vão logo”. Aí eu vim. Cheguei no dia 30 de março de 1970. Aí joguei os dois meninos na escola. Estudavam de noite, não tinha registro. Aí ela foi bater roupa na tábua, pra ir tirar o registro dos meninos pra

estudar de dia, porque estavam estudando de noite. Aí ela: “Anastácio, vou já depressa lá”. Aí eu fiquei com os meninos doentes e ela foi. Chegou lá tirou o registro de todos dois, aí foram estudar de dia. O Benedito não aprendeu nada não. Não saiu de nada, meu Benedito. Porque eu tinha dito pra meu pai que ele não deixou nenhum de nós assinarmos o nome. Metia peia (surra) em nós. Eu aprendi o “abc” todo. O “abc” grande de silabas, eu sabia tudo. Mas eu não podia estudar porque eu trabalhava o dia todo: onze horas da noite eu ia pro mercado comprar carne pra dentro de casa. Os dois homens doentes, não é? Aí não dava pra estudar. Mas eu assinava o nome. A mulher do Gonçalo, que era irmã do Adolfo, do Pedro Manso mais da dona Rita, gostava muito de mim: “vem cá, que eu te ensino”; “não posso siá”.

Eu trabalhava o dia, quando chegava ia pegar água no rio pra botar nos potes para os doentes. Quando acabava ia para o mercado comprar carne. Cinco horas ia pra água, depois ia pro serviço. Quando o Ribamar veio aposentar gente aí, o primeiro que ele chamou fui eu: “vem cá aposentar”! Eu disse: “não. Eu só tenho cinquenta e um ano. Não posso. Seu Ribamar, você ver isso aqui, minha família é doente, eu luto pra dá de comer. Eu não vou morrer de fome, minha mulher comia carne, nós morávamos no sertão, comprava carne em treze fazendeiros. Um quilo, dois ou um quarto pra meus filhos comerem, minha mulher. E cheguei na cidade do mesmo jeito”! Eu dormia no mercado, um cochilo. Tirava carne em primeiro lugar e saía aí. Comprava carne pra cinco, seis. Tirava o dinheiro, ganhava, dava pra mulher e corria para o serviço. O sono que eu dormia era lá no mercado, um soninho com os ratos.

Em cima dos bancos e os ratos passando por cima de mim. Eu acabava faiscando, alumiando rato. Quando dava fé tinha rato em baixo de mim, eu tangia a mão nele ele caía acolá. Eu tirei a vida! Arrumei uma casa, fui caí na besteira de vender. Fui arrumar um lugar acolá e não ganhei o lugar. Aí quando eu vim, cadê? Eu morei nessas ruas tudinho. Aí sempre o Santo fez uma casinha aqui pra mim, da polícia. Aí eu toquei aqui. Aqui era folgado. Eu vejo o povo passar de um lado e de outro. Tinha um café aqui todo dia. Agora não tem café, eu não ofereço café porque não tem... Não. Não foi difícil pra acostumar aqui não porque eu já era filho daqui. Eu já era cria da cidade! Quase todo fim de semana eu estava aqui.

Morava na Bacaba, de 1947 pra cá eu chegava aqui de manhã, no pender do sol eu estava em casa outra vez na carreira aí. Quando chegava no Vão eu era muito conhecido. O povo me chamava era Velhão Doido. Só andava na carreira. Eu trazia dezessete pratos de farinha ou onze pratos de arroz e aí comprava as coisas e corria pra trás. Quando eu vim pra cá, toda rua, toda casa eu conhecia. O povo me conhecia: “olha o Velho Doido acolá na carreira”! Acostumei bom aqui trabalhando até dia de domingo, mas nunca furtei, nunca peguei o alheio nem nada. Um dia a parede do Paulo caiu do armazém, destampou aí. O Detim: “qual é o homem de fibra, bom que tem aqui”? “É fulano, não tem outro, só tem ele! Não furta nada de ninguém, na casa dele não tem nada furtado de ninguém”. Aí o Zé Luiz com interesse de o Augustinho ganhar o dinheiro, botou o pai dele, o Zé Luiz. Quando eu cheguei lá ele já estava. Eu ficava botando o sentido numa coisa, às vezes eu botava o sentido numa coisa aqui, eu botava um tamborete e sentava a noite todinha naquele lugar, botava o facão velho aqui atravessado. Nunca perdi o costume, toda vida gostei de andar com o facão. Não quero mal a ninguém. Mas eu já era da cidade, quando eu vim pra cá.

Arrumaram sete animais pra fazer a mudança pra cá, entre jumento e cavalo. Só tinha mala, bagagem, o de comer já tinha acabado, os meninos doentes, não trabalhavam mais de roça e aí viemos. Mas eu comprava as coisas e nós comíamos todo dia. Todo dia eu ia pra uma zona azul do Reinaldo, eu dizia: “aquele povo velho”; Aí a mulher: “povo velho, mamãe? É só onde eu vejo

carne, na casa daquele velho doido. É só onde eu vejo carne, é na casa dele. Tem carne todo dia mamãe, Lá"! O povo do sertão visitava nossos filhos. Você vinha dos "gerais", olhava pra lá, a poeira subia. Do povo de sertão. Almoçando e jantando. O povo gostava muito de nós no sertão! Vinha procurar nós aí toda vida! ... Não. Não passei muitos dias viajando não. Era bem aí na Bacaba. Nós saímos de lá oito horas da manhã, quando deu de tarde, nós chegamos aqui. Devagarzinho por causa dos meninos doentes, viemos bom mesmo.

Nas ladeiras eu segurava os meninos, os doentes. Eram dois rapazes doentes. Um morreu, tinha vinte e um anos. Quando o outro inteirou vinte e um, morreu também. Com três anos e três meses e dezesseis dias o outro morreu. A Antônia andou no médico e ele mandou nós tirar esse homem e nós não tiramos não: tira dona Antônia, dona Maria! Que vocês comprem uma casa. Não, tiramos não. Eu trabalhando mesmo na carreira pra sustentar e ela batendo roupa. Não perdia a hora de jeito nenhum. Domingo eu que estava achava pesado, eu ganhava às vezes vinte Mireis no domingo, trabalhando na carreira pra botar as coisas dentro de casa. Toda vida tinha carne em minha casa. Toda vida, toda vida, toda vida!

Eu nunca comprei só um quilo de carne, só se não tivesse. Era uma polpa, uma xandanga, dez quilos de carne, botava dentro de casa pra mulher comer. Graças a Deus! Graças a Deus! Tratei da minha mulher, morreu gorda. Morreu no dia 14 de maio e me deixou chorando aí. Era muito boa comigo, ela vem onde eu estou de vez em quando. Minha mulher vem onde eu estou, têm hora que eu deito no chão, "mulher vem deita comigo! "É já"! E nesse é já ela veio uma vez depois que morreu e me apertou, me apertou.

Na mudança nós trazíamos só um jogo de mala e jacá com coisas dentro: panela, prato, colher, tigela. Vieram sete animais, mas não vieram muito carregados não. Não tinha mais roça. Mas eu botei muita roça no sertão, no tranqueio. Saía daqui tinha boato de roça minha, oito, dez tarefas de arroz, tudo num tamanho só, plantado tudo num tempo: "o que foi seu Antônio"? Não, é porque essa roça é falada na barraria e vim aqui olhar se é verdade. Minha roça era grande. Eu só botei dezesseis tarefas uma vez, mas o resto eram oito, dez. Tinha muita fartura em minha casa! Eu vendia trinta quartas de arroz e de farinha pro Neto na Bacaba e trazia em dois jumentos.

Trazia quarta-feira e sábado. Trazia em dois animais até quando acabava de botar aqui no Neto. Eu não sei quantos patrões eu possuía aqui nesse Val. Não dá pra contar porque é demais! Quando eu saía de um: "vem cá depressa, anda comprar aqui?". Um dia o Riba fez eu vim sem carne. Eu fui comprar no genro da Das Dores, aí ele me largou aqui e foi botar acolá para o Zé Luiz. Mas ia me vender porque eu estava com o dinheiro na mão. Aí quando ele me caçou, eu ia passando: "rapaz, tu vai voltar sem carne"? "Vou, porque eu estou zangado"! "Vem cá"! Jogou um traçai de carne em cima da mesa, jogou um bocado de coisa, uma costela mendinha: "vai deixar essa carne lá em tua casa". "Vai tomar café com bolo, uma coisinha". Conheci eles tudinho pequenos, os filhos do Preolino tudo pequeno. Quando cheguei do sertão, fui beber um café na casa do Luiz, quando cheguei lá: "cadê Luíza? Bota um café amargo aí pra mim"! "Não tem meu irmão, eu estou com quatro dias sem beber café e sem comer"! Aí a água desceu dos olhos mesmo! Eu desci pra rua, fui lá e comprei um bocado de carne, comprei toucinho, comprei o café, comprei o arroz. Lá só tinha a farinha: "e como que esses meninos passam o dia"? "É comendo farinha com banana e, eu não como"! Aí o povo: "ah, hoje tu vai dormir na casa da Luíza"? "Se eu der apoio a uma pessoa não é com interesse nela". Aí eu vim pra casa do Pedro Brito, que mudou pra lá. Cheguei, conversei montado: "Vamos embora, menino, me deixar ali embaixo porque eu tenho medo de ir lá pra baixo, pro Coriolano".

Eu morava lá em baixo, fui embora pra Coriolano. De manhã: “cadê? Fui lá onde a mulher”! “Nem agora, eu vou beber café na casa dela”! Eu fiz o café na casa da velha Alcina, amargo. Porque eu nunca gostei de café doce. Nem café eu fui beber na casa dela. Levei café, levei de tudo pra ela. Ela estava chorando, que me “cortou” o coração! E o marido no mundo, caçando rapariga. Furtou uma irmã da Maria Velha e deixa a mulher chorando de fome. Me “cortou” o coração! Quando ela falou comigo, a água desceu nos olhos: “Oh, minha nossa senhora”! “Espera aí, se não morreu até agora, não morre mais não”! Comprei carne maciça, carne com osso, comprei o toucinho, comprei tudo e levei. Cheguei lá, botei e voltei. Quando cheguei comprei o arroz, o açúcar, o café, comprei tudo! Até rapadura, batata, eu comprava e botava lá: “pega”! “Não tem lenha”! Entrei no quintal, cortei um monte de lenha, botei os meninos pra carregarem.

Tinha muito pau, graveto que tinha derrubado. Fiz seis montes de lenha: “os meninos estão carregando a lenha lá de junto da casa da mulher”! Botou o café na panela, torrou, estava cheirando. Nesse dia eu não vinha porque eu ia comprar uma carne pra levar lá pra casa e eu só queria carne boa mesmo. Eu comprava três traçalho de carne, uma trocha deste tamanho, levava quarenta quilos, de cá da Bacaba, mas só botava no chão se topasse uma pessoa, se não, não botava! Chegava lá, caía pra acolá, a carne já trazia retalhada. E andava atrás de mim: “chega, compra essa aqui”! Não dá o dinheiro agora não”! “Não quero não porque não dou conta de levar, não tem em que levar, não quero. Essa daqui já precisa de duas pessoas pra botar em minha cabeça, não quero mais não”!

A cidade aqui, quando eu vim à primeira vez era Porto do Val. Era conhecido aqui por Porto do Val. Aí me agradei de vir morar aqui. Nós vivíamos tirando madeira na beira do rio pro povo. Chegava com cinco seis balsas e já fazia outro contrato com outro. Quando trazia aquela, fazia outro contrato. Aí o Salatiel Correia pai do Dr. Pedro queria fazer casa com madeira boa, aí o papai estava devendo: “me dá! Eu vou fazer esse serviço aí”. Aí tirei a madeira: dezoito esteios grandes, treze linhas, noventa e seis caibros. Eu disse: “o senhor serrando a madeira é melhor seu Salatiel, aí eu serro a madeira”. “Não, eu quero mesmo é no machado”! “aí eu não vou mais mexer”. Dr. Pedro Correia morreu!... Quando eu mudei pra cá, a cidade ainda não era grande não. Era imprensado danado aí! Tinha lama aí, um sabugo velho nojento! Ia limpar, passava o dia limpando. Dali da santa pra sair detrás da rua do porto, naqueles dias de domingo era arrastando aquelas coisas, botando na carroça e levando pra aqueles lugares pra tocar fogo. Aí o Masolene tomou conta da cidade. Meteu a patrol: raspou a cidade toda! Limpou a cidade toda! Fedia galinha podre! Eu pegava enchia era duas, três carroças de galinhas podres e jogava dentro do rio ensacadas, eu fazia isso! Eu trabalhei demais fazendo isso. Eu limpava aqueles quintais por pouco, só para tirar a catinga. A pessoa pegava uma galinha e jogava dentro de seu quintal. Aí o Masolene raspou a rua toda. Aí a cidade raspada, ficou bonita, ficou boa! Aqui prefeito não limpa a frente de minha casa não. Toda vida a frente da minha casa é varrida! É varrida até no fundo do quintal. O prefeito não limpa aqui! Eu tive cego oito meses a mata estava tomando aí: os moleque não zelaram! E aí quando eu melhorei, caçando com a mão aí, arranquei mato demais! Aquele pezão de cajá era deste tamanhinho, olha a grossura que está. Olha os pés de manga como que estão... Energia não tinha não.

Não. Morei não. Mas eu estive lá uns três meses. Eu botei um pedaço de roça lá. Os índios não queriam que nós saíssemos de lá não, na beira do Riozinho. Nós dávamos café aos índios, dávamos de comer para agradar os índios: “Nastácio não sai daqui, nunquinha. Enquanto nós vivermos, Nastácio não sai daqui! Dá café pra nós, dá fumo, dá de comer”. “Não compadre. Não posso”! Mas já caminhando pro Vau. Quando ia pra lá, já caminhava pelo Vau aqui. Aí fomos pra Bacaba ajudar fazer o Itacajá: tirar madeira e ajudar fazer o Itacajá. Fomos nós que fizemos o Vau! Eram cinco Balsas. No outro mês outras cinco, no outro mês outras cinco. Tirando madeira pra todo mundo. Pra fazer o Vau.

As casas velhas estavam todas caindo e o povo fazendo: nós tirando madeira e fazendo. Aí um dia houve uma mentira aí e aí eu vim. Quando cheguei, perguntaram: “Anastácio, dizem que pra nós aqui está ruim, como é?” “Como é que está ruim? Se vocês é que estão fazendo o Vau? Vocês aqui são quem estão fazendo Itacajá, não são outros não. Só vejo as balsas de vocês aí no rio todo mês”. Ajudamos fazer o Itacajá! Até chegar com a madeira serrada. Ia atrás do Salá, eu queria serrar a madeira pra trazer e ele não deixou o Salatiel Correia. Rapaz, lá tem pau bom: Tarumã, Pau d'Arco. Trouxeram umas quatro toras de pau aí: “não pode trazer um bocado mesmo”. O Salatiel Correia, pai do Dr. Pedro da Nerinda. Ajudaram formar Itacajá: o Zé Rocha, Nei Sorneide, Dodanin. Esse povo mais velho todo: Beleza, seu Dudu era proprietário velho aqui. Eram meus amigos quando eu cheguei pra cá... O Dodanin era daí pros índios, era mais os índios toda vida. Quando eu conheci o Dodanin já era mais os índios. Ele fez uma casinha velha ali, pro lado do Raimundo Martins. A dona Nervina mulher dele estava parida, com três dias estava penteando o cabelo, se emborrando. Eu dizia: “quer morrer cedo”? A Maria José do Pedro Filho, irmão do Santana, eu perguntava: Maria José, tu tratou da mulher do Dodanin? Quantos dias estava de parida?” Com três dias estava se olhando no espelho, se penteando. Eu dizia: “não quer viver não”? Era bonita, a mulherona! Mas era folgoza demais! Com três dias de parida estava se olhando no espelho e se penteando... Fazia mau demais! Olha, de primeiro, as mulheres que aturavam, você ia visitar elas, você não se emborrava pra ir olhar elas paridas não. Por causa da catinga e do cheiro, fazia mau! A mulher aturava muito, as mulheres aturavam eram noventa, noventa e cinco anos e eram novas ainda.

Quem deu uma força danada aí pro Lar Batista foi o Dodanin. Comprou na mão do Sinobe. Tudo madeira de lei. Quem eu vi trabalhar lá foi o Dodanin. O povo fala isso e aquilo outro. Mas aquele Dodanin velho era trabalhador feito uma onça, o Dodanin. Eu conheci ele produzindo a família, o Dodanin. Fez uma casinha velha, comprou a madeira de lei todinha pra fazer o orfanato. Eu disse: “é porque a madeira veio lá de cima”. Aí eu quem deixei a madeira aí: “Dodanin, ainda quer madeira”? “não rapaz! Essa dá pro orfanato”. Ele fez essa avenida de manga lá do Lar Batista e o Pimentel fez uma rua e eu fiz outra na Bacaba assim como essa (refere-se às mangueiras em frente da casa). O João Pinheiro vinha do pé da serra: “eu vou armar minha rede nesse pé de manga”. Pois com pouco tempo o bicho estava com a rede armada no pé de manga pra acolá.

Ele saía daqui e marcava descanso ou dormida lá em casa, porque eu era gozador danado, contador de “pipoca”. Aí ele arranchava. Quando ele vinha do pé da serra ele marcava descanso ou dormida lá em casa, o João Pinheiro. Porque eu contava muita “pipoca”. Ele ria demais! Labutei mais ele vinte anos. Aí larguei de mão e passei pro Masolene. Aí larguei o Masolene e passei pro lado da Aparecida. Quando nós mudamos pra cá, já tinha muitos moradores aqui! Quando eu botei de muda pra cá, o povo já tinha feito a cidade. Já tinha feito o Vau! Eu nunca parei de chamar Vau: “pra onde tu vai”? “eu vou pro Vau ali”!

Não, eu não voltei mais lá onde eu nasci não, passei lá pertinho, mas erreí a estrada. Quando eu fui pro Ceará, que voltei, era pra passar por lá pra tomar benção aos meus padrinhos: o Izebe mais a Maria Manso Sodré, mas aí eu erreí a estrada! Aí não quis voltar pra passar por lá. Só se tivesse vindo pelo Piauí toda vida, até no Ribeiro Gonçalves, na Barra Santa aí atravessava pra tomar benção aos meus padrinhos na Barra do Soem: o Izebe mais a Maria Manso. Eu acho que se eu for lá, eu não quero vir pra cá mais não. O tanto de amigo que eu deixei lá. Eu não deixei inimizades, só amizades.



Ah!!! Aqueles fazendeiros, eu trabalhava, trabalhava com eles. Eu trabalhava dois meses na pancada! Serviço lá se arrastava por muitos dias, mas quando eu chegava acabava. Quem governava o serviço era eu, não era o dono da roça não: “pode ir embora pra casa”. Eu fui trabalhar ali na Barrolândia, em 1962, eu já estava bem no Entrocamento Formoso pra botar quatro, seis meses de serviço lá. Se o povo visse meu serviço pagava quinhentos. Eu trabalhava e cobrava duzentos. Aí chegou uma carta de Entrocamento Formoso, minha fama estava lá. O homem tinha cento e cinquenta trabalhadores na firma, mandou me chamar. Mandando botar quatrocentos, quando viram meu serviço mandaram botar cem. Não tinha homem melhor de serviço que eu não! Botavam três alqueires de pastos, não iam botar “peão” pra comer dinheiro não.

Eu fazia era sozinho: três alqueires de pastos era chá pequeno pra mim! Era chá pequeno pra mim! Nunca botei “peão”. Uma vez eu botei “peão” bem aqui nesse engenho, os “peões” piores que tinham! Comeram o dinheiro todo! Eram ruim de foice, ruim de serviço, eu disse: “nunca mais eu boto peão” Só vinham os ruins pra mim. Empreitei um serviço no João Pinheiro, meti uma taboca no pé, com pena de botina. Os peões lá comeram a carne duma vaca pra brocar a roça. Três alqueires de terra e meio, comeram a carne duma vaca. Eu disse: “agora mata uma leitoa porque eles vão pra uma derruba”. Era muito pau pra derrubar: “agora nego vai me pagar a pá que o bode comeu”!

Às cinco horas: heil! Bota aí o quebra o jejum, comia aí “nego” saía bonito. Largava o machado: “que meio dia! Tu tens horas pra se importar com meio dia”! Nós chegávamos na casa comia, a carne duma leitoa que ele deu pra derruba da roça, tinha uma pinguinha e bebia... E tinha pau! E tinha pau, não era conversa não! “Nego” deixava um Pau d'Arco monstro daquele, não tinha calma: “vamos lá”. Torava dessa altura botava no chão... Eu tinha dez tarefas de roça derrubada e o inverno me fez perder meu serviço lá porque só o brejo meu lá dava setenta sacos de arroz. Quando eu fui olhar ou lá a enchente já tinha lavado o brejo. O Zé amarelou, saí pra roça de noite na carreira, quando o Zé Domingó Buchudo ele e Joares me deram dez dias de serviço.

Ia de noite aí derrubar pau e quando davam oito horas ia brocar sozinho feito uma onça, então ele mais o Joares me deram dez dias de serviço mim... Não. Agora eu não aguento mais não. Eu gastei trinta dias de viagem de lá pro Balsas, da capital. No Ceará – Fortaleza. Daqui lá é chão! Nós tirávamos dezoito léguas todo dia na carreira sem comer. O povo tinha medo de gente. Quando enxergava-nos, olha! Passava cinco dias sem comer alguma coisa de sal. E caía aí no chão e dormia! ... E tinha o dinheiro, mas o povo não vendia. Pra alcançar Floriano foi duro! Saímos do outro lado do Rio Canindé, passamos o Rio Piauí, cortamos, passamos em Oeiras, passamos em Floriano de noite, que lá era claro.

Lá um “cabra” caiu no chão. Lugar da onça. A onça tinha comido dois em cima dessa serra: “aí vamos ver se a onça comia, chamei os outros. Eram sete horas da noite e tiramos até o Parnaíba, tudo sem comer e sem beber! Sem dizer assim: “joga isso na boca”! Cheguei em Floriano fraco, entrei em uma quitanda, joguei assim: “filho de Deus bebe uma pinga! Depois eu compro as coisas de comer: “Só à tarde eu compro ali no mercado”. Aí os outros: “não, o povo compra é mais barato”! “Eu compro é aqui que eu vou beber uma cachaça”. Comprei dois quilinhos de carne, tempero, pra fazer de comer pra mais tarde comer. Comemos, quando acabei me deitei no chão e agarrei nosono.

## GETÚLIO ORLANDO KRAHÔ

Entrevista em 04/ 05/ 2011

Getúlio krahô é o único representante dos índios Krahô a contar a história de Itacajá a partir do olhar indígena. Em sua narrativa ele expõe de forma clara seus pontos de vista sobre Itacajá, sobre o relacionamento com os não índios, os problemas enfrentados e as mudanças ocorridas na cidade e com os índios.



“Itacajá era tacafome! Não era Itacajá, era tacafome”

Itacajá, Itacajá não era Itacajá. Como Francisco Colares, que era missionário que chegou. O primeiro missionário se chamava Joaquim Leão que chegou e tomou conta do índio pra poder fazer amizade. Itacajá era “tacafome”! Não era Itacajá, era “tacafome”. O povo tinha inveja desses nomes. Porque quando a gente falava “tacafome” é porque não tinha nada, não é? Era mato fechado! A casa de comércio, armazém, não é? Quem servia para os Krahô era o João Borges, que era o dono do armazém. Onde temos a igreja do Lar Batista, onde temos a Praça João Francisco Colares. Uma casa que pertencia e servia para os Krahô. Lá do Balsas o pessoal trazia o sal, o querosene, essas coisas que o pessoal trazia no jumento, no burro. Pra poder entregar pro João Borges. Uma casa só. A rancharia do caçador dos Krahô era o Grotão, o Campeiro, a Lagoa Chicote, Jaó, Sudão, Fazenda Nova na Serra do Jaó.

Essa era a rancharia dos caçadores dos índios Krahô, antigamente. E quem cuidava dos índios era o finado Zé Rocha, que é o pai do Masolene Rocha, que está vivo até hoje. Os dois se comunicavam: o Zé Rocha e o Mané Perto em Carolina. Que o índio fazia a balsa (transporte) de mercadorias: farinha, abóbora, batata, milho, essas coisas. Fazia a balsa e descia em Manoel Alves Grande, pra poder vender e voltar. O Mané Perto comprava todas as coisas lá. Comprava os cereais dos Krahô, comprava o talo de buriti e madeira também. Então, a compra para as festas naqueles tempos, o Mirreís era o dinheiro naquele tempo. Um tostão era dinheiro naqueles tempos. Até 1940 que o Rondon tinha mandado o caminhão, o chassi velho está em Itacajá. Vocês querem ver o chassi velho do caminhão que entrou na mão dos índios SPI, era na manivela que o caminhão funcionava. Os índios fizeram a balsa pra poder atravessar nesses portos, até hoje o nome do porto Itacajá que o povo fala.

Porque que o povo fala Itacajá? Porque o Francisco Colares no Cajá encontrou os índios arranchados lá. Começou a encontrar a tartaruga e os índios fazendo os muquinhos lá e a macaxeira, fazendo o de comer deles. O Francisco Colares chegou lá e descobriu o pessoal e começou a colocar o nome de Itacajá, o “cajá”. Então colocaram esse nome. A fruta de cajá, que tem uma sombra boa, fica num lajeiro, que faziam a rancharia lá, pescava lá. Pescava tartaruga e começou a pegar a mandioca pra poder misturar com essas tartarugas. Então começaram a colocar o nome de Itacajá. Era “Tacafome”, o primeiro nome, não era Itacajá. Hoje estou com 66 anos, mudou tudo. João Borges era dono desse armazém aqui que fornecia para os índios. Tinha o chefe do SPI que comprava o sal, o querosene, a rapadura, pinga pra poder mansar os índios. O engenho no Grotão, até quando eu comecei a tomar a pinga com meu irmão Moisés. O dono do engenho chamava Beleza. Ainda hoje tem a família do Beleza: Dedé Beleza, Bebê Beleza, a mulher do Detim Beleza está viva até hoje, Bertos que era vereador e não é mais. Então, esse povo eu conheço de muito tempo.

Quem começou a juntar tudo, fez acesso da cidade, foi o Antônio Pimentel. Ele que começou a construir a primeira rua que é a Sete de Setembro. Era só uma rua. As pessoas que ele tinha conhecidas, era o Pedro Gomes, o Manduco Soares, que é da família do Mundico Soares. Então esse povo: Antônio Coelho, Manduco, Antônio Pimentel, o Detim, o finado Né, o Pedro Gomes. O mais pobre até hoje é o Zé Preto. Caboclo que sofria junto com a gente. Não pedia nada! Comia macaco, comia jabuti, comia lapau, comia toda coisa, os índios chegavam e faziam a rancharia na casa dele. O Mané Sinhá é outro também. Eu não sei onde a família dele está.

Só a família do Zé Preto que ainda hoje tem a Maria do Dêco que mora no Alto Lindos, ainda está viva, mas já está velha. Esse Antônio Preto que está aqui do outro lado, aqui no Mucunã, esse é outro também. Você passa na Cachoeira e vê de cá, aquele capão, ali era um engenho do finado Pernambucano, onde juntaram os índios pra poderem atacar a aldeia de Pedra Branca. E começam a atacá a aldeia dos Donzelos e dos Cachoeiras. Isso eu sei tudinho. Por causa disso o General Rondon começou a receber e começou a dá esses progressos pro índio, a proteção.

O progresso e a proteção ainda até hoje. A terra não é do índio, é do governo. É um progresso que o governo deu para o índio. Se o governo dissesse: “vamos tirar o índio daqui porque o índio não tem terra”. Já tiram, não é? Não é verdade? Tiram. Porque a terra é da união, é do governo. Então tira e já coloca outras pessoas. Mas como ainda até hoje, essa lei nunca muda, como ainda até hoje, o índio é federal, então é esse o progresso.

Então eu comecei a conhecer esse povo, aqui não era um povo, os moradores que eu tinha conhecido era o Sotero, que era um fazendeiro, a Cantareira, o Curral Queimado, o Jaó que era do Antônio Coelho, Ventura, que era do Mundico Soares, o Zé Gomes, Raimundo Carvalho. Esse pessoal era os fazendeiros de Itacajá. Mas Itacajá não era Itacajá. Nunca ninguém morou. Agora que tem a família de Sotero que está morando em Itacajá, já tem a família do Antônio Coelho que está morando em Itacajá, já tem a família do Mundico Soares que está morando em Itacajá, já tem a família do Raimundo Carvalho que está morando em Itacajá. Aqui era aberto! Sempre o Detim era a favor, que falava a favor dos índios. Detim não é pobre não! O Detim é rico também! Mas ele nunca fala maldade dos índios. Quando os gados, porque era no aberto de primeiro, quando estava chegando no mês de maio, junho, julho, os gados já entram pra dentro da área. O último sinal que o General Rondon mandou o caminhão pra cá, é um progresso que eu comecei a alcançar.

Tantas mercadorias que era o fósforo, era a foice, era o facão, era o machado, era a enxada e roupa. Quem sabe se a roupa era adoentada? Nós éramos pelados. Os índios botaram, quando o caminhão chegou, que receberam essas mercadorias todinhas, os índios fizeram uma coivara grande e botaram a roupa toda no fogo. Hoje o índio já é visto e influenciado por todas as coisas do branco. Primeiro é a pinga. Um copinho de pinga deste tamanho: “é cheiroso”! Aí botava num copo: “experimenta”; Só pra poder mansar? Mas o índio não era brabo! O índio já era acostumado, só não sabia era falar o português completamente como hoje.

Hoje, os índios novos já estão sabendo falar em português, já está sabendo ler. De primeiro era isolado, isolado, isolado! O índio saía daqui e passava um ano pra poder voltar. De Goiânia, por Rio de Janeiro, a pé ou em jumento pra trazer as compras deles que o governo dá, os prefeitos, não é o governo. São os prefeitos que dão. Era uma carga de mercadoria, as roupas. Os índios chegavam: “eu fui a Goiânia, o governador disse: olha a espingarda é nova, você não conhece, é uma arma bonita”. Carregava, atirava e todo mundo corria com medo. Quando o caminhão chegou com aquele para-choque dele e nunca ninguém tinha ouvido a zoadá do caminhão, pensava que era um bicho. E o para-choque da frente, pensava que era um dentão, que fica bem alumiado, brilhando. Às vezes começavam a correr de medo, quando nós éramos moleques. Avião mesmo também, pousou aqui no aeroporto velho, nessa hora assim, ninguém encostou debaixo do avião. O avião começou a zoar do jeitinho que está voando porque a gente nunca ouviu zoadá dele. A gente começou a ver o avião, ele começou a dá uma volta assim e todo mundo começou a correr. Entrava pro mato, procurava oco de pau pra poder entrar, procurava toca pra poder entrar naquelas tocas. No começo foi assim.

Até 1958, quando mamãe e papai morreram, aí eu não fiquei: “eu não vou ficar aqui não! Eu vou sair daqui! Eu não sei ler, eu não sei falar em português”. Essas BR, quando eu passei a pegar os caminhoneiros, eram de rodagem, encascalhadas. Belém Brasília, quando eu comecei a alcançar (conhecer), era encascalhada. Era uma fila de caminhão, aonde tinha um atoleiro, um buraco, era uma fila de caminhão que ficava um atrás do outro. A gente pegava carona de um por um. A gente pegava carona bem aqui em Presidente Kennedy, de Presidente Kennedy até Guaraí, de Guaraí até Paraíso do Norte, Anápolis. Então a gente ia assim.

Quando eu comecei a andar lá por Itacajá, não tinha moradores lá. Tinha moradores, como eu falei. Quem morava mesmo lá em Itacajá, era só o Zé Rocha, que é pai do Masolene Rocha, o finado Manduco, o Coriolano, Antônio Coelho e o Manoel Rodrigues. Esse pessoal era quem morava lá. Esse lugar era um lugar de Lagoa. Itacajá era um lugar de Lagoa! O mato era mato! Era mata virgem. Não tinha casa como hoje... A gente caçava naquela região, no Grotão e voltava para o Porto do Val pra dormir. A gente saía quase sete da manhã e se arrumasse o quati, o caititu, a anta, o veado, o tamanduá-bandeira, essas coisas, a gente voltava só à tarde. A gente sofria, porque a água acabava tudo. Tinha olho d'água, que todosos bichos bebiam lá, a gente tomava de conta desses olhos d'água pra arrumar acaça lá. De ponta a ponta, eu sei tudinho! ...As coisas mudaram tudo: não têm mais conhecidos, não têm mais amizades. Agora temos respeito, porque era no aberto, não tinha arame, não tinha cerca, não tinha nada. E os índios, quando eu comecei alcançar, eu estava com dezessete a dezoito anos, aí eu comecei a entrar e aprender o jeito que esse povo ensinava pra mim.

Quantas vezes que eu roubei o gado desse pessoal, do Sotero, do Zé Gomes, do Vicente... Acontece não é? Já aconteceu. O conflito aconteceu por causa do próprio fazendeiro. Essas fazendas eram dos índios. Índio chamava Tito. Hoje é o cacique. Hoje o povo já diz começou

inventar: é capitão, que é o chefe: “é o capitão de uma nova aldeia”. Que faz aquele equilíbrio, então eles botaram o nome de capitão. Agora, pro nosso idioma mesmo, é o “Pahhi”. Então esses títulos, até hoje, fazendo um demonstrativo que eu estou querendo fundar, levantar lá, é no mesmo lugar que o Tito morreu lá, que é do índio. Porque o governo deu essas fazendas pra poder ter o gado. Mas até os caboclos que mataram que chamavam: Trucato e o outro eu não estou lembrado. Então mataram o Tito. E o Soares, que era amigado com uma índia que toda hora ele transava com essa índia. Então eu não podia deixar esses gados, que esse pessoal carregava esses gados todos. Então Agostinho Soares tomou conta dessas fazendas para o índio. Agora, o próprio filho dele, que era o Mundico Soares, quando o Agostinho Soares morreu, o Mundico Soares tomou de conta das fazendas que era dos índios, mas aconteceu esse conflito por causa disso: do roubo dos gados.

O Tito era mehhi (índio). Foi por causa disso que aconteceram esses conflitos. Até hoje o Detim, Detim já está velho, é a favor do índio. Quando o Juca começou a prender meu avô Marcão, por causa desse negócio dos roubos dos gados, o velho Marcão era criminoso. Então quando ele assumiu o cargo como capitão, o homem era uma fera, uma cascavel pura! Então o Juca começou a prender ele porque tinha dois bois de rasteio e ele foi para a aldeia, aí por mandado do velho Marcão, mataram dois bois de rasteio. Depois a polícia de Pedro Afonso veio e pegou o velho Marcão e levou pra Pedro Afonso.

Depois de uma semana o velho Marcão voltou. Hoje não tem mais. Eu já fui ladrão de gado, eu já fui ladrão de arroz do paiol, eu já fui ladrão de porco do chiqueiro. E hoje em dia eu penso muito. Hoje eu não roubo mais. Chego e converso com as pessoas pra saber se podem arrumar ou não. Não é preciso eu obrigar. Pra ir mexer calado é pior. Roubar é pior ainda, é um crime! ... Eram. Essas criações de gado eram dentro da reserva indígena. Aqui era batido dos gados. Animal chegava, enchia aqui o agreste. Botavam os animais no mês de julho, agosto, setembro. E não pagava a renda. Nós roubávamos por causa da renda do gado: duas ou três. E botava na pedra quente! Isso que o Detim era a favor dos índios. Os fazendeiros abusavam demais e não pagavam a renda, não pagavam nada.

Em 1970 a ordem que veio do governo porque nós estávamos sendo guarda indígena, aí o Gilvan Cavalcante sempre me mandava cumprir a palavra dele. Nós tínhamos cinco cartucheiras calibre 22 e cinco cartucheiras calibre 20, aquelas espingardas que tem o bocão de cão, nós estávamos com essas armas na mão. Aí ele comprava o chumbo, a bala e entregava: “vamos ver os gados dentro da área”. E a gente procurava gado e não tinha gado, mas tinha animal e a gente, oh! Mas eu não dava tiro porque o cavalo e o burro são de Deus e eu não posso dá tiro nem no jumento nem no burro.

Depois desse conflito, passou muito tempo sem ter contato com o pessoal de Itacajá. Porque naquele tempo ninguém comia sal. Passou muito tempo. Depois é que o governo mandou a polícia ver quem foram essas pessoas que atacaram as aldeias. Então é por isso que o Joaquim Leão, que era um missionário que labutava com os índios, foi muito judiado. E eu estava acompanhando. Judiarão muito com ele. Nesse dia que juntaram os índios no acampamento e fizeram o camarada comer a própria bosta e beber o próprio “mijo”. Então é isso! Então os índios não iam pra cidade porque antes disso, desse conflito, os índios tinham uma cabaça de sal de pedra que vinha lá de Balsas no jumento. E os índios compravam na mão do João Borges, que fornecia e nisso passava muito tempo. Foi quase um ano. Aí o governo mandou pegar todos os criminosos que levaram pra Pedro Afonso e resolveu. Depois arrumou amizade novamente. Aí os índios fizeram contato novamente com os “brancos”.

A demarcação, quando eu comecei ver, o padre Rafael foi quem começou a demarcar. Eu vou fazer o mapa (desenha no chão): o Tocantins é aqui e o rio Manoel Alves Grande é aqui. Então tem o rio Manoel Grande de baixo e aqui tem Carolina, Carolina que é o Estreito, é aqui. Então rio Manoel Alves Grande passa aqui e já temos o rio Manoel Alves Pequeno que já sobe pra cá assim... Os Caiapó que saíram daqui e atravessaram o rio Tocantins e o rio Araguaia por que são corajosos. Os Xavantes fizeram a mesma coisa. Agora quem não foi corajoso ficou nesse canto, não é? Mas eu acho que os Krahô são fortes. Imagina em 1850/60 os Krahô vieram do Maranhão. Esse pessoal que tem balsa hoje é porque o índio fez uma balsa de talo de buriti, fez o grajal pra poder colocar os trens pra poder atravessar e atravessou pra cá. No Grajaú foi a mesma coisa também. Porque lá no Grajaú tem uma água de correnteza que não dá pra ninguém atravessar. A água é muito forte. Mas o pessoal fez e atravessou. Então essa demarcação que o padre Rafael começou a demarcar, ele acompanhou. Até Pedro Afonso é acesso dos índios que moravam lá. Então quando os índios estavam em Pedro Afonso, eles guerreavam com os Xerente. Os Xerente matavam os Krahô e os Krahô matavam os Xerente.

Então o Rio Perdido, olha: do Tocantins, Pedro Afonso, Rio do Sono, Rio Perdido, Serra Negra, São Geraldo, Rio Mateiro e Rio Vermelho, que é o mesmo Rio Manoel Alves daqui. Essa é a demarcação dos Krahô. Depois é que o SPI fez uma placa deste tamanho, está lá de amostra. A amostra indica o sul, o leste, o norte e oeste, indica tudinho. Agora, a FUNAI começou a demarcar por causa desse pastor Dodanin. O pastor Dodanim começou a pegar a metade dessa terra, daqui do Ribeirão dos Cavalos, passando pelo Ribeirão dos Cartuchos, até encostado o Goiatins. É uma terra muito grande que o pastor Dodanin começou a pegar. Então ficou fora dessa demarcação e a FUNAI começou a acreditar na conversa do Dodanin e começou a demarcar por esse rio.

Hoje a terra é muito pequena: dá 322 mil hequitares. É igual ao tamanho de da cidade de São Paulo. Essa terra não vai caber mais, porque já tem 28 aldeias, amanhã ou depois já tem mais, não é? Então não vai dá. A terra vai ficar imprensada. Só porque nós estamos reservando à mata, a mata virgem. Esse lugar tem toda coisa, tem bicho que você não dá conta. A onça é a pior. A terra é rica, mas nós não podemos descobrir. As pessoas que já fizeram estudo, pesquisa pela Antropologia, pelos planetas, já estão com os olhos em cima. Porque dentro da reserva a terra aqui é assim. Tem água pra cá, tem água em todas as direções. É assim dentro da nossa terra.

Então aqui, uma comparação: aqui tem o ouro, aqui tem pedra de ferro (minério de ferro), aqui tem óleo diesel, aqui tem um lugar de sal e as madeiras. Aqui nós estamos na chapada, mas pra lá é a mata virgem. É um boqueirão feio! A montanha, se você quiser conhecer, tem que ir pro morro do boi pra poder subir na serra, pra ver do “olho” (topo). O índio é pobre? É! Mas é poque quer. Porque sabe segurar terra. Se for abrir a mão, na mesma hora o povo já vai botar maquinário. Vai acabar com tudo. É do jeito que estou falando: do outro lado era cheio de mata virgem. Nessa hora, você ver daqui mesmo a zoadada de macaco gritando, quati, o capelão. Você ver todo o movimento dos bichos. Hoje é só mesmo o zoadeira de carro, de gado, só. E a noite? Qual é a luz do céu? A energia. Já complicou demais!

A FUNAI começou a demarcar em 1970. Agora a outra foi em 1940, no tempo do Antônio Estigarrido, do SPI. Que fizeram a primeira etapa. Eu sei tudinho. Eu era rapazinho novo ainda, mas pelo conhecimento, pela história que eu comecei a alcançar, pela história que eu comecei a escutar está tudo aqui no meu “gravador” (cabeça). Eu não repaço pra ninguém. Ficam todos eles aqui na minha cabeça... Os Krahô que moravam mais próximo de Itacajá eram os da aldeia Pedra Branca. Até 1980, essa aldeia Manoel Alves se criou aqui. Hoje nós estamos aqui, os Pedra Branca

estão lá, os Cachoeiras estão longe. E os Donzelos começaram virar uma bagunça, tem aldeia pra todo lado. Temos a aldeia Serra Grande, tem a aldeia Mangabeira, tem a aldeia Barros, tem a aldeia Cristalina, tem a Macaúba, tem a aldeia Morro do Boi, tem a aldeia Serrinha.

Agora a convivência dos Krahô com o cupem está igual café com leite, feijão com arroz. Porque quando eu comecei a alcançar em 1978, aí os Krahô começaram a casar com os “brancos” e os “brancos” casam com as índias também. Então por isso que não tem mais Krahô puro. Aqui já tem mestiço, em Pedra Branca tem mestiço. Lá tem o Xavante, o Caiapó, o Carajá, o Xerente, o Apinajé e já tem o “branco” também. Aqui é a mesma coisa também. Dentro dessa aldeia já temos o índio casado com “branca” e as índias casadas com o “branco” também. Não tem mais o Krahô legítimo. Isso eu digo porque você dorme aqui, passa uma noite aqui, você não dorme direito. É uma zoadeira, uma zoadeira! Você não aguenta. É barulho de som, é uma cachaçada que você não dorme direito. De primeiro era sossegado, era bom, era normal, não tinha preocupação, não tinha contato com os brancos. Hoje tem todos os contatos: já tem o celular. Toda hora: “olha o celular”! Já falam em celular, que antes não tinha. Hoje já tem celular pra todo lado! Pelo menos aqui dentro dessa aldeia, eu nem sei quantos celular já tem aqui. Tem o orelhão público, está lá a torre e o caboclo índio começou a arrebrantar o orelhão. Agora nós estamos esperando mesmo só o Dodanin chegar pra poder resolver. Sem ter o apoio dele nós na resolvemos nada. O Dodanin é o chefe da comunidade, é o filho do Secundo é o meu genro, ele vai chegar hoje. É o cacique.

Hoje não tem mais respeito do povo da cidade. O índio já perdeu a moral, já perdeu o respeito. E o “branco” não tem mais respeito ao índio. O “branco” já pega a índia e leva pra cidade, passa o dia se quiser, dá só mesmo uma gratificação só pra poder transar. Não enxergam, não tem mais respeito. Então é por isso que Itacajá, nessa hora, está lá naquela praça, um bocado de índio bebendo. Não sei de onde que pegam dinheiro pra poder tomar. Eu que estou ganhando, mas eu chego e não compro. Se quando eu chego num comércio: “bota uma pinga pra mim aí”; “não. É proibido”! Como é que eu vou teimar, não é? Eles são os donos e falam desse jeito, eu vou brigar, eu vou teimar? É melhor largar. E graças a Deus eu não bebo e estou satisfeito, alegre. Então eu já tenho tantos contatos com muitas autoridades, o meu trabalho, o meu papel, porque eu vou fazer meu trabalho. É assim: hoje não tem mais respeito!

As vantagens de morar perto de Itacajá, é que as pessoas que não tem conhecimento, olha: meu neto já está fazendo faculdade, não tem mais respeito, já casa com o “branco”, já tem dois filhos com o “branco”. Aqui na aldeia já tem um filho. Em vez de está orientando o povo dele, ele está dentro da cidade, porque ele está recebendo. Então essa é a vantagem dele. Agora outro que não tem vantagem fica sofrendo aqui junto do povo dele, não é? Porque aqui eles comem o bejú, mas estão junto com o povo dele. Na hora que disser assim: “hoje é o dia de acabar com todos os índios. Os índios não vão ficar nenhum. Nós vamos acabar com o rastro de índio, que é rastro de macaco! Vamos acabar com rastro de macaco tudinho, porque macaco rouba, malina, é muito antipático. Então nós vamos acabar com rastro de macaco”! E acaba com todos e ele vai ficar? Na vai! Então é assim! Eu sou contra! Eu comecei a entrar pra civilização em 1958, que eu comecei a aprender. E aprendi muito, um bocado de coisa. Eu não sei ler, mas dentro do meu conhecimento, da minha experiência, eu fico assim. Porque realmente é bom para os novos. Os novos querem trabalhar? Querem ficar igual? A roupa é bonita, o perfume é cheiroso. Se você botar uma roupa bonita no corpo, um desodorante, a menina gosta de você. É assim.

As mudanças até agora que eu comecei a alcançar aqui por causa da proximidade com a cidade foram para o mal, não foram para o bem. Porque não tem mais respeito pelo índio, o cú de bêbado não tem dono, não é? Então não tem nem como. Eu mesmo não vou obrigar, eu sou pobre e vou

morrer pobre. A mudança é negativa, não é positiva. Então isso eu já estou vendo tudinho. O aprendizado do povo que está todo dia na escola, todo dia sai pra festa, todo dia está pro jogo, todo dia está o missionário na igreja. Não é justo. Porque dentro do meu conhecimento, a mudança, se for pra fazer uma comparação, pra me arredar dessa aldeia, eu quero me concentrar bem.

Sendo eu índio mesmo, nunca vou virar cupem, nunca! Eu posso está com roupa bonita, eu posso está com o sapato no pé, posso está com na meia, posso está com um relógio no braço, posso está com a caneta aqui na camisa, posso está com óculos, mas não sou “cupem”! Eu sou é “mehhi”. Que o nosso pai que deixou o legado pra nós deixou você pra ser índio? Você está crescendo o cabelo tu é índio? Tu não és! Tu és outra pessoa, mais é o mesmo sangue. O nosso corpo não é diferente um do outro. O teu nariz não é pra trás. O meu nariz a mesma coisa também. O teu calcanhar é pra frente e o teu nariz é pra trás? Não é! A tua orelha é diferente da minha? A tua orelha é redonda e a minha é esticada? Não é! É igual! O cabelo não é diferente. Então isso que meu ponto de vista.

Tantos pesquisadores, tantos antropólogos estudam, tantos geógrafos, tantos cientistas. Mas dentro do sentimento da lei que o nosso pai deixou. Porque nós só temos dois pais: se teu pai está vivo, está vivo. Se teu pai já morreu, mas tem outro pai que está olhando por nós todos. O que eu estou falando, ele está ouvindo tudinho lá. Mas se ele disser assim, na minha cabeça: “vocês falem isso, isso e isso”! Então do mesmo pensamento que fala, ele está só mesmo me adiantando. Eu não estou ouvindo nada, mas eu já estou é falando do mesmo jeitinho que ele está falando, eu estou falando com o mandado dele. Ou eu estou mentindo? É a mesma coisa de você está aqui. Pelo mandado dele, você está anotando o que eu estou falando. Então isso é uma elaboração, esse é um parceiro, esses são irmãos. São do mesmo sangue. O corpo, não é diferente porque o corpo é de um ser humano.

Esse negócio de comerciante, meu irmão, é só por causa do “poré (dinheiro)”. Sem ter “poré” como é que você faz os contatos com os comerciantes? Sem ter “poré” como é que você faz seus contatos com o “mehhi”? Você não tem contato. Mas você tendo “poré”, você está fazendo os contatos com o Krahô. Então o Krahô tem esses contatos com os comerciantes desse jeito: por causa da aposentadoria, por causa do auxílio maternidade, por causa do salário dos funcionários da saúde e da educação. Tudo é assim, segue as ilusões dos comerciantes. Quando nós não tínhamos nada, os comerciantes não tinham contato com os índios. Quando nós estávamos no guarda indígena, nós comprávamos no armazém do Detim. Um comerciante. Nós comprávamos lá, o carro levava as coisas. Lá na aldeia nós tínhamos armazém que o caminhão levava as coisas e jogava tudo lá. Por causa desse nosso dinheiro.

A hora do pagamento, são vinte e oito funcionários, então era quase uma tonelada de caminhão que ia pra aldeia Pedra Branca pra poder sustentar. Nisso que todo mundo ficou com ciúme. Hoje ninguém não quer nem sair pro mato pra caçar, hoje ninguém quer ir pro mato pra pescar, hoje ninguém quer ir pra roça pra trabalhar. Confiando só nesse dinheirinho, não é bom. Tem hora que o neto, o filho, toma conta do dinheiro todinho. E comerciante? O velho faz a compra no comerciante, açúcar e café, essas coisas tudinho, o neto, o filho já pega um pacote de café, de açúcar e vai trocar pela pinga. Pra poder embriagar a cara dele. Aí já vai começar a brigar com o próprio dono do dinheiro. Ou já vai abusar com o dono do comércio. Eu mesmo não dou dinheiro para o meu filho. Não dou! Só na hora que eu quiser dá. Mas o meu filho na hora que eu estou na porta do banco, meu filho não me acompanha.



Eu sei que ele está sabendo que eu vou tirar esse dinheiro, sacar o dinheiro. Faço as compras, não vai pra lugar nenhum, vai pra casa e todo mundo vai comer. Se tiver os filhos casados já ficam afastados de mim, mas ele vai comer junto comigo também. Nem que seja um copinho de café ele toma. Eu compro um pacotinho de feijão, ele come também. Um quilo de carne dá pra servir pra todo mundo. Então meu filho faz assim comigo. Meu filho nunca me abusou, nunca me aperreou por causa do meu dinheirinho que eu estou recebendo. Então é assim... A nossa vivência de primeiro, de 1955, 1956, a minha mão era cheia de calo, só de soca arroz no pilão. Cinco ou dez pratos pra poder vender aí na cidade e ganhar dinheiro. As coisas que faltavam, eu comprava. As que nós não temos, é o tecido, o pano, o querosene, o anzol e a linha de *nylon*.

Que a gente fazia a linha de tucum. Cadê o cabelo na minha perna? Só de fazer a cordinha pra poder ir pescar, eu não tenho cabelo em minha perna. A perna é limpa. A linha de tucum acabou com o pelo todinho. Então a nossa vivência era assim: nós íamos trabalhar na roça, pra ter o arroz pro consumo da casa. A mandioca, a farinhazinha, ao menos três sacos para o consumo de casa. O porco, quando nós tínhamos o dinheiro, nós comprávamos o porco pra poder fazer o tempero da comida. De primeiro não tinha o óleo, nós não usávamos. Alho? A mesma coisa também. O nosso de comer era nativo: leite de coco dentro do de comer, da fava. Eu não tenho costume de comer feijão. A fava que é boa é gostosa e é forte. Não é igual feijão. Tinha tempo que a gente plantava feijão trepa-pau, o milho, a abóbora, o inhame e a batata.

Meu costume é esse, então eu não posso deixar faltar. O milho também eu comecei plantar um pouco e está aqui guardado. Um feixe dá pra eu tirar quatro tarefas. Porque eu não quero milho híbrido. Porque eu gosto de plantar toda coisa... Hoje o nosso modo de viver, para os novos é diferente. Eu fico só lembrando. Porque eu sinto muito! Nessa hora, se fosse na minha época, eu não estava dentro de casa. Eu estava dentro do mato. Eu não ia pegar essas carnes de gado, porque carne de gado é dominada com os remédios. A gente come carne de gado, aquela medicação que está no sangue, na carne passa todinha pra gente. A gente come e já dá um problema. É assim. Então eu fico só lembrando.

Eu gosto de comer é assim: natural. Arroz de pacote também não dá pra eu comer. Eu compro pros meninos para as mulheres comerem, mas eu mesmo tem hora que eu como e tem hora que eu não como. Porque a química do arroz já saiu todinha. Já vem outra química, que é a química do óleo, da máquina, que já começa a repassar. E ninguém conhece: “olha o arroz é limpo, é bonito”. Mas não é. Já está dominado. Aí comem. Tem hora que vai dá certo e tem hora que vira. Então é assim. Eu nunca mais comprei arroz dentro da cidade. Eu comecei a parar de comprar, já está com um ano. Por causa da morte da minha sobrinha. Que foi toda cortada em cima da pinga. E ainda até hoje está preso. Que eu mesmo comecei a pegar, pelos pedidos das comunidades e entreguei na delegacia. Eu estou esperando o dia de julgamento pra saber quanto tempo o caboclo vai ficar. São trinta anos. São trinta anos. Porque não tem nem como eu pagar pra um advogado, nem para uma promotora, nem para o escrivão, nem para o juiz, nem para a procuradoria, não dá de pagar. Então deixa o caboclo ficar dentro da gaiola. Eu espero só mesmo o julgamento dele. O dia do julgamento. Eu fui fazer a investigação em Goiatins. Eu falei para os advogados, procuradores, juiz, escrivão.

Eu falei desse jeito para o Vilmar, que o advogado da FUNAI, falei: “olha, seu Vilmar, se vocês querem tirar o processo do homem, vocês podem tirar o processo. Porque eu não tenho como pagar para o advogado, procurador, nem para o juiz, nem para o escrivão, nem pra mim mesmo. Um cabelo não dá de eu pagar pra mim, não dá de eu pagar pra ti. Será que você está à toa? Não estão. Vocês querem defender a vida do juiz, você está ajudando o juiz, o escrivão também, até o

senhor também. Se vocês querem tirar, sinceramente, então eu vou falar com o pessoal da FUNAI que eu quero tirar ele e nós vamos fechar a nossa porta. Porque já entra índio com índio e vamos resolver. Ou ele vai viver ou nós vamos matar ele. Isso é verdade. Porque a família da minha sobrinha grande, não é pequena não. E o povo dele está é criticando, que está vingando? Então a família do Evandro não pequena não, é muita gente. O pai dele é funcionário também, então eu vou juntar todo mundo pra nós poder combinar. E nós vamos tirar ele, mas nós vamos fechar a porta. Eu não quero que a FUNAI entre no meio, não quero que ninguém entre no meio! Só entra o índio com o índio! Isso é que eu vou falar logo e é de agora! E o caboclo ainda está preso.

De primeiro a gente produzia, vendia para os comerciantes, mas nós comíamos também. quando a gente está precisando vender, a gente vende. Um cacho de banana, um prato de farinha, um prato de arroz, tapioca, cinco pratos de milho. A gente vendia assim. E se não quisessem ficava na nossa mão mesmo. Negócio sério mesmo da gente precisar vender essas coisas é pra quando a tiver em falta essas coisas: o pano, o querosene, o sabão, essas coisas. A gente vendia pra comprar essas coisas. Hoje não. Hoje, em vez de nós estarmos vendendo, nós estamos é comprando. Nós estamos entregando o dinheiro do governo pra esses comerciantes. Há pouco tempo o ministério público veio aqui pra poder liberar. Hoje não tem mais respeito.

Liberou a pinga e o que vai acontecer? Todos os índios vão morrer! Só de pinga! Não tem jeito! Toda hora eu estou vendo índio bêbado, bêbado, bêbado, no meio da rua! Liberou? Os índios vão se acabar! Só de beber! Isso é que o governo já está fazendo. E eu já estou vendo. Eu tenho muita preocupação com essas coisas... Essa amizade do povo da cidade com os Krahô não é muita. Dentro dessa aldeia aqui mesmo eu estou vendo que por causa desse negócio de política. Se não fossem os políticos os índios não tinham esse ponto de vista. Aprendeu com os políticos? Todo mundo está na política agora. Sem ter política, como é que você vai entrar? Esse negócio de reunião, não é de política? O índio entrou lá? Quantos índios que entraram lá? Entraram somente dois. E o resto? A população todinha de Itacajá dá sete mil habitantes, incluindo os índios pra poder dá isso. Em toda política só vai um ou talvez nenhum.

É só mesmo o povo de lá que faz a política deles, já decidem: “é isso, isso, isso, isso e isso”! Quem são os responsáveis? É o mesmo povo, é a mesma família. Diga que não: “está bom! Porque amanhã eu não vou está aqui. Amanhã eu vou embora, vocês vão continuando aqui, eu já ganhei meu dia, vou tirar o pé”! ... se tivesse mais mehim nessas questões, eu não vou responder nada. Talvez seja justo e talvez não seja justo. Porque se eu disser assim: “é justo! É positivo”! Negativo! Tem muita coisa rapaz! Tem muita coisa! Você veja que tem tantas pessoas que a gente fala, eu estou muito preocupado. Porque nós, naquela época, tínhamos outra vivência. Nós não tínhamos preocupação com nada, não tinha preocupação com nossa vida. A nossa vida era descansada, era pra festa, pro trabalho. Tinha animação, era alegre. Não tinha reclamação, não tinha briga, ninguém não faltava. Hoje você quer fazer uma reunião com todo mundo, marca hora, chega primeiro do que todos pra poder ver, dá atenção certinha pra você poder perceber direitinho. Você marcou oito horas? Já chegam dez horas. Uma comparação: se você tem um carro: “não, eu estou indo pra cidade, eu venho visitar vocês, eu já estou voltando, então eu já estou sendo amigo de vocês, então eu já estou indo embora”. Aí um já diz assim: “não, é só eu e meu companheiro que vamos pra Itacajá”. Duas pessoas e em cima dessas duas pessoas tem mais de dez pessoas. O carro não cabe. Eu conheço a realidade desse povo daqui.

Eu sou do mesmo povo, sou da mesma raça, falo idioma deles também. Então eu conheço, leio, conheço tudo. Se eu quiser, eu digo assim: “você comprou esse peixe, não foi pra mim que você comprou, foi pra outras pessoas”. Então eu te falo: “compra esses pra mim também”. Eu não sou

diferente do outro, eu sou igual. Porque você está dando, você tem dinheiro, então compra pra mim também. E quando você diz assim: “eu não tenho. Acabou. Eu só tenho esse aqui e já gastei”. Eu sou do mesmo povo, sou da mesma raça, sou do mesmo sangue. Sei tudo... Precisa melhor pra mim mesmo, pra dentro de casa. Eu não menti não. Dentro de casa eu sou responsável. Se minha família diz assim: “não...” sem conversar comigo, eu vou passar é dois dias fora. Aí eu vou te procurar porque você vai. Por quê? Porque você vai cair fora de mim? Você não tem a casa? Você não tem de comer? Você não tem trabalho? Então você tem que colaborar comigo. Considera-me e eu considero você. E se você não tem consideração, se você não tem fé em mim, então eu não tenho fé em você. Porque eu trato você como mentiroso, não é? Porque você não está trabalhando certo pra mim. Eu trabalho certo contigo e você não quer trabalhar certo comigo. Então nós temos que unir, nós temos que ter o contato certo pra poder ter o controle, ter responsabilidade.

## **DODANIM GONÇALVES PEREIRA**

Entrevista em 04/06/2011

Dodanim é natural do estado do Rio de Janeiro e veio para Itacajá através da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Ao chegar em Itacajá vai trabalhar junto aos índios Krahô e em sua entrevista nos conta, entre outras coisas, sobre o conflito e assassinatos de índios Krahô por fazendeiros locais por volta de 1940.



“A maior lição que eu tirei foi que dirigir uma cidade é coisa difícil”!

Eu nasci em Aperibé, na Ilha do Daniel. E mudei pra Itacajá com os missionários da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileiro. Eu nasci num lugar por nome Jacutinga, município de Cambuci, estado do Rio de Janeiro... Meus pais nasceram também no estado Rio de Janeiro, mas vieram de Portugal, de Portugal vieram da Suíça. Meu pai morreu com vinte e cinco anos e então eu fui viver na casa do meu avô Danielzinho. E ele então me registrou como filho dele: Dondanim Gonçalves Pereira. O meu avô criou o hábito de dá nome a seus descendentes com a letra “D”. Ele era filho do velho Daniel que era pai de Danielzinho, irmão de João Daniel. Todos com “D”. Aí meus filhos, eu tenho oito filhos: Doriel, Deziel e Dorielson: três homens. E cinco mulheres: Darlene, Deoninda, Dielma, Dilma e Dalva. São as filhas.

Eu vim pra Itacajá pra pregar o evangelho para os índios. O Colares morava em Itacajá: Francisco Colares é que é o fundador da cidade. Ele veio para aqui e fundou a cidade. Aí ele pôs Itacajá porque tem a cocheira do cajá. E acontece que eu era soldado do Marechal Rondon que era índio no Rio de Janeiro, então eu vim visitar Colares e Colares me levou pra fazer uma visita aos índios da aldeia de Pedra Branca. Acontece que, quando eu estava no Rio, soube que tinha tido um massacre dos índios Krahô na década de 1940, eu fui ao Marechal Rondon e perguntei se ele não sabia do massacre dos índios e ele disse: “não”. Aí eu mudando pra Itacajá, quer dizer o Colares me levou à aldeia Pedra Branca. Aldeia Pedra Branca me mostrou quatro sepulturas na aldeia... Não lembro. Pois bem, lá eles me mostraram à sepultura de quatro que eles mataram: matou o chefe da aldeia, não é? Quando os matadores dos índios chegaram mataram logo uma índia grávida: furaram a barriga dela, mataram ela e criança. Aí tinha um índio cego, eles mataram também. Os índios fugiram dos matadores: entraram na mata.

Aí disseram pro chefe da aldeia, parece que era Silvino: “olha, você não é nosso chefe? Porque que não vai fazer as pazes com os matadores? Você tem gado, você pode pagar”! Quando ele chegou lá os matadores estavam no pátio, ele chegou e disse: “olha, porque vocês estão matando os índios? Eu pago! Eu tenho gado, pago o prejuízo”. Aí um preto matador veio por trás e disse: “eu não vim pra conversar com índio, eu vim pra matar índio”! E deu um tiro nas costas dele, não é? Matou o chefe da aldeia Cabeceira Grossa. Acontece que matou um cego, matou a índia grávida e matou esse chefe. Foram quatro nessa aldeia. O Colares me mostrou as sepultura deles, dos quatro. Aí eu vim pra PedraBranca. Em Pedra Branca ele me mostrou a sepultura de três. Na Cachoeira do Pernambuco, uma índia moça estava lavando um peba, então os matadores vieram e atiraram numa mulher que estava com a criança no braço. A bala atravessou o menino e o braço da mulher. Eu vi o sinal no braço da mulher. Aí a mulher pegou o menino e pendurou num cofo na árvore e fugiu dos matadores. Sim, antes da cachoeira, tinha dois índios em cima de duas mangueiras, eles atiraram nos índios como se fossem macacos.

Os índios caíram no chão e morreram. Mataram dois, com o menino: três. Então nessa aldeia de Pedra Branca, mataram três. Quando massacraram os índios Krahô na década de 1940, eu levei a notícia ao Marechal Rondon. Então eu fiquei sendo conhecido dele. Eu era soldado, na Segunda Guerra Mundial, eu jurei bandeira no Palácio da Vera, no Rio. Então acontece que o Marechal Rondon teve a idéia de criar uma reserva para os Krahô: Kraôlândia. E como eu era conhecido dele, então mandou que eu marcasse a reserva. Então eu marquei a Cachoeira do Manoel Alves Pequeno, até Itacajá. Depois sobe o Ribeirão dos Cavalos até a cabeceira. Depois desce no Riozinho até o Rio Vermelho. Depois sobe o Sussuapara até o Ribeirão Cachoeira. Depois, do Ribeirão Cachoeira vem até a divisa com a Cachoeira do Manoel Alves Pequeno. Essa é a reserva dos Krahô que eu marquei. Quer dizer que aí eu fiquei fazendo parte da história do estado, em relação aos índios Krahô. Eu vivi algum tempo lá na aldeia dos Krahô, então eu aprendi a língua deles: então um “*wakre Krahô jukwa*: “eu falo a língua dos Krahô”. E os índios, pra eu virar índio, eles tem dois partidos: “*Catànjê* e o *wacmenjê*”. Eu sou Catànjê. Então eles me pintaram assim no braço, peito, uma listra preta de carvão e pau-de-leite. Aí me levaram lá pro “*Cà*” = pátio e lá uma índia, com uma cabaça de água me deu um banho. A índia disse pra mim: “*carântóc*”: é o meu nome; “*a jô cupe cu mem*” = “tira a roupa”. Aí eu tirei a roupa. Ela então me pintou de “*catànjê*”, a listra do “*catànjê*”. E no meio da listra ela pregou penugem de garça e periquito. Então enfeitou meu corpo todinho de periquito e de garça. E disse: “*carântoc...*” agora= “*ita*” “*kera Krahô jô pabhi*” “você é chefe dos índios Krahô”= “*pahiti*”, aí eu disse: “está bem!”. Ela me montou nas costas de um índio: “*cawanti*”= cavalo. Que era o índio maior que tinha e fez a volta no “*keri ca pé*”, na rua que tem de frente das casas da aldeia.

E ele então parava e dizia: “*hõpur mehi...* = índios “... *hõpur Carântóc pabhi krahô jô pabhi*”? = chefe dos krahô? Aí parava noutra casa e dizia a mesma coisa. Até que fez a volta no Krim e me pôs na casa do chefe, do “*pabhi*” da aldeia e disse: “*ita Krahô jô pabhi carântóc*”! Aí eles me deram um arco e sete flechas e disseram: “agora você é chefe dos Krahô”. Se você perguntar a um índio Krahô que eu sou, se eu sou civilizado: “*ita cupe? Ita mã mehi mã*= esse é branco? Não. Ele é índio mesmo”! E ele me cumprimenta como chefe: “*hàpà pabhi carântóc*”? “*Carântóc*” quer dizer “veado pulador”, eu pulo em muitos lugares. Então eu sou veado pulador, como dizem eles. Quando eu era pequeno meu padraço comprou, com o dinheiro da minha terra que eu tinha no Jacutinga, que meu pai deixou pra mim: duzentos mil reis. Ele comprou uma propriedade e depois vendeu por duas partes. Vendeu essa propriedade e fez uma padaria, voltando pra Aperibé. Quando meu pai morreu, nós fomos morar lá em Itacajá. Agora meu pai, como eu estava morando na casa do meu avô, meu avô

pôs o meu nome como se eu fosse filho dele. Os filhos dele todos são Gonçalves Pereira, então ele pôs Dodanin Gonçalves Pereira. Mas meu nome deve ser: Dodanin Gonçalves Pereira de Sousa. Porque meu pai é João Gonçalves de Sousa, não é? Então eu ainda vou acrescentar esse “Sousa” no nome. Sim, nesse sítio meu padraсто plantou um milharal muito grande e vendeu um carro de milho lá pra um vizinho. E então o carreiro gritava para os bois de guia, tinha cinco juntas aquele carro: era coice, contra coice, meio, contra guia e guia, não é? Cinco juntas. Então ele gritava: “fasta pra lá! Vem cá, Maranhão! Diabo!” Xingava o nome diabo. E eu aprendi a xingar.

Aí minha mãe, quando minhas irmãs, filhas de minha mãe, porque eu morava na casa da minha mãe, não é? Quando papai morreu eu fui morar na casa da minha mãe. E elas me amolavam e eu dizia: “vai embora, diabo!” Xingava. Aí elas diziam: “mamãe, Dodanin está xingando: diabo”. “Quando ele xingar diabo, você traz ele aqui?” Aí eu me distrai, elas me amolaram e eu chamei. Elas pegaram em meu braço, eu era pequeno e elas eram grandes, me levaram lá. Minha mãe arrancou uma vassoura e me deu uma surra grande que nunca mais eu xinguei. Valeu a surra!

Acontece que o Marechal Rondon mandou que eu marcasse a reserva dos índios. E eu então marquei a reserva indígena. Na reserva indígena moravam muitos “civilizados”: cem fazendeiros. O Marechal Rondon me incumbiu pra tirar os fazendeiros de lá. Eu juntei na outra aldeia perto da aldeia Pedra Branca, juntei os cem fazendeiros, pedi os contratos de agregassia deles e disse: “olha, esse contrato diz que pode ser anulado a qualquer tempo. Vocês pagam uma agregassia aí na terra dos índios? Agora eles aumentaram. Vocês já pagaram a primeira vez, agora da segunda vez, aumentaram muito o preço. E eles vão aumentar muito o preço. Se vocês saírem, eu não vou cobrar isso que eles estão cobrando e vocês me dão os contratos”. Aí eles me deram os cem contratos e eu anulei todos eles. Lá dizia que esse contrato poderia ser anulado pelo fazendeiro ou pelo chefe de posto. Eu era chefe de posto e anulei todos eles.

Fiz um pacotão grande e guardei lá na aldeia. Quando eu saí, entreguei pra outro chefe. E agora eles dizem que fui eu quem tirou os “civilizados” lá da área indígena, pra ficar só índio. Mas não é verdade não. Quem tirou os índios da reserva foi Deus. Porque um homem não tinha a capacidade de convencer cem fazendeiros a deixarem suas fazendas. Mas havia uma lei, eu aproveitei essa lei e requeri pro orfanato de Itacajá, cinquenta alqueires de terra. Eu comprei e lá depois os chefes da aldeia, três por pessoas compraram o gado, não é? Duzentos e onze gados e quinhentos alqueires. Eu comprei do estado de Goiás porque o Tocantins ainda não era estado. Tinha o estado de Goiás, onde ficava o orfanato e escola Francisco Fulgêncio Soren. Pois bem, eu ainda comprei para o orfanato, com uma nota de Duzentos Cruzeiros a atual sede do Lar Batista.

E comprei de três posseiros ali. Uma outra eu comprei por Cento e Cinquenta Cruzeiros e uma terceira por Cento e Cinquenta Mil Cruzeiros. Um preço absurdo, não é? Comprei essas três terras na sede e comprei a fazenda, onde tinha duzentos e onze gados, que o diretor da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, vendeu os bois e vendeu a terra também, não é? Aí eu escrevi uma cartinha pro diretor da Junta de Missões Nacionais, chamei de ladrão, porque tinha roubado o gado. Porque o gado não foi dado a Junta, foi dado ao orfanato e ele pegou e vendeu. E o diretor do orfanato não podia vender, porque não era dele. Então eu escrevi uma cartinha pra ele escrita em cinquenta folhas grandes, dos dois lados. Aí disse que ele não podia vender o gado, nem vender a terra que ele vendeu, não é? Ele achou ruim a minha carta, mas era verdade. Aí eles mudaram o nome do orfanato pra Lar Batista da Esperança e mudou o Lar Batista de Itacajá pra Porto Nacional, eu não gostei. Lá, eles compraram com o dinheiro da terra e do gado uma terra e fizeram umas casas diferentes daqui. Aqui era uma casa só, grande.

Lá são umas casinhas pequenas: casa do diretor, casa do refeitório, casa da morada dos meninos, cada casa com quatro meninos. Fizeram um negócio diferente. Eles venderam quinhentos alqueires de terra por duzentos e onze mil reais e compraram uma área de cento e cinquenta alqueires. Quer dizer, quinhentos pra cento e cinquenta, foi um roubo muito grande, não é? Eu fui lá visitar, eles querem que eu vá pra lá pra fazer uma carreira de manga como tem aqui. Eles quiseram vender aqui, não conseguiram porque aí é da prefeitura, pertence à cidade. Aí é Lar Batista, propriedade da Junta de Missões Nacionais, então ele não pode vender. Eu estou com vontade que eles criem aí um orfanato escola Francisco Fulgêncio Soren, porque esse nome é o nome do outro orfanato. Então queria que ficasse com esse nome, mas voltasse o nome de um orfanato.

A ideia do Colares era arranjar um orfanato pra beneficiar os “civilizados” e os índios. Só tinha uma índia lá! Morreu o pai duma índia, ela ficou órfã e o Colares levou lá para o orfanato. O nome dela é Noemi Kra. Sim! Quando eu assumi a administração da Segunda igreja Batista de Itacajá, eu construí a Segunda Igreja Batista de Itacajá. Eu e as crianças tiramos abaixo da cachoeira do cajá tiramos as pedras e trouxemos pra cá e fizemos a Segunda Igreja Batista de Itacajá. Quer dizer que quem fundou Itacajá foi o Colares. Colares veio e ocupou um lugar que não tinha nada. Francisco Colares criou orfanato pra atender órfãos dos índios e órfãos do Lar Batista.

Eu estou querendo que eles conservem o orfanato. O pessoal de Porto Nacional quer que eu vá pra lá pra fazer outra alameda lá, porque a prefeitura pôs o nome na alameda de: Alameda Pastor Dodanin Gonçalves Pereira, essa aqui de Itacajá. Por isso que não pode tirar porque é propriedade da prefeitura, não é? E eu então estou insistindo com a prefeitura que insista com as Missões Nacionais pra pôr pra funcionar o orfanato: o Orfanato Escola F.F. Sorem. F.F Sorem era o primeiro pastor da Primeira Igreja do Rio de Janeiro, era a igreja que dava o dinheiro pra sustentar o orfanato.

O motivo do massacre é que os matadores diziam que o índio era um elemento que roubava a terra dos “civilizados” pro Lar, para as crianças, não é? Então os pais das crianças abandonavam as crianças, tinham e não tinham pais e mães, e eles então achavam que era besteira os filhos estarem num orfanato, porque não eram órfãos. Mas eram órfãos porque eram desprezados, os pais não cuidavam dos filhos. Então houve essa dificuldade.

Lá em Jacutinga, onde eu nasci eu morava na fazenda do Gustavo. Ele era o fazendeiro, dono da Jacutinga. Tinha um cafezal, que num ano só ele fez um milhão de cruzeiros, só em café. Era um fazendeiro muito rico, era o dono da Jacutinga. Como eu era sobrinho dele, o meu pai morava lá. Morava num lugar chamado Vargem. A casa era de dois andares, com uma sala, um quarto de dormida e embaixo a cozinha, três cômodos apenas. Meu pai, quando eu nasci, ele me pegou no braço e disse: “oh Deus, aqui está o Dodanin. Eu lhe ofereço pra ser missionário, pra ser seu filho”! Então ele me doou ao pai do céu. Quando menino, o pastor de Aperibé, o pastor Alfredo Reis, criou um orfanato em Aperibé, então me chamou para o orfanato: “rapazes que quiserem estudar para o ministério, pra ser pastor, vem aqui pro orfanato. A gente trabalha na ilha...” lá pra baixo tinha uma ilha grande da família Reis “... e trabalha na ilha e mora aqui na igreja”. Aí ele tinha uma casa que tinha um quarto grande embaixo e morava gente em cima. Aí eu queria estudar para o ministério, pra ser pastor, aí fui pra lá parece que com mais cinco companheiros. Ficava lá e trabalhava na ilha pra pagar nosso sustento... O nome “Itacajá” é porque tem a cachoeira do cajá, então o Colares pegou o nome da cachoeira e pôs “ita” que é “pedra” e cajá: Pedra da Cajá. É o nome aqui de Itacajá.

Eu vim pra cá pra pregar o evangelho para os Krahô. E quando eu era missionário lá, é que a junta me tirou lá dos índios Krahô, depois que eu vivi uns cinco anos lá. Tirou-me pra ser diretor do orfanato... Não. Não foi difícil me adaptar aqui, porque aqui era roça. E eu era da roça, então não foi difícil não... Quando eu cheguei aqui, ainda era um povoadinho pequeno. Uma igreja de palha, igreja Batista. Eu então mudei: fizemos aquela outra... Não. Aqui não tinha muitos moradores não. Aqui começou só com um morador, que foi o Colares. E o Colares fez uma escola, o orfanato escola e então foi juntando mais gente, não é? .O transporte que eu usei pra vir pra cá foi de animal. Do Tocantins aqui, é longe!

Porque o Rio Tocantins é um rio grande, mas lá em Manoel Alves Pequeno é outro rio que desemboca lá. Eu vim e fiz casa pra ali e passei a morar aqui. Depois é que me compraram essa casa aqui e reformaram, botaram telhas, limparam e puseram piso também. Aí me arranjaram essa casa aqui... Na mudança eu trazia pouca coisa: eu trazia uma mulher, a Edite, minha primeira mulher. Edite Cardoso Duarte. Eu casei com essa mulher e ela me deu sete filhos. Depois ela morreu e eu casei com a Maria. Maria me deu um filho só: Dorielsom. Ele veio agora pra fazer a festa do centenário. Eu fiz a festa do centenário lá na roça. É longe daqui lá. Tem talvez uns setenta quilômetros. Ainda tem um sítio lá. Tem muito pasto. Eu cheguei a ter oitenta gados, não é? Meus. Os do orfanato eram outros. Duzentos e onze eram do orfanato.

Na viagem eu comia o que encontrava. Na casa que a gente arranchava pra dormir, eles davam alimentação e a gente pagava a pensão ali. Tinha vezes que a gente dormia no mato, quando escurecia. Aí não estava chovendo e a gente dormia no mato. Apanhava uns matos assim, punha lá no chão, punha um forro e deitava em cima. Ainda tem o final da história: tinha um pastor da Igreja do Cajá, da segunda, pos duas cruzes na igreja: uma no cúbito e outra no Gazofilácio onde punha o dinheiro, aí ele aprovou o negócio em sessão e eu protestei contra aquilo. Eu disse: “essa cruz, essa arma assassina, o catolicismo usa na igreja, mas Batista não usa”, aí ele fez uma outra reunião e pôs mais três cruzes lá no cúbito. Aí ficou com cinco cruzes lá na igreja e eu abandonei a igreja.

Eu disse: “eu não vou pertencer a uma igreja Batista que adora cruzes”! Porque a cruz é uma arma do satanás, não é? É uma arma do diabo! Foi quem matou Jesus e os dois ladrões... Tinha. No Lar Batista tinha muitas crianças. Lá talvez tenha dois terços do que tinha aqui. Lá tem menos do que tinha aqui. Aqui tinha duzentos e tantos órfãs. Lá tem cento e poucos... O Lar Batista já é outro nome que puseram. O primeiro nome do Lar Batista era orfanato escola Francisco Fulgêncio Soren. E depois mudaram de orfanato para Lar Batista. Eu não lembro o ano que mudaram, eu estava aqui, mas não me lembro não... O Lar Batista parece que foi fundado em 1940 mais ou menos... Aqui era chamado de Porto do Vau... Eu ainda voltei várias vezes onde eu nasci. Eu me dei muito bem lá porque meus parentes ainda moram lá. Eu ainda estou com vontade de dá um pulinho lá.

Não. Lá não está muito diferente não. Em Jacutinga tem uma casa de fazenda muito grande. Eles nunca mudaram a casa... Meus filhos conhecem minha história de vida porque quando eu fiz trinta e cinco anos, eu contei a história toda pra eles. Eu fiz uma festa e vieram meus filhos de cinco estados, vieram pra festa. No dia de festa eu dei almoço pra todo mundo, dei arrancharia pra todo mundo lá na fazenda. Foi uma festa de arromba mesmo. Levamos pra lá um gerador elétrico, tínhamos eletricidade, demos comida pra todo o povo. Arranjamos carro pra transportar o pessoal de Itacajá pra fazenda. Gastamos um dinheirão com transporte e passamos um dia de festa com a família toda. Essa festa foi quando eu fiz noventa e cinco anos. Foi uma festa de arromba mesmo! Foi preciso toda a família ajudar porque a despesa foi muito grande.



O comércio estava começando. Só tinha uma casa de negócio. Era uma coisa muito rudimentar, depois é que cresceu... Hoje é uma cidade que tem universidade, tem hotéis, tem bancos também. Hoje é uma cidade moderna, aliás, uma grande cidade... A saúde aqui melhorou bastante. Mas no meu tempo não tinha nada. A escola era do orfanato. A coisa melhorou muito! Hoje é uma cidade moderna. Começou com lugarejo atrasado, mas hoje é uma cidade moderna... Aqui, eu era o parteiro. Eu tenho muita história interessante. Uma vez eu fui fazer o parto de uma senhora, a criança, pois um pé pra fora e outro enfurvilhou, não é? Não havia jeito de nascer. Aí eu peguei o pé que estava fora, pus junto do outro, aí peguei os dois e tirei de lá pra cá. Tirei a criança até a cabeça. Mas o menino, ao invés de vir com o nariz na coluna da mulher, que é o certo, veio ao contrário. Aí o osso púbis enfurvilhou no queixo da criança e não nascia de jeito nenhum. Aí eu peguei e torci o menino e pus o queixo na coluna e puxei-o pra fora. O menino está vivo até hoje. A mulher eu não sei se já morreu, mas o menino estava vivo até pouco tempo. Eu disse: “salvou-se uma vida”! Esse parece que foi o primeiro parto que eu fiz. Um outro parto que me chamaram pra fazer a cabeça do menino era muito grande e não queria nascer.

Então eu puxei assim em volta e aconteceu que a cabeça saiu, o menino estava com o nariz na coluna da mãe, estava certa, então eu puxei a cabeça aí o corpo saiu. E aí escapou tanto a mãe como o filho, não é? Tinha duas barrigas e uma cinta assim formando as duas barrigas. A criança encravilhou nas duas barrigas: uma parte da criança ficou numa barriga e a outra parte ficou na outra. Aí eu lutei muito pra ver se empurrava a parte de uma barriga pra outra, pra ficar numa barriga só, pra nascer, que era o certo. Mas eu tive a idéia de arrebentar a correia, aí arrebentei e matei a mulher, não é? Mas o menino nasceu. Até pouco tempo ele estava vivo. Uma outra, uma índia teve a criança e a placenta não saía, estava toda colada. Eu então descolei a placenta e tirei. Extrai a placenta. Essa está viva até hoje na aldeia de Morro do Boi. E tem uma família grande! Quando eu vou lá, ela faz uma festa. Fica muito contente com a minha visita, mostra os filhos que nasceram depois e a que está viva, que nasceu com a placenta colada. Fica na aldeia Morro do Boi. De maneira que, agora, a história que eu estou fazendo é essa. Não estou mais fazendo história não. Agora estou só esperando pra contar a história da morte. Mas disseram que eu tenho alguma coisa pra fazer, nãoé?

Eu estou com uma idéia de fazer um livro falando sobre essas histórias. Mas não vou escrever errado como você escreve não. Eu vou escrever com uma grafia certa: eu tiro do meu vocabulário o “b”, o “c”, o “q”, o “y”, o “~”. Seis coisas que eu vou modificar: “casa”, eu escrevo “k-a-z-a”, eu não usei as sete vogais. “Escola”, eu escrevo: “e-s-k-o-l-a”. Verbo, eu escrevo com “m”: “levavam”. Mas substantivo “João”, eu escrevo: “J-o-a-m”. Eu não uso “~” não. Eu não uso letra muda: “hoje”, eu não ponho “h” não. Eu ponho só: “o-j-i”. “Parede”, eu não escrevo errado como vocês escrevem não. Vocês escrevem: “p-a-r-e-d-e”. Eu escrevo “p-a-r-e-d-i”. Eu falo “paredi” e escrevo “paredi”, com “i” no fim. Então eu não uso “y”... Eu só fui professor quando eu estava no orfanato. Agora, por exemplo: “Joam”, com “a-m” no fim. “Solam”, com “a-m” no fim. “Quero” se escreve com “q-u”, mas eu não uso letra muda, então eu ponho: “k-e-r-u”, não uso “o” não. Você escreve errado: escreve “q- u-e-r-o”, mas pronuncia “k-e-r-u”, entende? Você deve escrever como fala! E não como os outros escrevem. “p-a-r-e-d-i” com “i” no fim. Eu não acentuo paroxítona, a penúltima sílaba: “água”, eu não acentuo. “Valnete” no “ne”, eu já ponho o “e” e não precisa acentuar...

O pastor Benjamim eu conheci: Benjamim Cardoso Reis, também foi diretor do orfanato. É um dos criadores do orfanato. Eu saí e ele entrou. Foi um bom diretor. Também foi pastor da igreja. O Benjamim trouxe de Belém a família Guarani: Luiz Guarani, Maria Guarani, Manoel Guarani, Chico Guarani. Esses quatro meninos me deram muito trabalho: Maria Guarani deu pra namorar, me deu um trabalho medonho. Foi preciso eu mandar ela de volta pra Belém, pra casa da vó dela.

Eles eram moleques de rua lá e queriam viver aqui do mesmo jeito. Aí um dia eu disse ao Chico: “Chico, vai prender o bezerro lá na Krahôlandia”. Lá perto do curral tem uma queimada, o bezerro deve está lá, você prende o bezerro. Eram umas quatro horas mais ou menos quando eu o mandei prender o bezerro. Cinco horas eu perguntei: “Chico, prendeu o bezerro”? “Não. Eu fui lá, o bezerro não estava lá”. Eu disse: “O bezerro estava. Você pregou mentira! Eu vou te castigar! Você me pregou essa mentira. Vamos lá”. Quando fomos lá estava o bezerro lá. Aí eu cortei um monte de cipó e comecei a surrar a perna dele até quebrar o cipó. Quebrei dois cipós. Quando eu estava no terceiro, ele ajoelhou e disse: “ôh, pastorzinho do papai do céu não me bate não que eu não prego mais mentira”. “Olha lá se você pregar eu vou quebrar o resto do cipó. Você não me pregue mais mentira”!

Eu fiz uma casa pra refeitório de direção, fiz uma casa pra menino, uma casa pra menina, uma casa pra refeitório e cozinha. Eu cá da casa de diretor dirigia as outras casas, tomava conta. Aí o que acontece: o Chico, na casa do lado dele, ia urinar e punha a perna assim na parede feito cachorro assim na parede e urinava assim na parede para as meninas vêem. Dia de sábado eu matava galinha e ficavam os ossos dentro dos pratos. O Chico ia lá lamber os osso tudinho. Esse Chico fazia coisa demais! E aí o que faço: eu dei esse castigo pra ele, do cipó. As meninas eu fiz uma privada e pus dois paus assim e um buraca aqui, pra pessoa fazer cocô ali no meio. As meninas faziam cocô assim em volta. Sujavam tudo em volta! Aí num sábado eu disse: está bom! “Eu vou dá uma sobremesa pra vocês, vamos ali”. Aí elas me acompanharam. Quando elas entraram na privada, em cima do cocô, pisando no cocô ficaram ali uma meia hora. E eu na porta tomando conta, aí: “aproveita bem o cocô aí”! Aí as meninas depois eu mandei limparem o cocô de volta, por areia. Limparam e nunca mais fizeram cocô fora. Agora os outros castigos que eu dava, eu não lembro não.

A mulher do pastor Benjamim era enfermeira. Como enfermeira ela era a parteira, de maneira que ajudava muito, as crianças. Dona Isaura era uma boa enfermeira. Trabalhou numa farmácia. Ainda está viva até hoje. Eu estava querendo me casar com ela, mas fiquei com vergonha de falar. Respeitei-a... Fazia. Ela também fazia parto. Era enfermeira, não é? ...Hoje, eu não estou fazendo nada. Estou quebrando o mandamento: “seis dias trabalharás”! Só estou comendo e dormindo... A maior lição que eu tirei foi que dirigir uma cidade é coisa difícil! Mas vale a pena! A pessoa ajudar uma cidade em todas as áreas é coisa boa! É coisa que tem recompensa! Isso que eu aprendi.

Nunca me arrependi de ter vindo pra cá. Eu estou contente de ter vindo pra cá. Eu acho que minha vida foi bem empregada aqui. Eu não lembro que eu fizesse besteira aqui... Se fosse pra vir pra cá de novo eu viria. Eu quero morrer aqui mesmo! Parece que eu vou ser enterrado é aqui... Eu não tenho nada pra discordar das autoridades daqui, eles também não discordam nada de mim. Nós somos amigos. Às vezes eles procuram saber do que eu estou precisando, pra ajudarem. O atual prefeito gosta muito de mim. Parece que eu estou velho demais, já não dá mais pra ajudar Itacajá... Foi aqui que eu formei meu caráter. Trabalhando aqui... A minha mãe não morou aqui não. Ela morou em Jacutinga, onde eu nasci. Morou em Aperibé, onde o marido dela tinha uma padaria. E morou na ilha do vovô Daniel. Depois ela morreu aqui em Itacajá.

### MASOLENE ROCHA

Entrevista em 04/ 06/ 2011

Masolene Rocha, filho da pequena Porto do Vau, a atual Itacajá, viu aquele pequeno povoado se transformar em uma de cidade na qual ele contribuiu muito, visto que foi prefeito. Enfrentou muitas dificuldades para conseguir mudar a realidade do lugar.



“... então meu pai foi o precursor do comércio...”

Eu nasci em Itacajá, mas meus pais nasceram no Maranhão na região de São João dos Patos e Pastos Bons. Meus pais chegaram aqui em 1939 e já traziam um filho de mais ou menos de uns 12 anos... Meus pais comentavam que lá era uma região muito diferente porque ainda não tinha sido construída a Usina Hidrelétrica, mas que depois que construíram mudou totalmente a região, meus pais mudaram dessa região pra Carolina, mas não sei quantos tempos eles moraram lá, o que eu sei é que quando eles chegaram aqui em Itacajá o primeiro filho que nós somos só dois, éramos dois porque ele já faleceu, o primeiro filho tinha de 10 a 12 anos, mas antes de vir pra Itacajá foram pra Carolina e lá moraram vários anos. Isso na época era uma tendência natural, essa população desta região então Norte de Goiás era mais advinda daí do Sul do Maranhão porque era uma região muito distante da Capital de São Luis, aí tinha a movimentação dos barcos, dos motores que fazia a travessia do Rio Tocantins e em determinadas épocas vinha até aqui em Itacajá pelo Manoel Alves.

Então a localidade onde meus pais nasceram era muito atrasada antes de fazerem a Hidrelétrica. Itacajá até muitos anos depois que meus pais chegaram aqui era chamado de Porto do Vau, isso aqui era um porto do pessoal que ia daqui do centro do Estado de Goiás lá nessa direção do Maranhão, que inclusive era um porto e caminho do pessoal levar gado a pé tocado pra ir lá pra essa região do Maranhão, então era um porto de movimento entre essa região de Goiás daqui porque até lá em Goiatins também era Goiás, né? Então aqui era um porto que todo gado que era vendido passava por aqui. Antes de mudar pra cá meu pai veio primeiro aqui e viu que não tinha

nada, quer dizer que na realidade os Missionários Batistas o pastor Dodanin foi um dos principais, eles chegaram e se envolvia aí com negócio de Missionário Batista juntos aos índios e tal até que surgiu o Lar Batista e a igreja se organizaram e meu pai em 1939 ele chegou aqui após ter feito uma visita e notar que aqui precisava de um comércio que até então não tinha, então meu pai foi o precursor do comércio aqui, quando ele veio, ele veio de motor com a mudança dele e saltou abaixo do Itapiratins alguns km, nessa época como não tinha nada de carro as pessoas eram transportadas todas de animal.

Meu pai veio desceu lá e fretou uma tropa de animais e botou toda essa compra das coisas pra funcionar a loja ele botou nos animais e trouxe até aqui, aí chegou aqui se instalou. A loja do meu pai foi ali nessa avenida (Presidente Dutra) ali onde é hoje a penúltima e antepenúltima casa na beira rio, ali tinha uma casa que era da prefeitura? Ali era a casa do motor de luz quando eu fui prefeito aqui, a energia que tinha aqui era do motor que era ligava às seis horas e desligava às onze horas e aquelas duas casinhas foi onde meu pai fez a residência e o comércio.

Aqui quase num tinha nem essa rua aqui, o movimento mais era ali na beira rio porque foram construídas casas mais juntas ali, mas tinham algumas aqui pra cima, mas na realidade só tinha essa primeira estrutura de rua aqui. Essa carência foi que motivou meu pai a mudar pra cá, porque na verdade a gente é sempre assim, né? Procurando um espaço assim, e lá em Carolina já era um cidade, Carolina é muito velha, não é? Já era uma cidade estruturada, então meu pai achou que aqui ele teria oportunidade pra crescer junto com a cidade, aí ele veio e deu certo! Então ele está faz parte dessa história... Apesar de tudo não foi difícil pra eles se acostumarem aqui não, agora não sei se foi antes ou depois, mas os pais da minha mãe moraram juntos com eles nessa região aqui, só que ali na beira da Barriguda lá onde hoje é a fazenda do meu cunhado o Paulinho, a Barriguda é um ribeirão que tem ali bonito, bom, permanente, então se adaptaram porque a família da minha mãe estava todos aqui.

O Emílio Costa que é meu avô pai da minha mãe ele trabalhava produzindo cachaça no engenho e aí onde é essa terra do Paulinho é uma terra boa demais, então ele era um homem acostumado no trabalho o Emílio Costa, ele veio também lá de Carolina só que ele morava na roça onde ele produzia também, ele também era Maranhense e na época ele era o único que produzia cachaça aqui, cachaça, rapadura porque açúcar não era fácil também na época, isso era tudo vendido aqui mesmo, cachaça não falta quem beba, não é? Pode ser que o pão falte quem compre, mas a cachaça não.

Ele tinha um depósito de cachaça, não sei se era mais de uma, sei que bem de uma eu me lembro, não sei quem fez esse trem, era um toneu de madeira grande demais e ele diz que produzia muita cachaça porque ele vendia ambulante nas ancoretas, pois é ele produzia e vendia aqui porque aqui já era um povoadinho e vendia também com essas ancoretas que botavam na carga, botava uma de cada lado, aí saía de porta em porta porque de primeiro o comércio funcionava assim. Meu sogro também fez isso nessa área, mas com tecidos que na época o pessoal chamava de mascate, hoje os mascates ficam lá na rua com uma cobertura.

A viagem que meus pais fizeram do Maranhão pra cá foi de animal, até porque não tinha carro, agora em relação ao tempo que gastaram na viagem eu não sei quanto tempo foi não, faz muito tempo que meu pai morreu, sabe? Mas isso a gente sabe mais ou menos o tempo que se gasta a cavalo por dia, quantas léguas porque km eles não falam quando sai de animal é légua, não é? Aí se sabe que é um média de uma seis ou oito léguas por dia e principalmente quando é uma mudança que é muito difícil, agora quando é uma pessoa sozinha em um animal bom aí é diferente é mais demorado porque é muitas cargas com os mantimentos tudo.

A viagem de Carolina pra cá foi de barco até o Tocantins abaixo de Itapiratins e de lá pra cá foi de animal, uma tropa grande na qual ele trazia toda a mercadoria com a qual ele abriu a loja isso em 1939 e eu nasci em 1941 já aqui em Itacajá, quando meu pai chegou aqui passou algum tempo minha mãe engravidou e nasceu o segundo filho, como essa história de Carolina é mais recente eu sei algumas coisas, então nessa viagem já aqui do Tocantins pra cá foi dois dias de viagem de animal é perto, mas daqui pra Itapiratins é 46kms e lá pra baixo deve ser mais ou menos a mesma coisa e essas viagens elas são assim, bota os trens cedo nas cargas nos animais e meio dia para pra descansar e tira as cargas pros animais esfriar o lombo, aí de tarde até de noite estão caminhando, aí param de novo, quanto a alimentação normalmente já traziam pronto aí é que entra a galinha caipira frita, principalmente frito e algumas bananas e tal.

Esse povo que faziam essa viagem certamente eles faziam comida porque eles traziam panelas e lenhas não faltava, pode ser que o almoço eles não fizessem, mas a janta á noite eu faço uma idéia que traziam até comida do outro dia pra almoçar pra não demorar muito no almoço... Quando eu nasci ainda era Porto do Vau Itacajá tem 56 ou é 57 anos e eu já tenho praticamente 70 anos, então minha adolescência ainda foi no Porto do Vau aqui eram umas casas mais juntas aqui nessa Rua Pedro Ludovico, meu pai com o comércio dele lá e aqui tinha muito espaço lote da casa do meu pai era grande no fundo tinha muita coisa, então aqui nessa época aqui quase todo mundo que tinha uma condição tinha um gadinho, e meu pai sempre teve uma fazendinha fora, mas o leite era tirado lá no quintal, tinha a casa na frente e pra trás ele fez um curral no quintal e lá era onde tirava o leite, sempre foi assim durante muito tempo, me lembro demais desse tempo.

Aqui onde nós estamos agora era um coral que era do dono da casa que era bem aqui na frente onde tem esse portão aí, então lá era a casa e aqui era o coral. Na minha adolescência a parte habitada era essa parte aqui na beira rio e aqui pra cima era mata tinha algumas casas também, aqui tinha o Marajá que era uma espécie de celeiro de Itacajá porque é uma região boa tinha muitos habitantes lá e cada um tinha sua propriedade e produzia muita coisa, arroz, milho, feijão muito, muito mesmo, então esse aumento de moradores começou aí, foram umas aqui, outra pra ali, mas tudo muito longe além do meu pai e dessa pessoa que tinha um coral pra tirar leite como meu pai tinha lá em baixo. Tinha outras pessoas que tinha, eu me lembro dessa época agradável de tarde porque aí não tinha negócio de quinta de dono não era tudo mato, de manhã tirava o leite e soltava as vacas elas iam embora pro mata isso aí era aberto, praticamente tudo aberto, aí de tarde as vacas vinham e era assim um quadro agradável e eu me lembro das vacas chegando de tarde berrando era muito agradável.

As casas eram todas de palhas de taipo, inclusive eu nasci ali debaixo de uma casa de palha, não tinha nada de telha era tudo de palha... Quando meus pais mudaram de Carolina já vieram direto pra cá, não chegou a morar nas terras dos Krahô não, e se essa vista que meu pai fez aqui a Porto do Vau eu não sei se foi por indicação de alguém, pode até haver uma explicação pra isso aí, pode ser que ele tenha me falado isso, mas eu não me lembro! Hoje a gente já não encontra mais essa informação, entende? Minha mãe tinha muitos irmãos aqui, tinha Mamede, tinha Monezinho, tinha Carmosina, tinha Gregório, tinha Darir e Simão, mas hoje num tem mais ninguém, você não encontra mais essas informações porque quem as tinha já partiram.

Com relação à educação aí entrou a Junta de Missões Nacionais com a Escola Batista de Itacajá que foi uma coisa excelente pra cá, eu estudei na Escola Batista de Itacajá porque quando eu cheguei à idade de ir pra escola já tinha aqui porque o Lar Batista surgiu na década de 1940 e poucos anos

aqui, aí depois que surgiram outras escolas, aí do Lar Batista parou, mas nessa época tinha a Escola Batista aqui e era melhor, aí também apareceu a Escola Estadual, mas a Escola do Lar Batista era melhor e lá eles cuidavam tanto da parte educacional quanto da saúde porque a Junta conhecia a realidade de Itacajá e quando designavam uma pessoa pra cá, porque naquele tempo o Rio de Janeiro já era desenvolvido então as pessoas que eram criadas no Rio de Janeiro normalmente eram muito esclarecidas e preparadas, então quando vinha uma pessoa pra tomar de conta do Lar Batista normalmente tinha conhecimento na área da saúde da mulher e como não tinha outro meio tudo era atendido por lá até surgir um meio através do Governo do Estado, até então.

Eu tenho a impressão que não foi o pastor Dodanin o primeiro, não sabe por quê? Teve o Francisco Colares não sei se foi um ou dois anos, nessa época a Junta de Missões Nacionais parece que tinha um carinho por esse negócio aqui, eles tiveram um programa aqui e coincidiu que eu estava na prefeitura umas duas vezes eles mandavam um ônibus com tudo, com técnicos, com dentistas e depois até com médicos pra ficar aqui durante uma semana ou mais dando assistência aos meninos e a outra parte da população.

Eles tinham um projeto eu não me lembro parece que era Eliana Brate o nome do projeto, tinha uma estrutura boa, depois é que eles deixaram, mas eles vinham aqui de 10 em 10 anos, aí eles não vieram mais porque surgiu a saúde e a Escola. Além desses dois teve mais gente trabalhando aí no Lar Batista, o pastor Benjamim, muito importante o trabalho do Pastor Benjamim e a Dona Isaura que ainda hoje existe aí. Eles foram muito importantes aqui principalmente na área da saúde. A Dona Isaura está lúcida e tudo que ela fala é fato, não se ela tinha uma Faculdade de Enfermagem, mas tanto um quanto o outro eles atendiam muita gente e fizeram muitos partos aqui que eu nem sei quanto, uma infinidade de partos! Ainda morreu algumas mulheres de parto... Meus filhos nem um nasceram aqui porque a gente ficava um tanto preocupado porque aqui não tinha hospital, não tinha médico, não tinha acompanhamento, então uma nasceu em Colinas e duas nasceram em Goiânia. A gente morava lá em Goiânia e mesmo antes de morar quando o filho ia nascer à gente levava pra lá.

Em Carolina meu pai não trabalhava com comércio e sim com gado, ele tinha umas ligações com a área do sogro dele que era pai da minha mãe que era perto então tinha uma relação, acho que produziam alguma coisa lá, mas lá a atividade dele era leite que era a principal atividade que na época era muito bom lá pra negócio de leite. Eles tinham lá um gado e tinham essa propriedade numa área muito boa onde o sogro dele trabalhava aí eles mantinham sempre umas vacas de leite lá que era a principal fonte de renda... Depois que meu pai fixou moradia aqui ele morreu e não voltou mais lá onde ele nasceu nós é que tínhamos muita vontade! Eu é que mais ou menos há um ano passei lá nas duas cidades, quando eu fui para o Nordeste, São João dos Patos é a maior cidade e Pastos Bons. Meu irmão eu não sei se ele conheceu, pode até ter ido porque depois que meu irmão nasceu ainda ficaram em Carolina uns 10 anos mais ou menos.

A cidade é muito bonita, está muito diferente da época que esse pessoal veio de lá que ainda era povoado, mudou completamente e o país como um todo, nós aqui é que estamos ficando por fora do crescimento, do desenvolvimento, nós aqui em Itacajá! Mas por aí pelo Estado a fora, pelo país nossa é uma transformação imensa e nós não temos dado muita sorte, nossa aqui tem sido difícil em Itacajá! A gente não entende esse trem aqui de Itacajá, eu não entendo e no momento não tenho participado, agora na época que meu pai chegou também era muito atrasado aqui, aí depois é que chegou a energia, a água, a televisão, o telefone, fez o primeiro calçamento que antes disso era uma poeira esquisita, nessa época quando era de tarde estava tudo coberto de poeira, aí depois chegou esse bloquete aí, aí ficou bem. Aqui não tinha nada, não tinha nada.

Aquela praça ali quando chovia era aquele monte de lago que não dava nem pra passar. Se for pra fazer um parâmetro entres os outros lugares e inclusive com os que foram desmembrados daqui do município de Itacajá demorou muito, quando eu entrei na prefeitura pela primeira vez lá em Recursolândia eram três ou quatro casas, depois aumentou um pouco, mas tudo muito pequeno, lá no Centenário não tinha nenhuma casa, precisa de vê Centenário! Foi na minha época que foi construída a primeira Escola naquela região toda, aí eu fui lá e escolhi esse lugar muito bonito e construiu-se a escola, uma região muito carente, aí foram juntando os moradores da região e faziam um barracão e na época da escola iam pra lá. Foi feito essa escola e um Posto de Saúde em Recursolândia quando eu estava na prefeitura e depois de tudo isso veio a emancipação, então eu acho que lá está mais desenvolvido do que aqui porque aqui já era uma cidade, eu já fui o quinto prefeito dessa cidade e o Centenário surgiu em 1988 e precisa de vê como é que está lá.

Na minha primeira campanha política eu não cheguei ao Centenário de carro não, fiquei distante aí uns 30 km, só se chegava lá de animal e depois da construção da escola a gente foi ajeitando a estrada, tampando os buracos, na época da chuva era uma lama danada os carros ficavam atolados lá. Recursolândia também era município de Itacajá que foi emancipada também, agora eu não sei se a causa foi essa da redução do número da população ou se foi por culpa de gente daqui do município porque pela lógica se já existe, a cidade já existe tem uma estrutura e surgiu outra bem ali e ela cresce que quase está igual à de cá ouve alguma falha, entendeu? Quando eu assumi a prefeitura e no primeiro dia que fui pra prefeitura que eu morava bem ali na esquina onde era a primeira casa, aí eu peguei o carro e saí aí e quando chegou lá na esquina onde é o Manoel Garrote das bicicletas ali naquela esquina o carro atolou, eu estava indo a primeira vez pra dá expediente na prefeitura e o carro atolou, aí foi preciso ajuntar gente pra você ter uma idéia o que era Itacajá, isso é uma coisa mais verídica que estou lhe contando aqui ao pé da letra, mas também não tinha nada! Também não estou condenando os outros porque nessa época para um prefeito chegar a Goiânia era uma barra, quer dizer que meus dois primeiros mandatos eu fiquei aqui e no terceiro mandato eu não fiquei aqui, eu passei viajando pra Goiânia era difícil, mas foi assim.

Voltando ao Lar Batista lá ele recolhia as crianças e eram um numero maior de crianças e nessa época tinha assistência, eu me lembro que cada criança tinha um padrinho que a Junta de Missões arrumava pra cada criança que tinha ali e esses padrinhos eram dos países do primeiro mundo, Europa, Estados Unidos, essa Junta era mundial então eles tinham ligações e mandavam para as crianças quase uma espécie de bolsa, então ajudava muito, muito mesmo.

As crianças do Lar não eram só da cidade não tinha de outros lugares também, o Lar atendia principalmente o branco, mas eu estou lembrando que o Dodanin criou um índio, mas aí era fundamentalmente as crianças brancas, eu nem me lembro de índio na minha adolescência, acho que nem tinha, mas o Lar Batista mantinha contato com os índios também, sabe? Sempre tiveram os Missionários e até hoje tem os Missionários que mexe com os índios aí. Eu estudei no Lar, mas meus filhos não, meus filhos estudaram principalmente em Palmas e Goiânia as minhas filhas, eu morei cinco anos em Goiânia e dois anos em Palmas e mesmo quando eu não morava em certas épocas nós as colocávamos pra estudarem lá em Goiânia porque a gente arranjou um meio, então estudou em Goiânia, uma parte foi em Palmas e nós mandamos até uma vez duas delas pra São Paulo pra um Pensionato Religioso lá, em Brasília também que a minha segunda filha ela se formou em Brasília.

Meu pai continuou comprando em Carolina porque eu acho que não existia aqui nem enquanto povoado não tinha movimento, mas depois vinha barco, motores menores aqui mesmo em Itacajá trazendo as mercadorias pra cá pra Itacajá, aí quando o rio enche aí tem condição de vir aí vinha, mas nessa época tudo era por lá, aí depois que mudou de lá aí vinha também por aqui, não é? Em barcos menores e tinha dono de pequenos motores que dava pra trafegar bem aqui no rio mesmo sendo estrito, mas aí funcionava tinha umas duas pessoas que faziam essa ligação aí, esse transporte, aqui mesmo de Itacajá teve uma pessoa que mexeu muito com motor não só daqui pra Carolina, mas pra outros lugares aí do Tocantins e essa pessoa era irmão da minha sogra que é o Jarde Queiroz que mora ali naquela casa da calçada alta.

Os índios andavam aqui, mas era muito menos e fazendo uma observação alguns índios mais velhos aí da reserva indígena eram muito conhecidos e ligados com meu pai porque meu pai chegou e tinha comércio é tanto que eles também têm assim certa ligação diferente dos outros com quem não teve no passado, não é? Com meu irmão também eles tinha muita ligação, então a relação do meu pai, nossa com os índios era muito boa, já com a outra parte da região não era muito bom porque chegou ao ponto de fazer aquela chacina, tá entendendo? O relacionamento conosco toda vida foi bom, agora teve esse incidente lá que foi muito grave naquela época que foi o conflito com os fazendeiros da época, mas meu pai não fazia parte do acontecimento onde teve muito índio morto, foi uma chacina que aconteceu! Eles invadiram a reserva indígena uma hora da madrugada na hora que estava todo mundo dormindo.

Isso foram desentendimentos que surgiu entre os índios e os fazendeiros por conta de gado, índio matava gado é uma história complicada, provavelmente os gados ficavam na reserva e os fazendeiros não pagavam nada e com esse conflito foi que veio a demarcação que trouxe o limite até aqui em Itacajá e não era até aqui era mais longe, mas com isso do rio pra lá passo a ser deles acho que até na barra de Riozinho, não sei! Não me consta que com esse conflito os índios tenham se afastado da cidade não até porque depois com essas famílias envolvidas os índios passaram a se dá muito bem e continua bem até hoje.

Isso faz muitos anos já, eles vão esquecendo! Na época que meu pai chegou aqui e botou o comércio alguns índios compravam mercadoria com meu pai e hoje é que eles são muito mais importantes pra Itacajá do que antes porque também naquela época eles tinham as coisas lá, a natureza ainda tinha muita coisa pra oferecer pra eles, aí depois vai escasseando caça, pesca e tal, então o jeito é correr para o mercado.

Hoje a gente percebe que tem muito índio que tem salário, os índios são muito ajudados, o índio é porque é índio mesmo, mas se fosse um grupo de branco recebendo o que os índios recebem aí era diferente, agora o índio não tem jeito não é da natureza, o ritmo deles é diferente e não adianta mexer, insistir, pelear é difícil! Eles são mais ajudados do que os brancos daqui... Alguns deles já têm formação e isso no país inteiro e aí é um pouco diferente porque aqui no nosso lugar por natureza é mais atrasado do que os outros, essa é a realidade, em qualquer lugar que você for por aí está mais adiantado do que Itacajá, a falta dessa estrada aí é dureza! Porque se tem cidades que não é desse jeito quem vem pra essa região vai pra outra cidade e quem perde é Itacajá, rapaz têm muitos anos que político vem aqui em Itacajá e promete essa estrada, é muitos anos rapaz! E não sai de jeito nenhum rapaz!



Faz tempo que isso aí é prioridade número um e antes era a energia porque se aqui não tivesse energia não tinha quase nada, não era? Era metade disso ou menos, mas agora está faltando à estrada pra chegar e sair às pessoas e as coisas, mas a única coisa que está faltando está imperando as coisas aqui, isso está sendo o calo no pé! O pior é o descaso do Estado com essas estradas estaduais que você anda aí todo dia e além das estradas serem de chão são desmazeladas, é gente atolando, quebrando carro, virando carro, tem condição um trem desses, rapaz? Nem a conservação de uma estrada encascalhada não tem sido feito rapaz, é muito ruim isso aí! Tem muita mercadoria que deixa de entrar aqui por conta da estrada.

Aquela ponte ali que travessa pro Alto Lindo não tinha, pra atravessar era de canoa e quem era o passador meu pai morava bem perto do rio, a casa que tinha mais perto do rio era do meu pai e tinha canoa. Quando foi na gestão do segundo prefeito que foi feita essa ponte de madeira, mas serviu muito! E passou muito tempo até que fosse feita essa de que está aí agora que é de cimento, fomos nós que a conseguimos com o ex-governador Irapuã Costa Junho... Talvez eu já tenha contado pouca coisa dessas histórias porque no dia a dia a gente sempre vai contando algumas coisas.

## ZORILDA QUADROS MAIA

Entrevista em 01/11/2011<sup>3</sup>

Dona Zorilda morou na cidade de Itacajá, na qual trabalhou por sete anos no Ambulatório médico e no Orfanato Escola junto com seu marido Tácito Pacheco Maia.



“Ter ido para Itacajá foi uma experiência da qual nunca me arrependi”.

Nasci na cidade de Jequié-Ba, na fazenda do meu avô em Barro Preto no dia 20 de Outubro de 1931. De família tradicionalmente Batista, fiz o curso de Educação Religiosa no ITC - Instituto de Treinamento Cristão no Rio de Janeiro concluindo em 1955 (mais tarde foi chamado de IBER-Instituto Batista de Educação Religiosa, e atualmente CIEM-Centro Integrado de Evangelismo e Missões). Iniciei o trabalho como missionária da JMN- Junta de Missões Nacionais, na cidade de Porto Nacional, permanecendo no período de 01 de Fevereiro de 1956 por três anos até 1958, como Diretora e Professora da Escola Batista naquele lugar. Também era responsável pela evangelização e realização dos cultos na Igreja Batista local. Estive em Itacajá pela primeira vez em 1957, numa Convenção Batista. Casei-me em 28.02.1959. Vim para Itacajá como Missionária da JMN, juntamente com meu esposo Pr. Tácito Pacheco Maia, nomeado Diretor do Orfanato-Escola F.F.Soren.

A nossa chegada foi assim: fomos de avião até Porto Nacional buscar meus pertences, viajamos até Pedro Afonso de avião bimotor movido a hélice da Pan Air do Brasil. Depois fomos de barco até Panela de Ferro (hoje Tupiratins), onde alugamos dois animais de carga e dois de montaria, e com o auxílio de um guia local prosseguimos. À noite dormimos em redes estiradas entre as árvores ao céu aberto do sertão Goiano, acendendo uma fogueira para espantar as onças e outros animais selvagens. Ao amanhecer, continuamos. Na estrada primitiva no meio do cerrado, já próximos do nosso destino encontramos índios Krahô que já sabiam que estava chegando novo diretor para o orfanato. Eles estavam à beira de um regato onde paramos para beber água. Eles cumprimentaram e perguntaram ao meu marido: Você é o “seu orfanate”? Pediram alguns itens que levamos na

---

<sup>3</sup> Entrevistador: Prof<sup>a</sup>. Zelia Quadros Maia, Pedagoga, Pós-Graduada em Psicopedagogia e Escritora entrevista cedida e autorizada por Zorilda Quadros Maia na cidade de Nazaré-BA.

bagagem, mas não nos intimidaram e pudemos seguir viagem, caminhamos 10 léguas (60 km) em dois dias. Ao longo da estrada existiam algumas poucas casas de adobe cobertas de palha onde podíamos descansar e comprar alguma refeição. Quando chegamos ao Orfanato F.F. Soren a cidade que já se chamava Itacajá, fomos recebidos por D. Honorina Ribeiro que até então fora a missionária responsável pelo trabalho e pelas crianças. Na época havia 35 crianças. Chegamos a atender 60 crianças.

A cidade era pequena, não havia calçamento nem iluminação pública regular, a maioria do povo usava lamparina ou lampião a querosene. Era um povo hospitaleiro. O Orfanato possuía lanterna de querosene à pressão gaseificado petromax e lamparinas. A saúde pública era precária. Não havia farmácia nem hospital e os remédios eram vendidos no armazém do Sr. Paulo Falcão Teixeira e sua esposa D. Dorilda Queirós. A JMN mantinha uma enfermeira no ambulatório dentro da sua propriedade, que atendia as crianças do orfanato e a população local fazendo curativos e atendimentos de urgência, partos das mulheres locais. Quando as enfermeiras que lá estiveram durante a nossa gestão, D. Amália, D. Anete e Vitória foram transferidas depois que os ambulatórios Batistas foram fechados, assumi também o trabalho de enfermagem durante os três últimos anos da nossa gestão, fazendo partos, auferindo pressão e curativos em geral, pois não havia outro recurso e a população recorria ao Orfanato. A educação contava com uma escola do governo de 1ª à 4ª série do ensino primário (hoje chamado de E. fundamental) e a Escola Batista que atendia a mesma faixa etária, Juntamente com a missionária Profª Jamim Peixoto ministrava aulas.

A convivência dos índios e dos brancos era pacífica. Nossa primeira filha Zélia Quadros Maia nasceu de parto cesáreo em 04 de março de 1960, em Ceres, no hospital das Clínicas Centro Goiano, de propriedade do Dr. Domingos Mendes da Silva e de sua Esposa D. Edméia, pessoas muito importantes que faziam atendimento gratuito aos missionários e às crianças do orfanato em casos mais graves. O meu marido também esteve no mesmo hospital tendo sido operado de apendicite. Voltamos para Itacajá 12 dias depois de operados para continuar o trabalho. Durante nossa ausência contamos com o apoio de pessoas membros da Primeira igreja Batista de Itacajá para o cuidado das crianças. D. Inês e Sr. Raimundo Dias foram de grande ajuda, entre outros. Nosso segundo filho Tácito Quadros Maia nasceu no Rio de Janeiro em 05 de julho de 1961. Permanecemos na direção do Orfanato de 01 de Abril de 1959 até 1966. Nossos filhos tinham cinco e seis anos na ocasião de nossa saída e cresceram ouvindo as histórias deste tempo de serviço abnegado aos carentes e pautaram as ações das suas vidas no amor e serviço ao próximo.

Ter ido para Itacajá foi uma experiência da qual nunca me arrependi. Foi marcante, lá passei sete dos melhores anos da minha vida, pois senti que estar cumprindo a missão divina para a qual me preparei. Lá ensinei bordado e costura a muitas jovens da cidade. Após deixar o campo missionário no sertão, acompanhei meu esposo durante toda a nossa vida em diversas igrejas, permanecendo firme no ideal de servir a Deus e ao próximo. Continuei a estudar completando o curso superior de Pedagogia. Hoje com 80 anos completos no dia 20 de Outubro de 2011, estou feliz pela vida que tive e agradeço as bênçãos recebidas. Hoje o Orfanato é chamado de Lar Batista F.F. Soren e sua sede foi transferida para Luzimangues em Porto Nacional em 2011

## TÁCITO PACHECO MAIA

Entrevista em 01/11/2011<sup>4</sup>

Seu Tácito, um Missionário que recebeu treinamento em Ambulatório para poder desenvolver um bom trabalho na cidade de Itacajá. Cidade para a qual foi designado e onde permaneceu por sete anos cuidando da saúde dos Internos no Orfanato e também da população.



“Só havia um soldado da PM para fazer a segurança”.

Nasci na cidade de Conceição de Macabú estado do RJ no dia 10 de Outubro de 1931. Minha família era tradicionalmente Católica. Vindo estudar no Rio de Janeiro converti-me aos 14 anos de idade na Igreja Batista de Campos dos Afonsos – RJ. Iniciei o curso de admissão ao ensino médio em 1945 na Escola Técnica Federal Visconde de Mauá no RJ em 1945 onde fiz o curso Industrial em Mecânica de Máquinas, desenvolvendo minhas habilidades manuais em diversas áreas, colando grau em 1950 obtendo o 1º lugar da turma. Fiz o curso de Teologia no Seminário Teológico Betel - RJ, concluindo em 1956. Casei-me no dia 28 de fevereiro de 1959 aos 27 anos com a jovem missionária Zorilda Andrade Quadros, que passou a chamar-se Zorilda Quadros Maia e fui nomeado no dia 01 de abril de 1959 para o trabalho como missionário da JMN- Junta de Missões Nacionais, da CBB - Convenção Batista Brasileira, como Diretor do Orfanato Escola F.F. Soren e Pastor na Primeira Igreja Batista na cidade de Itacajá, permanecendo por sete anos até 1966.

A cidade era pequena, com cerca de dois mil habitantes, com uma só avenida e ruas sem calçamento. Não havia água encanada, luz elétrica nem serviço de correio. As correspondências eram entregues a pessoas que iam a Pedro Afonso para serem postadas, às vezes o caminhão da prefeitura trazia as encomendas, ou ainda através de portadores eventuais. As estradas eram de terra e precárias. Só havia um Policial Militar para fazer a segurança da cidade, o Cabo Cícero Araújo, filho de Antonio Araújo e D. Maria da Guia Vilarinho casado com a senhora Alvina Alves Araújo, filha de Sr. Absalão da Luz Arraz e Sra. Angela Evangelista de Castro. Não havia transporte rodoviário regular para as cidades vizinhas, sendo realizado por via fluvial ou por animais.

---

<sup>4</sup> Entrevistador: Prof<sup>a</sup>. Zelia Quadros Maia, Pedagoga, Pós Graduada em Psicopedagogia e Escritora. Entrevista cedida e autorizada por Tácito Pacheco Maia na cidade de Nazaré-BA.

O povo era hospitaleiro e solidário. Não havia médico residente nem serviço público de saúde. A Junta de Missões Nacionais-JMN mantinha um ambulatório que atendia aos internos e a população em geral. Eu e minha esposa recebemos treinamento para atendimento ambulatorial e ajudávamos especialmente nos períodos de transição das enfermeiras com curativos e partos. A JMN mantinha junto ao orfanato uma escola de 1º grau. Temos dois filhos: Zélia Quadros Maia - 04/03/1960 e Tácito Quadros Maia - 05/07/1961. Trazidos para Itacajá logo após o nascimento, viveram seus primeiros anos de vida em contato direto e participativo com as crianças internas e harmonia familiar. Certamente foram influenciados positivamente pela permanência em iguais condições, participando também das atividades domésticas. Nossos filhos consideram Itacajá seu primeiro lar e já retornaram várias vezes. Nossos filhos e netos se orgulham por nosso trabalho e da contribuição que fizemos para o desenvolvimento da cidade e atendimento as necessidades das pessoas. A função principal do Orfanato era acolher crianças órfãs de um ou ambos os genitores, ou trazidas pela família quando se encontravam em dificuldade para o sustento e educação das crianças.

A instituição era conhecida por sua capacidade de cuidar e educar, preparando para o futuro. Não existia mão de obra especializada e toda a madeira usada era aberta utilizando um serrotão. No período em que permaneci na direção do Orfanato, montei a primeira marcenaria em Itacajá, sendo considerada pela JNM como a implantação da Primeira Escola Profissionalizante em Itacajá, devido à oportunidade de aprendizado para os internos, que com mais idade, estavam se aproximando da idade limite para deixar o Lar. As máquinas foram doadas pela Primeira Igreja Batista em São Paulo. Lá fizemos as portas e janelas do prédio do Orfanato, as camas para o dormitório das crianças e as mesas para o refeitório. Também fizemos as janelas basculantes para a igreja.

Contribuímos com a expansão da cidade na ocasião da construção do primeiro mercado, serrando as ripas para o telhado. Também construímos os brinquedos para as crianças do orfanato com menos de cinco anos, as gangorras, escorregas e balanços. Cuidávamos de algumas cabeças de gado para a produção de leite. Plantamos juntamente com os internos e pessoas da cidade, voluntárias ou contratadas, horta, pomar, canavial, implantamos a criação de galinhas e porcos, tudo para garantir a auto-suficiência do orfanato e promover o crescimento e aprendizado dos internos e da população. Minha esposa Zorilda ensinava costura e bordado. Não tenho arrependimento de ter saído do Rio de Janeiro e vir para Itacajá. Nosso desejo era ter permanecido e continuado o trabalho, entretanto após deixar o campo missionário voltei a estudar, completando o curso de Pedagogia, Filosofia e Direito. Ainda hoje aos 80 anos completos no dia 10 de Outubro de 2011, sou Pastor da Igreja Batista Jardim das Oliveiras e presidente do CECOE – Centro Educacional Comunitário Evangélico na Cidade de Nazaré-Ba.

### **JAMIM PEIXOTO DE MACÊDO**

Entrevista em 01/11/2011<sup>5</sup>

A Senhora Jamim Macêdo ainda muito cedo teve que aprender a conviver sem a presença da figura materna, então se tornou uma mulher e uma professora brilhante.



“Saí de Itacajá no final de 1961, de férias, sabendo que não mais voltaria...”

Eu nasci no sul do Piauí, onde existe hoje a cidade de Avelino Lopes. Filha de Felipe Nunes Peixoto e Alice Francisca dos Santos. Perdi minha mãe aos seis anos de idade e meu pai levou a mim, minhas irmãs Angélica de Cinco anos e Edí Alice de três meses para a cidade de Corrente onde havia um orfanato sustentado por um missionário americano, Mr. Blonnie Holmes Foreman. Fomos recebidas pela diretora do orfanato Maria Clementina de Lima (mãe Caçula) e sua auxiliar Honorina Alves Ribeiro (Nina). Cresci, estudei, concluí o curso ginásial e fui para Campos Belos-Go onde meu pai adotivo se encontrava, B.H.Foreman estava abrindo um novo campo para evangelizar uma vasta área de Goiás. Lá, foi aberta uma escola onde eu, com apenas 15 anos, comecei a ensinar enquanto aguardava ter idade para fazer o curso de educação religiosa, no Rio de Janeiro.

---

<sup>5</sup> Entrevistador: Prof<sup>ª</sup>. Zelia Quadros Maia, Pedagoga, Pós Graduada em Psicopedagogia e Escritora. Entrevista cedida e autorizada por Jamim Peixoto Macêdo cidade Feira de Santana-BA

Quando estava me preparando para viajar e iniciar meus estudos no ITC (Instituto de Treinamento Cristão) hoje, CIEM (Centro Integrado de Educação e Missões) recebi um “pacotão” com meu enxoval para o colégio, enviado por Maria Clementina de Lima (mãe Caçula), que estava agora trabalhando no Lar Batista F.F.Soren como diretora, em ITACAJÁ entre 1951 e 1953, ano em que faleceu, no Rio de Janeiro, onde foi se tratar de problemas renais. Honorina Alves Ribeiro (Nina), sua auxiliar assumiu a direção. Tendo iniciado seu trabalho em Fevereiro de 1951 (19/02/1951) como auxiliar, assumiu a direção e ficou até maio de 1959 (01/05/1959).

Este foi o meu primeiro contato com esta cidade. Após concluir os estudos no ITC em 1955 cinco moças da nossa turma foram nomeadas pela JMN (Junta de Missões Nacionais) e enviadas como missionárias para o Maranhão e Goiás, Eth, Ester, Margarida, Zorilda e eu, que fui designada para ITACAJÁ. Em março de 1956, Zorilda e eu viajamos, tomamos um avião juntas para Porto Nacional onde ela ficou. Eu segui até Pedro Afonso onde o Pr. Gerson Rocha e sua esposa providenciaram que o Sr. João Chaves, morador de ITACAJÁ, foi encarregado de me levar de Pedro Afonso até lá, uma distância de 150 km. Viajamos pelo rio Tocantins de barco chamado de Motor, do meio dia até o fim da tarde. Paramos para dormir em uma fazenda onde João alugou os burros que nos levariam pelos 60 km restantes. Viajamos um dia inteiro e no fim da tarde do dia seis de março de 1956 finalmente cheguei a Itacajá. Fui recebida por Maria Amélia Ferreira da Silva e Dorotéia Lima, pois Nina estava de férias. As viagens eram feitas a cavalo ou burro. Dormia-se nas “arrancharias” locais designadas pelos fazendeiros ou moradores da região para abrigar os viajantes. Também se dormia à beira da estrada onde houvesse árvores para cada um armar a sua rede. Não se viajava sem levar um “frito”, carne bovina ou galinha misturada com farinha de mandioca. A água que se bebia era a dos riachos, sem nenhum tratamento.

Itacajá era longe de tudo e de todos. Não havia correio. As correspondências iam para Carolina no Maranhão. Também não havia agência Bancária. As cartas e salários eram enviados por portador por meio dos aviões Teco-Teco ou de barco Motor que subia o rio Tocantins. Às vezes ficávamos até três meses sem receber cartas e quando recebíamos era um montão de vez. Outras vezes, algum morador de Itacajá fazia às vezes de portador que ia até Pedro Afonso, a cavalo, viagem que duravam dois dias e meio.

Às margens do rio Manoel Alves Pequeno, que nos proporcionava banhos e passeios até a Cachoeira da Cajá, de onde decíamos pelo rio até o porto do Lar Batista. O casal Pr. Tácito Pacheco Maia e Profª Zorilda Quadros Maia, diretores do Lar Batista de 1959 a 1966 também dirigiram a Igreja durante este período. A maioria dos membros eram famílias cristãs que haviam se mudado do Maranhão para Goiás buscando melhores condições de vida. Em sua maioria agricultores. A equipe de missionários na época também contava com a enfermeira Amália Mota, mais tarde substituída por Anete Moreira.

Outras pessoas da cidade se agregaram. Às vezes fazíamos cultos na localidade de Marabá, onde residiam alguns membros da igreja, a 6 Km de distância. Íamos à noite iluminando o caminho com um lampião. Felizes. A cidade de Itacajá hospedou a Convenção Batista do Tocantins, formada pelas igrejas existentes nas cidades que margeavam os rios Tocantins e Araguaia, no Maranhão, Pará e Goiás. Era costume de a época a igreja hospedeira cobrir as despesas com alimentação e hospedagem. Minha antecessora na Escola Batista, a missionária Pedrina Azevedo, havia se desligado da Junta para casar. Neste período uma jovem da Igreja Batista, Srta Floripes Dias Martins iniciou o ano letivo escolar. Assumi os trabalhos da escola dando aulas pela manhã e à tarde. Existia apenas uma sala e a turma multi-seriada da alfabetização à 4ª série. A Escola Batista era bem vista e bem aceita na comunidade. Participava das comemorações cívicas de Sete de setembro com desfiles.

Em um ano de eleição, o Pr. Tácito e eu participamos com presidente e secretária da mesa. A votação começou pela manhã em um dia e terminou às cinco horas da manhã do dia seguinte sem interrupção. Votação com cédulas, bem diferente de hoje. Quanto à segurança na cidade não havia a menor preocupação. Assaltos e roubos eram desconhecidos. Foi designado um soldado da Polícia Militar em 1959. O Sr. Cícero Araújo. Ele se tornou membro da Igreja Batista e se casou com D. Alvina. Eu morava na casa onde funcionava a escola, juntamente com D. Alzira que cuidava dos afazeres domésticos e a enfermeira Anete Moreira. Antes da chegada do soldado, apenas um incidente numa madrugada quando acordamos quando ouvimos o barulho de alguém tentando arrombar a porta de entrada. Ouvimos quando a porta foi aberta e passos se aproximando do quarto de dormir. Perguntamos em voz alta: Quem está aí? - e ouvimos os passos se afastando. Pela manhã vimos rastros ao redor da casa e até o meio da sala de aula. Deus nos protegeu, pois não havia vizinhos a quem pedir ajuda. Em relação às pessoas o que me chamou atenção foi à habilidade das moças e senhoras para bordar e costurar. A escola de corte e costura da Sra. Edla Queiróz (D. Lindoca), esposa do Sr. Jáder Queiróz (que era dono de um Motor). Eles eram membros da Igreja Batista.

Próximo à cidade existia uma aldeia de índios, os Índios Krahô. Eles sempre visitavam a cidade, e as dependências da escola. Uma vez visitamos a aldeia e participamos de uma caçada a morcegos juntamente com o Pr. Dodanin Pereira Gonçalves, missionário que dedicou toda a sua vida à evangelização e ao conhecimento dos seus costumes. O Pr. entrou numa caverna, e com uma lanterna espantou os morcegos. Lá fora os índios, adultos e crianças, iam derrubando com varas e varetas os que saíam da toca. Não tive coragem de comer a caça depois de assada. Quando eu saí de Itacajá no final de 1961, de férias, sabendo que não mais voltaria, pois a JMN já decidira me transferir para outro campo. A viagem não foi em transporte animal, mas, de caminhão, o que representava um grande progresso para a cidade. Quando encontro hoje as crianças do Lar Batista, que se tornaram cidadãos de bem, pessoas integradas nas comunidades cristãs, úteis à sociedade, honrados pais e mães de família, só posso agradecer a Deus por ter me dado o privilégio de participar desta missão. Atualmente sou professora de Missiologia do Seminário Teológico em Feira de Santana-Ba. Membro da I.B. de Sobradinho - Feira de Santana-Ba.



### Referências

- BHABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1998.
- BOM MEIHY, J. C. S. Manual de História oral. 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola. 2002.
- BOULLÓN, R. C. Planejamento do espaço turístico. Tradução de Josely Baptista. Bauru: EDUSC, 2002.
- BRITO, F. E. M. Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina. Salvador: EDUFBA, 2005. 418 p.
- FIBGE. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Volume XXXVI, Goiás, Rio de Janeiro: Oficinas do Serviço Gráfico do IBGE, 1958. p. 231-233.
- MELATTI, J. C. O sistema social Krahô. FFLCH-USP, São Paulo, 1970. (Tese Doutorado)
- MELATTI, J. C. Ritos de uma tribo Timbira. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção ensaios; 53).
- OLIVEIRA, V. M. de. Turismo, território e modernidade: um estudo da população indígena Krahô, Estado do Tocantins (Amazônia Legal Brasileira). FFLCH-USP, São Paulo, 2007, 207 p. (Tese Doutorado).
- SANTOS, M. A urbanização brasileira. 5ª edição. São Paulo. 2008. 176 p.
- SANTOS, M. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.
- SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: SANTOS, M. et al. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina. 2007. p. 13-21.
- SAUER, C. O. Desenvolvimentos recentes em geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) Geografia cultural (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- [www.itacaja.com.br](http://www.itacaja.com.br) acessado no dia 05/05/2012.